REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLV

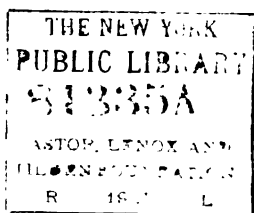
PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71.

1882

JORNAES DAS VIAGENS

PELA CAPITANIA DE SAO-PAULO

DE

Martim Francisco Ribeiro de Andrada

estipendiado como inspector
das minas e matas, e naturalista da mesma capitania, em 1803 e 1804

COPIADOS DOS ORIGINAES QUE POSSUE O SOCIO

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

E POR ESTE OFERECIDOS AO INSTITUTO (*)

Jornal de viagem por diferentes villas até Sorocaba, principiada a 26 de Janeiro de 1803

Parti pelas 6 horas da manhan da cidade (**) para a villa de Paranahiba: logo na sahida algum tanto adiante da ponte do Angabaú aparece um terreno denegrido arenozo com todos os vizos de turfaceo; depois predomina a formação observada em todos os arredores da cidade, isto é, um terreno argilozo, siliciozo em partes, com alguns seixos de quartzo; esta parte argilozo-silicioza

---

(*) O ofertante acompanhou as copias da seguinte nota:

« Estas duas cópias são tiradas dos originaes com a assignatura autografa do autor, os quaes encontrei entre os papeis de meu defunto pai, companheiro de viagem de Martim Francisco em 1810, que naturalmente então lh'os offereceria. Infelizmente são as notas demasiado escassas; quanto á profundidade das observações, os botanicos e os geologos dirão o que crêam de justiça. »

Na *Revista Trimensal* tomo IX pag. 527, vide: *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de São-Paulo em 1805*, pelo conselheiro Martim Francisco.

(**) Cidade de São-Paulo.

parece ser devida á decompozição do schisto argilozo primitivo; a cor d'este terreno passa pelas gradações seguintes: amarelo vivo, vermelho carregado, amarelo esbranquiçado, amarelo passante ao cinzento denegrido; nas tres primeiras predomina a argila corada pelo ferro, supozição confirmada por alguns schistos, que erão muito ferruginozos; no amarelo esbranquiçado predomina a silice; e o amarelo passante ao cinzento denegrido é devido á mistura da argila, e de humus fornecido pelos vegetaes em podridão.

Em todo este caminho até á passagem do Tieté observei, de quando em quando, veios de quartzo branco; passando alem da ponte, o terreno, que até então se extendia sem quazi alteamento algum, deixando aos viageiros a liberdade de apascentarem suas avidas vistas por vastas e rizonhas campinas, começou a elevar-se e a formar colinas retalhadas por amenos vales; n'elles e nos cumes dos pequenos cabeços se vião, de quando em quando, bosques plantados pela mão da natureza, como exemplo que devia ser imitado pelo homem indolente. Subindo uma d'estas colinas vi ao lado direito massas ou blocos de granito quazi perpendiculares, sobre cujo cimo estavão dous urubus (*vultur aura*, Lin. Gm.) que afugentei em razão dos meus exames, não obstante o estarem senhores d'ellas por direito de posse.

Obrigado pelo calor do dia dirigi-me á fazenda do vigario da aldeia de Baruiri, o qual me recebeo com toda a bondade. Este padre, longe de tirar lucros da sua vigararia, despende pelo contratrio com os seus freguezes grande parte dos produtos de sua lavoura. Elle planta para seu uzo o fumo (*nicotiana tabaccum*), milho (*zea maiz*), feijão (especies do genero *phaseolus*), bananeiras (*musa paradisiaca*, e *sapientum*), e mandioca (*jatropha maniat*); e toda esta plantação é entregue ao cuidado de seis escravos, os quaes tambem estão encarregados da criação e costeio de seis centas cabeças de gado, entre vacum e cavalar.

Si toda esta capitania situada debaixo do melhor ceo do mundo, e tão cheia de riquezas naturaes, fosse habitada por homens industriozos, e amigos do trabalho, em

breve chegaria ao maximo da prosperidade; o povo seria feliz e abastado, e d'ella seria bannida a mendicidade, que hoje tanto grassa á similhança da Europa. Admirei-me de ouvir dizer a este padre, que os dizimeiros cobravão dizimos de galinhas e ovos, e que os escravos pagavão 160 reis por cabeça nos domingos, e dias santos, em que trabalhavão *et alia ejusdem furfuris*: similhantes dias forão instituidos para serem santificados, e para descanso dos póvos; mas os dizimeiros aproveitão-se do abuzo d'esta instituição, para porem em pratica outro abuzo.

Parti d'esta fazenda pelas cinco horas e meia da tarde; com bem pouco desvio, e sempre chegado ás margens do Tieté, fui ter á villa de Paranahiba; a natureza do terreno sempre a mesma até anoitecer. Em todo o caminho os bosques erão de angico, de cuja casca se servem os naturaes do paiz para cortir couros, arueiras, guaiabeiras (*psidium pyriferum*), araçazeiros (*psidium foliis lanceatis, obtusius culeis*), embaúbeira (*cecropia pettata*), e de algumas arvores, cuja madeiras são bôas para construção, como são a taguva, caburiuva (*myroxylon perúifera*), peroba, cedro (*cedrella odorata*), canela (*an laurus?*) jacarandá (*bignonia cerulea*), guatabu, uvamerim. As aves, que vi, forão urubús, bem-tevis (*tanius pitanguá*), e caracará (*falco brasiliensis*).

Esta villa está situada nas margens do Tieté, sua povoação anda por dois mil e cincoenta habitantes, e quazi nunca passa d'isto pela dezerção continua dos homens, e pelo pequeno numero de cazamentos, que annualmente nunca chegão a mais de dezasete; verdade é, que para esta dezerção têm concorrido os vexames, que o povo sofre pelas continuas recrutas; e da falta de homens provinda, ou d'esta cauza, ou de se terem dado muitos á vida ecleziastica, nasceo um celibato necessario, sistema tão contrario ao crescimento dos paizes novos.

A cultura de todo o termo d'esta villa consiste em feijão, milho, algodão (*gossipium herbaceum*), cana de assucar (*saccharum officinale*), e já algum café (*cofea arabica*); admirei-me sómente de não ver introduzida a cultura do anil (*indigofera tinctoria*), sendo este arbusta silvestre, e em tanta quantidade. Paranahiba abundo

tambem de vegetaes medicinaes, como são abutua (*cisampelos pareira*), de ipecacuanha (*viola ipecacuanha*), e de uma arvore, cuja casca pelo seo amargo se emprega em algumas molestias em lugar da quina; não a pude analizar por não ser tempo da sua floressencia.

27 DE JANEIRO

Occupei toda a manhan em tirar varias informações sobre algumas raridades, que se achão nas circumvizinhanças da villa; de tarde sahi a ver a igreja matriz, edificio sem gosto, mesquinho, que mais se parece com claustro do que com templo; d'ahi sahi com o Rdo. vigario a examinar os bancos calcareos, d'onde se tira a pedra para o forno da cal.

O terreno de todo este caminho é argilozo de diferentes côres, e as vezes muito siliciozo por efeito da decompozição dos veios de quartzo, e do grés grosseiro, de que falarei para diante. A direção do primeiro é variavel. Quanto ao grés, é formado de cristaeszinhos de quartzo reunidos de maneira que tem o aspecto de grés assaz grosseiro, bem que a união dos ditos cristaes seja tão pequena, que com o menor xoque se separão logo; esta pedra é coberta de uma crusta ferruginoza, o que faz a primeira vista tomal-a por mineral de ferro. Sua direção é em diferentes sentidos. O terreno continuou vermelho, e vermelho muito escuro, até um quarto de legoa, onde está a caiera, que fica a oeste da villa.

Ahi observei o forno, em que se faz a cal, para o qual se servirão do morro, cavando-o circularmente sem atenção á figura, comprimento, e largura; o que tudo deve influir muito. O forno está proximo da pedreira, d'onde se extrae a pedra. Os bancos são de pedra calcarea secundaria, densa, grizea escura com seos pontos espaticos; a direção d'estes bancos é léste oéste; queda ao sul.

Acabado este exame, tornamos para caza, onde fui vizitado por algumas pessoas, que me agradarão por sua franqueza, e com quem conversei a respeito de algumas minas de ouro, de que abundão as circumvizinhanças, e que amànhan pertendo vizitar.

28 DE JANEIRO

Sahi a examinar as minas de ouro de Joquiri-guassú e Joquiri-merim, que desaguão no Tieté. Tornei a passar o ultimo rio e caminhei por entre diferentes plantações; o terreno sempre da mesma natureza que o do dia antecedente; vêem-se, de quando em quando, veios de quartzo branco com diferentes direções, porém a mais geral é léste oéste; e entre o terreno argilozo amarelo vivo fragmentos de ocre amarela, que os naturaes chamão taguá, algumas vezes muito impuro, e por isso de menor bondade. Depois em outra colina aparecerão no mesmo terreno bancos de schisto argilozo primitivo mais ou menos ferruginozo; este schisto faz ás vezes passagem ao schisto novacular, e me asseverarão, que havia sofriveis pedras de afiar da outra banda da colina.

Ultimamente cheguei á formação aurifera: este terreno tambem é argilozo; cavando-se a superficie, descobre-se logo a brecha aurifera, denominada pelos mineralogistas *pouding*, a qual entra nas pedras empastadas não cristalizadas; ella é de cimento siliciozo, e contém fragmentos arredondados de quartzo, de grés, de schisto argilozo, as chamadas pedras de capote, que julgo ser grau-stein, e outras pedras. Esta brecha chamão os mineiros cascalho, advertindo que na superficie, onde está mais decomposta, dão-lhe o nome de desmonte: ella assenta ou pouza sobre um barro mais ou menos siliciozo, que denominão pissarra, ou branca, ou amarela, ou vermelha, ou rôxa, ou azul, conforme a cor predominante d'ella.

Mandei dar algumas bateadas, e extrahi uma pequena porção de ouro fino. É pena, que esta mina, e outra, que amanhan pertendo vizitar, si o tempo der lugar, estejão por trabalhar; creio, que a mizeria geral e falta de braços é que tem feito largar tão bellos estabelecimentos: só a importação de negros, ou novos cazaes de povoadores, a quem se dessem socorros, remediarião estes inconvenientes, e até contribuirião a despertar os povos da sua costumada indolencia.

Em todo este terreno decorrido não achei senão terras incultas, e apenas duas fazendas com plantações de

algodão e de outros generos, que cá se costumão plantar, e tambem seu pomar de arvores de espinho. Entre as arvores, que a natureza dispensou por todo este caminho, fizerão-me notar a canafistula, de cuja casca se servem tambem os do paiz para cortir seus couros; d'ella uzão mais que da do angico, por isso que o couro cortido com ella é mais macio, branco, e mais duravel.

Uma observação, que tenho feito, é que toda a gente do campo, apezar de ser mais sincera, afavel, e franca que a da cidade, ao primeiro encontro se enche de desconfianças, e foge, si é possivel, aos viandantes, mórmente sendo militares, ou homens de justiça; creio, que uma tal desconfiança nasce das injustiças, que se commetem por efeito de ordens mal entendidas, ou executadas por malvados, amigos da dezolação dos campos, e da ruina dos camponezes.

O máo tempo me obrigou a finalizar com os exames d'este dia, e ahi pouzei n'um sitio proximo de um honrado velho, que nem por isso vive izento das insolencias de um vizinho; este continúa sempre em apossar-se das terras do bom velho, não obstante ter tido a este respeito sentença contra da Relação do Rio; parece, que aqui as leis não têem vigor, ou que a força é o unico direito.

29 DE JANEIRO

Sahi a examinar as lavras do Taboão, e de Santa-fé. Quanto ao terreno é da mesma natureza, que o do dia antecedente; em partes vê-se á superficie o *pouding* já decomposto, desmonte na fraze dos mineiros; na parte, que me pareceo mais apropriada, mandei tirar cascalho, e laval-o; do que rezultarão alguns grãos de ouro; todavia não desconfio da riqueza d'estas minas, porque o ouro d'ellas é grosso, e ouro d'esta qualidade vem quazi sempre em manchas; alem de que a natureza geognostica do terreno o indica, e fica comprovada com a asserção de homens, que têem trabalhado n'estas minas.

Não esqueça, que entre o *pouding* d'estas lavras, e no que aparecia á superficie do caminho, achei muitos cristaes de rocha lindos, cristalização prismada de seis faces,

terminado por piramides hexagonaes. Quantas riquezas não darião estas lavras a seus possuidores, si ellas fossem trabalhadas segundo as regras da arte por homens industriozos, amigos do trabalho, homens livres, e não vexados pelo pezo da escravidão!

O grande erro, que tenho achado em todos os emprehendedores de extração de minas de ouro, é que os trabalhadores cuidão tambem na lavoura; d'aqui nasce, que nem ouro, nem produtos de cultura. Depois é precizo ter bons mestres de minas, e não os que por cá ha, que são quazi todos ignorantes.

Findos estes exames, sahi das lavras de Santa-fé para a villa; passado o primeiro monte, mudou o terreno, e começarão a aparecer bancos de schisto argilozo primitivo, mais ou menos ferruginozo, cortados por veios de quartzo branco. Não havia regularidade na direção dos veios, e dos bancos; estes entranhavão-se quazi perpendicularmente. O terreno é um barro vermelho, e outras vezes vermelho passante a rôxo, e muito ocraceo. Uma legoa antes de chegar á villa tornou-se amarelo desmaiado e muito siliciozo, e então observei bancos de um grés grosseiro e muito esboroadiço: ultimamente predominou o primeiro terreno, o qual continuou até á villa.

N'esta jornada desde as lavras para a Paranahiba vi muito arbusto silvestre de anil, com grande dó de não ver aproveitadas tantas riquezas, que a natureza nos oferece sem escasseza, porém devo confessar, que o apinhoamento de fazendas, e abundancia de terras cultivadas diminuirão em parte o desprazer, que me cauzou esta marca sem replica da indolencia paulista, e até disfarçarão por algum momento os incomodos, por que passo viajando por entre o mato: as estradas d'este paiz são peiores que os atalhos em Portugal. É para admirar o desleixo das camaras no que respeita a concerto de caminhos.

30 DE JANEIRO

Demorei-me na villa a descansar do trabalho dos dias antecedentes.

31 DE JANEIRO

Exame das lavras de Buturuna, e do Morro-branco

Parti de Paranahiba, e prosegui minha excursão por um terreno barrento muito avermelhado, cortado em partes de veios de quartzo branco, em partes vermelho carregado, coberto de uma arêia ferruginoza, que no paiz chamão esmeril, indicio certo de ouro por acompanhar as minas d'este metal; ás vezes via-se a brecha poudinguica patente n'aquelles lugares, em que a estrada cortava mais profundamente o caminho; o que durou até o regato do Itahimerim, onde dei algumas bateadas, e obtive ouro grosso: este achado confirmou o que prometia a natureza geognostica do terreno.

Dirigi-me d'aqui para o Itahiguassú; o terreno conservou-se sempre o mesmo, sómente na proximidade do Buturuna é, que passou a amarelo, e amarelo esbranquiçado, com muita arêia, talvez devida á decompozição de um grés de diferentes cores. Estes dous regatos dezagoão no Tieté, junto a cujas margens fiz a mór parte d'esta excursão.

Chegado a Buturuna, observei então claramente os bancos de grés, de cor cinzenta esbranquiçada e textura tão unida, que já faz fogo com o fuzil. Do trabalho feito n'estas lavras não obtive ouro, o que era impossivel, visto serem ellas de vieiros, e estarem estes perdidos; achei sómente entre o *pouding* cristaes de rocha. Os bancos de grés continuarão até o Morro-branco, e juntamente os veios de quartzo.

Buturuna, Morro-branco, e outros jugos desvairados, ramos da serra do Japi, cortados por amenos vales, regados por cristalinas agoas; alguns d'elles cobertos de arvoredo; uma vegetação sempre activa; a natureza emfim ilimitada em suas grandezas, encherão-me de prazer, e me fizerão dar por bem empregada a digressão d'este dia, não obstante o calor, que era intenso.

As arvores observadas são as mesmas, que as nos dias antecedentes, e só vi de mais anil silvestre, e butua.

Chegado ao dito Morro-branco, achei, nas faldas d'elle e junto a um corrego, o mineral de ferro magnetico em pedras soltas, grandes, e muito pezadas, mas não em tanta quantidade que mereção extração em grande; sua fractura é

granoza, cor grizea de ferro, é muito sensivel á bussola, e pezada. Cuidei distinguir uma direção norte sul n'este mesmo dezarrumamento do mineral.

Si elle se entranhar por terra dentro em abundancia, com bella pedra para ouragem, pedra calcarea para castins, bastantes matas para carvão, e immensas agoas necessarias ás maquinas hidraulicas, que hão de pôr em movimento de foles e malhos, com tudo isto não pode achar-se melhor local para se estabelecer uma fabrica. Por isso que melhorada a estrada do Baruiri, que fica d'aqui a tres legoas, é facil embarcar o ferro em canoas, ou barcas chatas, e fazer a navegação pelo Tieté, rio dos Pinheiros, Rio-grande, e Rio-pequeno, transportal-o ao Cubatão e d'ahi a Santos: igualmente se póde transportar com facilidade para Porto-feliz, e d'ahi embarcal-o para Mato-grosso.

Achei tambem n'esta excursão bancos de pedra calcarea de cor grizea esbranquiçada, da qual falarei adiante; e subindo ao cimo do Morro-branco, bancos de uma rocha esbranquiçada, granoza, tecido unido, de aspecto e natureza quartzoza, fazendo fogo com o fuzil, muito similhante a uma rocha quartzo-granoza alternante com o schisto argilozo primitivo de celada chan em Figueiró dos Vinhos, que póde servir para a ouragem; a direção d'estes bancos é norte sul, e se inclinão para oéste; elles são cortados indistintamente por veios muito possantes de quartzo. Findo este exame, dirigi-me aPirapora, pequeno lugar nas margens do Tieté, onde se acha uma capela do Senhor Bom Jezus; deixei aqui a minha gente e voltei a Paranahiba.

1.º DE FEVEREIRO

Desci ao Tieté, em cujas margens fica esta villa, como já disse, e ahi vi a pequena ilha de Itapeva, que divide o rio em dois braços; desde este lugar principião caxoeiras intranzitaveis, rochas immensas, que se extendem até perto do Baruiri, e dificultão a navegação; si estes obstaculos forem amiudados de Itú para cá, como me asseguração, não haverá outro remedio senão transportar o ferro de Sorocaba por terra até a mencionada aldeia, e d'ahi embarcal-o no Tieté, rio dos Pinheiros, Rio-grande, Rio-pequeno etc.

2 DE FEVEREIRO

Voltei a Pirapora, e então examinei os dois saltos, que aumentão a dificuldade da navegação d'este rio; as barcas chatas, que chegarem até aqui, seguramente não podem passar para diante, senão havendo o cuidado de as varar por terra.

Visto isto, tornei segunda vez ao Morro-branco, e fui ao lugar, em que se fez o forno de cal; este tem vinte e seis palmos de comprimento, e dezoito na maior largura, isto é, na baze da parte superior; o lugar não foi mal escolhido quanto á proximidade das linhas, porém está cercado de colinas, que dificultão o transporte, e a meu ver as dimensões não são proporcionaes; e por isso deixarão a obra sem completal-a. Figura d'este forno é uma piramide conica truncada inversa; servirão-se do mesmo monte para o fazer.

Os bancos de pedra calcarea estão muito vizinhos, e são de boa qualidade, uma esbranquiçada, e outra acinzada, com direção léste oéste pouco mais ou menos.

Em geral tenho-me admirado da incuria d'este povo, que inda não soube tirar proveito de tanta pedra, edificando as suas cazas com parede de pedra e cal, e não taipas, e deixando pela cal o maldito uzo da argila branca, ou tabatinga.

Examinei de novo o terreno argilozo vermelho e escuro, em que se acha o mineral de ferro magnetico, e hoje tenho visto espalhado por muito mais partes, talvez para ahi transportado por circunstancias locaes; em consequencia do que será bom fazer excavações em diferentes pontos d'este terreno afim de ver, si acazo se descobre maior quantidade do mesmo mineral assim dezarrumado; igualmente achei no dito morro pedaços de argila de porcelana, os quaes por efeito das chuvas se despegarão do banco principal, e cahirão ao longo do monte.

Devo advertir, que no Itaqueri, meia legua distante de Pirapora, em um terreno argilozo, amarelo esbranquiçado muito siliciozo, achei verdadeiro silex, e que igualmente tornei a achar na outra banda do Tieté á borda do rio, talvez acarretado para ali com as chuvas. Tambem não devo passar em silencio de que fui examinar as lavras de

um corrego, sitas em distancia de meia legoa de Pirapora para a parte oposta, onde dizem se achara estanho nativo; em todo este caminho só vi bancos de grés cortados por veios de quartzo; n'a uella parte do corrego, em que aparecia a brecha aurifera, mandei dar algumas bateadas, e obtive ouro fino.

Tornei d'aqui, passei o rio para a banda de Santa-Quiteria, e dobrei a esquerda para o rasgão, que os mineiros tinhão principiado, com o fim de fazer correr por elle o Tieté, e extrahir o ouro das duas legoas de volta, que ficassem em seco, visto ser todo este espaço muito aurifero por alguns exames, que fizerão. Si este rio fora todo navegavel, seguramente este trabalho não só utilizava aos emprehendedores, mas até encurtava a navegação. Findo este exame, parti para Santa-Quiteria, aonde pouzei.

3, 4, 5, 6, 7 DE FEVEREIRO

Sahi de Santa-Quiteria para o Monserrate, e Penunduva: n'esta excursão, q e me levou tres dias, andei sempre proximo á serra do Japi, e cinco vezes passei o Jundiovira, rio, que nasce do morro de São-Jeronimo, um dos que formão esta grande serra. Todo o terreno é amarelo esbranquiçado e acinzado, algumas vezes muito siliciozo, efeito da decompozição de um grés esbranquiçado, e de outro grizeo.

Subindo um dos cabeços d'esta serra, observei veios de uma pedra silicioza de fractura escamoza, aspecto e semitransparencia de cera, mormente nas bordas, côr branca acinzada, que julguei ser petro-silex: estes veios cortavão os bancos de uma rocha de natureza silicioza com fragmentos de quartzo. Este monte está todo coberto de arvores, que pela sua altura e grossura atestão não só a sua duração mas até a vegetação e fertilidade do terreno: aqui observei embaúbeiras (*cecropia pettata*), arvore de cupaúva (*cupaiffera officinalis*), o tapixinqui, que não pude classificar por não ser tempo da sua florecencia, cuja casca dá mui boa tinta roxa, e o cauxim, cujo leite é um caustico muito activo, e outras.

Que bella colheita para um naturalista, que fizesse uma viagem botanica em tempo apropriado n'um paiz tão

pouco conhecido e examinado! De certo enriqueceria a sciencia de vegetaes novos, uteis á medicina, tinturarias, e artes.

Em Monserrate examinei as diferentes lavras de ouro; a mesma brecha aurifera com muita ocre de ferro amarela de permeio, foi todo o meu achado: tanto das duas lavras, como de um ribeirão junto a uma caxoeira, cuja rocha os mineiros pertenderão quebrar, obtive ouro fino.

Agradou-me em demazia a fazenda de um capitão de milicias; este homem industriozo soube transformar um terreno inculto em um lugar de recreio; elle fez uma caza de campo muito asseada para sua morada, ao lado um jardim sofrivel para o Brazil, alem de um lindo pomar, no qual se achão muitos frutos da Europa: tem demais uma bonita capela, de que é padroeira a Senhora do Pilar, imagem muito milagroza, segundo dizem; verdade é, que grande parte d'estes milagres me fizerão rir, porque se reduzião a ter curado enfermos, não obstante poder-se atribuir o restabelecimento d'elles ao uzo dos remedios, em que estiverão.

Bem que n'esta jornada passasse por muitas fazendas, admirei-me com tudo de ouvir, aos que me acompanhavão, mencionar lugares hoje incultos, que forão antigamente cultivados por familias ja não existentes: esta estinção das familias ou de seus descendentes é devida, segundo elles me afirmarão, á dezerção d'ellas produzida pelos vexames dos governos, ou ao maldito sistema do celibato tão contrario á povoação, que se exige nos paizes novos.

As observações feitas na jornada do Monserrate para Penunduva são as mesmas, que as do dia antecedente; e obtive ouro d'aquellas partes, em que a natureza geognostica do terreno o permitia. A cultura geral de toda esta parte da capitania consiste em plantações de milho, feijão, algodão, e fumo, e á proporção que me avizinho de Itú, aumenta a cultura da cana do assucar.

Tenho-me admirado de ouvir contar os castigos, e máo trato, que sofre da parte dos senhores, particularmente em Itú, esta desgraçada raça africana; não basta a injustiça de um trafico tão vergonhozo para a humanidade, inda augmentamos nossos crimes, pagando tão mal os seus serviços: mas a natureza, que nada deixa sem recompensa, em

premio de nossos furores nos priva por uma reação justa dos seus serviços antes do tempo, faz grassar em o nosso paiz molestias endemicas da Africa, e deteriora nossos costumes pela communicação com elles, pois no seio da escravidão só podem germinar enxames de vicios, e baixezas.

Não sei como o ministerio se não tem lembrado de marcar por uma lei o poder dos senhores sobre os escravos, limitando castigos que horrorizão, e obrigando a sustentar e vestir estes infelizes até o fim da vida: si por ora não é possivel extinguir a escravidão no Brazil, é ao menos facil adoçar o rigor d'ella.

Na minha jornada de Ponunduba para uma fazenda distante quatro legoas de Itú, jornada feita junto ás margens do Tieté, observei a mesma cultura e os mesmos arvoredos; quanto porém ás observações mineralogicas forão bancos de um grés mais ou menos ferruginozo, e á borda do rio novamente bancos de granito com a direção já mencionada: este é as vezes de um tecido mais unido, e cristaes menores, outras vezes abunda de muita mica negra, e por isso tem um aspecto acinzado denegrido, e finalmente se acha em partes decomposto; elle é cortado de quando em quando por veios de quartzo branco com diferentes direções.

Demorei-me um dia n'esta fazenda, e recolhi-me no seguinte a Itú. Esta villa está situada em uma baixa, e como o terreno é uma areia grossa misturada com pouca argila, por isso os raios de luz, sendo reflectidos, aumentão o calor, que se sente; as ruas são bem alinhadas, porem a mor parte das cazas tão abaiucadas, e baixas, que me julguei outro Guliver, viajando pelo paiz dos pigmeos; faltou-me sómente, para melhor realizar esta supozição, apagar alguns incendios a seo modo: os templos são ricos e bons, a igreja matriz é das melhores da capitania, tem um hospicio de carmelitas muito lindo, e um convento de franciscanos, alem de duas capelas, uma do Senhor Bom Jezus, e outra de Santa-Rita.

A cultura é a já mencionada, ajuntando a do café, a que se vão aplicando com toda a força: o numero de engenhos anda por 134, e o assucar fabricado por perto de 100 mil arrobas; só o subsidio literario subio o anno passado

a quinhentos e tantos mil reis; creio ser uma das villas de mais cultura, e de mais reditos para a corôa. Sua povoação sobe a cima de 8.000 habitantes, a qual vai sempre em crescimento, não só pela concurrencia de homens das outras villas atrahidos pela fertilidade do terreno, mas tambem pela abundancia de cazamentos. O furor de cazar é tal em Itú, que até cazão homens e mulheres aleijadas.

8 DE FEVEREIRO

Jornada para o salto do Tieté

O caminho ao principio foi argilozo siliciozo mais ou menos avermelhado, cortado por diferentes veios de quartzo branco; n'elle achei tambem pedaços de ocre de ferro vermelho escuro, misturado com muita argila e silice; á proporção que me avizinhei do salto, o terreno tornou-se muito siliciozo por efeito da decompozição do granito, rocha commun no Tieté e seus arredores.

Chegado ao salto, por cima do qual o publico fez uma ponte para passagem dos moradores da outra banda, observei então a rocha granitica, e sua estratificação com a direção já mencionada.

As agoas, despenhando-se de não pequena altura por esta rocha abaixo, minarão-na em partes, tanto lateralmente como por cima, de feição que não só abrirão diferentes canaes, mas até os tauxões da ponte estão fixos e incravados nos buracos feitos na dita rocha pelo esforço, e correnteza das agoas; o rio d'aqui por diante é muito piscozo. Achei igualmente pedaços de uma brecha de pasta argiloza ferruginoza com fragmentos de quartzo rolado, talves para aqui trazidos com a corrente. Os seixos de quartzo já separados, que encontrei em diversos pontos d'este rio, são devidos á decompozição da mesma brecha.

Tenho feito uma observação quazi geral, e vem a ser, que todos os moradores d'esta villa são pelo menos nobres, não obstante muitos d'elles exercitarem oficios mecanicos, pois que pelas leis do reino derogão a nobreza: tanto é verdade, que o homem ama e ambiciona a grandeza, a consideração, e o poder!

9 e 10 de fevereiro

Sahi a examinar as pedreiras, d'onde tirão as pedras para calçar a villa, e com as quaes fazem outras obras mui lindas, depois de polidas; ellas se achão em bancos paralelos á supreficie da terra com direção quazi nordéste sudoéste. Esta pedra é de cor cinzenta azulada, tecido muito fino, grãos pequenos e quazi indescerniveis, e gorda ao tacto, em consequencia do que parece entrar nas pedras magnezianas, e ser uma serpentina: fui igualmente ver o banco de taquatinga, de que se serve o povo d'esta villa para caiar suas cazas; esta argila branca é de má qualidade e misturada com muita arêia.

11 de fevereiro

Jornada de Itú para Sorocaba

O terreno é barrento amarelo esbranquiçado mais ou menos, geralmente muito siliciozo, talvez por efeito da decompozição dos bancos de grés; estes estão cobertos por cima de uma crusta ferruginoza. Observão-se, em diferentes partes d'este caminho, seixos de quartzo rolado, e bancos de uma argila branca tirando a cinzenta, mais ou menos pura.

Não devo passar em silencio de que vi n'esta digressão homens, cuja catadura era mourisca sem tirar nem pôr; si em Portugal se vierem com o tempo a perder pela mistura da raça as feições mouriscas, que nos são tão proprias, para as fazer reviver, será bom recorrer a esta capitania, onde as ha em toda a sua pureza.

A villa de Sorocaba não tem regularidade alguma, suas cazas, bem que mais altas do que as de Itú, estão semeadas aqui e acolá, de sorte que se não observa alinhamento algum em ruas; ella contém quatro igrejas, a matriz, uma capela de Santo Antonio, outra do Rozario, e um hospicio de frades bentos; seu commercio reduz-se á venda das tropas de gado, vindas do sul.

A cultura geral d'esta villa e seus contornos consiste em milho, feijão, algodão, pouco café, e alguma cana de assucar; já conta doze fabricas de assucar, e outras

de agoas ardentes. Sua povoação monta a 9.712 habitantes; deve porem meter-se n'esta conta immensidade de surdos, insensatos, e muitos com a molestia dos papos; ignora-se a que cauzas se devão atribuir similhantes enfermedades; seria bem util e até digno de elogio, que o ministerio encarregasse a medicos habeis d'esta indagação, afim de ver si do conhecimento das cauzas seria possivel o deduzir-se um pronto remedio; pois de outro modo de que servem homens inuteis ás precizões da sociedade?

12, 13, 14, 15 DE FEVEREIRO

Tenho expendido estes dias a dar ordens para se abrirem caminhos, pelos quaes possa dar principio aos meus exames no morro de Araraçoiava.

16, 17, 18, 19 DE FEVEREIRO

Viagem, e estada no dito morro

Desde a villa até perto do morro, o terreno é todo argilozo siliciozo, produto da decompozição dos bancos de grés, que aparecem á superficie da terra; advertindo, que este externamente é algum tanto ferruginozo, esboroadiço, mas interiormente é esbranquiçado, grão fino, textura unida, e serve mui bem para amolar ferramentas; os paizanos do paiz chamão-lhe pedras de desbastar.

Junto a um corrego, que vai ter ao Ipanema, rio, que corre pelas faldas d'este monte, aparecem bancos de schisto novacular; é pena, que o não aproveitemos, porque as boas pedras de afiar, de que uzamos, vem de levante muito caras. Os bancos d'este schisto estão em direção quazi lesnordéste oessudoéste, paralelos ao orizonte; são de cor grizea, e grizea amarelada, sobre elles pouzão os bancos de grés.

Este monte, indo da villa para elle, aprezenta uma face muito alongada na direção quazi norte sul; e conta na maior extenção duas leguas pouco mais ou menos; todo elle é coberto de matas, excepto no lugar das furnas; grande vale central domina por todos os jugos, que

formão este monte. Elle se divide em tres grandes cabeços, denominados pelos do paiz Morro do ferro, Morro vermelho, e morro de Araraçoiava propriamente dito, alem de outros menores, os quaes todos são cortados por diferentes vales.

Todo o terreno d'este morro é um barro vermelho escuro com muito talco amarelo de ouro; elle está cheio de mineral de ferro magnetico, e algum já iman perfeito, em pedras soltas e dezarrumadas de diferente grandeza, e possança; o qual umas vezes entranha-se por terra dentro, como eu observei em alguns socavões feitos de proposito, outras vezes prolonga-se em grandes cintas, ou manchas ao longo dos corregos, das quebradas, e vales.

Em um dos socavões, que mandei fazer, apareceu uma camada de barro azul fixo e mais claro com muito talco amarelo, que julgo ser argila misturada com azul da Prussia nativo; igualmente não devo esquecer, de que no Morro-vermelho achei uma pedra quartzoze cristalizada com ocro de ferro de permeio, tapizada nas fendas, e por fóra de cristaes de quartzo piramidal brilhante, branco e arrôxado; descoberta esta commun a outro jugo pertencente ao mesmo morro.

Não me demoro em descrever extensamente o mineral de ferro, sua riqueza, e abundancia, em marcar o lugar, em que se devem levantar as ferrarias, cazo de querer Sua Alteza aproveitar esta mina, em fazer ver os erros, e por consequencia os prejuizos, que tiverão os que emprehenderão trabalhal-a no tempo do Morgado de Matheus, finalmente em dar uma noção sobre a abundancia de agoas, matas, fundente, e todos os demais misteres necessarios a um tal estabelecimento, pelo ter feito em uma memoria separada, que a este respeito envio ao ministerio.

Asseverarão-me, que em Bacaetava, fazenda duas leguas distante do morro, aparecerão bancos de pedra calcarea nas margens de um corrego: examinando este lugar, achei sómente bancos de um grés ferruginozo. O terreno, sobre que pouzavão, cahio, ou desmoronou-se, deixando como uma cavidade, ou gruta, debaixo da qual se vião estalactites apegadas ao dito banco, opacos, e de cor branca suja. Creio, que as agoas do corrego, passando por terrenos calcareos, e mesmo acarretando alguma porção calcarea,

que o grés contivesse (bem que esta não faça efervescencia com o acido nitrico), vierão aqui fazer este depozito; não posso porém afiançar, que se não venhão a descobrir bancos calcareos nas vizinhanças d'este lugar, quando for possivel examinal-as.

As arvores examinadas em todos estes dias são as mesmas, que as referidas nas excursões antecedentes; devo unicamente acrescentar, que estes campos abundão de jupecanga (especie do genero *smilax*), e de caiapia (*an species althae*).

20 DE FEVEREIRO

Expendi este dia em examinar os meos mineraes, e etiquetal-os; e quando mesmo quizesse fazer alguma indagação por fora, o máo tempo o não permitia.

21 DE FEVEREIRO

Jornada para a fazenda da Paineira, meia legoa distante de Sorocaba

O terreno até meio do caminho é barrento avermelhado, e vermelho vivo, d'ahi por diante muito siliciozo por efeito da decompozição do quartzo, que se acha em muita quantidade. Chegado á fazenda, vi em uma plantação um mineral de ferro em pedras soltas entremeadas com quartzo, e ás vezes misturado com elle; este mineral é magnetico, de fractura granoza, cor grizea de ferro, e em muito pouca quantidade: só o espirito de indagação e o dezejo de ver tudo é, que me pôde obrigar a este exame.

22 DE FEVEREIRO

Ocupei o dia em fundir a mina de ferro de Araraçoiava, e obtive acima de 60 por 100 em ferro coado.

23 DE FEVEREIRO

Jornada para a Aparecida, e dahi á fazenda do Maris, onde, me disserão, aparecera carvão de pedra

Em todo este caminho só vi pedaços de quartzo commun, e junto aos ribeirões fragmentos do mesmo rolado: chegado

aos dois lugares observei o terreno coberto de uma bôa camada de terra vegetal devido ás queimadas, que se fizerão para as plantações; seguramente aqui se não tem uma verdadeira idéia de carvão de pedra, porque até os homens instruidos em sciencias naturaes, além de ignorarem a epoca de sua formação, e o terreno que o costuma acompanhar, chegão ao delirio de se persuadirem, que elle se acha em massas, ou porções espalhadas.

Fiz tambem n'esta digressão o achado de diferentes plantas, como o alcaçuz (*glycyrrhiza glabra*), jupecanga, ruibarbo ou bariçó (especie do genero *rhsum*), além de outras arvores, que tambem se dão no morro, como, por exemplo, o páo-ferro, jacarandá, caburoúba, peroba, etc.

24 de fevereiro

Segunda jornada de Sorocaba para o morro a observar os arredores d'elle do lado do sul

O terreno de toda esta digressão é o já mencionado. Somente em alguns jugos vi descobertos bancos de schisto argilozo, paralelos ao orizonte, com a direção já dita, alternando com os do schisto novacular; em outros jugos mais elevados bancos de grés esbranquiçado.

No cimo de um d'elles acha-se uma alagoa não pequena, e algum tanto piscoza, que conserva as suas agoas inda no tempo das sêcas; á esquerda d'ella em não pequena distancia, junto a uma quebrada, por onde passa um corrego, que dezagoa no Ipanemerim, isto é, cabeceiras do Ipanema, observa-se um terreno turfaceo assás denegrido, no qual será bom fazer uma sonda: este terreno turfaceo entranha-se muito, como se vê n'aquellas partes, em que foi profundamente desmoronado por efeito das enxurradas, provenientes das grandes pancadas de agoa, que acompanhão as trovoadas, tão uzuaes n'este paiz, particularmente na estação do calor, facilitão a cultura das terras, e por conseguinte as fertilizão. Quanto aos arredores d'este rio, estão cobertos de bosques desvairados.

25, e 26 de fevereiro

Excursão para o morro do ferro propriamente dito

Depois de ter subido até o ponto mais elevado d'este morro, que são os socavões, e caminhado ao longo d'elle, desci por uma encosta assaz alcantilada, onde observei rochas continuas de uma pedra composta de particulas miudas, unidas, e compactas, com aparencia terrea, opaca, manchada de diferentes côres, verdemar, amarela, côr de roza desmaiada, branca, e em partes negra, quebrando-se em pedaços sem figura determinada, não cristalizada, e fazendo fogo com o fuzil; parece-me ser o jaspe universal de Daubenton. As fendas e superficie d'esta pedra estão tapizadas de cristaes de quartzo piramidal, nos quaes já se observão os rudimentos do prisma.

Dahi fui ter a um corrego, que dezagua da banda do sul no ribeirão do Iperó, por me noticiarem, se tinha n'elle descoberto uma mina de estanho, noticia esta que se não verificou, e á que não devia dar credito por vir de um rustico totalmente ignorante, e até costumado a embriagar-se. Findo este exame, passei a um corrego oposto, que dezagua no ribeirão da antiga fabrica, onde me asseverarão, que se tinha achado enxofre nativo.

Examinei este corrego com todo o cuidado, e só achei bancos do mencionado grés esbranquiçado: é mania geral do povo querer, que a natureza n'aquelle mesmo lugar, em que nos aprezenta algumas riquezas, seja prodiga de tudo, o que é capaz de dar. O morro está todo coberto de arvoredos, principalmente d'este lado, e os campos de Quitaquera, que o terminão, além da grande abundancia de bosques, têm excelentes campos para pastagem da mór parte dos gados precizos ao costeio do futuro estabelecimento.

27, 28 de fevereiro, e 1.º de março

Jornada para o Paiol, e Lambari, no caminho de Sorocaba para Itapetinininga

Em toda esta digressão o terreno foi sempre o mesmo, que os dos dias antecedentes; sómente em um dos corregos do Paiol, e Lambari achei em muita quantidade calháos

semitransparentes, da natureza da agata, porém de pasta menos fina, de côr cinzenta denegrida; estas pederneiras são de mui bôa qualidade, d'ellas uza toda a capitania, e até as vende para as adjacentes.

N'estes corregos costumão cahir troncos, e ramos de arvores, os quaes com o tempo tornão-se petrificados pela insinuação em suas fibras da parte silicioza, que concorreo para a formação do silex, tanto assim que já fazem fogo com o fuzil; e como em todo o petrificado vegetal a substituição da substancia pedroza é sucessiva, não só se conserva a fórma externa, mas tambem a interna. Veja-se a este respeito uma excelente memoria de Mongez no Jornal de Fizica de 1781, t. 18, p. 255.

2, 3, 4, 5 DE MARÇO

Jornada para a fazenda do capitão-mór, sita na distancia de legoa e meia de Sorocaba, junto ás margens do rio do mesmo nome

No tempo, em que Portugal e suas colonias estiverão debaixo do jugo dos Felipes, Espanhoes, que vierão estabelecer-se n'esta capitania, sempre cheios das riquezas de suas minas de prata do Perú, e dezejozos de achar iguaes aqui, fizerão diversos socavões, e entre estes um grande buraco perpendicular com treze braças de altura n'um banco 1/4 de legoa distante da mencionada fazenda, talvez enganados por ser o terreno um barro avermelhado muito talcozo.

Deci á elle, e entre muitas excavações, que fiz, só obtive quartzo commun : não posso deixar de espantar-me do modo, por que derão começo a este trabalho, sem acautelar o grande risco de dezabarem as paredes sobre os trabalhadores.

Não muito perto d'este lugar achei em pequena quantidade um mineral de ferro, duro e compacto, muito pezado, não atrahivel pelo iman, de fractura granoza, côr branca; ás vezes está incrustado do dito quartzo.

Ocupei os seguintes dias em examinar os bancos de pedra calcarea, geraes até a borda do rio Sorocaba, em distancia de quazi meia legua. Elles são de pedra calcarea

secundaria densa grizea, e grizea de fumo; entranhão-se perpendicularmente com direção lesnordéste oessudoéste, e são cortados por veios de espato calcareo.

Da outra banda do rio, junto ás margens, se tornão a observar os ditos bancos com a mesma direção: o rio, aluindo as terras, sobre que pouzão, deixou-os em falso, formando como uma grande gruta estalactitica, que os do paiz denominão palacio, além de outras mais pequenas, que tambem examinei; as agoas, correndo por entre estes bancos, acarretarão comsigo porções calcareas, e deixarão apegadas no fundo d'elles immensidade de estalactites, pouco brancas, e brilhantes. Só aqui ha pedras para seculos; não sei como este povo se tem descuidado de fabricar a cal, tão preciza n'esta capitania, pois que apenas o capitão mór é, que tem um forno, e este muito pequeno, e sem proporções.

Passei d'aqui a ir examinar o grande salto de Ituparananga do mesmo rio, que fica muito mais distante. Chegado a elle, demorei-me por algum tempo assombrado de vêr o grande esforço da natureza. É quazi perpendicular, e ha de ter perto de trinta braças de altura; o que não sucede com o de Uvuturanti, proximo á villa, que, alem de não ser tão alto, é bastantemente inclinado. As agoas, despenhando-se umas vezes por entre rochedos escalvados, fazem em baixo como brancas toalhas de espuma, outras vezes achando rezistencia nas fendas, que ellas mesmas abrirão, reflectem em lagrimas, fazendo diferentes arcos de curvas.

Junto ao salto o rumor e correnteza das agoas é incomprehensivel, mas passado elle, correm tão pauzadamente, que não pude deixar de lembrar-me do que diz Delile no seu *Homme des champs*, falando do Orenoco e Amazonas:

> Tantot se deployant avec magnificence
> Voyage lentement, et marche en silence;
> Tantot avec fracas precipitant leurs flots
> De ses mugissements fatigue les echos.

Si a nenhuma industria de seos habitantes tem negado á America as rizonhas belezas d'arte, a natureza, que nunca é escassa, a tem recompensado ao menos com a grandeza, e variedade de scenas.

7, 8 DE MARÇO

O dezejo de indagar todas as raridades do paiz, e de fazer descobertas, que sejão uteis, moveo-me a mandar fazer, á minha custa, uma estrada de seis leguas por mato dentro, até dar com um corrego de agoas termaes; gastou-se n'isto dez dias. Si esta noticia se não verificou, e tive o desgosto de ser enganado com prejuizo meu, tive ao menos em recompensa o prazer de achar junto ás margens do mesmo corrego, entre um barro vermelho carregado e talcozo, o ferro cristalizado em octaedro, de facetas brilhantes e polidas como o aço, algum tanto sensivel ao iman, e juntamente o talco branco cristalizado, tecido laminozo, e muito lizo ao tacto, propriedade commun a todas as pedras magnezianas.

9 DE MARÇO

Depois de arranjados os meos caixões de mineraes, parti para Porto-feliz. O caminho d'esta excursão foi em partes um barro vermelho, em partes o mesmo muito siliciozo, e junto á villa um mixto de pouca argila corada, e bastante arêia grossa, que os do paiz chamão massapê. Matas virgens, annozas arvores, algumas lançadas por terra pelos grandes furacões de vento, pessimos caminhos, e peiores prezentemente pelas muitas chuvas, eis as observações d'este dia, até chegar á villa, nada agradaveis ao leitor, e muito menos ao viageiro. Chegado a ella fui ter com a ordenança da terra para me mandar aprontar cazas, em que pudesse acommodar-me.

Porto-feliz está situada nas margens do Tieté, quatro leguas distante de Itú, e cinco de Sorocaba; floreceo muito no tempo do concurso dos Cuiabanos; verdade é, que esta falta não tem sido muito sensivel, e de algum modo tem sido remida com as grandes riquezas, que lhe tem trazido a cultura da cana de assucar. Aplica-se demais á plantação dos mesmos generos, que em Itú: a gente é bôa, e muito dada. Sua povoação anda por 4.000 habitantes. Contém duas igrejas, a matriz, e uma capela da Penha.

10 DE MARÇO

Desci ao porto da villa, e vi uma grande rocha cortada a piquc composta de bancos apostos uns sobre outros na seguinte ordem: de um grés esbranquiçado anuveado de amarelo, de um grés grosseiro já muito calcareo, de uma pedra calcarea grosseira branca acinzada, todos paralelos ao orizonte com direção quazi norte sul, cobertos de eflorescencias salinas, que pelo seu sabor salgado um tanto fresco, e levemente dezagradavel, me parecerão ser de nitrato de potassa: d'ellas costumão as aves vir aqui todos os dias comer.

Findo este exame, passei a uma colina, que fica ao lado da villa, e observei á superficie do terreno o bazalto em bolas, côr grizea escura, fractura granoza: este achado em lugar, onde nunca houve, e nem ha aparencia de fogos extintos, destroe a opinião dos mineralogistas, que têem o bazalto por um produto volcanico.

11 DE MARÇO

Sahi em uma canoa à correr todos os barreiros, que ficão, ou se achão nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado; parece-me, que elles contem sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinhão pensado: eu podera mostrar o nenhum fundamento de similhante suspeita, porém como estas indagações me não competem por d'ellas estarem outros encarregados, elles terão o cuidado de destruir opinião tão absurda. Na volta encontrei o sugeito encarregado da fabrica do salitre, bom pratico, que vinha examinar os ditos barreiros, a quem dezenganei.

De tarde parti de volta para Itú. O terreno foi o mesmo, que o da jornada de Itú para Sorocaba; sómente observei em partes bancos superficiaes de argila branca muito impura, e em outras partes belas ocres de ferro de diversas côres, disseminadas pelo terreno. Esta estrada é das melhores da capitania, e me agradou bastante pela abundancia de fazendas proximas a ella, as quaes provão mais cultura e mais amor ao trabalho.

12, 13, 14, 15, e 16 DE MARÇO

Vi-me na necessidade de nos primeiros dous dias descansar dos trabalhos de uma jornada tão laborioza; porém nos seguintes dias sahi a correr grande parte dos engenhos circumvizinhos a Itú. Referir a natureza do terreno, por onde fiz estas diferentes excursões, julgo baldado, por ter já mencionado da primeira vez, que estive n'esta villa: basta sómente lembrar, que em uma d'estas fazendas observei bancos de um grés algum tanto calcareo, pelos quaes se despenharão as agoas de um pequeno regato; estas, atravessando por terrenos calcareos, como, por exemplo, de cré pulverulenta, e mesmo pelos ditos bancos de grés, carretarão comsigo porções calcareas, e deixárão apegadas aos ditos bancos estalactites de má qualidade, côr branca suja, e opacas.

17 e 18 DE MARÇO

Findos todos os meus trabalhos, recolhi-me á cidade, vindo pela villa de Paranahiba.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO D'ANDRADA.

Jornal de viagem por diferentes villas desde Sorocaba até Coritiba, principiada a 27 de Novembro de 1802.

Excursão para Itapetininga

O terreno é o mesmo, que o já descrito no meu jornal antecedente, quando falo da minha jornada de Sorocaba para o morro de ferro : devo sómente advertir, que em partes do caminho ha abundancia do tal barro negro muito bom para louça ; do rio de Sarapuú para diante, que fica sete leguas distante de Sorocaba, anda-se couza de uma legua por campo até chegar ao Lambari, e Mato das pederneiras, assim chamado por se tirar de um ribeirão, que fica no fim do dito mato, silex de mui boa qualidade ; d'ahi por diante principião os chamados campos de Itapetininga.

A villa está situada em uma grande planicie, continuação dos mesmos campos, no declive para um ribeirão, uma legua distante do rio de Itapetininga, trinta da cidade de São-Paulo. Ella e seu termo contêm 3.000 habitantes, os quaes dão-se á cultura do feijão, milho, e alguma cana de assucar, que desfazem em agoas ardentes : nos seos arredores trabalhão-se muitas lavras de ouro, si bem que hoje pouco proveitozas pela falta das forças necessarias a similhantes emprezas. Devo igualmente lembrar, que nas vizinhanças da villa ha bancos de argila branca, a melhor e mais pura, que eu tenho visto.

28, 29, e 30 DE NOVEMBRO

Jornada para a Itapeva

Todo o terreno até a villa é um barro mais ou menos amarelado, em parte muito siliciozo, e ás vezes um mixto de pouca argila, e de arêia fina em grande quantidade, proveniente talvez da decompozição dos quartzos, e bancos

de grés, que no dito caminho se encontrão. Em algumas partes, mormente nos ribeirões, e corregos, se observa tambem a brecha poudinguica, já digna de exame.

A estrada é sofrivel, excepto em algumas partes e principalmente nas vizinhanças da villa; são campos continuados com um longo golpe de vista retalhados por lindos bosques, ou cortados por extensas matas, como a do rio Paranapanema; passando por ellas, fiz colheita de algumas sementes como a da jatahi (*himenea courbaril*), de barbatimão, cujas folhas são adstringentes, e de almecegueira (*amyris elemifera*) de que abundão estes matos, alem de outros arvoredos, que não nomêio por d'elles ter já feito menção, no meu jornal de viagem para Sorocaba.

Toda a estrada desde Itapetininga até esta villa, que terá de extensão a cima de 20 leguas, está apinhoada de varias fazendas de gado e plantações, o que seguramente é de grande prazer e recurso para os que viajão. Si eu, decorrendo este paiz no começo, digamos assim, de sua povoação, e por conseguinte de sua cultura e de sua industria, me deleitei em demazia, qual não será o do viajeiro, que o correr, e examinar no tempo de sua maxima prosperidade, a que certamente chegará a capitania apezar de todos os obstaculos moraes, os quaes sómente retardão o crescimento dos paizes novos!

Em toda esta excursão passei por tres grandes rios, que são o de Itapetininga, o de Paranapanema, que vai ter á fregueizia d'este nome, e o de Piahi, em cuja villa ha ricas minas de ouro, que inda hoje se trabalhão, e antigamente florecerão muito; além d'estes, outros muitos ribeirões, que tambem cortão a estrada.

Esta villa conta 2.000 habitantes, os quaes dão-se á cultura dos generos do paiz; porém, como aqui a ociozidade é immensa, elles colhem apenas o que é necessario, e a mizeria é tanta, que os viandantes, que por aqui passão, não têem de que subsistir.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, E 8 DE DEZEMBRO

O máo tempo, e além d'isto os arranjos necessarios para a excursão do Rio-verde me demorarão todos estes dias sem

interesse algum; não obstante isto, aproveitei alguns intervallos em examinar os arredores d'esta villa, dos quaes exames eis o rezultado: junto aos corregos lagedos ou bancos de uma brecha silicioza com cristaes-zinhos de quartzo, e pontos micaceos; em um ribeirão boas pederneiras de côr passante a denegrido, e por diferentes partes muito quartzo branco.

9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, E 19 DE DEZEMBRO

Jornada para o Rio-verde

Passei por duas fazendas de gado, e pelos dois rios Taquari, e Perituba com bastante risco em razão das muitas cheias: é tal o estado da capitania, e a indolencia dos povos, que nem valor têem para fazerem pontes de páos, e algumas, que aqui ha, são tão más, que o viandante se não livra do risco de precipitar-se nos rios. O terreno é o mesmo, e apenas em partes é um barro vermelho muito ocraceo.

Entre as observações botanicas, que fiz, forão de maior monta uma arvore, que não examinei por não ser tempo de sua florescencia, a qual os naturaes do paiz denominão quereúva amarela, a chamada ruivinha, que julgo entrar no genero *rubia*, e um sipó, cujo cheiro é analogo ao do cravo da India.

Entrei no Rio-verde, onde me demorei onze dias, e fui obrigado a estar com sentinelas á vista todas as noites por cauza dos Indios. Estes têem atacado algumas das nossas povoações, justa reação das injustiças, que contra elles temos praticado; um primeiro crime traz comsigo muitos, tomamos-lhes suas terras, e os tiranizamos; em paga d'isto elles tambem nos fazem o mal, que podem, e para corôar a obra, é opinião geral dos colonos, que devemos continuar a ser barbaros com elles.

Creio, porém, que sem nos servirmos de meios violentos tão indignos, e contrarios ás vistas de humanidade, que devem germinar em toda a sociedade bem regulada, ha outro meio doce, que contribua pouco e pouco ao grande fim de os civilizar, e vem a ser o estabelecimento de novas povoações nos lugares habitados por elles, as quaes tendo a

seu cargo repelir os seus ataques, quando de nenhum modo se possão evitar, em tudo o mais tendam sempre a mostrar vistas de paz, amizade, e beneficencia; por este modo desarreigar-se-á de seus corações o rancor, que nos têem, e tistimunhas da felicidade social, vendo-se cada vez mais confinados, procurarão fazer parte das nossas povoações; não é impossivel de conseguir-se isto, porque já entre elles se nota uma imagem de sociedade.

Para por-se em execução este plano cumpre promover-se o augmento dos habitantes da capitania, o que se pode fazer do seguinte modo: 1.° permitindo o colonizarem-se aqui os homens de todos os paizes, comtanto que sejão bons cidadãos, e obedientes á lei; 2.° gerando uma nova opinião publica, que tenda a desprezar todo o estado celibatario; 3.° promovendo os cazamentos, isto é, concedendo distinções ás mulheres cazadas, como antigamente entre os Romanos, distinções, que o sexo naturalmente ambiciona, e aos conjuges izentando de certos tributos, e dando mais privilegios, que aos solteiros, como a Espanha fez para povoar suas provincias dezertas; 4.° adiantando a agricultura, considerando a vida de lavrador, não a sobrecarregando de impostos, arrancando-a da escravidão das outras classes; 5.° formando sociedades agronomicas. Por estes meios rapidamente florecerá a cultura e augmentará a povoação.

E' nos belos tempos da antiga Roma, diz Plinio, que a terra glorioza de se ver lavrada por mãos victoriozas e triunfantes, parecia esforçar-se em produzir frutos com mais abundancia; é n'estes belos tempos, que estes grandes homens, não só alardeavão de rotear, e estrumar as terras, mas até tomavão os sobrenomes, que sua industria particular lhes tinha merecido; taes forão os Serranos, os Lentulos, e os Fabios.

As descobertas mineralogicas obtidas de alguns socavões feitos com este fim, forão algum ouro, pingos de agoa, granadas, e um diamante; creio, porém, que além d'estas contém outras muitas pedras preciozas. A formação, em que se achão, é o mesmo *pouding*, a excepção sómente de ser a arêia ferruginoza, ou o chamado esmeril mais grosso; quanto ao ouro é de baixo toque, e não faz conta sua extração pela pobreza do metal. A estes exames seguio-se um

grande trabalho, que ficou malogrado pelas continuas chuvas. Devo advertir, que no mesmo rio achei agatas, umas manchadas, outras pontuadas, mas não de tão boa qualidade, como as dos rios Paraná, e Pardo, que remeti ao ministerio.

Todas as matas do Rio-verde, e as que se observão desde Iapó até Coritiba, compoem-se de pinheiros, que Linneo meteo no genero *pinus* especie *araucana* : Jussieu fez d'estes um genero particular debaixo do nome *araucana*, por isso que os da Europa entrão na classe monoica, e estes na dioica ; além de que o habito externo de um varia totalmente do do outro. Estes pinheiros dão uma rezina muito analoga em cheiro á terebentina; d'elles tambem se pode extrahir o alcatrão, queimando a acha em fornos apropriados. Os troncos d'estas arvores são direitos, e si para o futuro estes povos se lembrarem de semear a pinha, como em Portugal, servirão mui bem para mastros de embarcações.

20, 21, 22, 23, 24 DE DEZEMBRO

Jornada para Iapó, ou villa de Castro, pelos seguintes lugares: fazenda Rio-verde, Itararé, Murungaba, rios de Jaguaricatú e Jaguariahiva, Furnas, Lança, Tejuco-preto, e rio de Iapó

O terreno de toda esta excursão é argilozo de um barro amarelado, e avermelhado, porém em geral muito silicìozo por efeito da decompozição de uma brecha silicioza com cristaes de quartzo, que se acha por quazi todo o caminho. No Itararé esta brecha é branca, e tem além d'isto cristaes de mica da mesma côr, e outras vezes no mesmo lugar é muito ferruginoza com cristaes de mica negra ; ella é geral por toda a estrada, e só na descida para o rio Jaguaricatú é que achei bancos quazi perpendiculares, á superficie da terra, de um schisto argilozo tão ferruginozo, que já faz passagem á mina de ferro argiloza. Nas margens dos rios e corregos vê-se á flor o *pouding* ; tanto este como a pissarra, ou barro de diferentes côres, que lhe serve de baze, são mais indicativos de pedras preciozas que de ouro, indicios que têem sido sempre confirmados pela experiencia.

Não esqueça, que no lugar das Furnas, além da mencionada brecha, se achão bancos de um grés esbranquiçado grosseiro. O tejuco preto é um barro negro de má qualidade.

No Itararé fiquei assombrado com o grande esforço da natureza; o rio que por aqui passa, ou por altear mais o terreno, ou por cauza de não poder romper os rochedos, minou-o por baixo, e só torna a aparecer na distancia de um quarto de legua; as massas separadas da mencionada brecha, ou por efeito de seu pezo, ou mesmo de algum abalo parcial, umas abaterão, outras ameação ruina, e porções de outras conservão sua antiga pozição, e aprezentão diferentes figuras, como pias, etc. O lugar das Furnas é tambem magestozo; são rochedos sobre a superficie da terra, sustidos alguns sobre pequenas bazes diversamente figurados, como capacetes, mezas, arcas etc., e outros inclinados, e ameaçando uma queda proxima.

As ruinas, bem que ao principio aterrem, cauzão todavia ao homem um prazer passivo; eu creio, que esta especie de gozo nasce do sentimento de nossa segurança, que duplica á vista do perigo, de que estamos livres.

Finalmente toda esta estrada além dos rios referidos, e do Iapó, que corre pelas faldas da colina, sobre que está situada a villa d'este nome, é banhada por immensidade de ribeirões corregos e caxoeiras.

Esta villa contém 3.000 habitantes; como está situada em um alto, é lavada de ventos, muito amena e aprazivel. Ao estar muito ao sul, e o ser mais fria, torna o seu clima mais analogo ao da Europa, e por isso o seu terreno mais apropriado para as plantações d'aquelle; d'aqui nasce, que, á excepção das producções vegetaes proprias da Europa, este povo apenas se limita a plantar algum feijão, milho, pouco fumo, e muito menos algodão, e o terreno, que lhe sobra, reduz a campos de criar.

25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 DE DEZEMBRO.

Tenho gasto todo este tempo em fazer preparos para os grandes exames, que intento em todos os rios, sitos nos

campos geraes; todavia tenho empregado alguns dias de descanso em correr os arredores da villa, do que me rezultou a descoberta de diferentes minas de ferro, como, por exemplo, a mina de ferro em grãos sobre a xapada de uma colina, em parcelas soltas, de figura variavel, decompozição de uma mina de ferro terrea, e limoza, que se acha para o lado esquerdo da mesma; uma mina de ferro magnetica polar em pedras soltas, e outra da natureza da primeira muito pobre, ambas em diferentes morros; igualmento achei uma pedra quartzoza, muito ferruginoza, com ocre de ferro e pontos micaceos.

JANEIRO, FEVEREIRO, MARÇO, ATÉ 5 DE ABRIL

Exame do rio Caxambú, depois corrego da Prata, corrego do Monjolo, rios do Alegre, Faisqueira, Fortaleza, Santa-Anna, São-Domingos, Santa-Roza, Borge, e mais alguns corregos, todos braços do Tibagi, tanto á direita, como á esquerda

Senti em demazia ver-me privado de fazer alguns trabalhos n'este ultimo, impossibilidade nascida não só da falta de forças proprias, mas até das grandes pancadas do agoa, que, enchendo muito o dito rio, dificultárão toda a especie de indagação.

A formação geral é a seguinte: á superficie grandes lagedos de uma brecha de natureza silicoza com fragmentos de quartzo, e ás vezes de mica: estes quazi sempre elevados acima do nivel das aguas, que por elles se despenhão, formão o que nós vulgarmente chamamos caxoeiras; sobre os ditos lagedos achão-se diferentes buracos denominados caldeirões; n'estes e abaixo das caxoeiras acha-se a brecha, que os mineralogistas chamão *pouding*: esta formação nem sempre é permanente, e quando ella começa dos lageados, tem entre os do paiz o nome itaupava; nos rios, em que não havia *pouding* por já ter sido tirado, foi-me precizo indagar, por onde se entranharia a dita formação e trabalhar em taboleiros (termo mineiro): os

achados forão além do ouro, que por pouco não faz conta, pingos d'agoa, alguns rôxos, outros amarelos, esbranquiçados, diamantes uns cor de agoa-ardente do reino, outros brancos, cor de prata, e alguns cor de aço, cristaes brancos e amarelos de ouro, quartzos opacos cazados na prata, pequenas granadas no Caxambú, pederneiras, e calcedonia na Prata, Faisqueira e Fortaleza, e grés de amolar ferramentas no Borge, e outros corregos.

Devo porém advertir, que, si socavões feitos em rios já trabalhados, bem que mal, e tamsomente algumas itaupavas de dez, quinze, etc.,braças, me derão algumas amostras, que se não deverá esperar de trabalhos em grande, feitos no Tibagi, ou para os Agudos,campos de Guarapuava, os quaes, pela abundancia dos selvagens, têem escapado, e se conservão quazi intactos; digo quazi intactos, porque me parece, que no tempo de D. Luiz, quando Afonso Botelho foi á diligencia de civilizar Indios, que nunca tornaria amigos nossos, porque ignorava os meios, alguns diamantes se tirarão.

Os diamantes achados nos caldeirões forão para ahi acarretados pela corrente das agoas, que com as grandes chuvas, rasgando as formações poudinguicas, lavarão-nas e comsigo os trouxerão ; quanto porém aos tirados das ditas formações não permanentes, como ellas forão a meu ver desmoronadas, e separadas de formações permanentes, que de riquezas se não deverá esperar, quando estas se descobrirem ?

Vendo socavados quazi todos os rios, que examinei, necessariamente não posso duvidar da quantidade de diamantes obtidos, os quaes todos têem sido ramo de um commercio de contrabando sem interesse algum do soberano ; considerando porém que estes trabalhos se reduzem meramente a socavões, e que poucos têem sido feitos segundo as regras praticas de mineração, não posso deixar de atribuir esta falta de aproveitamento precizo, ou á ignorancia, e pobreza dos mineiros, ou ao temor dos castigos rezervados aos transgressores das leis, sendo estes descobertos : então o amor do interesse do soberano, e dos póvos me excita a aprezentar um plano, que concilie um e outro, e se reduz ao seguinte: tornar os diamantes livres, como já está

determinado pela lei ultima de S. A. R., e serem obrigados os mineiros a darem-nos ao manifesto, pagando-se-lhes segundo o preço, que a mesma lei decreta.

Para a boa execução d'este novo plano, convem, que a nova junta de permuta nomêe em todas as villas do distrito diamantino para tezoureiros a homens de probidade, e abastados, os quaes tenhão a seu cargo receber os diamantes, e pagar o equivalente em dinheiro ; estes devem ter uma lista do valor d'elles, segundo seu pezo, uma boa balança ; e devem ser amestrados sobre os caracteres, que os distinguem para evitar o extravio, ou contrabando: devem haver no dito distrito diamantino patrulhas volantes, as quaes dêem as buscas competentes em diferentes partes da estrada ; nenhum homem poderá sahir de uma villa para outra da capitania sem passar por uma busca do capitão-mór da terra, quando elle viajante menos espere; para o que cumpre pesquizar os homens, que estão a partir, e nas villas de beira-mar poderá ser dada pelos commandante, ou ministro, si os houver, conforme S. A. R. achar mais justo.

Para obviar contendas entre os mineiros diamantinos, será bom, á maneira das lavras de ouro, repartir as terras em datas por aquelles que as quizerem, atendendo sempre ao direito de posse, e ás forças de cada um.

É d'este modo, que se verá aparecer um novo ramo de riqueza, que, dividindo-se pelo soberano e povos, augmentará as rendas reaes, felicitará a mór parte dos individuos, de cuja somma rezulta a felicidade publica, a qual tambem redunda em gloria do soberano.

Tal é um dos meios de fomentar e promover este ramo de riqueza tão util a esta parte da capitania; não basta porém sómente a execução d'elle, cumpre de mais remover certas cauzas, que têem retardado, e de algum modo obstado ao crescimento da povoação, e prosperidade geral d'este paiz; como são o commercio de gados do sul, e as extensas sesmarias depozitadas na mão de um só homem. O primeiro rouba-nos immensidade de homens todos os annos; parte d'estes ficão por Viamão, e a que volta é inutil, ou pode reputar-se forasteira, porque não tem vida, não tem lares fixos, nem terras de lavouras, e em nada por conseguinte contribue para o bem do paiz.

Poder-se-me-ia argumentar a favor d'este commercio com a necessidade de gado vacum e cavalar, que tem esta capitania, a do Rio, e outras; respondo, que esta tem campos em abastança para criação de gados, e que mais os teria, si cuidasse em povoar terra dentro, civilizando os Indios, e as outras ditas capitanias podem mandar comprar tropas com gente sua propria, o que redunda tambem em proveito d'este paiz, aumentando o consumo dos generos de necessidade.

Quanto ás rendas da caza doada, que lucros tira o soberano, quando um vassalo interessa, e um paiz inteiro arruina-se? Quanto ás rendas reaes, inda que estas diminuão por algum tempo, aumentada a povoação, deverá aumentar a agricultura, a criação de gados, e por conseguinte crescerão os dizimos, os subsidios, e outros mais tributos impostos sobre generos agriculturaes, e eis compensada a diminuição de uns com o crescimento de outros.

A segunda cauza é a immensidade de terras amontoadas em uma só mão, que muitas vezes não tem forças para as cultivar, e inda quando tivesse, nem assim ficava justificado um roubo feito pelo poderozo ao indigente, ou uma sesmaria obtida por compra, ou falsas informações; quanto mais que a felicidade de um paiz não consiste em estar uma grande somma de numerario nas mãos de quatro, ou cinco homens, ficando oitenta, ou noventa sem nada, mas sim na divizão igual por todos, sendo possivel; e que prazer para um principe tão amante, como o nosso, o ver o seu povo numerozo, feliz, abastado, e virtuozo, porque grande parte dos crimes nascem da mizeria, e indigencia dos homens, e a si rico e satisfeito com a felicidade de seus vassalos! Que maior gloria ainda para o soberano, si, formando povoações contiguas com os selvagens, se viesse com o tempo conseguir a civilização geral d'elles!

Eu não duvido, que ao principio fossemos por elles atacados, e tivessemos de rezistir-lhes, e rechassa-los; mas si quando os apanhassemos desgarrados, em vez de inhumanidade, os tratassemos com doçura, e os fornecessemos de tudo, de que houvessem mister; mas si, quando roubadas nossas plantações, em vez de desforço, lhes facilitassemos meios de terem tudo, de que precizassem,

é de presumir, que homens, como nós, sensiveis pouco e pouco á nossa beneficencia, virião por fim a reconciliar-se comnosco; e que utilidades e riquezas me não faz esperar este futuro, si algum dia se realizar!

6, 7, 8, 9 DE ABRIL

Acabados os meos exames pelos rios e corregos acima apontados, sahi para fora do Borge, e continuando com a minha jornada, depois de ter passado o Tibagi, para outro lado algum tanto mais acima da primeira, fui ter a diferentes corregos, e entre outros ao de São-Bento, o qual, pela analogia de formações, parece, deverá conter os mesmos produtos em mais, ou menos abundancia; d'aqui fui ao Ribeirão-frio, Ribeirão-fundo, Corisco, Bom successo, e outros ribeirões até chegar a uma fazenda, sita nas margens do Tibagi; e porque estava a anoitecer, pouzei no campo um quarto de legua distante da dita fazenda, a fim de não incommodar familias, que existem socegadas em suas cazas, sistema, que tenho adoptado em todas as minhas viagens de serviço.

Ainda que não socavasse alguns d'estes ribeirões, todavia a natureza geognostica, em tudo similhante ás outras formações, por mim trabalhadas, me faz suspeitar, de que n'elles tambem ha pedras preciozas. Não devo passar em silencio, de que nos lageados, que formão as margens do ribeirão do Sabão, um de entre muitos por mim decorridos, ainda que não todos nomeados, se encontrão veios metalicos, dos quaes com o tempo se destacão umas bolas branco - amareladas, estriadas, e pezadas, que julgo ser a pirites de ferro em bolas.

Antes de passar terceira vez para a outra banda do Tibagi, voltei ao ribeirão do Bom-successo a examinar a mina de pedra-humi, que fica ao lado esquerdo d'elle sobre uma colina; sobe-se esta, que está toda coberta de arvores, e ladeando algum tanto para a outra banda d'ella, descobrem-se logo bancos de um schisto pardo-acinzado, paralelos ao orizonte, e muito entranhados, de sabor aluminozo mais decizivo nas camadas inferiores,

que nas superiores; este schisto com o tempo perde a afinidade de agregação, reduz-se a uma terra pardacenta e cáe em eflorescencia, cobrindo-se de feixes de agulhas aluminozas muito finas e luzidias.

Acabado isto, passei o grande rio, e marchei para o ribeirão de Taquarussú, e Conxas, perto dos quaes pouzei. O terreno de todo este caminho é mais siliciozo, que argilozo pela decompozição da brecha predominante; nos ribeirões, e corregos vê-se muitas vezes á mostra a formação poudinguica, desmoronada pela corrente das aguas.

10 E 11 DE ABRIL

Examinei o corrego do Taquarussú; sua formação é a mesma que a dos rios antecedentes, e achei de mais uma beta metalica de dois palmos de possança, cortando-a em direção norte sul, e quazi paralela; é de côr amarela trigueira, e exposta ao ar vitrioliza-se facilmente, motivo por que julgo ser a mina de ferro hepatica. No das Conxas mandei dar um bom socavão, e achei entre o *pouding* além de uma brecha silicioza com fragmentos de quartzo avermelhado e mica branca, pingos d'agoa, e pyrítos.

12, 13, 14 E 15 DE ABRIL

Findos estes trabalhos, passei quarta vez o Tibagi, já perto das cabeceiras, e vim pouzar adiante de Santa-cruz, quatro leguas distante das Conxas. Em toda esta excursão não vi mais, que a mesma formação diamantina, e sómente na xapada, que domina e olha para a dita fazenda, bancos de um grés avermelhado.

Encantarão-me demaziadamente os rizonhos campos de criar, similhantes em tudo aos de algumas provincias de Portugal; elles não são planos, mas elevão-se formando pequenas ondulações cortadas por valezinhos, regados de cristalinas agoas, que correm batidas por entre rochedos, e ás vezes se despenhão de consideraveis alturas. D'aqui

até á fazenda do Tamanduá, pertencente aos padres carmelitas, não se observa novidade alguma; é a mesma formação diamantina, a mesma abundancia de ribeirões, e entre elles o afamado rio dos Papagaios.

Adiante d'esta fazenda observa-se a brecha silicioza bastantemente ferruginoza; e em diferentes partes um barro negro de melhor, ou peior qualidade. Em terras da mesma, na encosta de uma xapada proxima a um corrego se tem arranxado bastantes moradores da vizinhança por cauza de nos dias santos e domingos ouvirem missa na capela d'esta fazenda; creio, que com o tempo virá a ser uma nova povoação. Marchei d'aqui até o ribeirão do Bugre, nome talvez devido a algum assalto, que os selvagens derão n'este lugar.

A formação diamantina termina na distancia de sete leguas de Coritiba, pouco mais ou menos; d'ahi por diante aparece nas xapadas das colinas muito quartzo commun; vi demais ruinas de umas lavras de ouro, que talvez largarão pelo grande desmonte e falta de agoa para rebaixo: quanto mais vizinho á villa, é menor a extensão de fazendas, e maior o apinhoamento d'ellas.

As observações botanicas d'estes dias são pinheiros araucana de Jussieu, cedros (*cedrelia odorata*), maçaranduva (*anarbutus*), arvores da chamada quina, que não pude classificar por não ser tempo de sua florescencia.

A villa de Coritiba não se vê, senão depois de chegar a ella, por cauza de estar situada na descida de uma elevação, e estar tapada por um bosque do mesmo comprimento. A parte mais baixa d'ella é muito pantanoza, mórmente no tempo das chuvas. Suas cazas são muito brancas e asseadas, o que igualmente acontece com as igrejas, que não passão de quatro. Um capitão-mór a commanda, tem uma caza de camara, pertence á comarca de Paranaguá, assim como Iapó.

O forte de sua cultura consiste em criação de gados, sementeiras de trigo, frutos da Europa, algum milho, e feijão; todas as demais plantações proprias d'esta capitania prosperão pouco, talvez por ser aqui o paiz bastantemente frio: sua povoação, entrando a das freguezias de São-Jozé e Lapa, anda por 12.000 almas, pouco mais ou menos.

16 ATÉ 26 DE ABRIL

Ocupei estes dias em fazer alguns exames pelos arredores d'esta villa: 1.° fui ter a uma mina de ferro meia legua distante; esta acha-se em pedras soltas em um quartzo podre, mas em tão pouca quantidade, que não faz conta sua extração; é algun tanto sensivel ao iman, de fractura granoza, cor grizea de ferro com bastante ocre de permeio: 2.° nos bancos calcareos, que se achão em Butiatuba, distantes da villa duas leguas e meia; elles são de pedra calcarea secundaria densa grizea, e grizea esbranquiçada, de direção quazi noroeste suéste, e continuão até tão grande extensão, que em vez de um forno de cal podião sustentar a muitos, si o consumo fosse maior, ou si a estrada de Coritiba para Paranaguá fosse boa, de maneira que a cal podesse ser trasportada para a ultima villa, e tornar-se um genero de exportação para as outras capitanias, que d'ella tanto carecem.

O lugar de Butiatuba é ameno em verdade, está cercado em roda de pinhaes, e pelo abaixamento das colinas, que circularmente o rodeão, aprezenta a figura de uma grande bacia. É por elle, que se vai de Coritiba á povoação da Piedade, sita no rio d'este nome, braço da ribeira de Iguape.

Não sei como se largou de um similhante estabelecimento, porquanto a vizinhança da ribeira, e por conseguinte de beira-mar, tornando todo este torrão apropriado ás plantações da marinha, pedia a sua continuação afim de ter Coritiba estes generos, que lhe faltão; já não falo das grandes descobertas de ouro, que são de esperar, e da facilidade de communicação com a villa do Piahi, abrindo-se uma estrada, que, quando muito, será de cinco dias de jornada. Si esta povoação continuar, qual não será a felicidade do povo de Coritiba, vendo em tão pequena extensão de terra reunidas todas as produções do mundo!

Esquecia-me de advertir de que na freguezia de São-Jozé ha um campo inteiro de um barro muito ocraceo, vermelho vivo, mui fino e de boa qualidade, com o qual pintão os do paiz as portas e paredes das suas cazas: este barro me parece excelente para o fabrico da ocre vermelha por meio da lavagem, e restilação.

27 E 28 DE ABRIL

Jornada de Coritiba para a ermida ou gruta estalactitica

Caminhei por uma estrada, cujo terreno é argilozo de diferentes côres, amarelo, vermelho, vermelho carregado, e escuro passante ao denegrido. As primeiras duas leguas de caminho são campos continuados, porém estes, passando pouco e pouco do ondulozo ao colinozo, formam já pequenas colinas retalhadas por vales amenos, e cortados de varios ribeirões, entre os quaes deve contar-se o pequeno rio Uatuba; d'aqui por diante passam-se diferentes bosques até dar na grande mata de uma legua, que vai ter ao Poço-negro, distante pouco menos de legua e meia da ermida, logar assim chamado por formar aqui o terreno como uma baixa humida e alagadiça, e ser o dito terreno um barro negro de boa qualidade.

Subindo o morro do dito Poço-negro, e voltando para o outro lado, vai ter-se a um rio, que passa pela ermida, e ficará longe d'ella um quarto de legua; chegado a ella, examinei os bancos de pedra calcarea, que são da esbranquiçada, branco-acinzada, e cinzenta, da mesma natureza que a de Butiatuba, e com a mesma direção; estes bancos acham-se em montanhas, que são continuação das de Butiatuba, e formam como uma cadeia geral, que borda toda esta parte da costa do mar, bem que ainda assás arredada.

Entrei finalmente na chamada ermida, nome justamente bem dado pelos naturaes do paiz, por isso que o alongamento e estreiteza para a parte superior d'ella a faz similhante ao corpo de uma igreja; sua direção é quazi léste-oéste, e aberta em ambas as extremidades, pelas quaes passa um rio, que vai ter a Iguape, segundo me afirmaram. A primeira entrada á esquerda é uma abertura assás apertada, e a segunda muito mais até dar em um grande salão, de onde se póde bem observar toda a gruta, estando o dia claro; o pavimento d'este é uma continuação do depozito estalagmitico, formado pelas porções calcareas, que comsigo acarretaram as aguas, cahindo dos bancos.

Toda esta gruta assimilha-se a um avelhentado edificio

ameaçando ruina; aqui são massas estalactiticas formando como colunas solapadas pela baze, ali solapadas pela parte superior, que sustenta o tecto, mais adiante outras reprezentando estatuas em diferentes atitudes, mezas, etc.; no meio está pendente um lampeão, e nos lados pequenas grutas, ou reconcavos, que, a ser em outros tempos, eu dissera, eram habitações ou moradas de alguns homens, que, ou por infelizes no mundo, ou por cansados das injustiças de seus compatriotas, escolheram a vida anti-social, como refrigerio a seus males. Os trabalhos da arte nem sequer arremedam ás inimitaveis obras da natureza.

Tanto n'esta estrada, como em outras da capitania, salta aos olhos o seu máo estado; as camaras não as podem fazer, porque têem poucos rendimentos, e estes vão-se ás vezes em despezas superfluas e inuteis; os ricos, que deveriam fazer suas testadas, ou são camaristas, e não são obrigados, ou não são, e então o dinheiro sempre compra patronos; o pobre, como não póde subtrahir-se ás ordens, obedece, e as faz de modo, que lhe não leve tempo, e lhe seja permitido cuidar com a maior prontidão nos meios de subsistencia; eu já não falo nos rios, que cortam a estrada, porque em chovendo são intranzitaveis pela falta de pontes; é dolorozo para todo o homem sensivel e amigo da felicidade publica, que habita n'este paiz, o ser espectador de uma scena não interrompida de dezordens, injustiças e mizeria.

29 E 30 DE ABRIL E 1, 2, E 3 DE MAIO

Tenho estado retido todos estes dias em Coritiba, por cauza das continuas chuvas.

4, 5, 6, E 7 DE MAIO

Excursão de Coritiba para o Iapó por diferente estrada

D'aqui até a Serra dos carros a inspeção do terreno não aprezenta novidade alguma, visto ser o mesmo já mencionado

na viagem para Coritiba. Na subida da serra vêem-se á mostra bancos de schisto argilozo primitivo, cortados por veios de quartzo branco em diferentes direções da serra, para diante começa a aparecer a brecha de natureza silicioza invariavel em todos os campos geraes.

N'este primeiro dia passei pela fazenda dos Capados, e de São-Luiz, ambas campos de criar, e perto da ultima passei nas margens de um corrego. No seguinte dia passei por Vutuguara, e vim parar em Cambiju. O terreno na maior parte d'esta excursão é um barro muito siliciozo por efeito da decompozição da brecha acima referida; e sómente na subida para Cambijú é, que o terreno avermelha, por isso que a dita brecha se torna avermelhada, e ferruginoza.

Senti immenso não trabalhar n'este rio, porquanto a natureza geognostica é indicativa de diamantes, e igualmente os prometem as guabirobas, salão, e outros corregos por mim vistos, e muito nomeados.

De Cambijú passei a Tajacoca, tambem fazenda de criar: subindo e seguindo a estrada á direita vê-se n'uma eminencia á esquerda uma fortaleza formada pela dita brecha, e d'aqui fui ter ao decantado algar da ultima fazenda: a circunferencia é um lageado da mencionada brecha, e por baixo seguem-se bancos de um grés esbranquiçado, ao que parece; estes são concavos e terminão, ou concorrem formando como uma figura eliptica, algum tanto mais larga para uma das extremidades, com direção quazi nordeste sudoéste, e giboza da parte de léste: as agoas de um regato, que por baixo correm, aluindo as terras, que enchia esta cavidade, deixarão-na á mostra. O comprimento d'este algar será de perto de 50 braças, a largura de 30, e a altura muito consideravel.

Findo este exame, fui ter ás margens do rio Pitangui, tambem diamantino. Na minha jornada de Pitangui até o Iapó nada tenho, que mencionar, porque o terreno é o mesmo, e igualmente a rocha, de que já falei. Sómente nas faldas de uma colina, um quarto de legua distante da villa, passado um corrego, achei entre um barro vermelho escuro muito ocraceo pedaços da mina de ferro terrea e limoza de Bergman, de côr trigueira no exterior, e no

interior grizea, fragil, e similhante a escorias, sem atração para o magnete, pouco dura, e pezada.

8 DE MAIO ATÉ O FIM

Voltei do Iapó á cidade pelo mesmo caminho, por onde tinha vindo. Devo advertir, que todos os mineraes, e vegetaes, enunciados nas minhas diferentes viagens pela capitania, forão remetidos ao ministerio pela secretaria do ultramar.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO D'ANDRADA.

ESTATUTOS

DA

ACADEMIA BRAZILICA DOS ACADEMICOS RENASCIDOS

ESTABELECIDA

na cidade do Salvador, bahia de Todos os Santos

CAPITAL DE TODA A AMERICA PORTUGUEZA

da qual ha de escrever a historia universal (*)

INTRODUCÇÃO

1. Os fieis vassalos d'elrei nosso senhor, que habitão n'esta capital dos seos estados do Brazil, aos quaes nenhum da Europa poderá exceder na lealdade e sincero amor ao soberano, viverão na maior consternação dêsde que receberão a noticia da perigoza enfermidade de S. M. Fidelissima, até o dia de sabado de aleluia 14 de Abril do prezente anno, em que conseguirão a certeza do perfeito restabelecimento da importantissima vida, e precioza saude do mesmo senhor. Forão ainda mais os jubilos nos corações, que os repiques nas igrejas, e com innumeraveis festas publicas repetidas vezes manifestou-se o gosto, que tinhão no peito.

2. Porem querendo perpetuar na memoria para nos seculos futuros a sua incomparavel alegria, alimentada da pureza de sua fidelidade, ideavão algum novo modo de dar ao mundo uma prova demonstrativa da sinceridade d'estes

(*) Estes estatutos forão oferecidos ao Instituto pelo visconde de São Leopoldo, tendo sido copiados de um manuscrito da Biblioteca Nacional da côrte.

obzequios. Lembravão-se de *que os soberanos são senhores das vidas, honras e fazendas dos seos vassalos*, e que oferecer-lhes tudo isto é mais prova de sugeição que de afecto. Que ter imperio nas suas vontades, e que o tributar-lh'as é divida, e não obzequio: porem que nos entendimentos não tem jurisdição a magestade. Esta potencia sómente se sujeita ás evidencias dos discursos; os seos obzequios nascem sempre do merecimento da cauza, e são os mais estimaveis; porque unicamente obedecem ao imperio da razão, até a vontade só póde qualificar-se de livre, quando ofrerece as produções do entendimento.

3. A este fim se principiarão a convidar mutuamente um grande numero de pessoas mais doutas e egregias d'esta cidade e rezolverão em uma junta erigir um perpetuo padrão da sua alegria, e do seu afecto á real amabilissima pessoa de S. M. F. estabelecendo uma Academia, que tenha por principal instituto escrever a Historia universal, ecleziastica e secular da America Portugueza, e que principie no feliz dia, em que se celebra o anniversario da nossa maior fortuna, dedicando a este sublime objeto as primeiras produções dos seos engenhos na primeira conferencia publica d'este congresso.

4. Julgarão, que o mesmo Senhor fará maior estimação d'este obzequio, que levantar-lhe em cada praça publica uma estatua equestre do mais preciozo metal. Consideravão, que estas são muitas vezes um inutil simulacro da vaidade, porem que uma academia, que tomou por empreza escrever a nossa historia d'este continente, e tem por obrigação averiguar a verdade, podia fazer eterno o seo agradecimento aos reaes beneficios, colocando no templo da Fama a glorioza memoria das ações de um rei, que póde ser prototipo de todos os principes perfeitos.

5. Animarão-se com a incomparavel proteção, que S. M. tem devido ás sciencias e ás belas letras, o premio de todos os benemeritos, e a utilidade publica: sendo certo que dos congressos literatos rezultão á republica inexplicaveis utilidades, que só se reconhecem com a experiencia, e se premeão as ações ilustres, perpetuando-se a memoria das que obrarão os vassalos mais dignos. Sem esta aplicação ficarião injustamente sepultadas as maiores

façanhas, ou pelo reprovavel ocio dos eruditos, ou pela ignorancia invencivel dos vindouros. Sem a Historia, nem se temeria a infamia pela facilidade, com que podia esquecer, nem seria muito estimavel a gloria de emprehender as ações grandes, durando pouco tempo a lembrança das heroicidades. Alem de que as mesmas academias recebem logo com uzura a paga da sua aplicação, conseguindo pelo mutuo commercio dos seos eruditos socios muito consideravel aumento na instrução, que poderião esperar dos seos particulares estudos, e habilitando-se n'estas literarias conferencias para os primeiros empregos muitos homens, que, sem exercicio similhante, serião totalmente inuteis á Patria, e talvez que infelizmente contados entre o numero d'aqulles, a que os Romanos chamavão proletarios.

6. Conservando este ponto de vista não necessitaria o congresso de mais lei, que o proprio gosto, emquanto durar a união e o estudo, o zelo da religião, de que hão de escrever tão admiraveis progressos, a honra da Patria, e a gloria dos doutos portuguezes americanos.

7. Mas por cumprir com as formalidades do costume, e para aplicar mais este meio de fazer perduravel esta ilustre empreza, determinarão para o seu governo os estatutos seguintes.

§ I

8. Para se escrever a Historia eclesiastica e secular, geografica, e natural, politica e militar, emfim uma Historia Universal de toda a America Portugueza, com mais brevidade se dividirá este laboriozo exercicio pelos academicos, que á pluralidade de votos forem eleitos, para cada uma das provincias d'este continente: porem antes que se lhes encarrregue a dita Historia, que deve compor-se em latim (e sugeitando-se aos preceitos não dá logar a se averiguarem os pontos duvidozos, e a grande individuação, com que o historiador deve saber todos os factos, e opiniões para escolher a melhor), se concluirão as *memorias historicas*, que se devem imprimir na lingoa portugueza.

§ II

9. Para as ditas memorias se elegerão pelo mesmo modo os academicos, a que se encarregarem, rezervando por ora outros dos mais eloquentes e conspicuos, para que depois possão ser eleitos para escrever a historia latina.

10. Para mais facilidade se subdividirão as provincias em pequenos distritos, e outras vezes, si se julgar conveniente, se poderão encarregar as memorias de duas ou mais provincias a um só academico, ou dar-se ao eleito um ou mais colegas, e com quem divida o trabalho da compozição, que se lhe destinar.

11. Os pontos duvidozos se irão logo repartindo pelos socios a votos de toda a Academia, na forma que forem ocorrendo, para compôrem sobre elles dissertações, e á vista d'ellas se tomar assento no congresso da opinião, que deve seguir-se, depois do que se observará a decizão como lei academica.

12. Qualquer academico ou do numero ou supranumerario (que em pontos literarios são todos iguaes) poderá dissertar sobre todos estes assuntos, que se derem no congresso, ainda que não tenha sido dos nomeados.

13. Nenhum dos escritores, em achando ponto duvidozo, poderá assentar com qual é a mais provavel opinião, sem primeiro o propôr para se rezolver no congresso.

14. Finalmente as reflexões, que se encarregarão ao director da Academia para mais clara individuação do sistema, que se deve seguir n'estes escritos, depois de aprovadas pelo congresso, se executarão como si fôssem parte d'estes estatutos, e n'elles incluidas.

§ III

15. Far-se-á todos os annos no dia 13 de Maio eleição por escrutinio de cinco academicos do numero para director e censores; e o seu exercicio e jurisdição durará sómente por tempo de um anno; e não poderão ser reconduzidos no immediato, posto que ou todos, ou cada um d'elles poderá ser reeleito no subsequente.

16. Do mesmo modo se elegerá secretario, e vice-secretario, mas os que ocuparem estes dous empregos, cumprindo bem com as suas obrigações, poderão ser reconduzidos um ou muitos annos, porque estes lugares na maior parte das academias da Europa costumão ser vitalicios.

17. Os academicos do numero (que sómente podem ser eleitos para os referidos empregos) são os unicos que hão de votar em tudo que pertencer ao governo economico da Academia, e em todas as eleições que esta fizer. Vagando lugar numerario, se elegerá para elle por escrutinio um dos supranumerarios, havendo-os : bem entendido que nunca poderá ser eleito do numero pesssoa, que não assista n'esta capital, e que possa vir pessoalmente á Academia recitar a sua oração gratulatoria (politica de que sómente ficão izentos os fundadores), mas auzentando-se depois, nem por isso perderá o lugar. Quando vagar academico supranumerario, não é precizo, que em seu lugar se eleja outro.

18. Si algum colega se mostrar ofendido de o não elegerem para algum emprego (o que se não espera) será logo riscado do numero dos academicos; pois n'esta ação daria bem a conhecer a grande ignorancia, que padecia do socego, dezinteresse, e mutua sinceridade, com que se governão estes corpos literarios

§ IV

DIRECTOR

19. O director prezidirá em todas as conferencias, que se fizerem no seu anno. Determinará os dias, em que se ha de juntar o congresso. Fará pôr pronta a caza e o mais que fôr precizo para essas funções. Proporá todas as materias, que lhe parecer, mandando-as pôr a votos, para se executar o que se vencer pelo maior numero d'elles. Terá voto de qualidade em cazo de empate. Declarará os academicos, que fôrem novamente eleitos, e os empregos, que se distribuirem a cada um. Terá obrigação de cuidar em que se imprimão os livros e mais papeis, que aprovar a Academia. Será quem dê a S. M. as contas, que julgar precizo

pôr na sua real prezença, especialmente para a confirmação d'estes estatutos, e que elrei, nosso senhor, nos conceda a onra do titulo de *Academia Real,* dirigindo todos os mais requerimentos que tiver o congresso com S. M. pelo Illm. e Exm. Secretario de Estado, que foi eleito Mecenas da Academia; e tambem reprezentará aos Illms. e Exms. Vicereis do Estado o que fôr precizo a bem do congresso. Poderá impor silencio, evitar disputas, tocar a campainha, e fazer todas as mais funções de prezidente. Sentar-se-á em uma cadeira de braços entre os censores.

§ V

CENSORES

20. Os egregios lugares de censores, que fôrão os de maior estimação em Grecia e Roma, são os mais uteis na Academia. Poderão censurar tudo o que lhes parecer, assim do governo da mesma, como dos seus escritos, sem dependencia alguma do director, ao qual podem advertir as materias, que deve propôr, e este executará ainda que seja contra o seu parecer, si na meza censoria ficar vencido em votos. O mesmo se observará, notando-se qualquer abuzo, que se introduza, e seja prejudicial ao instituto academico. Farão algumas juntas particulares com o director e secretarios, e quando a qualquer d'elles parecer precizo, e o que n'ellas se ajustar, se communicará ao congresso, para que o que for vencido por pluralidade de votos, se registe nos livros com força de lei academica.

21. Faltando o director, servirá de vice-director o primeiro censor, e faltando estes os mais por sua ordem até o vice-secretario, nomeando este e o secretario, quem sirva os seus respectivos cargos, quando lhes tocar prezidir; o que todos farão, conservando-se nos seus proprios assentos, como se pratica em todos os tribunaes.

22. Depois de eleitos censores, tirarão por sortes a ordem, por que se devem preceder, e segundo esta se sentaráõ aos lados do director.

§ VI

SECRETARIO

23. O secretario terá indefectivel cuidado nas importantissimas obrigações do seu estimavel cargo. Avizará os academicos novamente eleitos, e aos mais para os dias das conferencias. Escreverá e responderá as cartas, na forma que parecer ao director e censores. Porá prontos os livros e mais papeis, que o director deve mandar imprimir. Comporá a historia d'esta Academia, escrevendo para isso todas as suas memorias; e fará escrever e registar as suas decizões, para o que, e para o mais que for precizo, dividirá as materias em seis livros pela maneira seguinte:

24. No primeiro livro registará as ordens, que houver de S. M. e dos seus ministros, respectivas a este congresso.

25. Os estatutos e um catalogo por ordem alfabetica de todos os academicos do numero, e outro dos supranumerarios, e procurará declarar n'elles a patria, idade e paes dos mesmos academicos, para mais facilidade dos panegiricos historicos, que se lhes hão de fazer para o futuro, e da mesma sorte os logares, em que assistem, para se lhes dirigirem as cartas de oficio.

26. Os assentos das eleições, que se fizerem, assim para academicos como para os cargos do governo d'esta sociedade.

27. As memorias de tudo o que se tratar em cada conferencia, com as principaes razões, que merecerem especial lembrança.

28. E para que por nenhum modo esqueça, ou se confunda algum papel, na conferencia seguinte immediata trará concluido o assento do que se passou na antecedente, e feitas as adições, declarações, ou correções, que advertirem os socios, e determinar o mesmo director, com o parecer dos censores, assinará toda a meza o dito termo.

29. N'elle se fará menção de todas as obras, que entregarão os academicos.

30. E em todos os livros dividirá cada uma das materias em diversos titulos, ou capitulos.

31. No segundo livro mandará registar as contas de

estudo, que se derem por escrito, e tudo o mais que compuzerem os academicos, evitando-se por este modo a infelicidade, que tiverão na náo Santa-Roza todas as obras dos *Academicos Esquecidos da Bahia,* quando se remetião á côrte para se imprimirem, pois, pela falta d'esta cautela, se extinguirão para sempre no incendio, em que perecêrão com a dita náo, de sorte que não apparece já hoje algum fragmento do seu util e louvavel trabalho. O que sómente poderá evitar-se, si os academicos derem dous exemplares das suas obras, o que se lhes recommendará muito, para que assim o executem, si lhes for possivel; bem entendido que com nenhum pretexto se poderá mandar para o reino papel, de que não fique copia na secretaria, onde as guardará com boa ordem cronologica, e divididos os de cada uma das conferencias.

32. O terceiro livro servirá para se registarem os documentos, que vierem á Academia, e de que parecer util conservar a memoria, para servirem de prova ao que se escrever da Historia Brazilica; e para que estes se possão conseguir, pois são o unico meio de averiguar a verdade, no cazo que S. M. seja servido confirmar estes estatutos, uzará a Academia da mesma jurisdição e do mesmo metodo e segredo, que a Real da Historia Portugueza, para conseguir os manuscritos, que lhe fôrem precizos de qualquer tribunal, secretaria, archivo, ou cartorio do Brazil, e da transgressão ou descuido dará o director conta ao mesmo senhor.

33. No quarto livro se registarão todas as cartas, e respostas, que pela Academia se hão de mandar e receber.

34. O quinto livro servirá para registo dos assumptos, e distribuição das materias, sobre que se deve escrever, declarando-se os nomes dos respectivos academicos, a quem se encarregarão, e o dia em que se lhes distribuirão, e pondo-se á margem verba, que declare o que cada um tem escrito sobre elles e o lugar, em que na secretaria, ou nos seus livros se podem achar facilmente as suas respectivas compozições.

35. No mesmo fará assento de todos os papeis ou documentos, que se houverem por emprestimo, assim de uns para outros academicos, como dos archivos e pessoas

particulares, pelos pedirem os colegas, a quem estiver encarregada a materia, de que os mesmos documentos tratarem. Assinará a verba o academico, que os receber, que se descarıegará, quando os restituir, e se declarará o dia, em que forão entregues a seus donos.

36. O sexto livro servirá para o inventario de tudo que se achar na secretaria, e dos livros d'ella, com um index por ordem alfabetica do que contiver a secretaria, e outro dos livros da biblioteca, que para o futuro tiver a Academia, a qual tambem estará entregue a quem servir de director, e se guardará na caza, em que se fizerem as sessões academicas, sendo o seu uzo quoditiano livre a todos os colegas, aos quaes porém se não poderá emprestar livro algum sem assento, a que preceda despacho do mesmo director.

37. Todos estes livros, para ficarem autenticos serão rubricados pelo mesmo director, e com despacho seu passará d'elles o secretario todas as certidões, que por qualquer pessoa se pedirem.

38. Como pelo tempo adiante será precizo haver grande numero de livros, o que faria confundir a bôa ordem, para evitar este inconveniente se porá no rosto do primeiro livro—Liv. 1.° tom. 1.°—no que se lhe seguir d'este mesmo genero—Liv. 1.° tom. 2.°—e assim nos mais, ex. gr.—Liv. 2.° tom. 1.°—Liv. 3.° tom. 1.°, etc., continuando a numerar-se os tomos seguintes pelos livros, a que dizem relação.

39. Entrando novo secretario, se fará termo de entrega, assinado por ambos, indo assistir a ella pessoalmente o director.

§ VII

VICE-SECRETARIO

40. Considerando-se que o emprego de secretario será muito laboriozo para um só academico, se elegerá outro para vice-secretario, que terá assento, voto, e graduação igual, e não só servirá nos seus impedimentos, mas tambem repartirá com elle o trabalho das aplicações proprias dos seus respectivos empregos, podendo ser

assinados os avizos e papeis da Academia por qualquer d'estes dous secretarios.

§ VIII

ACADEMICOS

41. Os academidos do numero serão quarenta, e nunca se poderá exceder. Serão todos prontos em assistir ás conferencias, e se assentaráo sem preferencia, pela ordem cazual por que fôrem entrando para o congresso. Principiaráo a votar pelo primeiro que ficar ao lado direito dos censores, e em ultimo lugar os secretarios, censores, e director. Quando tiverem impedimento para irem ás conferencias, o avizarão ao secretario por escrito, e o mesmo deverão fazer os censores e director, e a este avisará o secretario. Votarão em tudo o que se houver de rezolver, e poderão propor as duvidas, que julgarem uteis, e as emendas que lhes parecerem precizas nos escritos de qualquer colega, utilidade, que, sendo mutua, deve ser muito estimada pelos seus autores: porém guardaráõ inviolavel segredo n'estas materias, e em todas as outras, que se lhes recommendar se não publiquem; abominando a pueril vaidade de dizerem, que encontrárão defeitos nos seus socios, na certeza de que sómente a união dos estudos fará, que lhes sirva de honra e louvor, que conseguir qualquer dos membros d'este corpo, e por consequencia que cada um tem grande parte no descredito de qualquer dos seus companheiros; e sendo comprehendido algum socio na transgressão d'esta lei academica, será advertido a primeira vez pelo director, sem declarar o seu nome, a segunda lhe estranhará em conferencia, nomeando-o, e expressando-lhe o seu dezacordo, e na terceira será riscado dos livros da Academia, como indigno de ser membro de um tão ilustre corpo.

42. Todas as obras, que entregarem ao secretario, virão escritas em folha de papel com margens capazes de se encadernarem, e farão muito por entregar duas copias para ir uma á imprensa, e ficar outra na secretaria.

§ IX

ACADEMICOS SUPRANUMERARIOS

43. Haverá os academicos supranumerarios, que se julgarem dignos e precizos, os quaes poderão ser moradores em outras provincias, até em Portugal, e ainda fóra do reino; e será util, que haja ao menos dous d'estes socios em cada um dos bispados da America. Estes não terão numero certo; porém os que forem moradores n'esta cidade, ou seu termo, não poderão exceder o de metade dos academicos numerarios; e este honrado titulo se não dará a pessoas, que se suspeite o querem sómente honorario; mas sim com muita parcimonia, e madura reflexão, e sómente a aqueles, que se julgar são verdadeiramente aplicados, e que querem empregar-se de veras nas fadigas literarias, a que se sugeitão todos os colegas d'esta nobilissima sociedade. Terão voto em todas as materias literarias, e assento igual com os do numero, e poder-se-lhes-ão encarregar todas as obras, que ordenar a Academia, tendo avizo para assistirem ás conferencias todos os que assistirem n'esta cidade, da mesma sorte que os de numero.

§ X

IMPRESSÃO DAS OBRAS

44. Nenhum dos socios, ou do numero ou supranumerario, e ainda que seja o mesmo director, poderá imprimir obra alguma, sem primeiro ser aprovada pela Academia, e só no cazo em que viva em provincia tão distante, que se conheça cauzar-lhe grande incommodo remeter o original ao congresso, poderá reprezentar pelo secretario a razão, que teve para faltar a esta lei; e com aprovação de toda a sociedade se lhe responderá o que parecer justo. Sendo possivel, se dará commissão a outro academico, que assista nas vizinhanças do autor da obra, o qual informará do seu merecimento, com um extrato do que

n'ella se contém ; e de tudo que imprimirem, serão obrigados a mandar um exemplar para se conservar na secretaria, e mais sete para os colegas, de que se compuzer a meza censoria. Estas licenças pertencem ao director e censores, que as assinarão com o secretario, que as lavrar, e lhes puzer o selo, como chanceler da Academia; e precederá mandarem informar com seu parecer dous até trez socios, ou sejão do numero ou supranumerarios; porém o despacho se ha de proferir conforme ao que se vencer na meza, ficando os informantes sómente com voto consultivo.

45. As obras, que se imprimirem, e tiverem sido mandadas compôr pela Academia, serão sempre dedicadas a Sua Magestade Fidelissima, nosso augusto protector. Dar-se-á d'ellas um exemplar a cada um dos academicos, dois a cada um dos sete do governo, e se conservarão outros dois na Academia, da parte da qual oferecerá o secretario dois aos Illms. e Exms. vice-reis e governadores, e outros dois aos Exms. e Rvms. arcebispos. Os mais exemplares se entregarão ao seu autor (que não fará despeza alguma com a imprensa) para dispôr d'elles, como lhe parecer, e entrando algum academico de novo, se lhe oferecerá um exemplar de cada uma das ditas obras.

§ XI

ELOGIOS FUNEBRES

46. Falecendo algum academico, se elegerá outro para que escreva o seu elogio, no qual se incluirá o epitome de sua vida, que se ha de lêr na Academia, e lançar-se no livro do registo, para se imprimir com a sua historia. O director e secretario farão logo recolher as obras, que tiver composto do seu instituto, e todos os livros e papeis, que da mesma Academia se lhe tiverem confiado.

47. Si o colega falecido fôr da ordem dos sete, que servem na meza censoria, votar-se-á em um dos seis para escrever o seu elogio. Sendo sómente do numero, em outro tambem numerario, que não seja da meza ; e sendo supranumerario, em um tambem da sua mesma ordem.

§ XII

FUNÇÕES PUBLICAS

48. Todos os annos se farão trez conferencias publicas em obzequio dos anniversarios de Sua Magestade Fidelissima, e de S. A. R. a princeza do Brazil, nossa senhora, para o que se elegerá a caza, que a votos julgar a Academia mais propria, e se poderá fazer do mesmo modo mais alguma conferencia, julgando a Academia a votos que tem objeto digno, que a obrigue a esta excessiva demonstração; o que se permitirá muito poucas vezes. O director e censores determinarão as obras, que se devem compôr, assim em proza como em verso, e os seus assuntos: porém o que se executou em um anno, não servirá de exemplo para os seguintes, ficando livre o arbitrio de mudar, diminuir, ou ampliar o que parecer melhor.

§ XIII

CONFERENCIAS PARTICULARES

49. Todos os quinze dias, principiando no segundo sabado depois de 13 de Maio, haverá uma conferencia no lugar, que destinarem para as particulares, ás quaes se ha de entrar pelas trez horas da tarde, e principiar logo que estiver prezente o academico, que servir de director, sem esperar mais que até dez academicos: e n'ellas darão uma breve conta dos seus estudos por escrito os academicos, que na antecedente nomear o director. Lêr-se-ão as dissertações, as cartas, as contas do estudo, as memorias, que se fôrem compondo, e o mais que parecer conveniente.

50. O director deve orar no dia dos annos d'elrei, nosso senhor, e dos quatro discursos, com que se deve abrir a conferencia nos mais dias, que determinam estes estatutos, dirá o primeiro censor o da Mãi de Deus, nossa padroeira; o segundo o da rainha, nossa senhora; o terceiro o da princeza, nossa senhora; o quarto o do nosso Mecenas. Servindo algum de director, comporá o que a este toca, e n'esse cazo, ou no de outro invencivel impedimento de algum

dos referidos, pertencerá ao secretario e vice-secretario suprir as suas vezes a este fim.

51. Nas conferencias, em que se tratar do governo da Academia, ou do exame das suas compozições, se não admitirá pessoa alguma estranha, de qualquer qualidade que seja, menos quando algum fôr chamado, ou reprezentar, que quer referir alguma noticia importante, julgando o director e censores ser conveniente, e n'este cazo se assentará entre os academicos. Porem antes das funções publicas terá sempre a Academia a politica de dar parte aos Illms. e Exms. vice-reis ou governadores d'este estado, e aos Exms. e Rvms. arcebispos; o que executará o director pessoalmente, para que, querendo SS. EExs. fazer ao congresso a honra de assistir á sua conferencia, lhes mande preparar o lugar com a distinção devida á sua alta gerarchia, e supremas dignidades.

§ XIV

FERIAS

52. As ferias principiarão no primeiro sabado, que se seguir a quinze do mez de Dezembro, e que será a ultima conferencia; e se tornará a abrir a Academia no primeiro sabado depois da dominga da paschoa; e para esta sessão se poderá encarregar maior numero de dissertações para tambem se aproveitar o tempo feriado.

§ XV

53. O academico, que repugnar obedecer a algum d'estes estatutos, será riscado dos livros da Academia, como indigno da honra de compôr um corpo tão serio e tão respeitavel; porem si algum tiver justo embaraço para continuar a ser academico, o poderá reprezentar no congresso, e no cazo de ser admitida a escuza, se elegerá outro em seu lugar, não podendo ser mais admitidos os que uma vez fôrem escuzos ou riscados; e sendo supranumerario, se póde escuzar sem se eleger outro em seu lugar.

§ XVI

54. A Academia terá empreza e selo, uzando d'este em todos os seus despachos e cartas,e nos titulos, que se hão de passar aos academicos, aos que fôrem eleitos para algum emprego, e d'aquela no principio de todas as suas obras. A empreza será a ave fenix, fitando os olhos no sol, e com esta letra *multiplicabo dies*, reprezentando-se varias aves da America e da Europa em seguimento do fenix, com as seguintes palavras de Claudiano:

« Conveniunt aquilæ, cunctœque ex orbe volucres,
« Ut solis connitentur avem...»

55. O selo reprezentará o mesmo fenix abrazando-se em chammas com esta letra *ut vivam*, e na circunferencia este titulo—Academ. Brazil. dos Renascid.—e servirá de chanceler da Academia quem servir de secretario.

56. Intitular-se-á Academia Brazilica dos Academicos Renascidos, para escrever a Historia Universal da America Portugueza. Elegerá tambem padroeiro, protector, e Meconas.

§ XVII

PADROEIRA

57. Será padroeira da Academia Nossa Senhora da Conceição, que tambem o é do reino. Na primeira conferencia publica jurarão os academicos defender a verdade da immaculada conceição da Virgem Mãi de Deus, e o mesmo farão os que entrarem de novo, antes de tomarem posse, e o repetirão os que fôrem eleitos para os primeiros empregos. No sabado, vespera do dia, em que a igreja celebra o patrocinio da mesma senhora, haverá de tarde conferencia academica, e recitará um dos censores um discurso panegirico á sua immaculada conceição, implorando a sua proteção para que ilustre o entendimento dos academicos para o acerto e duração d'este congresso. No mesmo dia devem ir os academicos assistir á missa da mesma Senhora, que hão de oficiar alguns dos socios na igreja do convento do Carmo, a cujos doutos e politicos religiozos deve a

Academia o terem oferecido uma caza mui propria e decente para se fazerem as conferencias academicas, emquanto este congresso não tiver caza propria.

§ XVIII

PROTECTOR

58. Elege a Academia para seu protector ao muito alto e muito poderozo rei D. Jozé, nosso senhor, o pai da patria, a quem se dedica este utilissimo estabelecimento ; e no cazo de S. M. F. ter a piedade de aceitar este humilde, mas sincero obzequio, se intitulará d'ahi por diante esta Academia *Real* e mandará partir em pala o escudo do selo, juntando as armas reaes á diviza, que para elle elegeu, e na orla esta letra—Acad. Reg. Histor. Brazil. Soterop. 1759.

§ XIX

59. A mesma Academia elege para seu Mecenas ao Illmo. e Exmo. secretario d'estado Sebastião Jozé de Carvalho Mello, do conselho de S. M. F. e academico do numero da Academia da Historia Portugueza, que é o mais ilustre fautor das artes e das sciencias, e do bem commun d'esta monarchia. No dia 13 de Maio, em que faz annos este grande ministro, se abrirá a conferencia academica com um discurso em seu obzequio, que ha de recitar um dos censores.

60. No mesmo dia (que foi o primeiro em que principiou a tratar-se da idéa d'este util estabelecimento literario) se procederá á eleição na fórma do § III d'estes estatutos.

§ XX.

61. A Academia em uma junta particular de 2 do corrente aprovou estes estatutos por votos conformes ; e os Snrs. director e censores os mandarão executar interinamente, com declaração porem que antes de se mandar á côrte e á prezença de S. M. os devem examinar todos os

socios com muita pureza, para se acrescentar ou diminuir o que parecer justo e decente.

Bahia na conferencia publica de 6 de Junho de 1759.

O Dr. Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, director. João Borges de Barros, 1° censor. Fr. Ignacio de Sá Nazareth, 2° censor. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, 3° censor. João Ferreira de Betencourt Sá, 4° censor.

Foram publicados na dita conferencia.

Antonio Gomes Ferrão Castelbranco, secretario e chanceler da mesma Academia.

§ XXI

ADIÇÃO AOS ESTATUTOS

62. Na conferencia de 21 de Julho, em que por queixa grave, que experimentou o director Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, que se achava sangrado, servio de vice-director o 1°. censor João Borges de Barros, se assentou, que se devia pedir a S. Magestade a confirmação dos estatutos, na fórma que se mandárão publicar na primeira conferencia publica de 6 de Junho, e igualmente os paragrafos seguintes, que por todos os votos, a que se mandou proceder por escrutinio se rezolveu, que se devia acrescentar na fórma do § XX n. 61.

§ XXII

63. Considerando todo o congresso academico o publico interesse da sua dezejada conservação, e que esta sómente se podia estabelecer na duração do seu actual director Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, que como mais instruido nas mais publicas e famozas academias da Europa tem dado o ser á nova Academia Brazilica dos Renascidos, animando com o estudiozo exemplo da sua infatigavel aplicação ao bem aplicado exercicio dos seus colegas, propoz o vice-director João Borges de Barros a todo o congresso, que o meio mais proporcionado para a

conservação da mesma Academia consistia em ser o mesmo Jozé Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello director perpetuo d'esta Academia; porque pela obrigação d'este emprego saberia em qualquer parte, que assistisse, concorrer e afervorar a todos para a glorioza continuação dos progressos academicos, como quem sabe avaliar o proveito e a gloria d'esses estudos: mandando proceder a votos por escrutinio com todos votos brancos, faltando sómente dous, sahio eleito por director perpetuo, e só por seu falecimento se executará o determinado no § III n. 15, e com sua auzencia servirá de vice-director o 1°. censor em execução do § V. n. 21. Porem auzentando-se de todo do Brazil, se fará sempre um vice-director, com os mesmos poderes, alem dos quatro censores, e tudo que se rezolver na Academia se ha de participar ao director perpetuo, ou esteja na America, ou na Europa.

§ XXIII

64. Dezejando a mesma Academia fazer-se util á Patria, quanto lhe for possivel, e compondo-se hoje de socios muito eruditos, e versados em todas as faculdades, se oferece a responder a todas as duvidas, que a ella quizer ir propôr qualquer pessoa, e em qualquer materia, ou pessoalmente na fórma do § XIII n. 51, ou por escrito, sendo assinada a carta por pessoa conhecida, porque não se admitirão cartas anonimas, fazendo-se d'ellas o pouco cazo que merecem.

§ XXIV

65. Os academicos moradores na Europa serão obrigados a escrever todos os annos á Academia com as contas dos seus estudos, e dando-lhe noticia dos empregos, que novamente tiverem, e dos lugares em que assistem, e o mesmo farão os academicos auzentes da Bahia, e moradores na America, ao menos de trez em trez mezes, advertindo tudo o que parecer util á Academia.

§ XXV

E assim determinou a meza censoria se executassem estas leis academicas, que não poderão mudar-se debaixo de algum pretexto qualquer que elle seja, por estarem afectas a el-rei, nosso senhor, a quem se dá conta, pedindo-lhe a Academia a confirmação, e querendo se alterar em parte ou em todo, directa ou indirectamente se não poderá fazer sem ordem de S. M. F., nosso augusto protector.

Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos em conferencia de 21 de Julho de 1759.

João Borges de Barros, 1° censor, e vice-director. Fr. Ignacio de Sá Nazareth, 2° censor. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, 3° censor. João Ferreira de Betencourt Sá, 4° censor.

Antonio de Oliveira, pro-secretario e pro-chanceler da Academia.

SEGUIÃO-SE

Catalogo alfabetico dos academicos do numero (40)
31 de Julho de 1759.

Catalogo alfabetico dos academicos supranumerarios. Contão-se 76, entre elles, em Portugal, o dezembargador João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, o dezembargador Ignacio Barboza Machado, o dezembargador Jozé de Seabra da Silva, o Dr. Antonio Bernardo de Almeida, e outros igualmente distintos pelo seu saber; e até na Espanha D. Agostinho de Montiano, D. Fernando de Velasco, D. João Manoel de Santander e D. Miguel de Mina, todos com altas dignidades n'aquelle reino, e socios da Real Academia da Historia das Espanhas, etc., etc.

DISCURSO

EM QUE SE MOSTRA O FIM PARA QUE FOI ESTABELECIDA

A

SOCIEDADE LITERARIA DO RIO DE JANEIRO

celebrando a mesma o seu anniversario em memoria do

SR. REI D. JOZÉ I

o restaurador das letras em Portugal, a 6 de Junho de 1787.

> Tolimus ingentes animos et maxima parvo tempore molimur.
>
> SENEC.

> Officia humanitatis in eo consistunt, quod quilibet teneatur operam dare, ut publico prosit.
>
> Heinec. De Officio Hominis et Civis, lib. 1 cap. 8 § 2.

A sorte, que bem apezar da minha indignidade, me conferio o emprego de prezidente d'esta sociedade, me constitue ainda agora na obrigação de vos fazer ver o fim de um tão louvavel estabelecimento; a constante experiencia de muitos seculos tem mostrado, que é do seio das academias e sociedades literarias, que têem sahido os maiores progressos e rezultado o maior adiantamento das sciencias; sendo estas uns dos mais inestimaveis tezouros dos reinos e dos imperios, e compondo os vassalos sabios a principal porção da gloria das monarchias, quem duvida serem ellas tambem os mais dignos objetos da atenção dos grandes principes?

A sabia providencia, com que o amabilissimo monarca,

de quem saudozamente recordamos a memoria, fez praticar uma perfeita reforma nos estudos, claramente manifesta aos olhos de todos a proteção e a colhimento, que as letras lhe merecião, sua augusta filha, que felizmente reina, a exemplo de um tal pai, como poderia ser tão virtuoza quanto todos a reconhecem, si o seu real animo não fôsse excitado do amor das sciencias?

Ora é no seculo prezente, que se tem comprehendido bem todo o preço das luzes e conhecimentos de tão uteis institutos, o que reconhecendo a nossa soberana fundou e protege a Real Academia das Sciencias de Lisbôa. E na verdade, Srs., que nada mais interessante ao homem que conhecer os corpos, que os cercão, que obrão incessantemente sobre elle, os deveres que lhe impõe o estado da sociedade, para o qual nasceu, o reconhecimento e sugeição, que elle deve ao autor de seu ser e conservação: si o homem é culpado as mais das vezes o é por que lhe faltão as luzes necessarias, porque não poz a diligencia, que devêra pôr em instruir-se do que mais lhe importa saber, d'onde vem, que elle desconhece as vantagens, que estão ligadas ao cumprimento de suas obrigações. Que outro objeto pois poderião ter em vista espiritos, que se alimentão do bem da humanidade, que não fôsse a utilidade publica e a sua propria instrução?

Não podeis duvidar, Srs., que os homens serão tanto mais uteis aos seus similhantes quanto mais exactos em suas obrigações fôrem; para o que é precizo, que sejão instruidos n'ellas e aclarados. Ora que horrores não têem dezaparecido da face da terra, á proporção que a ignorancia se tem desterrado d'ella, e que a luz das sciencias tem vindo aclaral-a, bem como os fantasmas da noite se dissipão á chegada dos primeiros raios do sol!

O homem nasce com paixões, que o alucinão, e necessita de luzes, que o possão conduzir; nasce ignorante e necessita instruir-se. Não é precizo lançar os olhos para as nações cultas, basta ver a diferença entre os particulares, e notar ainda por outro lado as grandes vantagens, que se tem seguido da cultura das artes, e da aplicação ás sciencia; fazei d'isto uma comparação a nosso respeito, e claramente vereis, que o fim a que esta sabia corporação se propôz,

não foi nem podia ser outro senão a instrução em suas obrigações, de que rezulta a publica utilidade; estes fôrão os justos motivos do seu estabelecimento, e estes serão sempre o movel de suas fadigas literarias. Não de outra sorte emprehenderei em formar seu elogio do que fazendo-vos um summario das interessantes materias, que se têem tratado no breve espaço de menos de um anno; n'elle vereis com quanto desvelo se tem trabalhado, que fruto se tem tirado, quanto o zelo do bem publico, e o ardente dezejo do seu adiantamento a têem animado: é a maior prova, que eu posso alegar em seu abono; atendei.

Primeiramente dezejando antes de tudo sacrificar as primissas do nosso trabalho ao maior bem da humanidade, que é a vida, e á conservação da saude, o maior bem da mesma vida, se projetou tratar das epidemias e molestias endemicas do paiz como objeto da primeira necessidade. Para este fim se elegeu e tomou por modelo a recommendavel obra das observações de Caligorne sobre as molestias epidemicas e endemicas da ilha de Minorca, porém como esta se acha só na lingua ingleza, foi necessario proceder á sua tradução, e se acha vertida em portuguez a primeira parte, e esperamos brevemente se complete a segunda; entre tanto se delineou e emprehendeu a descrição fizica e economica, ou a historia natural e politica do nosso paiz: que multiplicidade de objetos não envolve uma similhante obra!

Situação geografica do clima, demarcação e limites do terreno, cuja historia se emprehende, aguas, mar, rios, diversidade de fontes, descrição astronomica de meteoros, temperatura da atmosfera, variedade de estações, observações medicas reguladas pela meteorologia, pelo que respeita ás agudas pelo menos ás estacionarias; descrição dos trez reinos da natureza, etc. Vê-se bem, que tempo é necessario para similhante empreza, e isto emquanto á descrição fizica. Pelo que diz respeito á economica não é menos intrincado o labirinto, que se oferece: historia da povoação, serie dos governadores, dos tribunaes, do governo politico, suas leis, uzos, e costumes; agricultura, commercio, letras, e armas, etc.: pelo que distribuirão-se as materias para mais

dilatado tempo, qual exige uma obra d'esta natureza; vede porém as memorias, que fizerão grande parte das sessões de cada noite.

Leu-se na de 30 de Novembro do anno passado uma memoria sobre o eclipse total da lua, que depois se verificou a 3 de Fevereiro do prezente anno, notado por meio de um exacto e miudo calculo feito pelo nosso meridiano, e dezenhado com toda a circunspecção, mostrando os diversos aspectos da lua nos diferentes tempos do eclipse, principio e fim da total e parcial escuridão, principio, meio, e fim do eclipse, semi-diametro da lua, movimento horario, sua latitude, sua paralaxe, e mil outras miudezas, que por brevidade omito, mas que confirmão o bem merecido conceito de uma tal sciencia, e d'esses professores, que fazem honra a esta sociedade: tudo depois se realizou no tempo prefixo. Passadas as ferias de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, se leu outra, em que se dava conta do que havião observado no tempo do eclipse, com que atenção, e com que miudeza é notada a obscuridão ou aparição até das mais minimas fazes d'este planeta, de sorte que se lhe póde com muita razão aplicar aquele facto, ou principio — quam multa vident pictores in umbris, quæ nos non videmus, quam multa quæ nos fugiunt in cantu, exaudiunt in genere exercitati.

Realça o seu merecimento serem feitas estas observações em paiz, onde nunca se havião feito, ou si as houve, jazem sepultadas no esquecimento; e o que mais é ficar por este meio determinada a verdadeira longitude do Rio de Janeiro, até aqui duvidoza. Que precioza vantagem para as nações, que aqui tiverem de aportar, e de que admiração misturada de confuzão lhe não será ver vencida esta dificuldade, e achada defeituoza a que fez o abade de Lacaille no anno de 1751, como nota a mesma memoria, e isto não menos de que um membro da Academia Real das Sciencias de Pariz, vindo a esta capital com precizas ordens e recommendações a este respeito, terá de emendar no seu livro do movimento dos astros, que todos os annos publicão, não só o defeito, como a marca, que denota ser feita e determinada por astronomo e socio seu. Não parando aqui a vantagem,

que rezulta de taes observações, até nos póde servir de conhecer a longitude do Rio-grande, Mato-grosso e Pará, como nota ainda a mesma memoria. Vêde quanta utilidade!

Foi n'este mesmo tempo produzida outra memoria sobre as fricções, meio, ainda que simples, eficaz em muitas circunstancias. Seu autor depois de haver exposto, que ellas são um remedio recommendado por Hipocrates e praticado pelos mais celebres medicos da antiguidade, lembra judiciozamente, que da sua simplicidade provenha talvez o esquecimento, em que se achão da nossa pratica: Procedendo com metodo e bôa critica, dá a sua definição, faz as suas diferenças, alega muitas e bôas autoridades, e nos dá um grande numero de observações, que confirmão seu sucesso; aponta as diferentes circunstancias, em que convem explicar o seu mecanismo, e a melhor fórma de as praticar; mostra quanto são uteis nos paizes humidos, nos tempos nebulados e chuvozos, em lugares pantanozos, em sujeitos de fibra froixa, e n'aqueles em em que uma languida circulação preciza meter-se em movimento, para suprir ainda mesmo o defeito de um ar insalubre, e remediar as digestões defeituozas, e outras muitas utilidades; passa depois a indicar o fruto, que do seu uzo podia rezultar aos habitantes d'esta cidade, e conclue apontando as cautelas, com que se devem aconselhar: de um tão simples remedio se não podia dizer mais nem melhor.

Forão mais produzidas duas memorias a 22 de Março do prezente anno, uma sobre o calor da terra fizicamente considerado, e outra sobre o fogo central.

Na primeira, depois de se haver ponderado a propagação do calor por meio das leis da refração e reflexão dos raios do sol, segundo a ação fizica, tudo explicado e notado em tal fórma, que dá bem a conhecer os profundos estudos, que d'esta sciencia tem feito o seu autor: passa-se a dar conta das observações meteorologicas feitas no mez de Fevereiro por espaço de seis annos sucessivos, em que mostra por calculo evidente ser este o mez de maior calor no nosso paiz, ha seis annos a esta parte, e haver-se aumentado este sucessivamente (á excepção do anno de 1784, em que houve de diferença para menos 23 a 24 gráos) as chuvas, as

trovoadas e a evaporação, tudo circumstanciado com a mais cuidadoza atenção e miudeza, rematando com sábias reflexões sobre os efeitos do calor nos corpos humanos.

Na outra do fogo central, o seu autor, depois de haver referido as diferentes opiniões, que ha a este respeito, produz algumas razões, que o obrigão a não assentir á de Mr. de Buffon sobre a formação do universo; pelo que sendo este um ponto ainda indecizo na fizica, prudentemente conclue a sua memoria, contentando-se com a gloria de entrar n'esta indagação, e indicando as grandes dificuldades, que ha para a decidir.

Entrando mais a sociedade no util projeto de analizar as aguas da Carioca para, pelos seus conteúdos, conhecer a sua salubridade, e os danos, que poderião rezultar do seu uzo aos habitantes d'esta cidade, e necessitando para este fim de instrumentos, sábia e advertidamente se produzio uma memoria, na qual se mostrão as condições do areometro ou peza-licôr, as cautelas que se devem ter com este instrumento, para serem exactas as observações, que com elle se houverem de fazer. Admirai a prudencia e sagacidade de similhante lembrança, e com que zêlo se procura achar a verdade n'esta sábia corporação; ahi na mesma memoria se acha estampado o dito instrumento com aquela fabrica e configuração, que só o constituem fiel ás abservações para que é construido segundo as leis dos fluidos.

Alguns dos socios se empregão em experimentos analiticos sobre um tão grande objeto, de que rezultárão duas excelentes memorias, em uma das quaes o seu autor, havendo já produzido um pequeno discurso sobre a analize por meio dos sentidos, que por então lhe pareceu suficiente para poder concluir a respeito da agua commun, guardando talvez a maior cópia de experimentos para a analize das aguas mineraes, reflectindo comtudo na pouca certeza d'aqueles que se abalanção a novas experiencias, as quaes expende na dita memoria. Com que paciencia não executou um trabalho tão digno de louvor, sem lhe servir de embaraço o seu laboriozo e ocupado ministerio! Vêde a nobre emulação a quanto anima os espiritos desejozos de conseguir a verdade!

Na outra sobre este mesmo assunto, se produzem muitos

e diversos experimentos feitos em diferentes tempos, pela evaporação e adição de varias misturas, tudo executado com metodo e escrupulo tal, que a mim me fez lembrar o dito do abade Resnel, no summario do 4°. canto do Ensaio sobre a critica de Pope—prezunção caracter dos baixos engenhos, desconfiança de si mesmo caracter dos elevados.

Já se vê, que é a segunda parte, que eu aplico ao autor da memoria; elle assim timida e prudentemente não ouza dar as suas experiencias por concludentes e se rezerva para maiores indagações.

Outra mais foi dada pelo mesmo sobre o metodo de fazer a tinta do urucú, em que, depois de haver feito alguma reflexão sobre a utilidade, que as Americas francezas têem tirado da cultura d'esta semente, descreve a arvore, que a produz, segundo o sistema de Lineo e Adamson, e se emprega no dito metodo com a maior perfeição possivel.

Duas mais houve, em que se examina com miudeza e põe-se em toda a evidencia os danos ou proveitos, que do uzo da aguardente e licores espirituozos se podem seguir aos habitantes d'esta capital, e quaes meios são os mais eficazes e apropriados para combater as molestias, que podem vir em consequencia do seu uzo; faz-se vêr primeiramente o que a chimica tem mostrado a respeito dos licores, que padecem a formentação espirituoza, pondera-se a doutrina mais geral e a linguagem mais commun de todos os medicos sobre os efeitos de similhantes bebidas, notão-se as molestias, que se tem observado trazerem a sua origem de similhante cauza, indicão-se os remedios, e dezejando, si fôsse possivel, prevenir os abuzos de taes bebidas, se faz ainda vêr a modificação, com que se podem uzar nas diferentes circunstancias, e relativamente aos climas de entre os tropicos.

Não pretendo cansar mais a vossa paciencia; no que tenho exposto podeis bem vêr as esperanças, que devemos conceber para o futuro. Quem póde melhor empregar os seus talentos do que em compozições, que possão utilizar á humanidade? Um seculo tão aclarado e um tão justo e prudente governo a quantos trabalhos literarios estão convidando !

Tempo virá, em que estes fragmentos, que agora se achão divididos, se ajuntem e unão em um corpo regular: muitas verdades separadas, quando ellas vêem a ser em grande numero, oferecem vivamente ao espirito as suas correlações e a sua mutua dependencia. O espirito, que reina no interior d'esta sociedade é um amor sincero pela verdade; entramos n'esta empreza, porque se nos reprezentou a mais conducente ao objeto, que nos excitava, e com gosto será recebido todo o bom cidadão amante das letras, a quem acompanharem os mesmos sentimentos.

A sociedade conserva a porta aberta para receber todo o bom patriota, que se empregar por meio da cultura das sciencias e das artes em ser util á humanidade: sim, amados companheiros, redobrai vossas fadigas, e si não bastão as vossas diligencias, pedi no emtanto se faça justiça ás vossas intenções; o vosso zêlo pela felicidade publica é puro e sincero; ao céo agrade, que os nossos esforços nos fação dignos das benções, que nos prometem o feliz reinado de Sua Magestade, que Deus conserve por muitos annos, e o sabio e prudente governo de quem entre nós faz as suas vezes, e que nos monumentos, que annunciarem aos vindouros os factos do prezente seculo, tenha tambem seu lugar a Sociedade literaria do Rio de Janeiro.

Disse.

O socio prezidente, *Joaquim Jozé de Atahide.*

DESCRIÇÃO PRIMEIRA

EM A QUAL

SE TRATAM OS CAZOS MEMORAVEIS

ACONTECIDOS

N'esta villa de Cananéa, desde sua creação

ATÉ

31 DE DEZEMBRO DE 1787

Não sendo impossivel repetir cazos acontecidos, se faz dificultozo retratar sucessos já sepultados no esquecimento da lembrança. Não póde a diligencia de um rustico sem arte levantar estatuas, que bem reprezentem as similhanças divinas. Não póde o retrato ser bem similhante ao retratado, quando, longe do aspecto, só por noticia foi assim debuxado. Porem como a obrigação é mais poderoza que a propria vontade, esta obriga a um sem arte repetir acontecimentos contados e não vistos, tirados da sepultura dos mortos para a prezença dos vivos, trazidos do esquecimento do passado, para lembrança dos vindouros.

Quem ha que diga, que desde o tempo da creação d'esta villa até o prezente não acontecêrão cazos dignos de lembrança ? Argumento certo é, que estes assim ficárão esquecidos, ou por negligencia dos primeiros habitantes, que os não estampárão nas suas escrituras, porque a elles faltou uma propria, ou mandada advertencia, ou porque entre elles, desde aqueles primeiros annos da sua creação até hoje, não houvesse escritor algum, que, tomando esta empreza como curiozo historiador, quizesse fazer memoravel seu nome na lembrança dos vindouros, mostrando por descrição tudo quanto hoje, ou por curiozidade, ou

por mandado, póde ser procurado a respeito da creação, e continuação d'esta dita villa e dos cazos n'ella acontecidos.

Esta tão curioza noticia, como importante e necessaria, se faz hoje novamente resurgida do antigo letargo, que a oprimia, tornando assim para a nova lembrança, só por força do imperiozo assenso da Rainha, nossa senhora, Dona Maria Primeira, que por seu decreto mandou a diligencia d'esta inquirição, e descrição.

Para esta execução, que teve principio em 9 de Julho do sobredito anno na correição do zelozo ministro, e nosso corregedor o Doutor Francisco Leandro Toledo Rendon, natural da cidade capital de São-Paulo, eu Luiz Antonio de Freitas, natural d'esta villa de Cananéa, e por bem da ordenação da Magestade e confirmação do dito seu ministro, vereador mais moço, e por isso o terceiro d'esta camara, a quem assim pela dita obrigação, como por recommendação do dito ministro, foi determinada a dita diligencia, e não achando suprimento algum de escrita por minha inquirição, e por isso rastejando poucas, e quazi extintas tradições de noticiozos velhos, fui ter até o dito principio, onde oprimida da mesma idade se achava sem forças para sahir a publico aquela verdade, que hoje se requer a respeito dacreação, e continuação d'esta villa, edos seus acontecidos cazos.

A qual verdade, resurgindo mais porforça das minhas instancias, do que por propria vontade, do mesmo modo em que se acha, e sem ornato algum, sae e marcha, aprezentando-se na seguinte fórma, mais para a obediencia, do que para a complacencia.

A primeira noticia, que n'esta descrição deve entrar, como a fundamental d'esta villa, é a mesma fundação d'ella, a qual dizem é mais antiga do que as duas vizinhas villas de Iguápe, e Parnaguá, e que teve seu principio no anno mais ou menos de 1587, da qual idade se colhe ter esta até o prezente 200 annos de creação. Assim testimunhão um assento declaratorio, que se acha em um dos livros da igreja matriz d'esta villa, e uma confirmação de carta de sesmaria passada no anno de 1618, em correição de um ministro corregedor enviado do conde donatario da villa de São-Vicente, que então era cabeça de comarca, a qual carta

se acha em poder do capitão-mór d'esta villa Leandro de Freitas Sobral.

N'esta numerada idade de 200 annos até este tempo tenho achado, que muitos annos, que comprehendem o dito numero, não deixaram de si lembrança de feito algum memoravel: esta seja a cauza bastante para os deixar no mesmo silencio; e somente repetirei aqueles, que, tendo perdido o seu curso, não perdêrão sua lembrança por cauza de acontecimentos.

Não consta certeza alguma a respeito de seu primeiro explorador, porem por estimação se julga, que do sobrenome do dito, qualquer que elle foi, tomou esta villa o nome de Cananéa.

Este logar até então não foi habitado de outra nação, nem ainda dos naturaes gentios.

Assim se julga, porque n'elle se não achão vestigios alguns, que mostrem habitação primeira, e diferente da nossa; para testimunha d'esta estimada verdade se acha prezente uma cruz feita de pedra, e cravada na fenda de outra pedra, que está sobranceira ao mar de um pontal tambem de pedras, que está da parte do vento sul da barra d'esta villa: quem esta cruz levantou não se sabe, nem por escrita, porque n'ella não ha alguma, nem por noticia, porque não ha quem a possa dar.

A respeito do fundador d'esta villa achei alguns, que dizem, que ainda alcançárão, e virão n'esta igreja matriz uma campa de madeira, e n'ella esculpido o epitafio seguinte: « Sepultura do capitão Tristão de Oliveira Lobo, por mercê da Magestade, fundador e director regente d'esta villa de Cananéa. » Porem não acordão na lembrança da idade n'ella assinada, e disserão mais ter ouvido, que elle era natural de Portugal.

Conta-se, que era esta habitada de poucos, e pobres moradores, parte naturaes d'este Brazil, e parte vindouros das ilhas dos Açôres. Não se sabe, si foram povoadores voluntarios, ou obrigados; o que consta é, que entre elles não houverão facinorozos, que por taes fôssem determinados para este lugar.

A sua fama mais publica é, que erão mui amantes da paz; que guardavão a costamada obediencia; que erão prontos

aos seus supremos mandados; que, por cuja concordia entre elles tão venerada, vivião izentos da vingaça e castigo da justiça; que erão pobres de pozições, e por isso não erão participantes da afluencia de dinheiro, porem erão riquissimos da muita abundancia, que este lugar então lhes oferecia do seu mar os peixes, e dos seus matos as caças; que lhes não faltavão o seu necessario, porque cultivando a terra com suas lavouras, e exercitando o mar em suas pescarias, assim bem se sustentavão, e dos seus sôbros negociavão; cujo negocio fazião elles com alguma embarcação, que por cauza dos ditos generos aqui lhes vinha oferecer assim dinheiro, como tambem outros generos a elles necessarios.

Não erão frequentados de amiudado commercio, parecião mais deixados, e esquecidos do que lembrados; porque n'este tempo não davão de si interesses de mercancia; porem assim mesmo vivião fartos no seu bastante, e descansados no seu descanso.

D'aqueles primeiros annos da creação d'esta villa sae a lembrança da infausta morte de um religiozo franciscano, que estava servindo de paroco: do seu nome não ha certeza; conta-se, que tendo-se este recolhido de noite a dormir, e deitando-se na sua cama, deixára uma vela aceza grudada sobre um dos braços do leito, e que esta ou pegasse fogo na madeira, ou cahisse sobre a cama, assim ateou seu lume de tal sorte, que queimou ao dito religiozo, que ou dormia com profundo sono, ou estava amortecido de algum sintoma; e que acordando dera vozes pedindo socorro; a cujas vozes acudindo poucos vizinhos, que se achavão na povoação, arrombarão a porta da caza, e o livrárão do incendio, e não da morte, que por esta causa lhe sobreveio no terceiro dia.

Depois de 50 annos mais ou menos da creação d'esta villa, que ja se contava o anno de 1637, se descobrio no certão da sua terra firme minas de ouro, em aqueles dous ribeirões, que hoje vulgarmente se apelidão Cadiado, e Cintra. O Cadiado, dizem, assim se intitula, porque fôrão achados n'elle duas folhetas de ouro em tal fórma, que ambas fazião a similhança de um cadeado. O Cintra assim se apelida, tendo tomado o nome do sobre-nome do seu descobridor,

que se chamava Francisco de Cintra; de cuja naturalidade não ha certeza.

Das quaes minas não uzárão n'aquele tempo aqueles habitadores, ou por faltas de cubiça, ou de inteligencia, ou porque as suas lavouras lhes erão de mais conveniencia, que o proprio ouro, o qual não tinha o estimado preço, que hoje tem; porque então se vendia cada uma oitava por preço de oito tostões. E por esta cauza estiverão ellas muitos annos dezertas, e perdidas do conhecimento de todos, e só erão certas por suas noticias.

Do anno de 1684 sae a memoria de um bispo, cujo nome era D. Jozé de Barros de Alarcão; e que este, vindo de vizita por esta marinha ligeiramente sem mais ostentação que a companhia de dous criados, vizitou esta igreja matriz, e n'ella crismou aos freguezes.

Do anno de 1687 sae a lembrança de uma pestia tão activa, e mortifera, que, não dando tempo para experimentar remedios, repentinamente matava: sua cauza erão dôres no estomago; esta deu fim a familias inteiras n'esta povoação. A esta pestia derão o nome de pestia da bixa, porque, dada aos enfermos a bebida de cozimento da erva de bixo, aconteceu alguns em vomito, ou em evacuação lançarem um bixo cabeludo da grandeza e similhança de lagarta de orta; os quaes enfermos nem ainda assim escapavão todos da morte.

Do anno de 1691 sae a noticia de uma lanxa, e um bergantim da nação franceza, ou seria de piratas.

Diz a noticia, que, tendo o dito bergantim ficado na ilha d'esta barra, vierão na dita lanxa uns homens tão desconhecidos, como não entendidos na linguagem, e que por elles falando um, que dizia ser portuguez, dice, que aqueles erão francezes, que navegavão para suas Indias, e que vierão a este porto em procura de refresco: e que na verdade aqui comprarão mantimento, pagando-o com pano de linho, e bertanha, cuja medida era uma braça estimada por vara e da fazenda de côres um braço por covado: que aqui estiverão tres dias; que nas suas comidas, e bebidas não erão mesquinhos; convidavão para ellas a estes naturaes, mostrando caricias a todos: e que levárão sacos de frutas de limão, dizendo que era para tempero de bebidas.

Do anno de 1692 sae a recordação da viagem de alguns naturaes d'esta villa, que caminhárão para as minas geraes, que já então principiavão a espalhar de si fama, e certeza da abundancia de seu ouro.

Do anno de 1709 sae a profecia de um gentio já velho, natural do certão, porem domestico e catolico, profetizando a factura de uma náo; conta-se, que este, como agourando, muitas vezes dizia : Uma náo se fará e n'ella sinos se tangeráõ: missa cantada n'ella haverá, que muita gente a ouvirá.

E que entre este seu dizer mostrava o lugar, que havia servir de seu estaleiro; dizendo mais que os mestres para ella havião de vir do Rio de Janeiro; e assim mais apontando para o monte fronteiro ao seu pronosticado estaleiro, o qual vulgarmente se apelida monte de Itapitanguî, isto é, monte de pedraria, dizia — Ó tu cabeça de pedra, barriga de ouro, tempo virá, que por teu ouro destripado serás.

Do anno de 1711 sae a certeza da profetizada náo; este foi o anno, no qual chegárão os construtores para a dita náo, sendo enviados do Rio de Janeiro; seu estaleiro foi o mesmo profetizado lugar, o qual inda hoje se apelida Estaleiro da náo; juntarão-se jornaleiros para o serviço, e trabalho d'ella; trabalhou-se na sua construção um anno; havia pagamento na semana com dinheiro, e fazenda; não houve n' aquele ajuntamento infelicidade mais sentida, do que morrerem afogados o contra mestre do aparelhamento, e o piloto, que passavão da passagem da terra firme para a sua banda, na condução de seus mastareos. Esta, julgo, foi a primeira obra naval aqui fabricada. Acabou-se a náo, repicarão-se sinos, celebrou-se missa cantada, lançou-se ao mar com felicidade, e com ella se navegou até Lisbôa, onde n'aquella côrte por sua naturalidade teve o nome de náo Cananéa.

Então se admirou tanto o dizer d'aquele gentio, que até hoje, com esperança do mais, se conserva por tradição.

Do anno de 1714 sae a narração do milagrozo sucesso do naufragio do Reverendo João de Eiró. Estando esta igreja vaga de paroco, lançou o mar das suas ondas nas praias do nórte da barra d'esta villa ao Reverendo padre João de Eiró, clerigo secular, e natural da villa de Chaves.

Passava este n'aquelle tempo passageiro da cidade da Bahia para a praça da Colonia, e por cauza dos ventos, ou ignorancia do piloto, inclinando-se a embarcação aos mares d'esta costa, e cavalgando de noite sobre os baixos do dito pontal, na estimação de uma legua, ahi teve naufragio; do qual escapárão elle, e um religiozo franciscano, e um companheiro da dita embarcação; o religiozo em sua taboa, e o dito sacerdote, e o companheiro da sumaca montados em um tombadilho, nadando toda aquela noite, e cantando a ladainha de Nossa Senhora, amanhecêrão encalhados na praia d'este pontal, terra por elles desconhecida, e por isso julgada por dezerta, ou habitada por gentio.

Temerozos elles entre este seu cuidar, forão logo colhidos, e bem tratados de um honrado morador do dito pontal, chamado elle Antonio de Amaral Vasconcelos, natural de Portugal. Em gratificação de cuja hospedagem cazou-se o secular n'aquella familia; e o Reverendo, reconhecendo a sua vida obrigada ao milagre do santo padroeiro d'esta villa, lhe tributou obediencia de vigario de sua igreja. Isto contava o mesmo Reverendo, que na verdade aqui morreu, depois de muitos annos colado.

Do anno de 1725 sae a repetição das dezertas minas de ouro d'esta villa. A estas quazi perdidas minas, tornou a descobrir o sargento-mór Antonio de Freitas Sobral, natural d'esta mesma villa, tendo então voltado instruido mineiro das minas geraes; o seu guia, como noticiozo d'ellas, foi um Manoel da Mota, tambem natural d'esta: e n'estas minas não só o dito sargento-mór, mas tambem outros muitos exercitárão a extração do seu ouro por muitos annos.

Do anno de 1730 sae a profecia de um peregrino passageiro: conta-se, que este era portuguez, porém que não dizia a sua naturalidade; que era homem de bôa idade e de vida exemplar no quanto mostrava; de seu nome não ha certeza; seus ditos erão alegoricos e cheios de enigma: este, muitas vezes olhando para o nosso monte Itapitangui, como prognosticando, dizia o seguinte: Fronteiro ao colegio está SãoBento, e debaixo das escadas do colegio estão setecentos mil quintaes de ouro, que no vindouro por este povo repartidos serão.

Dizia mais: Oh monte, e grande monte! de teu centro, sendo minado, sahirá de ouro outro monte: ao teu ouro grande fom adiantará, e n'ella por sete annos estendida, pouco de vida haverá. Teu descobridor um João, pobre será. Ai d'elle, que por premio morte terá.

Conta-se mais, que este dezaparecendo d'esta villa, fôra surgir na praça de Santa Catharina, onde na dita praça, atribuido vadio, foi obrigado no trabalho de uma das fortalezas, e que ali em uma manhan fôra achado morto com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao alto.

Nas derrotas d'este dito monte, sendo eu rapaz, acompanhei a meu pai o sargento-mór Antonio de Freitas Sobral, que por duas vezes seguio o dito prognostico do ouro, procurando sua fortuna; porem, entrando assim rico dos taes prognosticos, sahio pobre do prognosticado.

Do anno de 1733 sae a morte de um monstro marinho. Este monstro primeiramente foi visto por vezes, ao calor do sol, em uma praia do mar ocidental d'esta villa; e d'ali retirando-se, fez pouzada em um pôço do um rio, que no dito mar se infunde, v rtendo do monte de Itapitangui, onde, em cuja ribanceira, que lhe servia de soalheiro, foi morto com bala despedida por tiro de bacamarte, com industrioza cilada de um destro caçador chamado Pedro Tavares.

Este, e os mais vizinhos, que virão o dito monstro, o debuxavão na fórma seguinte dizendo: Tinha o monstro cabeça e corpo de touro; de comprimento 13 pés e 9 de grossura; pescoço levantado de 3 palmos de comprido e 5 de grosso, a circulado com uma ordem de glandulas encarnadas; de does palmos e meio de vizeira, e de palmo e meio de testa, e essa trunfada de crinas crespas e inclinadas sobre a moleira; suas orelhas erão escarlates e de um palmo de alto, e imitantes á do homem; no lugar dos cornos tinha um levantado calo duro e negro, como pimpolho de cada um corno que lhe havia de crescer; os olhos erão redondos com as meninas pretas e a circunferencia encarnada; suas ventas abertas do tamanho de um punho; boca rasgada; beiços grossos e rubicundos; as queixadas com poucas barbas, grossas e duras; uma ordem de dentes, e estes largos, unidos e cortantes; lingua redonda; braços e pernas de trez palmos de

comprido e pouco menos de largo; seus cinco dedos erão de meio palmo de comprido; suas unhas erão negras, grossas e quadradas; sua cauda, sendo de trez palmos de comprido, acabava em duas pontas abertas; seu corpo era todo frizado de pelo curto, macio e acastanhado; o éco do seu buzinar, quazi imitando a berro de boi, se ouvia por toda a vizinhança; do gordo das suas carnes, dizião, derretêrão abundante e clarissimo azeite.

Do anno de 1734 sae uma nova abundancia: já então era esta villa habitada de mais opulentos lavradores, de cujas fabricas, com a somma de muitos mil alqueires de farinha de mandioca, repartida, ou vendida por repetidas embarcações, que para este porto vinhão carregar do dito genero, ajudava a sustentar a cidade do Rio de Janeiro, e as praças de Santos, Santa Catharina, do Rio-grande, e da Colonia; por esta cauza se seguirão a estes moradores novas abundancias: não havia entre elles ociozos, todos erão diligentes em suas culturas; havia entre elles mais raizes que ramas, isto é, havia mais dinheiro na caixa, que enfeite na praça.

Do anno de 1747 sae a queima do cartorio d'esta villa: n'este tempo era corregedor Antonio Pires da Silva Mello Portocarreiro, natural das partes de Europa; este em sua correição, sendo-lhe aprezentado o cartorio contaminado dos bixinhos chamados cupins, e depois de espanado o dito cartorio, mandou publicamente consumir com fogo os volumes destruidos e envolvidos d'aquela immundicie; n'aquella queima julgo se consumiria tambem alguma lembrança, que hoje se faz necessaria ao propozito d'esta descrição; porque sendo eu n'aquele tempo rapaz, e rapinando d'aquele incendio umas folhas de escritura, em uma d'ellas li a nota seguinte: « Saibam quantos, etc., em como no anno de 1579, etc., n'esta villa de Marataiama, etc.»

Confuzo eu com a novidade do sobredito apelido, e perguntando a meu mestre, homem antigo, natural da cidade de São-Paulo, de onde manava aquele estranho nome, este me satisfez com a seguinte declaração: disse, que a dita escritura não era feita n'esta villa, mas sim em outra primeira, e mais antiga, que com o dito apelido estava situada da outra parte d'esta villa, na ilha da costa do mar, na

paragem ainda hoje chamada Bôa-vista; e que d'ali por melhor commodo de habitação, vizinhança e presteza dos materiaes, se mudou para esta parte hoje chamada Cananéa: os indicios da dita villa primeira na verdade eu por vezes os tenho visto.

Do anno de 1754 sae a admiração de uma rigoroza tempestade. No dia 26 de Julho do dito anno, ao meio-dia, turvando-se o àr, se formou sobre esta povoação um escuro, e embastecido corpo de nuvens, que a quarta parte d'aquele dia repentinamente tomou logo a fórma da primeira parte da noite. Não faltárão os trovões com seus terribilissimos estrondos, nem os relampagos perdião uns dos outros os rasgos dos seus fuzis; nem tardou o vento sul em soltar a tempestade dos seus sopros: derramou-se em toda aquella noite tal abundancia de continuada chuva, ennovelada com grossas saraivas, que, atemorizados todos do seu continuado estrondo, julgavão outro universal diluvio: tanto sentirão os montes os açoutes d'esta nova tempestade, que amanhecêrão com partes cortadas da violencia do seu bater: para credito d'este acontecimento, veja-se o mesmo outeiro d'esta villa, em cujo cabeço se acha uma gruta cavada da agua d'aquella tempestade.

Do anno de 1761 sae o principio da continuada constructura de embarcações. Posto que já nos annos passados se fabricárão n'esta villa algumas pequenas embarcações, porem a verdadeira e continuada constructura d'ellas teve principio n'este sobredito anno. O primeiro constructor da dita continuação foi e é até o prezente o capitão da ordenança d'esta villa Alexandre de Souza Guimarães, natural de Europa, o qual no sobredito anno se passou do Rio de Janeiro para esta villa, para a factura da primeira sumaca do sargento-mór Francisco Gago da Camara, natural da ilha de São-Miguel.

Do anno de 1767 sae a creação da companhia de auxiliares. A esta companhia deu principio o sargento-mór Francisco Jozé Monteiro com o seu ajudante Manoel da Cunha Gamito, naturaes de Europa, os quaes, para a direção do dito serviço, forão mandados da capital cidade de São Paulo para esta marinha pelo capitão-general D. Luiz Antonio de Souza Mourão.

Do anno de 1769 sae o principio das duas villas novas. N'este anno tiverão seu principio duas villas intituladas da Lage e da Ararapira, lugares do termo d'esta villa. Estas novas fundações forão assinadas por um Afonso Botelho, natural da Europa, que então diziam era ajudante de ordens. Este, por ordem do dito general acima, sendo por elle enviado para o dito serviço, tirou cazaes d'esta villa para primeiros povoadores d'aquelas; porem, por causa da pobreza dos mesmos, nenhuma convertencia de lugar, e por isso incapazes de sustentar paroco, poucos annos prevalecêrão.

Do anno de 1773 sae a recruta de uma leva de gente d'esta villa para adjutorio da despedição intitulada—Tobagi. O impulso d'esta despedição foi tão rigorozo, que ainda os mesmos cães padecêrão a sua violencia, porque, sendo n'ella elles comprehendi los, forão levados prezos como para guarda e caçada d'aquele sertão.

Do anno de 1777 sae a factura de uma recruta intitulada—a grande. Esta tal recruta se apelida—a grande, porque n'ella não houve excepções algumas; esta d'aqui marchou para a capital cidade de SãoPaulo, a encorporar-se com as tropas, que então se aprontavão para a expedição do continente do Rio-grande.

Do anno de 1780 sae a verdade de umá grande fartura e desprezo d'ella: este foi o anno, em que se aumentou tanto n'este povo a fartura do nosso pão, e com tal excesso do costumado, que, assim continuando em cada um dos seguintes annos até o anno de 1785, começou a ser quazi de todos desprezado pelo inestimavel preço, que pela sua abundancia chegou a merecer. Oferecião os lavradores o seu pão, e não havia quem o quizesse: seu preço não era então ensaiado pelo lavrador, mas sim taxado pelo comprador; por cada um alqueire não se prometia mais do que oito vintens e dois tostões: foi tal a fartura d'estes annos que ocultou de todos lembrança alguma de fome futura.

Do anno de 1782 sae a multiplicação da constructura de embarcações. Tendo já muitos dos naturaes d'esta villa aprendido a constructura naval, começárão como de á porfia a querer cada um mostrar a obra da sua industria; era então para admirar tantos estaleiros levantados em diversas

partes: não houve tempo perdido, não lhes faltou patrono para fiança do intentado lucro; os matos estavão situados de sucessivos cortadores e serradores: afervorou-se a obra naval de tal sorte, que houve anno de dezeseis estaleiros. Podia esta villa então ser mais rica; porem, no dito anno e nos mais seguintes, não foi ella senhora do uma só embarcação, sendo possuidora de tantos estaleiros; e por cauza de certas cifras d'este tal negocio ficou tão pobre, que n'ella então se achava quazi nada de ouro, e só pouco de prata e cobre.

Do anno de 1783 sae a admiração de uma obra da natureza; achando eu nos matos da minha feitoria uma palmeira vulgarmente chamada jussara, ou palmito, n'ella admirei uma obra da natureza, até aqui, julgo, não vista, e por isso não contada. O proprio e geral de todas as palmeiras é nascer e crescer, sendo cada uma unica em seu mastro, porque ainda em um só tronco possão ser achadas duas palmeiras juntas, por cauza da união de duas castanhas unidas no nascer, nem por isso se achão duas vergonteas em um só mastro, o qual só se levanta crescendo lizo desde seu tronco sem outro renovo ou pimpolho, mais do que o unico capitel de seu palmito, que serve de guia ao crescimento do seu mastro; e como assim contra esta geral e costumada ordem da natureza, acha-se em uma das ditas palmeiras, tendo-se esta em meio mastro, dividida em duas, com tal perfeição entre ambas, que se não podia dar primazia a nenhuma, por isso, admirando, fiz d'ella lembrança.

Do anno de 1784 sae a novidade de um fogo no cabeço do monte Mandira. O cabeço d'este dito monte foi visto por trez dias sucessivos lançar de si conhecido fumo misto com lavaredas; cauzou alvoroço este novo e estranho acontecimento, porque, ponderada a cauza d'aquele incendio, não se lhe podia atribuir motivo humano, porque é cabeço, que por ingreme e pedregozo não tinha até então facilitado em si entrada para divertimentos ou para extração de mister algum necessario: não se póde deixar de acreditar ser o dito incendio acontecimento do mesmo monte, quando de outros tambem se contão, que de continuo vomitão fogo.

Do anno de 1786 sae a declaração do principio de fome;

n'este anno principiou uma delgada fome como nascendo de uma grossa fartura; a mesma fartura, estando já bem pejada da conjunção de um suberbo desprezo, produziu a humilde fome. O festim para seu concebimento foi como um ensaiado baile do desprezo da nobreza do pão, com exaltação da estimação dos páos: quizerão todos na cascarrilha trunfar de páos, e por isso perdêrão todos o basto no jogo do páo; querião todos com os páos perder o nome de pobre, e por isso perdendo todos o mesmo páo, tambem perdêrão do seu lucro o mesmo cobre: em tal acontecimento criminar se não póde a mesma vadiação, porque ella se defende, mostrando que foi efeito d'aquela variação de quazi todos terem largado de arar terra para pão, por lavrar madeira para navegação.

No anno de 1787 sae a verdade do conhecimento da declaração da fome. N'este anno declarou-se e conheceu-se a fome; porque na verdade já se procurava pão, e se não achava; já se pedia mantimento aos lavradores, porem acontecia o mesmo que acontece, quando se pede dinheiro ao que só na fama o possue: os mesmos lavradores então bem dezejavão a possessão das suas antigas lavouras, mas como ellas tinhão ficado, como desprezadas, no esquecimento da sua cultura, já não podião mostrar da sua fartura o seu antigo costume.

Posto que na verdade ainda então se mostravão as searas no campo como lacaio na praça abundante de gala e mesquinho na caixa esgotada de prata, isto é, ainda havia ramas, porem sem raizes; porque, temendo-se a mesma fome, se renovavão novas searas, e querendo-se antes da sua madura frutificação tirar d'ellas socorro, se achavão ainda sem raizes; porem, como a fome apertava, ella obrigou a muitos arrancar das suas ramas as verdes raizes, destruindo assim o que havia de ser abundancia para o futuro; e d'esta sorte, cuidando de sustentar ou fartar a fome, fazião mais carestia para ella: então as embarcações, que procuravão negocio, já não achando a costumada carga de farinhas, carregavão de caldas derretidas cascas de ostras.

Do anno de 1789 sae para memoria um estrondozo tremor de terra n'esta villa aos 9 de Maio do sobredito anno.

Amanheceu o dia, sendo por v lvedura do anno, um dos sabados do dito anno, e por curso da lua um dos dias em que ella fixou o ponto de sua conjunção plenaria.

N'este dia, quando já a aurora tinha destinado as sombras da noite, se recolhia tambem a lua no seu ocazo, indo assombrada e apagada do seu costumado luzir, que bem mostrava retirar-se eclipsada, padecendo seu defeito.

Depois de posta assim a lua, apareceu o sol mui claro e sem impedimento algum contrario ao seu costumado resplendor: não houve em todo aquele dia couza alguma estranha para ser admirada, nem no mesmo sol, nem nos elementos. Tendo já o sol medido toda a carreira d'este dia tão claro e sereno, e recolhendo-se no seu ocidente, quando já tambem tornava a resurgir a lua, porem mui rubicunda, eis aqui repentinamente deu um estrondo subterraneo com movimento da terra, que durou espaço de dois minutos mais ou menos, rugindo á imitação de uma perra couceira em sua revolução. Foi tão conhecida esta estranha novidade, que no seu movimento uns pasmárão, outros corrêrão sahindo das cazas, e outros se prostrárão a clamar a mizericordia de Deus; e ainda que nenhuma caza se demoliu, comtudo todas ellas, umas mais que outras, derão em si sinal de sentimento d'aquele nunca experimentado impulso, segundo a testificação dos seus moradores: alguns dignos de credito certificárão, que a terra lhes pareceu se queria fundir, e outros contárão, que se não puderão ter firmes em seus pés, e que sentirão a terra movediça.

N'este abalo ouviu-se um sussurro, que se levantou dos matos, sendo este tangido do movimento que as mesmas arvores entre si fizerão: as aves, que já pouzadas estavão no principio do seu descanso, espavoridas se levantárão ao ar, e com o éco de suas grasnaduras derão certa advertencia do seu sentimento; os gados se mostrárão espantados e alguns derão mugidos; os cães, como sentidos, soltárão tristes e desconcertados uivos; não ficou o mar sem mostrar sinal de padecimento; porque n'aquelle repente, sem sopro de vento algum, o pequeno e pacifico mar, que corre em circulo d'esta villa, ondeou ondas, que se admirárão certas pelo seu bater na praia, quando então pela serenidade do ar forão vistos surgir os peixes saltando

salto a salto. Advertiu-se tambem, que nos crepusculos d'aquella mesma noite mostrou-se o ar como assombrado de uma imperceptivel fumaça, porem logo depois, clareando, fez-se noite serena, e n'ella replandeceu a lua com sua costumada claridade.

Tambem houve pessoas, e entre ellas alguma de bôa fé, que disserão, que na segunda noite depois d'este acontecimento, estando ella clara e serena, virão do pólo artico correr uma grande e aceza exalação, e que tendo ella subido ao meridional e declinando para o antartico, virão dividir-se em duas da mesma grandeza e claridade, como quando principiou sendo uma, e que quazi metidas no mesmo antartico se extinguirão. E não houve mais nada digno de nota.

Do anno de 1795 sae para memoria um diluvio acontecido quazi n'esta villa de Cananéa no dia 25 de Março do mesmo anno, com a declaração de suas antecedencias, consequencias, e subsequencias.

Para mais clara explanação de um tremendo diluvio, espantozo parto acontecido de um terrivel temporal, considerado castigo sobre esta povoação de Cananéa, sendo assim determinado pela onipotencia divina, primeiramente se faz necessario declarar as suas antecedencias.

No dia 19 de Dezembro do anno de 1794, resplandeceu o sol tão inflammado, e com calor tão ardente em todo aquelle dia, que continuando assim no seguinte dia, não só manchou em nodoas queimadas as culturas, e assou os verdes legumes, mas tambem tostou as muitas e diferentes arvores dos matos, e por entre meio d'ellas queimou aos matinhos, cobertura da mesma terra.

Não faltou na continuação d'aquelles dias o sopro do vento setentrião, cujo sopro não foi então para refrigerar o calor do sol, mas sim para lhe servir de ajudante para estender mais o seu ardor : este acontecimento foi tão estranhado, como nunca experimentado, e bem já devia ser chorado, porém como julgado acontecimento, logo se entregou ao costumado esquecimento.

Dias erão já de Janeiro do anno de 1795, quando sucedêrão umas tão abundantes e derramadas chuvas, que ainda que com as suas aguas não excedêrão as costumadas

enchentes, comtudo cauzárão admiração pelo dezuzado modo do seu chover: esta chuva continuou com alternação de intermetidos dias serenos, ainda que n'elles nem o sol, nem as estrelas luzião ao seu costume, porque o ar estava continuamente embaçado e fusco, porem não se ouvia trovão, nem se via raio algum, só se vião relampagos escuros.

D'este modo choveu em todo o Janeiro, e em todo Fevereiro até aos 19 de Março: n'este dia, que é dedicado ao gloriozo S. Jozé, e que por contagem do mesmo anno acontecia ao vocabulo de quinta-feira, já se considerava o fim da destemperança d'este tão rigorozo e dilatado temporal, porque n'elle até o seu meio-dia se derramou tão abundante chuva, que quando parecia já alagar a terra, então de repente se suspendeu, dando esperança do dezejado tempo bom. Assím se julgou, porque logo dezapareceram aquelas escurecidas e chuvozas nuvens; serenou-se o ar e aparecêrão os orizontes, o sol, e as estrelas se mostrárão como seu costumado luzir: esta serenidade perseverou sómente desde meio-dia do dia 19 até ao meio-dia do dia domingo, 22 do mez de Março.

No dia 20, sexta-feira da mesma semana, aconteceu, que D. Anna Maria de Jezus, mulher solteira, de idade de 48 annos, natural d'esta villa, de honrada geração, e honesta vida, mais inclinada ao espiritual que ao corporal, recorrendo de manhan ao seu oratorio, n'elle achou sua imagem de Christo com os braços despregados da cruz, com a cabeça de costas sobre o Calvario, e com a face da parte de cima sem ofensa alguma da sua fórma: admirando este prodigio, convocou pessoas dignas de credito, as quaes, juntamente com ella, assim afirmárão.

No restante d'aquelle domingo 22, se vio o contrario da esperança dezejada, porque de repente turbando-se o ar com escurissima serração, começou logo a chover, primeiramente mais miudinha chuva, e augmentando-se mais e mais, assim choveu, continuando em toda aquela seguinte noite, e em todos os seguintes dous dias, e em suas noites, até ao meio-dia do dia quarta-feira 25, dia da annunciação da Virgem Maria, nossa senhora

N'esta tempestade nada mais se vio do que a mesma

chuva, nada mais se ouvia do que um continuado estrondo, e entre o mesmo estrondo se ouvião estrondar no ar outros estrondos maiores, e como arrastados, os quaes então forão ouvidos na estimação de trovões, porem depois, vendo-se as ruinas acontecidas nos montes vizinhos, se ponderou, que forão écos dos pedaços dos montes, que, derretidos, rodárão, despenhando-se dos seus cumes.

Aquelle continuado estrondo, aquella abundante chuva, os bolhões d'agua, que já da terra fervião, e a mesma terra já quazi toda alagada, atemorizárão os animos de tal modo, que uns gritavão pela mizericordia de Deus, outros pasmavão, e todos já dizião, que era chegada a ocazião de padecer a influencia de certo diluvio.

Na consideração de tão triste aflição, correu o povo para o templo, onde, depois de ouvida a missa parochial, preceito d'aquelle santissimo dia, assistio com derramadas lagrimas ás deprecações, que se fizerão estando prezente o Santissimo Sacramento, as quaes se repetirão com mais fervor nos dous dias seguintes.

Não faltou o socorro da Mãi de Deus, cujo favor se julgou ser recebido, porque logo ao meio-dia d'aquelle seu mesmo dia cessou o temporal.

Nos montes vizinhos quiz Deus mostrar o castigo, que estava deliberado para esta villa a respeito dos seus habitadores, porque á vista do mesmo povo destinou para sinal de lembrança as destruições, que fez esta tempestade n'aquellas alturas. Para se conhecer o perigo d'este sucesso e certificar-se o milagre e favor recebido, é necessario declarar a situação da mesma villa.

Esta villa está situada em uma ilha, sua frente olha para o oriente, seu fundo é da parte do ocidente, o lado direito é só metido ao sul, e o esquerdo ao norte; além do mar da sua frente está outra ilha de terra baixa, que a defende das ondas do mar grande, e além do estreito mar, que corre por detrás da villa, está em distancia de meia legua, estendida a terra firme, a qual é toda montuoza, e tem altos montes sobranceiros a esta vizinhança. Esta terra firme em todo o rumo do oéste, sudoéste e sul em distancia de seis leguas, ficou quazi toda açoutada da violencia d'esta tempestade: tão grandes enchentes de chuvas tangidas de

rigorozissimos ventos se derramárão sobre aqueles montes, que derreteu-se toda a terra superficial de muitos montes, e rodou com as mesmas aguas, despenhando juntamente comsigo novelos de arrancadas arvores e pedras.

Muitos montes ficárão assim totalmente despidos da sua natural cobertura; muitos ficárão miudamente escalados em abertos regos de alto a baixo, como si fôssem cavados com ferro de arar; muitos ficárão destituidos de grandes pedaços; em outros ficárão pequenas ilhas, as quaes, pendentes, ameação ruina, como restos da mesma ruina; muitos montões de barro, pedras e arvores rodarão das ladeiras e cabeços dos mais altos montes, e cahirão assim ennovelados sobre as margens, e n'ellas uns com o seu pezo se sepultaram nas entranhas da terra, então movediça, cujos campos são hoje lamarões, que não permitem passagem, e outros montões ficárão amontoados sobre a terra baixa, onde são e serão memoria d'este triste acontecimento, e para recordação do poder de Deus na precipitação dos suberbos.

É para pasmar vendo-se a tristissima figura, em que ficárão aqueles montes, que ficárão destruidos das suas perfeições exteriores, porque escorridos de toda aquela terra, que era a cobertura das suas formações interiores, ficárão com estas formações patentes ao sol.

O grande e altissimo monte de Taquari, que está a rumo de sudoéste, é um vistozo espelho das maiores ruinas, que acontecerão nos montes menores, porque n'elle, como mais avantajado em altura, de longe se vêem as mesmas ruinas.

Muitas margens, que pela natureza erão cobertas de matos e arvoredos, que servião de caçadas, hoje n'ellas se admirão largas e e tendidas praias de saibro, que sobre ellas vomitárão os montes do interior das suas formações, as quaes praias, si estivessem mais vizinhas do povo, cauzarião n'este tempo mais tristoza, e no futuro servirião para passeios de divertimentos.

Nas margens do rio intitulado das Minas, que corre do rumo do sudoéste, ficárão soterradas as lavouras da nova situação do capitão-mór Leandro de Freitas Sobral; seus escravos escapárão milagrozamente, tendo trepado para o monte fronteiro apelidado Serraria: a felicidade d'estes

escravos foi admiravel, porque despenharão-se as ladeiras do mesmo monte, e ficou n'elle, como uma pequena ilha, o lugar, onde estavão elles acautelados.

Na mesma vizinhança ficou enterrado debaixo das mesmas ruinas o sitio de uma pobre viuva; os seus moradores escapárão no mesmo refugio dos escravos do capitão-mór. Em outra margem do correr do mesmo rio se perdêrão da mesma sorte as lavouras da nova situação do capitão de auxiliares João Carneiro Soares; seus escravos, prevendo a inundação, se tinhão auzentado para a fazenda de fóra, situada na ilha da villa; este rio ficou em partes entulhado de pedras, barro e montões de páos. Vizinho d'este rio corre o rio apelidado Mandira, em cujas margens estava situada a fazenda do sargento-mór da ordenança Manoel Jozé de Jezus. A enxurrada, que então por este rio correu, foi a mais funda, a mais pezada, e a mais embaraçada: a mais funda, porque com as suas aguas encheu 14 covados, ou 42 palmos de altura; a mais pezada, porque vomitou tanto barro delido, que não só tingio o comprimento de cinco leguas, e a largura de meio quarto de legua do mar ocidental da villa, e o comprimento de nove leguas, e a largura de meio quarto de legua do seu mar oriental, mas tambem cobrio as suas praias com nova lama; a mais embaraçada, porque, acarretando machinas de páos, embaraçou as praias com montões de lenha. Esta enchente, redundando sobre aquela fazenda, derribou as cazas d'ella e enterrou todo aquelle sitio debaixo de amontoado saibro e de profundissimo lamarão, que ali coalhou na sua escorrida vazante, deixando-lhe sómente o titulo de fazenda sepultada.

O senhor da fazenda não prezenceou este sucesso, porque na ocazião se achava auzente na villa no cuidado de um impertinente negocio, que de justiça lhe não pertencia. Não faltou quem lhe advertisse do seu imprudente cuidado e da sua injusta impertinencia, e do prejuizo cauzado ao proximo; sua resposta foi esta: Não hei de vender as fivelas dos sapatos, e ainda que eu viva 50 annos, não hei de acabar de comer o meu dinheiro, e tenho 20.000 cruzados em um saco para demanda do mesmo negocio.

A arrogancia, com que elle proferio as ditas palavras, se póde julgar, que foi nascida de suberba, e sem atenção do

poder de Deus, porque logo depois aconteceu a inundação da sua fazenda.

N'este sucesso vêem á memoria as abelhas de S. Pedro, as quaes todas padecêrão morte por cauza de um só picar de uma.

Assim mostrou Deus este castigo com tanta mizericordia, que não permitio, que n'elle morresse creatura alguma racional, quando no mesmo diluvio se afogárão não só os animaes de criações d'aquelas fazendas e situações, mas tambem morrêrão os animaes do mato quazi de todos os generos.

Felicidade foi para os constructores de embarcações, oficiaes de canôas, serradores e carpinteiros; porque, livres do trabalho do mato, nas praias do mar achárão as mesmas materias, correspondentes aos seus oficios.

Vi, e tendo visto lamentei, e lamentando escrevi; tudo assim aconteceu, o que tudo entre os homens é digno de memoria para lembrança do poder de Deus; porem os mesmos homens, julgando tudo acontecimento, põem tudo logo em costumado esquecimento, dizendo: « São sucessos do mundo, são movimentos do tempo. »

RELAÇÃO E MAPAS

Em que se mostra toda a ordem, dispozição e sucessos, que houverão na tomada da terra da margem do sul do Rio-grande de São-Pedro, desde o dia 6 de Fevereiro do anno de 1776, em que partio a armada naval de Portugal da ilha de Santa Catarina, até 1 de Abril do mesmo anno, em que se concluio a dita tomada da terra.

ESCRITA POR

JOZÉ CORRÊIA LISBOA

Primeiro piloto na dita armada, embarcado na corveta Nossa Senhora da Penha de França.

No Rio de Janeiro, anno de 1776

CAPITULO I

1. Logo que Roberto M. Duval, xefe da esquadra do sul, que se achava na ilha de Santa Catarina, em a náo de guerra *Santo Antonio*, governando as mais náos da sua esquadra, recebeu as embarcações, que havia mandado pedir ao Illm. e Exm. Sr. Marquez vice-rei do Estado do Rio de Janeiro, pelo capitão-tenente Jozé da Silva Pimentel, para compôr a sua esquadra ligeira, e que pudessem sem risco entrar no porto do Rio-grande de São-Pedro a combater as embarcações espanholas, que se achavão fortalecendo o canal d'aquele rio, e não havendo n'elle outro por onde as nossas embarcações pudessem subir o rio e evitar o grave descommodo de descarregar no lagamar os viveres e mais aprestos precizos para suprimento das tropas, que se achavão guarnecendo a parte do norte do mesmo rio

(os quaes com muito custo transportavão por terra á distancia de quatro leguas), a qual passagem evitavão os Espanhóes com os seus navios e mais fortalezas, que tinhão na margem do sul.

2. No breve tempo de 15 dias fez aprontar nove embarcações, que se mostrão no mapa 1°., e guarnecidas com gente das fragatas de seu commando e infantaria do regimento da ilha de Santa Catarina.

3. E no dia 6 de Fevereiro de 1776, pelas trez horas da tarde, se fez á véla do porto da ilha de Santa Catarina na náo de guerra *Santo Antonio*, fazendo sinal ás nove embarcações para o seguirem, e sendo o vento nordeste, que é contrario pelas bocainas d'aquela ilha, andámos a bordejar com a maré até ás oito horas da noite, quando démos fundo, ao sinal que fez o xefe, o que fizerão oito, e o não fez a sumaca *Belém*, por cuja razão amanheceu fóra da ilha á capa.

4. No dia 7 do mesmo, pelas 4 horas da madrugada, depois de sahir a lua, fez o xefe o sinal á esquadra para se fazer á véla, e fazendo cada um a diligencia para se pôr fóra da ponta da ilha, sómente a xalupa o não conseguio, sucedendo que até á noite esperámos por ella. N'esta demora fez o xefe sinal á fragata *Graça* para lhe falar, e a mandar costear a ilha a buscar o seu escaler, que o havia mandado á armação das balêias, de fóra da ilha, levar cartas a uma embarcação, que lá se achava carregada para seguir viagem para o Rio de Janeiro, e ordem para que, logo que recebessse as cartas, largasse e seguisse viagem.

5. No dia 8 do mesmo amanheceu a fragata *Graça* entre a esquadra com o dito escaler, e a embarcação, a que tinha ido levar as cartas, seguindo viagem para o Rio de Janeiro. No mesmo escaler mandou o chefe uma carta a cada commandante da esquadra, na qual lhe recommendava muito a conserva de todos, pois n'ella esperava o bom sucesso, como tambem ponderava na falta de alguma a infelicidade; e movia a esta recommendação o atrazo da xalupa e o adiantamento da sumaca *Belém* na sahida da ilha de Santa Catarina.

6. Desde o dia 8 até 14 do mesmo navegámos com varios ventos, que moveu pelo sul o quarto de lua, e pelas quatro

horas da tarde avistámos a terra, e não a conhecendo bem, a manda o xefe reconhecer pela fragata *Graça*, e metendo prôa á terra, em breve tempo volta a dizer, que era do norte da barra; e navegando mais para o sul, fomos avistando a nossa fortaleza e trez sumacas, que se achavão no lagamar, bem como os navios espanhóes na margem do sul do rio. N'este logar pôz á capa a náo *Santo Antonio* e fez o xefe sinal para a esquadra lhe falar e lhe disse déssem fundo na pôpa da fragata *Graça*, a quem d'ali em diante devião seguir da mesma fórma que até o prezente o havião feito com aquela náo.

7. Ao sol posto deu fundo a fragata *Graça* norte sul com a nossa fortaleza da barra em 8 braças d'agua, em um celão muito rijo, com vento lesnordéste bem fraco, e o mar á sua proporção, e a náo *Santo Antonio* deu fundo mais ao norte, em distancia de duas milhas.

8. No dia 15 do mesmo, ao romper do dia, apareceu uma lanxinha de remos vinda de terra, que por ser muito pequena e ter largado da nossa fortaleza, logo que a esquadra deu fundo, trabalhárão toda a noite ao remo, e com muito custo tomárão a sumaca *Belém*, que era a fundeada na pôpa de todos, já depois de sahir o sol.

9. Ao mesmo romper do dia, quando apareceu a lanxinha, pôz a náo *Santo Antonio* a sua lanxa e dous escaleres ao mar, e em um d'elles se passou o xefe para bordo da fragata *Graça*, e logo que entrou n'ella manda largar a sua bandeira no tópe grande, e ao mesmo tempo aviou a náo *Santo Antonio* a que tinha, e largou um galhardete.

10. Mandou logo o seu escaler á bordo da sumaca *Belém* buscar a lanxinha, na qual lhe vierão de terra trez praticos da barra e rio, e com outros trez que havia trazido de Santa Catarina, os distribuio pelas embarcações da esquadra, na fórma seguinte:

1.° Fragata *Graça*, Jozé Rodrigues, vindo de terra;

2.° Fragata *Gloria*, Manoel Cabral, que veio da ilha de Santa Catarina ;

3.° Corveta *Victoria*, o capitão Manoel Antonio, que veio de terra ;

4.° Corveta *Penha de França*, Manoel da Silva Cascaes, que veio da ilha de Santa Catarina ;

5.º Sumaca *Bom-Jezus*, Antonio Jozé, vindo da ilha de Santa Catarina ;

6.º Sumaca *Monte*, o capitão JozéBarboza, vindo de terra, e as mais embarcações sem elles para seguirem estes.

11. Com os praticos recebeu cada commandante uma carta de ordem do xefe e dentro d'ella o mapa 2ª., e nas costas do mapa a ordem seguinte, escrita e assinada pelo mesmo xefe:

12. Ordem geral da entrada e combate.

1.ª Da vanguarda. Xalupa: deve, passando, defender-se do forte da Barra, e ir ao forte do Mosquito para cobrir a passagem das nossas embarcações, que se fôrem seguindo.

2.ª Fragata *Graça*: deve defender-se de ambos os fortes e das trez primeiras embarcações, passando a atacar a quarta embarcação, que é a capitanea.

3.ª Corveta *Victoria*: seguirá a fragata *Graça* até chegar á 3ª. embarcação, que deve atacar.

4.ª Fragata *Gloria*: deve seguir a corveta *Victoria* até chegar á 2ª. embarcação, á qual ha de atacar.

5.ª Corveta *Penha*: seguirá a fragata *Gloria*, e atacará a 1ª embarcação.

6.ª Sumaca *Bom-Jesus*: seguirá a *Penha* até ella chegar á primeira embarcação, e passará ás embarcações, que estiverem já em seus postos destinados, e irá atacar a ultima embarcação que no mapa vai notada com o numero 5.

7.ª Sumaca *Monte*: para ir ocupar o logar de qualquer embarcação, que estiver fóra do combate, e não tenha podido chegar a seu posto.

8.ª Sumaca *Belém*: no cazo de se ter ajuntado ás embarcações inimigas mais algumas das cinco que no mapa vão notadas, seguirá a sumaca *Bom-Jezus*, e irão atacar a que estiver de mais ; mas, não havendo mais que as cinco, ajudará a xalupa no forte do Mosquito.

9.º Bergantim *Bom-sucesso*: para rezerva e auxiliar qualquer embarcação que precizar de socorro, e para que não suceda confundir-se e dezordenar-se a ordem de batalha, que fica determinada, abalroando-se as nossas embarcações umas ás outras, terão todos os commandantes o maior cuidado de regular a sua quantidade de vélas, pela qual levar a embarcação, que se lhe seguir pela prôa, conservando exactissimamente o logar, que lhe está assinalado.

Ainda que a entrada do rio á banda de bom-bordo é o que ha de servir para os fortes e embarcações, comtudo, como é quazi certo que, logo que cada uma tiver chegado a seu proprio posto, a banda de estibordo é a que ha de ficar fronteira ao inimigo, com quem se deve emparelhar, e estará a artilharia da dita banda carregada com bala e prevenida para aproveitar a primeira descarga com bom efeito, devem todos ter advertencia de deixar o inimigo entre si e a terra do sul, e logo que cada um tiver chegado ao seu destino, dar fundo em seu proprio posto.

Todo aquele que, depois de ter rendido o inimigo, que lhe toca, vir que algum dos outros ainda reziste, fará toda a possivel diligencia por ir ajudar ao rendido. Bem entendido, que nós não seremos os primeiros agressores, nem se dará fogo sem o sinal posto, para assim o fazerem, e o Sr. Marquez vice-rei lhe remetêra uma ordem de Sua Magestade Fidelissima para fazer publicar n'aquela armada, que o saque dos navios inimigos se repartiria por aqueles que o aprizionassem, na fórma que se pratíca na flotilha de Inglaterra, rezervando sómente para a sua real fazenda a artilharia e armas de guerra.

13. Manda ao mesmo tempo despejar a aguada á fragata *Graça* e pôr ao porão a artilharia, para mais leve poder passar o banco, o que concluio em breve tempo, ajudando a este serviço com a gente dos dous escaleres e lanxa da náo *Santo Antonio*.

14. Pelas 11 horas do mesmo dia se meteu no seu escaler com dois praticos, e andou sondando todo o banco e fazendo marcas, e n'este mesmo seguimento foi para a terra e chegou á nossa fortaleza pela 1 hora da tarde.

15. Logo que chegou, mandou o commandante da fortaleza acompanhal-o ao quartel do tenente-general por um soldado dragão da ordenança, onde se demorou até ás 4 horas da tarde, quando S. Ex. o veio acompanhar á fortaleza para se embarcar para bordo, e por estar o vento muito forte o não pôde conseguir, e se torna a retirar com S. Ex. para o seu quartel.

16. No dia 16 do mesmo, ao sahir do sol, chega o xefe a bordo da fragata *Graça*, d'onde se não retirou mais até á entrada, ás 5 horas da tarde. Se fez a sumaca *Monte*

á vela e foi dar fundo em seis braças d'agua no lugar notado no mapa 2.° com A, onde está a embarcação n.° 7, ficando todos os mais navios n'aquele lugar.

17. No dia 17 do mesmo mandou o xefe pelas 9 horas da manhan recado pela lanxa da náo *Santo Antonio* com avizo a todas as embarcações, que levassem as ancoras e se fizessem á vela para junto do banco, onde se achava a sumaca *Monte*; e como na noite, que havia passado, tinha ventado o vento nordéste muito forte, e a alguns navios havia faltado as amarras e outros tinhão fundeado a duas, suspendêrão todos, e pelas 11 horas já todos se achavão fundeados no referido lugar.

18. No dia 18 do mesmo, domingo gordo, andou o vento mais para terra, porém muito rijo e com muita correnteza de agua pelo rio fóra, que obrigou a fragata *Graça* e a mais algumas a darem fundo a dois ferros, e a noite seguinte se pôz muito tenebroza de xuvas, trovões e exalações, a que geralmente os maritimos chamão corpo santo, e da meia noite para a manhan andou o vento mais para cima da terra, e se foi pondo melhor tempo.

19. No dia 19 do mesmo, pelas 4 horas da madrugada, já o tempo dava mostras de nos ajudar, á entrada fômos botando as vergas a seu lugar, pois o vento nos obrigou a arriar, e pôr tudo pronto para seguirmos o xefe; amanheceu o dia com o vento galerno pelo sudoéste, fez logo o xefe sinal para fazer á vela para dentro, e ao mesmo tempo se meteu no seu escaler a dar providencia aos que lhe parecia tinhão algum atrazo, e falando a todos, seguiu no seu escaler para o banco, e mandou fundear a lanxa da náo *Santo Antonio* da parte do norte do banco, e da parte do sul do mesmo a lanxa, que de terra havia conduzido os praticos, para pelo meio d'estas passarem todas as embarcações da esquadra para dentro; tendo já a este tempo a lanxa da náo *Santo Antonio* um ancorote com um virador de linho para socorro de espiar em alguma necessidade.

20. Pelas 7 horas da manhan estava fundeada toda a esquadra da parte de dentro do banco, no lugar do mapa B, ficando fóra sómente a náo *Santo Antonio*; n'este lugar, a estas mesmas horas, entrou a fragata *Graça* a enxer os toneis de agua salgada, que fóra havia despejado e a botar

a artilharia acima e cavalgal-a e pol-a pronta em seu lugar. Assim disposto, deixou o xefe o aprontar-se a fragata *Graça*, e sahindo por bordo de todas as embarcações da esquadra a fazer recommendar a todos os commandantes o cuidado de terem tudo bem disposto para o combate, o qual devia ser sómente a tiro de bala e nunca abordagem, nem se meterião entre os navios inimigos e a terra do sul, e terião um competente cobro de amarra da ancora, a que devião dar fundo habitado, distancia mediana ao lugar em que devião ficar emparelhados com o inimigo, afim de não estorvar a gente de seus postos para andar com ella, e esperava em todos o haverem-se com aquele valor, que esperava de suas pessoas.

21. Havendo falado a todos pela fórma referida, foi dezembarcar na nossa fortaleza da barra, onde se achava o tenente-general com a tropa formada, e falando um com outro, voltou por bordo de todas as embarcações da esquadra, ordenando botassem as lanxas fóra e as mandassem para o lagamar com seis pessoas; juntamente mandou a da náo *Santo Antonio* e só rezervou a do bergantim do socorro por ser pequena.

22. Pelas 11 horas da manhan estava pronta a fragata *Graça*, e fazendo-se á vela para dentro foi precizo passar pelos outros que se achavão fundeados, esperando o seu lugar para se fazerem á vela segundo a ordem; e como n'aquele lugar sempre as correntes das aguas fazem desmanxar o governo ás embarcações, dezordenou-se a fragata *Graça*, e atracando com a corveta *Penha*, que ainda se achava fundeada, esperando o seu lugar, para seguir a ordem geral, e na atracação meteu a fragata a ponta de uma ancora no costado da corveta debaixo d'agua, e por trazel-a pendurada debaixo d'agua, lhe fez um grande rombo e obrigou a corveta a ir ao lagamar perto de terra dar fundo e botar a banda para tapar o rombo, pelo qual chegou a ter agua no porão por cima do lastro, estando continuamente duas bombas a esgotar.

23. Na mesma balroada quebou a fragata *Graça* o páo da bujarrona, e para o refazer e pôr em seu lugar deu fundo no lugar C, onde se preparou.

24. Na mesma ocazião se fez á vela juntamente a fragata

Gloria, e desgovernando tambem, foi cahindo para cima do baixo do sul, onde tornou a carregar o pano acima e deu fundo: mandou o xefe a toda a pressa do lagamar vir a lanxa da náo *Santo Antonio* espial-a para o canal, o que conseguiu.

25. Logo que se fez á vela a esquadra pelas 11 horas, se fez á vela tambem a náo *Santo Antonio*, que andou em bordos até o dia seguinte, quando pelas 5 horas da tarde recebeu o xefe.

26. Emquanto a fragata *Graça* pôz em seu lugar o pão da bujarrona, que havia quebrado, e a corveta *Penha* botou a banda e tapou o rombo, que havia feito com a ancora, e a fragata *Gloria* espiou para fóra do baixio, pois tudo se providenciou ao mesmo tempo, os que não tiverão perigo todos derão fundo junto á nossa fortaleza, no lugar notado no mapa em C.

27. No reparo d'esta dezordem não deixou o xefe de assistir a todo o pessoal, ordenando o que se devia fazer em um e logo em outro, a determinar e abreviar as dispozições, e com esta notavel e incansavel assistencia abreviou o quanto lhe foi possivel, e pelas 3 horas e meia da tarde mandou fazer á vela para o combate.

28. Em todo este dia não fez o castelhano movimento algum mais do que trocarem as posturas de uns navios para o lugar dos outros, em fórma que sempre todos ficárão em linha, e no mesmo distrito, com cabos dados uns aos outros e cada um o seu para a terra para a ella se encostarem no cazo de alguma aflição; porém si a fortaleza da barra do inimigo nos faz fogo, quando estivemos no reparo, notavel dano receberiamos, e entendo, que poucos irião acima, ou nenhum.

29. Logo que as embarcações da esquadra se fizeram á vela, e puzeram a prôa á fortaleza para seguirem pelo canal do rio acima, entrou a dar fogo a fortaleza do inimigo a balas de 24 e 18, e logo aos primeiros tiros fez a fragata *Graça* o sinal para o combate com uma bandeira encarnada no tópe de prôa.

30. Ao mesmo tempo entrou a nossa fortaleza a fazer fogo á do inimigo: debaixo d'este forão seguindo as embarcações umas ás outras, mas não com a ordem determinada, por não se poderem pôr em seus lugares, pois toda

a diligencia que para esse efeito se fez foi sem fruto; porquanto esta foi feita já debaixo do fogo do inimigo; o mais precizo em que se cuidava era na defesa, dando fogo a bateria, e n'este importante trabalho já engolfada a tripolação, não é mui facil pôr a embarcação no lugar determinado para seguir a ordem geral, mórmente em uma distancia curta e apertado canal, e alguns já sem cabos para manobrarem as velas, e sem mar suficiente para mover um bruto de madeira d'aqueles para um lugar apontado ao dedo; o que poderia suceder, como vinha determinado, si não houvera a dezordem da abalroação, por virem de mais alguma distancia, na qual se podião ordenar melhor, ficando ou seguindo cada um o seu proprio posto.

31. Na vanguarda largou a xalupa, na qual embarcou o xefe, quando se fez á vela, e chegando ao forte do Mosquito dá fundo, e os mais o fizerão como melhor se lhe ofereceu a ocazião, e ficárão dispostos na fórma que mostra o mapa; pois a este tempo o fogo dos fortes e navios inimigos era horrorozo, e não menos o das nossas embarcações, porém estas recebião um grande dano das balas das fortalezas; o xefe n'aquele conflito se meteu no seu escaler por todo o fogo, prevenindo a todos que na verdade trabalhou n'este dia incansavelmente, cujo dezembaraço e valor foi bem publico.

32. Do forte do Mosquito derão na xalupa com uma bala, com que a arrombárão, e indo-se enchendo de agua, veio outra bala e cortou-lhe a amarra. Vendo-se dezamarrados e com muita agua, mareárão as velas para a nossa parte do norte, e chegando ao baixio assentou no fundo e se deitou á banda e saltou-lhe a gente para cima do costado, onde estiverão até ao sol posto, em que as nossas lanxas de terra os forão tomar.

33. N'este mesmo tempo chegou o xefe á fragata *Graça*, a qual achou em uma dezordem por cauza da morte do commandante, que logo ao primeiro encontro o matou uma bala de mosquete, que lhe entrou pela testa e lhe sahiu pela nuca; e vendo que a xalupa estava perdida, a sumaca *Bom Jezus* estava encalhada no baixo, a corveta *Penha* havia ficado no lagamar, a fragata *Graça* sem ordem, o fogo em maior aumento, mandou picar as amarras á fragata

Graça e foi por bordo dos mais mandal-as picar, e fazerem-se á vela para o forte do Patrão-mór, onde derão fundo pelas 5 horas e meia da tarde.

34. A sumaca *Bom Jezus* fez-se á vela na mesma ocazião que as mais, quando se principiou o combate, porém encalhou defronte da fortaleza da barra do inimigo, como se vê no mapa, a qual fortaleza lhe fez fogo emquanto durou o dia, e lhe fez alguns rombos, por onde recebeu agua, e socorrendo a nossa fortaleza com algumas lanxas por baixo de todo o fogo trabalhárão a dezencalhar, o que conseguirão pelas 6 horas e meia da tarde, e seguindo já á vela tornou a encalhar na mesma corôa mais adiante, defronte do forte do Mosquito, e mandando-lhe da nossa fortaleza as lanxas, dezembarcárão a tropa, a guarnição e todas as suas bagagens, cinco peças de artilharia com suas carretas e mais pertenças, além de uma que foi ao mar com o ultimo aparelho, que arrebentou, pois todos os mais cabos estavão cortados; tirou-se toda a polvora, armas e tudo o que se pôde tirar no decurso de toda a noite, em que trabalhárão cheios de pavor, porque a sumaca debaixo do forte do Mosquito se achava.

35. Ao romper do dia 20 de Fevereiro vierão cinco lanxas do inimigo carregadas de tropas, e abordando a sumaca, trabalhárão toda a manhan a vêr si a podião levar; de tarde voltaram á mesma diligencia, e, dezenganados do que pretendião, levárão nas lanxas quatro peças de artilharia, que se não puderão tirar na noite antes, pela falta do aparelho, duas amarras e o panno todo, e se retirárão seguros de que tudo o mais ficava á sua dispozição: sempre de terra se fez fogo ás lanxas inimigas, porém sem fruto por ser com uma peça de campanha de calibre trez, que não alcançava na distancia. Veio ordem de S. Ex. para lhe atacar fogo. Logo que anoiteceu, forão dois soldados granadeiros em uma pequena canoa lançar-lhe fogo em diferentes partes, principalmente onde se achava alcatrão, e toda a noite ardeu de sorte que lhe não ficou nada.

36. A corveta *Penha*, para concertar o rombo, chegou-se muito á terra do lagamar, e indo fazer-se á vela na ocazião em que as mais ião para o combate, ao suspender a ancora, tomou a prôa em revéz, e como era perto da terra,

encalhou, espiou pela pôpa para o canal com uma ancoreta e virador, que para este efeito andava pronta na lanxa da náo *Santo Antonio*, e debaixo de todo o fogo, que a fortaleza inimiga lhe fazia, conseguiu pôr-se em nado e fazer-se á vela pelas 5 horas e meia da tarde, e passar só pelo fogo de todas as fortalezas e navios, defendendo-se de todas, sempre á vela, e encontrando uma lanxa do inimigo, que sahiu dos seus navios, destinada a buscar a gente, que se achava sobre o costado da nossa xalupa, e fazendo-lhe a corveta fogo, a fez retirar arrombada com morte de trez homens, e n'este mediano tempo deu lugar a chegarem as nossas lanxas, que puzerão todos a salvo; e continuando, sempre á vela por debaixo de um horrorozo fogo de cinco navios e fortes, foi fundear entre as mais embarcações da esquadra no forte do Patrão-mór pelas 7 horas da tarde.

37. Morrêrão no combate em toda a esquadra 11 pessoas, a saber:

1.º Fragata *Graça*, o commandante, dois marinheiros e quatro soldados.

2.º Corveta *Victoria*, um cabo de esquadra.

3.º Corveta *Penha*, um soldado.

4.º Sumaca *Belem*, um soldado.

5.º Bergantim *Bom-sucesso*, um soldado.

E em todos forão 30 feridos: d'estes morrêrão trez no hospital, a saber: um marinheiro da fragata *Graça*, um soldado granadeiro da corveta *Penha*, um soldado da sumaca *Monte*, e o commandante da fragata *Gloria*, de quem passou uma bala o braço esquerdo junto ao sovaco.

38. No dia 20 de Fevereiro, ao amanhecer, chegárão dois dezertores da parte do inimigo sobre uns cascos de barris, os quaes disserão haver morrido no combate 19 pessoas, entre estas dois commandantes dos navios e muitos feridos, cujo numero certo não sabião, e os navios havião ficado muito maltratados; no que falárão com verdade, pelo que na tomada da terra achámos ser certo.

39. No dia 20 do mesmo dispôz o xefe alguns empregos nas embarcações da esquadra, cauzado isto pela falta do commandante da fragata *Graça*, para onde passou a commandar o capitão de mar e guerra Jorge Hardecast.

40. Pelas 9 horas da manhan se retirou o xefe para a

barra por terra, onde se despediu do Exm. general, e se embarcou na lanxa da sua náo *Santo Antonio*, que se achava no lagamar, e ofereceu o seu escaler ao capitão de mar e guerra, que ficou commandando a esquadra, e largando do lagamar pelas 3 horas da tarde, se embarcou na sua náo, que fôra a bordejar, e esperava pelas 5.

CAPITULO II

1. Despedido o xefe do tenente-general no dia 20 de Fevereiro de 1776, ficárão as sete embarcações, que escapárão do combate da entrada, encorporadas com cinco que lá se achavão, que havião ido do Rio de Janeiro, uma e outras feitas n'aquele continente, que fazião doze, as quaes se vê no mappa 1º., governadas pelo tenente-general e commandadas pelo capitão de mar e guerra Jorge Hardecast, embarcado na fragata *Graça*.

2. Fôrão com muita moderação reparando o dano ás embarcações da esquadra, que havião recebido no combate da entrada, e reforçando a fragata *Graça* com mais alguma artilharia sobre a tolda, e a todos em geral com mais polvora competente á sua artilharia; indicios certos de termos todos nova ação, porém isto com pouca pressa e muito silencio.

3. Todo o fervor observámos no inimigo, trabalhando frequentemente no reparo de seus navios e fortalezas já existentes, e formando outras de novo, cavalgando artilharia, e mudando de uns para outros fortes, onde lhe parecia terião o maior ataque; carreando pela margem do rio pantano, de que fabricavão as muralhas em quantidade de carretas tiradas por gado, e tendo cinco embarcações no canal e trez na Mangueira, uma armada e duas dezarmadas, fôrão tratando de reparar as duas, e a 25 de Fevereiro amanheceu uma das duas embarcações dezarmadas no canal, junto ás cinco para se refazer o armar, ficando sómente duas na Mangueira, cuja dispozição se mostra no mapa, e de todo este reparo se fazia da nossa parte pouco apreço.

4. Assim nos conservámos sem novidade alguma até o

dia 28 de Março, na noite do qual dezertárão da corveta *Victoria* quatro marinheiros em uma catraia, e fôrão entrar na villa pelas 9 ou 10 horas da noite sem serem presentidos, e encontrando com elles em terra, os levárão ao general Jozé Molina, o qual se achava desejozo de saber o que se passava entre nós, pois do dia do combate até o prezente não havia tido outra ocazião, e menos sabião com certeza o dano, que no combate da entrada haviamos recebido, e sem mais noticia que conjectura havião avizado para a sua côrte do dito combate, asseverando que havião feito tal estrago na armada portugueza, que só na fragata do xefe havião morto 200 homens, em tal fórma que lhe virão correr o sangue pelos embornaes, e nas mais embarcações a este respeito.

5. Derão os marinheiros dezertores a noticia do dano e mortos da nossa parte, e não se capacitárão, e assentavão, que n'aquela noticia os dezertores os enganavão; certificarão-lhe os marinheiros, que, no dia sexta-feira ou sabado seguinte, estavamos determinados a commetel-os com a nossa armada, tantas embarcações aos seus navios e tantas a Mangueira, formando a dita repartição ao seu arbitr io, pois em tal couza nunca se intentou.

6. Mandou o general espanhol os dezertores ao commandante da sua armada, o qual, tratando-os com toda afabilidade, os levou em a sua companhia a todos os seus navios e lhes mostrou os aprestos de cada um em particular, perguntando-lhes qual das armadas estava mais bem preparada; respondião os marinheiros, que as suas no que vião, porém que os nossos se adiantavão a entrinxeirar com couros, pelas quaes noticias os navios inimigos se entrinxeiravão de amarras de linho e pano do navio; e nos dias, que lhe assinalárão, estiverão em armas de dia e de noite.

7. No dia 31 de Março, que foi domingo, fez annos a rainha nossa senhora, embandeirou-se toda a armada, e ao meio-dia salvou a fragata *Graça* com 21 peças, e o tenente-general no seu quartel fez suas descargas.

8. Pelas 8 horas da noite mandou o commandante da esquadra pelo seu escaler chamar a bordo os commandantes de todas as embarcações, e por elles distribuirão as ordens, que pouco tempo havia recebido do tenente-general, ordenando que todos mandassem as suas lanxas para a praia

do forte do Patrão-mór, onde se achava a tropa, que estava nomeada para embarcar e passar n'aquela madrugada a parte do sul a atacar o inimigo nos seus fortes, e o sinal de estarem de posse d'elles, sendo de noite, serião trez foguetes sucessivos, e sendo de dia, seria nossa bandeira, e cada um puzesse a sua embarcação sobre uma só ancora com todo o silencio, de maneira que não fossem presentidos, e quando elle se fizesse á vela, faria sinal para o seguirem pela fórma, que expressava na ordem seguinte:

1°. fragata *Graça*, a esta seguirá a
2°. fragata *Gloria*, a esta seguirá a
3°. corveta *Victoria*, a esta seguirá a
4°. *Invencivel*, a esta seguirá a
5°. *Belona*, a esta seguirá a
6°. corveta *Penha*, a esta seguirá a
7°. sumaca *Sacramento*.

E os mais se sustentarão fundeados n'aquele mesmo lugar até segunda ordem, e nenhuma das nossas embarcações faria fogo para o forte, sem que de lá lhe fizessem, pois do contrario poderia perigar alguma da nossa tropa, e chegados que fossem aos navios inimigos, os atacarião na melhor ordem, que a ocazião oferecesse, sem perda de ação, debaixo dos sinaes das suas ordens.

Esta foi a dispozição da armada; vamos agora á dispozição da tropa de terra.

9. Foi nomeado o sargento-mór Manoel Soares Coimbra com duas companhias de granadeiros, a do regimento velho, do Rio de Janeiro, e a do regimento do Xixorro, para embarcarem no lagamar da barra, em as lanxas de nove sumacas mercantes, que ahi se achavão, e outras, e algumas jangadas e irem dezembarcar na praia do sul e atacar o forte do Mosquito.

10. Foi nomeado o sargento-mór do regimento de Bragança Jozé Manoel com duas companhias de granadeiros, a do seu regimento e a do regimento de Moura, para embarcarem no forte do Patrão-mór, nas lanxas das embarcações da armada e jangadas, e irem saltar na praia entre o forte da Mangueira e o forte da Trindade, ao qual devião atacar; e levárão estes por pratico o tenente dos dragões Manoel Marques, como tudo mostra o mapa.

11. Os que fôrão atacar o forte do Mosquito saltárão em terra na praia, que trazião destinada, sem serem presentidos, por ser uma praia quazi dezerta, e depois de postos em fórma de marcha, lhes sahio uma ronda de poucos homens a perguntar quem erão, com os quaes os nossos logo desbaratárão, e picando a marcha, fôrão logo atacando o forte á espada; o que concluirão em fórma que ás 4 horas e um quarto fizerão o sinal dos tres foguetes.

12. Os que fôrão atacar o forte da Trindade tinhão por destino do seu dezembarque a praia entre este e o da Mangueira, que era menor distancia e mais cultivada do que a do Mosquito, porém algumas das nossas lanxas, que levavão a tropa, encalhárão em uma corôa, que fica fóra da Mangueira, e pela parte de dentro d'ella estava um bergantim do inimigo armado em guerra, do qual fôrão presentidos e d'elle receberão fogo; porém como as mais lanxas já estavão na praia sem o toque de corôa, saltou ao mar a tropa com agua pela cintura, com as espadas nos dentes e as cartuxeiras á cabeça, com a eficaz advertencia, que lhe fazião os oficiaes de não molharem a polvora, e se formárão para acommeter o forte emquanto as lanxas encalhadas se puzerão em terra prontas; porém os tiros, que atirou a embarcação do inimigo ás nossas lanxas, enchêrão de confuzão a tropa inimiga, que guarnecia o forte da Mangueira, os quaes entregues ao descuido não discorrião no acerto: seguio a nossa tropa o destino da sua ordem para o forte da Trindade, e com brevidade fez o sinal com os tres foguetes.

13. No forte da Mangueira com estas reprezentações lavrava a guerra da confuzão, e por tal fórma que a embarcação, que atirou ás nossas lanxas, quando encalhárão, perdendo estas da vista com o escuro, entrou a atirar ao forte na consideração de que os nossos estavão n'elle, e suspendêrão o fogo aos repetidos clamores dos que n'elle se achavão.

14. Quando as ações trazem de Deus a felicidade, ainda o que se prepara para uma dezordem finda em um acerto. Punha-se a lua n'aquela madrugada pelas 5 horas e mais minutos, e encalharem as nossas lanxas antes das 4, que era a hora assinalada para o ataque, foi porque

correu uma neblina, que lhe encobrio a claridade uma hora antes, em fórma que, quando embarcou a tropa, já a lua não dava muita luz, e quando encalhárão na corôa, nenhuma, para d'esta operação proceder a confuzão n'aquele forte e no inimigo a nosso favor em tudo, e com especialidade no forte, e navio da Mangueira, porque o abandonárão sem mais trabalho que o temor d'elles.

15. As tropas inimigas, que guarnecião o forte do Mosquito, retiravão-se dezordenadas e cheias de temor, uns para a fortaleza da Barra e outros para o forte do Triunfo, bradando em altas vozes, que os Portuguezes levavão todos á espada sem compaixão.

16. As tropas da guarnição do forte da Trindade retiravão-se com a mesma confuzão e alaridos para o forte da Mangueira, em fórma que a uns e outros nas retiradas, que fazião, acompanhava o temor, e indo buscar azilo nos seus, encontrárão o rigor dos nossos: e é certo, que, a não suspenderem os oficiaes as espadas ás nossas tropas, poucos escaparião com vida, e comtudo respondeu um soldado ao oficial, que lhe suspendeu a espada: si pretendia com a sua compaixão tomar o inimigo melhoramento para fazerem aos nossos o que nós deixavamos de lhe fazer a elles, e as suas vidas se expunhão n'aquela ocazião para a victoria e não para a compaixão, que não havia ali lugar, e a victoria só se alcançava com a destruição do inimigo. E custou a socegar os granadeiros.

17. Voltárão logo as lanxas, as do forte do Mosquito para o lagamar, e as da Mangueira para o quartel do tenente-general, que era bem defronte, onde embarcou o coronel Sebastião Xavier com quatro companhias do seu regimento em socorro do sargento-mór Jozé Manoel para o forte da Trindade.

18. Nas lanxas do lagamar embarcou o brigadeiro Xixorro com quatro companhias do seu regimento para socorro do sargento-mór Manoel Soares Coimbra para o forte do Mosquito.

19. Emquanto se transportou este socorro, sendo ainda escuro, os nossos, que ocupavão o forte da Trindade, fizerão pontaria com uma peça para o forte da Mangueira, com tanta felicidade, que a bala lhe varou a caza da polvora;

este tiro pôz o inimigo, que estava n'aquele forte, em grande confuzão e pavor, e logo fôrão abandonando o forte, encravando-lhe a artilharia e embarcando-se para a villa.

20. Ao romper d'alva do dia 1.º de Abril já as nossas lanxas se ião retirando do dezembarque das tropas do socorro, porque da fortaleza da barra do inimigo já lhes fizerão fogo, de modo que uma d'ellas se arrombou e quebrárão as pernas ambas a um dos homens, que ia n'ella.

21. Logo que deu lugar a luz do dia a verem-se uns aos outros, os fortes ocupados das nossas tropas entrárão a fazer fogo aos navios inimigos, os quaes, observando o dezigual partido, ignorando o estado, em que os seus estavão em terra, e vendo as embarcações da nossa armada já com as velas, largas para os acommeter, largárão as amarras por mão e se fizerão á vela para a barra, onde o vento lhes era mais a favor.

22. Toda a noite ventou pelo nordéste uma aragem, com a qual podião bem governar os navios; porém logo que correu a neblina, que cobrio a claridade da lua, foi acalmando em fórma que, quando os navios se fizerão á vela, o que foi dia claro, mal governavão, e só a correnteza da agua, que ia para baixo, os levava pelo canal.

23. Feitos á vela os navios inimigos, ao mesmo tempo sahião os nossos, e se retiravão as tropas inimigas do forte da Mangueira, atravessando o canalete em lanxas, e logo que chegavão á corôa, se lançavão ao mar com trouxas á cabeça, retirando-se para a villa: emquanto uns se transportavão, outros largavão fogo aos quarteis, e ás embarcações, que n'este lugar se achavão fundeadas, as quaes ardêrão e só não fizerão dano á polvora com temor de perigarem.

24. O forte do Triunfo, que está entre o Mosquito e a Trindade, atirava ao mesmo tempo aos seus navios, para que déssem fundo e sustentassem o combate, e os navios não lhe obedecêrão.

25. N'este mesmo tempo passava a nossa esquadra pelo forte do Ladino, que fez muito fogo, e com algum dano, pois, como os navios não tinhão vento, e a agua ia para baixo muito vagaroza, acertavão as pontarias.

26. Na mesma ocazião passavão pela nossa fortaleza da barra os navios inimigos, fazendo um horrorozo fogo a esta,

e contra as sumacas mercantes, que se ach vão no lagamar, ás quaes fizerão algum dano; a nossa fortaleza fez muito pouco fogo. A este tempo achava-se ahi o tenente-general, que ordenou não atirassem aos navios, e mórmente depois que naufragárão.

27. Seis embarcações dos inimigos acommetêrão a barra, trez sahirão a salvamento e trez naufragárão no baixo do sul, como mostrão os mapas; a maior era de trez mastros; todos picou ao machado, o bergantim picou o de prôa, e a setia deixou todos em cima. Fizerão a diligencia por dezencalhar, porque lhe deixárão pela pôpa os viradores espiados, e vendo não tiravão proveito algum do trabalho, que em todo o dia tiverão, e se lhes metia a noite, transportárão a gente para os que se achavão a salvamento.

28. N'aquele mesmo tempo passava a nossa esquadra combatendo-se com o forte do Ladino, e chegando a nossa fragata *Graça* ao alcance do tiro do forte do Triunfo, lhe fez este fogo, deu a nossa fragata fundo, e logo que os da retaguarda passárão o Ladino, fez sinal para todos darem fundo, onde se achavão: os da retaguarda ainda se achavão no alcance das balas do forte do Ladino, e os da vanguarda no alcance das balas do forte do Triunfo, porém os do forte do Ladino suspendêrão o fazer fogo á esquadra, e fôrão largando-o aos armazens da polvora e quarteis; em fórma que n'este forte só ficou a artilharia; o mais tudo se reduzio a cinzas. Porém pelo contrario o forte do Triunfo fez fogo á esquadra até ás 5 horas da tarde, de sorte que obrigou as fragatas da vanguarda a espiarem para fóra do alcance das balas, e pelas 5 horas da tarde, vendo que as nossas tropas lhe formavão um cordão para o cercar, e que não tinha esperança de socorro, arriou a bandeira e dispaçou a driça, e a gente se pôz em retirada.

29. Pelas 8 para as 9 horas da manhan do dia 1.º de Abril já se achava ardendo fogo nas referidas partes, e os navios dos inimigos encalhados, o forte da Mangueira abandonado com artilharia encravada, a tropa inimiga marchando sem ordem para a villa, e sómente o Triunfo fazendo fogo á esquadra, e a fortaleza da barra inimiga fazendo fogo á nossa.

30. A nossa tropa do forte da Trindade mandou pelas ditas horas uma companhia das nossas formada tomar

conta do forte da Mangueira, e chegando a elle, fizerão alto na entrada, mandárão dentro dois cabos a tomar conhecimento do estado, em que estava, e logo entrárão todos a dezencravar a artilharia; o que se conseguio em breve tempo, de modo que atirárão alguns tiros para o porto, para onde se havia retirado o inimigo, que foi para a villa, em que ainda prezidião.

31. A fortaleza da barra do inimigo sustentou um sucessivo fogo contra a nossa até ás 8 horas da noite, quando suspendeu e o largou ao armazem da polvora, e encravou a artilharia, e se retirou com tambor batente.

32. Pelas 6 horas da tarde do dia 1.° de Abril, chegou uma lanxinha de mando do general espanhol a pedir ao nosso lhe désse trez dias para se retirar da villa; ao que respondeu o nosso, que lhe dava só trez horas, e que não lhe fizessem á villa o que aqueles oficiaes havião feito na Mangueira aos navios e armazens, pois só merecião ser castigados com a pena de acendetarios. Fôrão com esta resposta e pela meia noite mandárão outra vez; achárão ao nosso general recolhido, e dizendo-lhes o ajudante das ordens que S. Ex. estava descansando, e que pela manhan lá mandava a resposta, retirarão-se; e pela manhan, quando foi a resposta, achárão dezerta a villa, mostrando os adversarios ir tão temerozos que deixárão tudo; até o general deixou a sua secretaria com os papeis de importancia.

33. No dia 2 de Abril, logo de manhan, entrárão as nossas tropas na fortaleza da barra e ao mesmo tempo na villa, e em ambas achárão a artilharia encravada; e no da villa muita quantidade de barris de polvora, que tinhão botado da muralha abaixo, e vinhão parar ao rio, onde se perdêrão: largárão bandeiras, e a fortaleza da barra salvou com 21 tiros.

34. No dia 3 de Abril pelas 3 horas da tarde se transportou o tenente-general para a villa, e logo se foi continuando a apossar de todas as bagagens precizas.

35. No dia 4 do mesmo mandárão buscar pelo rio acima as embarcações, em que os inimigos fizerão os seus transportes para o arroio, as quaes achárão arrombadas e alagadas, os mastros picados ao machado, e as conduzirão para a villa como puderão.

36. Dos nossos morrêrão em todo o combate de terra trez soldados, e na esquadra um soldado artilheiro do dezastre de arrebentar uma peça e um estilhaço d'ella o matou na corveta *Penha*, e na fragata *Graça* um ferido, e na lanxa da barra um com as pernas ambas fóra.

37. Nos fortes avançados das nossas tropas em cada um commandava um capitão, e querendo sustentar a avançada, fôrão ambos muito feridos de cutiladas das espadas, e alguns cabos e cadetes, que os acompanhavão, fôrão todos para o hospital da nossa villa do norte, onde morreu um dos capitães e cinco dos mais, e outro capitão já ia escapo com os mais e ficárão prizioneiros cincoenta.

38. Achou-se na villa muita fazenda e dos fortes e navios naufragados se tirou artilharia, que consta do mapa junto, fóra armas de mão; no forte do Triunfo encontrámos um grande armazem de aprestos de toda a qualidade para aparelhar navios com muita grandeza, e todos os fortes estavão com muita quantidade de balas á proporção dos calibres da sua artilharia.

39. A fortaleza da barra é feita com toda a arte da engenharia, com seu fosso e portão, e bem paramentada de tudo o que era precizo para um violento ataque, e no cazo de havel-o se despicarião com a bôa preparação de suas forças: os mais fortes erão abertos, excepto o da villa, que tambem tinha o preparo do da barra.

40. No dia 7 do mesmo foi domingo de pascoa; cantárão na igreja o *Te-Deum* em ação de graças, a que assistirão todos.

MAPA

Das embarcações que compuzèrão a armada naval, que sahiu da ilha de Santa-Catarina no dia 6 de Fevereiro de 1776 para o Rio-grande de São-Pedro, dirigida e commandada por Roberto M. Duval, xefe da esquadra do sul, e entrárão no dia 19 do dito mez e anno.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	PATENTES	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS	INFANT.	QUANTID.
Frag. N. Sra. da Gloria....	Antonio Jozé Pegado......	Capitão de mar e guerra.....	14	4	60	30	90
Frag. N. Sra. da Graça...	Frederico Kasselberg......	Cap.-tenente..	22	8	150	50	200
Corv. N. Sra. da Victoria.	JozéCorreia de Melo........	Cap.-tenente..	8/6	6/3	60	30	90
Corv. N. Sra. da Penha...	Agostinho da Roza Coelho.	Ten. do mar.	8	6	45	25	70
Sum. N. Sra. do Monte...	Bernardo Ribeiro........	Tenente da armada........	10	4	45	25	70
Sumaca Bom-Jezus.......	Francisco Lopes Xavier...	Tenente da armada........	10	4	45	25	70
Sum. N. Sra. de Belém...	Jozé Maria de Medeiros....	Ten. do mar pelo xefe....	10	4	45	25	70
Berg. Bom-sucesso.....	Manoel da Silva Duarte...	Prim. piloto..	8	3	30	10	40
Xalupa Expedição.......	Jeronimo da Silva........	Ten. do mar pelo xefe.....	12	6	70	....	70
9 embarcações que fazem a quantidade de..			110	....	600	170	770

MAPA

Das embarcações que compunhão a armada naval, que se achava fundeada no forte do Patrão-mór no porto do Rio-grande de São-Pedro, a qual assistio ao combate da tomada da terra da margem do sul do mesmo rio. Commandada pelo capitão de mar e guerra Jorge Hardecast.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	PATENTES	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS	INFANTARIA	QUANTIDADE
N. Sra. da Graça.....	Jorge Hardecast.......	Capitão de mar e guerra....	22/8	8/3	200	50	250
Frag. N. Sra. da Gloria..	Antonio Jozé Pegado....	Capitão de mar e guerra....	14/6	4/2	60	30	90
Corv. N. Sra. da Victoria	José Correia de Melo......	Cap.-tenente..	8/6	6/3	60	30	90
Corv. Invencivel......	Pedro de Morens......	Cap.-tenente..	18	8	70	30	100
Corv. Belona.	Joaquim Jozé Cassão.. .	Cap.-tenente..	18	8	70	30	100
Corv. N. Sra. da Penha..	Agostinho da Roza Coelho	Ten. do mar.	8	6	45	25	70
Sum. S. Sacramento..	João Favila Bitancurt..	Ten. do mar.	14	4	45	20	65
Sum. N. Sra. do Monte..	Bernardo Ribº	Tenente da armada.......	10	4	45	25	70
Sumaca São-Jozé.......	João Ignacio.	Prim. piloto.	14	4	45	20	65
Corv. Dragão.	Mateus Ignacio........	Prim. piloto..	8	8	30	10	40
Berg. Bom-sucesso....	Manoel da Sª Duarte....	Prim. piloto..	8	8	30	10	40
Sum. N Sra. de Belém..	Jozé Maria de Medeiros..	Tenente do mar pelo xefe....	10	4	45	25	70
12 embarcações que fazem a quantidade de.			172	....	745	325	145

MAPA

Das embarcações que compunhão a armada espanhola, e se achavão no porto do Rio-grande de São-Pedro, no combate do dia 19 de Novembro de 1776, e na tomada da terra da margem do sul do mesmo rio no dia 1º de Abril do mesmo anno, e fim que tiverão na mesma ocazião.

EMBARCAÇÕES	COMMANDANTES	FIM QUE TIVERÃO	PEÇAS	CALIBRE	HOMENS
Gal. N. Sra. das Dôres..	D. Jozé Emparama.........	Naufragou ...	18/2	4/6	80
Berg. Santiago	D. Francisco Xavier Molares.	Navega.......	18/2	4/6	80
Setia Mizericordia.....	D. Felipe Lopes.	Navega.......	20	4	60
Setia São-Francisco..	D. Francisco Idiaquez......	Naufragou....	20	4	60
Berg. Santa-Matilde....	D. Manoel Pando	Naufragou....	14/2	4/12	50
Berg. Pastoriza........	D. João Jozé Iriaga........	Queimou-se...	12/2	4/12	50
Sumaca Columbra....	Dezarmada'.....	Navega.......	......	......	[illegible]
Sum. N. Sra. do Carmo.	Dezarmada.....	Queimou-se...	......	......	
8 embarcações com a quantia de.............			110	......	402

MAPA

Da arilharia que se achou nos fortes e se tirou dos navios naufragados dos Espanhóes na tomada de terra da margem do sul do Rio-grande de São-Pedro no dia 1.º de Abril de 1776 pelas tropas e armada de S. M. Fidelissima, sendo general o Exm. Sr. João Enrique Bueme.

FORTES	CALIBRES DE FERRO E BRONZE													
	24	18	16	12	9	8	6	4	3	PEDREIROS	4	3	MORTEI-ROS	QUANTI-DADES
Barra	3	4	..	..	..	..	..	..	..	......	..	..	......	7
Mosquito	..	..	1	2	..	..	..	..	..	......	..	..	......	3
Triunfo	1	..	1	1	..	..	..	..	..	......	..	..	......	3
Trindade	2	2	..	..	..	..	..	..	..	......	2	..	......	6
Mangueira	..	2	..	2	..	2	..	..	..	......	..	..	......	6
Ladino	..	2	..	..	..	..	2	..	2	......	..	..	......	6
Villa	2	..	..	6	..	..	2	2	..	......	..	..	2	14
Arroio	..	..	..	..	3	..	..	..	3	......	..	..	......	6
Navios	..	..	..	2	..	..	..	19	6	4	4	2	......	37
Quantidades	8	10	2	13	3	2	4	21	11	4	6	2	2	88

TABOADAS

DE

LONGITUDES E LATITUDES

DE

GRANDE PARTE DO BRAZIL

OBSERVADAS PELOS ASTRONOMOS EMPREGADOS NA DEMARCAÇÃO (*)

(*) Este manuscrito pertenceo a João Carlos Augusto d'Oeinhausen, Marquez do Aracati, a quem foi dado pelo coronel Ricardo Franco d'Almeida Serra, segundo consta de uma nota de letra do mesmo João Carlos; sendo as longitudes e latitudes coligidas pelo dito coronel.

LOGARES	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA N. PARA E.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	ANNOS
Villa do Rio-grande de São-Pedro (1)..	32	1	45	326	2	36			
Forte de São-Jozé na barra do Rio-grande (1).........	32	7	....	326	2	54			
Santa Tecla (1).....	31	16	18	324	....	54			
Forte de São-Gonçalo (não existe já) (1).	32	....	....	325	36	50			
Ponta do norte da ilha de Santa Catarina (2)....	27	22	30						
Villa do Desterro na dita ilha (2).......	27	35	36	328	56	....	9	47	1781
Ribeirão, na dita ilha (2)...........	27	41	18						
Ponta do sul da dita ilha (2)...........	27	50	....	......					
V. de Guaratuba (2).	25	52	25	329	...	....	8	30	1791
Villa de Parnaguá (2)	25	31	30	329	6	....	8	8	1791
V. de Ararapira (2).	25	14	30	......					
Villa de Cananéa(2).	25	....	35	329	36	....	7	57	1791
Villa de Iguape (2).	24	42	35	330	....	....	7	25	1791
Villa de Itanhaen (2).	24	10	40	330	50	....	7	30	1791
Barra do rio Una (2).	24	26	50						
Barra de Santos na Estacada. (2)......	24	....	....	331	10				
Villa de Santos (2)..	23	56	15	331	9	30			
Villa de São-Sebastião (2)...........	23	47	40	332	30	....	6	45	1791
Villa de Ubatuba (2).	23	26	3	333	....	....	6	30	1791
Barra da Bertioga (2).	23	51	55						
Rio de Janeiro (2)..	22	54	15	334	19	....	6	40	1781
Cabo-frio (2).......	22	58	8	335	....	....	7	5	
Cid. de São-Paulo (2).	23	33	30	330	55	....	6	50	1790

(1) Estas observações são feitas na partida da demarcação do Rio-grande em 1780 e 1781.

(2) Estas observações são feitas pelos astronomos Francisco de Oliveira Barboza e Bento Sanches.

VARIANTES	LATITUDES			LONGITUDES		
Pelo astronomo Francisco d'Oliveira: observação do Rio de Janeiro e communicado pelo mesmo e pelo Exm. Vice-rei.................	22	54	15	334	15	
Bento Sanches na Gazeta de Lisbôa de 28 de Janeiro, n. 4, anno de 1786, publicou da mesma cidade.	22	54	13	334	21	30
Observação média das ditas.......	22	54	14	334	18	15
CIDADE DE SÃO-PAULO						
Pelo dito Francisco de Oliveira....	23	33	30	330	54	30
Pelo Dr. Francisco Jozé de Lacerda.	23	32	58	330	52	30
Média das ditas duas.............	23	33	14	330	53	30

Taboada de latitudes no Brazil pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi, matematicos regios em 1730 e 1731.

CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO	G	M	S
Santa Catarina de Moz, ultimo termo para norte	21	20	18
Parabiba do sul na barra....................	21	38	44
Cabo de São-Tomé..........................	21	59	
Praia de Carapebas..........................	22	14	35
Villa de São-Salvador no rio Parahiba	21	44	59
Aldêia dos Guaitacazes.......................	21	50	53
Aldêia dos Campos novos no dito............	22	41	40
Aldêia de São-Pedro, na enseada de Cabo-frio.	22	50	57
Cidade de Cabo-frio...........................	22	52	37
Freguezia de Saquarema.....................	22	58	20
Freguezia de Maricá.........................	23	00	37
Cidade do Rio de Janeiro....................	22	35	20
Aldêia de Mangaratiba, na enseada da Ilha grande..	22	57	5
Villa de Angra dos Reis......................	22	59	1
Ilha-grande na Praia-vermelha...............	23	9	24
Villa de Parati, ultimo termo para sul.......	23	12	42
Villa de Macacú......	22	41	16
Aldêia de São-Barnabé, na enseada do rio...	22	43	46
Fazenda de Santa-cruz.......................	22	52	3
Passagem do Parahiba para as Minas, e termo para o certão...........................	22	9	18

Capitania de São-Paulo e costa do Brazil, pelos ditos padres Diogo Soares e Domingos Capassi em 1731, 1736 e 1737.

COSTA DO BRAZIL	LATITUDES		
	G	M	S
Villa da Laguna..............................	28	30	40
Campinas de Biracuera.......................	28	8	42
Villa da ilha de Santa Catarina.............	27	31	41
Baitepera, ponta do norte e enseada de Garopas.	27	5	21
Enseada e rio Gamberiuguame................	27	......	24
Enseada e rio Tajahi..........................	26	56	24
Enseada de Tapacroia	26	47	54
Villa de São-Francisco.......................	26	13	16
Villa de Itanhaen.............................	24	11	6
Villa de Santos...............................	23	56	20
Villa de São-Vicente..........................	23	58	42
Fortaleza de Santo Amaro, na barra de Santos.	23	59	37
Villa de São-Sebastião........................	23	48	11
Villa de Ubatuba, ultimo termo para norte....	23	24	15

Capitania de São-Paulo e costa do Brazil, pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi, em 1731, 1736 e 1737.

PELO CENTRO	LATITUDES		
	G	M	S
Arraial da Piedade	22	41	30
Villa de Guaratinguetá	22	46	
Villa de Pindamonhangaba	22	55	
Villa de Tabuaté	22	55	
Villa de Mogi	23	29	50
Aldêia de Nossa Sra. da Graça	23	25	34
Cidade de São-Paulo	23	33	10
Villa de Parnahiba	23	32	6
Aldêia e capela do Tiété	23	30	21
Villa de Sorocaba	23	31	14
Fazenda de Arassariguama	23	31	6
No sitio do Pedrozo	23	48	20
Fazenda de Itanguá	24	1	14
Villa de Itú	23	27	2
Villa de Curituba	25	25	43

OBSERVAÇÃO

1.ª As transcritas latitudes dos padres Diogo Soares e Domingos Capassi têem alguma diferença das determinadas pelo astronomo Francisco de Oliveira; comtudo as d'este ultimo devem-se preferir ás dos primeiros, tanto por terem melhores instrumentos, como pela maior exactidão das modernas taboadas das amplitudes e declinação do sol.

2.ª As latitudes são austraes.

3.ª As longitudes são contadas, supondo o meridiano da ilha do Ferro, 20 gráos a oéste do observatorio de Pariz, por assim as contarem, com os geografos ainda modernos, os astronomos da partida do Amazonas, e outros, os quaes, por ser a distancia entre Pariz e o burgo da ilha do Ferro de 19 gráos 51 minutos e 30 segundos, fixárão em conta redonda o 1º. meridiano a 20 gráos d'aquele observatorio; comtudo a partida de São-Paulo, com outros modernos, o fixão a 20 gráos e meio, por ser esta a distancia da ponta ocidental da mesma ilha.

Observações pelos astronomos empregados na demarcação de limites dos annos de 1750 e 1777.

RIO AMAZONAS	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA N. PARA E.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	ANNO
Cidade de São-Luiz do Maranhão.	2	30	..	333	38	45			
Móxa ou villa de Oeiras	7	..	..	335	39	30			
Cidade do Pará	1	27	2	329	2	..	4	18	1781
No porto da cidade do Pará a altura que têem as marés nas aguasvivas e preamares dos equinocios é de palmos 18 3/8. Altura da maré nos solsticios 16 3/4 palmos. O estabelecimento é pelas 11 horas. Tem 5 horas de enxente e 7 e 2. 4. de vazante.									
Macapá, margem do norte	..	3	..	326	38	..	..	..	Bor.
Mazagão, margem do norte	..	22	..	326	15	..	..	..	Aust.
Cazaforte no rio Guaman	1	34	30	....	..	..	..	..	1753
Portel, villa no Pacajás	1	53	..	....	..	..	..	..	1753
Furo do Limoeiro, ponta occidental da foz do rio Tocantins	1	52	41	....	..	..	4	..	1781
Boca do rio das Areias	1	9	39	....	..	..	..	..	1781
Villa de Gurupá	1	23	37	....	..	..	..	..	1781
Barreiras de Gussari	2	18	3	....	..	..	5	21	1781
Pauxis ou Obidos	1	55	..	....	..	..	6	7	1781

RIO AMAZONAS EM 1781	LATIT. G	LATIT. M	LATIT. S	LONG. G	LONG. M	LONG. S	MARG. DO RIO
Boca do rio Xingú na sua margem oriental..	1	29	45	....	..	..	Aus.
Vilarinho do Monte no dito Xingú..............	1	34					
Porto de Moz no dito rio............................	1	41	45				
Villa de Santarem, foz do Tapajós.............	2	24	50	323	14	30	Sul
Alter do xão no dito Tapajós......................	2	29					
Variação da agulha de n. para nasc. 5° e 32'							
Barreiras de Paricatuba..............................	2	6	52	....	..	..	Sul
Forte de Pauxis, ou Obidos........................	1	55	..	....	..	..	Sul
(Pauxis é o lugar mais estreito do maximo rio Amazonas; a sua largura aqui é de 813 braças e de mais de 100 de fundo a fluxo e refluxo das marés; é n'este lugar assás sensivel, apezar de ficar 200 leguas distante da costa no oceano.)							
Variação da agulha 6° e 7' N. E.							
Foz do rio Madeira na ponta occidental........	3	23	43	318	52	..	Sul
Variação da agulha 6° e 44' N. E.							

N. B.—Da foz do Madeira são 28 leguas de navegação até á do Rionegro, grande confluente do lado setentrional do Amazonas, a que chamão Solimões d'aqui para cima.

CONTINUAÇÃO DO RIO AMAZONAS OU SOLIMÕES	LATIT.			LONG.			ANNOS
	G	M	S	G	M	S	
Villa Arvelos, ou Coari, sobre a margem oriental d'este rio, 4 leguas acima da sua foz no Amazonas	4	..	9	...	..	..	1754
Villa de Ega na margem de éste do rio Tefé, confluente do lado meridional	3	20	..	312	41	..	1782
Nogueira, ou Paraguari, villa fronteira a Ega no rio Tefé	3	19	..	312	45	..	1782
Variação da agulha de N. para E.	..	..	..	...	..	..	7°
Lugar de Fonte-bôa, margem do sul do Amaz.	2	30	..	...	..	..	1782
Boca do Auati-paraná, no lugar em que se erigiu o marco de limites, o qual se toma pela boca mais ocidental do Jupurá	2	31	..	310	18	30	1782
Castro d'Avelans, margem do sul do Amazonas.	3	20	30	...	..	..	1782
Marco interino do Javarí, a léste da sua foz 1.815 braças, e na margem aust. do Amaz.	4	17	30	308	6	30	1782
Boca do Javarí, rio da Extrema	4	18	30	308	4	45	1782
Olivença antes do Javarí	3	27	30	...	..	..	1782
Dentro Javarí, 70 leguas acima da sua foz	4	30	45	306	12	45	
No mesmo Javarí, 60 leguas mais acima	5	17	20				
Tabatinga, fronteiro a Javari	4	14	..	308	8	..	1782

O lugar de Tabatinga, na margem do norte do Amazonas, e fronteiro da foz do Javari, é o ultimo e mais ocidental estabelecimento portuguez do Amazonas, distante 540 leguas de navegação da cidade do Pará, e 410 em linha recta.

RIO JUPURA, GRANDE CONFLUENTE DA MARGEM BOREAL DO AMAZONAS EM 1782	LATITUDES			LONGITUDES		
	G	M	S	G	M	S
Aldêia de Santo Antonio de Marapí, 5 leguas abaixo da boca superior do Auati-paraná	1	52				
Aldêia Macupirí, acima da dita boca.	1	59				
Foz do rio Apapuris, entra no Jupurá por norte	1	22	....	308		
Caxoeira do Cupatí, no Jupurá	1	18				
Mamiearú, aldéia dos Tabocas no Jupurá	1	32				
Foz do rio dos Enganos, dezagua por norte	..	36	....	305		
Caxoeira grande, no Jupura, a primeira da boca do rio dos Enganos para cima	....	38				
Primeira caxoeira invadeavel no rio Apapuris	....	55				
Primeira caxoeira grande no rio dos Enganos	....	15				
Segunda caxoeira grande no rio dos Enganos	....	12	....	304	37	
Caxoeira 1ª, invadeavel no rio Cunhari, braço do norte do rio dos Enganos. Lat. boreal	....	20				
Rio Aurá, braço de Cunharí, no logar a que se chegou em 1781. Boreal	....	2				

Todas as observações no Solimões, e no rio Jupurá e seus braços, são feitas pelos astronomos os Drs. Victorio e Simões em 1781 e 1782.

N. B. O lugar a que chegárão dista apenas 100 leguas do meridiano de Quito, e ainda menos das altas montanhas que lhe ficão ao nascente.

OBSERVAÇÕES FEITAS NO RIO-NEGRO EM 1781	LATITUDES			LEGUAS DE UNS A OUTROS LUGARES
	G	M	S	
Forte de São-Jozé, margem do norte, duas leguas acima da sua foz no Amazonas	3	9	....	2
Villa de Moura, na margem do sul...	1	26	45	52
Pedras grandes, na margem do sul...	1	23	23	
Lugar de Poiares, ou Cumaru, margem do sul	1	7	8	22
Lugar de Carvoeiro, ou Aracari, margem do sul	1	28		
Longitude média 315° 30m do dito.....	....	....	....	6
Barcelos, va., ou Mariuá, margem do sul	....	58		
Long. 314° 45m. Variação d'agulha 7° 16'				
Lugar de Moreira ou Cumaru, dito lado.	....	35	....	16
Villa de Tomar, ou Bararua, dito.....	....	24	....	15
Lugar de Lamalonga ou Dari, dito...	....	18	....	2
Boca do rio Urubaxi, margem do sul.	....	26	....	25
Boca do Uncuhixi, dita margem.......	....	27	....	6
São-João Neponuceno, lugar..........	....	23	30	41
São-Gabriel, fortaleza sobre a caxoeira	....	5	....	10
São-Joaquim ou boca do rio Uaupes.	....	3	30	4
Somma das leguas.......	....	....	....	201

N. B. Na foz do rio Uaupes, grande braço ocidental do Rio-negro, finda este o seu rumo geral de éste a óéste com 510 leguas de navegação desde a cidade do Pará e da boca do Uaupes para cima, corre o Rio-negro de norte, e a este rumo se navegão mais 42 leguas até Marabitanas, ultimo estabelecimento portuguez d'este grande rio: d'elle ainda se navegão mais 20 leguas a norte até os fortes espanhóes de São-Carlos e Santo Agostinho, um fronteiro ao outro sobre as opostas margens do rio pela latitude de 2 gráos de norte; logo acima d'estes fortes faz barra na margem de norte do Rio-negro o celebre furo Caciquiari, o Rio-negro até esta junção corre desde as serras de Popaian, e pelo paralelo de 3 gráos directamente a léste por mais de 120 leguas, sendo o seu curso total de 400.

O furo Caciquiari vem de norte com rapida corrente dezaguar no Rio-negro, com grande cabedal de aguas, por seis rios que recebe, além das aguas que pela sua boca superior lhe lança o grande Orinoco, que por este furo se communica com o Rio negro.

D'esta configuração e certeza geografica rezulta, que o tronco principal do Orinoco, o furo Caciquiari, o Rio-negro e Amazonas, e a larga costa do oceano comprehendida entre as amplas barras do Amazonas e Orinoco formão por tantas aguas contiguas e communicadas uma grandissima ilha de 400 leguas de comprido de nascente a poente, e de 200 de largo de norte a sul, ilha que comprehende ou se divide em Guiana franceza, olandeza, espanhola e portugueza.

O rio Uaupes, ou Cajari, é um grande confluente do Rio-negro; correndo ambos, desde as suas vizinhas fontes, paralelos e com igual extensão, até se unirem; em 1781 foi configurado por 50 leguas de navegação, paralelamente e a sul da equinocial, até á grande caxoeira Ponaié, e em 1787 foi reconhecido até perto das suas origens.

RIO BRANCO OU URARICUÉRA	PELO DR. PONTES EM 1781						PELO DR. SIMÕES EM 1787					
	LATIT.			LONG.			LATIT.			LONG.		
	G	M	S	G	M	S	G	M	S	G	M	S
Boca do Rio-branco	1	24										
Boca superior do furo Amarau, que fórma o braço mais ocidental do Rio-branco	..	57	6	...	.	..	..	57				
Pesqueiro real	..	..	..	...	.	.	.	22				
Aldêia do Carmo. B	..	17	..	...	.	..	..	18	30			
Foz do Anáuáû. B	..	.	..	..	.	.	..	56				
Ilha do Tejupar. B	1	51	40									
Meio da serra Carumani. B.	2	31	43									
Foz do Mariuani. B	..	..	..	...	..	..	2	37				
Santa Barbara, aldêia. B	2	55										
Forte de São-Joaquim. B	3	1	30	316	26	..	3	1				
Foz de Parime, que entra por norte. Boreal	3	29	30	...	.	..	3	24				
Parime dentro. B	3	36										
Origem do Parime	3	50	20									
Foz do rio Majari, entra por N. B.	..	..	..	...	.	..	3	29				
Caxoeira Aruá, 1ª. grande do Majari. B	3	45										
Caxoeira ultima e 20ª. do dito Majari. B	3	55										
Aldêia da Conceição. B	3	27	..	316	25	30						
Foz do Maracá, dezagua pela de sul. B	..	.	..	..	.	..	3	22				
Penedo da Boavista. B	3	23										
Foz do Cauarápurú. B	3	31	..	...	..	..	3	32				
Caxoeira das Cordas. B	..	..	..	...	..	..	3	31				
Foz do Uraricapará, que entra por norte no Uraricuéra	3	24	..	...	.	..	3	21	..	315	24	B
Santa-Roza, tapera. B	3	41	..	314	44	38	3	47				
Vale da Inundação. B	..	..	..	...	..	.	4	3	30	314	21	

N. B.—O Rio-branco ou Parime se sobe desde a sua boca na margem setentrional do Rio-negro com 104 leguas de navegação a rumo geral de sul a norte, inclinando 30 gráos para nascente até á fortaleza de São-Joaquim, onde em dois braços chamados Tacutu, que vem de nascente, e Uraricuéra, que corre ponte, se divide n'estes ramos principaes, que fórmão o seu tronco.

Dezoito leguas acima da foz do Uraricapará, está sobre a margem do norte a tapera de Santa-Roza, onde se estabelecêrão em 1775, e em outros lugares do Uraricuéra e rio Maine e onde fôrão aprehendidos os Espanhóes, os quaes entrando do Orinoco no Caroni, d'este no Parauá, e do Parauá no Parauá-mussi, braços sucessivos uns dos outros. Da origem do Paraná-mussi, que é o mesmo Vale da Inundação observado pelos Portuguezes em 1787, atravessárão a rumo de sul a grande serra Pacarahina, de que nasce, até encontrarem na oposta face as origens do Uraricapará, 6 leguas acima de Santa-Roza.

Continuação do Rio-branco pelos ditos astronomos nos ditos annos

RIO TACUTU	LATITUDES BOREAES			LONGITUDES			
	G	M	S	G	M	S	
Praia Urububani, perto da foz do Xurumu	3	22	......	......	......	......	Pontes
Foz do rio Xurumu que entra por oéste no rio Tacutu	3	25	......	......	......	......	Simões
Foz do rio Mahu, no Tacutu por oéste	3	34	......	......	......	......	Pontes
Penedo Camiú no Tacutu	3	21	......	......	......	......	Pontes
Ponta de oéste da serra proxima do Tacutu, a éste da qual corre o Repunuini	3	20	31	317	16	......	Pontes
No mesmo Tacutu, mais acima do dito	3	4	......	317	36	......	Simões
Pouco mais de um dia de navegação acima do lugar antecedente entra pelo poente no Tacutu o igarapé Saraurú, pelo qual em meio dia se chega á lat. de	3	10	......	......	......	......	Simões
Caxoeira das Ubás, 2 dias acima no dito	3	7	50	......	......	......	Simões
D'este lugar mais um dia de navegação pelo mesmo Saraurú, saltando em terra pantanoza, com uma legua de caminho a léste, se chega ao rio Repunuini. Observação n'este lugar	2	53	29	318	6	......	Simões
RIO MAHU							
4 leguas da boca do Mahú lhe entra pela margem oriental o pequeno rio Pararacacu, do Pirará 1/2 legua acima da sua boca	3	29	......	......	......	......	Pontes
Lago Amacunás, cabeceira do Pirara, 6 leguas a léste da sua foz	3	29	20	317	15	......	Pontes

N. B.—Do lago Amacunás são outras seis leguas de caminho paludozo, no rumo de léste até o rio Repunuini, grande e mais ocidental braço do rio Essequeb da Guiana olandeza.

Continuação do rio Mahú pelo Dr. Pontes em 1781

RIO MAHU	LATITUDES		
	G	M	S
Acima da 1ª. caxoeira do Caldeirão. B...........	3	48	
Boca do igarapé Maripa, abaixo da 4ª cax. B.	4	1	
N. B.—O rio Mahú e o Majari nascem e correm na maior parte entre altas montanhas.			
OBSERVAÇÕES DO DR. SIMÕES EM 1781			
Foz do Xurumú, braço ocidental da Tacutu. B.	3	25	
No Xurumu, pouco mais acima da sua boca. B.	3	29	11
Dois dias de navegação mais acima entre serras.	3	51	45
Outros 2 dias mais acima, tendo-se passado 21 caxoeiras, junto da grande serra Cuanuarú. B.	4	5	
Foz do igarapé, que por léste entra no Xurumú. B..	3	35	30
Ponto na margem do dito, junto á serra dos Cristaes..	3	50	45
N. B.— Os Olandezes passão, no tempo das cheias, em canôas, e no das secas por terra do rio Repunuini a Tacutu, e d'este ao Xurumú para extrahirem da serra dos Cristaes estas pedras, os quaes são bellos pingos d'agua e topazios.			
RIO UANAUAU, BRAÇO ORIENTAL DO RIO-BRANCO			
Foz do Uanauau de 12 braças de largo. B....	....	56	
Acima da sua foz tres dias de navegação. B.	....	55	45
Oito dias mais acima, onde o rio tem só 7 braças de largo. B..	1	19	29
O rio Uanauau, d'aqui para cima, corre na direção geral de nordeste, por cima de uma calçada de pedras, e por um inclinadissimo plano, que fórma immensos secos e 50 trabalhozas caxoeiras até o lugar em que foi visto, já perto da serra do Assari, de que nasce, ao norte das quaes nasce o Repunuini.			

RIO CARATIRIMANI, BRAÇO OCIDENTAL DO RIO-BRANCO. EM 1787 DR. SIMÕES	LATITUDES		
	G	M	S
Foz do rio Caratirimani. Boreal....................	....	26	
Aos sei sdias de navegação na 2ª. boca do furo que o communica com o rio Sereveni, e este com o Rio-negro..	1	1	
Porto das Cordas, cinco dias acima. B..........	1	11	
Grande caxoeira Uruparú, 2 dias acima. B....	1	29	
Porto dos Paráuanas, 5 dias acima. B..........	1	46	
Tres dias de navegação mais acima da foz do Atarú. B..	1	49	30
Longitude d'este lugar, por aproximação, 314° e 45'..			

As observações feitas pelo Dr. Simões em 1787 diferem em alguns pontos das calculadas em 1781 pelo Dr. Pontes. Eu prefiro as de 1787 ás antecedentes, tanto porque o Dr. Simões, tendo as primeiras, não devia produzir outras sem um precizo escrupulo, como por se conformarem ellas mais com a configuração do mapa, que levantei do Rio-branco em 1781.

O Rio-branco, formado por mais de 20 rios, é um belo, grande e interessante paiz ; abundante em todos os efeitos privativos do amplissimo Amazonas, sem os incommodos dos insectos e do nimio calor e grande humidade do vasto terreno de que elle é parte; os seus belos campos cobertos de mimoza relva, e de sal montieno, elles se estendem da latitude boreal de 1 gráo até a de 4, e de nascente a oeste ainda por maior extensão desde o Repunuini, e d'este rio e pela latitude de 4 gráos se estende directamente para poente uma alta e grossa cadêia de montanhas com 80 leguas de extensão, das quaes nascem para sul os superiores braços do Rio-branco, e na sua continuação outros muitos rios, que vão á margem do Rio-negro, e para norte nascem d'ella o Orinoco, e outros, etc.

RIO MADEIRA EM 1781	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Ponta ocidental da foz do Madeira..	3	23	43	318	52	..	6	44
Villa de Borba no dito rio............	4	23	..	318	7	15	6	55
Ponta de sul da ilha Mandiúba......	4	36	41	317	46	3		
Ponta de sul da ilha Matupiri.......	5	36	47					
Boca do rio dos Marmelos............	6	3	31	....	..	..	7	16
De uma pequena ilha 3 leguas acima e a oeste do rio Aruápiara.	6	13	..	....	..	..	8	13
Ponta de norte da ilha dos Muras...	6	34	15	315	55	15		
Por outra observação..................	6	34	..	316	33	45		
A primeira é mais conforme com a configuração, e por isso a sigo.								
Meia legua acima das ilhas d'Arraias..................................	7	14	2					
Boca do rio Maxado....................	8	5						
Tres leguas acima e a sudoeste do dito rio na ponta de duas ilhotas.	8	9	42	315	19			
1ª. Caxoeira de Santo Antonio.......	8	48						
2ª. Caxoeira do Salto do Teotonio...	8	52	..	313	39	30		
5ª. Salto do Girão........................	9	21						
8ª. Caxoeira da Pederneira...........	9	31	21	....	..	..	8	
10. Cauda da caxoeira do Ribeirão..	10	10	..	....	..	..	8	15
Cabeça do dito ribeirão................	10	14	..	....	..	..	8	21
Junção do Mamoré no Madeira......	10	2	30	312	10	30		

Na confluencia d'estes dois grandes rios, a largura do Madeira é de 494 braças, e a do Mamoré de 440 braças, sendo o total do canal dos dois rios de 900 braças. A velocidade do Madeira no tempo das cheias em uma hora é igual a 2.961 braças, e sahindo-se em um bote de cinco remos por banda, se navegão em uma hora 1.357 braças e meia.

RIO MAMORÉ EM 1781. PELOS DRS. PONTES E LACERDA, E OS DO MADEIRA.	LATIT.			LONGIT.			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Cauda das 15 caxoeiras da Banana.	10	35						
Cabeça da mesma Bananeira........	10	37						
Ilha das Capivaras........................	11	14	30					
Confl. do Guaporé com o rio Mamoré	11	54	46	312	28	30	9	11

Nos dois tratados de limites, de 1750 e 1777, no art. 7º do primeiro, e 10º do segundo, se supõe, que o canal das aguas unidas dos rios Guaporé e Mamoré é que fórmão o rio Madeira, quando este, que se considera não existir, é maior que os outros dois.

O ponto médio entre a confluencia do Mamoré com o Guaporé, e boca do Madeira no Amazonas, para d'elle se tirar a linha de nascente a poente até á margem do rio Javarí, linha extrema e danoza aos Portuguezes, fica o dito medio na latitude de 7 gráos 54 minutos e 14 e 1/2 segundos.

RIO GUAPORÉ EM 1782								
Boca do rio Cautarios..................	12	13	30	....	...	...	9	12
Forte do Principe da Beira..........	12	26	...	312	57	30	9	14
Destacamento das Pedras.	12	52	35	314	37	30		
Vizeu ou boca do rio Curumbiara..	13	14	30	....	...	...	8	37
Porto dos Guarajús......................	13	29	30	315	55	30		
Por posterior observação, Guarajús.	13	29	40	315	44			
Média das duas, chegada a configuração.	13	29	35	315	49	45		
Arraial dos Guarajús....................	13	36						
Boca do rio Paragaú.	13	33						
Morro do Barreiro dentro do Paragaú, no campo da Melgueira........	13	56	...	316	7			
Terra firme do Jacarandá no rio Turvo, braço oriental do Paragaú.	14	45						
Torres, morro na margem ocidental do Guaporé	13	39						
Boca do Rio-verde, na mesma marg.	14	...	...	....	...	...	9	20
Porto do Cubatão.	14	31						
Barra do rio Capivari.	14	39	35					
Foz do rio Sararé....	14	51						
Villa-Bela.........	15	...	...	317	42	...	9	55

CAPITANIA DE MATO-GROSSO. PELO DR. PONTES EM 1782 E 1783.	LATIT.			LONG.			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Cazalvasco, na margem oriental do rio Barbados	15	19	46	317	48	30	9	54
Capão da Egoa, no mesmo rio Barbados, e a sul de Cazalvasco	15	35						
Morro das Salinas	15	46	...	317	20	...	9	53
Passagem do rio Paragaú, 7 leguas a oeste do morro das Salinas, e na estrada para Santo-Ignacio de Xiquitos	15	45						
Monte da Baliza, uma legua a léste do Paragaú	15	48	...	316	50	...	9	51

N. B.— O morro das Salinas, em que terminão pelo occidente os campos do rio Barbados, existe 7 leguas a poente da vargem das Salinas, as quaes ficão a sul de Cazalvasco outras 7 leguas.

CAPITANIA DE MATO-GROSSO EM 1784. PONTES	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO D'AGULHA	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Arraial da Xapada..............	14	47						
Arraial de Sant'Anna..........	14	45						
Arraial de São-Vicente........	14	30						
Engenho do Bomjardim a éste, legua e 1/4 da ponte do Guaporé......................	15	16						
Face setentrional da serra do Aguapehi, 4 leguas a sul de Santa-Barbara............	15	56	......	......	......	......	11	
Salinas do Jaurú, tapera do Almeida..........................	16	19	......	......	......	......	9	36
No Páo-a-pique, e Pantanal, de fronte da extremidade da serra, que lhe fica contigua e a poente, cuja ponta é a da serra de São-Vicente	16	21						
Estiva ou borda oriental do mato da Lavrinha............	15	27	38					
Registro do Jaurú..............	15	44	32	......	......	......	10	45
Fazenda da Caissara..........	16	4	42	319	58	36	9	15
Villa-Maria, no lado de nascente do Paraguai...........	16	8	33	320	2	15	8	38
PARAGUAI EM 1786 PELOS DRS. PONTES E LACERDA								
Marco na foz do rio Jaurú, isto é, meia milha abaixo no rio Paraguai..............	16	23	......	......	......	......	11	44
Pelo astronomo Miguel Antonio Ciera........................	16	25	......	320	10	......	9	40
Serra do Escalvado, onde finda a serrania da margem oriental d'este rio e que vem da sua origem.........	16	42	58					

N. B. Por carta do commissario Jozé Custodio de Sá Faria, de 23 de Janeiro de 1754, escrita ao Sr. Conde de Azambuja, quando colocou aquele marco, consta esta observação.

PARAGUAI	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO DE N. PARA E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Ponta de norte da serra da Insua e principia a que acompanha o lado ocidental do Paraguai......................	17	33						
Serra do Letreiro, que com a ponta de sul da da Insua fórma a boca da bahia da Gahiba..	17	43	......	......	......	......	10	30
Foz do rio de São-Lourenço no Paraguai.....	17	55						
Pedras de Amolar, extremidade do sul da serra da Gahiba........	18	1	44	320	13	30	10	30
Povoação de Albuquerque..........................	19	......	8	320	3	14	10	15
Prezidio de Coimbra......	19	55	......	320	1	45	10	3
Boca do rio Cuiabá no de São-Lourenço ou Purrudos......................	17	19	43	320	50	......	10	
Boca de baixo do furo Pirahim	16	28	52					
Villa de Cuiabá...........	15	36	......	321	35	15	9	55
São-Pedro d'El-rei.......	16	16	......	321	2	15	9	30
LACERDA EM 1783								
Barranquinho, braço do Itanamos	13	8	4					
Missão da Magdalena, 30 leguas de navegação remontando o rio Itanamos, que entra no Guaporé 4 milhas acima do forte....................	13	21						

EM 1788. PELO DR. LACERDA NA DERROTA QUE FEZ PARA SÃO PAULO	LATITUDES			LONGITUDES			VARIAÇÃO N. E.	
	G	M	S	G	M	S	G	M
Foz do rio Taquari, no Paraguai.......	19	15	16	320	28	18	9	37
Duas leguas abaixo do Pouzo-alegre, no Taquari..................................	18	12	58					
Boca do rio Coxim, no Taquari.......	18	26	58	322	37	18		
No Coxim, 2 leguas acima do ribeirão do Barreiro..................................	19	3	16					
Fazenda de Camapuan.....................	19	35	14	323	38	45	9	27
Varadouro de terra de Camapuan, 6.230 braças.								
Salto do Curaú, no Rio-pardo	20	5						
No rio Tieté em uma pequena ilha que fica a igual distancia entre as caxoeiras Tambaú-guassú e Tambatiririca...	21	45	21	328	21	30		
Cidade de São-Paulo.......................	23	32	58	330	52	30	7	15
EM 1790. PELO DR. PONTES, NOS CAMPOS DOS PARICIS								
Engenho-de-cima do capitão Jozé Ferreira, 1 legua a éste do arraial de Sant'Anna..................................	14	44	..	318	9	..	10	
Cabeceira do rio Juruena, o mais superior, grande e ocidental braço do Tapajós, 20 leguas a éste de Villa Bela	14	42	40					
Guaporé, na estrada velha, legua e meia abaixo da sua fonte, e 2 1/2 a léste da do Juruena.....................	14	39	54	318	39	..	10	10
Sepultura, braço oriental do Guaporé, 2 1/2 leguas a léste......................	14	40	..	318	46	..	10	10
Passagem do rio Jaurú 1 1/2 legua a sul da sua 1ª. ponte....................	14	31	..	319	3	..	10	12

Capitania de Minas-geraes, pelos padres Diogo Soares e Domingos Capassi

COMARCA DE VILLA-RICA E OURO-PRETO	LATITUDES		
	G	M	S
Passagem de Parabuco, ultimo termo para sul.	22		
Passagem do rio de Carandahi e engenho de Miguel da Costa	20	57	52
Registro da Borda do Campo	21	15	34
Arraial do Assussuhi, termo para o Rio das Mortes	20	37	14
Passagem de Congonhas, na Conceição	20	32	14
Passagem de Congonhas, no Peixoto	20	31	49
Engenho do capitão-mór Manoel de Seixas	20	34	14
Engenho do capitão-mór Domingos Moreira.	21	31	50
Arraial de Congonhas do Campo	20	30	
Arraial do Ouro-branco	20	29	45
Arraial de Nossa Senhora da Soledade	20	29	34
Arraial da Itatiaia	20	28	30
Xiqueiro	20	28	52
Arraial de Santo Antonio do Morro	20	27	30
Arraial das Lavras-novas	20	26	41
Villa-rica do Ouro-preto	20	23	56
Arraial da Caxoeira	20	22	4
Arraial de São-Bartolomeu	20	21	3
Morro de Itambira	20	17	59
Gravato, ultimo termo para norte	20	16	7
COMARCA DA CIDADE DE MARIANNA			
Ribeirão do Carmo, cidade de Marianna	20	21	27
Arraial de São-Sebastião	20	19	58
Arraial de São-Caetano	20	19	58
Arraial do Bom Jezus do Furquim	20	20	
Arraial de Antonio Pereira	20	17	58
Barra de Gualaxo, e passagem de Gualaxo do sul	20	30	14
Arraial de Guarapiranga	20	40	40
Arraial do Pinheiro	20	32	5
Arraial dos Camargos	20	15	13
Arraial do Inficionado	20	9	58
Arraial das Catas-altas, e termo para Caeté.	20	4	54

COMARCA DO CAETÉ	LATITUDES		
	G	M	S
Villa do Caeté	19	54	49
Arraial de Santa Barbara	19	56	48
Barra do Caeté	19	57	55
Arraial do Brumado	19	58	18
Arraial de São-Miguel	19	54	3
Rio de São-Francisco-mirim	19	55	33
COMARCA DO SABARÁ			
Gravato, ultimo termo para sul	20	16	7
Ribeiro dos Maxados	20	6	45
Arraial dos Rapozos	19	57	15
Villa do Sabará	19	52	36
Roça-grande	19	53	48
Curral d'El-rei	19	56	3
Arraial das Congonhas	19	59	32
Lavras do dezembargador Diogo Cotrim	19	47	22
Arraial de Santa-Luzia	19	45	38
Convento das Mocuúvas	19	41	11
Trez-barras	19	25	20
Tacoarussú	19	36	
Tacoarussú-mirim	19	10	40
Rotaço	19	17	22
Rio Cipó, ultimo termo para norte	19		
COMARCA DE PITANGUI			
Villa de Pitangui	19	41	7
Bernardo Vieira	19	59	59
Tenente Borba	19	58	24
Encruzilha, passado o córgo das guardas	19	45	
Passagem da Parupeba	19	0	12
Pompeu	19	21	57
Almas	18	53	27
Prazeres	18	37	47
Morro da Garça	18	34	18
Arraial de Santo Antonio	18	42	27
Riaxo-fundo	19	52	12
Rodeadouro	19	5	27
Pegabem	19	15	37
Sete-lagôas	19	25	57
Buruti	19	37	12
Bento Gonçalves	19	46	27
Itiaiassú, talvez 20°	10	10	57
Vera-cruz	20	3	29
Parupeba	20	10	

COMARCA DO SERRO-FRIO E MINAS-NOVAS	LATITUDES		
	G	M	S
Serra da Lapa	19	6	40
Pé da serra	18	51	
Piraúna	18	38	33
Arraial do Milho-verde	18	29	3
Arraial do Tijuco	18	14	3
Caeté-mirim	18	14	30
Passagem do Giquitinhonha	18	7	56
Ribeiro-manso	18	3	18
Capão-grosso	17	51	36
Pé do morro	17	41	36
Curralinho	17	34	48
Villa de Nossa Senhora do Bom-sucesso do Fanado	17	14	43
Xapada	17	6	37
Agua-suja	16	59	8
Contagem	16	47	36
Passagem do Giquitinhonha	16	44	12
Morros de Xucambira	17	15	45
Córgo de São-Domingos	16	48	42
Passagem do rio Socoroes	17	....	17
Engenho de Pedro Paulino	17	6	37
Olhos d'agua	17	21	20
Caitava	17	11	
Sant'Anna	17	11	30
Bigodes, ultimo termo para o sertão da Bahia.	17	31	15
Villa do Principe	18	37	23
Arraial dos Córgos	18	55	27
Arraial de Nossa Senhora da Conceição	19	4	39
Arraial do morro de Gaspar Soares	19	14	58
Arraial do Itabaraba	29	30	50
COMARCA DO RIO DAS MORTES			
Catas-altas da Noruega	20	40	30
Lagôa-dourada	20	55	22
Passagem de Camapuan	20	42	20
Villa de São-Jozé	21	5	30
Prados	20	58	
Villa de São-João d'El-rei	21	7	40
Rio das Mortes, pequeno	21	10	50
Rio-grande nas Passagens	21	19	20
Encruzilhada da Jeruoca	21	50	55

CONTINUAÇÃO DA COMARCA DO RIO DAS MORTES	LATITUDES		
	G	M	S
Arraial de Jeruoca	21	57	56
Arraial da Lagôa	22	2	
Arraial de Baiaperide	21	55	56
Sungo	22	6	42
Rio-verde	22	17	57
Serra da Mantiqueira, ultimo termo para sul.	22	30	
Arraial de Paracatú	17	37	
CAPITANIA DE GOIAZ			
Villa-Bôa	16	19	
Longitude pelo P. Digo Soares, 329° e 40'.			
Por outro calculo mais seguido, 329° e 10'.			
Arraial dos Arrependidos	16	48	
Arraial de Santa-Luzia	16	49	
Meia-ponte	15	50	
Corgo de Jaguara	15	48	
Arraial da Anta	15	51	
São-Miguel	14	46	
Arraial de Quirixás	14	14	
Arraial dos Guarinos	14	15	
Arraial do Pilar	14	17	
Amaro Leite	13	10	
Arraial do Buruti	14	47	
Agua-quente	14	21	
Arraial do Cocal	14	25	
Arraial de Trahiras	14	16	
Arraial de São-Jozé	14	13	
Arraial de Santa-Rita	14	11	
Arraial de São-Felix	13	10	
Xapada de São-Felix	13	00	
Barra da Palma	12	00	
Arraias	12	28	
Arraial da Conceição	11	59	
Arraial da Natividade	11	21	
Xapada	11	16	
Arraial do Carmo	10	54	
Arraial do Pontal	11	30	
São-Miguel e Almas	11	19	
Taboca	11	20	
Duro	11	12	
São-Domingos	13	15	
Cavalcante	13	28	
Flôres	14	8	
Itiquira	15	20	

Capitania de Goiaz

LATITUDES G	LATITUDES M	TRONCO DE LEGUAS QUE HA DE VILLA-BOA AOS ARRAIAES DA CAPITANIA, SEGUINDO OS SEUS CAMINHOS	LEGUAS
16	19	De Villa-Bôa ao:	
15	50	Arraial do Pilar	30
14	16	Do Pilar ao arraial da Traição	40
14	13	Do dito ao de São-Jozé	2
13	15	Do dito ao de São-Felix	28
13	00	Do dito á xapada de São Felix	7
12	25	Do dito ao das Arraias	33
		Registro do dito ao registro da Tabatinga	22
12	21	Das Arraias á Natividade	34
11	21	Da Natividade a São-Miguel e Almas	17
		ARRAIAES DE MENOR GRANDEZA	
17	48	Da Natividade ao de Santa-cruz	36
16	29	Á Santa-Luzia	26
15	48	Do dito ao córgo de Jaraguá	11
15	25	Do dito ao de Cocal	5
14	11	Do de São-Jozé a Santa-Rita	3
13	28	Do de São-Felix ao Cavalcante	16
12	4	Do dito á barra da Palma	24
11	59	Do dito ao da Conceição	12
11	21	Da dita á Natividade	46
11	18	Da Natividade á Xapada	2
10	55	Ao Carmo	20
10	25	Da dita Xapada ao Pontal	47
11	19	Da Natividade á Taboca	25
11	9	Da Taboca ao Duro	9
		Principiando outra vez da capital a distancia de leguas que ha de uns a outros arraiaes.	
16	19	De Villa-Bôa:	
15	51	Ao arraial da Anta	14
16	15	Da villa ao da Barra	5
16	18	Da villa ao do Ferreiro	1
16	21	Da villa a Ouro-fino	3
14	14	Do de São-Miguel ao de Crixás	16
14	17	Do de Crixás ao do Pilar	12
14	47	Do Pilar ao Buruti-queimado	10
14	21	Do Buruti-queimado á Agua-quente	7
14	48	Da Anta ao de São-Miguel	24
14	18	Do de Crixás ao de Guarinos	9
14	18	Do Pilar a Guarinos	3
13	10	Do Pilar a Amaro Leite	30
14	25	Da Agua-quente ao de Cocal	5
14	8	De Villa-Bôa ás Flôres, ribeira do Paraná	95
13	15	Das Flôres a São-Domingos	36
13	28	Das Flôres ao de Cavalcante	20
15	27	De Villa-Bôa ao arraial dos Couros	68

Latitudes e longitudes calculadas em 1791 por Francisco de Oliveira Barboza, as quaes elle me communicou em São-Paulo no anno de 1807 (*)

LOGARES	LATITUDES		LONGITUDES		VARIAÇÃO N. E. D'AGULHA	
Cidade de São-Paulo..........	23°	33'	331°.	23'	7°:15	1788
Villa de Ubatuba.............	23	26	333	30	6:30	1791
Villa de São-Sebastião........	23	48	333	0	6:45	1791
Villa de Itanhaen	24	11	331	20	7:25	1791
Villa de Iguape..............	24	43	330	30	7:30	1791
Villa de Cananéa.............	25	0	330	6	7:57	1791
Villa de Paranagoá...........	25	32	329	36	8:8	1791
Villa de Curituba.............	25	52	329	30	8:30	1791
Serra de Curupaci............	23	43				
Serra de Bertioga	23	52				
Serra grande de Santos e São-Vicente....................	24	0	331	40	6:50	1791
Serra do rio Una.............	24	27				
Serra do mar de Ararapira...	25	15				

N. B. Todas estas longitudes são contadas da ponta occidental da Ilha do Ferro.

(*) Esta taboada está escrita por letra de João Carlos, Marquez do Aracati. *N. da R.*

Taboada do nascimento e ocazo do sol em Villa-Bela, calculada astronomicamente pelo Dr. Lacerda. (*)

MEZES	DIAS	NASCIMENTO		OCAZO	
		HORAS	MINUTOS	HORAS	MINUTOS
Janeiro.............	7	5	30	6	30
	22	5	36	6	24
Fevereiro...........	7	5	42	6	18
	22	5	48	6	12
Março..............	7	5	54	6	6
	22	6	0	6	0
Abril...............	7	6	6	5	54
	22	6	12	5	48
Maio	7	6	10	5	42
	22	6	24	5	36
Junho..............	7	6	30	5	30
	22	6	36	5	24
Julho...............	7	6	30	5	30
	22	6	24	5	24
Agosto..............	7	6	18	5	42
	22	6	12	5	48
Setembro...........	7	6	6	5	54
	22	6	0	6	0
Outubro............	7	5	54	6	6
	22	5	48	6	12
Novembro..........	7	5	42	6	18
	22	5	36	6	24
Dezembro...........	7	5	30	6	30
	22	5	24	9	36

Latitude de Villa-Bela 15°
Longitude............. 317°,—42'—0

(*) Esta taboada está escrita por letra de João Carlos, Marquez do Aracati. *N. da R.*

APONTAMENTO SOBRE A CAPITANIA DE GOIAZ (*)

Sua demarcação—Barra do Rio-pardo, e por elle acima até as suas cabeceiras; d'estas até as cabeceiras do Araguaia, e por elle abaixo até a barra no Tocantins; d'esta barra pelo Tocantins acima até a barra do Manoel-Alves; d'ali á ponte da serra da Cordilheira, e pelo cume d'ella até a de Lourenço Castanho, Arrependidos, Escuro, serra da Canastra, Marcela até a barra do Sapucahi e Rio-grande abaixo até a barra do Rio-pardo.

Villa e Barra	latitude...........	16°20'
	longitude.........	329°10'
Julgados...............................		13
População............................		

—•❦•—

(*) Este apontamento é de letra de João Carlos, Marquez do Aracati.
N. da R.

TABELA DAS ALTITUDES

SOBRE O NIVEL DO OCEANO

DOS

PRINCIPAES LUGARES E MONTES

DA

CARTA TOPOGRAFICA DE MINAS-GERAES

PELO

Dr. Franklin Massena

	Lugares	Altitude: expressão em mts.
(a)	Pico do Itatiaia-ussú d'Aiuruoca	3180
(a)	Mairinko ou orgão do Itajubá	2409
(a)	Papagaio d'Aiuruoca	2310
(a)	Pedra do Bispo d'Aiuruoca	2300
(b)	Serra da Piedade do Sabará	1783
(c)	Itaculumi do Ouro-preto	1750
(a)	Parricida da Bocaina, no Rio-grande	1698
(a)	Salto do Inferno, na baze do Itatiaia d'Aiuruoca	1665
(d)	Pico da Itabira do Mato-dentro	1520
(x)	Serra da Moeda	1429
(a)	Trez Irmãos d'Aiuruoca	1401
(x)	Cabeceira do São-Francisco	1462
(a)	Mantiqueira, no Passa-vinte	1371
(a)	Morro-grande, em São-Domingos de Barbacena	1361
(d)	Mantiqueira, em Mata-caxorro	1347
(a)	Rio-preto, na Bocaina	1320
(k)	Pico do Itambé	1316
(a)	Serra do Amparo (Rio-preto)	1288
(c)	Mantiqueira, em Barbacena	1283
(a)	Serra dos Macacos, no Livramento	1268
(a)	Alagôa d'Aiuruoca	1228
(a)	Mantiqueira, no Bomjardim	1262
(c)	Alto de Dona-Vicencia	1260

(a)	Morro do Governo no Bomjardim..................	1260
(g)	Itatiaia do Ouro-preto..............................	1242
(q)	Deos-te-livre (morro do).........................	1241
(a)	Livramento	1240
(a)	Aiuruoca (Castelo, largo de Santo Antonio)..........	1222
(a)	Serranos (ponte)..................................	1218
(k)	Arraial do Itambé................................	1165
(a)	Conceição de Ibitipoca............................	1155
(k)	Serra do Rio-branco..............................	1154
(x)	Serra do Corrego do Mel..........................	1141
(c)	Ouro-preto	1145
(g)	Alto das Taipas..................................	4187
(g)	Diamantina..........	1132
(a)	São-Vicente	1132
(a)	Baependi	1125
(d)	Bomjardim..	1120
(x)	Serra do Pinhohi..................................	1127
(a)	Villa-Bella do Turvo.............................	1101
(a)	Alto da Victoria em São-João.....................	1078
(g)	Barbacena...	1076
(d)	Morro do Diamante................................	1063
(d)	Milho-verde	1058
(a)	São-Joaquim da Barra-mansa (Rio).................	1050
(x)	Serra da Caxoeira.................................	1037
(g)	Cabeceiras do Rio do Peixe.......................	....
(x)	Serra da Caxoeira.................................	1043
(d)	Arraial da Caxoeira..............................	1037
(a)	Caxoeira da Ibitipoca.............................	1010
(g)	Cabeceiras do Rio do Peixe........................	994
(a)	Passa-vinte (Arraial).............................	994
(a)	Rio-preto na Caxoeira dos Oculos..................	984
(g)	Oliveira (São-João Baptista)......................	994
(x)	Campo-bello	985
(c)	Ouro-branco	961
(x)	Peres...	977
(a)	Cabeceiras do Sapucahi	974
(a)	Mantiqueira, no gampo do Lima.......:...	970
(x)	Rio-manso	969
(g)	Queluz..	954
(a)	Ponte do Saco.......................................	951
(g)	Arraial das Bicas..................................	943
(x)	Serra Vertente, na mata...........................	940
(d)	Sassuhi	938
(g)	Serro...	940

(d)	Serra da Mira, no Passa-vinte	937
(a)	Capela do Angahi de Lavras	937
(d)	Sassuhi abaixo	...
(x)	Serra do Jacú	936
(a)	Campanha	929
(d)	Ponte-nova	914
(x)	Retiro do Rio-grande	913
(x)	Caza-branca	913
(a)	Lambari (Poços)	913
(x)	Camapuan (serra)	909
(x)	São-Roque	900
(a)	Balaio, morro do Vintem (Pouzo-alegre)	898
(d)	Tijuco	896
(g)	Brumado	888
(c)	Quartel de Santa-cruz	886
(g)	Oliveira	879
(x)	Ponte-alta, no Brumado	878
(d)	Itabira do Campo	870
(k)	São-Gonçalo	860
(k)	Trez-corações	859
(x)	Conquista	857
(d)	Congonhas do Campo	853
(l)	Lagôa-santa	850
(x)	Serra dos Veados	843
(k)	Cambuhi	837
(g)	Arraial do João-Gomes	813
(k)	Jaguari	818
(d)	Fabrica de ferro do Girau	806
(k)	Pouzo-alegre	803
(a)	Itajubá	799
(x)	Patafucio	790
(g)	Sant'Anna do Indaiá	790
(g)	Villa do Pará	789
(g)	Serra de São-Geraldo	783
(a)	Caldas	781
(x)	Fabrica de Monlevade	781
(x)	Camargos	781
(a)	São-Vicente da Aldeia (Rio)	765
(d)	Cocaes	762
(d)	Santa-Barbara	756
(g)	Mateos-Leme	754
(a)	Lavras	753
(x)	Buriti	748
(x)	Tamanduá	747

(d)	Santa-Margarida	743
(g)	Marianna	728
(b)	Santo-Antonio do Rio acima	720
(k)	Catas-altas	717
(x)	Lapa-grande da Formiga	711
(x)	Alto da Arribada	709
(x)	Antonio-Moreira	709
(d)	Boqueirão do Maia	707
(g)	Sabará	701
(x)	Serra da Canastra	698
(a)	Onça (São-João d'El-rei)	683
(k)	Itabira do Mato-dentro	676
(g)	Xapéo d'Uvas	673
(d)	Brumado	670
(x)	Barra d'Anta	668
(x)	Santo-Eloi	671
(x)	Tamanduá	660
(x)	Lageado	648
(x)	Dôres do Aterrado	646
(x)	Formiga	641
(g)	Pitangui	640
(k)	Montes-claros	635
(g)	Santa-Rita do Turvo	631
(a)	Santa-Rita da Ibitipoca	628
(x)	São-Caetano	622
(x)	Parahibuna	607
(d)	Barra do Bacalháo	600
(x)	Arroio da Xapada	598
(g)	Pompêo (arraial)	584
(d)	Santa-Rita do Jacutinga	576
(g)	Barra do Pará	571
(x)	Monte-santo	567
(x)	Curimatahi	552
(d)	Abre-campo	552
(g)	Arraial do Espirito-santo	543
(b)	Paulo-Moreira	513
(x)	Becaúbas	537
(x)	Figueira	536
(g)	Prezidio (arraial)	533
(e)	Guaicuhi	520
(d)	Ponte do Pereira (Rio-preto)	417
(a)	Quatis (Rio)	439
(g)	Mar de Espanha	435
(d)	Ponte de Santa-Clara	427

(d)	Sant'Anna dos Turvos...........................	426
(d)	Villa do Pio-preto...........................	405
(g)	Parahibuna (nivel do rio)...........................	396
(d)	São João d'El-rei...........................	394
(x)	Parahiba em Valença (Rio)...........................	396
(x)	Ericeira (porto)...........................	339
(x)	Registo do Parahibuna...........................	277
	Projeto da estrada de ferro (Mar de Espanha)....	293
(g)	Porto da Piracema...........................	275
(x)	Barra do ribeirão Santo-Antonio...........................	271
(c)	Porto do Xiador...........................	265
(x)	Sapucaia (recebedoria)...........................	257
(x)	Barra do rio Conceição...........................	163
(x)	Porto-novo do Cunha...........................	161

Indicação dos geodezicos

(a) O autor,
(b) Liais.
(c) Gerber.
(d) Aroeira.
(e) Halfed Pai.
(g) Eschewege.
(k) Spix e Martius.
(l) Dr. Lund.
(s) Sellon.
(x) Diversos ou incognitos.
A palavra (Rio) significa Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro 30 de Maio de 1867.

Dr. Jozé Fránklin Massena

LATITUDES E LONGITUDES

de diferentes lugares das provincias de São-Paulo, Goiaz e de Mato-grosso, segundo o roteiro de viagem de Luiz d'Alincourt.

LUGARES	LATITUDES AUSTRAES	LONGITUDES
Entrada da barra de Santos.	24° 2' 49"	331° 39' 30" (1)
Villa de Santos (hoje cidade).	23° 56' 15"	331° 39' 30" (1) 45° 24' 30" (2)
Cidade de São-Paulo........	23° 33' 0" 23° 15' 0"	331° 25' 0" (3) 333° 50' 0" (4) 46° 36' 0" (5)
Villa de Jundiahi	23° 6' 40"	46° 57' 0" (5)
Villa de Campinas..........	22° 50' 0"	47° 20' 0" (5)
Villa de Mogi-mirim........	22° 22' 0"	47° 22' 0" (5)
Freguezia de Nossa Senhora das Dôres da Caza-branca .	21° 29' 0"	47° 28' 0" (5)
Arraial da Franca	20° 28' 0"	47° 26' 0" (5)
Arraial do Bomfim	16° 48' 0"	47° 23' 0" (5)
Arraial da Meia-ponte.......	15° 50' 0"	47° 30' 0" (5)
Arraial do corrego de Jaraguai	15° 53' 0"	47° 51' 0" (5)
Cidade de Goiaz	16° 20' 0"	48° 30' 0" (5) 320° 40' 0" (1)
Confluencia do Rio-grande ou Araguaia, e o rio Tocantins.......................	5° 40' 0"	
Entrada do Araguaia no rio Amazonas..................	1° 40' 0"	
Cabeceiras do rio São-Lourenço	15° 0' 0"	
Aldêia de Sant'Anna ou lugar de Guimarães	15° 33' 0"	322° 0' 0" (1)
Cidade de Cuiabá...........	15° 36' 0"	321° 35' 15" (1)
Caxoeira de Santo Antonio no rio Madeira............	8° 48' 0"	
Fontes do rio Igatimi	23° 20' 0"	
Prezidio de Miranda........	20° 50' 0"	321° 40' 32" (1)
Confluencia do Paraná e Paraguai........................	26° 27' 0"	
Forte de Coimbra............	19° 55' 0"	320° 1' 45" (1)
Fexo dos Morros............	21° 22' 0"	
Forte Olimpo	21° 0' 0"	
Albuquerque (povoação).....	19° 0' 8"	320° 3' 14" (1)
Barra do rio São-Lourenço ..	17° 55' 0"	

(1) Meridiano da ilha do Ferro.
(2) Meridiano de Greenwich a O.
(3) Meridiano da ilha do Ferro. Observ. de Franc° d'Oliva Barboza.
(4) Idem, conforme M. Echard.
(5) O. de Greenwich.

(CONTINUAÇÃO)

LUGARES	LATITUDES AUSTRAES	LONGITUDES
Boca do canal que communica a lagôa Guahiba com o rio Paraguai...........	17° 43' 0"	
Morro-Escalvado............	16° 43' 0"	
Marco dos nossos limites plantado em 1754...............	16° 24' 0"	319° 52' 30" (1)
Villa-Maria.................	16° 3' 0"	320° 2' 0" (1)
Campos do posto avançado das Salinas...............	16° 20' 0"	
Fontes do rio Alegre.........	16° 0' 0"	
Povoação de Cazalvasco.....	15° 19' 46"	317° 42' 0" (1)
Cidade de Mato-grosso......	15° 0' 0"	317° 41' 0" (1)
Lugar onde principia a ser montanhoza a margem ocidental do rio Paraguai....	17° 33' 0"	
Confluencia do rio Guaporé e o rio Sararé.............	14° 51' 0"	
Nascentes do rio Guaporé...	14° 39' 48"	318° 39' 0" (1)
Nascentes do rio Sararé.....	....	318° 25' 30" (1)
Principio das serras notaveis de Mato-grosso...........	16° 21' 0"	
Barra do rio Piolho..........	13° 39' 0"	
Foz do rio Paragaú..........	13° 33' 0"	
Nascentes do mesmo rio.....	17° 0' 0"	
Nascentes do rio Baures.....	17° 0' 0"	
Missão da Magdalena......	13° 21' 40"	313° 13' 30" (1)
Forte do Principe da Beira...	12° 26' 0"	312° 57' 30" (1)
Cabeça da caxoeira do Ribeirão.....................	10° 14' 0"	
Confluencia dos rios Mamoré e Madeira................	10° 22' 30"	
Cabeceiras do rio Madeira...	13° 0' 0"	
Cabeceiras do rio Mamoré..	18° 0' 0"	
Lugar do destacamento das Pedras...................	12° 52' 35"	314° 37' 30" (2)
Lugar do destacamento de São-Luiz................	8° 52' 0"	
Nascentes do rio Alegre.....	16° 0' 0"	

(1) Meridiano da ilha do Ferro.

(2) Idem idem. Excelente pozição para um prezidio.

MEMORIA

SOBRE O MELHOR PLANO DE SE ESCREVER

A historia antiga e moderna do Brazil

Segundo a proposição do Instituto Historico e Geografico Brazileiro

NA 4.ª SESSÃO ANNIVERSARIA EM 27 DE NOVEMBRO DE 1842

PLANO DE SE ESCREVER A HISTORIA ANTIGA E MODERNA DO BRAZIL, COMPREHENDENDO AS SUAS PARTES POLITICA, CIVIL, ECLEZIASTICA E LITERARIA.

O plano, que parece mais acertado, de se escrever a historia do Brazil é seguramente o mesmo, que seguiu Tito Livio, João de Barros, e Diogo do Couto, isto é, pelo sistema das décadas, narrando-se os factos acontecidos dentro de periodos certos.

D'esta maneira vão os sucessos bem encadeados, e quando aconteça acharem-se lacunas, estas não serão sensiveis, si fôrem de um até dois annos, e estas lacunas, seja qualquer que fôr o metodo que se adote para se escrever uma historia qualquer, sempre hão de existir na falha dos factos, que se não memorárão, como de ordinario acontece, quando principia um tempo historico, que se vai descrever seculos depois ; porém, para clareza e percepção, parece, que este metodo das décadas é o mais preferivel.

N'este sentido, antes que se principiem a narrar os factos historicos, deve preceder uma introdução descriptiva das nações indigenas, que habitavão as costas do Brazil na ocazião do descobrimento.

Finda esta introdução, principia então a historia com o descobrimento do Brazil em 1500 por Pedro Alvares Cabral

até 1510, época do naufragio de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú. Esta é a 1.ª década, em que apenas ha a descrever as viagens dos Portuguezes e estrangeiros á terra da Vera-cruz, e a mesma materia ha de ser a da 2.ª década desde 1511 até á morte de el-rei D. Manoel em 1521. Na 3.ª já a historia oferece bastante materia ao seu dezenvolvimento.

Assim por diante póde a historia do Brazil chegar até á independencia e coroação do Sr. D. Podro Primeiro.

Parece justo, que a historia termine aqui, porque escrever a historia contemporanea nenhum historiador nacional o deve fazer para se não expôr a juizos temerarios, e a outros inconvenientes, que trazem comsigo os respeitos humanos. Archivem-se os documentos, e o tempo virá.

O texto d'esta historia projetada deverá conter a parte politica, que é a principal. Quanto ás partes civil, eclesiastica e literaria, deve tratar-se d'ellas no fim de cada uma década em artigo separado, que sirva como de observações ao texto. Este metodo não é novo, sendo seguido pelo abade Milot na historia de França no fim de cada reinado.

Tal é o sistema, que parece suficiente ao fim, a que se propõe a historia, descrevendo-a em décadas, e a este mesmo sistema é certamente a que se póde atribuir o bom sucesso, que tiverão as obras dos autores citados no principio d'esta memoria, cujo autor se dará por bem recompensado, si merecer a atenção do Instituto Historico e Geografico Brazileiro, sujeitando a sua opinião a melhor juizo.

Rio de Janeiro 30 de Setembro de 1843.

JULIO DE WALLESTEIN.

OBSERVAÇÃO CRONOLOGICA

ACERCA DO DIA

EM QUE FOI DESCOBERTO O BRAZIL (*)

CAPITULO I

Dia do descobrimento

§ 1. Depois da tomada de Ceuta em Africa por D. João 1° do nome, e 10° rei de Portugal, em 21 de Agosto de 1415, proseguindo seu filho o infante D. Henrique em seus projetos dos descobrimentos e emprezas maritimas, a que já em 1412 tinha dado principio em idade de 18 annos, mandou dobrar o cabo Bojador para o sul, insistindo n'este empenho obra de 12 annos, até efectivamente ser franqueado por Gil Eannes, natural de Lagos, pelos annos de 1429 ou 30, e continuou emquanto viveu, que foi até 1460, em que morreu a 13 de Novembro. (1)

§ 2. Não cessárão os descobrimentos no reinado d'el-rei D. Afonso 5°, suposto que não com tanta eficacia; porém D. João 2° do nome, 13° rei, concebendo a extensão e grandeza das idéias do illustre infante seu tio, no mesmo anno, em que subio ao trono por falecimento de seu augusto pai em 1481, progrediu; e em 1486 mandou ao descobrimento do grande cabo, que termina a Africa ao sul, uma expedição confiada a Bartolomeu Dias, que sahindo do Tejo no fim de Agosto d'este anno de 86, o

(*) Veja-se na Revista Trimensal de 1869: Breve discussão cronologiga acerca da descoberta do Brazil por Henrique de Beaurepaire Rohan.

N. da R.

dobrou sem o vêr, e chegou ao rio, a que se deu o nome de Rio do Infante; mas no retrocesso o avistou, e denominou das Tormentas entrando em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido, el-rei o chamou da Bôa Esperança, nome que conserva. (2)

§ 3. Não estava porém destinado para este magnanimo principe o descobrimento da India, alvo de tantas, tão assiduas, e tão prolongadas fadigas. Coube essa ventura a seu primo co-irmão e sucessor el-rei D. Manoel; o qual despedindo para esse fim a Vasco da Gama, sahiu este do Tejo em 8 de Julho de 1497, e dobrado o cabo e vencidos os mais obstaculos, surgiu á vista de Calecut, (destino da sua navegacão), em 20 de Maio de 1498; e d'aqui partiu de volta para o reino em 29 de Agosto d'este mesmo anno, e entrou no Tejo a 29 de Julho (ou Agosto) de 1499, tendo antes chegado Nicoláo Coelho em 10 do mesmo mez de Julho e anno. (3)

§ 4. No anno seguinte determinou el-rei (D. Manoel) mandar em segunda expedição uma armada á India, que, compondo-se de 13 vélas, a entregou a Pedralvares Cabral, fidalgo de sua caza, filho de Fernando Cabral, senhor de Azurara, governador da provincia da Beira, e alcaide-mór de Belmonte, nomeando-o capitão-mór d'ella, o qual, tendo recebido no dia 8 de Março (de 1500) da mão do mesmo rei o estandarte ou bandeira da cruz e ordem de Christo, depois de benzida, em Rastelo, na ermida de Nossa Senhora de Belem fundada pelo infante D. Henrique, onde hoje existe o mosteiro de S. Jeronimo levantado pelo sobredito rei, dezancorou e seguio viagem em 9. (4).

§ 5. Navegando felizmente até ás ilhas de Cabo-verde, ahi dando por falta de um dos vazos da armada, andou pairando por espaço de 2 dias, e fazendo diligencia por descobril-o, mas inutilmente: e para evitar as calmarias de Guiné, vio-se forçado a empegar-se, seguindo o rumo de oeste (5); e aparecendo no dia 21 de Abril, terça-feira do oitavario da pascoa, sinaes de proximidade de terra, foi esta com efeito avistada em 22 do mesmo mez, quarta-feira do mesmo oitavario a horas de vespera:

surgio a 6 leguas de distancia d'ella, dando a um alto monte que se divisava o nome de —Monte Pascoal; depois de fazer observar a costa e praias, ancorou aos 25 na paragem, a que deu o nome de Porto Seguro, por lhe dar acolheita e favoravel abrigo de escapar ás tormentas e perigos ameaçadores do maior naufragio. (6)

§ 6. Aqui no domingo de pascoela, 26 de Abril, fez dizer missa com prégação, e no 1º de Maio xantou uma cruz com as armas e diviza d'el-rei, ficando á região o nome de — Vera-cruz, que depois passou ao de—Santa-cruz, e ultimamente ao de Brazil, que subsiste (7); e seguio.

§ 7. Dada esta sucinta noção historica, e cronologica dos descobrimentos pelos Portuguezes até ao da terra do Brazil, e pondo eu como certo ter sido este no dia 22 de Abril de 1500, cumpre, que, mostrando a variedade de opiniões de tantos e tão abalizados autores, que sobre este objeto escrevêrão, dos quaes me afasto, exponha os fundamentos da exactidão da minha, patenteando assim o erro das suas. (8)

§ 8. Jeronimo Ozorio, bispo de Silves (9), Damião de Goes (10), Sebastião da Rocha Pita (11), Fr. Rafael de Jezus (12), Fr. Gaspar da Madre de Deos (13), Afonso de Beauchamp (14), Pedro de Mariz (15), Luiz Coelho de Barbuda (16), o autor do artigo — Cabral na Biografia Universal (17), o autor da Historia dos descobrimentos e conquistas dos Portuguezes no Novo-mundo (18), e tambem Damião Antonio de Lemos no 6º tom. da Politica moral e civil á pag. 415, edição de 1754, e Francisco de Brito Freire, Nova Luzit. liv. 1 § 18, dizem, que foi no dia 24 de Abril.

§ 9. Fernão Lopes de Castanheda (19), assim como João de Barros (20) dão tambem o mesmo dia 24, mas acrecentão a circunstancia, aquelle de ser a derradeira oitava, e este a segunda oitava da pascoa: o piloto portuguez, que escreveu a navegação de Pedro Alvares Cabral, tambem concorda no dia, e declara, que era uma quarta-feira do oitavario da pascoa. (21)

§ 10. O autor da Noticia do Brazil (22), e D. Antonio Caetano de Souza (23), dizem, que no dia 25 de Abril; Fr.

Bernardo de Brito, que em 27 de Abril; e Damião Antonio de Lemos de Faria Castro, que em 8 de Maio. (24) (25)

§ 11. Antonio Galvão (26), o Padre Antonio de Vasconcelos (27), Bernardo Pereira de Berredo (28), Baltazar Telles (29), Manoel de Faria Souza (30), e Fr. Antonio de São-Romão (31) não dezignão dia.

§ 12. Manoel Aires do Cazal (32), Jozé de Souza Azevedo Pizarro (33), Ferdinand Denis (34), e D. Fr. Francisco de São-Luiz (35) assinão e marcão o dia 22 de Abril. Abreu Lima é da mesma opinião; e tambem Nimeier Bellegarde, e Salvador d'Albuquerque com os autores da obra intitulada os Portuguezes em Africa, Azia, America e Oceania, Lisbôa, 1848, tom. 2°, pag. 97.

§ 13. Os autores do § 12 precedente são os que fixão com exactidão o dia do descobrimento do Brazil: o famigerado Aires do Cazal, a quem o illustrado Ferdinand Denis segue, e o erudito Azevedo Pizarro estribão-se na autoridade de Pero Vaz de Caminha, e o bem conhecido D. Fr. Francisco de São-Luiz não só n'esta, mas tambem na do piloto portuguez, que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral; e eu sou da mesma opinião d'estes insignes escritores, por ser a verdadeira, como passo a mostrar.

§ 14. Pedro Vaz de Caminha ia por escrivão da armada, e o que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral era piloto da mesma armada; ambos portanto testimunhas prezenciaes e de vista, e por isso merecedores de toda a fé; mormente atendendo-se á singeleza e minuciozidade de sua narração (maxime do primeiro), e ao que a tal respeito pondera Ferdinand Denis no seu—*Brésil*, na not. á pag. 2.

§ 15. Verdade é, que parece não serem concordes, quando o primeiro dezigna o dia 22, e o segundo o dia 24 de Abril como o do descobrimento; porém note-se, que ambos asseverão ser quarta-feira do oitavario da pascoa. Examinada a Arte de verificar as datas, Paris 1770, á pag. 30., ahi se vê no calculo feito, que a pascoa no anno de 1500 cahio em 19 de Abril, e portanto o dia 22 foi quarta-feira, errando assim o piloto no algarismo, concordando todavia com Pero Vaz de Caminha no dia. Veja-se adiante o cap. final.

§ 16. Á vista do exposto no § antecedente é manifesto o erro de Fernão de Castanheda, de João de Barros e do padre Simão de Vasconcelos (36), no qual cahirão talvez, ou por não terem noticia dos citados documentos, proximamente dados á luz, ou e sobretudo por não terem feito o calculo retrogrado do tempo; porque, si o fizessem, conhecerião, que a derradeira oitava, como diz o primeiro, e a segunda outava como diz o segundo, a quem segue o terceiro, não podia ser o dia 24, mas seria, como foi, o dia 21 de Abril.

§ 17. Similhantemente errárão os autores indicados no § 10, si bem que se possa dizer, que o autor da Noticia do Brazil, e D. Antonio Caetano de Souza contão dia do descobrimento o em que a armada fundeou em Porto-seguro; porém não é este o ponto da questão, e por isso insisto na afirmativa de seu erro, assim como dos outros dois escritores no mesmo § contemplados, por não haver declaração do fundamento de suas opiniões, assim como a não ha das dos autores do § 8.

§ 18. Tendo mostrado com exactidão o dia certo do descobrimento do Brazil, e o erro dos autores, que marcão outro, darei aqui por curiozidade uma sinopse cronologica da carta de Pero Vaz de Caminha (37), combinada com a expozição do piloto portuguez sobre o mesmo objeto na navegação de Pedro Alvares Cabral, por serem as duas testimunhas, que fizerão conhecer o erro de tão celebres e acreditados escritores.

CAPITULO II

Sinopse cronologica da carta que Pero Vaz de Caminha escreveo a el-rei D. Manoel em 1500

§ 1. Pero Vaz de Caminha dá a partida da frota (*) de Belem em 1500 na segunda-feira 9 de Março, e diz, que sabado 14 do mesmo mez entre as 8 e 9 horas se achavão entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria, e ahi andarão todo aquelle dia em calma á vista d'ellas obra de 3 ou 4 legoas.

§ 2. Domingo 22 do dito mez ás 10 horas pouco mais ou menos, houverão vista das ilhas de Cabo-verde, e á noite seguinte a segunda-feira lhes amanheceu (38) se perdeo da frota Vasco de Atahide com a sua náo, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser.

§ 3. Feitas pelo capitão suas diligencias para o achar, e não aparecendo mais, seguirão por este mar de longo até terça-feira d'outavas de pascoa, que fôrão 21 dias de Abril, que topárão alguns sinaes de terra. (**)

§ 4. E na quarta-feira seguinte (39) a horas de vespera ouverão vista de terra; primeiramente de um grande monte muito alto e redondo, a que poz nome— Monte Pascoal, e de outras serras mais baixas ao sul d'elle, e de terra xan com grandes arvoredos, á qual pôz o de

(*) Era composta de 10 caravelas e 3 navios redondos: capitão-mór Pedro Alvares Cabral; e outros capitães erão—Sancho de Toar, Nicoláu Coelho, Simão de Miranda de Azevedo, Aires Gomes da Silva, Vasco de Atahide, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro de Atahide, Luiz Pirez, Gaspar de Lemos, Bartolomeu Dias, Diogo Dias, seu irmão. A este ultimo dão o nome de Pero ou Pedro Dias, Damião de Goes na *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 67, João de Barros na *dec.* 1ª á fl. 87, Faria Castro na *Hist. ger. de Port.* tom. 9 á pag. 107, Faria Souza na *Azia Port.* tom. 1 á pag. 41 e tom. 3 á pag. 531; porem Fernão L. de Castanheda no tom. 1 á pag. 96 lhe dá o mesmo nome que Aires do Cazal na *Corogr. Braz.* tom. 1 á pag. 9 e 10, que é comprovado pela carta de Pero Vaz de Caminha.

(**) Houverão duas ancoragens: uma a 6 legoas de terra, depois que a avistarão, e outra, no dia seguinte, meia legoa da boca de um rio (§ 5 do cap. 1); e por isso pelo conteuto da expozição do piloto parece confundir este a 1ª com a 2ª por dizer— na boca de um rio,— mas pelo que se segue convence-se, que ha concordancia. *V.* nota.

terra da Vera-cruz, e ao sol posto obra de 6 legoas de terra surgirão ancoras.

§ 5. Ali jouverão (40) toda aquella noite (41), e na quinta-feira (42) pela manhan fizerão véla, e seguirão direitos á terra, até meia legua d'ella, onde lançárão ancoras em direito da boca de um rio, e chegarião a esta ancoragem ás 10 horas pouco mais, ou menos; vierão logo todos os capitães das náos á do capitão-mór, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláo Coelho para ver aquelle rio.

§ 6. A noite seguinte (43) ventou tanto sueste com xuvaceiros, que fez cassar as náos, e especialmente a capitanea.

§ 7. Na sexta-feira (44) pela manhan ás 8 horas pouco mais ou menos, mandou o capitão levantar ancoras, e fazer vélas, e fôrão de longo da costa, para vêr se achavão alguma abrigada, e bom pouzo, onde jouvessem (45) para tomar agua e lenha; e indo assim, mandou o capitão aos navios pequenos, que fôssem mais chegados á terra e que si achassem pouzo seguro para as náos, que amainassem, e sendo pela costa obra de 10 legoas, d'onde se levantárão, achárão um recife com um porto dentro muito bom e muito seguro com uma mui larga entrada, e metterão-se dentro, e amainárão, e as náos arribárão sobr'eles, e um pouco ante sol posto amainárão obra de uma legoa do recife, e ancorárão-se.

§ 8. Foi logo o piloto Afonso Lopes por mandado do capitão sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dous homens da terra mancebos e de bons corpos, trazendo um d'elles um arco e 6 ou 7 setas, andando na praia muitos com seus arcos e setas; e os trouve logo já de noite ao capitão e dormirão a bordo.

§ 9. Sabado (46) pela manhan por mandado do capitão se fizerão á vela, e fôrão demandar a entrada, que era mui larga e alta, e entrárão todas as náos dentro, e ancorarão-se; e tanto que as náos fôrão pouzadas, e ancoradas, vierão os capitães todos á do capitão-mór, e este mandou Nicoláu Coelho e Bartolomeu Dias, que fôssem em terra e levassem aquelles homens, e os leixassem (47) ir com seu arco e setas; e mandou com elles para ficar lá

um mancebo degradado, de nome Afonso Ribeiro, criado de D. João Tello, para andar com elles, e saber de seu viver, e maneira; e assim com Nicoláo Coelho.

§ 10. Fomos de frexa (48) direitos á praia, onde acudirão logo obra de 200 homens nús, e com arcos e setas nas mãos; afastando-se e pondo os arcos em consequencia dos acenos, que lhe fizerão aquelles que nós levavamos; estes sahirão e com elles o mancebo degradado, porém corrêrão e não pararão mais; e passando um rio, só pararão entre umas moutas de palmas, onde estavão outros, e o degradado foi com um homem, que logo ao sahir do batel o agazalhou, e levou-o até (49) lá; e logo o tornárão a nós, e com elle vierão os outros que nós levamos e não quizerão, que o degradado ficasse lá com elles.

§ 11. Á tarde (50) sahio o capitão em seu batel com todos nós outros, e com os outros capitães das náos em seos bateis a folgar pela bahia acaram (51) da praia mas ninguem sahio em terra; sómente sahio elle com todos em um ilhéo grande, que na bahia está, onde folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia, e volvemos-nos ás náos já bem de noite.

§ 12. Ao domingo de pascoela (52) pela manhan determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação n'aquelle ilhéo, onde mandou armar um esperavel (53), e dentro d'elle levantar altar, e fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Fr. Henrique em voz entoada, e oficiada pelos outros padres e sacerdotes, que ali todos erão.

§ 13. Ali era com o capitão a bandeira de Christo, com que sahio de Belem, a qual esteve sempre alta á parte do Evangelho; e acabada a missa, desvestio-se o padre e pozse (54) em uma cadeira alta, e pregou uma solene e proveitoza pregação da historia do Evangelho.

§ 14. Acabada a pregação, moveo o capitão e todos para os bateis com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra para passarmos ao longo, por onde estavão os da terra, os quaes emquanto durou aquelle acto fizerão folias e dansas a seu modo.

§ 15. Tanto que comemos, vierão logo todos os capitães á náo por mandado do capitão, com os quaes se apartou, e eu na companhia, e se assentou em mandar a

el-rei a nova do achamento d'esta terra pelo navio dos mantimentos (55), e em leixar (56) aqui dois degradados, quando d'aqui partissemos. E acabado isto, disse o capitão, que fossemos nos bateis em terra, e ver si ia bem o rio quejando (57) era, e tambem para folgarmos fomos todos nos bateis em terra armados, e a bandeira comnosco.

§ 16. Mandou o capitão áquelle degradado Afonso Ribeiro, que se fôsse outra vez com elles; o qual se foi, andou lá um bom pedaço; e á tarde (58) tornou-se, que o fizerão elles vir, e não o quizeram lá consentir; e nós tornamos ás náos já quazi noite a dormir.

§ 17. Na segunda-feira (59) depois de comer sahimos todos em terra a tomar agua, ahi vierão muitos, e 20 ou 30 dos nossos se fôrão com elles, onde outros muitos d'elles estavão com moças e mulheres; e o capitão mandou áquelle degradado Afonso Ribeiro, e outros dois degradados, que fôssem a andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias (60) por ser homem ledo, com que elles folgavão; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite; fôrão-se lá todos e andárão entre elles, e bem uma legoa e meia a uma povoação (61); e como foi tarde, fizeram-nos logo todos tornar, e não quizerão, que lá ficasse nenhum (62), e querião-se vir com elles, e vierão-se; e nós tornamos-nos as náos.

§ 18. Á terça-feira (63), depois do comer, fômos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa; estavão na praia, quando chegamos, obra de 60 ou 70, e depois acudirão muitos, que serião bem 200, e nos ajudavam á acarretar lenha, e meter nos bateis, e luitavão com os nossos, e e tomavão muito prazer. Enquanto nós faziamos a lenha, fazião dois carpinteiros uma grande cruz de um pau, que se ontem para isso cortou, e muitos d'elles vinhão ali estar com os carpinteiros.

§ 19. O capitão mandou a dois degradados, e a Diogo Dias, quo fôssem lá á aldeia, e a outras, si ouvessem d'ellas novas, e que em boa maneira não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se fôrão; e ácerca (64) da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

§ 20. Á quarta-feira (65) não fomos em terra, mas

acudirão á praia muitos, que serião, obra de 300 segundo disse Sancho de Toar, que lá foi, Diogo Dias e Afonso Ribeiro o degradado a que o capitão hontem mandou que em toda maneira lá dormissem, volverão-se já de noite, por elles não quererem, que lá dormissem, e quando se Sancho de Toar recolheo á náo, trouxe voluntariamente dous mancebos; e a bordo dormirão e folgárão aquella noite.

§ 21. Á quinta-feira (66), derradeiro de Abril, comemos logo quazi pela manhan, e fomos em terra para mais lenha e agua, e em querendo o capitão sahir da náo, chegou Sancho de Toar com seus dois ospedes, e por não ter ainda comido, elle e os ospedos comêrão. Acabado o comer, metemos-nos todos no batel, e elles comnosco. Andarião na praia, quando sahimos, 8 ou 10 d'elles, e dahi (67) a pouco começárão de vir, e n'este dia vierão á praia 400 ou 450; acarretavão d'essa lenha quanto podião com mui boas vontades, e levavão-na aos bateis.

§ 22. Quando sahimos do batel, por insinuação do capitão, fômos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore junto com o rio, para se pôr (68) de manhan, que é sexta-feira, e nos puzemos todos em giolhos (69) e a beijamos; e elles fôrão tambem logo todos beijal-a. Emquanto ali este dia andárão sempre ao son de um tambori nosso, dançárão, e bailárão com os nossos.

§ 23. E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, pela manhan sahimos em terra com nossa bandeira; e acenando o capitão, onde fizessem a cova para xantar (70) a cruz, emquanto a ficarão fazendo, elle com todos nós outros fômos para ella, trouxemol-a (71) com os religiozos e sacerdotes diante, cantando maneira de procissão; erão já ahi (72) 70 ou 80 d'elles, e alguns se fôrão meter debaixo della ajudar nos; fomol-a por onde devia de ser.

§ 24. Xantada a cruz com as armas e diviza d'le-rei, que lhe primeiro pregárão, armou-se altar ao pé d'ella, disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e oficiada; e acabada, pregou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é. Á uma hora depois do meio dia, tendo nós ido perante elles beijar a cruz, espedimos-nos (73) e viemos comer.

§ 25. Na noite d'este dia fugirão de bordo dois grumetes, que com os dois degradados ficárão em terra, porque de manhan fazemos d'aqui nossa partida. (74).

CAPITULO III

Combinação e cotejo da expozição do piloto portuguez na navegação de Pedro Alvares Cabral com a carta de Pero Vaz Caminha.

§ 1. Concorda o piloto no anno, mez, dia e logar da partida da frota; assim como no dia da chegada s Canarias, sem todavia declarar as horas; e igualmente no dia em que vizitárão as ilhas de Cabo-verde, suposto tambem não diga as horas; e no dia em que se esgarrou um dos vazos da mesma frota, ainda que não refere, si de dia ou de noite, nem o nome do capitão (75) d'elle, e nem si foi por efeito de temporal.

§ 2. E sem tocar nas particularidades anteriores relatadas por Pero Vaz de Caminha, discorda d'ellle emquanto ao dia em que foi avistada terra (76), e tambem não menciona as outras particularidades expostas pelo mesmo Pero Vaz de Caminha.

§ 3. Combina porém com elle emquanto a ancorarem na boca de um rio, si bem que, pelo que diz o piloto, parece ter sido no mesmo dia, em que foi avistada a terra, quando pelo que diz Pero Vaz de Caminha esta ancoragem foi no seguinte.

§ 4. Concorda ter havido temporal, que os fez escorrer na manhan seguinte (77), para vêr si achavão algum porto, onde se pudessem abrigar, e surgir; o qual com efeito achárão, e ancorárão, mas não lhe dá o nome. (78)

§ 5. Concorda similhantemente em terem sido apanhados dous homens da terra, que forão trazidos ao capitão-mór e terem dormido a bordo, e sido postos em terra no dia seguinte, sem particularizar, como Pedro Vaz de Caminha. (79)

§ 6. Concorda tambem em ter sido a missa e pregação (80) no dia 26 de Abril, e declara que era o oitavario da pascoa, que pela sua declaração de ter sido o avistamento da terra quarta-feira do mesmo oitavario seria aquelle dia 26 de Abril sexta-feira, mas, como já mostrei (81), o dia 26 de Abril foi domingo de pascoela.

§ 7. Concorda igualmente nas mais particularidades do que se passou n'esse dia, e no seguinte (82), ainda que não tão minuciozamente, como Pedro Vaz de Caminha.

§ 8. Concorda finalmente em ter-se assentado o despaxo do navio dos mantimentos para levar a el-rei a nova d'este descobrimento, assim como em ter o capitão mandado fazer uma cruz de madeira, e têl-a plantado na praia, deixando ahi mesmo dois degradados (83), e isto no 1.º de Maio de 1500; porque, diz elle, no outro dia, que era 2 de Maio, fizemos-nos á véla, para ir demandar o cabo da Bôa-Esperança. (84)

CAPITULO IV

Concluzão

Da sinopse cronologica da carta de Pero Vaz de Caminha, e combinação e cotejo da expozição do piloto evidencia-se, que na substancia, e no essencial estão conformes; que aquella é um verdadeiro diario, e esta uma simples narração do acontecido; que a cronologia, que aquelle seguio é exacta, e a que este seguio foi errada, e que tendo errado o primeiro algarismo ou contagem dos dias do mez, os que se lhe seguirão não podião ser certos, nacendo d'ahi alguma confuzão e obscuridade na sua narração, e parecendo com isso divergir de Pero Vaz de Caminha, mas bem cotejado e combinado dá o mesmo rezultado, que se deduz do autor da carta.

Evidencia-se mais, que a observação cronologica do cap. 1 § 1 parece bem fundada, pelo que se alegou no mesmo

cap. § 13 comprovado com o testimunho d'estas duas testimunhas oculares, entre si concordes no essencial, e mesmo no dia, por declarar o piloto ser quarta-feira do oitavario de pascoa, errando no algarismo, como já mostrei no dito cap. § 15.

Evidencia-se finalmente, que não podendo hoje duvidar-se mais da certeza do dia do descobrimento do Brazil, o erro dos escritores, que lhe assinárão diferente, procedeo por ventura da falta de noticia dos documentos, que com seus ditos oferecem estas duas testimunhas, ou tambem e sobretudo de não terem feito o calculo retrogrado do tempo, como anteriormente disse.

Rio 19 de Fevereiro de 1849.

AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIRO. (*)

(*) Faleceo sendo ministro do Supremo tribunal de justiça; foi pae do Dr. Perdigão Malheiro, que por seu falecimento legou este ms. bem como varios outros ao Instituto Historico.

N. DA R.

NOTAS

(1) *Reflexões geraes ácerca do infante D. Henrique, e dos descobrimentos, de que elle foi autor no seculo XV*, por D. Fr. Francisco de São-Luiz, Lisboa 1840: *Indice Cronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo XV*, pelo mesmo autor, Lisbôa 1841: *Cronica do descobrimento e conquista de Guiné*, por Gomes Eannes de Azurara, Paris 1841: *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa occidental*, pelo Visconde de Santarem, Paris 1841: *Vida do infante D. Henrique*, por Candido Luzitano (padre Francisco Jozé Freire), Lisboa 1758: *Azia*, por João da Barros, Lisboa 1628, *desde a dec. 1ª, liv. 1. e cap. 2*, o qual autor equivocadamente disse no fim do cap. 16 da mesma dec. e liv., que o infante falecêra em 1463; e para prova de seu engano basta, que se veja a doação feita por el-rei D. Afonso V ao infante D. Fernando em 3 de Dezembro de 1460 no tom. 1 das *Prov. da Hist. geneal. da caza real portugueza*, por D. Antonio Caetano de Souza á pag. 563.

(2) Cit. *Azia*, desde o cap. 1 liv. 2 dec. 1ª, e desde o cap. 4 liv. 3 da mesma dec., e cit. *Indice Cronologico*, e outros.

(3) 1.º cit. *Ind. Cron.*— 2.º *Hist. geneal da caza real portug.*, por D. Antonio Caetano de Souza, Lisboa 1812—3º cit. *Azia de* João de Barros 4º *Cron. d'el-rei D. Manoel*, por Damião de Góes, Lisboa 1749—5º Jeronimo Ozorio, bispo de Silves, *De rebus Emman. reg. Lusitaniæ., Olysipponæ 1571.*—6º *Emprezas milit. de Lusit.*, por Luiz Coelho de Barbuda, Lisboa 1624.—7º *Biograf. Univ.* art. *Gama*. Paris 1816.—8º *Hist, do descobr. e conq. da India pelos Portuguezes*, por Fernão Lopes de Castanheda, Lisboa 1833.—9º *Hist. geral de Port. e suas conq.*, por Damião Antonio de Lemos de Faria Castro, Lisboa 1788.—10º *Azia Portug.*, por Manoel de Faria Souza, Lisboa 1666.—11º *Dialog. de varia hist.*, por Pedro de Mariz, Lisboa 1749.—12º *Hist. de la Ind. Orient.*, por Fr. Antonio de San-Roman, Valladolid 1603.—13º. *Descobrimentos ant. e modern.*, por Antonio Galvão, Lisboa 1731.

Os autores de n. 1, 2º tom. 3 á pag. 167; 3 dec. 1ª á pag. 63; 4º prim. parte á pag. 36; 5º lib. 1 á pag. 25, 6º á pag. 111 v.; 7º 8º tom. 1 pag. 7; 9º tom. 9 á pag. 39; 10. tom. 1. á pag. 28; dão a sahida de Vasco da Gama para a India em 8 de Julho de 1497; porém o 12º á pag. 40 a dá em 9, e o 13º á pag. 34 em 28 do dito mez e anno.

Os de n. 1º; 3º dec. 1ª á pag. 74 v.; 7º 8º tom. 1 á pag. 41 e 10 tom. 1 á pag. 35 declarão, que surgio á vista de Calecut em 20 de Maio de 1498. O 2º só diz, que gastou 11 mezes; o 4º á pag. 45, que a 19; o 5º á pag. 42, que a 22; 6º á pág. 13 v., q a 18; o 9º tom. 9º á pag. 70, que a 17 de Maio ou 13 de Junho foi avistada uma terra alta, mas 2 dias depois na manhan de um domingo aparecêrão os altos montes de Calecut, com 11 mezes dos mais penozos trabalhos surgio; o 11º á pag. 364, que a 16 de Maio; o 12º á pag. 46, e o 13º á pag. 34, que n'este mez, mas sem declararem o dia.

Os de n. 3º dec. 1ª á pag. 81; 11ª à pag. 364 dão a partida de volta para o reino em 29 de Agosto de 1498; o 4º á pag. 53 dá o mesmo mez, mas não dezigna o dia; o 8ª, tom. 1 exp. 80, dá a entender, que foi em Setembro; e o 13º á pag. 34, que no 1º d'este mez. Os de n. 1º, 2º, 5º, 6º, 7º, 9º, 10º e 12º nada dizem.

Os de n. 1º e 4º á pag. 56; 6º á pag. 115 v.; 8º á pag. 91; 9º á pag. 102; 1º á pag. 372 dizem, que Nicoláo Coelho chegou á Lisboa á 10 de Julho de 1499. O 2º, 3º, 5º, 7º, 10º e 12º dão a Nicoláo Coelho como entrado primeiro que Vasco da Gama, mas não dizem o mez e dia; o 13º nada diz.

Os de n. 3º á pag. 83 v.; 4º á pag. 56; 6º á pag. 115 v.; 9º á pag. 102; põem a entrada de Vasco Gama no Tejo a 29 de Agosto de 1499; o de n. 1º em 29 de Julho ou Agosto d'este anno. Os de n. 2º a 10 de Julho; 7º e 8º á pag. 94 e 13º á pag. 34 dizem, que no mez de Setembro, mas não o dia; o 11º á pag. 372, e o 14º á pag. 54, que a 20 de Agosto, o 5º e 10º nem o mez e nem o dia.

(4) Cit. *Ind. Cron.*—*Hist. geneal.* á pag. 168. *Azia de* João de Barros á pag. 87 v.— *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 67 v.—*Jeronimo Ozorio* á pag. 57—*Emprez. milit.* á pag. 116.—*Biogr. Univ.* t. 6. art. *Cabral*, si bem que não diz o dia do recebimento da bandeira, e nem o da sahida, concorda em tudo o mais.—*Hist.* de Fernão Lopes de Castanheda, t. 1 á pag. 95 v.—*Hist. ger. de Port.*, t. 9 a pag. 107, suposto convenha nas circunstancias, e dê o embarque em 8 de Março não declara o dia da partida.—*Azia de* Faria Souza, t. 1 á pag. 44 e seg., combina em tudo, mas não diz o dia da sahida.—*Dialog. de Var. hist.*, t. 1 á pag. 375 e 376.—*Hist. da Ind. or.* á pag. 56.—*Descobr. ant. e modern.*; seu autor sómente diz, que Pedro Alvares Cabral partio na entrada de Março.—*Cron. da Comp. de Jezus do estado do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcelos, Lisboa 1663, á pag. 7, diz sómente, que Pedro Alvares Cabral partio com uma frota de 13 náos em Março.—*America Portugueza*, por Sebastião da Rocha Pita, Lisboa 1730, á pag. 6.—*Memorias historicas do Rio de Janeiro*, por Jozé de Souza Azevedo Pizarro, Rio de Janeiro 1820, t. 1 á pag. 4.—*Corografia Brazilica*, por Manoel Aires do Cazal. Rio de Janeiro 1833, t. 1 á pags. 9 e 11.—*Coleção de noticias para a hist e geograf. das nações ultramarinas*. Lisboa 1826, t. 4 n. 3 á pag. 179; e t. 2 n. 3 á pag. 107.

(5) Cit. *Ind.*—*Azia* de João de Barros, á pag. 87 v.— *Cron. d'el-rei D. Manoel* á pag. 68.—*Jeronimo Ozorio* á pag. 64.—*Emprez. milit.* á pag. 116.—*Biograf. Univ.* no cit. t. 6 e art.—*Hist.* de Fernão L. de Castanheda no cit. . á pag. 97.—*Hist. ger. de Port.* no cit. t. á pag. 120 e seg.—*Dialog. de Var. hist.* á pag. 376.—*Hist. da Ind. or.* á pag. 56.—*Descobrimentos antigos e modernos.*—*Cron. da C. de J.* á pag. 7.—*Amer. Port.* á pag. 6.—*Mem. hist. do Rio de Janeiro* á pag. 4.—*Corog. Braz.* á pag. 11, 12 e 13.—*Colec. de notas* t. 2 n. 3 á pag. 108 e t. 4 n. 3, á pag 179. Quazi todos os escritores assinão como uma das cauzas de Pedro Alvares Cabral se empegar, e para oeste, uma tempestade que fez esgarrar um dos vazos da armada, que arribou a Lisboa; entretanto o piloto portuguez da armada, que escreveo a navegação de Pedro Alvares Cabral, e se vê no cit. t. 2 da *Colec.*, assim como Pedro Vaz de Caminha, escrivão da mesma armada, que escreveo á el-rei a carta, que se vê no t. 3 da dita *Colec.*, não falão em temporal, antes este diz expressamente «sem ahi haver tempo forte nem contrario para poder ser».—*Hist. dos descobr. e conq. dos Port. no novo mundo*, Lisboa 1786, tom. 1 á pag. 137.

(6) Sobre as diferentes circunstancias, a que é posta esta nota, vejão-se as citadas obras, e como são varios seus autores em suas opiniões emquanto á cronologia, sendo aliás concordes emquanto ao

nome de Porto-seguro, que foi dado á paragem, em que a armada ancorou, e cauza d'ella ir ahi ter; sendo certo que ácerca do nome —Pascoal, posto ao monte que divizou, sómente falão n'isso Aires do Cazal, Ferdinand Denis, « Brésil, Pariz 1837, D. Fr. Francisco de São-Luiz, no cit. Indice, fundados na carta de Pero Vaz de Caminha, escrita a el-rei D. Manoel de Porto seguro em 1 de Maio de 1500.

(7) Cit. *Ind. Cron.*—*Azia* de João de Barros á pag. 88v.—*Cron. d'el-D. Manoel*, á pag. 68 e 69.—*Jeron. Ozor.* pag. 65.—*Emprez. milit.* pag. 149. —*Hist. rei ger. de Port.* pag. 123 e 125.—*Hist. do descobr. e conq. da Ind. pelos Port.* á pag. 97 e 98.—*Azia* de Far. Seuz. á pag. 45.—*Hist. da Ind. or.* á pag. 57.—*Cron. da companhia de Jezus do est. do Braz.* á pag. 9 —*Amer. Port.* 6.—*Ferdin. Denis*—*Hist. dos desc. e conq. dos Portug. no novo mundo* á pag. 137.—*Mem. hist. do R. de Jan.* á pag. 5.—*Corog. Braz.* á pag. 17 e 27.—*Colec. de not.* t. 2. n. 3 á pag. 109 e 110, t. 4, n. 3° á pag. 180 e 180 p.—Notas ao *Diario* de Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen, Lisboa 1839, á pag. 167.

(8) Todos os escritores, á excepção de Abraham du Bois, que afirma ter sido em 1501 *Mem. hist. do Rio de Jan.* cit. á pag 102, ao qual seguirão os autores da *Hist. de Port.* traduzida por Antonio de Moraes Silva, são concordes emquanto ao anno do descobrimento, são porém discordes emquanto ao dia.

(9) A' pag. 64.

(10) A' pag. 68.

(11) A' pag. 6.

(12) Castrioto Luzitano, Lisboa 1679, á pag. 6.

(13) *Mem. para a Hist. da capitania de São-Vicente,* Lisboa 1797, á pag. 4.

(14) *Hist. do Braz.* traduzida por Pedro Jozé de Figueiredo, Lisboa 1823, tom. 1 á pag. 42.

(15) Á pag. 375.

(16) Á pag. 116.

(17) Á pag. 472 do t. 6.

(18) Á pag. 137.

(19) Á pag. 95.

(20) Á pag. 87 v.

(21) Á pag. 108. t. 2.

(22) Á pag. 5. do tom. 3 n. 1 da cit. *Colec. de not.* e vejão-se a respeito d'este autor as *Reflexões criticas* por Francisco Adolfo de Varnhagen no tom. 5° da mesma colecção.

(23) Á pag. 168.

(24) *Elogios dos reis de Portugal,* Lisboa 1603. ap. 83.

(25) Á pag. 120. O autor cita á pag. 155 do tom. 2 da cit. colec. de not. dá o dia 3 de Maio.

(26) Á pag. 35.

(27) *Anacephalæosis, Antuerpiæ* 1621, á pag. 265.

(28) *Annaes historicos do estado do Maranhão,* Lisboa 1740, á pag. 16.

(29) *Cron. da comp. de Jez. na provincia de Portugal*, Lisboa 1645, á pag. 430.

(30) Tom. 1 cap. 44 e seg.

(31) A' pag. 57.

(32) A' pag. 14.

(33) A' pag. 4.

(34) *Brésil.*

(35) *Ind. Cron.*

(36) *V.* nota (11).

(37) Transcrita em uma nota da *Corogr. Brasil.* á pag. 10; a qual vem mais correcta na Colcc. de not. á pag. 179 do tom. 4, segundo o testimunho de Francisco A. de Varnhagen á pag. 74 do tom. 5 observação A. de suas *Reflex. crit.*, cujo original elle assevera ter visto no R. archivo, onde se conserva. (Gaveta 8 maço 2 n. 8.)
(38) Isto é, na noite de 23 de Março.
(39) Portanto 22 de Abril.
(40) Jazerão, estiverão, conservarão-se.
(41) De 23 de Abril.
(42) 22 de Abril.
(43) Desse dia quinta-feira 23 de Abril.
(44) 24 de Abril,
(45) Estivessem.
(46) 25 de Abril.
(47) Deixassem.
(48) Em direitura, sem torcer ou desviar do caminho.
(49) Até.
(50) Domingo dia 25 de Abril.
(51) Junto.
(52) 26 de Abril.
(53) Pavilhão
(54) Poz-se.
(55) De que era capitão Gaspar de Lemos.
(56) Deixar.
(57) Que tal.
(58) Do mesmo dia 26 de Abril.
(59) 27 de Abril.
(60) *V.* á fl. 93 a not.
(61) Povoação.
(62) Nenhum.
(63) 28 de Abril.
(64) Porto.
(65) 29 de Abril.
(66) 30 de Abril.
(67) Dahi.
(68) Por.
(69) Joelhos.
(70) Plantas.
(71) Trouxemol-a.
(72) Ahi.
(73) Despedimo-nos.
(74) Data Pero Vaz de Caminha a sua carta de Porto-seguro da ilha de Vera-cruz, porque então se duvidava, si a terra descoberta era continente ou ilha, em sexta-feira 1 de Maio.
(75) Pero Vaz de Caminha diz, que era Vasco de Atahide, mas o anotador do impresso á pag. 108, João de Barros, Damião de Goes, Faria Souza, Fernão L. de Castanheda e Faria Castro, nos logares citados, dizem, que era Luiz Pirez.
(76) *V.* cap. 1 § 15.
(77) *V.* § 5 do cap. 1 e cit. § 7.
(78) Portanto 25 de Abril, segundo o computo do piloto.
(79) 26 de Abril segundo o mesmo computo.
(80) Foi a primeira, de que faz menção Pero Vaz de Caminha.
(81) Cit. § 15 á p. 90 v.
(82) 27 de Abril.
(83) Não fala na missa e pregação havida depois da plantação da cruz, (porque houverão duas), assim como não dá informação da ficada

dos dois grumetes fugidos, e nem das outras miudezas mencionadas por Pero Vaz de Caminha.

(84) Com 11 vélas, porque uma arribou das ilhas de Cabo-verde a Lisboa e outra foi mandada da costa do Brazil com a nova a el-rei do seu descobrimente, sem que obste dizer o piloto no principio da sua expozição que a armada era de 12 nàos e navios, porque no cap. 3 á fl. 110 confessa ir em sua conserva um navio carregado de mantimentos, e portanto erão 13 os de que se compunha a frota. A navogação de Pedro Alvares Cabral foi escrita pelo piloto depois de finda a expedição em o derradeiro de Julho de 1501, dia em que aportou e surgio no Tejo.

Fernão Lopes de Castanheda, tom. 1 á pag. 125; Jeronimo Ozorio, á pag. 80; Damião de Goes, á pag. 82; Dr. Antonio de San-Roman, á pag. 67; Faria Castro, tom. 9 á pag. 155 dão o dia da chegada em o ultimo de Julho de 1501; João de Barros, *dec.* 1ª, em vespera de S. João Baptista; os mais nada dizem.

NOTA OU ESCLARECIMENTO A NOTA (*) POSTA AO § 3 DO CAP. 2.

Para tirar qualquer duvida, que póde rezultar d'ella, vou pôr aqui um rezumo do *Diario*, que se colhe, da carta de Pedro Vaz de Caminha, á vista da qual facilmente se conhece a concordancia, ou discrepancia do piloto portuguez. Ei-lo:

Em 21 de Abril toparão sinaes de terra. (*)

Em 22 houverão vista d'ella a horas de vespera, e surgirão a 6 legoas de distancia d'ella mesma, e ahi estiverão toda a noite.

Em 23 pela manhan levarão ancoras, e seguirão direitos á terra; e a meia legoa d'ella pelas 10 horas pouco mais ou menos ancorarão em direito de um rio.

Na noite d'este dia houve sueste e tormenta.

Em 24 pela manhan ás 8 horas pouco mais ou menos fizerão-se á véla, e um pouco ante sol posto ancorárão obra de uma legoa distante de um recife.

Em 25 pela manhan tornárão a fazer-se á vela, entrárão dentro do porto, e ancororão.

A' tarde sahio o capitão-mór em um ilhéo, que está na bahia, e voltou para as náos já bem de noite.

(*) Cazado Giraldes, no *Compendio de Geografia istorica* á pag. 21, dá este dia como o do descobrimento do Brazil; talvez porque aparecerão estes sinaes de terra.

Na 1ª part., cap. 11 da *Restauração de Portugal prodigioza*, oferecida ao serenissimo principe de Portugal D. Teòdozio, pelo Dr. Gregorio de Almeida (padre João de Vasconcelos) se dá o descobrimento aos 14 dias de Abril de 1500. Veja-se.

Em 26 houve missa e pregação n'aquelle ilhéo.
Em 27 sahirão todos em terra a tomar agua.
Em 28 fôrão á terra dar guarda de lenha e lavar roupa.
Em 29 só foi a terra Sancho de Toar.
Em 30 forão á terra por mais lenha e agua.
Em 1 de Maio fôrão á terra, xantárão a cruz; houve missa e pregação.

Portanto as ancoragens fôrão:—1ª, a seis legoas de terra, depois que foi avistada em 22 de Abril;—2ª, á meia legoa d'ella, depois que para lá seguirão na manhan de 23;—3ª, a uma legoa do recife, depois que velejárão pela manhn de 24;—4ª, a em que entrárão dentro do porto na manhan de 25.

Assim fica cessando qualquer duvida, que poderia rezultar do que eu disse na nota ao § 3 do cap.2, si bem que n'ella me limitei ao que era tocante ou relativo á ancoragem á meia legoa na boca de um rio; (hoje rio do Frade.)

A' cerca do motivo que deo logar á denominação de rio do Frade veja-se a *Revista Trimensal do Instituto istorico e geografico brazileiro* no tom. 6 á pag. 415.

BIOGRAFIA

DE

FREI ANTONIO DO LADO DE CHRISTO.

O convento de Santo Antonio, como um tumulo antigo, tem encerrado magnificencias; d'esse claustro sahirão os primeiros oradores sagrados do paiz, e os estreitos recintos de suas cellas derão abrigo a muitos religiozos, que se tornárão notaveis no ensino filosofico, nas doutrinas da igreja e no pulpito sagrado.

Rodovalho, Frias, São Carlos, Vellozo, Sampaio, Monte Alverne e Lado de Christo, fôrão filhos d'esse mosteiro, e todos elles tornarão-se distinctos pela sciencia, pelo talento e pela palavra eloquente.

Houve tempo, em que o convento de Santo Antonio pareceu ser a caza da eloquencia sagrada; d'ali tirava el-rei seus prégadores regios, de sorte que em todas as grandes festas da capela real notava-se, que o orador, que subia ao pulpito, era um frade franciscano.

Corrião então para esse recinto sagrado dias de gloria e triunfo, porque n'esssa época era ali o refugio e o depozito da sciencia e da fé; mas hoje vive ermo e abandonado; os poucos religiozos, que o ocupão nada podem fazer; vivem esquecidos no quadrado de suas cellas, lastimando não poderem prestar serviços á patria, á igreja, ás letras e á humanidade.

N'estes ultimos tempos houve um frade, que procurou lembrar a gloria d'este claustro, os nomes illustres de seus finados irmãos, e despertar as lembranças, que se perdião sob as abobadas ennegrecidas e abaladas d'essa caza de religião.

Frei Antonio do Coração de Maria, que, como esse guerreiro das Termopilas, foi o unico que não pereceu, e que

pôde ir contar a todos o valor e heroismo de seus companheiros, era a chronica viva d'essa solidão religioza; a todos referia a historia glorioza do mosteiro, e foi elle quem nos forneceu noticias da vida de frei Antonio do Lado de Christo.

Antonio Francisco Martins, filho de Francisco Martins de Barros, portuguez, e de D. Joanna Maria de Oliveira, nascida e baptizada na freguezia de Santa Rita do Rio de Janeiro, nasceu na mesma cidade, e baptizou-se na mesma pia, que tornou sua mãi christan.

Dezejando pertencer á ordem de S. Francisco, foi o joven Antonio Martins acolhido com benevolencia pelo provincial frei Joaquim de Jezus e Maria Brados, e em 13 de Janeiro de 1796 recebeu o habito no convento d'esta cidade, tomando o nome de frei Antonio do Lado de Christo. Corrido o anno do noviciado, durante o qual patenteou as bellas qualidades de sua alma, professou no mesmo convento em 14 de Janeiro de 1798.

Dezejando aplicar-se aos estudos filozoficos, dirigio-se a São Paulo, onde teve por lente frei Francisco da Candelaria, e rapidos fôrão seus progressos nas doutrinas filosoficas, porque sua aplicação e intelligencia tornárão faceis as dificuldades da sciencia. N'essa cidade recebeu das mãos do bispo D. Matheus de Abreu Pereira as ordens sacras em Fevereiro de 1804.

A eloquencia, com que explicava do pulpito as doutrinas da igreja e a rectidão de sua vida monastica, grangearão-lhe, em 7 de Abril do mesmo anno, a nomeação de prégador e confessor.

Na congregação celebrada em 11 de Abril do 1807 foi eleito passante para o collegio do convento d'esta côrte.

Conhecido por seus conhecimentos teologicos e filozoficos, e respeitado por seu saber, mereceu um testimunho de consideração e apreço de sua corporação, que o nomeou lente do collegio do convento em 1810.

Senhor das sciencias sagradas, dotado de imaginação e de eloquencia tornou-se frei Antonio do Lado de Christo um dos melhores prégadores do seu tempo. Sua voz cheia e forte, com gesto animado e imponente, e sua dição eloquente e bella entuziasmavão o povo, que o ouvia com

aplauzo, compenetrando-se das verdades enunciadas pelo illustre orador christão. Em muitas de nossas igrejas resoou a voz eloquente e persuasiva d'esse douto franciscano.

Consagrava-lhe particular estima o rei D. João VI, e, para manifestar o apreço, que tributava ao distinto padre, nomeou-o prégador regio por carta de 21 de Nrvembro de 1819.

Frei Antonio do Lado de Christo não só era dotado de nobres sentimentos e de todas as virtudes santas dos padres da igreja, como tambem amava com entuziasmo a terra do seu berço; candido e ingenuo como sacerdote, era exaltado e vehemente como patriota.

Por ocazião do nascimento da princeza D. Maria da Gloria em 1819 prégou uma oração notavel pelo estilo elevado e pelas imagens sublimes; e saudando nas suas palavras persuazivas e nobres ao Brazil pelo grandiozo futuro, que lhe estava destinado, consta, que se apossou de tanto entuziasmo, de tanto amor patrio, que lhe embargárão a voz as lagrimas, e cortarão-lhe as palavras de soluços.

Quem sabe, si n'esse arroubo de imaginação não pensou elle na emancipação da patria, que teria de realizar-se poucos annos depois; si n'esse momento de exaltação e sentimento não vio ofuscar-lhe a vista a luz da liberdade, que cedo teria de raiar na terra de Santa-cruz?!

É destino dos homens; o pobre frade não logrou vêr a independencia de seu paiz; morreu um anno antes, quando já se ouvião as vozes, já se machinavão os planos e se reunião os votos para fazer do Brazil uma nação.

Retirando-se para o convento do Bom Jezus da Ilha, do qual era então guardião o distinto padre-mestre frei Sampaio, seu collega e particular amigo, adoeceu gravemente.

Consta, que se originára sua molestia por ter comido algumas folhas de cicuta, julgando ser agrião.

Conduzido para o convento d'esta côrte, foi tratado com todo carinho e cuidado, mas a medicina não pôde debelar o mal, e frei Antonio do Lado de Christo sucumbio em 6 de Abril de 1821, depois de hever recebido os sacramentos da igreja.

Seu cadaver foi repouzar em uma das sepulturas da

quadra, em que se enterrão os religiozos, que falecem no mosteiro.

Sentimos dizer, que se extraviárão quazi todos os sermões d'este distinto ministro da igreja.

E já que não puderão passar á posteridade os trabalhos literarios do abalizado filozofo, do bom levita e estimado prégador, procuremos tornar seu nome conhecido, destacal-o, colocando-o ao lado dos bons oradores sagrados, que tem tido o Brazil.

Dr. Moreira de Azevedo.

NARCIZA AMALIA

Noticia biografica escrita pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga

E LIDA NO

INSTITUTO HISTORICO

A PEDIDO DO AUTOR PELO

Dr. JOÃO FRANKLIN DA SILVEIRA TAVORA

EM SESSÃO DE 16 DE JUNHO DE 1882

A suprema trilogia humana, os tres luminozos zenits, que póde atingir a natureza miraculoza da humanidade, em seu perpassar pelo mundo, em sua misterioza e admiravel existencia, tem as trez seguintes egrégias denominações: *virtude, belleza* e *genio*.

Feliz o ente humano, que é concreção de um dos trez referidos zenits d'aquella prodigioza trilogia; mais feliz ainda o que em si encarna aquelles dous cubos das qualidades possiveis do homem, e incomparavel a ventura do que em si mesmo encerra a propria apoteose, consubstanciando a virtude, a belleza fizica, e o genio.

Diz o preclarissimo Ahrens, em sua *Filozofia do direito*:

« O fim do homem é o bem, e o bem do homem consiste no dezenvolvimento integral e harmonico de todas as suas qualidades fizicas, moraes e intelectuaes. »

O supremo bem pois, segundo o eminente professor belga, consistirá na posse simultanea da virtude, do genio e da belleza fizica.

A mitologia grega possuia em Venus belleza fizica e em Minerva a sabedoria ou o genio; a virtude porém não tinha n'ella reprezentante; era apenas uma qualidade tranzitoria e fragmentaria, um *adjectivo* peregrino, deficiente e instavel: jámais um *substantivo*.

A virtude foi, senão uma creação, uma revelação da moral christan, que determinou-lhe os verdadeiros caracteres e seu venerando *modus agendi*.

Si Maria, a Virgem sempre pura, foi uma personificação indefectivel e divina da virtude, a historia da humanidade aprezenta uma já numeroza série de encarnações celebres do genio e da belleza fizica, no sexo feminino, figurado entre as primeiras, Corina, Safo, Anna de Rohan, Dacier, Stäel, Stowe e George Sand, e entre as segundas, Lais, Frinéa, Aspazia, Popéa, Cleopatra, Diana de Poitiers, Ninon de Lenclos e Emma Harte.

Estas ligeiras considerações fôrão-nos sugeridas por uma muito distinta poetiza brazileira, distinta por sua formozura (por que não o diremos?), por suas virtudes, que sofrêrão a contra-prova do infortunio, e por seu notavel talento, a Sra. D. Narciza Amalia.

Apezar de Fluminense e illustre, não figurou Narciza Amalia, como outros, no *Panteon Fluminense*, publicado ultimamente pelo Sr. Lery Santos.

O livro-galeria do Sr. Lery Santos, com todos os merecimentos que possa ter, não passa, é certo, de um ensaio, de um tentamen.

Entretanto, posto não signifique elle o juizo definitivo da posteridade, que só cingirá de louros os verdadeiros benemeritos da humanidade, da patria, das sciencias, das letras, das artes e das industrias (e somos insuspeito, porque nosso obscuro nome lá está), não deixa por isso de ter sido um injusto esquecimento a omissão do nome d'aquella illustre fluminense, honra de seu sexo, por tantos predicados, em um livro destinado especialmente a honrar Fluminenses illustres.

Procurando reparar a geralmente notada falta, emprehendemos escrever um pequeno esboço biografico da talentoza e pixoza autora das *Nebulozas*.

Nossa pouca saude e os numerozos trabalhos, que sobre

nós pezão, não nos permitem porém senão uma narrativa breve e dezataviada; outros mais competentes ou menos onerados de deveres e obrigações suprirão nossas lacunas e completarão a homenagem devida à nossa referida patricia, que, ainda na flôr dos annos, revelou um espirito illuminado pelo estudo e amadurecido pelas longas introversões, e um estilo terso, elegante e firme, que não possuem muitos *barões ou varões assinalados*.

A 3 de Abril de 1852, na cidade de São-João da Barra, nasceu Narciza Amalia; sendo filha legitima do hoje fallecido e illustrado professor publico Joaquim Jacome de Oliveira Campos e de D. Narciza Ignacia de Campos.

Revelando precocemente grande vivacidade de espirito e uma curiozidade nunca saciada de saber tudo, seus pais, com o fim de aproveitar tão felizes dispozições, puzerão-lhe nas mãos a carta do A B C, quando apenas contava quatro annos de idade.

Aos seis annos, já sabendo lêr correntemente, entrou para o collegio de D. Maria da Costa Brito e Azevedo, afim de continuar o apenas encetado estudo da grammatica portugueza e tambem para estar preza a um regimen disciplinar, menos amorozo e indulgente do que o da caza paterna, visto ser excessivamente travessa.

Aos oito annos começou seus estudos de muzica (arte que tem sempre cultivado) retirando-se do collegio aos dez annos, obtendo distinção em todos os seus exames. Por essa ocazião, e em virtude do conselho do falecido conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos, então director da instrucção publica na provincia do Rio de Janeiro, pedio e obteve seu pai ser removido para a cidade de Rezende, cujo abençoado clima prometia grandes alivios aos padecimentos do zelozo professor. Esta mudança efectuou-se a 14 de Julho de 1863.

D'esta ultima data até 1866 dedicou-se Narciza Amalia aos estudos das linguas franceza e ingleza, da geografia, da historia, da botanica, da retorica, etc., tendo por unico professor seu pai, e já ajudando sua mãi na direção do collegio, que fundou na referida cidade, sob o titulo: *Collegio de Nossa Senhora da Conceição*, onde recebêrão

educação superior as filhas das principaes familias de Rezende e dos municipios vizinhos.

Em 1866 cazou-se Narciza Amalia com João Baptista da Silveira, filho de uma das mais distintas e opulentas familias rezendenses, e que seguia em São-Paulo os seus estudos.

D'esse sempre importante facto, o cazamento, datão todas as infelicidades, que tornárão tão amarga a existencia da infortunada moça.

Senhor de uma fortuna, que não sabia administrar, e dotado de uma alma compassiva e aberta a todas as desditas, seu marido, em pouco mais de tres annos, esbanjou prodigamente todos os bens herdadas, ficando reduzido com sua espoza, não sómente á pobreza, mas á mizeria, que seus habitos de ociozidade não podião, nem sabião combater.

Chegadas as couzas a este terrivel extremo, julgou o honrado professor dever chamar para sua caza a filha desventurada; mas o marido d'esta, a despeito da generozidade fidalga do sogro, recuzou acompanhar sua mulher, e, sahindo de Rezende, abandonou-a para sempre.

Desde então conservou-se Narciza Amalia no lar paterno.

O desgosto profundo, que invadio então a alma da illustre Fluminense, alma altiva, cruelmente humilhada por essa immerecida desventura, o horror do prezente, o desespero do futuro, a saudade do passado tão florido e cheio de promessas ridentes, a necessidade fatal de fugir ás suas proprias idéas, de sufocar os sentimentos explozivos de seu generozo coração—tudo isto reclamava uma diversão poderoza e mitigadora, um remanso consolador, um porto de salvação; o estudo e o cultivo pratico das letras fôrão essa diversão, esse remanso, esse porto de salvação. Tal a origem historica, a cauza ocazional de sua brilhante carreira literaria.

« A quelque chose malheur est bon. »

A cauza eficiente porém era um talento pujante, que necessitava irradiar-se. Foi então, que começou a escrever para o *Astro Rezendense*, para o *Pirilampo*, pequena folha literaria, que mais tarde redigio só, e para todos os jornaes

que solicitavão sua collaboração, sob o pseudonimo de *Narandiba.*

Em 1871 publicou um estudo sobre *os climas antigos*, assumindo pela primeira vez a responsabilidade de seus escritos: em 1872, uma precioza collecção de poezias, as *Nebulozas*, pelas quaes é geralmente conhecida, um primorozo livro, e em 1873 o pequeno mas interessante romance intitulado *Celeste.*

De 1872 a 1873 foi collaboradora activa e prezada da *Republica* (periodico de propaganda republicana distintamente redigido, que se publicou n'esta côrte) e de muitas outras folhas; escrevendo tambem para a bella revista *Artes e Letras*, de Portugal.

As poezias, que publicou nos jornaes de 1873 para cá, não tem sido por ora, infelizmente, collecionadas; tem feito e publicado diversas esmeradas traducções, sobresahindo a do *Romance da mulher que amou*, de Arsene Houssaye, editada pela caza Garnier e recebida com aplauzo pela imprensa brazileira e portugueza.

Numerozas e honrozissimas têem sido as manifestações de apreço, simpatia e admiração, que tem recebido a eminente poetiza brazileira de seus patricios no cazo de poderem aprecial-a, notando-se entre as ditas manifestações quatro principalmente, de que daremos sucinta noticia, por ordem cronologica:

1.ª Uma esplendida festa a 2 de Março de 1873, na sala da camara municipal de Rezende, á qual assistirão muitas senhoras e 150 cavalheiros.

O fim principal da mesma festa foi a oferta de uma *Lira de ouro* pelos conterraneos da poetiza (São-João da Barra) e de uma penna, tambem de ouro, pela sociedade *Aurora.* Forão proferidos e lidas diversos discursos e poezias, figurando entre os encomiastas do genio da illustre Fluminense os seguintes Srs.: Dr. João Martins da Silva Coutinho, Dr. Joaquim de Azevedo Carneiro Maia, Dr. Joaquim Augusto Ribeiro da Luz, Dr. Antonio Jozé Vieira Ferraz, Dr. Candido Pereira Barreto e Jozé Pimentel Tavares.

Depois d'aquellas ofertas, seguio-se um baile, e a este uma ceia, que terminou ao amanhecer.

Por iniciativa ou lembrança da festejada, derão-se dous

factos merecedores de honroza menção; o primeiro uzo da pena de ouro foi uma subscripsão, que subio a 130$, em favor de um pobre chefe de familia, cujo agradecimento lêmes no *Astro Rezendense* do dia immediato, e ás 9 horas da manhan d'esse dia dous taboleiros com os sobresalentes da ceia erão enviados ás prizões dos homens e das mulheres.

Tão pias lembranças muito abonão por certo os sentimentos filantropicos, e o nobre caracter da nossa tão estimada patricia.

2.ª A 20 de Setembro de 1874 recebeu a simpatica e inspirada poetiza uma nova e brilhante manifestação da parte da distinta mocidade dos cursos superiores d'esta côrte, sendo seu orgão autorizado o incansavel patriota Sr. conselheiro Saldanha Marinho, que, indo a Rezende vizitar a loja maçonica *Lealdade e Brio*, incumbio-se graciozamente de entregar áquella nossa illustre patricia uma penna de ouro, com pontas de diamante, simbolo eloquente do estilo correcto e simultaneamente graciozo e viril da notavel escritora.

Esta demonstração, que realizou-se com o devido aparato, está consignada á pagina 755 do *Boletim de Agosto a Dezembro de* 1874 *do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brazil*

Aquella data significa pois um facto memoravel e muito honrozo da biografia de Narciza Amalia.

3.ª A 16 de Outubro do mesmo anno de 1874, vizitando o Imperador a cidade de Rezende, procurou conhecer a poetiza flumimense, conforme declarou a seu pai, o prestimozo e illustrado professor publico, Joaquim Jacome de Oliveira Campos.

Narciza Amalia encontrou-se com o Imperador, que manifestou-lhe o dezejo de possuir uma das suas poezias ineditas, notando-lhe entretanto o tom democratico da maioria d'ellas. Já na estação, e em retirada, foi satisfeito o dezejo de Sua Magestade, que detidamente conversou com aquelle professor; o que tudo vem referido no *Rezendense* de 18 de Outubro do citado anno.

4ª. Finalmente a sociedade brazileira *Recreio Literario* a 11 de Novembro, ainda do anno de 1874, ofereceu á Narciza Amalia um rico album forrado de veludo azul,

com dedicatoria em letras de ouro, e em cuja primeira pagina lê-se a seguinte poezia:

A' NARCIZA AMALIA

As Nebulozas, cantos
De altiva adolescencia,
São vasta florescencia
De estrellas em botão.

Reverberando chammas de augusta fantazia,
Chovendo almas torrentes de ardente inspiração!
— Avante, meiga Esther e alma de Hipathia!
Quem teve as *Nebulozas* por lucido proscenio,
Nasceu a grandes feitos: mais luz, mais luz, oh! genio!
Aurora, mais fulgores! Belleza, mais poesia!

Vimos pedir-te, oh! genio!
Um obulo de luz;
O pó do carro ovante
Que aos évos te conduz.

— Uma penna das azas com que voaste á gloria.
— Um raio d'esse extremo clarão, que nos seduz!
Esculpem-se os teus cantos nas paginas da historia.
Sabemos pois, que os astros são ninhos de condores,
Mas dá-nos n'este livro um pouco dos fulgores,
Que teu nome gravárão do povo na memoria.

Em 1876, a 22 de Fevereiro, perdeu a illustre poetiza uma irman muito querida, o que cauzou-lhe profundo desgosto, agravado a 22 de Maio do mesmo anno pela morte de seu marido, que sempre respeitou e prezou, a despeito de todos os dissabores, de que foi cauza, talvez inconsciente.

Estes tristes acontecimentos tinhão-a arredado, por algum tempo, das lides literarias, quando, em Novembro de 1878, um novo e tremendo golpe veio ferir a tão desditoza moça, tornando-a orfan de seu prezidissimo pai, o guia, o mestre e o amparo de sua tribulada vida domestica e de seus labores incessantes no mundo das letras.

Aquella morte foi para a distinta Fluminense uma perda immensa! *nigro notanda lapillo.*

A 20 de Maio de 1880, satisfazendo a ultima vontade de seu querido pai e seus mais intimos dezejos, passou a segundas nupcias, cazando-se com um honrado negociante de Rezende, o Sr. Francisco Cleto da Rocha, que procura dar-lhe a antiga e perdida felicidade. Ainda bem.

Eis, em rezumo, a biografia de Narciza Amalia, biografia de uma moça, pois que tem apenas trinta annos de idade, e de quem as letras patrias ainda muito devem esperar.

De uma bella carta, que se dignou dirigir-nos, transcreveremos as seguintes palavras, que explicão sua fizionomia politica e certo tom democratico de seus distintos trabalhos, mesmo os estritctamente literarios:

« O amor á liberdade, revelado em quazi todos os meus escritos, foi um legado de meus antepassados, alguns dos quaes conspirárão com o *Tira-dentes.* A historia de minha patria foi-me revelada por meu avô, desde os meus mais tenros annos, sob a fórma de pequenos contos. O terreno era novo e bom; a semente vingou. Desde que comecei a raciocinar, manifestei as mesmas idéas e os mesmos sentimentos, que manifesto hoje, em ralação ao senhor e ao escravo, ao opressor e ao oprimido. »

Depois d'esta citação, apenas diremos: a carta referida tem a data de 1 de Julho de 1880.

Fique consignada esta simples noticia biografica nas paginas perduraveis da *Revista do Instituto Historico*, que d'este modo muito avizadamente antecipará, cremos, o juizo definitivo da posteridade, que então, quem sabe? vãmente procuraria construir a biografia de uma brazileira tão merecedora do respeito, da simpatia e da admiração de seus compatriotas, lamentando o descuido e a ingratidão imperdoaveis da geração contemporanea! Luiz Penna e Dutra e Mello, que exhumámos laboriozamente inteiros e admiraveis, inspirarão-nos esta idéa.

Luiz Francisco da Veiga.

REZUMO BIOGRAFICO

O commendador Antonio Joaquim Alvares de Amaral nasceu n'esta capital da Bahia aos 25 de Julho de 1795.

Era filho legitimo de Jozé Felipe Alvares de Amaral e de D. Maria Francisca de Almeida Amaral.

Cazou com D. Anna Ladisláu do Amaral, filha do consul João Ladisláu de Figueiredo Mello e d'esse consorcio teve quatro filhos, restando apenas dous, Jozé Alvares do Amaral, oficial da secretaria do governo da provincia apozentado, e o dezembargador tambem apozentado Manoel Maria do Amaral.

Não tendo podido o commendador Alvares do Amaral seguir carreira academica, para a qual mostrava muita propensão, cursára apenas as humanidades com muito aproveitamento.

Entrou para o funcionalismo publico em 3 de Setembro de 1810, como praticante da junta da real fazenda.

Depois de exercer diversos logares até 1822, emigrando para o reconcavo, em consequencia da guerra da Independencia, foi nomeado primeiro deputado commissario geral do exercito pacificador para organizar o commissariado, onde mostrou-se incansavel nos serviços, que prestou a bem da patria.

Depois de proclamada a Independencia, foi, em 1828, encarregado pelo governo da provincia de crear a repartição da meza dos direitos de exportação, depois consulado, e de facto a creou, sendo logo nomeado administrador d'essa repartição.

Por carta imperial de 12 de Junho de 1828 foi nomeado secretario da provincia, tendo sido, pela sua pratica,

experiencia e conhecimento do pessoal e material da provincia, um poderozo auxiliar a quatorze prezidentes, que a administrárão, tendo-o por secretario, e atravessando a provincia, durante todo esse espaço de tempo, crizes bem milindrozas, achou-se elle no seu posto de honra, sendo ás acertadas medidas e providencias energicas então tomadas pelos prezidentes, em grande parte aconselhados por elle com a prudencia e tino, que o distinguião, dando sempre em rezultado o restabelecimento da ordem e da tranquilidade publica.

Tendo sido apozentado, a seu pedido, no logar de secretario da provincia em 1841, foi eleito escrivão da santa caza da mizericordia d'esta capital, onde prestou muitos serviços, pelo que a meza e junta mandárão colocar-lhe ali o retrato, quando elle se achasse fóra da provincia.

Em 1845 foi nomeado prezidente da provincia de Sergipe, onde por sua administração moderada, e sua experiencia dos negocios publicos, grangeou a estima geral.

No anno de 1848 foi nomeado prezidente da provincia do Maranhão, continuando a exercer esse cargo com toda a moderação e pericia, de que era dotado.

Voltando á Bahia foi nomeado bibliotecario da livraria publica, que se achava então em completa dezorganização, e ahi mostrou o commendador Alvares do Amaral seu zelo activo, energico, infatigavel e vigilante para tirar a bibliotcca do cahos, em que se achava.

O commendador Alvares do Amaral foi conselheiro do provincia no anno de 1830.

Por seus relevantes serviços, honradez e amor da patria, foi sempre bemquisto de seus patricios e galardoado pelo governo imperial.

Era commendador da ordem de Christo, oficial da ordem da Roza e condecorado com a medalha da restauração da Bahia, na guerra da Independencia.

Foi sempre eleitor das freguezias, em que morou.

Foi eleito por esta provincia deputado á assembléa geral na legislatura de 1836 e reeleito na immediata, no anno de 1840.

Foi o primeiro votado na lista sextupla para senador do Imperio por esta provincia em Abril de 1837.

Foi honrado com o diploma de socio do Instituto Historico e Geografico do Brazil.

Era contribuinte do montepio de economia dos servidores do estado.

O commendador Alvares do Amaral pertenceu sempre ao partido dos homens moderados, e era monarchista sincero; suas opiniões fôrão todavia puramente liberaes.

Faleceu n'esta capital aos 18 de Maio de 1853, com 58 annos de idade.

Bahia 20 de Abril de 1882.

Jozé Alvares do Amaral.

NOTAS BIOGRAFICAS

Visconde de Araguaia

No nosso ultimo numero noticiamos a morte do Visconde de Araguaia, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Imperio do Brazil junto á Santa Sé.

Hoje podemos dizer algumas palavras sobre a existencia do homem illustre, que acaba de dezaparecer.

Domingos Jozé Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, cuja morte é uma perda immensa para o nosso paiz, nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811. Fez seus estudos de humanidades no seminario de São-Jozé, onde teve por professor de filozofia o sabio franciscano Francisco do Monte-Alverne, um dos maiores oradores da tribuna sagrada.

A 21 de Fevereiro de 1832 Magalhães formou-se em medicina, e n'este mesmo anno publicou seu primeiro volume de poezias.

No mez de Outubro de 1834, Magalhães partio para a Italia com o seu amigo Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo-Angelo, que morreu em Lisbôa, para onde tinha sido nomeado consul geral do Brazil. Foi na Italia, que Magalhães escreveu os *Suspiros Poeticos e Saudades.*

Foi nomeado adido á legação de Pariz a 9 de Janeiro de 1835, e na grande capital escreveu a tragedia *Antonio Jozé, ou o Poeta e a Inquizição.*

Em 1836, Magalhães deixa a carreira diplomatica e volta ao seu paiz, onde entra na redação do *Jornal dos Debates*, com o seu excellente amigo Salles Torres Homem, que foi mais tarde Visconde de Inhomerim.

N'esse mesmo anno compôz a tragedia *Olgiato*, que foi reprezentada no Rio de Janeiro pelo nosso grande artista João Caetano dos Santos.

No mez de Dezembro de 1839, Magalhães partiu para a provincia do Maranhão como secretario do prezidente Luiz Alves de Lima, que foi mais tarde Marquez e Duque de Caxias. Durante sua estada n'essa provincia escreveu a historia da revolução do Maranhão, obra que mereceu grande apreço do Instituto Historico e Geografico do Brazil, de que elle era um dos membros mais illustres.

Em 1841, de volta ao Rio de Janeiro, foi nomeado professor da cadeira de filozofia do Liceu de Pedro II.

Em 1842, Magalhães partio para o Rio-grande do Sul como secretario do general, prezidente da provincia, que era o mesmo Marquez de Caxias. Estando em revolução essa provincia e achando-se em campanha o general prezidente, Magalhães exerceu n'ella as funções de prezidente.

Depois da pacificação do Rio-grande do Sul, Magalhães voltou ao Rio de Janeiro e tomou assento como deputado pela provincia, que acabava de deixar.

Em 1847, cazou-se e foi nomeado encarregado de negocios do Brazil em Napoles, onde poude acabar a *Confederação dos Tamoios*, epopéa nacional, que foi traduzida em italiano pelo coronel Ricardo Ceroni. Escreveu depois os *Factos do espirito humano*, obra que foi traduzida em francez por Mr. Chancelle, em 1859.

No mez de Maio de 1857, Magalhães foi nomeado ministro rezidente em Vienna, e, durante sua estada na capital d'Austria, publicou oito volumes de suas obras.

No mez de Março de 1867, partiu como enviado extraordinario para os Estados-Unidos. Em Abril de 1871 o governo acreditou-o no mesmo posto em Buenos-aires, e em 1873 foi enviado em missão especial ao Paraguai para celebrar com o general Bartolomeo Mitre o tratado de limites.

Em 1879, por ocazião da questão religioza, que deu lugar á prizão dos dous bispos de Olinda e do Pará, o Visconde de Araguaia foi nomeado enviado extraordi-

nario junto á Santa Sé, e com um grande talento, cheio de sabedoria, pôde rezolver todas as questões entre o Brazil e a côrte romana.

Em Roma, o Visconde de Araguaia publicou a *Alma e o cerebro*, verdadeiros estudos de psicologia e de fiziologia, e os *Commentarios e pensamentos*, que dedicou ao seu filho.

Para terminar esta curta noticia, damos a lista de todas as obras do homem illustre, que a morte acaba de nos arrebatar:

Poezias avulsas, Suspiros Poeticos e Saudades, Algumas tragedias, Urania, Confederação dos Tamoios, Canticos funebres, Factos do espirito humano, Opusculos historicos e literarios, Alma e o cerebro, Commentarios e pensamentos.

Existe alem d'isto um grande numero de manuscritos, que seu filho deverá publicar um dia.

A estas notas biograficas podemos acrescentar, que Magalhães, sendo ainda bem moço, redigia em Pariz a *Revista Brazileira*, e tinha por colaboradores — Sales Torres Homem, Porto-Alegre, Lima de Itaparica e Azeredo Coutinho.

N'esta *Revista* lemos um bello artigo de Magalhães sobre a *Filozofia da religião.*

M. B.

(Traduzido do *Brésil* de 5 de Agosto de 1882, periodico que se publica em Pariz)

DIPLOMA DE NOMEAÇÃO

DE

FAMILIAR DO SANTO OFICIO

Os do Conselho geral do Santo-oficio contra a heretica pravidade e apostazia n'estes reinos e senhorios de Portugal etc.

Fazemos saber a quantos a prezente virem, que pela bôa informação, que temos da geração, vida e costumes de Antonio Borges de Carvalho, homem de negocio, solteiro, filho de Antonio Lopes, natural da frequezia de Valbemfeito, termo da cidade de Bragança, e morador n'esta de Lisbôa, e confiando d'ele, que fará com toda a diligencia, consideração, verdade e segredo tudo o que por nós lhe fôr mandado e pelos Inquizidores cometido:

Havemos por bem de o crear e fazer Familiar do Santo oficio da Inquizição d'esta cidade de Lisbôa, para que d'aqui em diante sirva o tal cargo, assim como o servem os mais Familiares da dita Inquizição, e com elle goze de todos os previlegios, izenções e liberdades, que por direito, provizões e alvarás dos Srs. Reis d'estes reinos são concedidos aos Familiares do Santo-oficio.

Notificamol o assim aos Inquizidores para que o admitão ao dito cargo e lh'o deixem servir conforme seu regimento, dando-lhe primeiro juramento, de que se fará assento por elle assinado no livro da creação dos Familiares e oficiaes da mesma Inquizição na forma do estilo a ella. Et *auctoritate apostolica* mandamos a todas as justiças assim eclezíasticas como seculares d'estes reinos e senhorios e mais pessoas, a quem o conhecimento d'isso pertencer, hajão e tenhão ao dito Antonio Borges de Carvalho por Familiar do Santo-oficio, e lh'o guardem, cumprão e fação guardar e cumprir inteiramente esta nossa provizão

e todos os ditos privilegios como n'elles se contem, sob as penas e censuras em direito e nos mesmos privilegios declarados, e de se proceder contra os culpados como pessoas que ofendem aos ministros do Santo-oficio da Inquizição.

Dado em Lisbôa, sob nossos sinaes e sêlo do Conselho geral do Santo-oficio, aos 15 dias do mez de Dezembro de 1761 annos.

Antonio Baptista, secretario do mesmo Conselho geral, assim escreveo, e subscreveo.

Francisco Mendo Trigozo. Simão Jozé da Silveira Lobo. Paulo de Carvalho Mendonça. D. Paulo Alves Pereira de Mello.

Carta por que V. Ill^{mas}. são servidos crear Familiar do Santo-oficio da Inquizição d'esta cidade de Lisboa a Antonio Borges de Carvalho pela boa informação que d'elle têem.

(Copiado do original escrito em pergaminho, e existente no archivo do Instituto historico e geografico do Brazil)

ASSIGNATURA MONOGRAFICA E AUTOGRAFA DOS REIS

Lisboa 12 de Janeiro de 1849.

Tenho a honra de oferecer ao Instituto historico o incluzo exemplar do « fac simile » das assinaturas dos senhores reis e rainhas e infantas, que têem governado Portugal, obra que acaba de ser publicada n'esta côrte.

Principia ella pela assinatura do Sr. rei D. Diniz; porque o editor não achou na Torre do Tombo em documento algum as assinaturas dos Senhores reis D. Afonso I, D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, segundo a declaração que faz na advertencia, que precede a sua obra. E de não ter axado aquelas assinaturas conclue com admiração, que é obvio o motivo, dando assim a entender que aqueles principes não sabião escrever.

O editor commeteu nisso um erro, que é precizo relevar em honra da verdade. Antes do meado do 14º seculo os soberanos não assinavão manualmente, mas sim por monogrammas, e não era isso por não saberem ler, mas sim porque era esse o costume, e de ordinario o fazião com o punho da espada, onde o monogramma estava gravado, dizendo que defenderião com a ponta o que firmavão com o punho.

O primeiro rei de França, que assinou manualmente foi Carlos V, que reinou os 16 annos, que decorrem de 1364 a 1380, época em que reinárão em Portugal D. Pedro I e D. Fernando, neto e bisneto de D. Diniz. Ora D. Diniz subio ao trono em 1279; sendo pois elle o primeiro rei portuguez, que assinou manualmente, segue-se, que este

uzo principiou em Portugal 85 annos antes de principiar em França, ou que os progressos da civilização em Portugal são a este respeito anteriores aos da França.

Os autores francezes, que tratárão d'este assunto são concordes em dizer, que os predecessores de Carlos V não assinavão manualmente, porque não era esse o uzo d'aquele tempo.

Documentos historicos provão, que D. Afonso I e seus sucessores erão principes esclarecidos; como pois atribuir a elles o que os autores francezes não admitem a respeito dos principes predecessores de Carlos V? Isto basta para demonstrar o erro, em que o editor cahio impensadamente quando para explicar o facto servio-se de um a ipóteze desviada da razão, e do que nos ensina a historia.

Prevaleço-me d'esta ocazião para renovar a V. S. os protestos da minha distinta consideração.

Illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos, Secretario perpetuo do Instituto Historico.

Antonio de Menezes Vasconcelos de Drumond.

PROCLAMAÇÀO

Por ocazião da nomeação de condestavel do Brazil

EM 1807

Fieis vassalos habitantes do Brazil! Desde o principio da minha regencia existiu inalteravel em meu coração o mais ardente dezejo de dar-vos reiteradas provas da minha estimação, e paternal afecto; tempos calamitozos porém me não permitirão manifestar-vos toda a sua extensão. Nas vicissitudes politicas da Europa, vós vos unistes sempre aos outros meus vassalos, mostrando em todo o sentido o zelo o mais puro, e a concurrencia a mais eficaz para a manutenção da monarchia portugueza. Achando-se esta prezentemente, apezar de todos os meus desvelos, exposta ao flagelo da guerra, espero, que a mão do Onipotente haja de amparar o meu trono.

Em tão critica conjuntura vos quero dar um claro testimunho de meus extremozo afecto, oferecendo á vossa tão antiga, como experimentada lealdade, a ocazião de novamente a exercerdes em pessoa, que me é summamente cara e amada, e para com quem, estou certo, me acompanharáõ os vossos animos em sentimentos da maior ternura.

Sendo do meu real dever não abandonar, sinão em ultimo extremo, vassalos descendentes, como vós, d'aqueles que pelo seu valor, e á custa do proprio sangue, restaurárão o trono aos meus augustos predecessores, vos confio o principe meu primogenito, em quem espero, que, pelo decurso do tempo, achareis a herança, que, já em seus tenros annos, principiei a transmitir-lhe, da minha particular afeição para comvosco.

Vós o deveis reconhecer tambem com o novo titulo de Condestavel do Brazil, que eu houve por bem crear, e conferir-lhe, afim de aliar melhor os interesses da corôa com os vossos proprios, contribuindo d'este modo para a prosperidade geral d'essa vasta e precioza região.

Fieis vassalos, habitantes do Brazil! Eu prevejo com intima satisfação quão dignamente sabeis avaliar tão querido e inestimavel penhor; guardai-o, defendei-o com aquela honra e valor, que vos são innatos na qualidade de Portuguezes.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 2 de Outubro de 1807. (*)

JOÃO P. R.

FIM DO TOMO XLV PARTE PRIMEIRA

(*) Esta proclamação axa-se por certidão autentica no archivo do *Instituto Historico*, passada na Biblioteca Nacional de Lisbôa.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLV

PARTE PRIMEIRA

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLV

PARTE II

> **Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos**
> **Et possint serâ posteritate frui.**

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71.

1882

CHEGADA

DA

FAMILIA REAL PORTUGUEZA

Á

PROVINCIA DA BAHIA

EM JANEIRO DE 1808

POR

JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA

A respeito do dia, em que chegou á provincia da Bahia a familia real portugueza, não são acordes os escritores da *Historia do Brazil*. Assim :

O padre Luiz Gonçalves dos Santos, nas suas *Memorias para servir a Historia do Brazil*, tom. 1°. pag. 9, diz, que no dia 19 de Janeiro de 1808 chegára á Bahia uma embarcação com a noticia de que a familia real se dirigia para o Brazil, e que no dia 21 parte da esquadra portugueza e uma das quatro náos inglezas, que a reforçavão, entrárão na Bahia de Todos os Santos, onde foi recebido o Principe Regente, etc....

Mr. Afonso de Beauchamp, *Histoire du Brésil*, tom. 3°. pag. 510, diz : « elle aborde le 19 Janvrier à Bahia, oú le Régent est reçu par ses sujets du Brésil, etc. »

O general Abreu e Lima, na *Sinopse da Historia do Brazil*, pag. 290, anno de 1808, diz, que entre os navios da esquadra, que arribárão á Bahia, achou-se a capitanea, em que vinha o Principe Regente, a qual entrou e fundeou no porto no dia 19 de Janeiro.

F. Solano Constancio, *Historia do Brazil*, tom. 2º. pag. 167, diz, que a 21 de Janeiro entrou na Bahia parte da esquadra portugueza e uma das náos inglezas, e no mesmo dia desembarcou o Principe Regente, e foi recebido pelo governador Conde da Ponte, etc.

O conego Fernandes Pinheiro, nos *Epizodios da Historia Patria*, pag. 151, diz, que no dia 21 arribára o Principe Regente, etc.

O Sr. conselheiro Pereira da Silva, na *Historia da Fundação do Imperio do Brazil*, 2ª. ediçao, tom. 1º. pag. 216, diz : « pela tarde de 20 entrou no porto (da Bahia) a frota portugueza, etc.; e em uma nota diz : « não são acordes os autores a respeito d'esta data, que aliás nos parece mais exacta ; dão uns a chegada a 19 e outros a 20 de Janeiro de 1808. » No fim da citada pagina acrescenta : « no dia 21 de Janeiro de 1808, pôz pé em terra brazileira o Principe Regente. »

O Sr. Dr. J. M. de Macedo, no seu *Compendio de Historia do Brazil*, edição de 1863, lição 18ª. pag. 231, diz, que o Principe Regente D. João, emquanto alguns navios da esquadra chegavão com a familia real ao Rio de Janeiro, dezembarcava na Bahia a 23 de Janeiro.

O Barão de Porto-Seguro, na *Historia Geral do Brazil*, 2ª. edição, tom. 2º. pag. 1081, diz: « ao passo que o Principe Regente arribava á Bahia, e dezembarcando a 23 do dito mez de Janeiro, etc. »

O Sr. Dr. Mello Moraes, na sua *Corografia do Brazil*, tom. 1º. part. 2ª. pag. 67, diz «que a esquadra foi vista na Bahia no dia 21 de Janeiro, e só deu fundo dentro da barra no dia sexta-feira 22, pelas 11 horas da manhan, e que no dia 23, por volta das quatro para cinco horas da tarde, dezembarcou o Principe Real para assistir a um solemne *Te-Deum* na igreja da Sé, depois do que tornou para bordo, onde havia ficado a rainha D. Maria I, e que no dia domingo 24 com ella dezembarcou, e fôrão ambos assistir em palacio. »

Entretanto existem no Archivo Publico do Imperio documentos, que tirão todas as duvidas a tal respeito ; são tres oficios em original do Conde da Ponte, que era então o governador da Bahia, e foi quem recebeu a familia real.

O primeiro é de 7 de Janeiro de 1808, dirigido ao Conde dos Arcos, vice-rei do Brazil, rezidente no Rio de Janeiro, communicando que, pelo navio mercante *Principe*, constava ter embarcado em Lisbôa, com destino ao Brazil, a familia real. Este oficio prova, que a noticia não chegou á Bahia no dia 19 de Janeiro, como diz o padre Luiz Gonçalves nas *Memorias* citadas.

O segundo é de 8 de Março do mesmo anno, dirigido ao Visconde de Anadia, communicando que parte da esquadra havia ali fundeado ás 4 horas da tarde de 22 de Janeiro, dezembarcando a familia real no dia 24 pelas 5 horas da tarde.

O terceiro é da mesma data, e no mesmo sentido, ao vice-rei Conde dos Arcos.

Ofereço ao Instituto Historico e Geografico Brazileiro cópias autenticas dos ditos oficios.

Rio de Janeiro 20 de Junho de 1879.

O socio

Joaquim Pires Machado Portella.

DOCUMENTOS

OFICIO DO CONDE DA PONTE AO CONDE DOS ARCOS, EM 7 DE JANEIRO DE 1803

Illm. e Exm. Sr.

Fundeou n'este porto, com 36 dias de viagem, o navio mercante d'esta praça denominado *Principe*, vindo em direitura da cidade de Lisbôa, e pela voz geral de 33 passageiros, pela parte vocal do mestre da embarcação, pelo murmurio de toda a equipagem, consta, que o dito navio sahira de Lisbôa no dia 29 de Novembro, em companhia de toda a nossa esquadra, commandada pelo vice-almirante Manoel da Cunha Souto, e na qual se transporta para essa cidade o Principe Regente, nosso senhor, a nossa augusta

Rainha, e toda a familia real, com a nobreza que foi possivel acommodar-se nas embarcações do comboio; esta noticia faz-se mais acreditavel não só pe!a uniforme publicidade, com que se assevera, que ao sahir da barra se encontrára a nossa esquadra com a ingleza, que bloqueia o porto, e esta fizera as mais demonstrativas ações de respeito e obzequio, e que, atravessando ambas, o almirante inglez estivera a bordo da capitanea *Principe Real*, perto de tres horas, mas tambem pela cópia incluza do decreto, que trouxerão todos, e que me aprezentárão, espero que esta confidencial communicação seja da real vontade do nosso soberano, uma vez que este oficio seja aprezentado a V. Ex. conformemente ás ordens, que fiz expedir ao sobredito commandante, do qual confio a inteira execução d'ellas.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

Bahia 7 de Janeiro de 1808.

Illm. e Exm. Sr. Conde dos Arcos.

Conde da Ponte.

OFICIO DO CONDE DA PONTE AO VISCONDE DE ANADIA, EM 8 DE MARÇO DE 1808

Illm. e Exm. Sr.

No dia 6 do prezente mez, pela sumaca *Nossa Senhora da Conceição*, recebi o oficio de V. Ex., em data de 5 de Fevereiro proximo passado, e com o maior prazer e alegria tive pela primeira vez a certeza de se acharem n'esse porto a senhora princeza D. Maria Benedita, e as serenissimas infantas D. Marianna, D. Maria Francisca, e D. Izabel Maria ; assim como de estar V. Ex. igualmente livre dos perigos e incommodos de uma viagem por tantos titulos lastimoza ; e obedecendo ao que V. Ex. me determina, lhe participo, que no dia 22 de Janeiro d'este anno, pelas duas horas da madrugada, me foi dada a noticia de se terem avistado embarcações grandes na costa do norte, no dia 21, pelas quatro horas da tarde; redobrei as vigias ordinarias, e sucessivamente se me communicou aparecerem trez nảos, uma galéra e dous bergatins, dando-se

por certo serem embarcações inglezas; n'esta certeza me conservei até ao meio-dia, em que, diferençando-se as bandeiras, se reconheceu o pavilhão real; mandei logo tirar balas ás peças das baterias para se darem as devidas salvas, e me dirigi pessoalmente a bordo da náo *Principe Real*, a receber as ordens do Principe, nosso senhor, que, cheio de alvoroço e consolação, achei em perfeita saude, com toda a mais real familia, e fundeárão pelas quatro horas da tarde as náos *Principe Real*, *Afonso de Albuquerque*, e a ingleza *Bendford*, a fragata *Urania*, o bergatim *Trez-Corações*, e uma escuna americana.

Foi S. A. R. servido insinuar-me, que dezembarcaria, si fôsse possivel recebel-o, sem que das náos se tirassem camas, ou qualquer outro traste, não só para a sua pessoa e mais familia real, mas tambem para os creados, e familias que o acompanhavão; diligenciei, quanto em mim coube, fazer possivel com a maior brevidade a acommodação necessaria, conseguindo que S. M. a Rainha, nossa senhora, e Suas Reaes Altezas com os seus creados e familias dezembarcassem no dia 24 pelas cinco horas da tarde, que o Principe nosso senhor fixou para não sofrer o ardente sol.

No dia 10 de Fevereiro fundeou n'este porto a náo *D. João de Castro*, que conduzia o duque e duqueza de Cadaval com seus filhos, os condes de Belmontes, e algumas outras familias, a qual, dezarvorando no dia 30 de Novembro, veio arribada com agua aberta á Parahiba, e d'ahi a este porto, onde, por ordem de S. A. R. dezarmou, e ficou a reparar-se da grande avaria, que sofreu, dividindo-se os passageiros, oficialidade e equipagem pelos outros navios, aprontando-se por este motivo, para seguir viagem com a esquadra, a xarrua *Activo* e o navio da praça *Imperador Adriano*.

Entrou no dia 16 do dito mez a náo *Meduza*, que, tendo dezarvorado, lhe foi necessario arribar a Pernambuco, e ahi refazendo-se como foi possivel, se dirigio a este porto transportando o Exm. Sr. Antonio de Araujo, o conselheiro Jozé Egidio, o dezembargador Thomaz Antonio Côrte-real, e mais familias.

Demorarão-se Sua Magestade e Altezas até o dia 24 do referido mez de Fevereiro, em que rezolvêrão continuar a

sua viagem, porém embarcando pelo meio dia, oferecerão-se certos inconvenientes, que obstárão a sahida n'essa tarde, e no dia 25 aparecendo o horizonte bastantemente carregado, e o vento pouco favoravel, determinou o Principe Regente; nosso senhor, largar no dia seguinte, 26; o que efectuou pelas quatro horas da tarde, com excelente vento, e maré, deixando-nos na esperança de entrar no porto d'essa capital com seis ou sete dias de feliz viagem.

N'esta supozição deixo de narrar os acontecimentos, que durante este tempo ocorrêrão, pois que a V. Ex. serão fielmente referidos pelas bôas testimunhas, que os prezenciárão. S. A. R. encheu de graças os oficiaes militares, promovendo-os aos postos immediatos, e que se achavão vagos, e condecorando-os com os habitos das ordens de Christo e Aviz, o sacerdocio conferindo-lhes beneficios e conezias, os ministros com a graça do habito de Christo aos que o não tinhão, e aos mais particulares deferindo-lhes com indefectivel justiça as suas pretenções.

É o que rezumidamente posso informar a V. Ex. sobre as reaes pessoas dos nossos augustos soberanos, e si não communiquei logo a V. Ex. este facto, foi porque todos os dias esperavamos n'este porto o resto da esquadra, não havendo indicio algum de haver varado esta altura, e a maior incerteza de uma feliz viagem, pelos estragos, que todos os dias nos erão prezentes, das embarcações, que aqui aportavão.

Deus guarde a V. Ex.

Bahia 8 de Março de 1808.

Illm. e Exm. Sr. Visconde de Anadia.

Conde da Ponte.

OFICIO DO CONDE DA PONTE AO CONDE DOS ARCOS, EM 8 DE MARÇO DE 1808.

Illm. e Exm. Sr.

No dia cinco do prezente mez recebi o oficio de V. Ex. de 5 de Fevereiro proximo passado, podendo, em resposta

ao importante objecto, a que elle se refere, segurar a V. Ex., que no dia 22 de Janeiro fundeárão n'este porto as náos Principe Real, Afonso de Albuquerque, Bendford, e a fragata Urania conduzindo S. Magestade a Rainha nossa senhora, S. A. R. o Principe Regente nosso senhor, sua augusta espoza, e mais real familia, com todas as pessoas de seu serviço, que os acompanhárão desde o porto de Lisbôa ; e dezembarcando n'esta cidade se demorárão até o dia 26 de Fevereiro, em que sahirão d'esta Bahia com vento favoravel, com o destino d'essa capital : agradeço infinitamente a V. Ex. as bôas noticias da feliz viagem das senhoras princezas e infantas, que se achavão n'esse porto, e pelo bergantim Santo Antonio Rei espero anciozo as bôas novas, que V. Ex. me promete em oficio de 29 de Janeiro, que n'esta mesma ocazião me dirigio.

Deus guarde a V. Ex.

Bahia 8 de Março de 1808.

Illm. e Exm. Sr. Conde dos Arcos.

Conde da Ponte.

A SABINADA

NA

PROVINCIA DA BAHIA

EM 1837

POR

Joaquim Pires Machado Portella

Por amor da verdade historica ofereço ao Instituto copias autenticas de alguns documentos existentes no Archivo Publico do Imperio, com os quaes se provão umas inexactidões commetidas por dois distintos escritores da historia patria, quando tratão da revolução denominada da *Sabinada* na provincia da Bahia.

O general Abreu e Lima na sua *Historia do Brazil*, tom. 2°. pag. 121. ediç. de 1843, depois de fazer vêr que a noticia da dita revolução complicára sobre maneira a pozição do governo da Regencia, por que era mister distrahir as forças destinadas para o Rio-grande do Sul, diz :— « Todavia as couzas forão dispostas por tal forma que os rebeldes da Bahia forão completamente batidos nos dias 16, 17 e 18 de Março de 1838, etc. »

Pelos dous oficios, cujas copias aprezento, dirigidos ao ministro da guerra em 17 de Março de 1838, pelo prezidente da provincia Antonio Pereira Barreto Pedrozo e pelo commandante das armas o marechal de campo João Chrizostomo Calado, vê-se, que n'esse dia *17 de Março* já estava completamente restaurada a capital da Bahia, escrevendo o prezidente o seu oficio no *palacio do governo*, e que o combate tivera logar, não nos dias 16, 17 e 18, mas nos dias 13, 14 e 15.

O Sr. conselheiro Pereira da Silva, na sua obra *Historia do Brazil de 1831 a 1840*, depois de narrar as providencias, que tomára o 1º. vice-prezidente da provincia, Dr. Honorato Jozé de Barros Paim, em consequencia da fuga do prezidente, quando rebentou a revolução a 7 de Novembro de 1837, diz: (pag. 227)

« Um momento não foi perdido pelo governo para acudir a Bahia. As forças, que devião seguir para o Rio-grande, partirão logo para a Bahia, capitaneadas pelo general João Chrisostomo Calado no caracter de commandante das armas.

« Já felizmente havia Francisco do Rego Barros assumido a prezidencia de Pernambuco, e com louvavel e rapida energia remetêra tambem para a Bahia um socorro de quinhentos homens ás ordens do general Jozé Joaquim Coelho.

« Chegados á Bahia, em vez de dezembarcarem na capital, seguirão os navios para o reconcavo. Barreto Pedrozo tomou posse da prezidencia na cidade da Caxoeira. Calado e Jozé Joaquim Coelho, unidos com os seus soldados aos guardas e paizanos do Visconde da Torre e do tenente-coronel Argolo, cuidárão sem demora a formar cerco á cidade de São-Salvador, cabendo ao primeiro o commando geral das tropas encarregadas de aniquilar a rebelião......... Ao terminar o anno de 1837, por mar e por terra estava de feito cercada a capital da Bahia.

« Gastou o general Calado o tempo apenas necessario para armar e disciplinar os guardas nacionaes e voluntarios da Caxoeira, São-Francisco, Santo-Amaro, Maragogipe e diferentes pontos da provincia. Pelo meiado de Janeiro começou a mover-se com cerca de quatro mil homens contornando a capital, etc...........................
....

« Era tempo de iniciar a pugna. Nos primeiros dias de Fevereiro postadas se descobrião já as avançadas do general Calado pelo lado de Itapoan, Abrantes, etc..... »

Seja dito sem menoscabo para o meritorio trabalho do Sr. conselheiro Pereira da Silva: ha aqui inexactidões.

Barreto Pedrozo, Calado e Jozé Joaquim Coelho não chegárão á Bahia juntos, ou quazi ao mesmo tempo, como se conclue da expozição supra.

Barreto Pedrozo tomou posse da prezidencia em 19 de Novembro de 1837.

Jozé Joaquim Coelho (ainda não general, mas tenente-coronel) chegou á Bahia no dia 3 de Janeiro de 1838, como consta do oficio do prezidente ao ministro da guerra, datado de 12 do dito mez, de bordo da fragata Principe Imperial.

Calado tomou o commando da força armada da provincia no dia 23 de Fevereiro de 1838, como consta do oficio do mencionado prezidente, escripto de Itaarica ao ministro da guerra em 25 do dito mez. E o proprio Calado, em oficio escrito do quartel general em Pirajá a 28 de Fevereiro, diz ao ministro da guerra :

« No dia 21 do corrente entrei no porto da Bahia, e me aprezentei logo ao prezidente em Itaparica ; em 22 marchei para o exercito, de que tomei o commando em 23, etc... »

Portanto nem ao terminar o anno de 1837 tinhão elles tratado de cercar, e efectivamente se achava cercada a capital, nem muito menos pelo meiado de Janeiro começou Calado a mover-se com 4 mil homens contornando-a, e nem nos primeiros dias de Fevereiro se descobrião já as avançadas do mesmo general.

DOCUMENTOS

Illm. e Exm. Sr.

Tenho a honra de participar a V. Ex., com aquella satisfação que devem sentir todos os Brazileiros amantes de sua patria, que se acha completamente resgatada do poder da rebeldia, e restituida ao legitimo governo de S. M. o Imperador, a formoza e opulenta capital de São-Salvador, que por mais de quatro mezes teve de sofrer o tirannico

jugo de uma dominação tanto anomala como destruidora. Eis em summa o que ocorreu para chegar a este fausto acontecimento:

Depois de haver militarmente observado as pozições ocupadas pelo nosso exercito e pelo do inimigo, e reconhecendo que este se achava em uma tão vantajoza, em frente da campina, que d'ali com uma peça de 24 cauzava horrorozos estragos no acampamento da brigada expedicionaria de Pernambuco, autorizei ao commandante da referida brigada, o tenente-coronel Jozé Joaquim Coelho, para acommeter e tomar aquelle ponto, como com efeito d'elle se apoderou na madrugada do dia 13 do corrente, e com tanta habilidade e fortuna continuou a dezalojar o inimigo de todos os pontos de sua frente, que me decidi a aproveitar o momento mandando avançar as brigadas, a 1ª. commandada pelo coronel Antonio Corrêa Seára, a 2ª. pelo tenente-coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, encarregando de fazer marchar a 3ª. de Itapuan, por se achar distante, ao ajudante-general, tenente-coronel Luiz da França Pinto Garcez.

Grande foi na verdade o meu contentamento de prezenciar a bravura e denodo, com que a nossa tropa levava diante de suas baionetas a horda de malvados, que, abandonando immensa artilharia de grosso calibre e de campanha, colocada em fortes entrinxeiramentos, deixou em nosso poder grande quantidade de munições, armamento, petrexos de guerra, cavalos, e até mesmo de viveres, assinalando o caminho de sua fuga pelos muitos cadaveres, que se encontravão em os perseguir, e só nos voltárão a cara no largo da Cruz do Cosme, onde nos foi forçozo fazer alto, perto das 6 horas da tarde, para dar comida e descanso á tropa, emquanto providenciava sobre outros objetos necessarios á minha tentativa de entrar na cidade, e ahi tive de sentir a falta do coronel Seára, commandante da 1ª. brigada, ferido levemente por duas balas de fuzil.

N'este ponto oficiei ao quartel-mestre-general, o tenente-coronel Manoel Joaquim Pinto Paca, a quem nomeei chefe geral do nosso campo, para que n'elle continuasse a manter a ordem, recolhesse os feridos, e fizesse guardar os depositos e hospitaes deixados em Pirajá. Dirigi-me

tambem aos chefes de mar para que me auxiliassem na tomada de Itapagipe, destacando uma forte coluna ao mando do major commandante do batalhão 7°., Carlos Cezar Burlamaqui, para com ella bater, como bateu, e tomou os fortes da Lagartixa e Jequitaia; encarregando a ocupação de Itapagipe ás forças estacionadas nos engenhos da Plataforma e Cabrito, auxiliadas pelas barcas ao mando do 1°. tenente Benjamim Carneiro de Campos.

No dia 14, tendo reconhecido os postos da 2ª. linha do inimigo, distante legua e meia da primeira, dei ordem para o novo ataque geral, que principiou ás 7 horas da manhan; e como não pudesse colher vantagem, e sofresse não pequena perda, dei descanso á tropa, reanimeia-a para levar á ponta de baioneta as forças rebeldes, que guarnecião as tortuozas gargantas e estreitas avenidas das immediações da cidade; os soldados com efeito, e seus valentes chefes, excedêrão muito de minha expectação, e o combate se tornou tão encarniçado que as armas se disparavão mutuamente sobre os peitos dos vencedores e dos vencidos; e assim fiz a minha entrada na Lapinha ás 5 para ás 6 horas da tarde, e ahi, como á porfia, rivalizando em coragem e bravura os dois commandantes da brigada Argolo e Jozé Joaquim, corrêrão a tomar o forte do Barbalho, fazendo prizioneira parte de sua guarnição, correndo a maior porção dos inimigos a se entrinxeirar no forte de São-Pedro.

Então recolhi todas as forças no largo do convento da Soledade, fazendo cobrir os meus flancos, frente e retaguarda, e ahi me demorei duas horas, emquanto aprizionava os rebeldes, que se achavão metidos pelas cazas, e reunia as praças de cada um dos corpos, que andavão confundidos, e á noite segui a ocupar a cidade, tendo de debater-me com algumas patrulhas encontradas pelas ruas até o largo da Piedade, a trezentos passos do forte de São-Pedro, onde foi mister assentar campo pela forte oposição do inimigo, com quem sustentámos fogo durante a noite em vivo alarma, bem como tambem nol-o fazião do forte do mar, forte da Gambôa, e navios armados; acrescendo a isto o horrorozo incendio, que lavrava em diversos pontos da cidade, posto acintemente pelos rebeldes nas

cazas d'aquelles que sahirão para o reconcavo, seguindo a cauza da legalidade.

Na manhan do dia 15, depois de refazer a tropa de comida, os mesmos dois commandantes da 2ª. brigada e da expedicionaria se me oferecêrão para postar um cordão de sentinelas ao redor do forte, para vedar a fuga dos malvados, marchando depois com as forças do seu commando a abrir fogo contra o forte pelas partes mais vulneraveis, ficando eu com uma bôa rezerva no largo da Piedade; o combate foi renhido, d'elle nos rezultou bastantes feridos, e alguns mortos; mas afinal o inimigo teve de ceder, içando uma bandeira branca, remetendo-me pelo seu chefe Sergio Jozé Vellozo um artigo de capitulação na fórma seguinte:

« A força militar sob o commando do abaixo assignado, dezejando evitar de uma vez o derramamento do sangue brazileiro, propõe o seguinte: 1°. que se depoem desde já as armas sob condição de liberdade a todos, que jámais devem ser tidos como criminozos pelo simples facto de dissentimento de opiniões politicas.—*Sergio José Velozo.* »

A que respondi:—« O general do exercito brazileiro, com forças sobre o forte de São-Pedro, só convem que a guarnição rebelde se entregue á discrição.— Campo sobre o forte de S. Pedro, 15 de Março de 1838, ás 6 horas da tarde. »

N'esta conformidade rendêrão-se á discrição immediatamente, desfilando do forte em numero de 586 praças, 15 muzicos e cornetas, 8 oficiaes e o chefe. Em seguimento renderão-se tambem as fortalezas da Gambôa e do mar, e pretendendo esta pôr a isso condições, ameacei de arrazal-a, e passar pelas armas a guarnição, e a intimação de se entregarem no espaço de meia hora; assim o cumprirão.

Por esta fórma julgo haver dezempenhado a commissão, de que fui encarregado, de restaurar a capital da Bahia, congratulando-me com V. Ex. por este triunfo das armas da legalidade, para cujo complemento resta sómente a total aniquilação do bando rebelde, que se acha na villa da Feira, tendo-se evadido pelo caminho do mar,

para cuja derrota acabo de fazer expedir um reforço consideravel de tropa aguerrida, com duas peças volantes de calibre 3.

Por não haver ainda dos commandantes dos corpos e das fortalezas a necessaria participação sobre o numero de mortos e feridos, e sobre as munições e petrexos de guerra aprehendidos, não posso remeter a V. Ex. os mapas respectivos; o que cumprirei em outra ocazião, podendo desde já asseverar que os prizioneiros chegão a mais de 1.700, e os mortos do inimigo a 600.

Em tempo oportuno levarei igualmente ao conhecimento do governo, para serem devidamente considerados, os nomes e serviços de todos os individuos do exercito, que n'elle se distinguirão.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel general da Bahia 17 de Março de 1838.

Illm. e Exm. Sr. Ministro e Secretario de Estado dos negocios da guerra.

João Crizostomo Calado,

Marechal de campo.

Illm. e Exm. Sr.

Possuido do maior contentamento, vou dar a V. Ex., para chegar ao conhecimento do Regente interino em nome do Imperador, a agradavel noticia de ter sido restaurada esta capital, e livre da facção, que a oprimia, depois de trez dias de vivissimo fogo, que teve principio no dia 13 do corrente, rendendo-se o ultimo dos seus pontos, o Forte do Mar, no dia 16 pela manhan.

Os facciozos lançárão fogo a alguns dos mais bellos edificios, que aformozeavão esta mesma capital, os quaes ficárão reduzidos a cinzas. A mesma sorte terião de certo os edificios publicos, especialmente a alfandega, como ha muito ameaçavão esses canibaes, si o denodo e bravura das tropas

da legalidade, que avançavão sobre elles, lhes não impedissem de dar completa execução a tão horrivel como barbaro plano.

Um grande numero d'elles se acha já capturado, contando-se o Sergio, general em chefe da republica, alguns ministros, empregados, oficiaes e soldados, alguns dos quaes bastantes excessos commetêrão durante o tempo da rebeldia.

Este feliz acontecimento restituio a paz a esta bella provincia, e quiçá a todo o Imperio; pelo que dirijo as mais cordiaes felicitações ao governo imperial.

Prestárão n'esta luta relevantissimos serviços muitos oficiaes, cujos nomes não me é agora possivel aprezentar a V. Ex.; o que farei em oportuna ocazião.

Deus guarde a V. Ex.

Palacio do governo da Bahia 17 de Março de 1838.

Illm. e Exm. Sr. Sebastião do Rego Barros.

Antonio Pereira Barreto Pedrozo

A GRUTA DO INFERNO

Na provincia de Mato-grosso junto ao forte de Coimbra

MEMORIA

Aprezentada ao Instituto Historico e Geografico Brazileiro

PELO

DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA

Demora o forte de Coimbra aos 19° 55' de latitude austral, á margem direita do Paraguai.

O rio, cujas margens, principalmente a esquerda, não encontrão desde muitas leguas obstaculos ás suas transbordações, passa aqui apertado entre duas montanhas, que não o impedem todavia de, nas grandes enxentes, ladeal-as e envolvel-as, convertendo-as em ilhas.

Esse canal, que mede 450 metros, no leito natural do rio, é o *estreito de São-Francisco Xavier* dos antigos, e *estreito de Coimbra* dos actuaes navegadores.

A montanha da margem direita mostra-se, a quem sóbe o rio, com a configuração de uma enorme baleia. Será talvez de trez kilometros a sua extensão, em uma potencia de 200 a 300 metros.

É na ponta de NO. que aparece a fortaleza tão celebrada nos nossos fastos militares pelas heroicas defezas de Ricardo Franco, em 1801, e do Sr. Porto-carrero, em 1864.

Projecta-se sobre a encosta da montanha, dando por sua vez similhanças com esses castelinhos de metal, que

os nossos engenheiros militares uzão como distintivo nos seus uniformes.

Essa montanha, como a mór parte das de beira-Paraguai, parece formada de gneiss e calcareo compacto, abundante em leptinitos, e cobertas e orladas de blocs angulares, provenientes da desagregação dos *nagelfluhs* ou conglomeratos.

Nas obras que ultimamente se fizerão no forte, ao arrebentar-se a pedra, encontrárão-se abundantes veios de *dendrites*, devidos á infiltrações ou sublimamento de peroxido de manganez.

Cêrca de dous kilometros ácima do forte ficão as celebradas cavernas de que muitos viajantes têem falado mais ou menos satisfatoriamente ; o que não obsta, que cada novo vizitante goste de narrar por sua vez as sorprezas e emoções, por que passou, e anime-se a buscar descrevêl-a.

Do forte, como bem se prezumirá, ha caminho por terra: nós porém fômos embarcados, por circunstancias particulares.

Dezembárcámos em um ponto, pouco mais ou menos proximo á gruta, sitio que revelava o *porto* em um claro aberto entre os arbustos ribeirinhos ou *sarans*, como lhe chamão os naturaes, e um trilho que dahi partia serpeiando no macegal.

Até o flanco da montanha é o terreno uma baixada sujeita ás innundações. D'ahi ao rio medearáõ uns 400 metros na largura do terreno. Gramineas e ciperaceas e uma malvacea dos terrenos alagadiços, *algodão do campo*, fórmão-lhe o tapete botanico ; sombreião-lhe a margem ingazeiros e sarans de diversos tipos e familias ; na montanha, desde o sopé, já vão aparecendo as bauhinias, tão encontradiças no nosso solo, ora arborescentes, e vivendo em plena independencia, ora crescendo e enroscando-se em montes, no chão, ora enredando as madeiras d'essa esplendida vegetação dos tropicos, já tão minha conhecida, e entretanto sempre nova, pelo grande numero de tipos diferentes do das floras dos outros logares. Ahi ensinarão-me pela primeira vez a *crendiuba*, o *cascudinho*, o *capotão*, o *guatambú*,

precioza madeira de lei do mais vistozo amarelo, a *umburana*, notavel arvore de grosso tronco, tão verde e tão brando como a haste das pitas, e cuja epiderme se desprende em folhetas tenues, mas calcareas, e o preciozissimo *guaiaco* ou *páo-santo*, de deliciozo aroma e gratissimas virtudes; ahi chamou-me a atenção pelo deslumbranto da coloração escarlate e por um tamanho triplo do commun, uma formoza *clitoria* e essa outra curioza borboletacea, que servio de tipo ás *afonséas* de A. Saint-Hilaire.

As arvores da baixada e as do comêço da escarpa do monte, servião de metro ás enchentes do rio, marcando a altura a que tinhão chegado as aguas, com as limozas cintas nos troncos ou os hidrofitos, que deixárão suspensos nos galhos, e que agora se vião já sêcos.

Vai a subida do morro por umá bôa centena de metros. A entrada da gruta fica-lhe a mais de meia altura.

É uma fenda, que bem póde passar por portão, com os seus dous metros de alto e quazi outro tanto de largura. Desde já declaro, que as medidas, que aqui indico, são todas de mera estimativa.

Assombra essa entrada uma enorme gameleira secular, cujas immensas raizes, grossas como troncos de palmeiras, penetrão no interior da caverna, até os seus ultimos recessos.

Passada essa entrada, descem-se duas lages irregulares, dispostas em degráos, e encontra-se escavado na rocha um pequeno espaço de quatro a cinco metros, sobre dous a trez de largo, trancado de penedos, tendo por tecto uma enorme pedra, e deixando entre aquelles duas aberturas, que dão descida á gruta.

Dizem, que a da esquerda é a maior e de mais facil descenso; todavia é elle alguma couza dificil, sendo necessario fazêl-o de gatinhas, ajudando-se, ora das asperezas dos *blocs* soltos e amontoados uns sobre os outros, formando ás vezes altos degráos, ora das raizes que os irrompem.

É uma escadaria de mais de 30 metros de altura, izolada

das outras paredes da gruta, e deixando entrever, principalmente á esquerda. precipicios, cujo fundo a vista não devassa.

Descida essa escada gigante, chega-se a uma escura esplanada, cuja conformação e limites não me foi possivel averiguar, e d'onde, olhando-se para cima, vê-se, no meio da escuridão, que nos cerca, a porta clara como a luz do dia, deixando côar uma faxa de luz brilhante, que empresta a essa parte da caverna um encanto indizivel.

A escuridão, aqui a meio, ali já é tão compacta, que os olhos custão a acostumar-se a ella; em outros pontos tão cerrada e profunda que nada se distingue.

Acendidos os lampeões e arxotes, de que dispunhamos, mais estupenda nos foi a vizão.

Á luz avermelhada das toxas admirámos a estranha magnificencia do labor da natureza. Aqui erão colunadas de estalactites torcidas como enormes alfenins, que descião de alturas, que os olhos não divizavão, parecendo sustentar um tecto invizivel; erão estalagenites, que no chão similhavão maravilhozamente rendas, brocados, coxins, sob mil fórmas sorprendentes. Aos lados a tenue penumbra deixava entrever caprichozas formações, ora engastando os penedos soltos, ora soerguendo-se d'entre elles, em fantasticas volutas, ora entretecendo-se umas com outras; além tão compacta a escuridão que nada era possivel distinguir.

No alto via-se a porta, como um pedaço de céo, dando um suave contentamento aos olhos e coração, e permitindo perceber pendentes do tecto, como filigranas enormes, as tão caprixozas concreções; no chão, ora pedregozo, ora de finissima arêia branca, pôças de agua salobra, eminentemente carregada de carbonatos calcareos, essa mesma agua que, merejando das abobadas, era a produtora de tão notaveis maravilhas, dissolvendo as terras, decompondo-se ao contacto do ar e perdendo parte do acido carbonico, que a satura; espessando-se pouco a pouco, ficando suspensa ás abobadas ou cahindo em grossas gotas cheias d'aquelle

sal, as quaes, pouco a pouco se solidificando e se jüstapondo, vão *pari-passu* crescendo e engrossando no volume, graças á nova linfa, que incessantemente sobre ellas desce e ás novas gotas, que ahi se cristalizão.

Descemos uns 40 companheiros ; e os primeiros que baixámos gozámos ainda de um agradavel espetaculo, que a todos não foi dado fruir.

Era curiozo e imponente vêr á tenue luz d'essa penumbra os retardatarios, agarrados ás asperezas das rochas, com uma das mãos, emquanto com a outra sustinhão o arxote ou lanterna, ainda apagados, descendo a escadaria, pondo em pratica todos os preceitos do equilibrio, para não se despenharem nos abismos, cujas enormes guelas vião escancararem-se negras e medonhas, á direita e á esquerda.

Efectuada a descida, topa-se em um areiento, mais ou menos lizo, e contornando em parte a baze d'esses degráos ciclopicos póde-se vêr a enorme altura d'esses precipicios, que começão desde junto á porta.

Pequenas pôças d'agua salobra, como já o disse, razas e de fina e branca arêia, aparecem aqui e ali. Em uma d'ellas achámos um craneo de jacaré, já muito antigo e gasto pela ação das aguas. Talvez o de algum descendente do mesmo, que o ajudante Francisco Rodrigues do Prado, commandante do forte, aqui encontrou, ha 80 annos, já com um braço de menos, que alguma onça lhe comêra.

N'este primeiro pizo, que é a ante-sala de tão maravilhoza estancia, ha varias sahidas para outras tantas cavernas, que suponho pequenas e sem interesse, visto que não têem sido praticadas.

Os guias e praticos do local, ao conduzirem os vizitantes, encaminhão-os logo para a grande caverna, que denominão *o salão*; e nenhuma noticia dão sobre ellas: entretanto não é por medo, visto que têem-se animado a maiores

commetimentos, como o da passagem de uma estreita e *comprida galeria mais soterrada* que as outras cavernas, a que serve de communicação, escurissima, completamente alagada e quazi sem ar, o que lhe impede o uzo da luz artificial. Si fôsse o perigo a cauza de não serem vizitadas, si n'ellas tivessem encontrado precipicios, socavões, abismos, d'isso restaria a memoria; a tradição ao menos permaneceria.

Um dos companheiros, o Sr. Mello Oliveira, do corpo de farmacia militar, penetrou alguns passos em um d'esses escurissimos antros, que fica quazi fronteiro á descida; mas não se aventurou além.

Fórmão as paredes das diferentes grutas vastas concreções estalectiformes, manifestadas sob fórmas as mais curiozas. Aqui e ali caem em pannos, como formozas cascatas que a natureza houvesse petrificado, ou como acinzentadas cortinas, com as suas dobras, os seus fôfos e apanhados; cobrindo em parte as falhas do rochedo, que são as portas, que communicão as diferentes grutas, ou melhor salas.

Não fantazio, nem se julgue, que minhas comparações sejão filhas da imaginação ajoviada pelas maravilhas, que via: são verdadeiros simulacros de cascatas; são cortinas, colunas, coxins e rendilhados, esses processos calcareos. Cauzão admiração e prazer vêl-os; e vendo-os, o espirito é obrigado ao recolhimento e á reflexão.

Está-se em uma d'essas ocaziões, em que, na fraze de Hugo, qualquer que seja a pozição do homem, a alma está de joelhos!

Transposta uma d'essas cortinas, á direita, si não me engano, a que recobre a entrada de maiores dimensões, estáse em outra escavação atulhada de penedos irregulares, postos a nú pela dezagregação e dissolução das terras; e em seguida, no *salão,* o salão nobre d'esse estupendo palacio, que, sem a menor duvida, é um especimen de tudo

o que ha de mais bizarro e caprixozo nas maravilhas da natureza.

Apezar dos innumeros fogaxos, que levavamos, não se podia descortinar tudo á satisfação. Acendeu-se uma tigelinha de sinaes, unica que levavamos, cuja luz brilhantissima patenteou-nos, sob novos prismas, esse quadro assombrozo.

O clarão das luzes dava um tom irizado indescriptivel á atmosfera da gruta, variando desde o deslumbrante escarlate de fogo até o violeta e o azul-marinho. Parecia, que nas paredes tremeluzião constelações de rutilantes gemmas. Miriadas de estrelas de cambiante fulgor cahião em chuva de fogo, reproduzindo de modo fascinante e em fantastica escala esse fenomeno, tão commun nas nossas noites de verão, das estrelas cadentes :—ou antes parecia, que inviziveis fadas abrião inesgotaveis escrineos e despejavão a nossos pés diamantes, rubis, safiras e esmeraldas. Tudo brilhava. . . e ainda, as pôças e veios d'agua, que tinhamos aos pés e humectavão as pedras do xão, reproduzião e estrelavão os mil fulgores, que enchião os ares.

A principio, deslumbrado com o brilho da luz da tigelinha, não pude fazer uma idéa perfeita do que se me aprezentava á vista ; e sómente, quando levei-a para longe de mim, ao ouvir as estrepitozas exclamações dos companheiros, é que pude melhor apreciar o espetaculo sobrenatural e indizivel, que aprezentava esse palacio de fadas.

Mas sua duração foi pouca para satisfazer meus dezejos; quando se apagou, ainda era brilhante, esplendida a caverna, alumiada á luz de tantos arxotes ; mas, o deslumbramento e o fulgor de sua fascinadora magnificencia tinhão-se amortecido de muito !

A maior parte dos companheiros deu-se por satisfeita, e voltou ; eu e outro, o Sr. Jozé Candido de Faria, negociante do Rio-grande do Sul, seguindo dous soldados do forte, que dizião ser praticos, aventurámos-nos a percorrer outras dependencias da magestoza gruta.

Passámos á terceira sala, ora subindo, ora descendo as asperezas de uma especie de muralha de rochedos, de uns trez metros de alto.

Era ella por demais irregular, e atravancada de penedos, que ocultavão socavões lobregos, escuros e talvez profundos, e que não podemos vantajozamente apreciar, por dispôrmos de poucas luzes.

Ahi, entre aquella muralha e um bloc izolado, á direita, tem comêço a galeria, de que falei, verdadeiro tunnel, que liga essa sala com outras da direita, isto é, o primeiro grupo de cavernas, e o mais conhecido, com o segundo e quazi completamente ignorado.

Tinhamos vindo bem acondicionados para o frio, que dizião-nos ser excessivo na gruta; achamos o contrario, apezar de estarmos em Junho. Tiramos as roupas pezadas; e eu conservei o colete, não só para não dezagazalhar muito o peito, como tambem para conservar o relogio.

Entrámos no *tunel*, que ahi seria de uns dous metros de altura e mais de um de largo; e logo reconhecemos, que seu leito baixava, em relação ao solo das outras cavernas. A agua, que ali não chegava ao terço inferior da perna, em pouco subio aos joelhos, e a cada passo, que davamos, ia-se elevando até chegar á cintura; pelo que tive necessidade de ir suspendendo e dobrando o colete, para evitar que ella tocasse o relogio.

Não tinha previsto essa emergencia. . . ; veio-me então um tal ou qual arrependimento de, pelo menos, não ter-me tambem livrado d'aquella peça do trajo. Todavia essa inadvertencia foi-me de proveito.

Após alguns passos, já caminhavamos curvados para não batermos com as cabeças nas asperezas da parede superior da galeria, tanto ia ella se abaixando na altura, ao passo que a agua continuava a subir! Comprehendi, que o tunel ia-se soterrando cada vez mais; ocorreu-me retroceder; porém pôde mais em mim a curiozidade de continuar essa maravilhoza viagem, e de conhecer seus segredos, do que o receio de perder o relogio.

A passagem tornava-se cada vez mais dificil, abaixando-se mais e mais na altura; agora porém a agua tambem decrescia, o que notei com espanto e muita satisfação, diminuindo tanto que ocazião houve de sómente podermos caminhar de rastos, e ainda assim batendo, a cada passo, com as cabeças nas asperezas da abobada; e entretanto logrei a felicidade de conservar illezo o relogio. Sem duvida agora tambem se elevava o solo do tunel, e era o que fazia a angustura do passo.

Graças a esse incidente, pude facilmente estabelecer essas comparações de profundidade, altura e horizontalidade da galeria; mas infelizmente não me é dado poder rigorizar a sua extensão, nem a direção que segue.

Para atender á primeira faltou-me a izenção de animo, pela ancia e mesmo susto, dificil de evitar a quem por ali passa, e mórmente pela primeira vez, como eu; para a segunda fôra-me necessaria uma bussola. Será porém de uns 30 metros e segue em uma direção angular. A meio, mais ou menos, do seu percurso avistão-se as duas aberturas de entrada e sahida, brancas, de uma luz crepuscular, mas ainda assim bastante sensivel na espessa escuridão do tunel.

D'esse trajecto a primeira metade é facil, e parte d'elle se faz ainda á luz amortecida dos arxotes, diminuindo pela deficiencia de ar respiravel; a segunda porém é tão dificil, que sómente á vista do claro de sahida poderia influir a percorrel-a toda, e não voltarem atraz os primeiros e intrepidos vizitantes.

Termina em uma grande sala, tão baixa nos seus trez a quatro metros de altura, que com a lobrega luz, que ahi reina, diviza-se suficientemente o abobadado calcareo do tecto, cheio de pequenas e finas estalactites, de moderna formação, que já vão cristalizando-se entre os restos informes das antigas, devastadas.

É que, sendo raros os curiozos, que vizitão a gruta, rarissimos são os que transpõem o tunel; e pois essa segunda parte da fadarica estancia é a mais rica e aprimorada de ornatos.

Notei mais clara essa sala do que as outras; seja por um

efeito natural qualquer, seja porque meus olhos já estivessem acostumados á escuridade.

Abundavão os mesmos torsos e volutas, as mesmas colunas, as mesmas cortinas, revestindo os diferentes buracos de entrada das salas, intrincado labirinto onde nos vimos quazi perdidos.

Havia de mais as novas concreções, que do tecto pendião em fórma de mil agulhetas e pequeninas piramides.

A estalagmite afectava, em geral, a fórma de uma alfombra a tapetar todo o solo; a esquerda da sahida da galeria elevava-se mais, assimilhando-se a um pitoresco canapé estofado, bastante aspero nos seus coxins de rocha, mas em que sentei-me, por gosto, por alguns instantes.

Antigos vizitantes tinhão trazido um fio de *merlin* ou barbante grosso, para guial-os n'essa viagem subterranea. Já no tunel o haviamos encontrado, e agora viamol-o estendido sob a agua, que aqui conservava um bom palmo de altura. Sua direção era no prolongamento do tunel á *porta* fronteira.

O *canapé* era um indice apreciavel para a orientação do tunel; assim não descurei de notal-o, bem como sua pozição em relação ao fio.

Seguimos a direção d'este e entrámos na primeira, tendo antes observado, ou melhor visto, apenas das entradas, duas ou trez outras cavernas, que com aquella communicavão, e pouco diferião entre si.

Aquella para onde o fio se dirigia era a mais extensa de todas as que vi, sem exceptuar mesmo o *salão*, mas estreita relativamente a seu tamanho. Mediria uns quatro metros de largo; a longura foi-me impossivel de estimar. Parecia um grande corredor, ou antes galeria, cercada de colunadas e de todas essas fantasticas e caprixozas produções da natureza, que enfeitão as outras.

No xão encontrámos immensas raizes de gameleira (*ficus doliaria*), que suponho ser da que ensombra a entrada da gruta; o que, sendo assim, indica, que estas salas estão não tão afastadas da entrada como parecêra.

Uma circunstancia nos privou de continuarmos nossa vizita, e privou-me, a mim, do prazer de melhor observar a formoza galeria, que é cheia de reconditos e socavões de um e outro lado, dignos, sem duvida, de mais detida contemplação: — notámos, a principio descuidados, porém depois com algum terror, que o fio, tão satisfatoriamente encontrado e no qual depozitámos cega confiança, nos trahira, estando partido em varios pedaços, que se movião, tomando ora uma ora outra direção, levados pelo movimento das aguas, que remexiamos andando.

Os guias tinhão-se adiantado e penetrado n'outros recessos em busca de mais mimozas e delicadas concreções, taes como sómente ahi se encontrava. A nós faltou já a vontade de proseguir: todo nosso fito foi a volta, e mesmo uma especie de terror nos enfraquecêra os animos, lembrando-nos de que, segundo nos havião contado, um oficial de marinha ahi se perdêra, havia pouco tempo, e só ao cabo de longas horas conseguira livrar-se d'esse dedalo.

Buscavamos orientar o fio; em balde! O que viamos quieto e marcando uma direção, já tinha tido oura, que novo movimento das aguas mudava.

Entravamos aqui e ali, n'um socavão, n'uma sala.... estranhavamos-lhe o todo, não a conheciamos; voltavamos, passavamos a outros; ou não os tinhamos ainda visto, ou pelo menos tal se nos afigurava. Buscavamos outra sahida, dava n'outra caverna, que ainda era nova para nós, ou por que realmente assim seria, ou por efeitos do medo, que nos assaltára, de perdermos-nos n'esse intrincado labirinto, afastando-nos cada vez mais da verdadeira sahida.

Entrámos por vezes na sala do *canapé*, vimol-o, reconhecemol-o e ficámos alegres e como que tranquillos: mas debalde procuravamos a porta do tunel apezar de supormol-a bem assinalada; não a encontravamos e sómente novas salas e novos reconditos.

Dezanimados, voltámos á galeria para esperarmos os soldados, que erão praticos.

Já não tinhamos olhos para contemplarmos as magnificencias, que nos rodeavão. E talvez que essa parte da gruta seja a mais bella, como é a mais bem conservada, por não

ser tão accessivel como as outras e ter menos sofrido da mão insaciavel e devastadora dos curiozos, que as vizitão.

Já estavamos na gruta havia mais de cinco horas. Era meio dia, e as nossas embarcações devião partir ás duas da tarde.

Chegárão os soldados, e renascida a confiança, tratámos da retirada.

Mas em pouco esmorecemos de novo, e d'esta vez quazi de todo, vendo-os, elles, os praticos, nossa unica esperança, confuzos confessarem, que tambem não atinavão com o caminho.

Ao cabo de não sei que tempo, seculos de augustia e anxiedade, sempre esperançados no cordel e sempre ludibriados; já seguindo um traço, já outro que ficava perpendicular ao primeiro; entrando ora aqui, ora ali, entregamos-nos a final ao acazo, e passámos a revistar todas as *salas* e buracos mais proximos.

Entrámos uma ultima vez na do *canapé*; vimol-o, reconhecemol-o de novo; e só a custo os soldados descobrirão a boca do tunel, que já muitas vezes tinhamos visto, mas não reconhecido, por parecer-nos menor, mais estreita, mais baixa e sem fundo!

Quazi seis horas depois da nossa descida, chegavamos á *sala* da entrada e encontravamos os companheiros, já aflitos com a nossa demora. Havião chamado e gritado por nós, sem que os ouvissemos; e um d'elles chegou a disparar os seis tiros de seu *revolver* junto á boca do tunel, com o mesmo rezultado; esquecido de que, querendo fazer-nos um bem, podia com esse modo de avizar fexar-nos as portas do abismo.

Projetei, quando de volta passasse por Coimbra, vizitar novamente a formoza caverna; munido porém dos

meios necessarios para bem observal-a, sem os receios de perder-me. Uma corda para guia no trajecto principal; cordeis que n'ella se prendão, quando busque-se investigar o que haja de um e outro lado; uma bussola e arxotes, são mui pouca couza e bastantes para o fim. Tambem não é excursão para um só e sim para alguns companheiros, que devem ir precavidos para o encontro de onças, sucuris e outras feras, que n'esse solo tanto abundão, e aprazem-se em viver nas cavernas.

Apezar do que observei, guardo fé de que muita couza me restou ainda para vêr, tão colossal é a gruta; assim como acredito, que poucos vizitantes a terão percorrido como o Sr. Faria e eu.

O primeiro que d'ella deu noticia foi Ricardo Franco de Almeida Serra, o heroico defensor do forte, e notavel engenheiro, a quem o Brazil e principalmente a provincia de Mato-grosso tanto devem por seus importantes trabalhos de astronomia, topografia e estrategia. Vizitárão-a tambem, entre outros, o notabilissimo botanico bahiano Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brazileiro, na fraze de Ferdinand Dénis, em 1791: o tenente-coronel Joaquim Jozé Ferreira, que penetrou até sua terceira *sala*, em 1792, e o Conde de Castelnau, em 1845; os quaes deixárão descripções mais ou menos exactas, mais ou menos curiozas, conforme as impressões que recebêrão seus olhos maravilhados.

Nenhum porém fala no tunel; e pois além não passou.

Ricardo Franco vizitou-a em 1786, e foi quem deu-lhe o nome, que guarda, de GRUTA DO INFERNO. Os naturaes chamavão-a o *Buraco soturno*, denominação que igualmente dão a outras grutas, das muitas que ha na provincia, lá onde predomina o elemento calcareo, que, dissolvendo-se á ação das aguas, fórma frequentemente cavernas, das quaes são paredes ou rochas menos sujeitas á decompozição.

D'esta a formação geologica é de gres calcarea com quartzos e argila: molasso, ou talvez *macigno*, que um dia virá, com o fucus e os detritos oceanicos, revelar á sciencia, como facto inconcusso, a passagem das aguas salgadas, a existencia de um mar pre-historico n'estas regiões, coração da America do sul.

GUERRA CIVIL

DO

RIO GRANDE DO SUL

MEMORIA ACOMPANHADA DE DOCUMENTOS, LIDA NO INSTITUTO ISTORICO E GEOGRAFICO DO BRAZIL

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

PARTE DOCUMENTAL (*)

---

§ 1

PREZIDENCIA DO DR. FERNANDES BRAGA

---

27 DE JANEIRO DE 1835

O commandante das armas pede a retirada do coronel Jozé Mariano de Matos para fóra da provincia.

Illm. e Exm. Sr.

Convindo ser o primeiro dever do funcionario publico procurar a conservação da tranquilidade dos cidadãos, por depender d'esta a execução das leis, de cuja observancia rezulta a felicidade dos povos, e por consequencia de obrigação afastar as cauzas, que possão contribuir para qualquer alteração da ordem, julgo-me por isso na necessidade de ponderar a V. Ex. quanto me parece prejudicial á tranquilidade e á segurança da provincia a persistencia do major Jozé Mariano de Matos, comandante do 1.º corpo d'artilharia a cavalo de 1.ª linha.

(*) Vide na *Revista Trimensal* de 1880 a parte expozitiva ou istorica.

Este oficial sendo dotado de bastante talento, a que une a mais refinada e ipocrita dissimulação, não cessa por seus discursos e intimações de promover a dezinteligencia entre os cidadãos, e inspirando aos incautos e ambiciozos sentimentos anarchicos, os induz a perpetrar actos, em que elle jamais aparece, si bem que seja o principal motor.

Creio, que V. Ex. estará bem penetrado do quanto é verdadeiro este procedimento do major, assim como que seria impossivel comprovar-se a sua intervenção em taes actos, pois sendo os socios igualmente comprometidos, têem pozitivo interesse em capearem-se.

V. Ex. estará informado, assim como eu, de que o partido, que o major Jozé Mariano de Matos arteiramente fomenta, não limita a menos os seus projetos, que a dar começo á anarchia n'esta provincia (até oje livre d'esse flagelo) e separal-a da obediencia da metropole.

Os periodicos d'esse partido claramente concitão e apregoão a rebelião; e creio infalivel terá lugar senas dezagradaveis n'esta provincia, si V. Ex. como primeira autoridade responsavel pela sua segurança e tranquilidade não se esforçar em conservar á nossa patria estes bens, aos quaes deve ella o gráo de aumento e prosperidade, a que em poucos annos se tem elevado.

Portanto parece-me de urgencia, que seja despensado do commando do 1.º corpo d'artilharia a cavalo o major Jozé Mariano de Matos, e removido d'esta para outra provincia, onde sua prezença não seja nociva; e como o dito corpo esteja reduzido a casco pela falta de praças, e não aja na provincia oficiaes superiores de tal arma, bem póde substituil-o no comando o mais antigo capitão.

Em avizo de Novembro ultimo ordenou o governo se demitissedo comando o major JozéMariano de Matos,quando tenha dezobedecido ás minhas ordens; mas eu devo declarar a V. Ex., que até o prezente elle as não tem formalmente desprezado, e tal medida seria improficua, a não ser removido da provincia.

Axando V. Ex. justa e conveniente esta minha propozição, espero me expedirá as suas ordens, ou se dignará leval-as ao conhecimento do Exm. Sr. ministro da guerra,

solicitando do governo supremo nacional a sua adoção, reforçando-a com as suas valiozas observações.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel-general de Taquarimbó 27 de Janeiro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Sebastião Barreto Pereira Pinto.

(Archivo publico.)

---

8 de março de 1835

Sobre o procedimento de Bento Gonçalves.

Illm. e Exm. Sr.

Constando-me por condutos veridicos, que as praças do destacamento da provincia da Bahia, que se axa no Serrito, têem sido reduzidas pela facção protetora de João Lavalleja, a ponto de terem já distribuida entre ellas porção de dinheiro em prata, tomei o expediente de remover aquele destacamento para Bagé, para cujo fim ontem expedi ordens a respeito.

Este passo, que acabo de dar sem o consentimento de V. Ex., foi pelo julgar de extrema necessidade; e V. Ex. não ignora, que em cazos extraordinarios são precizas tambem medidas extraordinarias; e a distancia, em que me axo de V. Ex., não me dava tempo para esperar sua decizão.

Esta sedução, em que falo, e outros muitos cazos ocorridos no distrito da vila de Jaguarão são dificeis de se provar, pois, como ja dice a V. Ex., a maior parte das autoridades, tanto civis como militares, pertencem ao partido anarchico, e encobrem todos os atentados, que ali se commetem.

Finalmente, Exm. Sr., a provincia deve ser salva dos orrores da anarchia, e isso só se consegue com providencias energicas e rigorozas.

Eu tenho deixado de falar a V. Ex. no coronel Bento Gonçalves, esperando que o tempo fizesse conhecer a V.Ex. e a toda a provincia as pessimas qualidades d'este omem ambiciozo; porém permita-me V. Ex., que oje lhe diga, que o coronel Bento Gonçalves é o xefe da facção dezorganizadora, e lança mão de todos os meios para conseguir o transtorno da ordem.

Não ha intriga, de que se não sirva; ouve tempo em que aprezentava cartas com o nome de V. Ex., e agora sei, que mostra algumas dizendo, que são do regente Francisco de Lima; e assim faz persuadir aos incautos, que obra com a vontade do governo, e segundo suas insinuações, e como tem algum prestigio, adquirido com imposturas, não deixa de ser prejudicial.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel em Taquarimbó 8 de Março de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Sebastião Barreto Pereira Pinto.

(Archivo publico)

Remetido ao governo imperial com oficio do prezidente da provincia de 4 de Abril de 1835.

---

20 DE ABRIL DE 1835

Plano de conspiração denunciado perante a assembléa provincial.

Consta-me, que ainda não deixou (João Antonio Lavalleja) o nosso territorio, e que juntamente com o seu mentor, o indigno padre Jozé Antonio Caldas, trabalha de mãos dadas com diferentes ambiciozos para perturbar o socego da provincia, e levar avante seus planos de separação do Imperio e federação com a Cisplatina.

(Fala do prezidente Fernandes Braga)

SETEMBRO DE 1835

Fronteira do sul.

A fronteira dividia-se em quatro departamentos :

1.° Rio-grande, comandante João da Silva Tavares.
2.° Rio-pardo »
3.° Alegrete »
4.° Missões » Manoel da Silva Pereira do Lago.

O vice-prezidente nomeou :

Para o 1.° o Capitão Domingos Crescencio.
Para o 2.°
Para o 3.°
Para o 4.° o Coronel Manoel dos Santos Loureiro (g. nac.)

(Oficio do vice-prezidente ao ministro da guerra, de 16 de Novembro de 1835)

---

29 DE SETEMBRO DE 1835

Sedição em 20 de Setembro de 1835 na cidade de Porto-alegre.

Illm. e Exm. Sr.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex. os sucessos, que tiverão lugar na capital d'esta provincia do Rio-grande do sul a 19 e 20 do corrente mez de Setembro, e mais acontecimentos subsequentes.

A noticia, que por vezes grassára, de uma proxima sedição, tornou a circular no mencionado dia 19; e então se propagou acompanhada de circunstancias e indicios, que a tornavão digna da mais séria atenção.

Convinha portanto lançar mão de todos esses poucos e fracos meios, de que os governos provinciaes do Brazil podem uzar em crizes de similhante natureza, e assim o fiz.

Mandei pegar em armas a companhia de guardas nacionaes a cavalo, ao piquete de cavalaria de 1ª. linha

estacionada n'aquela cidade de Porto-alegre e á guarda municipal permanente.

Proclamei, e convidei a todos os cidadãos, assim aos alistados na guarda nacional a pé, como a todos os outros para que se reunissem com as armas na mão, afim de obtarmos a reprodução das senas do Pará e Cuiabá, que já tão de perto nos ameaçava.

Xeguei a juntar uma força de cerca de 200 omens, fóra a guarda municipal permanente e o piquete de cavalaria, que fazião ao todo 70 praças.

Toda a força era commandada pelo brigadeiro reformado Gaspar Francisco Menna Barreto, que na falta do marexal commandante das armas eu havia nomeado para aquela commissão, que de bom grado aceitou; e ocupava os trez pontos do quartel da guarda municipal permanente, do palacio do governo e do trem de guerra.

Ás 8 para 9 óras da noite de 19 teve lugar uma exploração pelos 20 omens da guarda nacional a cavalo, a cuja frente se axava o valorozo Visconde de Camamú.

Esta força foi acommetida por uma emboscada dos rebeldes colocada além da ponte da Azenha, e apezar dos esforços do Visconde e de alguns outros se retirou precipitadamente, deixando morto o tenente quartel-mestre Antonio Jozé da Silva Monteiro, e tendo alguns feridos de lança, entre os quaes se conta o bravo oficial, que os commandava.

Estes primeiros revezes, posto que não fossem devidos á fraqueza, mas antes á inexperiencia e pouca diciplina dos novos guardas nacionaes em geral, e á noticia de que o coronel Bento Gonçalves da Silva se axava á frente dos sediciozos, semeárão e fizerão lavrar o dezanimo e o dezalento.

A força de 200 omens, de que acima falei, ficaria reduzida á metade.

No dia seguinte pela manhan aparecêrão fixadas nas esquinas da cidade proclamações assinadas pelo mencionado coronel. Da que remeto em numero 2 verá V. Ex. o seu contesto, assim como do exemplar, que vai em numero 1, conhecerá V. Ex. a minha primeira proclamação.

Essas proclamações de Bento Gonçalves da Silva produzirão o efeito, que elle dezejava; incutirão o maior terror,

e correo de plano, que elle já tinha á sua dispozição uma força de 600 omens.

Observando eu, pois, na manhan de 20, que a força, que defendia a lei e o governo legitimo, decrecia consideravelmente, convoquei os oficiaes, que se axavão ao meo lado, e expondo-lhes o estado dos negocios assentárão todos, que deviamos deixar o palacio, e reunir-nos no trem de guerra, até que xegassem varias forças de fóra, que, segundo as minhas ordens, devião xegar por aqueles dous dias.

De novo proclamei, segundo V. Ex. verá do documento n. 3; mas os cidadãos armados, que me acompanhárão para o trem, apenas serião uns 50. Esses mesmos se forão retirando, e ás 11 óras da noite contarão-se ali sómente 9 oficiaes, não obstante o derradeiro esforço, que eu havia feito para juntar gente na tarde do mesmo dia.

Tinha eu ido a bordo do brigue americano *Trafalgar*, afim de pôr a minha familia a salvo de algum insulto, e ahi forão ter comigo o capitão das guardas nacionaes Manoel Vaz Pinto e o vice-consul portuguez Vitorino Jozé Ribeiro, assegurando que o meo pronto comparecimento no trem faria animar e aparecer ali muitos cidadãos, principalmente adotivos, e que mesmo estrangeiros convidados pelo referido vice-consul, em consequencia de requizição minha, concorrerião a defender a cauza do governo legitimo. Vãos esforços!

Voltei ao lugar indicado; alguma gente se reunio, posto que não tanta quanta se havia prometido, e, como disse, já ás 11 oras da noite apenas se axavão no trem 9 oficiaes.

A essa óra soube, que os permanentes tinhão dezertado para os rebeldes, á exceção do 1°. commandante Francisco Felis da Fonseca Pereira Pinto, do 2°. commandante o tenente Alvarenga, de 1 cabo, 1 soldado e 1 corneta.

Foi forçozo abandonar a cidade de Porto-alegre.

Fiz passar o rio a alguns oficiaes, que declarárão querer unir-se ao marexal commandante das armas, e dei ordem ao brigadeiro Menna Barreto para que antes de dezamparar o trem inutilizasse o armamento e encravasse as peças, que não podesse fazer transportar para bordo das embarcações de guerra surtas no porto; mas infelizmente esta ordem não foi cumprida.

Fui então para bordo da escuna *Rio-grandense*, e acompanhado pela outra escuna a *Dezenove de Outubro*, dirigime para esta cidade do Rio-grande, onde xeguei ontem por cauza dos ventos contrarios, e onde tenciono conservar a séde do governo temporariamente.

Bento Gonçalves fez a sua entrada na cidade de Porto-alegre no dia 21, e proclamando, que a patria estava livre, como si eu tivesse abandonado o lugar de prezidente, fez convocar a camara municipal, que, servindo-se de pretestos frivolos, juramentou como vice-prezidente o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, que alias é dezignado em 4º. lugar na ordem das pessoas xamadas a substituir-me.

O vice-prezidente intruzo escreveo a todas as camaras municipaes exigindo obediencia. Comtudo as camaras da cidade de Pelotas, d'esta cidade do Rio-grande, e da vila do Norte recuzárão obedecer ao governo ilegal.

Nada sei a respeito das outras.

Bento Gonçalves fazia espalhar a noticia de que a revolução avia rompido em muitos outros pontos da provincia, e que os dous sustentaculos da ordem, o marexal commandante das armas Sebastião Barreto PereiraPinto e o tenente-coronel da guarda nacional João da Silva Tavares, tinhão sido assassinados.

Silva Tavares foi acommetido por cerca de 30 omens commandados por o bem conhecido partidario de João Lavalleja o coronel Rafael Verdun, e Silva Tavares triunfou e o emigrado Rafael Verdun pagou com a vida o atentado que commetêra.

Afirmão a respeito do marexal, que elle vem com uma força respeitavel sobre a capital.

Dizem mais, que alguns revoltozos tentárão acommeter a vila do Rio-pardo, mas que forão repelidos.

Eu dei as providencias, que estão ao meo alcance; e depois da expozição, que acabo de enderessar a V. Ex., resta-me só fazér algumas reflexões.

O pretexto, que os revoltozos tomárão, da necessidade de minha depozição, além de falso por não ser verdadeira alguma das arguições de tirania, que me fazem, se torna frivolo em face da rezolução, que V. Ex. avia tomado de dar-me sucessor: rezolução que na conjuntura, em que

fôra tomada, muito diminuio a minha força moral, mas que actualmente cumpre fazer quanto antes efectiva, ou na pessoa já nomeada, ou em qualquer outra.

É esta uma das medidas, que requeiro com a maior instancia, além das outras, que pelos respectivos ministerios peço á regencia em nome de S. M. o Imperador; e as lacunas ou faltas, que na minha expozição ouvér, poderá supril-as de viva voz o capitão da guarda nacional Manoel Vaz Pinto, encarregado de aprezentar este oficio a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.
Cidade do Rio-grande 29 de Setembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva Souza.
Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(Archivo publico:Proc. de responsab. n. 68 fol. 7)

---

12 de outubro de 1835

O prezidente da provincia dá conta das ocurrencias subsequentes á sedição.

Illm. e Exm. Sr.

Ao que em 29 de Setembro proximo passado levei ao conhecimento de V. Ex. acerca das couzas d'esta provincia, tenho somente a acrecentar o seguinte:

Continúo a conservar a séde do governo legal da provincia n'esta cidade do Rio-grande, visto que a cidade de Porto-alegre continúa a ser ocupada pelos sediciozos, posto que com forças ainda menores talvez do que as por elles empregadas nos dias 19 e 20 do mez proximo passado.

A vila do Rio-pardo, por duas vezes acommetida, repelio os agressores. Dizem comtudo, e as folhas anarchistas de Porto-alegre publicão, que a autoridade ilegal do prezidente intruzo e do coronel Bento Gonçalves da Silva fôra reconhecida n'aquela vila. Mas essa noticia preciza de confirmação.

Entretanto o marexal commandante das armas fazia reunir gente para marxar sobre a povoação de São-Gabriel,

afim de bater o coronel Bento Manoel Ribeiro, que se dizia estar tambem á frente de alguns facciozos.

O tenente-coronel João da Silva Tavares fez um movimento sobre a vila do Serrito do Jaguarão, para evitar que o armamento ahi depozitado e as poucas praças do 4°. corpo de cavalaria de linha cahissem nas mãos dos rebeldes, e foi feliz n'essa empreza.

Regressou ao Erval, e ha poucos instantes xegou ao porto d'esta cidade um iate com armamento, devendo xegar outro com igual carga oje ou amanhan.

Axa-se uma força de facciozos commandada pelo capitão Manoel Antunes da Porciuncula estacionada na margem esquerda do Arroio-grande, e é superior á que em frente d'elle commanda em defeza da legalidade o major Manoel Marques de Souza.

Este benemerito oficial tem contemporizado com os rebeldes, afim de dar tempo a que se lhe una o tenente-coronel João da Silva Tavares; e eu tenho expedido as ordens necessarias para que se realize quanto antes essa dezejada junção, da qual depende em grande parte a decizão da bôa cauza.

No entanto tenho feito pegar em armas a guarda nacional d'esta cidade do Rio-grande e a da vila de São-Jozé do Norte, assim como tenho feito engajar gente para o serviço, esperando que a Regencia do Imperio em nome de Sua Magestade o Imperador aprove as medidas, que em tão urgente necessidade tenho tomado em defeza das leis do nosso paiz tão insolitamente ultrajadas.

Cumpre-me notar, que o major commandante do esquadrão de cavalaria do municipio d'esta cidade Jozé Jeronimo do Amaral se bandeou para os rebeldes e tenta acommeter este ponto.

Por vezes o alarma tem feito necessario xamar aqui a guarda nacional de São-Jozé do Norte; e ella se tem prestado com a melhor vontade possivel.

Escuzado seria finalmente advertir, que os facciozos assolão os campos, por onde passão. Apoderão-se de toda a cavalhada, que encontrão; roubão e matão o gado, e dizem, que derrubão o imperio do despotismo para restaurar as leis, fazendo guerra aos caramurús, titulo com

que não deixão de alcunhar aos omens ricos e senhores de grandes estancias, por cujas terras passão.

Deus guarde a V. Ex.

Rio-grande 12 de Outubro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva Souza.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(Arch. publico: Proc. de respons. n. 68 fol. 10, e *Jornal do Comercio* de 7 de Novembro de 1835)

---

5 DE NOVEMBRO DE 1835.

O prezidente do Rio-grande do Sul ao ministro da guerra dando conta da sua retirada para a côrte.

Illm. e Exm. Sr.

Partecipo a V. Ex., que apezar de todos os meos esforços não foi possivel conservar-me na provincia do Rio-grande do Sul, cujos destinos regia.

O marexal Sebastião Barreto tinha-se retirado para o Estado-oriental, como V. Ex. verá dos documentos ns. 1, 2, e 3.

Os rebeldes marxavão sobre o Rio-grande, e o bravo coronel Silva Tavares não podia opor-se-lhes, porque suas forças erão poucas, estavão cansadas, e sobretudo as dezanimava o verem-se sós no campo contra os facciozos, e o persuadirem-se, que o governo protegia os revoltozos; o que devia fazer-lhes crêr a confiança, que Bento Gonçalves tinha sempre merecido do governo, não obstante as reprezentações dos diferentes prezidentes da provincia desde o tempo do dezembargador Manoel A. Galvão, e sobretudo ter entrado na revolta o major João Manoel de Lima Silva, irmão do ex-regente; do que V. Ex. se poderá convencer pela leitura do documento n. 2.

Eu via-me além d'isso sem as forças das guardas nacionaes do Rio-grande e alistados, porque seos xefes me tinhão atraiçoado; á vista d'isto não me era possivel conservar na

provincia, tomei portanto a rezolução de retirar-me para esta côrte, onde xeguei no dia 28 do passado, conduzindo comigo todo o armamento e munições, que pude recolher a bordo das escunas de guerra.

Entre as medidas, de que julguei dever lançar mão, logo que a anarchia levantou o cólo na provincia, foi a de solicitar todo o auxilio possivel do prezidente de Santa-Catarina, como se convencerá V.Ex. á vista do oficio, que transmito por copia n. 3.

Antes de findar este oficio, permita V. Ex., que lhe exponha francamente as cauzas, que concorrêrão para o estado deploravel a que xegou a provincia do Rio-grande do Sul, para que, conhecendo o governo de S. M. o Imperador, possa aplicar-lhes remedio eficaz.

É sem duvida uma d'essas cauzas a fraqueza das leis. Pode-se dizer sem medo de errar, que Bento Gonçalves faz a revolta com os juizes de paz, o codigo do processo, e a lei das guardas nacionaes. Em vão se clama por todo o Brazil pela reforma da nossa legislação criminal.

Até oje os votos do Brazil não têem sido ouvidos, e o Rio grande do Sul e o Brazil sofrem por se ter olhado com indiferença para objeto de tanta magnitude; porém não é só a legislação actual; o governo tambem teve uma parte nas desgraças do Rio-grande.

Ofenda embora a minha linguagem, a verdade deve aparecer.

Desde o prezidente Manoel Antonio Galvão que se pedia a sahida de Bento Gonçalves como preciza para o socego da provincia. Elle com efeito foi xamado á corte, porém para voltar coberto de graças e de lizonjas.

Na minha administração demiti-o do commando da fronteira de Jaguarão, porque o julguei perigozo á paz da provincia pela forte proteção, que dava a João Antonio Lavalleja. Depois d'esta providencia dezaparecêrão as pretenções de João Antonio Lavalleja, e os receios que havia na provincia de um rompimento com o Estado oriental.

Demiti-o igualmente do commando do 4°. corpo de cavalaria pelo máo uzo, que fazia da influencia, que lhe dava a sua autoridade, empregándo-a em favorecer o partido de João Antonio Lavalleja.

Todas estas medidas forão aprovadas pelo governo; porém não tardou muito, que o mesmo governo lhe não désse maior consideração, pondo assim á sua dispozição toda a força da provincia, e fazendo-o persuadir de sua grande importancia pelas contemplações, que com elle tinha.

Tudo concorria para o enfatuar, e para abilital-o a pôr em pratica a grande obra, que oje dezenvolve!..

Desde o prezidente Jozé Mariani que igualmente se clama contra a conservação do major Jozé Mariano de Matos na provincia.

Por duas vezes o governo o mandou sahir; porém as ordens, erão tão depressa dadas como revogadas.

Ainda ultimamente dirigi á repartição da guerra uma reprezentação, àcompanhando outras do marexal commandante das armas, do juiz de paz do Rio-pardo, e de varios abitantes d'aquela vila, pedindo a remoção d'este ente perigozo para fóra da provincia, e até oje que atenção merecêrão do governo?

Nenhuma; pelo contrario só aos reprezentantes é, que se dezatendia: os presidentes sucessivamente demitidos, e Bento Gonçalves, Jozé Mariano e João Manoel de Lima conservados na provincia!

O dezembargador Jozé Mariani, quando tratou de punir os sediciozos de Porto-alegre de 24 de Outubro de 1833, não foi apoiado pelo governo; todas as medidas, que adotou a beneficio do socego publico, forão neutralizadas, e elle demitido.

D'est'arte lutando contra a fraqueza das leis e contra o governo, não era possivel, que um delegado do governo podesse obstar ao aparecimento da revolução, para que, ha 4 annos, se trabalha na provincia.

Esta rebentou, e si o governo não dezenvolver muita energia e fortidão, duvido, que a possa depois abafar.

Póde ser e creio mesmo, que meo sucessor seja recebido pelos insurgentes; porém, si quanto antes lhe não fôr ministrada uma força, que lhe sirva de apoio, não poderá obrar livremente, os revoltozos não seráõ punidos, e o máo exemplo ha de dezenvolver os seos terriveis efeitos.

Tendo findado a minha missão, talvez que me não coubesse fazer taes reflexões; porém o amor de meo paiz, pelo qual me

tenho sacrificado, bastará para desculpar a franqueza, com que tenho exposto meos sentimentos, que rogo a V. Ex. aja de levar ao conhecimento do Regente em nome do Imperador.

Deus guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro 5 de Novembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Manoel da Fonseca Lima, Ministro e Secretario do estado dos negocios da guerra.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(*Jornal do Comercio* de 7 de Novembro de 1835)

---

5 DE NOVEMBRO DE 1835

O prezidente do Rio-grande do Sul ao governo expondo o estado da provincia.

Illm. e Exm. Sr.

Pelos meos oficios de 29 de Setembro e 12 de Outubro estará V. Ex. inteirado dos acontecimentos, que me obrigárão a deixar a capital da provincia a que prezidia, e das providencias, que tomei para me sustentar na cidade do Rio-grande, para onde tinha transferido temporariamente a séde do governo.

Agora passarei a referir os sucessos subsequentes, que me forçárão a abandonar a provincia.

Tendo-se verificado a junção do tenente-coronel João da Silva Tavares (de que tratei no meo oficio de 29 de Setembro) com o major Manoel Marques da Souza, batêrão estes completamente a força dos rebeldes commandada pelo facciozo Manoel Antunes da Porciuncula, que se axava estacionado no Arroio-grande.

A narração d'esta derrota e dos meios, que antes do combate se empregárão para evitar a efuzão de sangue, axará V. Ex. no oficio sob n. 1, que me enderessou o valente major Manoel Marques do acampamento da Feitoria.

Depois de uma vitoria tão assinalada, parecia, 'que a cauza da legalidade triunfaria, porém não aconteceo assim; ainda d'esta vez a cauza da razão e da justiça teve de sucumbir aos golpes da anarchia.

Quando o bravo tenente-coronel Silva Tavares, aproveitando-se das vantagens, que conseguira sobre os rebeldes, voltava com as suas forças para a cidade de Pelotas, afim de ocupar este ponto importante da provincia, encontrou na passagem do Retiro uma nova força inimiga, commandada por Antonio Neto, de perto de 500 omens, muitos dos quaes erão praças de linha, das que avião dezamparado o marexal Sebastião Barreto.

Este encontro foi fatal á cauza da legalidade. Silva Tavares com forças mui inferiores em numero e estas cançadissimas pelas continuadas marxas forçadas, que lhe foi mister fazer, já para dispersar os facciozos de Jaguarão, como fez, e eu oparticipei em meo ultimo oficio dirigido ao antecessor de V. Ex., já para operar a sua junção com o major Manoel Marques, e bater os rebeldes no Arroio-grande, conforme o que acima deixo dito, já para socorrer a cidade de Pelotas; operações estas, entre as quaes quazi que não medio espaço, e que só a actividade e energia de um omem tal poderia com tanta presteza executar, tendo assim a gente extenuada de fadiga, e dezalentada além d'isto por ver só o seo xefe em campo, sem que nenhum outro da legalidade operasse de combinação com elle, nem o mesmo marexal, que em vez se lhe unir, ou tomar um ponto militar na provincia, se tinha retirado para o Estado-oriental, vio-se por isso Silva Tavares na dura necessidade de debandar a sua força para não a sacrificar, e retirar-se; o que felizmente executou; e a 18 de Outubro axava-se no Arroio da Palma (como consta do oficio que n'essa data me dirigio) com tenção de passar ao Estado oriental, e valer-se do auxilio do coronel Servando Gomes, que lhe o tinha prometido, e eu lhe o avia solicitado.

Pelo que deixo expendido conhecerá V. Ex., que Silva Tavares não tinha já forças suficientes para fazer frente aos rebeldes; que o marexal Sebastião Barreto se avia auzentado para o Estado oriental; o que se prova não só por uma communicação do capitão Jorge Mazarredo a Silva

Tavares, como tambem por um oficio interceptado de Bento Gonçalves ao prezidente intruzo, de que n'esta data envio copia ao Exm. ministro da guerra.

Por participação de Silva Tavares sabia eu, que a força de Antonio Neto, depois de ter entrado em Pelotas, marxava sobre o Rio-grande, e que o lado do norte ia ser acommetido por outra força dos facciozos commandados por um tal Onofre Pires.

Além d'isso, atraiçoado por aqueles, que mais devião contribuir para o restabelecimento da ordem, por os commandantes das guardas nacionaes do Rio-grande, e Mostardas, que me restava em tal conjuntura senão salvar-me, e salvar os comprometidos?

Assim o fiz, embarcando-me no dia 21 de Outubro, tendo porém de antemão tomado todas as providencias para salvar os dinheiros publicos, armamento, munições e emfim tudo o que ainda podesse fornecer algum recurso ao governo geral, afim de restabelecer a ordem na provincia.

No dia seguinte, 22, entrárão os rebeldes na cidade do Rio-grande.

Pretendia ainda conservar-me na barra até a vinda do meo sucessor, que eu esperava todos os dias; porém entrando varias embarcações d'esta côrte com feliz viagem, e não me dando noticias algumas da xegada do capitão Manoel Vaz, que eu avia enviado com oficios para o governo, em que pedia diferentes providencias, e entre ellas a vinda do meo sucessor, estando com as canhoneiras, e mais embarcações carregadas de gente, não sendo por isso suficientes os mantimentos, si por ventura ali me ouvesse de demorar, vendo-me no estado de fazer aguada debaixo de fogo, porque os rebeldes tiverão logo o cuidado de se apoderar dos terrenos vizinhos á barra, julguei não me restar outro recurso senão retirar-me para esta côrte.

Taes são os acontecimentos, que me fizerão deixar a provincia, que a ambição de Bento Gonçalves da Silva submergio na anarchia.

Em vão diz elle, que a arbitrariedade cessou. A arbitrariedade e a coação existem por toda a parte, e substituem a lei e a razão.

Uma força de facciozos entra em Piratinin, e depõe o juiz de direito, e mais autoridades legaes.

Em Pelotas o digno juiz de direito Vicente Jozé da Maia esteve para ser degolado, a não lhe valer um dos mesmos facciozos.

Em Porto-alegre o xefe de policia, o dezembargador Peçanha, foi insultado e perseguido em sua caza, sendo assim obrigado a refugiar-se em caza do consul americano.

Eis o estado, a que o governo da Regencia e a fraqueza das leis reduzirão o meo paiz.

Bem que longe d'elle, e finda a minha missão politica, m o coração ainda palpita fortemente pela minha patria.

É por isso, que ainda ouzo reclamar do governo todas as providencias para suplantar a anarchia começada no meo paiz. A importancia do Rio-grande do Sul é bem conhecida.

É tempo de se lhe dar a atenção, que ella merece entre as provincias do Imperio.

Queira V. Ex. levar ao conhecimento da Regencia em nome do Imperador o que acima deixo expendido.

Deus Guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro 5 de Novembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Paulino Limpo de Abreo.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(*Jornal do Commercio* de 7 de Novembro de 1835.)

---

21 de setembro de 1835.

Posse do vice-prezidente Dr. Marciano Pereira.

Aos 21 de Setembro de 1835, 14.° da Independencia e do Imperio, n'esta cidade de Porto-alegre, da provincia do Rio-grande do sul, reunida a corporação da camara municipal nos paços d'ella e sala das sessões, em razão de ter sido convocada extraordinariamente por motivo de um oficio, que á mesma camara dirigio o coronel Bento Gonçalves da Silva, dada a óra para a xamada, axarão-se prezentes 5 Srs. vereadores, faltando, por axarem-se fóra da

cidade, os Srs. Gonçalves Bastos, Silva Pereira, Pinto de Azevedo e Ferreira Bastos.

O Sr. Roza tomou a prezidencia e declarou aberta a sessão, aprezentando o oficio referido: pela leitura do mesmo se verificou communicar o sobredito coronel Bento Gonçalves da Silva, em data de oje, que, estando a provincia sem prezidente, por haver abandonado o emprego o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, forçado pelos cidadãos, a cuja frente se axava, e cumprindo-lhe fazer executar a lei, como avia prometido, rogava, que a camara, a bem da tranquilidade e prosperidade da provincia, quanto antes desse juramento ao vice-prezidente, que desde já devia entrar na administração da provincia, até que xegue o prezidente nomeado pelo governo central; do que inteirada a mesma camara, e reflexionando sobre o objeto, depois de alguma discussão, á vista do relatado e de quanto lhe incumbe o art.71 da lei de 1 de Outubro de 1828, de deliberar em geral sobre os meios de promover a tranquilidade, segurança e commodidade dos abitantes, e mais dispozições legislativas a respeito, rezolveo uniformemente, que, para execução do que decreta o artigo 6 da lei de 3 de Outubro de 1834, fosse xamado imediatamente o vice-prezidente, que deve substituir; e constando pelo decreto de 22 de Julho ultimo competir a vice-prezidencia em 1°. lugar ao Dr. Joaquim Vieira da Cunha, em 2°. ao Dr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, em 3°. ao Dr. Americo Cabral de Melo, que é publico axarem-se todos auzentes da cidade e em não pouca distancia d'ella, não podendo por isso verificar-se já de pronto a seus respeitos a dispozição do dito artigo 6, como demandão as circunstancias, em que se axa a cidade e a provincia, e seguir-se o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, que consta axar-se n'esta cidade; mais rezolveu a camara, que se oficiasse a este, por ser o que mais pronto estava (conforme a insinuação da lei), significando-lhe os motivos ponderados, e que á vista d'elles lhe cabe a substituição do emprego de vice-prezidente d'esta provincia; afim de que, para observancia da lei, serviço publico, tranquilidade e segurança da provincia, aja de ser prezente oje mesmo nos paços da camara, pelas 5 horas da tarde, para ser investido do referido emprego de vice-prezidente, exercendo-o na

conformidade do que dispõe *in fine* o dito artigo 6 da lei citada.

E n'este acto se expedio o competente oficio, bem como outros de convite aos juizes de direito, xefe de policia e juizes de paz dos distritos da cidade, unicos, que coube na estreiteza do tempo convidar oficialmente para assistir ao acto da posse.

E xegada a óra, e comparecendo na sala o mesmo Dr. Marciano Pereira Ribeiro, xamado este, em observancia e nos termos do artigo 10 da supracitada lei, prestou juramento de bem servir o cargo de vice-prezidente d'esta provincia, promovendo os meios de sustentar a felicidade publica da mesma: do que se lavrou termo no livro que serve de lançamento; por cujo efeito ficou investido n'elle.

E findo este acto mais deliberou a camara, com urgencia se observasse a dispozição do artigo 53 da lei de 1 de Outubro de 1828, communicando-se oficialmente a todas as camaras da provincia a posse dada, para efeito de ser publica, como determina o mesmo artigo, ficando assim terminado o referido acto: do que se lavrou esta acta, que, sendo lida, foi aprovada e assinada.

Libanio Pereira da Silva, secretario, a escrevi.
Francisco Jozé da Roza.
Candido J. Ferreira Alvim.
J. J. dos Passos.
Bernardo J. Rodrigues Filho.
Francisco Modesto Franco.

---

26 DE SETEMBRO DE 1835

O vice-prezidente sediciozo dirige-se ao prezidente de Santa-Catarina.

Illm. e Exm. Sr.

No dia 20 do corrente mez rebentou uma revolução n'esta provincia, que parece não ter outro fim que a remoção do prezidente e commandante das armas.

Aquele, apenas se manifestou o movimento, não tendo meios de opor rezistencia por se ver absolutamente abandonado, sahio furtivamente da capital, e ao que parece se dirigio para a cidade do Rio-grande.

Então no dia 21 me oficiou a camara municipal para tomar posse de vice-prezidente, e no mesmo dia entrei no exercicio d'esse emprego.

Dando-me pressa em fazer xegar ao conhecimento do governo de S. M. I. e Constitucional a expozição dos acontecimentos, e do actual estado da provincia, deliberei fazer seguir por um postilhão as 2as. vias de meos oficios para a côrte, afim de que, por intermedio de V. Ex., sejão d'ahi expedidos com a brevidade possivel, e encarecidamente rogo a V. Ex., que faça seguir sem perda de tempo.

N'esta cidade está já o socego quazi completamente restabelecido ; e espero, que não aja derramamento de sangue, si não ouver tentativa de alguma reacção.

Deus guarde a V. Ex.

Porto-alegre 26 de Setembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Prezidente da provincia de Santa-Catarina.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*

---

26 DE SETEMBRO DE 1835

O vice-prezidente Dr. Marciano Pereira Ribeiro dá conta da sua posse.

Illm. e Exm. Sr.

Participo a V. Ex., para que se sirva levar ao conhecimento da Regencia, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, que no dia 21 do corrente fui empossado do cargo de vice-prezidente d'esta provincia em consequencia dos acontecimentos, que passo a expor.

Cumpre, Exm. Sr., que uma vez a verdade xegue aos ouvidos do governo de S. M. I. e C.

Esta provincia não póde acompanhar de pronto o passo, que deo o Brazil na glorioza revolução de 7 de Abril.

Embora fossem aqui com entuziasmo aplaudidos os progressos, que a cauza da nação fazia em outros pontos do Imperio, esta provincia ainda depois d'essa revolução

permaneceo vitima dos despotismos, calunias, e perseguições dos descontentes, que, avêssos sempre aos principios proclamados pela maioria da nação, não deixavão de tramar contra a cauza do Brazil, já querendo em liga tremenda, qual a da Sociedade militar, verificar a restauração do Imperador decahido, já por todos os meios, que lhes sugeria a sua maldade, obstando a que n'esta provincia vegetassem as instituições liberaes, como sejão as das guardas nacionaes, e dos juizes de paz, xegando a sua ouzadia ao ponto de quererem impedir, sob frivolos pretestos, que a publicação das reformas á constituição do Imperio fôsse celebrada pelos bons Brazileiros, finalmente paralizando os trabalhos da assembléa provincial, onde sua influencia fez, que se não colhessem d'ella os beneficios, que porventura erão de esperar.

Tenho, que V. Ex. comprehenderá, que nada d'isso se fazia sem o apoio da autoridade, e com efeito assim era : o marexal Sebastião Barreto Pereira Pinto, commandando as armas, já desde o imperio de D. Pedro Primeiro teve sempre a abilidade de se fazer necessario aos prezidentes, que mais tarde ou mais cedo se deixavão embair e levar por suas insinuações.

Assim a facção ostil ao Imperio veio a ter sempre ao seo lado as autoridades, com cujo apoio mais a salvo exercião despotismos e vinganças sobre os seos adversarios, no numero dos quaes xegárão ultimamente a envolver pessoas de ilibada conduta, e outras aliás em toda a provincia respeitadas e estimadas por suas qualidades pessoaes, como por serviços relevantes prestados á patria.

Convem dizer aqui a V. Ex., que similhante estado de couzas podéra ser bem funesto a esta provincia, si as pessoas contra quem se dirigião todas as perseguições, arbitrariedades e calunias não fôssem todas de consummada prudencia e probidade.

O governo de S. M. I. mais de uma vez foi iludido por esta cabala adversa á prosperidade do Rio-grande do Sul. Separação de provincia, republica, federação com o Estado-oriental, e outras invenções d'esta natureza são o escuro manto, de que se têem valido os inimigos do continente para vendarem os olhos da Regencia do Imperio,

afim de que não sejão por ella vistos e apreciados seos feitos indignos e criminozos contra a prosperidade geral.

Não ha aqui, Exm. Sr., como têem dito para essa côrte os intrigantes, e alguns prezidentes máos ou iludidos, um partido contrario á união brazileira, e que pretenda separar a provincia do Imperio para cedel-a ao estado vizinho.

Não existe tambem aqui esse partido anarchico e dezorganizador, que com tão feias côres tem sido pintado ao governo de S. M.

De um lado velhos abuzos e prejuizos ofendidos por uma facção, que cada dia vê diminuir sua funesta influencia; de outro as instituições do Brazil cada vez mais amadas e sustentadas; eis os partidos que n'esta provincia existem.

Os anarchistas dezorganizadores, essa gente baixa, de que tanto se ha falado em oficios dirigidos para essa côrte, nada menos são que omens de onrozas profissões, capitalistas, fazendeiros, e commerciantes, toda a provincia, póde-se assim dizer, feita excepção de alguns poucos individuos.

Estas verdades, de que conviria, que o imperial governo fôsse bem penetrado, acabão de ser comprovadas por uma maneira assás convincente.

O Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, que foi recebido na prezidencia da provincia com demonstrações de jubilo da parte de todos os Rio-grandenses, que ao principio respeitou a opinião publica da provincia, não levou muitos mezes, que com seo irmão juiz de direito d'esta comarca Pedro Rodrigues Fernandes Xaves se não curvasse á facção inimiga do actual sistema do Brazil.

Foi certamente influido por este seu irmão, que o prezidente Fernandes Braga, unido a essa facção, por que se deixou totalmente dominar, perseguio pessoas de consideração, e commeteo toda a sorte de arbitrariedades e dezatinos.

Bastante decahida essa facção na opinião de todos os omens sensatos da provincia, para que ella se podesse sustentar, e acommeter com vantagem aos seos adversarios, convinha-lhe lançar mão do pretesto, que elles pretendião separar a provincia e federal-a ao Estado-oriental, e o prezidente Fernandes Braga teve a indiscrição e franqueza de

os denunciar n'este sentido á assemblea legislativa provincial.

É este seguramente o maior escandalo, que parece ter os Rio-grandenses do mesmo Fernandes Braga, segundo se colige do efeito de similhante denuncia, que tomou quazi todo o tempo á assemblea da provincia.

Calumnia tão atrós revoltou a todos os bons Rio-grandenses.

O juiz de direito Fernandes Xaves, tendo prezenceado na assemblea provincial a forte opozição, que encontrava a administração do prezidente, seo irmão, que elle soube fazer servir ás suas vinganças particulares, que por muitas maneiras desvairou, vendo o perigo, que corria a sua facção, pouco depois de encerrada a sessão da assemblea partio para essa côrte, onde deverá oje axar-se, deixando seo irmão bastantemente comprometido para com a maioria da provincia.

Fernandes Braga, em vez de aproveitar-se da auzencia de seo irmão para congrassar os partidos e tranquilizar a provincia, continuou pelo contrario a praticar como d'antes.

A camara, um juiz municipal, e outro de paz d'esta cidade sofrêrão processos, que a uns indignavão, e a outros apenas provocavão o rizo.

Todavia o que não cauzava rizo, por ter um caracter mais serio, era a perseguição, que sofria na vila do Rio-pardo uma boa porção de cidadãos.

Ali melhores pretestos ouve ; um grande numero de cidadãos foi processado e encarcerado.

O prezidente, que devêra ter feito com que esses cidadãos fôssem quanto antes julgados, para que aos criminozos se impozessem as penas da lei, e se soltassem os innocentes, concedeo licença por tres mezes ao juiz de direito d'aquela comarca Rodrigo de Souza da Silva Pontes, depois de encerrada a assembléa da provincia, a que viera como deputado, emquanto que os prezos jazião esperando o seo julgamento, e apezar das recommendações da assembléa para que fizesse reunir ali o juri, que ha agora mais de oito mezes que se não reune, não soube fazer ao menos, que o respectivo juiz municipal o instalasse.

Similhante procedimento mais revoltante se torna pelas

antecedencias, que havião para com a maior porção dos prezos pronunciados.

A facção ostil aos Rio-grandenses, não contente com as pequenas perseguições, arbitrariedades, e vinganças, que exercia n'esta capital contra os seos contrarios, que todavia aqui lhes não avião dado motivos, que podessem justificar maiores excessos,axou meio de fazer com que o juiz de direito Silva Pontes, communicando-se com o prezidente da provincia, com grande admiração de todas as pessoas de bom senso classificasse de sedição os acontecimentos de Janeiro do corrente anno, quando erão já passados quarenta e tantos dias, que o mesmo Silva Pontes avia partecipado esses acontecimentos ao governo da provincia, assegurando que as pessoas, que figurárão n'elles, não tinhão sahido da orbita dos direitos, que a lei garante a todos os cidadãos.

Foi então, que folgárão os facciozos; procurou-se um bom juiz de paz para a projetada perseguição, e com efeito, escuzando-se outros, foi Cazimiro de Vasconcelos Cirne xamado, ao que parece, como proprio para satisfazer as vistas dos perseguidores.

Não ouve pessoa de opinião oposta á da facção dominante, que não passasse a ser pronunciada pelo orime de sedição.

A dezastroza morte de Cazimiro de Vasconcelos, lamentada com uma ipocrizia cruel, deo novo alimento aos inimigos da prosperidade do continente, novas vitimas fôrão ter á cadeia, e a mais escandaloza prepotencia foi posta em ação na infeliz vila do Rio-pardo, que começou a ser abandonada por familias timoratas.

Omens de merecimento e de reconhecida probidade fôrão taxados de sediciozos e assassinos, e como taes perseguidos e encarcerados barbaramente.

Taes fôrão os precedontes e talvez as mais proximas cauzas dos acontecimentos, que acabão de ter lugar n'esta provincia.

Pelas noticias, que têem xegado dos pontos da provincia mais proximos, é sem a menor duvida, que o movimento foi geral. Apontão-se pessoas abastadas e de consideração como tomando n'elle a mais activa parte.

Parece pois de absoluta necessidade para a salvação do continente, que se apresse a vinda do prezidente nomeado. Entretanto irei dando as providencias, que a razão e a prudencia me aconselharem.

Não tenho ainda partecipação alguma oficial das fronteiras; mas, segundo colijo, o movimento é geral, e só tem por fim a depozição das duas primeiras autoridades da provincia, prezidente e commandante das armas, contra quem se tem altamente pronunciado o espirito publico; e outro-sim lavar as negras nodoas, com que têem tentado macular aos Rio-grandenses essas duas autoridades, mostrando-se ao Brazil, que jamais ouve aqui plano algum para separar a provincia do Imperio.

Pelas proclamações e manifesto, que junto envio, fará talvez V. Ex. melhor juizo do movimento, suas cauzas e fins; e do que fôr ocorrendo irei dando immediatamente parte.

Deus Guarde a V. Ex.

Porto-alegre 26 de Setembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Ministro e Secretario d'estado dos negócios da justiça.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

22 DE SETEMBRO DE 1835

Annuncia a posse do vice prezidente Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Edital.

Tendo a camara municipal d'esta cidade procedido, em sessão extraordinaria de 21 do que rege, ao acto da posse do cargo de vice-prezidente d'esta provincia, que se verificou na pessoa do Exm. Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro, por motivo de constar-lhe oficialmente ter abandonado a prezidencia o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga; rezolveo, que a mesma posse se fizesse publica por editaes nas freguezias e curatos d'este municipio,

afim de que todos os seus abitantes fiquem no perfeito conhecimento da autoridade, de que se axa ora revestido o mesmo Exm. Sr. Vice-prezidente.

Porto-alegre 22 de Setembro de 1835.

O Vereador prezidente *Francisco J. da Rosa.*
O Secretario *Libanio J. da Silva.*

SETEMBRO DE 1835

O vice-prezidente annuncia a sua posse á provincia.

Rio-grandenses! Amigos! Compatriotas!

Xamado pela lei á vice-prezidencia da provincia, que deixou acefala o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, retirando-se clandestinamente da capital, eu não ouzaria encarregar-me de tão melindroza tarefa nas circunstancias dificeis, em que nos axamos, si não depozitasse a mais inteira confiança no vosso acrizolado patriotismo, caracter generozo, e amor á ordem, assim como nas virtudes civicas e sentimentos nobres do valente e onrado coronel Bento Gonçalves da Silva, que se axa á frente dos cidadãos armados, e cujos feitos e serviços vos são bem conhecidos.

Fiel aos seos juramentos, e ao governo do nosso joven Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, elle não quererá vêr dilacerada a nossa cara patria, e entregue aos orrores da anarchia.

Cerrae os ouvidos aos perversos e intrigantes, que procurão amedrontar-vos com idéas e falsos boatos de republicas, roubos, mortes e separação de provincia.

A probidade, patriotismo, e onra das pessoas, que figurão nos movimentos, que acabaes de prezenciar, são suficiente garante de segurança e tranquilidade publica, que todavia a administração procurará manter como lhe incumbe.

Seja a lei o nosso norte, e tranquilos esperemos as providencias, que o governo de S. M. Imperial e Constitucional tem dado, ou possa dar em beneficio do continente.

Por esta fórma confundirei os inimigos do socego e prosperidade da nossa provincia, e o Brazil inteiro terá de aplaudir ao mesmo tempo a vossa coragem e as vossas virtudes.

Viva a nação brazileira !

Viva a Constituição reformada !

Viva o Sr. D. Pedro Segundo Imperador constitucional do Brazil !

Viva a Regencia do Imperio !

Vivão os Rio-grandenses amigos da ordem !

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

SETEMBRO DE 1835

Bento Gonçalves pede moderação e constancia á gente armada, que invadira a capital.

Cidadãos armados !

A glorioza empreza, que o patriotismo vos confiou, já está coroada.

A patria xamou, e vós, dóceis á sua voz, correstes a quebrar o jugo, que vos tinha imposto uma facção retrogada e antinacional.

O governo de partido cessou com a fuga do Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

O remorso seguirá seus passos, e vós outros gozareis da pura gloria de ter sustentado a liberdade, e os principios politicos do memoravel dia 7 de Abril.

O valor e o patriotismo vos fizerão triunfar; mas lembrae-vos, que a moderação depois da vitoria é só que póde coroar o triunfo : conheção nossos inimigos, que não sois barbaros salteadores proletarios, mas que sois industriozos, valentes, e idólatras das liberdades patrias.

A patria preciza de alguns dias mais de sacrificio de vosso socego ; constancia pois, e subordinação, e a patria

vos xamará seus filhos queridos, e sereis exemplo dos omens livres.

Viva a liberdade!
Viva a Constituição reformada!
Viva o nosso joven Imperador constitucional!
Vivão os briozos Rio-grandenses livres.

Bento Gonçalves da Silva.

(Impresso avulso.)

---

21 DE SETEMBRO DE 1835

Bento Gonçalves aos abitantes de Porto-alegre, pedindo socego e confiança

Abitantes de Porto-alegre!

A patria já se axa livre de perigo: a vontade decidida e unanime do povo fez baquear a autoridade, que tinha substituido a arbitrariedade ao imperio da lei.

Querer, aprezentar-se, e salval-a, foi obra de um só momento.

Eis aqui, cidadãos, o poder da opinião!

A tempestade foi passageira; e a calma deve suceder em vossos corações.

Em vão os inimigos do vosso socego vos tinhão amedrontado com as senas do Pará, e Cuiabá; os cidadãos, que se axão armados, são vossos irmãos, amão, e respeitão a lei; e para fazel-a respeitar se virão obrigados a empunhar as armas.

Com a fuga do ex-prezidente o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, a arbitrariedade dezapareceu, e nas nossas mãos a oliveira substituio a espada.

Voltae ás vossas pacificas ocupações, e tranquilizae-vos, que são vossos patricios os que velão pela vossa segurança.

A acefalia, em que vos deixou o ex-prezidente, vos não espante: já oficiei á camara municipal d'esta capital, para que emposse na fórma da lei o vice-prezidente, que deve

administrar a provincia até á xegada do prezidente, que fôr nomeado pelo governo geral.

Tranquilizai-vos; eu vos peço novamente em nome dos bravos, que, para vosso bem e prosperidade, bradaráõ:

Viva a liberdade!
Viva o nosso joven monarca constitucional!
Viva a Constituição reformada!
E vivão os Rio-grandenses livres!

Bento Gonçalves da Silva.

(Impresso avulso.)

SETEMBRO DE 1835

Bento Gonçalves procura tranquilizar e aconselha os estrangeiros da provincia.

Portuguezes, e mais estrangeiros rezidentes na provincia do Rio-grande!

Os acontecimentos, que acabais de prezenciar não vos devem surpreender: elles são os efeitos inevitaveis de uma administração, que, avendo perdido a opinião publica, dirigia os seus actos pelo espirito da facção retrograda; armava-se da opressão e despotismo, e fazia do nosso codigo sagrado uma letra morta.

Desde muito tempo os sintomas de descontentamento e insurreição se hão deixado sentir na massa do povo, em todos os angulos da provincia; e por muitas vezes cidadãos amigos da ordem, esperançados em medidas salutares do governo central, têem contido sua tremenda explozão; eu entre elles, como não ignorais, hei cooperado sempre á tranquilidade publica, mas o sofrimento geral devia emfim cansar-se.

Em minha estancia, aonde me avia retirado, diariamente xegavão noticias dos movimentos, que se fazião em todos os pontos da provincia, e xeguei a convencer-me, que não avía força capaz de fazer parar a torrente ameaçadora.

O voto dos cidadãos armados contra a opressão me

xamava á empreza, suas exigencias erão justas; eu não tenho podido recuzar serviços reclamados pela minha patria, e deliberei voar entre elles para dar um regular andamento aos negocios e evitar, quanto fôsse possivel, a efuzão de sangue.

Portuguezes, nada temais; em vão o principal redator do *Correio Oficial* Pedro Rodrigues Fernandes Xaves, corifeu dos retrogrados, e cauza primaria dos males, que pezão sobre a provincia, tem querido alarmar-vos contra os patriotas, apelidando-os barbaros, anarchistas, salteadores, vossos figadaes inimigos, e sedentos do vosso sangue.

Não; este é um gratuito ultrage ao caracter generozo dos abitantes d'esta provincia.

Os cidadãos, que prezentemente empunhão as armas, não se propõem a outro fim que restabelecer o imperio da lei, e obrigar um prezidente inepto e facciozo a entregar o manejo dos negocios publicos a um vice-prezidente, que goze da opinião da grande maioria, até á xegada de um outro prezidente, que nos envie o governo central: a isto se limitão as exigencias do partido nacional.

Si ao Sr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga lhe ficão alguns restos de amor patrio, si xega a convencer-se da insuficiencia dos seus esforços para manter-se em um lugar, de onde o expulsa a vontade decidida e geral do povo, si quer emfim evitar toda a efuzão de sangue, satisfará aquelas justas exigencias; mas si, surdo á voz da razão, persiste tenaz em alimentar a tóxa da discordia, e armar cidadãos contra cidadãos, vereis desprogar-se todo o poder de um povo briozo, que ha jurado não depôr as armas, sinão depois de roto o jugo, que lhe impunha a facção, que tantos males ha cauzado ao Brazil; e seu triunfo é certo.

Portuguezes! n'esta luta recordae-vos da vossa pozição; estrangeiros a nossos assuntos, não vos intrometaes n'elles; guardae a mais estricta neutralidade, e vossas propriedades e pessoas estarão debaixo da salvaguarda da onra brazileira: vós outros não desconheceis o caracter ospitaleiro e generozo dos filhos d'esta provincia, e não temais vêr entre nós outros renovadas as senas do Pará.

Tranquilizae-vos; os cidadãos, que se axão á frente do povo armado, não permitirãõ, que se manxe a sua gloria

com violencias e atentados, que dezonrão as nações civilizadas.

Eu não duvido, que a prudencia dirigirá sua conduta; mas, si ouver entre nós alguns iludidos, que desgraçadamente se deixem arrastar por paixões ignobeis, e ouzem opôr-se á vontade do povo, eu não responderei das consequencias do seu erro e dos males, que lhes possão d'ahi sobrevir.

O povo é justo, e saberá discernir o innocente do culpado; e aos estrangeiros pacificos servirá de escudo o grito funesto aos tiranos de:

Viva a Constituição reformada!
Viva o nosso joven monarca constitucional o Sr. D. Pedro Segundo!
Viva a liberdade!
E vivão os briozos Rio-grandenses livres!

Bento Gonçalves da Silva.

(Impresso avulso)

---

27 DE SETEMBRO DE 1835.

O vice-prezidente participa a sua posse, e convida ao seo reconhecimento.

No dia 21 do corrente mez, xamado pela camara municipal d'esta capital, tomei posse da prozidencia da provincia por aver abandonado o emprego o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga; e suponho, que a esta ora estarão Vms. já inteirados d'esse sucesso: todavia cumpre-me communicar-lhes-o, sobretudo por se espalharem por aqui aterradores boatos, de que n'essa vila ha pretenções de dezobedecer ás ordens d'essa vice-prezidencia.

Vms. têem pela lei do seo regimento a mais estricta obrigação de velar na tranquilidade do seo municipio; e é indubitavel, que em vão tentaráõ manter essa tranquilidade, si por todos os meios ao seo alcance não fizerem desvanecer

as esperanças de ser reintegrado na prezidencia o Dr. Fernandes Braga.

Cumpre por isso, que Vms. fação quanto antes publicar por editaes a minha posse, e procurem congrassar os partidos, afim de evitar efuzão de sangue, e as funestas consequencias, que deve comsigo acarretar a anarchia.

A prudencia do amado patriota correligionario Bento Gonçalves da Silva, que n'esta data envio a essa vila com o fim de conter a agitação dos espiritos, me assegura, que, si Vms. unirem os seos esforços aos d'elle, breve se conseguirá n'esse lugar o completo restabelecimento do socego publico.

Deus guarde a Vms.

Porto-alegre 27 de Setembro de 1835.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Srs. Prezidente e mais vereadores da camara municipal do Rio-pardo.

(Archivo publico: Processo de responsab. n. 68 fol. 79)

---

29 DE SETEMBRO DE 1835.

Proclamação do prezidente Fernandes Braga sobre a sua transferencia para a cidade do Rio-grande.

Abitantes da provincia do Rio-grande do Sul!

Os successos, que tiveram lugar a 19 e 20 d'este mez na capital da provincia, obrigarão-me a mudar temporariamente a séde do governo para a cidade do Rio-grande.

Mas nem por isso imagineis, que me falecem os meios de repelir e sufocar a anarchia.

O marexal Sebastião Barreto ainda existe, e marxa á frente de uma força respeitavel sobre Porto-alegre; os valentes do Rio-pardo rezistirão denodadamente á agressão; o valorozo Silva Tavares sahio triunfante da peleja, que travára com uns Brazileiros degenerados, a cuja frente se axava o coronel Rafael Verdun, emigrado oriental; e á voz do briozo commandante da guarda nacional de Jaguarão as

fileiras, que elle commanda, se enxem de verdadeiros patriotas.

Concidadãos! A meo lado entre os bravos do Rio-pardo, nas fileiras commandadas pelo marexal Sebastião Barreto, e pelo tenente-coronel João da Silva Tavares, axareis o lugar, que vos indicão a onra, a justiça e à patria.

Não: os Rio-grandenses não sofrem, que disponhão dos destinos d'este belo paiz um punhado de facciozos, senhores da capital da provincia, não por suas forças fizicas, não por a força da opinião, mas pelo terror panico, que espalhára o nome de um só omem.

O prestigio d'esse omem acabou com o seo crime.

Eia, concidadãos, ás armas.

Viva a Constituição.

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional do Brazil!

Viva a integridade do Imperio!

Vivão os Rio-grandenses defensores da lei!

Cidade do Rio-grande 29 de Setembro de 1835.

Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(*Aurora Fluminense* n. 1107 de 16 de Outubro 1835)

OUTUBRO 1835.

O commandante das armas convida os cidadãos á defeza da legalidade contra os facciozos; derrota d'estes junto á capela do Erval.

Rio-grandenses!

Ontem me dirigi convidando-vos para que se me reunisseis, afim de defendermos a patria, as leis, a onra, o trono, nossas vidas, nossos inauferiveis direitos, e tudo quanto é caro ao coração do omem ameaçado de total aniquilação, por essa porção de facciozos, que desgraçadamente aparece em nossa provincia, querendo esbulhar-vos de tão apreciaveis bens.

Então vos fiz vêr, cidadãos, o adverso sucesso que no Rio-pardo teve a sua ouzadia commetida no dia 21; e ora vos

annuncio constar-me ter aparecido nos arredores da capital alguns pequenos grupos de facciozos, que até o dia 22 não se avião atrevido aproximar-se a entrar para a cidade.

No dia 22 aprezentou-se junto á capela do Erval uma força de facciozos commandada (que desdouro para os Brazileiros!) pelo coronel e sanguinario anarchista oriental Rafael Verdun, a qual foi completamente destroçada pelo commandante do departamento, o tenente-coronel da guarda nacional João da Silva Tavares.

Morrêrão dos anarchistas o mesmo Rafael Verdun, e 13 individuos mais, ficando 5 prezos.

Dos defensores da lei e da patria morreo o capitão da guarda nacional Jeronimo Vieira Nunes, ficárão feridos 2 alferes da mesma, e 4 praças, desproporção, que demonstra a divina proteção acordada á cauza da justiça.

Rio-grandenses! Correi, vinde; unamos-nos, e sufoquemos no berço o monstro da anarchia, antes que adquira vigor, nutrindo-se com o nosso sangue.

Sebastião Barreto Pereira Pinto

(Archivo publico)

SETEMBRO E OUTUBRO DE 1835.

O commandante das armas em São-Gabriel.

Em 19 de Setembro de 1835 começárão o juiz de paz de São-Gabriel, o capitão João Antonio da Silveira e Afonso Corte-real a reunir forças da guarda nacional.

A 4 de Outubro já tinhão uma força de 300 praças.

Em adjunto forão lidas as proclamações de Bento Gonçalves; a tropa de linha abandona o quartel, e, prendendo os oficiaes, reune-se á guarda nacional, e proclama Bento Gonçalves seo xefe, sendo aceito o vice-prezidente Dr. Marciano Pereira.

O commandante das armas com 200 omens marxa da fronteira para São-Gabriel: mas é recebido a tiros em caminho pela gente do juiz de paz, e foge, retirando-se para o Estado-oriental.

Esta retirada deo motivo a ser suspenso do commando das armas o marexal Sebastião Barreto pelo vice-prezidente, sendo nomeado provizoriamente o coronel Bento Manoel.
(Oficio do vice-prezidente ao ministro da guerra de 31 de Outubro de 1835 por extrato)

---

7 DE OUTUBRO DE 1835.

O vice-prezidente oficia á camara municipal de São-Jozé do Norte, enviando forças sob o mando de Onofre Pires.

Xamado á vice-prezidencia da provincia pela camara municipal d'esta cidade, em consequencia do abandono, que fez do emprego o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, retirando-se furtivamente da capital, sem dar providencia alguma, nem indicar ao menos o ponto para que se dirigia, xega desgraçadamente á minha noticia, que, procurando o mesmo Fernandes Braga refugiar-se nas cidades de São Francisco de Paula e Rio-grande, tem d'ali expedido ordens, e procura d'est'arte, armando Brazileiros contra Brazileiros, sustentar-se no posto de que foi expulso pela vontade geral da provincia.

Fugido das duas cidades não tardará, que elle passe tambem a inquietar esse municipio com suas ostilidades: e para prevenir este mal faço seguir para ahi o cidadão Onofre Pires da Silveira Canto, á testa de uma força, que não tem por fim sinão evitar qualquer imprudente tentativa do Dr. Fernandes Braga n' esse lugar, e manter a ordem publica.

Espero pois, que Vms., a quem a lei incumbe velar na tranquilidade do seu municipio, concorrão por sua parte para que ella se conserve, contando para esse fim com o apoio da força, que conduz este.

Deus guarde a Vms.

Porto-alegre 7 de Outubro de 1835.

Srs. prezidente e mais vereadores da camara municipal de São-Jozé do Norte.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*

(Archivo publico: Proc. de responsab. n. 68 fol. 80)

---

8 DE OUTUBRO DE 1835.

Exortação ao commandante das armas.

Illm. e Exm. Sr. Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Ospital 8 de Outubro de 1835.

Meo general, que é isto? V.Ex. entranhando-se no Estado oriental, e o tenente-coronel Silva Tavares sustentando dignamente o seo posto?

É possivel, que na provincia do Rio-grande triunfe a ilegalidade por falta de xefe legal?

Á massa dos continentistas, toda amante e aferrada aos principios de paz e justamente, será abandonada do mais importante dos seus compatriotas, e por isso submetida á indiscreta administração de quatro ambiciozos?

Nada, meu general, V. Ex. deve voltar as suas vistas sobre o seo rico paiz; deve acompanhar aos verdadeiros livres a sustentar a lei, e não permitir, que a nossa patria seja preza da ignorancia ou da anarchia.

Sei bem, que a recompensa do melhor soldado no Brazil é a mais criminal indiferença; porém que importa isto a quem é verdadeiro patriota?

A minha consiencia é meo soberano: ella me recompensa sobradamente; e por isso nada me faz trepidar na escolha do dever, ou do indiferentismo.

Acredite V. Ex., que sou com sinceridade o seo subdito e amigo.

Jorge de Mazarredo.

(Copia do original)

---

10 DE OUTUBRO DE 1835.

Bento Gonçalves dá noticia do estado da sedição ao vice-prezidente.

Possuido do mais vivo prazer passo a participar a V. Ex. o completo triunfo das armas liberaes em São-Gabriel; do que melhor lhe darão conhecimento os oficios juntos do juiz

de paz d'aquele lugar e do capitão João Antonio da Silveira.

Com esta data oficio ao coronel Bento Manoel Ribeiro, e ao commandante da força em São-Gabriel: ao primeiro encarregando de toda a fronteira limitrofe com os estados vizinhos, como tambem a maior vigilancia, e cautela sobre o marexal Sebastião Barreto, afim de obstar qualquer nova reunião, que possa fazer, e tomar particular cuidado nos movimentos de Frutuozo Rivera, si porventura ouzar dar auxilio ao seo compadre; e ao segundo para fazer remeter os oficiaes suspeitozos a essa capital.

Consta-me (ainda que não oficialmente) que o marexal Sebastião Barreto fôra batido na sua vergonhoza retirada por um forte esquadrão nas immediações de Batovi, commandado pelo bravo capitão Antonio Neto; por cujo motivo o coronel Bento Manoel dirigirá todas as forças para a cidade de Pelotas.

Se faz muito precizo, que as canhoneiras e mais embarcações de guerra marxem sobre o Rio-grande, para poder manobrar em combinação com as forças do meo mando.

Amanhan passarei o Camaquan com as forças, que tenho reunido na Encruzilhada, e mais distritos vizinhos, e pronto serei reunido aos bravos, que já se axão em frente dos mizeraveis restos dos rebeldes abrigados em Pelotas.

Consta-me, que o coronel Bento Manoel se axa no passo do Rozario com o bravo major João Manoel de Lima.

As indicadas noticias e o entuziasmo patriotico, que se tem dezenvolvido n'esta provincia, me assegurão, que em breve tempo o nosso triunfo será completo, e a facção inimiga das nossas liberdades reduzida á bem merecida nulidade.

Do que fôr ocorrendo participarei a V. Ex. com a maior brevidade.

N'este momento melhor informado pelo portador o tenente Firmino Alves dos Santos, que veio com os oficios de São-Gabriel, estou certo, que o coronel Bento Manoel devia ter entrado no dia 6 em São-Gabriel com parte das forças do seo mando, e que suas proclamações no sentido da cauza, que defendemos, xegão até Caxoeira e Rio-pardo.

Deus guarde a V. Ex.

Campo em marxa para o Passo da Armada no Camaquan 10 de Outubro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro, Vice-prezidente da provincia.

O Coronel *Bento Gonçalves da Silva.*

(Archivo publico.)

---

12 DE OUTUBRO DE 1835.

Suspensão do commandante das armas Sebastião Barreto.

Communico a Vms., que, fundado nas dispozições do § 6 do artigo 5 e artigo 12 da lei de 3 de Outubro de 1834, combinados com o § 14 do art. 24 da lei de 20 de Outubro de 1823, suspendi n'esta data do comando das armas d'esta provincia ao marexal Sebastião Barreto Pereira Pinto, e provizoriamente nomeei para o substituir ao coronel Bento Manoel Ribeiro.

Deus guarde a Vms.

Porto-alegre 12 de Outubro de 1835.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Srs. Prezidente e mais vereadores da camara municipal da vila de São-Jozé do Norte.

(*Jornal do Comercio* de 7 de Novembro de 1835.)

---

17 DE OUTUBRO DE 1835.

Proclamação annunciando o rezultado da acção do Arroio-grande favoravel ao governo legal.

Concidadãos amigos da ordem!

O céo não dezampara a cauza da razão e da justiça. As armas da legalidade acabão de ganhar a mais completa vitoria sobre as ordens da anarchia.

Lêde os oficios abaixo transcritos, vereis como a espada do valente tenente-coronel João da Silva Tavares e do valente major Manoel Marques de Souza brilhão á frente de bravos Rio-grandenses verdadeiramente dignos d'esse onrozo titulo.

Eia concidadãos: mereçamos todos o nome de filhos do Rio-grande.

Ás armas, concidadãos! Acabemos de um só golpe com essa raça degenerada, que deturpa o belo sólo d'esta provincia.

Viva a Nação Brazileira! Viva a Constituição! Viva o nosso joven Imperador o Sr. D. Pedro Segundo! Viva a Regencia! Viva a integridade do Imperio! Viva o bravo Silva Tavares! Viva o bravo Manoel Marques! E vivão os bravos que o seguem!

Cidade do Rio-grande 17 de Outubro de 1835.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

(*Jornal do Commercio* de 30 de Outubro de 1835).

---

18 de outubro de 1835.

O Regente do Imperio dirige-se aos Rio-grandenses.

Rio-grandenses!

Alguns omens alucinados, a quem a paixão arrastou ao crime, pretendem marear a gloria da provincia do Rio-grande do Sul.

Uma sedição acaba de perpetrar-se na capital de nossa provincia, e a anarchia, inimiga irreconciliavel da liberdade e dos progressos da civilização, seguirá de perto esse atentado, si a ordem publica não fôr prontamente restabelecida.

Rio-grandenses! O dever, a onra e o vosso proprio interesse vos convidão a sustentar a Constituição e as leis ultrajadas.

O governo, certo da vossa eficaz cooperação, saberá restaurar o imperio da lei, e acabar com as funestas divizões, que, ha tempos, vos retalhão, xamando-vos a um centro de concordia e união; e na exacta observancia das leis, no dezenvolvimento de todos os recursos do paiz, espero encontrar os meios mais poderozos de promover e consolidar a prosperidade e a gloria da nação.

Rio-grandenses! O prezidente, que se vos envia, é da confiança do governo e igualmente tem merecido a vossa.

Fiel aos principios de onra, e ao seo dever nos diversos cargos, que tem exercido, elle cooperará comvosco para salvar-vos da anarchia.

Viva a Constituição!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional!

Vivão os Rio-grandenses!

Palacio do Rio de Janeiro 18 de Outubro de 1835.

Diogo Antonio Feijó.

Antonio Paulino Limpo de Abreu.

(Archivo publico.)

---

20 de outubro de 1835.

Bento Gonçalves intima a camara municipal da cidade do Rio-grande para render-se, e exige a entrega do deputado provincial Domingos d'Almeida.

Illms. Srs.

Todos os municipios da provincia já têem reconhecido e prestado obediencia á autoridade legitima, e ás ordens do Exm. Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro, a quem a camara municipal da capital, conforme a lei, deu posse, no dia 21 do proximo mez, d) cargo de vice-prezidente, até a xegada do prezidente, que fôr nomeado pelo governo central: tam-somente a camara d'esta cidade e a da vila do Norte pretendem ainda desconhecel-a em menoscabo das nossas leis, e contra a vontade geral da grande maioria d'esta provincia.

O infrascrito, coronel commandante das forças de operações, plenamente autorizado pelo Exm. Sr. vice-prezidente a uzar de todos os meios a seu alcance, afim de fazer respeitar e obedecer as ordens do governo provincial, se dirige a VV. SS. intimando-lhes que sem a menor dilação reconheção o fação reconhecer no seu municipio a autoridade do Exm. Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Confia portanto nas reconhecidas luzes e amor á ordem de VV. SS., que prontamente assim o faráõ, evitando que elle se veja na dura obigação de uzar da força das armas, e de tratar a sua cidade como em estado de revolta, ficando VV. SS. responsaveis pelo sangue, que possa derramar-se no cazo de uma inutil e criminoza rezistencia a esta minha intimação.

Igualmente requizitaráõ VV. SS. a liberdade do Illm. Sr. deputado Domingos Jozé d'Almeida, que por ordem ilegal e anarchica do Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga se axa prezo em uma das canhoneiras fundeadas n'este porto, o qual Sr. deputado deverá desde logo ser posto em absoluta liberdade, e remetido a esta força pelo capitão Pedro Cezar da Cunha, portador do prezente oficio: no cazo contrario 60 e mais facciozos, apanhados com as armas na mão, serão por mim tratados com todo o rigor, que exige seu crime, assim como todos aqueles que desde o dia 21 tomárão parte no intruzo governo do Sr. Fernandes Braga, cuja autoridade caducou de facto e de direito no mencionado dia.

Pelo portador espero pronta e deciziva resposta para seguir minhas operações sobre essa cidade.

Deus guarde a VV. SS.

Campo em marxa para o Rio-grande 20 de Outubro de 1835.

Illms. Srs. Prezidente e mais vereadores da camara municipal da cidade do Rio-grande.

Bento Gonçalves da Silva,

Coronel-commandante das forças em operações.

(*Jornal do Commercio* de 23 de Novembro de 1835.)

OUTUBRO DE 1835.

Proclamação do vice-prezidente dando conta da sedição.

Abitantes do Rio-grande do sul! Continentistas!

A crize violenta, por que acabamos de passar, é mesmo uma lição dada aos tiranos, e mesmo uma prova da força irrezistivel da opinião.

Ao grito da patria oprimida correstes a salval-a das garras do despotismo, tanto mais infame e cruel, por isso que era exercido á sombra da constituição e das leis.

Mais felizes que os de outras provincias irmans. conseguistes no curto espaço de um mez confundir e expulsar os tiranos e facciozos, que no delirio julgavão poder dispôr de vós como propriedade sua.

O Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga e o marexal Sebastião Barreto Pereira Pinto, que tanto vos caluniárão e maltratárão, illudindo o governo central, e taxando-vos de sediciozos, anarchistas, salteadores, assassinos, e inimigos da união e nome brazileiro, cedendo á torrente impetuoza da tormenta, que conjurárão, fugirão, cobertos de oprobrio e maldições, o 1.° a buscar abrigo no oceano, e o 2°. a mendigar azilo entre os extranhos.

Com a quéda e exterminio dos inimigos do vosso socego devem ter cessado os motivos, que vos compelirão a correr ás armas, e de estar satisfeito os vossos dezejos.

As fronteiras estão guardadas: valentes e onrados patriotas velão na segurança e tranquilidade publica. Ao estrepito das armas sucedeu a quietação e repouzo.

A ordem renace por toda parte; as paixões e pequenas rivalidades, que em momentos de crize tomão todo o seu funesto dezenvolvimento, apenas oje se manifestão, são logo sacrificadas no altar d'esta patria, que nos é tão cara.

A mais inteira confiança se dezenvolve por todos os municipios, e os cidadãos livres e contentes já se não odeião como outr'ora, quando os dividião a maldade e a intriga da facção retrogada e antinacional.

Sim, cidadãos amigos da lei e da ordem! A moderação prezidio aos acontecimentos de 20 de Setembro, e ella os tem acompanhado, e os ha de coroar de mãos dadas com a

onra e generozo patriotismo de tantos benemeritos Rio-grandenses, que têem tomado a peito defender de qualquer nodoa a gloria de um dia, o mais famozo para o continente.

Pela vossa generozidade e prudencia medirá o governo imperial e a assembléa geral do Brazil, os beneficios, que a prosperidade d'esta provincia reclama da capital do Imperio e a assembléa provincial, que extraordinariamente passo a convocar, decretará as providencias, que exigem as nossas actuaes circunstancias com toda a liberdade e madureza, que convem aos legisladores d'este paiz livre.

Sêde pois justos, firmes, unidos, e moderados, e nada tereis que recear.

Deixai livre o curso ás leis, e a ação ás autoridades. Voltai a vossas casas e ocupações com o prazer, que é proprio das almas grandes e generozas, e com a satisfação que rezulta dos deveres preenxidos; e esperai ahi tranquilos as salutares medidas, de que careceis, e de que sois dignos, na certeza de que a patria, sempre que precize de vossa coadjuvação, conta comvosco.

Viva a integridade do Imperio!

Viva a união brazileira!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional do Brazil!

Vivão os Rio-grandenses!

Viva o dia 20 de Setembro.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

(Proc. de respons. n. 68 fol. 251: Impresso avulso.)

---

29 DE OUTUBRO DE 1835.

Xegada do prezidente Fernandes Braga do Rio-grande do sul á côrte.

A xegada do prezidente do Rio-grande do sul produzio ontem na cidade uma sensação extraordinaria, já sobremaneira commovidos os espiritos pela noticia das orrorozas senas ultimamente avídas no Pará; pintárão todos o estado

da provincia do Rio-grande do sul com as mesmas negras côres.

Dizião uns, que elle se avia separado do Imperio, e outros, que estava ainda com o Estado-oriental. Felizmente não se verificárão tão assustadores boatos.

Segundo podemos colher das informações, que nos derão varios passageiros, sabemos, que depois da ação do Arroio-grande, cuja narração axarãõ os nossos leitores em outra columna d'esta folha, Silva Tavares vio-se obrigado a abandonar o campo em consequencia do cansaço da sua pequena força, contra a qual se aprezentárão uns 500 omens.

O marexal Sebastião Barreto retirou-se para o Estado oriental, dizem, por ter sido dezamparado pela sua tropa.

Ficou então Bento Gonçalves senhor de toda a provincia, e o prezidente Fernandes Braga, axando-se sem apoio, embarcou-se para esta côrte com a maior parte dos empregados publicos e muitas familias.

Sahirão do Rio-grande no mesmo dia (sexta-feira 23 do passado) 9 embarcações carregadas de passageiros.

O prezidente trouxe comsigo tudo quanto pôde salvar, oficios de archivo, papeis, etc e dizem que uns 70 contos de réis.

(*Jornal do Comercio* n. 240 de 30 de Outubro de 1835: artigo de fundo.)

---

26 DE OUTUBRO DE 1835.

Convocação da assembléa provincial pelo vice-prezidente.

O Dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-prezidente da provincia do Rio-grande do Sul.

Exigindo o bem da provincia, que quanto antes se reuna a assembléa legislativa provincial, deliberei convocal-a extraordinariamente, dezignando o dia 20 de Novembro do corrente anno para a sua reunião; e afim de que xegue ao conhecimento de todos mandei passar a publicar o prezente.

Palacio do governo da provincia em Porto-alegre 26 de Outubro de 1835.

Dr Marciano Pereira Ribeiro.

(Processo de respons. n. 68 fol. 246: Impresso avulso.)

---

29 DE OUTUBRO DE 1835.

A camara municipal da cidade do Rio-grande felicita o Regente do Imperio por sua posse.

Illm. e Exm. Sr.

A camara municipal da cidade do Rio-grande, provincia do Rio-grande do Sul, sabendo a fausta noticia de aver V. Ex. assumido o mando supremo do estado em nome do joven Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, na conformidade do art. 26 do Acto adicional, e tendo a mais ilimitada confiança nas vistas civicas e sentimentos patrioticos, que ornão a V. Ex., vem fazer-lhe suas sinceras felicitações, em nome dos seus concidadãos protestar constante respeito, obediencia e adezão ao governo de V. Ex.

Sirva-se V. Ex. acolher os puros e cordiaes sentimentos d'esta camara, que são os do seu municipio e da provincia inteira; assás os comprova a espontanea e solene declaração das 3 quartas partes dos seos escolhidos, manifestada pela urna eleitoral no dia 7 de Abril do presente anno.

A camara por esta ocazião julgou conveniente communicar a V. Ex. que os ultimos acontecimentos aqui ocorridos não têem, nem podem ter fins politicos: os abitantes d'esta provincia não precizão ler na istoria lições, que elles aprendem dos seus vizinhos: ainda a classe menos ilustrada conhece, que a ordem e tranquilidade só podem prosperar á sombra do sistema jurado e abraçado pela nação, que sómente elle póde fazer o Brazil feliz, grande e respeitado.

É esta a linguagem, que se ouve da boca de todos os cidadãos; e quando a opinião publica, por pura convicção, filha de exemplos, que estão abaixo dos seus olhos, se pronuncia com uma tal unanimidade, não é possivel contrarial-a.

Convença-se V. Ex., pois, que a integridade do Brazil, e os principios fundamentaes da Constituição não serão jámais nem levemente abuzados n'esta parte do Imperio.

O céo véle e guarde a interessante vida de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.

Palacio da camara municipal, em sessão extraordinaria de 29 de Outubro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio do Brazil.

Anacleto Jozé de Medeiros.
João da Costa Gularte.
Manoel Nunes Pires.
Jozé Maria da Silva.
Antonio Jozé Gomes Braga.
Manoel Gomes da Silva.
Antonio Teixeira de Magalhães.

(*Jornal do Commercio* de 23 de Novembro de 1835.)

---

21 DE OUTUBRO DE 1835.

Bento Gonçalves annuncia-se em socorro dos abitantes da cidade do Rio-grande.

Proclamação.

Abitantes da cidade do Rio-grande! O duro jugo da arbitrariedade, que tão cruelmente pezava sobre vós, quebrou-se n'este fausto dia; nunca mais as vitimas do poder intruzo, que uma odiada facção sustentava, aparecerãõ.

Agora gozareis de paz e prosperidade, fruto certo do governo justo, patriotico do Exm. Sr. vice-presidente o Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Vossos irmãos, os briozos Rio-grandenses, que me acompanhão, se glorião de ter corrido em vosso socorro, e elles velarãõ sempre pela vossa segurança e tranquilidade.

Compatriotas, completou-se um mez desde o dia 20 de Setembro, em que soou n'esta provincia o grito de liberdade, e já não existem facciozos a combater.

Oh! quanto é poderoza a força da opinião! Ella completou seu triunfo na vossa cidade: regozijae-vos e abraçae vossos patricios, que corrêrão ás armas para salvar a patria.

Esquecei os males, que vos fez sofrer a intruza governança do Dr. Fernandes Braga, e o mais santo jubilo substitua a dôr, que com sobeja razão oprimia vossos corações. Esquecei sua infausta duração, e com mais serenos dias,

nidos, trabalhemos para o bem e prosperidade da nossa bela provincia.

Viva a liberdade!

Viva a Constituição reformada!

Viva o nosso joven monarcha constitucional o Sr. D. Pedro Segundo!

Vivão os briozos Rio-grandenses livres!

Campo junto á cidade do Rio-grande 21 de Outubro de 1835.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva.*

(*Jornal do Commercio* de 10 de Novembro de 1835.)

---

20 DE OUTUBRO DE 1835.

Estado do commercio e situação politica.

Carta particular. (Rio-grande 20 de Outubro de 1835.)

O commercio está totalmente paralizado.

Pelotas submeteo-se ás tropas de Bento Gonçalves...

Rio-grande submeteo-se tambem ás tropas de Bento Gonçalves, e póde-se dizer, que de alguma fórma as couzas estão pacificadas.

Resta saber quaes são agora as intenções dos vencedores.

Julgamos, que esta revolução não terá consequencia funesta, e que os abitantes d'esta provincia não pretendem separar-se do Imperio, como a principio o acreditárão muitas pessoas...

(*Jornal do Commercio* de 10 de Novembro de 1835.)

---

29 DE SETEMBRO DE 1835.

O commandante das armas dá noticias da campanha.

Illm. Sr.

Com o maior prazer recebi o oficio de V. S. de 24 do corrente, e d'elle fico inteirado de que as armas da lei,

commandadas dignamente por V. S., triunfárão dos infames assassinos da patria, e por tão plauzivel motivo eu me congratulo com V. S.

Tive oficio do Exm. prezidente, datado de 19, em cujo dia estava a braços com os perturbadores, e me assegura o condutor, que as forças dos facciozos não se atrevião a aproximar-se, nem a tiro de peça.

No Rio-pardo tambem aparecêrão cento e tantos facciozos a querer atacar as forças da legalidade, e fôrão repelidos dignamente (isto no dia 21).

Nas immediações de São-Gabriel anda uma facção, e segundo consta está Bento Manoel á testa d'ella. Só espero por uma junção para me dirigir áquele ponto.

V. S. não me consulte sobre suas operações; pois o autorizo por este para obrar como melhor lhe parecer, e lhe ordeno, que, com a Constituição em uma mão e a espada na na outra, ataque os inimigos das nossas liberaes instituições e do trono do nosso joven Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, não consentindo que o partido anarchista tome corpo.

E constando-me que a vila do Serrito é o fóco da anarchia, não a poupe V. S., prendendo os caudilhos de tão nefanda facção.

Finalmente da sua onra, valor e distinto patriotismo, espero em breve vêr tranquila esta importante parte do nosso paiz.

Não vacile em dissipar o cólo da idra da anarchia, pois que eu tomo toda responsabilidade sobre mim.

Deos guarde a V. S.

Quartel em Jaguari em 29 de Setembro de 1835.

Illm. Sr. João da Silva Tavares, tenente-coronel commandante.

Sebastião Barreto Pereira Pinto.

(*Jornal do Commercio* n. 237, de 27 de Outubro de 1835.)

---

6 DE OUTUBRO DE 1835.

Movimentos do tenente-coronel João da Silva Tavares na campanha.

Illm. e Exm. Sr.

Ontem ás 5 oras da tarde xeguei a este logar de regresso da villa de Jaguarão, onde fui dispersar alguns facciozos, que continuavão a tramar novos planos e novas reuniões ; porém consegui dispersar tudo, ficando totalmente limpa de revoltozos esta parte da fronteira ; e além dos que já por alguns pontos têem emigrado d'aquela, no dia 4, em que ali apareci, emigrárão 14.

No mesmo dia tive uma conferencia com o coronel Leonardo Gomes, que veio a aquela vila a falar-me, e tratar comigo de mandar retirar para a capital de Montevideo no prazo de 15 dias para se aprezentarem ao prezidente.

Aquele coronel ficou comigo na maior armonia, e confirmou um certo arranjo, que muito vigor dará á nossa cauza, suposto que não o julgue precizo.

Fiz marxar comigo o 4°. corpo de linha, tendo em projeto ir ao encontro das reuniões, que os revoltozos estão fazendo.

Tenho recebido aqui 4 oficios de V. Ex. ; o 1°. de 29 do mez passado ; o 2°. e o 3°. de 2 e 3 do corrente ; e o 4°. de 4, sobre o auxilio á cidade de Pelotas ; a tudo darei cumprimento, continuando a marxar com 352 omens, a maior parte dos meus antigos companheiros.

A respeito de noticias do marexal, encaminhava-se para São-Gabriel com bastante força, e que se estavão ainda fazendo grandes reuniões, não só elle me o assevera, mas mesmo eu tinha tido noticias repetidas.

Diz mais o marexal, que segue para Porto-alegre, e com muito mais empenho seguirá, quando receber o meu oficio com a copia do de V. Ex. de 29 do passado.

De Jaguarão fiz seguir todo o armamento, e munições para se distribuirem aos que se fôrem reunindo.

É quanto julgo por ora preciso dizer a V. Ex., acrecentando que por uma carta interceptada, que mostrarei a V. Ex., descobri o plano dos tres ditadores do sul.

Deus guarde a V. Ex.

Erval 6 de Outubro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Prezidente da provincia Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

João da Silva Tavares, Tenente-coronel commandante do departamento do Rio-grande.

(*Jornal do Commercio* n. 237 de 27 de Outubro de 1835.)

---

30 DE OUTUBRO DE 1835.

Segurança individual e recibo de bolos.

Felizardo Rodrigues Braga, ajudante de campo do major Almeida, junto com 14 omens, recompensão os serviços de um sacerdote, como consta do recibo junto.

« Recebi generozmente por muito minha livre vontade 10 duzias de bolos ; ficando saldadas e bem saldadas as asneiras de bolos, que dei, porque com uzura e bem puxadas xupei.

« Pelotas 30 de Outubro de 1835.

« *N. B.*—São 12 duzias e não 10, além de 2 bofetadas e de lançassos.

« O padre *Pedro Joaquim dos Reis*. »

(*Jornal do Commercio* de 23 de Novembro de 1835.)

---

20 DE NOVEMBRO DE 1835.

O commandante das armas participa a sua retirada para o Estado-oriental.

Illm. e Exm. Sr.

A revolução ha muito premeditada na provincia do Rio-grande foi posta em pratica.

A traição de muitas autoridades, tanto civis como militares, e a indiferença de outras, fez triunfar o partido revoltozo, a cuja frente se axão os coroneis Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro.

Os corpos de guardas nacionaes unirão-se aos anarchistas, á excepção unicamente do corpo commandado pelo bravo e distinto tenente-coronel João da Silva Tavares, o qual obrou prodigios de valor para sustentar as leis; e afinal vendo-se só em campo, e conhecendo que seus esforços erão inuteis, se retirou para este estado, onde se axa com parte dos seos dignos oficiaes.

O 8°. batalhão de caçadores unio-se aos rebeldes; o que fez todo o departamento de Missões seguir o exemplo.

Os cascos dos corpos de cavalaria de linha axavão-se em diferentes pontos da provincia, e com bem poucas excepções suas praças só servirão para engrossar as filas dos anarchistas ; e por isso, vendo-me sem recursos, me retirei ao Estado-oriental, desde onde me dirijo a V. Ex., a quem Deus guarde.

Durasno 28 de Novembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Ministro e Secretario de estado dos negocios da guerra.

Sebastião Barreto Pereira Pinto.

(Archivo Publico.)

---

11 DE FEVEREIRO DE 1836.

Reprezentação da assembléa provincial contra os actos do prezidente Fernandes Braga.

Senhor ! A justa queixa das mais opressivas vexações, os clamores de um povo irritado e magnanimo, vão ser patenteados a Vossa Magestade Imperial e Constitucional pela assembléa legislativa da provincia do Rio-grande do Sul. Ella vae denunciar o abuzo de poder, as prepotencias, prevaricações e attentados de um delegado de Vossa Magestade, o baxarel Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Si algum presidente, Senhor, teve nas mãos meios bastantes de cooperar para a felicidade da provincia, que administrava, foi sem duvida alguma esse delegado de Vossa Magestade, que acabou de governar-nos.

Confiados no conhecimento, que elle tinha do estado do paiz, onde exercia a magistratura, e persuadidos de suas bôas intenções, seus comprovincianos o virão com entuziasmo elevado á cadeira prezidencial, porque nutrião as mais bem fundadas esperanças de que sua administração, tendo por norte o cumprimento da lei, e o bem estar dos governados, pozesse termo ás dissenções, que o espirito de partido fomentava entre nós, e evitasse os males, que d'essas dissensões devião receiar-se. Para conseguil-o bastava, que a autoridade fôsse, como lhe cumpria, absolutamente alheia aos interesses de qualquer partido; e assim se mostrou o prezidente nos primeiros dias de sua administração, que teve começo a 2 de Maio de 1834, como se vê do documento n. 1.

Sua conduta posterior não tardou porém a manifestar, que esse dezinteresse era aparente, e por assim dizer, um laço armado á boa fé dos seus concidadãos, e grangear-lhes a estima e adquirir força moral.

Os Rio-grandenses lhe dão essa estima e lhe a provão pelos mais publicos testimunhos, convencidos de que assim o ligavão aos seus interesses e á sua felicidade por todos os laços de dever, de fidelidade e de reconhecimento. Mas quanto se enganárão!

Cinco mezes não havião ainda decorrido, quando o ex-prezidente, abuzando da confiança, com que o governo de Vossa Magestade Imperial o nomeára para governar-nos, zombando da bôa fé com que seus concidadãos lhe havião dado a força moral, de que elle precizava, e sem a qual nenhum governo subziste, atraiçoando o espirito publico de seus governados, e trahindo seu juramento, e suas promessas, se lançou nos braços de uma facção ambicioza, que aqui, bem como em todas as provincias do Imperio, tem manifestado suas vistas de retrogradação; tornou-se xefe d'essa facção; esforçou-se com ella em fazer reviver antigas e quazi extintas dissensões; cimentou a dezordem; violou todas as leis.

O estado de quietacão de que gozava a provincia, e especialmente a capital, quando elle tomou posse, e que continuou a subzistir até o mez de Setembro de 1834, começou então a desaparecer.

A facção retrograda ou antes a facção governativa tratou de aprezentar-se sem rebuço; começárão os processos contra as autoridades populares; insinuou-se a insubordinação na guarda nacional d'esta cidade; e o ex-presidente, vendo prestes a desfexar na capital a tormenta, que elle mesmo avia conjurado, se aproveitou do momento que mais reclamava a prezença da primeira autoridade para efetuar uma viagem á fronteira do Jaguarão, com o pretexto de terminar as questões, que se havião suscitado entre o Brazil e o Estado-oriental, pelo azilo que se havia dado na provincia aos emigrados d'este estado.

Não foi pois, Senhor, o zelo do bem publico, que o induzio a fazer tal viagem n'essa quadra; si assim fôra, cuidaria primeiro de acalmar a agitação, que despontava na capital; mas interesses pessoaes o xamavão á cidade do Rio-grande e convinha não perder ocazião, que lhe deparavão os negocios da fronteira para ir a algum ponto.

Tanto isto é verdade, que, xegando o ex-prezidente á cidade do Rio-grande em seu regresso da fronteira, no começo do mez de Outubro de 1834, ahi se demorou todo esse mez, e grande parte do seguinte, como se deduz dos documentos ns. 2 e 3.

Sua estada n'esse logar, seja licito repetil-o, não era reclamada por negocio algum publico, e ao mesmo tempo tão imminente parecia a dezordem na capital, que o xefe de policia fôra impedir, que o acto solene e tão ardentemente dezejado da publicação das reformas constitucionaes se verificasse no dia 24 de Outubro, que para esse fim estava assinalado, como mostra o documento n. 4.

Tanto receava esta autoridade a alteração do socego publico, tal era a agitação dos espiritos, que a simples reunião do povo, ainda por um motivo tão plauzivel e tão justo se lhe antolhava como infalivel precursor de dezordem.

E ignorava então o ex-presidente o estado da capital?

Não; porque a camara municipal lhe o havia comunicado pelos oficos em ns. 5 e 6, exigindo com instancia a sua vinda.

Satisfez elle a esta exigencia da autoridade publica?

Tambem não; e nem ao menos respondeo aos oficios, como se vê dos citados documentos sob ns. 5 e 6.

Avía razão de interesse proprio, que o tolhesse de dar providencias do seu oficio, que exigio a camara municipal?

Igualmente não; mas sim e tamsomente negocio seu pessoal, e muito pessoal, como se prova do documento n. 7, o reteve na cidade do Rio-grande, emquanto que na capital a facção governativa espalhava os mais aterradores boatos para obstar a publicação do acto adicional, e armava braços estrangeiros e mercenarios para impedir festejos e demonstrações de proprio regozijo, a que se entregavão os Rio-grandenses, que almejavão ver sem demora executada a adição á lei fundamental.

Ao fazer a expozição d'estes factos abre a assembléa provincial o codigo penal, lê o § 6 do art. 129, reconhece, que o acuzado incorreo na dispozição d'essa lei, e por este crime o denuncia á Vossa Magestade Imperial e Constituicional.

Não é por esta unica prevaricação que, cometeo o ex-presidente.

Qualquer outro que não fôra elle, teria em sua pozição voado á capital, apenas soubesse das senas aterradoras e criminozas, que a facção retrograda avía n'elle reprezentado nas noites de 23, 24 e 25 de Outubro de 1834; mas elle tratou tão pouco de apressar a sua vinda, que só no dia 26 do mez seguinte xegou a esta cidade, como verifica o documento n. 3.

O mais arriscado momento da crize avía passado; os animos se axavão pacificados, graças ao benemerito Rio-grandense Bento Gonçalves da Silva, que por seus esforços tanto cooperou para essa pacificação; as circunstancias não podião ser mais favoraveis; e nas mãos do prezidente acuzado existião os meios de conservar d'ali em diante inalteravel o socego publico, que se acabava de restabelecer.

Estes meios se limitavão á nova conduta do primeiro administrador da provincia, e a nova conduta consistia apenas em libertar-se do jugo de uma facção, que o dominava, e ser justo, imparcial e recto.

Esta marxa, tão nobre e digna do administrador de um povo livre, não podia convir ao ex-prezidente; e cada vez mais facciozo entrou na estrada dos dezatinos.

Apoiou a redação de uma folha oficial intitulada *Correio Oficial da Provincia de São Pedro*, e essa folha servio de vehiculo ás mais atrozes calumnias, aos mais infames convicios, aos mais impudicos baldões, que sem cessar se lançavão sobre cidadãos respeitaveis, cuja unica falta era não partilharem as idéas e principios da grei regressiva; falta que o acuzado reputava tão grave, que por ella e só por ella demitio aos ex-comandantes da companhia de permanentes, como se vê do documento n. 8.

Similhante procedimento diminuia consideravelmente a força moral do ex-prezidente, e este para adquirir partidarios não duvidou autorizar despezas ilegaes: taes são por exemplo, a de 1:000$, que, mandou dar ao Dr. João Daniel Hildebrand para construção de uma caza, onde se celebrasse o culto da religião protestante, documentos ns. 9 e 10; a de 639$990, que pertencendo á quota consignada para diarias dos membros do extinto conselho administrativo, mandou distribuir pelos empregados da sua secretaria, como se vê dos documentos ns. 11 e 12; e o aumento de 4 °/₀, que sem ser autorizado por lei alguma mandou fazer no soldo dos permanentes, e jornaes de operarios do arsenal de guerra, como se colige dos documentos ns. 13 e 14.

A ilegalidade, com que foi ordenada a primeira despeza, é patente á vista do que dispõe o art. 5 da Constituição, e esta infração da Constituição reclama a mais severa punição, pela agravante circumstancia de que é revestida.

Senhor, o ex-prezidente, prevendo que seu governo arbitrario só poderia subzistir pela força, e que sem apoio dos seus concidadãos precizaria recorrer a baionetas extrangeiras, lançou suas vistas sobre a importante colonia de São-Leopoldo, e xegou a persuadir-se (como depois comprovárão seus factos, e o manifesta o documento n. 15) que ella fôra estabelecida com enormes despezas do estado para viveiro, d'onde elle podesse tirar forças, que o sustentassem; e n'este presuposto, sabendo da influencia que sobre os demais colonos tinha aquele Hildebrand, pretestou a construção do templo protestante para lhe dar o 1:000$ reis e xama-la assim ao seu partido.

Quando porém não se deva qualificar este facto de

infração da constituição, não póde deixar de qualificar-se de ordem ilegal; por isso que nenhuma lei autoriza despezas com a construção de edificios, onde se preste culto a outra religião que não seja a do estado, e não padece duvida, que por expedir essa ordem, a da gratificação aos oficiaes da secretaria e a do aumento dos operarios do arsenal de guerra e permanentes, incorre o ex-prezidente no art. 142 de codigo penal; e por esse crime o denuncia tambem a assembléa provincial a V. M. Imperial, afim de que seja punido, e compelido a restituir á fazenda provincial as quantias, que indevidamente despendeo.

Depois de todos os factos relatados, que produzirão geral indispozição contra o acuzado, elle tentou, e conseguio levar ao ultimo apuro a exacerbação do povo, que oprimia, com a denuncia, que em 20 de Abril do anno passado deo a esta assembléa (documento n. 16) de tramar-se na provincia uma conspiração, que pretendia separal-a do Imperio, e fideral-a ao Estado-oriental.

A falsidade de sinceridade da denuncia foi concludentemente provada, como mostra o documento n. 17, e o ex-prezidente cobrio-se de rediculo, e acabou, por esse acto, de tornar-se desprezivel e odiado de seus concidadãos.

Por este tempo já o nefando sistema de perseguições judiciarias estava em pratica; e grande numero de cidadãos se axavão involvidos em processos, que, suposto produzissem pouco efeito em alguns pontos, fôrão fataes para a vila do Rio-pardo.

Muitos abitantes d'aquele lugar tinhão sido pronunciados, e a maior parte por crime de sedição. A cadêia já não tinha espaço para receber os prezos; e esta assembléa vendo que o ex-prezidente não tratava de ordenar, que se instalasse o juri, que no anno passado só se tinha reunido ali em Janeiro, lhe recommendou, que o fizesse convocar extraordinariamente, como se vê do documento n. 18.

A vista d'esta recommendação resolveo-se o ex-prezidente mandal-o instalar, como se observa do documento n. 19; mas ao mesmo tempo que expedio essa ordem, licenciou por 3 mezes o juiz de direito d'aquela comarca, como se prova pelo documento n. 20, o que bem dava a

conhecer, que, aparentando anuir á recomendação da assembléa, estava disposto a não tornal-a efectiva.

Com efeito a sua ordem não foi cumprida pelo juiz de direito interino; o juri não se intalou então, como se vê do documento n. 21, e sim 5 mezes depois; e o ex-prezidente tolerou essa falta do juiz, sem que mandasse proceder contra elle, como se deprende do documento n. 22.

Torna-se mais revoltante este procedimento pelo odio, que o ex-prezidente votava a alguns dos pronunciados; e por este facto é evidente aver incorrido na dispozição do § 4 do artigo 129 de codigo criminal.

A todas estas prevaricações juntou por fim o ex-prezidente uma que acabou de revoltar todos os espiritos.

O Dr. Francisco Jozé de Andrade Pinto, nacido em Portugal, veio para o Brazil muito depois de proclamada a independencia, e a despeito do disposto no § 4 do artigo 6 da Constituição se arrogava o titulo de cidadão brazileiro. Como tal se aprezentou n'esta cidade a votar em eleitores de parochia no anno de 1833; mas a meza parochial não o reconhecendo cidadão brazileiro, recusou aceitar-lhe a lista, como se vê do documento n. 23.

Dez mezes depois d'este facto foi empossado na prezidencia d'esta provincia o Dr. José Mariani, a quem Andrade Pinto dirigio uma petição documentada, pedindo que o declarasse no gozo dos direitos de cidadão brazileiro; mas teve por despaxo, como se mostra do documento n. 24, que ao poder legislativo competia essa decizão.

Estes factos não erão ignorados pelo ex-prezidente Fernandes Braga; mas esse, persuadido que o facciozo administrador de uma provincia podia, quando lhe aprouvesse, assumir todos os poderes politicos da nação, reconheceo Andrade Pinto cidadão brazileiro, como se vê do documento n. 25, para exercer o emprego de escriturario da tezouraria provincial, em que foi empossado no dia 2 de Julho de 1835, como prova o documento n. 26; e por esta nova prevaricação incorreo elle na dispozição do § 7 do artigo 129 do codigo penal.

Á vista de tantos e tão irrefragaveis testimunhos da conduta arbitraria e faccioza do ex-prezidente, impossivel era, que o direito de rezistencia aos seus actos opressivos

e criminozos deixasse de manifestar-se. A rezistencia pois apareceo; a provincia inteira se armou; e o ex-prezidente, não tendo quem lhe obdecesse, nem quem o defendesse, fugio da capital no dia 20 de Setembro de 1835.

Si o procedimento dos Rio-grandenses não é uma verdadeira rezistencia á opressão, uma insurreição legitima; si por elle se lhes póde formar ou atribuir crime, o acuzado é sem duvida alguma o autor d'esse crime, e como si tivera necessidade de ainda mesmo o afeiar, o revestio de tantos novos delitos, quantos fôrão seus passos depois do movimento popular.

Em vão procurou elle sustentar-se no posto da iniquidade; os individuos de sua propria facção o abandonárão; e já dezesperado e sequiozo de sangue brazileiro, não duvidou concitar ás armas os extrangeiros rezidentes no paiz.

Convocou e mandou armar Portuguezes, como se vê do documento n. 27; mas poucos lhe obedecêrão, e depressa o abandonárão.

Procurou acabar á custa do sangue Rio-grandense com a rica e florecente colonia de São-Leopoldo; mandou para ali armamento e emissarios; e não poupou tramas e ardiz para empregar na destruição do paiz os mesmos braços, que vierão fertilizal-o.

Felizmente porém os colonos não se deixárão iludir, e o armamento, que lhes fôra enviado, foi apreendido e recolhido ao arsenal de guerra, como se vê do documento n. 28.

Coberto então de oprobio e maldições, abandonou o exprezidente a capital, e encontrando na cidade do Riogrande alguns mercenarios, os assoldadou; e como si com tal força podesse rezistir ao grito e esforço da provincia inteira, d'ali mesmo nos ostilizou quanto pôde.

Interrompeu a comunicação dos correios, como se vê dos documentos ns. 29 a 34; violou o segredo das cartas; paralizou o commercio, embargando a vinda das embarcações para esta cidade; desmantelou uma embarcação de guerra, que não pôde levar, como se vê do documento ns. 35 e 36; e tão escandalozamente dissipou os dinheiros publicos, que em menos de 20 dias se consumirão mais de

100 contos de réis, como provão os 30 documentos desde A até EE.

E que emprego se fazia d'este dinheiro? Foi quazi todo distribuido por quem se aprezentava a ostilizar-nos.

Dous e mais patacões erão dados diariamente a quem se prestava a vinganças do ex-prezidente ; e foi d'este modo e com tal gente, que fez tingir as margens do Arroio-grande com o sangue dos seus concidadãos, que fôrão ahi immolados no dia 14 de Outubro pela perfidia e malvadez de omens ferozes e sanguinarios, como se prova dos documentos ns. 37 e 38.

Senhor, este sangue brazileiro pede justiça contra o ex-prezidente ; foi derramado por sua ordem ; foi sacrificado á sua criminoza tenacidade, á sua desmedida ambição, á sua vingança, aos seus caprixos ; elle é pois o principal autor do delito, e sua punição deve servir de exemplo aos despotas, que, abuzando nas provincias da autoridade, que lhes é delegada, concitão e levão os povos, confiados á sua administração, a todos os excessos, de que é capaz o dezespero.

Nem póde o ex-prezidente defender-se alegando a obrigação de não abandonar o emprego.

Não : a sua autoridade então já avia caducado na provincia, e elle sabia bem, que já não tinha meio algum de sustental-a, e que a pouca força, que avia assalariado, não podia opor a menor rezistencia ao povo de toda a provincia, que o repelia.

Sua tenacidade não podia ter outro fim que o de saciar sua vingança no sangue dos seus proprios patricios ; e o seu ultimo acto governativo é a melhor prova d'esta asserção.

O barbaro triunfo do Arroio-grande foi momentaneo, e apenas o ex-prezidente se avia entregado ao orrorozo prazer d'essa victoria, quando soube da total dispersão e fuga dos seus defensores.

Acossado por todos os lados, e não tendo um palmo de terreno em toda a provincia, onde podesse abrigar-se, refugiou-se a bordo de uma embarcação mercante, e sua autoridade se limitava a esse navio, e a 4 canhoneiras, que o cercavão.

Em tão apertada pozição, já ao sahir pela barra da

provincia, que fez o ex-prezidente? Os documentos ns. 39 a 41 o explicão.

Provocou uma nação vizinha e amiga a fazer-nos guerra; ofereceo os cofres publicos a um commandante de forças do Estado-oriental, o coronel Servando Gomes, para invadir o nosso territorio e ensopar as baionetas de seus soldados no sangue rio-grandense!

Senhor! tão nefanda traição, tão escandalozo abuzo de poder, tão orrorozo atentado pode-se julgar, que fôsse praticado pelo ex-prezidente, pela obrigação de não dever abandonar o emprego?

Tinha elle alguma esperança ainda de conservar-se n'elle, quando de facto já o tinha abandonado, quando o barco, em que se axava, já se fazia de vela para o oceano?

De certo que não; e este procedimento, este crime do ex-prezidente, no ultimo instante da sua estada na provincia, é por si só bastante para justificar o passo que derão os Rio-grandenses.

Elles pedem portanto a V. M. Imperial:

Justiça contra o ex-prezidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga;

Justiça pelo abuzo, que fez da confiança, que n'elle depozitou o governo de V. M. I., quando lhe entregou a administração d'esta provincia;

Justiça pelas continuas prevaricações e abuzos de poder commetidos durante a sua infausta e detestada governança;

Justiça pela escandaloza dissipação dos dinheiros publicos, despendidos para satisfação de suas vinganças e caprixos;

Justiça pela dezordem geral, que promoveo na provincia com sua conduta faccioza e anarchica;

Justiça emfim pelo sangue brazileiro por sua ordem derramado nas margens do Arroio-grande.

Esta justiça, Senhor, é pedida a V. M. I. pela assembléa do Rio-grande do sul em nome de todos os seus compatriotas.

Esta justiça é preciza para que os sucessores do accuzado tremão de imital-o.

Esta justiça é indispensavel para sustentar o trono de V. M. I e a integridade do Imperio.

Esta justiça emfim a assembléa a espera, pois que o governo de V. M. I. é fiel ás suas promessas, e acaba de afiançar ao Brazil em sua expozição de principios, que « a impunidade deve cessar. »

Deus guarde a V. M. I.

Paço da Assembléa legislativa provincial do Rio-grande do Sul 11 de Fevereiro de 1836.

Francisco Xavier Ferreira, Prezidente.
Antonio Alvares Pereira Coruja, 1°. Secretario.
Juliano de Faria Lobato, 2°. Secretario.

(Impresso avulso.)

---

§ 2

PREZIDENCIA DE JOZÉ D'ARAUJO RIBEIRO

18 DE OUTUBRO DE 1835.

Proclamação do Regente annunciando a ida do novo prezidente.

Rio-grandenses !

Alguns homens alucinados, a quem a paixão arrastou ao crime, pretendem manxar a gloria da provincia de São Pedro do Rio-grande do Sul. Uma sedição acaba de perpetrar-se na capital da vossa provincia, e a anarchia, inimiga irreconciliavel da liberdade e dos progressos da civilização, seguirá de perto este atentado, si a ordem publica não fôr prontamente restabelecida.

Rio-grandenses ! O dever, a onra, e o vosso proprio interesse, vos convidão a sustentar a Constituição e as leis ultrajadas.

O governo, certo da vossa eficaz cooperação, saberá restaurar o imperio da lei, e acabar com as funestas divizões, que ha tempos vos retalhão, xamando-vos a um centro de concordia e união, e na exacta observancia das leis, no dezenvolvimento de todos os recursos do paiz, espera encontrar os meios mais poderozos de promover e consolidar a prosperidade e a gloria da nação.

Rio-grandenses ! O prezidente, que se vos envia, é da confiança do governo, e igualmente tem merecido a vossa.

Fiel aos principios de onra, e ao seu dever nos diversos cargos, que tem exercido, elle cooperará agora comvosco para salvar-vos da anarchia. Obedecei.

Viva a Constituição!

Viva o Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional!

Vivão os Rio-grandenses!

Palacio do Rio de Janeiro em 18 de Outubro de 1835, 14.° da Indepencia e do Imperio.

DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

Antonio Paulino Limpo de Abreu.

(Impresso avulso.)

---

4 DE DEZEMBRO DE 1835.

Envia uma proclamação prometendo anistia aos sediciozos.

Illm. e Exm. Sr.

Depois que V. Ex. se fez á vela do porto d'esta capital, o intruzo vice-presidente d'essa provincia Marciano Pereira Ribeiro tem constantemente entretido com o governo uma activa correspondencia, e n'ella não só não dá a menor idéa de que alguem possa considerar criminozos os actos acontecidos em Porto-alegre no mez de Setembro, mas tambem assegura os sentimentos, em que permanece toda a provincia, de defender a constituição, e as leis existentes, e de sustentar a monarchia constitucional, e a integridade do Imperio.

Estas protestações poderião produzir plena confiança no espirito do governo, si não se oferecessem desde logo outras considerações, que infelizmente lhe tirão toda a força.

Além de que não se provão as arbitrariedades, e violencias, que se dizem praticadas pelo ex-prezidente Fernandes Braga, e que servião de pretexto á sedição, que rebentou em Porto-alegre, acrece, como V. Ex. sabe, que de muito

tempo se propala o plano de separar do Imperio a provincia do Rio-grande do Sul; plano este, que se diz protegido por algum dos estados vizinhos.

O governo recebeo ultimamente a este respeito as communicações, que por copia devolvo a V. Ex. sob n. 1, e observando por uma parte a falta de um motivo, que podesse justificar a sedição, e pela outra parte o interesse, que podem ter alguns nacionaes e os referidos estados em separar a provincia, aquelles para satisfazer suas ambições e vinganças, e estes por considerarem esta medida vantajosa á sua segurança, e vistas politicas, não póde deixar de inquietar-se vivamente sobre o exito que possão vir a ter os negocios e futuros destinos da provincia, que foi confiado á sua administraçãó.

N'essa occazião ainda o governo contava na cidade do Rio-grande com um forte ponto de apoio, com um centro de força, para dirigir e encaminhar as suas operações, no caso de que as pessôas envolvidas na sedição não desistissem de seus fins, e recuzassem entregar a prezidencia a V. Ex.; oje esse mesmo recurso dezapareceo com a retirada do ex-prezidente Fernandes Braga, e o movimento de Porto-alegre communicou-se e fez-se geral em toda provincia, que o recebeo e aplaudio.

Nestas circumstancias pareceo ao governo que o meio mais politico de dar força a V. Ex. era prometer uma anistia a todos os comprometidos, e V. Ex. a encontrará na proclamação sob n. 2.

A separação da provincia póde ser dezejada por alguns, mas os estimulos da nacionalidade hão de fazer que esta idéa seja repellida por outros, que aliás podem ter por diversos motivos cooperado para a sedição.

Ne'stes ultimos poderá V. Ex. axar coadjuvação e auxilio para sustentar a ordem publica, a monarchia constitucional, e a integridade dó Imperio, uma vez que elles percão todo o receio de serem castigados pelo crime anterior, que commetêrão; servindo-se delles sem quebra da sua dignidade para conseguimento de taes fins.

Na distancia, e falta de participação feita por V. Ex., o governo não póde talvez raciocinar com toda a convicção de acertar em seus calculos e juizos.

Por isso V. Ex. deve entender, que o governo lhe rezerva a liberdade de uzar, ou não, da medida da anistia, como lhe parecer mais conveniente aos interesses da provincia e ao restabelecimento da ordem publica e da paz e concordia entre irmãos, que infelizmente se perseguem e dilacerão uns aos outros.

Os oficios, que ora se dirigem á V. Ex., vão pelo paquete Lebre, que V. Ex. poderá ahi conservar, ou fazer regressar com as suas respostas, como exigir o melhor dezempenho do serviço publico.

Deus Guarde a V. Ex.

Palacio do Rio de Janeiro em 4 de Dezembro de 1835.

Antonio Paulino Limpo de Abreo.

Para o Prezidente da provincia.

(Archivo da secretaria de justiça.)

---

4 DE DEZEMBRO DE 1835.

Proclamação do Regente prometendo anistia.

Rio-grandenses !

Os momentos de iluzão, que vos levárão ao passo irrefletido e criminozo de conspirardes contra a primeira autoridade da provincia, já certamente têem passado e deixado logar á meditação de uma razão tranquila.

O governo actual, proclamando nos primeiros dias de sua administração os principios de justiça, por onde pretendia guiar, e julga com efeito ter guiado a sua conduta politica, e mandando-vos outra autoridade para substituir aquela que já se axava demitida, deve merecer a vossa confiança.

Um só motivo pois poderá conservar-vos no pozição infeliz, em que vos colocastes, o temor do castigo.

Rio-grandenses! quanto não tendes bem merecido da patria pelo denodo, com que em todos os tempos expozestes a vida para conserval-a sem ignominia !

O Rio-grande desde 7 de Abril de 1831 tem servido sempre de azilo aos perseguidos, tem sido o exemplo da moderação : e oje !. . .

Rio-grandenses! é precizo apagar a nodoa de uma provincia eroica. Um desvio momentaneo, uma simples alucinação podem ser perdoados, emquanto não se convertem em acintoza rezistencia, e decidida rebelião.

Voltae á obediencia devida ás autoridades legitimas, e longe de acreditardes nos que vos aterrão com a idéa de castigo e perseguições, confiae nas vistas paternaes do Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, que indulgente, todas as vezes que o poder ser sem quebra de dignidade nacional e dè seus deveres, vos promete, por meio de uma anistia geral, o total esquecimento dos vossos erros.

A assembléa geral, tendo diante dos olhos os relevantes serviços, que tendes prestado ao Imperio, não poderá deixar de dar o seo assenso e aprovação a este acto do governo.

Entretanto voltae sem susto ás vossas ordinarias ocupações.

O prezidente da provincia vigiará, que ninguem seja perseguido; e apoiado pelos verdadeiros amigos da patria, desterrará o temor e a consternação d'essa bella e interessante parte do sólo brazileiro.

Rio-grandenses! Correspondei á expectação do governo, aos votos dos omens de bem. Coadjuvae com vossos esforços o Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, que será fiel e solicito em manter intactas as nossas instituições, em firmar as publicas liberdades, em consolidar a integridade do Imperio, e em tornar, abraçado com todos os Brazileiros, a monarchia constitucional, cada vez mais digna do seo amor e veneração, assim como é o penhor mais seguro de paz e de união, que a Providencia nos concedeo.

Palacio do Rio de Janeiro 4 de Dezembro de 1835, 14°. da Independencia e do Imperio.

DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

Antonio Paulino Limpo de Abreu.
Manoel Alves Branco.
Manoel do Nascimento Csatro Silva.
Manoel da Fonseca Lima Silva.

(*Mercantil* do Rio-grande n. 44, de 24 de Dezembro de 1835.)

---

10 DE DEZEMBRO DE 1835.

Rezolução de se não empossar o prezidente da provincia.

Illm. Sr.

Em resposta ao oficio de V. S., datado de 7 do corrente mez, que acompanhou a carta imperial, por que mandou dar posse do cargo de prezidente da provincia ao Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, e que junto devolvo, me incumbe communicar a V. S., que a assembléa legislativa provincial rezolveo em sessão de ontem demorar a execução da referida carta imperial, em atenção aos graves males, que devem prudentemente recear-se, e que deliberou outro sim dirigir ao governo central uma reprezentação, expondo as razões do seu procedimento a respeito.

Junto axará tambem V. S. a carta imperial dirigida á camara municipal d'esta cidade sobre o mesmo assunto, afim de se lhe dar o destino conveniente.

Queira V. S. levar o expendido ao conhecimento de S. Ex. o Sr. vice-prezidente da provincia.

Deus guarde a V. S.

Porto-alegre 10 de Dezembro de 1835.

Illm. Sr. Jozé Luiz Vicente da Costa, secretario do governo da provincia.

Francisco da Silva Barreto Junior,
1°. secretario.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

18 DE DEZEMBRO DE 1835.

Idéas de governo republicano na provincia.

Illm. e Exm. Sr.

Já me não é mais duvidoso, que se machina a separação da provincia para se lhe dar um governo republicano; as folhas d'aqui, que são todas d'esse partido, o propalão abertamente; em varios banquetes se tem feito saúdes aluzivas

a esse objeto; e os fautores de taes idéas abertamente prégão, que se não deve perder esta ocazião, que tão propicia se mostra á realização de seus intentos.

Porém a par d'esta tão triste noticia, que com tanto pezar levo ao conhecimento de V. Ex., uma participação lizongeira e consoladora tambem tenho de communicar, e é, que esses dezastrozos planos de republica são regeitados pela generalidade da provincia, e quazi que posso afirmar, que seus fautores se enganão completamente, intentando fazel-os passar á sombra da revolução, que aqui se operou!

Deus guarde a V. Ex.

Rio-grande, a bordo do brigue-barca *Sete de Setembro*, 18 de Dezembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Paulino Limpo d'Abreo.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

21 DE DEZEMBRO DE 1835.

A camara municipal da cidade do Rio-grande reprezenta a Bento Manoel para defender a legalidade.

Illm. e Exm. Sr.

A camara municipal da cidade do Rio-grande, vendo que um plano orrivel se prepara para separar esta provincia do gremio brazileiro, e lançal-a nos males da anarchia, para o que, com menoscabo da lei e da autoridade do governo supremo, se negára já a posse ao prezidente competentemente nomeado pelo Regente em nome do Imperador, vem, em nome da patria e da constituição, conjurar a V. Ex. para que, dezempenhando os seus juramentos prestados a prol d'estes sagrados objetos, e os protestos proclamados por V. Ex., sustente a integridade do Imperio e os principios consagrados no codigo fundamental.

Não podem ser ocultos a V. Ex. os males de um governo

democratico n'um paiz, que ainda não está para isso preparado.

V. Ex. tem ocularmente prezenciado a continua luta, em que vivem os nossos vizinhos desde longos annos, durante os quaes têem sido sacrificados os seus melhores cidadãos, empeiorando-se sempre a sorte do seu paiz.

A camara sabe já, que V. Ex. dezaprova a idéa de separação, o é por isto, que ella tem toda a confiança, que V. Ex. se porá á frente dos seus concidadãos, dos seus antigos companheiros d'armas para desviar a provincia das bordas do precipicio, em que a pretendem lançar.

Todas as camaras d'esta comarca, e da de Piratinin vão reprezentar ao prezidente nomeado, que é um escolhido da provincia, para que, empossando-se em qualquer d'essas municipalidades da autoridade, que lhe foi conferida, concorra para que esta interessante parte do sólo brazileiro não caia nas garras de uma anarchia.

Coadjuvando V. Ex., e o distinto coronel Bento Gonçalves da Silva as ordens d'este digno Rio-grandense, a patria será salva.

A camara, contando com a dedicação de tão ilustres cidadãos aos interesses do seu paiz, confiadamente o espera.

Deus guarde a V. Ex.

Paço da camara municipal do Rio-grande, em sessão extraordinaria de 21 de Dezembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. coronel Bento Manoel Ribeiro, commandante interino das armas d'esta provincia.

Anacleto Jozé de Medeiros.
João da Costa Gularte.
Manoel Muniz Pires.
Antonio Teixeira de Magalhães.
Jozé Luiz Augusto da Silva.
Anselmo Jozé Pereira.
Joze Maria de Sá.
Antonio Jozé Vieira.

(*Mercantil* do Rio-grande n. 44, de 24 de Dezembro de 1835.)

N. B. No mesmo sentido a Bento Gonçalves em igual data.

---

12 DE DEZEMBRO DE 1835.

Posse do prezidente Araujo Ribeiro.

Illm. e Exm. Sr.

Participo a V. Ex., para que se sirva levar ao conhecimento do Regente em nome do Imperador, que no dia 5 do corrente xegou a esta cidade o prezidente nomeado para esta provincia Jozé d'Araujo Ribeiro, e entregando-me a carta imperial, por que o mesmo Regente ouve por bem nomeal-o prezidente d'esta provincia, dezonerando d'esse cargo a Antonio Rodrigues Fernandes Braga, immediatamente a mandei cumprir e registar, e o communiquei á assembléa legislativa provincial então reunida, para que ella ouvesse de marcar dia para a sua posse.

No dia 9 porém recebi o oficio do xefe de policia junto por copia em n. 1, e immediatamente oficiei aos juizes de paz da cidade, ordenando-lhes que me informassem, por que motivo avia taes reuniões, e recommendando-lhes o maior cuidado e vigilancia na conservação da ordem publica; sobre o que respondêrão o que consta das copias em ns. 2, 3 e 4; n'esse mesmo dia me constou, que a assembléa avia deliberado demorar a posse; o que oficialmente me foi communicado no dia 11 pelo oficio, que junto por copia em n. 5.

Entretanto posso assegurar, que a provincia permanece tranquila; e que o prezidente nomeado, á vista da deliberação da assembléa, que lhe foi por mim transmitida, partio oje d'esta cidade com destino para essa côrte.

Deus guarde a V. Ex.

Porto-alegre 12 de Dezembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Ministro e Secretario d'estado dos negocio do Imperio.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*

(Proc. de responsab. n. 68 fol. 11.)

21 DE DEZEMBRO DE 1835.

A camara municipal do Rio-grande pede a Araujo Ribeiro para tomar posse.

Illm. e Exm. Sr.

A camara municipal d'esta cidade informada, que, com menoscabo á lei e á autoridade do governo supremo, se negára posse a V. Ex., e vendo n'este e outros factos, que se pretende desmembrar esta provincia do resto do Brazil, vem reprezentar a V. Ex. para que na prezente crize não abandone os seus comprovincianos, e aja de empossar-se da prezidencia em qualquer das municipalidades d'esta comarca, visto que a capital da provincia se axa dominada pela facção, que concebeo o plano de proclamar o governo republicano.

A camara espera, que V. Ex. acolha os seus votos, empossando-se da autoridade para que foi competentemente nomeado, e que mediante medidas energicas salve a provincia, que o vio nacer, das garras da anarchia, e do seu completo aniquilamento, consequencia infalivel de um sistema de governo, para o qual não estamos preparados, e que a provincia inteira reprova.

Na inteligencia de V. Ex. acolher os dezejos da camara ella vae dirigir-se aos coroneis Bento Manoel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva na fórma das copias juntas, conjurando-os a sustentar a integridade do Imperio e obedecer ás ordens de V. Ex., como legitimo delegado do governo supremo.

A camara espera, que as municipalidades da parte mais importante da provincia declararáõ em conformidade com o que vem de expender, e que por esta fórma se manifestará a opinião publica da provincia: o que talvez bastará para fazer suplantar este pequeno numero de inimigos da união brazileira, e da prosperidade e engrandecimento d'esta provincia.

Deus guarde a V. Ex.

Paço da camara municipal do Rio-grande, em sessão extraordinaria de 21 de Dezembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, prezidente nomeado para esta provincia.

Anacleto Jozé de Medeiros.
João da Costa Gularte.
Manoel Nunes Pires.
Antonío Teixeira de Magalhães.
Jozé Luiz Augusto da Silva.
Anselmo Jozé Pereira.
Jozé Maria de Sá.
Antonio Jozé Vieira.

(*Mercantil* do Rio-grande n. 44, de 24 de Dezembro de 1835.)

N'este sentido reprezentárão as camaras municipaes, guarda nacional e magistratura do Rio-grande, São-Jozé do Norte e Pelotas.

---

30 DE DEZEMBRO DE 1835.

Bento Manoel, como commandante das armas, reconhece e manda reconhecer o prezidente Jozé de Araujo Ribeiro.

Ordem do dia.

Quartel do commando das armas em São-Gabriel 30 de Dezembro de 1835.

Tendo as camaras municipaes das cidades do Rio-grande, e Pelotas, e vila de São-Jozé do Norte dirigido-se oficialmente ao comandante das armas, conjurando-o a que, em cumprimento das promessas emitidas em suas proclamações, salve a provincia dos males da anarchia, em que a pretende envolver um partido republicano, que infelizmente aparece, o qual tem xegado a dominar a assembléa legislativa provincial, conseguindo obstar que se désse posse ao Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro da prezidencia da provincia, para que fôra legalmonte nomeado pelo Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, dando com este proceder o primeiro passo a desmembrar a provincia da associação brazileira; declarando ao mesmo

tempo aquelas mesmas camaras a justa indignação, que uma similhante repulsa cauzára nos animos dos cidadãos dos seus municipios, por conhecerem evidentemente os males, que se seguirião á patria; e dezejozos todos de prevenil-os, tinhão rezolvido, como o fizerão, reconhecer ao Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, nosso compatriota, como prezidente da provincia.

O commandante das armas está demaziadamente ao facto dos manejos do partido republicano, e dos meios que emprega, e mais certo ainda das desgraças, que acompanharão a separação da provincia, e firme nos principios que proclamou depois do memoravel dia 20 de Setembro, em dezempenho da sua palavra, de acordo com aquelas ilustres e patrioticas camaras, e com a totalidade dos cidadãos bons da provincia, solenemente reconhece a legitima autoridade do Illm. e Exm. Sr. prezidente Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, desconhecendo outra qualquer, que o partido republicano da capital intente levantar ou sustentar ; e em consequencia ordena a todos os militares da provincia, sugeitos ao seo commando, que reconheção ao mesmo Exm. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro como nosso legitimo prezidente.

Camaradas ! Nós manifestamos, quando tomamos as armas para libertar a patria da opressão, que o nosso fim era sermos sempre Brazileiros, mantendo a constituição reformada, o trono imperial do Sr. D. Pedro Segundo ; e oje não faltaremos aos nossos empenhos, pois seriamos perjuros, e inimigos da patria ; procederes que por indignos não cabem em corações animados pela aura e pelo sagrado lume do patriotismo.

É mais gloriozo, camaradas, conservarmos a patria izenta de anarchia, que ganhar batalhas sobre iuimigos externos. Mantenhamos-nos firmes na associação brazileira, do que provirá á provincia prosperidades e grandeza ; quando de uma separação extemporanea somente teremos a ruina e as desgraças. Não sejamos submissos escravos do pequeno partido republicano, que desvairadamente assim o pretende.

O commandante das armas conta com os seus camaradas,

e a pluralidade da provincia, e todos devem contar com elle a favor da ordem e do bem publico.

Viva a Nação brazileira!

Viva a Constituição reformada!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, nosso Imperador constitucional, e o Regente em seu nome!

Vivão os Rio-grandenses livres!

Vivão os militares da provincia!

Bento Manoel Ribeiro.

(Impresso avulso).

---

30 DE DEZEMBRO DE 1835

Resposta de Bento Manoel favoravel ao reconhecimento de Jozé d'Araujo Ribeiro como prezidente da provincia.

Illms. Srs.

Xegou ontem ás minhas mãos a segunda via do oficio de V. S. de 21 do corrente, e o meu coração se dilatou de prazer com a leitura do seu contexto, por encontrar expressados os verdadeiros sentimentos, que caracterizão o patriotismo.

Não tendo tempo para responder largamente a V. S., me limitarei a assegurar, que, fiel á minha palavra, e dezejando o bem estar da provincia, saberei dezempenhar aquela, e promover este, esforçando-me em conserval-a na associação brazileira, de onde a pretende arrancar esse partido de desvairados, que, xegando a dominar na capital a assembléa legislativa provincial, conseguio obstar dar-se posse ao Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, prezidente legalmente nomeado pelo Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo, passo primario para a segregação a que almejão.

A dezaprovação porém, que de similhante acto faz essa ilustre municipalidade, bem como a de Pelotas, e Norte, que não deixará de ser imitada por todas as mais da provincia, vai dezarmar esse partido dezorganizador, que nos

quer envolver n'um pelago insondavel de males, e restituir o socego á provincia; e eu, confiando em tão poderoza coadjuvação, e contando com todos os onrados Rio-grandenses, não ezitei em publicar oje a ordem do dia, de que tenho a onra incluir um exemplar. Por ella ficarão V. S. e os cidadãos d'esse municipio certos da minha adezão á cauza nacional; e si bem que julgue será innecessario recorrer ás armas para conservar-se intacto o pacto social brazileiro, comtudo nem por isso deixo de adotar as medidas, que pódem utilizar a fazer respeitar as ordens do governo central, e a autoridade do Exm. Sr. prezidente legalmente nomeado.

Deus guarde a V. S.

Quartel do commando das armas em São-Gabriel 30 de Dezembro de 1835.

Illms. Srs. prezidente e vereadores da camara municipal da cidade do Rio-grande.

Bento Manoel Ribeiro.

(Impresso avulso).

---

1 DE JANEIRO DE 1836.

Ataque no Arroio dos Ratos.

Em 1 de Janeiro de 1836.

Bento Gonçalves ataca Bento Manoel no Arroio dos Ratos.

Durou o tiroteio 3 quartos de ora: o inimigo teve um capitão morto, muitos soldados, e alguns feridos, além de varios prizioneiros.

No meio da gloria da vitoria lamentamos a perda de um bravo morto, e temos de contar alguns feridos, ainda que levemente, o valente capitão Fidelis Nepomuceno Prates Filho, e um guarda nacional gravemente.

(Oficio de Bento Gonçalves ao vice-prezidente Dr. Marciano Pereira de 1 de Janeiro de 1836.)

---

4 DE JANEIRO DE 1836.

O Regente á camara municipal do Rio-grande.

Illms. Srs.

Si por um lado xeio de prazer recebo a carta de V. S. datada de 9 de Novembro, em que me manifestão firme confiança no meu patriotismo e zelo pela cauza publica, felicitando-me pela elevação á regencia do Imperio, facto em que teve tão grande parte essa provincia; por outra parte xeio de dôr encaro o procedimento da assembléa provincial, que parece desconfiar da bôa fé, e pacificas intenções do governo na demora da posse do prezidente, que enviei, demora, que dando lugar a desconfianças e exageradas pretenções, produzirá a guerra civil, e suas dezastrozas e inevitaveis consequencias, sem que por isso a provincia se torne mais feliz, separada da grande familia brazileira, com quem a onra, o dever, e seu peculiar interesse deve manter em perpetua união.

Os meus votos, o meu incessante desvelo será manter nossas instituições livres; cooperar para felicidade d'essa provincia, que é um dos ornamentos do Imperio, e seu baluarte inexpugnavel pelo lado do sul, e empregar todos os meus esforços em proteger os cidadãos, que conservarem o nobre pensamento de união, ordem, liberdade e justiça.

Deus guarde a V. S. muitos annos.

Rio de Janeiro 4 de Janeiro de 1836.

Diogo Antonio Feijó.

(*Liberal Rio-grandense* n. 16 de 19 de Fevereiro de 1836.)

---

5 DE JANEIRO DE 1836.

Carta de Bento Gonçalves a Araujo Ribeiro convidando para tomar posse.

Primo e amigo.

Porto-alegre 5 de Janeiro de 1836.

Pelo major Lima me foi entregue a sua estimada carta

de 29 de Dezembro proximo passado, e por ella fico siente de que lhe cauzou desgosto o ter eu levado ao conhecimento da assembléa as vistas pacificas e conciliadoras do governador geral de que me fala na sua anterior.

Minha pozição é extremamente delicada, e julguei, que com uma conduta franca desvaneceria os boatos de republica e de separação, que os retrogrados para seus fins sinistros têem caluniozamente espalhado.

Na sessão de ontem a assembléa provincial deliberou empossar a V. Ex. da prezidencia da provincia, e oje se lhe envião oficios para vir prestar juramento e tomar posse.

Eu me lizonjeio, que V. Ex. promoverá a prosperidade de nossa cara patria. Muito confio em suas luzes; venha portanto quanto antes; e peço-lhe com o fervor da mais sincera amizade, que não preste ouvidos aos conselhos d'aqueles que o incitáram a tomar posse, e formar a séde do governo n'esses destritos; pois seria muito terrivel o o rezultado para a tranquilidade publica.

Venha e seus actos administrativos afastem as desconfianças da grande maioria da provincia, e dos verdadeiros amigos das instituições livres.

Praza aos ceos, que a administração de V. Ex. seja para bem da patria, conhecendo e marxando a par de suas necéssidades.

Sou com toda a estima de V. Ex. primo e amigo certo.

Bento Gonçalves da Silva.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

15 DE JANEIRO DE 1836.

Exortação á paz e reconciliação.

Briozos Rio-grandenses!

A divina Providencia nos protege, e mais esta vez nos salva a integridade do Imperio.

Vós prezaes o nome de Brazileiros, prezaes a união, e o que prometestes e jurastes é somente o que aveis de

defender. A grande maioria nacional poderia ser iludida, mas não póde ser vencida.

Fexae agora os ouvidos a quem vos falar de vingança, a quem procurar excitar rivalidades; esses não querem o socego do continente, têem iniquas intenções, que não descobrem.

Pois falar-vos-á a linguagem da razão quem vos concite a armar-vos uns contra os outros, ou contra vossos irmãos do resto do Brazil?

Concidadãos! Paz e reconciliação é o que vos mandou o governo central na sua proclamação de 4 de Dezembro; paz e reconciliação é a minha diviza; seja tambem a vossa.

Todos os meus cuidados se vão dedicar a promover o vosso bem-estar: eu sou vosso comprovinciano e amigo; onrae-me com a vossa confiança.

Viva a Constituição reformada!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo!

Viva a integridade do Imperio!

Vivão os Rio-grandenses livres e amantes da união.

Rio-grande aos 15 de Janeiro de 1836.

Joze d'AraujoRibeiro.

(Impresso avulso.)

---

17 DE JANEIRO DE 1836.

O vice-prezidente dissuade a idéa de opozição á posse do prezidente nomeado.

Um punhado de perversos tenta, a pretexto de se negar a posse ao prezidente nomeado, acommeter a cidade, quando, dos impressos que lhe remeto, para fazer espalhar no seu distrito evidentemente se manifesta, que a mesma posse só é demorada pela infermidade do referido prezidente.

Porção de gente me consta, que se está a reunir em Campo-bom, e nas immediações do passo de São-Leopoldo por diligencias de um dos agentes dos revoltozos o tenente João da Silva Barboza.

Em taes circunstancias cumpre tomar todas as providencias para fazer abortar o plano, e dispersar os revoltozos, e prendel-os; e para esse fim é mister, que V. mc. faça avizar a todos os Brazileiros do seu distrito, capazes de pegar em armas para, a favor, se reunirem ao mando do coronel xefe de legião Onofre Pires da Silveira Canto.

Espero do seu patriotismo a maior energia e vigilancia, bem como que me dê parte de qualquer novidade, que ahi ocorra.

Deus guarde a Vmc.

Porto-alegre 17 de Janeiro de 1836.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*

Sr. Juiz de paz do 3°. distrito d'esta cidade.

(Proc. de responsab. n. 68 fol. 219.)

---

26 de janeiro de 1836.

Opinião de Araujo Ribeiro sobre o estado politico da provincia.

Illm. e Exm. Sr.

A legalidade tem muito partido na provincia, e as idéas republicanas são muito geralmente repelidas; mas é tal a confuzão, que sobre esses pontos, aliás mui simples, lançou a revolução ou sedição, que muitas vezes os invocamos ou proclamamos debalde, visto que os perturbadores uzão da tatica de prégarem, que os planos republicanos são puras invenções dos inimigos da revolução.

Elles têem tambem grande partido, que é o mais ouzado por se compôr de gente vagabunda, que nada tem que perder.

. . . .

Talvez V. Ex. queira saber de minha opinião a respeito do desfexo, que terão estas couzas; eu não a poderei dar com confiança, porque mui raras vezes prevejo bem o futuro; mas sempre direi, que me parece não se poder evitar a efuzão de sangue.

Porto-alegre naturalmente não reconhece a minha autoridade; Bento Gonçalves será de um lado, e as dezordens na provincia talvez que tomem ainda um aspecto mais serio do que muita gente espera.

Deus guarde a V. Ex.

Rio-grande aos 26 de Janeiro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Paulino Limpo deAbreu.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

22 DE JANEIRO DE 1836.

Proclamação do vice-prezidente sobre a posse d'Araujo Ribeiro perante a camara municipal do Rio-grande.

Rio-grandenses!

Pela communicação oficial, que com esta faço correr, vereis, que o Sr. Jozé d'Araujo Ribeiro deliberou tomar posse da prezidencia da provincia na cidade do Rio-grande.

O cumprimento de um dever sagrado, amor da ordem, e o zêlo do bem publico me obrigárão a aceitar a vice-prezidencia: estes mesmos motivos me induzem oje a renuncial-a; e no momento de despedir-me tenho a satisfação de anunciar-vos, que a cauza da razão e da justiça ganhou mais um triunfo.

Os retrogrados, que animados por mão oculta, conseguindo reduzir alguns incautos colonos, ouzárão tentar uma contra-revolução, levantando o estandarte da revolta nas immediações de São-Leopoldo, acabão de depôr as armas á vista das patrioticas falanges commandadas pelo invicto Bento Gonçalves da Silva, e seus cabeças fogem dispersos e espavoridos em todas as direções, emquanto que os pacificos colonos continuão em suas uteis e louvaveis ocupações.

Compatriotas! Patenteando-vos todos os actos da minha administração, julgo ter-vos dado a melhor prova de pureza das minhas intenções.

Aos altos poderes politicos da nação e ao juizo imparcial

e seguro dos sinceros amigos da provincia e do Brazil entrego a avaliação do meu procedimento e dos actos da benemerita e patriotica assembléa provincial.

Entretanto eu vos exhorto a permanecer tranquilos, para evitar os males, que de nova commoção possão sobrevir-nos, na certeza de que, vosso concidadão e amigo, vos acompanharei em todas as vossas justas reclamações.

Viva a nação brazileira!
Viva o Sr. D. Pedro Segundo!
Viva o Regente do Imperio!
Vivão os Rio-grandenses!
Viva o dia 20 de Setembro!

Porto-alegre 22 de Janeiro de 1836.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

(Archivo da secretaria de justiça.)

---

27 DE JANEIRO DE 1836.

Convite a Araujo Ribeiro para ratificar o juramento de posse perante a assembléa provincial.

Illm. e Exm. Sr.

A assembléa legislativa d'esta provincia, a quem foi prezente o oficio datado de 16 do corrente, que V. Ex. ouve por bem dirigir ao Dr. Marciano Pereira Ribeiro, então vice-prezidente da mesma, participando-lhe que no dia 15 do citado mez avia tomado posse, perante a camara municipal d'essa cidade, do emprego de prezidente, que lhe foi conferido, rezolveu protestar-lhe, como de facto protestado tem, contra a ilegitimidade de sua posse.

A V. Ex. não é desconhecido, que similhante acto só podia ter lugar perante esta assembléa, estando ella reunida, e, não o estando, perante a camara municipal da capital. Ora, praticando V. Ex. o contrario, é evidente, que encetou a marxa da sua administração por uma manifesta infracção da lei, quando aliás por sua pozição elevada devia ser o primeiro que désse o exemplo de a respeitar.

Bastante dolorozo foi para esta assembléa o menoscabo, com que V. Ex. a tratou, desprezando o convite, que lhe fez para vir a esta capital tomar posse do seu cargo na fórma da lei ; e ainda mais dolorozo lhe foi o procedimento anarchico, que V. Ex. acaba de ter, expondo a provincia aos males de uma funesta rivalidade, e aos orrores da guerra civil.

Por todos estes factos, e suas consequencias, a assembléa o faz desde já responsavel perante a nação e o governo do Brazil; e querendo dar a ultima prova do quanto almeja o bem publico, insiste em exigir, que V. Ex. repare o seu erro, e venha, sem perda de tempo, empossar-se legalmente do emprego até o dia 15 de Fevereiro proximo futuro; ficando V. Ex. na inteligencia de que esta assembléa se conservará reunida até esse tempo para curar do mal, que póde sobrevir á provincia, si tenaz V. Ex. em seu propozito continuar a infringir a lei.

Paço da assembléa provincial 27 de Janeiro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Dr. José d'Araujo Ribeiro, prezidente nomeado para esta provincia.

Francisco Xavier Ferreira, Prezidente.
Jozé Mariano de Matos, 1.º secretario.
Antonio Alvares Pereira Coruja, 2.º secretario.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

22 DE DEZEMBRO DE 1835.

A camara municipal de São-Jozé do Norte pede a Araujo Ribeiro para tomar posse da prezidencia.

Illm. e Exm. Sr.

A camara municipal da vila de São-Jozé do Norte, informada que em menoscabo da lei e da autoridade do go-

verno supremo do estado, a assembléa provincial negou-se a impossar a V. Ex. da prezidencia d'està provincia, rezolução tanto mais impolitica quanto injusta, visto que nenhum pretexto plauzivel se aprezenta, além de uma facção, que, constrangendo os reprezentantes provinciaes a dar similhante passo, nada menos pretende do que separar esta bela provincia do gremio da associação brazileira; vem perante V. Ex. testimunhar os seus mais sinceros sentimentos pelas desgraçadas ocurrencias, que tanto têem flagelado o coração do verdadeiro patriota: igualmente vem significar a V. Ex., que na crize actual faz-se mister ao bem-estar e segurança de seus comprovincianos, que V. Ex. não os dezampare, e se imposse da autoridade prezidencial em qualquer das municipalidades d'esta comarca, pois, dominada a capital da provincia por uma facção que tem concebido o monstruozo projecto de proclamar o governo republicano, torna-se esta medida indispensavel para sanar a impolitica rezolução da assembléa provincial, rezolução aliás arrancada por meio de ameaças, e estando ella em coação.

Confiada pois a camara no patriotismo de V. Ex., espera, que seus votos, e com ella os dos seus concidadãos serão benignamente acolhidos, e que, tomando V. Ex. as redeas do governo, salvará o sólo, que o viu nacer, dos orrores da anarchia; consequencia infalivel, si por nossa infelicidade podessem vingar os planos d'esses omens irrefletidos, que sem consultar nossas peculiares circunstancias, e só tendo em vista a sua desmezurada ambição, querem plantar na nossa terra um sistema de governo, que a provincia inteira reprova, e do qual ao despotismo não vai mais do que um passo.

N'este presuposto vai a camara dirigir-se aos coroneis Bento Manoel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva, como consta das copias juntas, deprecando-lhes a sustentar a integridade do Imperio, e a seguir as ordens de V. Ex. como legitimo delegado do governo supremo; e espera esta camara, que pronunciando-se as municipalidades d'esta parte da provincia, em conformidade com os seus sentimentos, isto só bastará para fazer obstar os planos d'esse

pequeno numero de inimigos do engrandecimento de nossa patria e da união brazileira.

Deos guarde a V. Ex. por muitos annos, como avemos mister.

Sala das sessões da camara municipal da vila de São-Jozé do Norte 22 de Dezembro de 1835.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro.

Jozé da Costa Torres.
João Antonio da Silveira.
Manoel Rodrigues de Sá.
João Pereira dos Santos Norte.
Antonio Francisco de Souza.
João Silveira Vilalobos.

(*Correio Oficial* n. 19 de 26 de Janeiro de 1836.)

---

5 DE JANEIRO DE 1836.

A camara municipal de Alegrete xama ás armas em favor da legalidade.

Abitantes do termo de Alegrete!

A patria está em perigo, no mais eminente, no mais ruinozo que a pode ameaçar!

Os riscos que a circulão são inumeraveis!

De um pequeno incommodo vosso depende a vossa sorte, a de vossas familias, a de vossas propriedades, a sorte da provincia, e o evitar-se derramamento de sangue brazileiro em todas as provincias do Imperio! Com um passageiro incommodo vosso póde tudo pender a bem da ordem!

Um partido dezorganizador em Porto-alegre pretende levar a provincia ao precipicio da separação do Imperio e da republica!

Abitantes do termo! Correi ás armas! Uni-vos ao vosso commandante das armas interino o coronel Bento Manoel Ribeiro, que com prudencia saberá guiar-vos e sem expor uma só vida vencerá e pacificará tudo!

Todos os patriotas da provincia, agentes mesmos que se aprezentárão em campo nos movimentos de 20 de Setembro são esses mesmos que agora se prestão de novo, e seguem todos a causa da legalidade, a união com o Brazil, e a obediencia ao governo de S. M. I. e C.

Abitantes do termo! A cauza é de interesse publico, e de conveniencia de todos. É com algum sacrificio, que se conseguem os bons fins.

Si vos prestardes, os alucinados dezanimaráõ de sua empreza; si vos negardes a este tão util trabalho, elles se julgaráõ com forças bastantes, e levaráõ avante seus planos.

Ás armas, cidadãos!

Ás armas, Brazileiros!

Sala das sessões da camara municipal de Alegrete 5 de Janeiro de 1836.

(Archivo da camara municipal.)

N. B. As camaras, que oficiárão a Araujo Ribeiro, reconhecendo-o como prezidente da provincia, fôrão as dos seguintes municipios:

Caxoeira	em	3	de	Janeiro	de 1836
Alegrete	»	5	»	»	»
Cruz-alta	»	7	»	»	»
Patrulha	»	9	»	»	»
Cassapava	»	28	»	»	»

(Vide *Correio Oficial* n. 47 de 29 de Fevereiro de 1836.)

---

2 DE FEVEREIRO DE 1836.

Manda reunir guardas nacionaes.

Illm. Sr.

Uma nova crize se nos aprezenta, e só póde salvar-nos d'ella, fazendo respeitar as deliberações da assembléa provincial; e para isso se faz necessario, que a guarda nacional e mais cidadãos do seu distrito, se prestem, como o teem feito em épocas similhantes, para salvar a patria; poucos dias serão bastantes para isso.

É portanto, que depreco a V. S. aja de fazer reunir os guardas nacionaes e mais cidadãos de seu distrito, fazendo-os

marxar para a capela de Viamão, e aprezentar-se ao coronel xefe de legião Onofre Pires da Silveira, sem perda de tempo.

Eu contando com o seu patriotismo, e amor á ordem, conto desde já, que a patria será salva dos males, que novamente nos ameação.

Deus guarde a V. S.

Campo 2 de Fevereiro de 1836.

Illm. Sr. juiz de paz do 3.° distrito da cidade de Porto-alegre.

Bento Gonçalves da Silva,
Coronel comandante-superior da guarda nacional.

(Archivo publico : Proc. da rebel. fol. 214.)

---

5 DE FEVEREIRO DE 1836.

Posse do prezidente Jozé d'Araujo Ribeiro.

Srs. da assembléa legislativa da provincia.

É a assembléa provincial, quando reunida, ou a camara municipal da capital, que tem obrigação perfeita de dar posse ao prezidente da provincia, e não este de a tomar na camara ou na assembléa provincial.

A inteligencia contraria seria em muitos cazos um absurdo, e a bôa ermeneutica ensina, que não é verdadeira a inteligencia de uma lei, quando d'ella rezultar absurdo.

Portanto, quando eu tomei posse da prezidencia fóra da capital, pratiquei um acto, que as intruções me permitião, e outro-sim que as mesmas instruções me indicavão, e a que era autorizado por precedentes ocorridos em outras provincias do Imperio.

Não fui eu, que expuz a provincia aos orrores de uma guerra civil por um procedimento ilegal, foi a assembléa provincial no dia 9 de Dezembro proximo passado; d'ahi é, que datão os sustos e perigos, em que se vê o continente.

As nimiamente asperas expressões, que se encontrão no protesto da assembléa ferirão profundamente o meo coração; mas eu sufoquei a minha dôr, pondo os olhos no bem da patria, e na manutenção da sua paz; e apezar da minha infermidade rezolvi seguir para a capital para prestar novo juramento nas vossas mãos; entretanto que o Rio-grande do sul e o Brazil ajuizaráõ dos nossos actos e por elles de nossas intenções.

Deus vos guarde muitos annos.

Cidade de Pelotas aos 5 de Fevereiro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(Archivo publico.)

---

6 DE FEVEREIRO DE 1836.

Sociedade defensora.

A Sociedade defensora da liberdade e independencia nacional do Rio-pardo reprezenta á assembléa provincial contra o commandante das armas interino Bento Manoel Ribeiro afim de providenciar—« para que cesse o mesmo commandante das armas de insultar e caluniar em suas proclamações ao partido nacional, e se abstenha de espalhar noticias falsas, com que tem querido atacar a reputação dos mais distintos cidadãos. »

(Em 6 de Fevereiro de 1836.)

A assembléa provincial tomou em consideração tal reprezentação, etc., avendo parecer da commissão de justiça civil. Sessão em 12 de Fevereiro de 1836.

(*Continentista* n. 53, de 19 de Fevereiro de 1836.)

---

9 DE FEVEREIRO DE 1836.

Distribuição de força.

O prezidente Araujo Ribeiro em oficio de 9 de Fevereiro de 1836 ao ministro da justiça diz:

« Bento Manoel axa-se ainda pelas immediações da vila

da Caxoeira com uma força, de que eu ignoro o numero; da Cruz-alta decem 400 omens; nas fronteiras do Rio-pardo e Missões os coroneis Gama e Silva reunem gente; em Bagé está o tenente-coronel Medeiros com 150 omens; e eu teria uns 200 n'este, e no municipio de Pelotas, e trato do ajuntar mais.

« Os anarchistas têem a guarnição da capital e gente de seus suburbios, e um partido disseminado por toda a provincia, que intriga e dificulta em extremo nossas reuniões, e está pronto a levantar a cabeça com qualquer apoio.

« Bento Gonçalves sahio de Porto-alegre; mas dizem, que para reunir gente, e ir bater Bento Manoel; outros, que para ter com elle uma conferencia. »

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

9 DE FEVEREIRO DE 1836.

Reprezentação da assembléa provincial ao governo sobre a posse d'Araujo Ribeiro.

Senhor!

A assembléa legislativa da provincia do Rio-grande do sul, a quem compete velar na guarda da Constituição e das leis, faltaria á mais imperioza de suas obrigações, si deixasse de acuzar perante o trono augusto de Vossa Magestade Imperial um facto criminozo, um facto anarchico, que acaba de praticar o cidadão Jozé d'Araujo Ribeiro, esse mesmo omen a quem Vossa Magestade Imperial confiou a suprema administração de seus negocios provinciaes.

Dolorozo lhe é em extremo este sagrado dever; mas assim como a assembléa, dirigindo uma reprezentação a Vossa Magestade Imperial com data de 15 de Dezembro proximo passado, elogiou o prezidente nomeado, quando sua conduta foi digna de encomios, assim tambem o argue agora, quando o seu procedimento é digno de severa censura.

Tratava esta assembléa de cumprir a carta imperial, por que foi nomeado prezidente da provincia o cidadão acuzado, quando o receio de crueis perseguições contra os omens envolvidos na revolução de 20 de Setembro produzio o aspecto assustador de uma commoção popular, que parecia imminente.

Em circunstancias tão arduas, que deverião fazer os escolhidos do povo? Permitir que fosse perturbada a ordem? Que corresse o sangue de seus concidadãos?

Certamente que não.

Fundados pois na dispozição do artigo 155 § 3 do Codigo criminal elles demorárão a execução da citada carta até que Vossa Magestade Imperial, a quem logo reprezentárão, provêsse ao bem publico, como melhor conviesse.

Eis, Senhor, a medida salvadora, de que podia lançar mão a assembléa para evitar os orrores da anarchia.

Infelizmente porém este acto legal, aconselhado pela prudencia e amor da ordem, excitou o despeito do prezidente nomeado, ferio o seu amor proprio, e o fez desde então cahir de abismo em abismo.

D'aqui datão os seus erros, d'aqui os seus desvarios.

Uma politica tortuoza acabou de perdel-o no conceito dos omens sensatos. Inimigos da cauza publica fizerão arteiramente circular a noticia de que esse partido republicano queria separar esta provincia da comunhão brazileira.

Esta intriga vergonhoza, de que se valêrão outr'ora os Marianis e os Bragas para iludirem a bôa fé de Vossa Magestade Imperial, e saciarem suas vinganças, encontrou apoio na pessoa do acuzado, que com leveza notavel deo importancia a tão mizeravel calunia.

Mostrando acreditar na existencia d'esse partido e soprando o fogo da rivalidade e da discordia entre Brazileiros Rio-grandenses e Brazileiros de outras provincias, elle atrahio sobre si a indignação publica; e a experiencia mostrou logo, que não tinha a prudencia necessaria para governar povos em tempos de perturbação.

Todavia o boato de que se tramava a separação da provincia irritou os animos da gente credula, e a efervescencia publica começou outra vez a manifestar-se.

Receou a assembléa, que d'aqui se originassem novos males; e querendo prevenil-os, não duvidou decer da sua dignidade, mandando á cidade do Rio-grande, por amor da ordem, uma commissão composta de 2 membros do seu seio, e um cidadão do povo, afim de ter uma entrevista com o acuzado, e facilitar assim os meios de desvanecer tal boato.

Felizmente regressando a commissão d'aquela cidade, ficárão diminuidos os temores de que o governo de Vossa Magestade Imperial perseguisse os omens, que tomárão parte na revolução; e por isso rezolveo a assembléa contra a sua primeira deliberação convidar ao prezidente nomeado para vir a esta capital tomar posse do seu emprego, conforme a lei; esperando que elle se prestasse de boa vontade a similhante convite.

Vans esperanças!

O cidadão acuzado não quiz vir, desculpando-se com o seu máo estado de saude; empossou-se porém, quatro dias depois, do emprego, que lhe foi confiado, perante uma autoridade incompetente, qual a camara municipal da cidade do Rio-grande, como tudo se prova pelos documentos juntos; e violando a lei, que marca as suas proprias atribuições, violando a lei de 3 de Outubro de 1834, em nenhuma conta teve e tratou com menoscabo e vilipendio a reprezentação provincial.

Comtudo, apezar do desprezo, com que o acuzado se ouve para com a assembléa, ella rezolveo em sessão de 26 do mez proximo passado oficiar-lhe, exigindo que viesse até 15 do corrente tomar posse do seu cargo n'esta capital, segundo a lei, dando assim mais uma prova da sua circunspeção em materia tão melindroza.

Tal é o procedimento, por que o cidadão incorreo na dispozição do artigo 138 do Codigo criminal; tal é o crime, por que a assembléa o denuncia e acuza perante Vossa Magestade Imperial.

Similhante delito, Senhor, é tanto mais grave, quanto mais tristes são as consequencias, que d'elle podem rezultar.

Uma indispozição quazi geral se manifesta em todos os animos contra este acto ilegal; e nosso orizonte politico annuncia uma medonha tempestade.

A provincia nunca se vio em uma crize tão aterradora, e o prezidente nomeado, sem a necessaria força moral, não poderá remover os males, que estão imminentes.

Si Vossa Magestade Imperial não der com tempo providencias energicas e salutares, a tranquilidade publica, oh dôr! (a assembléa treme de proferir) póde ser gravemente alterada, e uma nova revolução talvez produza ainda maiores calamidades.

Eis, Senhor, o aspecto melancolico, que aprezenta esta provincia eroica, digna de melhor sorte. Eis o estado, a que nos póde reduzir a conduta imprudente e criminoza de um omem, que pelo caracter elevado de sua missão devêra ser o primeiro a respeitar a lei!

A justiça, Senhor, é a mais bela virtude, que orna o coração de Vossa Magestade Imperial; e a assembléa espera da sabedoria de Vossa Magestade Imperial medidas eficazes, que, salvando esta patria querida, fação renacer a paz e a ordem, a par de sua grandeza e prosperidade, unicos bens por que esta assembléa cordialmente almeja.

Deus guarde a Vossa Magestade Imperial por muitos annos.

Paço da assembléa legislativa da provincia do Riogrande do sul 9 de Fevereiro de 1836.

Francisco Xavier Ferreira, Prezidente.
Antonio Alvares Pereira Coruja, 1.º Secretario.
Juliano de Faria Lobato, 2.º Secretario.

(Archivo da secretaria da justiça.)

---

10 DE FEVEREIRO DE 1836.

Razões de posse no Rio-grande.

Rio-grandenses!

É com a mais profunda dôr, que vejo desvanecerem-se as esperanças, que concebi, de pacificar a provincia sem efuzão de sangue; o genio do mal tem redobrado de forças, e a ipocrizia, a intriga, e a maldade lhe tem prestado amplos socorros.

. . . .

Ao criminozo passo de negar-me a posse da prezidencia, a esse acto de rebelião, que era já separar a provincia da communhão brazileira, ella (a assembléa provincial) ajuntou o de protestar contra a posse, que tomei na camara municipal d'esta cidade.

Dominada a capital de Porto-alegre por um partido exaltado, que trabalha pela separação da provincia, e que ali tem toda a força á sua dispozição, apezar do titulo de primeira autoridade da provincia, eu não poderia ser n'aquelle lugar, sinão o escravo ou instrumento d'esse partido; eu teria de subscrever ás demissões de todos os empregados, que, bem que probos e onrados, não partilhassem seus perniciozos principios; eu teria de mandar deportar, de sanccionar, as persegui,ões de quantos não anuissem á sua desastroza seita; eu teria emfim de cooperar mesmo para a separação da provincia consentindo que se fortificassem as torres, e a barra d'este porto contra o resto do Brazil, para que sua separação se efectuassemais segura.

. . . .

Contemplae os assassinatos, que ali (em Porto-alegre) se têem perpetrado, as perseguições, as exportações, e as cadeias, que se enxem dos antigos servidores da nação, emquanto as familias fogem espavoridas a curtir na dôr e pranto a mizeria, a que se veem reduzidas.

Fuzilar sem processo, a quem não cometeu crime; assassinar-se impunemente, e mutilarem-se os membros de cidadões respeitaveis para percorrerem de mão em mão e se irem pendurar á porta de um feroz anarchista, não são vagas expressões, ou argumentos falsos: são factos orrorosos, que estão clamando vingança.

É já tempo de ouvir os gemidos da patria escravizada.

Viva a Constituição reformada!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo.

Viva a integridade do Imperio!

Vivão os Rio-grandenses livres defensores da união!

Rio-grande aos 10 de Fevereiro de 1836.

Jozé de Araujo Ribeiro.

(Impresso avulso.)

11 DE FEVEREIRO DE 1830.

A assembléa provincial recomenda a suspensão de Bento Manoel e da camara municipal do Rio-grande.

Illm. Sr.

Participo a V. S. para fazer siente ao Ex. Sr. prezidente da provincia, que a assembléa legislativa provincial deliberou em sessão de ontem, que se recomendasse ao mesmo Exm. Sr.

1.° Que dispense do commando interino das armas ao coronel Bento Manoel Ribeiro, por estar promovendo a guerra civil na provincia, e que o mande responsabilizar por seus actos ilegaes; para o que envio incluzas a proclamação e ordem do dia do mesmo.

2.° Que suspenda os vereadores da camara municipal da cidade do Rio-grande por se terem arrogado atribuições, que lhes não competem, dando posse ao Dr. Jozé de Araujo Ribeiro, e que pelo mesmo modo faça efetiva a responsabilidade d'esses empregados pelo abuzo de poder, que commetêrão.

O que de ordem da mesma assembléa participo a V. S.

Deus guarde a V. S.

Porto-alegre 17 de Fevereiro de 1836.

Ill. Sr. Jozé Luiz Vicente da Costa, secretario interino do governo da provincia.

Antonio Alvares Pereira Coruja, 1°. secretario da assembléa provincial.

---

14 DE FEVEREIRO DE 1836.

Suspensão do coronel Antonio Neto.

Constando que o coronel xefe de legião de guardas nacionaes Antonio de Souza Neto, reune os guardas do seu commando contra a expressa dispozição da lei, e com

manifesto perigo da segurança publica, o prezidente da provincia rezolveo suspendel-o do mesmo commando, e assim lhe o communica para sua inteligencia e execução.

Rio-grande aos 14 de Fevereiro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(*Mercantil* do Rio-grande n. 12 de 24 de Fevereiro de 1836.)

---

15 DE FEVEREIRO DE 1836.

Suspensão do coronel Bento Gonçalves.

Sendo manifesto que o coronel Bento Gonçalves da Silva se tem arrogado e efectivamente exercido atribuições, que lhe não competem, já praticando actos do commando superior da guarda nacional de toda a provincia, quando a lei de 28 de Agosto de 1831, que creou este emprego, o restringio aos limites de um só municipio, e já proclamando, e convocando a mesma guarda nacional contra a expressa determinação da referida lei; o prezidente da provincia rezolveo suspendel-o do dito commando, e assim lhe communica para sua inteligencia e execução.

Cidade de Pelotas aos 15 de Fevereiro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(*Mercantil* do Rio-grande n. 12 de 24 de Fevereiro de 1836.)

---

16 DE FEVEREIRO DE 1836.

Pedido de auxilio.

O prezidente Araujo Ribeiro, em oficio de 16 de Fevereiro de 1836, pede forças navaes, já anteriormente pedidas; pede auxilio de tropas da côrte, armamento, munições, e acrecenta:

« Trate-se de salvar esta parte do Imperio de sua total ruina e perda para o mesmo Imperio, e em tão lamentaveis circunstancias não se deve atender nem a despezas, nem a sacrificios. »

Este oficio foi recebido na côrte a 4 de Março de 1836 pelo ministerio da justiça.

---

16 DE FEVEREIRO DE 1836.

Parecer da commissão da assembléa provincial sobre a posse do prezidente Jozé d'Araujo Ribeiro.

A commissão encarregada de interpor o seu juizo acerca do oficio, que em resposta ao protesto d'assembléa lhe dirigio o cidadão Jozé d'Araujo Ribeiro com data de 5 do corrente, opina, que o argumento, com que elle pretende justificar o acto de sua posse na cidade do Rio-grande, acto ilegal, impolitico, e tanto mais revoltante quanto ofensivo do decóro e dignidade d'esta assembléa, é cavilozo, futil e insubzistente, por ser fundado no principio falso de não ter o prezidente da provincia obrigação perfeita de tomar a dita posse perante a camara municipal da capital ou perante a assembléa da provincia, quando reunida.

É precizo não ter lido a legislação em vigor para desconhecer-se uma tal obrigação tão expressamente imposta pelas leis de 1 de Outubro de 1828 e 3 de Outubro de 1834; e muito lamenta a commissão, que o omem destinado entre nós para exercer o primeiro emprego não escrupulize infringir a lei, todas as vezes que as suas instruções e inculcados precedentes, de que a commissão não teve noticia em tempos constitucionaes, lhe abrão a porta ao arbitrio.

Si é perfeita a obrigação de praticar um acto todas as vezes, que judicialmente se póde exigir o seu cumprimento, não pode desconvir-se, em face do disposto no artigo 138 do Codigo penal, que o prezidente nomeado, uma vez que queira ocupar seu emprego, e que a assembléa não duvidava dar-lhe posse, tinha perfeita obrigação de a não tomar perante outra autoridade, que não fôsse a assembléa legislativa da provincia, axando-se ella no exercicio de suas funções.

Precindir d'estes principios, e pretender que instruções e precedentes abuzivos, que encontrão a dispozição da lei escrita, possão servir de regra em um paiz constitucionalmente governado, é o que na realidade vem a ser um rematado absurdo, absurdo, que implicita e tacitamente reconheceo o prezidente nomeado, rezolvendo a seu mal-grado vir á capital prestar novo juramento n'esta caza, embora

apadrinhe ou queira colorar similhante rezolução com o bem da patria, e com a manutenção da sua paz.

De natureza mui grave e digna de animadversão e repulsiva é a arguição (filha sem duvida do despeito e da malignidade), que a esta assembléa faz o cidadão Jozé d'Araujo Ribeiro de aver ella exposto a provincia por um procedimento ilegal aos orrores da guerra civil.

Felizmente porém as razões, que ella teve para demorar a execução da carta imperial, que lhe mandava dar posse do emprego, assim como o direito que para isso lhe assistia, correm impressas e pertencem oje ao dominio da Istoria; e qualquer outro menos prevenido e mais prudente, longe de ofender-se de tal deliberação, a tirar d'ahi pretestos para dividir-nos e ostilizar-nos, emendaria seus erros anteriores, erros, que certamente derão lugar á desconfiança e efervescencia popular; e reconhecendo a prudencia da assembléa, buscaria desvanecer por meio de um procedimento franco e leal os bem fundados receios de perseguições e vinganças, mormente avendo-o ella tratado com o maior melindre, poupando-o quanto lhe foi possivel na primeira reprezentação, que dirigio ao governo imperial e convidando-o logo que julgou conveniente a vir empossar-se do emprego.

Não é pois d'aquela deliberação da assembléa, que nascerão os sustos e os perigos, em que se vê o continente.

Quando aportou em nossas praias o cidadão Jozé d'Araujo Ribeiro, axava-se a provincia completamente pacificada; a ordem se restabelecia por toda a parte, as leis erão respeitadas, as autoridades obedecidas, e ainda oje gozariamos de socego, si, depois de espaçada a sua posse, não fosse elle á cidade do Rio-grande lançar-se com os mesmos guias na estrada dos dezatinos do seu antecessor de infausta recordação; e si com intrigas e ocultos manejos de uma politica errada e sediça de dividir para dominar, só propria de conquistadores ou despotas, e não de pacificador de um povo amigo, não acendesse de novo o faxo da discordia, promovendo a mais funesta rivalidade, e reduzindo-nos á lamentavel crize, em que nos axamos.

Acerba seguramente devia ser para o prezidente nomeado a linguagem austera da verdade, sempre ingrata e odiada

dos ipocritas e tiranos; mas nem por isso deixou de ser a que convinha aos reprezentantes da provincia.

Á vista pois do exposto a commissão é de parecer, que a assembléa, desprezando completamente os frivolos argumentos e malicioza redarguição do prezidente nomeado, permaneça firme em sustentar os principios emitidos em sua proclamação e protesto por ocazião da posse ilegalmente tomada perante uma autoridade incompetente.

Sala das commissões 16 de Fevereiro de 1836.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*
Jozé Pinheiro d'Ulhôa Cintra.
Jozé de Paiva Magalhães Calvet.

(Impresso avulso.)

---

17 DE FEVEREIRO DE 1836

Suspensão de Bento Manoel do commando das armas, e nomeação interina do major João Manoel de Lima Silva pelo vice-prezidente intruzo.

Não tendo acudido o Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro ao xamamento da assembléa provincial até o dia, que lhe foi destinado para se verificar a posse da prezidencia n'esta capital, fui eu xamado pela mesma assembléa para o substituir, e tomei posse no dia 16 do corrente; o que participo a Vms. para sua inteligencia.

Aproveito a ocazião para tambem lhes participar, que tendo suspendido o coronel Bento Manoel Ribeiro do commando das armas, nomeei interinamente o major João Manoel de Lima Silva para o substituir; e que encarreguei ao coronel Bento Gonçalves da Silva da pacificação d'esse lado da provincia; cumprindo por isso a Vms. prestarem-lhe todo o auxilio e coadjuvação, de que carecer.

Deus guarde a Vms.

Porto-alegre 17 de Fevereiro de 1836.

Srs. prezidente e mais vereadores da camara municipal do Rio-grande.

Iguaes a todas as camaras municipaes da provincia.

(*Mensageiro* n. 32 de 26 de Fevereiro de 1836.

---

18 DE FEVEREIRO DE 1836

O vice-prezidente Americo Cabral manda xamar o mais votado.

Axando-me servindo o emprego de vice-prezidente da provincia, e não sendo eu o mais votado, ordeno a Vms., que com urgencia xamem quem me suceda no mesmo emprego.

Deus guarde a Vms.

Porto-alegre 18 de Fevereiro de 1836.

Americo Cabral de Melo.

Srs. prezidente e vereadores da camara municipal d'esta cidade.

(*Mensageiro* n. 32 de 26 de Fevereiro de 1836.)

---

22 de DE FEVEREIRO DE 1836

Exproba o procedimento da assemblea provincial.

Rio-grandenses !

Já os inimigos irreconciliaveis do continente... empunhão as armas contra o governo legal, e contra os propugnadores da ordem e do trono constitucional do Sr. Dom Pedro Segundo.

. . . .

Quando os facciozos me recuzárão a posse da prezidencia na capital, recorrêrão ao subterfugio do § 3 do art. 155 do Codigo criminal, que permite demorar a execução de uma ordem ou requizição para reprezentar ácerca d'ella.

. . . .

Não contentes com todos estes dezatinos, e sem refletir, que a 3 deste mez pedio (a assembléa provincial) ao governo medidas energicas e salutares a bem da tranquilidade da provincia, concita os povos á rebelião, e, sem autorização, e contra expressa dispozição da lei, convocão os guardas nacionaes, pondo-os em movimento contra as cidades, e vilas da provincia, que reconhecêrão a minha autoridade, e que pugnão pela constituição e integridade

do Imperio, excitão á rapina e á carnagem as classes mais abjectas da sociedade, espalhando listas das victimas, que devem ser imoladas....

. . . .

Rio-grande 22 de Fevereiro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.
(Impresso avulso.)

---

24 DE FEVEREIRO DE 1836

Navegação interna.

Illm. Sr.

Sendo prezente á assembléa legislativa provincial o oficio de V. S. communicando, que o Exm. Sr. vice-prezidente não annuira á deliberação, que a mesma tomára, em sessão de 22 do corrente, ácerca das embarcações do interior e exterior da provincia, que ouverem de tocar nos dous pontos do norte e sul do Rio-grande, a mesma assembléa em sessão de oje, tomando em consideração as razões ponderadas por S. Ex., e á vista das ultimas noticias d'aquela parte da provincia, oficialmente communicadas ao Exm. commandante das armas interino, deliberou, que se participasse ao mesmo Exm. Sr., que ella franquêa inteiramente a navegação; mais outrosim se lhe recommenda, que, no ponto de Itapuan, sejão escrupulozamente vizitadas e registadas todas as embarcações, que por ali passarem, apreendendo-se qualquer pessoa comprometida na contra-revolução, bem como as munições de guerra e bôca, que fôrem encontradas; e isto emquanto necessario fôr ao estado actual da provincia.

O que de ordem da mesma assembléa communico a V. S. para levar ao conhecimento de S. Ex.

Deus guarde a V. S.

Porto-alegre 24 de Fevereiro de 1836.

Illm. Sr. Jozé Luiz Vicente da Costa, secretario interino do governo da provincia.

Antonio Alvares Pereira Coruja,
1.° secretario.

(Archivo publico: Proc. da rebel. fol. 92.)

---

25 DE FEVEREIRO DE 1836

A Assembléa legislativa do Rio-grande do sul aos seus comprovincianos.

Proclamação.

Rio-grandenses!

Quando parecia, que nossas questões civis estavão a terminar-se, quando renacião as esperanças de ser completamente pacificada a provincia, o genio do mal, disfarçado na pessoa do cidadão Jozé d'Araujo Ribeiro, d'esse mesmo omen, que o governo imperial enviára para trazer-nos a paz e a concordia, acaba de desvanecer essas esperanças.

Contra a espectação dos nossos legisladores, o prezidente nomeado, em vez do ramo de oliveira que afiançava trazer-nos, só tem curado de atear entre nós o faxo da discordia.

Envolto no manto da mais refalsada ipocrizia, têem sido assinalados todos os seus passos na provincia pela traição e pelo crime.

Calcando aos pés a propria lei, que devia regular os seus actos, não duvidou empossar-se do emprego perante uma autoridade incompetente, que é a camara municipal da cidade do Rio-grande.

Tão manifesta infração da lei não podia ser consentida por aqueles a quem mais rigorozamente cumpre velar na sua execução, e vossos reprezentantes fôrão prontos em protestar contra esse acto ilegal.

Querendo todavia conciliar este dever com o dezejo de comprovar a sua obediencia, respeito ás ordens do governo imperial, convidárão pela ultima vez ao prezidente nomeado para reparar seu erro, vindo á capital empossar-se legalmente até o dia 15 do corrente mez.

A este oficio e protesto d'assembléa, respondeu elle assegurando que marxava para a capital, mas pouco tardou a verificar-se, que esta sua promessa era iluzoria.

Passou o dia marcado, em vez do prezidente aparecem

os exemplares de sua proclamação de 10 do corrente, que arteiramente fez espalhar por toda a provincia.

Rasgou-se então o véo da iluzão; e por esse papel anarchico e incendiario, que só respira sangue e vingança, vos ensina a dezobedecer á lei, vos exorta a desconhecer as autoridades legalmente constituidas, e vos concita á guerra civil o mesmo omen, cuja missão era dar o exemplo de obediencia á lei, fazer respeitar as autoridades constituidas, e promover a vossa reconciliação.

Cobrindo de improperios e baldões a reprezentação provincial; negando-lhe a autoridade, que legalmente exerce, e que elle proprio mais de uma vez tem reconhecido; armando braços fratricidas; caluniando atroz e impudentemente aos pacificos abitantes da capital, onde reina pleno socego; fantaziando a existencia de um partido republicano; interrompendo as communicações dos correios; embargando a vinda das embarcações; e promovendo as mais funestas rivalidades, eis, ó Rio-grandenses, como tem procedido o prezidente nomeado para pacificar a provincia.

Á vista do seu procedimento, de sua tenacidade em não querer empossar-se legalmente, e da sua reconhecida traição, cumpria, que vossos reprezentantes tornassem efectivas as promessas feitas na proclamação, que em 28 do passado vos dirigirão; cumpria tirar a provincia do estado acefalo, a que a avia reduzido o prezidente nomeado.

Isto se fez, e no dia 16 do corrente, xamado pela camara municipal da capital á vice-prezidencia da provincia o cidadão, que, segundo a lei, devia administral-a, foi empossado do cargo de vice-prezidente perante a assembléa provincial o Dr. Americo Cabral de Melo.

Rio-grandenses! Si provas falecessem para destruir-se essa idéa de um partido republicano na capital, muito acinte e meditadamente levantada, assaz era vêr-se á frente da administração um cidadão, que de tempos anteriores tem dado sobejas provas, n'esse mesmo emprego, de obediencia á lei e respeito ao trono constitucional do Sr. D. Pedro Segundo.

Respeitai-o pelos seus actos; observai suas deliberações, e ficai tranquilos na bem fundada esperança de que brevemente dezaparecerá̃o os males, que vos oprimem, pois é

esse o alvo dos trabalhos e esforços dos vossos reprezentantes.

Viva a união e integridade do imperio!
Vivão os poderes politicos da nação brazileira!
Vivão os Rios-grandenses!
Viva o dia 20 de Setembro!

Paço da assembléa legislativa da provincia do Rio-grande do sul,em Porto-alegre, aos 25 de Fevereiro de 1836.

Francisco Xavier Ferreira, prezidente.
Antonio Alvares Pereira Coruja, 1°. secretario.
Juliano de Faria Lobato, 2°. secretario.

(Impresso avulso: Proc. da rebel. fol. 249.)

---

28 de fevereiro de 1836

Bento Gonçalves intima o prezidente Araujo Ribeiro para sahir da provincia.

Illm. Sr.

Ao infrascrito coronel commandante superior interino da guarda nacional e particularmente encarregado por oficio do Exm. Sr. vice-prezidente da provincia, o Dr. Americo Cabral de Melo, cuja copia incluo, não só para dispersar os rebeldes e dezordeiros, como tambem para pacificar a provincia, não cabe a menor duvida, que V. S. já estará informado da grande força armada, que se axa em campo, afim de sustentar a deliberação da assembléa provincial, e a autoridade do mesmo Exm. Sr. legalmente empossado, e já reconhecido pela maioria das camaras municipaes, excetuados alguns poucos, cujos municipios ainda se axão ocupados pelas reuniões ilegaes e anarchicas, que V. S. sem competente autorização se tem servido ordenar.

Conta igualmente, que V. S se axará prezentemente convencido da inutilidade de uma rezistencia, a qual unicamente acarretaria a deploravel efuzão de sangue brazileiro, sem conseguir a sustentação de uma posse ilegal, e de uma autoridade, que V. S. incompetentemente se arroga.

Cumpre portanto ao infrascrito coronel, em fiel desempenho da onroza commissão, de que se axa encarregado,

intimar, como terminantemente intima a V. S., de dezistir de qualquer ulterior tentativa anarchica, de mandar dissolver as reuniões, que em seu nome existem armadas, e de sahir immediatamente V. S. da provincia, não dando lugar com uma inutil rezistencia a que as forças, que tenho a onra de mandar, obriguem os facciozos a voltar ao trilho do seu dever e do respeito ás leis com armas, unico meio, que nas actuaes circunstancias, ainda que a seu pezar, ficaria ao infrascrito comandante para cumprir com as ordens superiores.

O capitão Joaquim Teixeira Nunes vai por mim encarregado de receber a sua resposta, a qual V. S. se servirá de dar deciziva e pronta, na inteligencia de que, si elle se demorar mais do que julgue precizo, considerando a sua tardança como negativa á prezente intimação, começarei immediatamente a operar.

As medidas, que levo indicadas, são as unicas, que a meu parecer poderão poupar o preciozo sangue brazileiro, e pacificar immediatamente a provincia, visto que as forças de meu mando nada mais almejão, que a paz e tranquilidade da mesma, a sustentação da constituição reformada, a integridade do Imperio, o governo do Sr. D. Pedro Segundo, e a glorioza revolução de 20 de Setembro.

Confio em suas luzes e prudencia, e desde já o faço responsavel das victimas, que se imolarem e dos males que possão provir de uma mal entendida tenacidade, perante o ceo, o Brazil, e o governo de Sua Magestade Imperial e Constitucional.

Deus guarde a V. S.

Campo em marxa no Piratinin-grande 28 de Fevereiro de 1836.

Illm. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro.

Bento Gonçalves da Silva, coronel commandante superior interino da guarda nacional.

(*Liberal Rio-grandense* n. 26, de 31 de Março de 1836.)

28 FEVEREIRO DE 1836

Bento Gonçalves exige da Camara Municipal do Rio-grande o reconhecimento do Vice-Prezidente Americo Cabral.

Em oficio de 28 de Fevereiro de 1836, escrito em Piratinin-grande, Bento Gonçalves communica á camara municipal do Rio-grande a posse do vice-prezidente Americo Cabral de Melo, e declara, que o reconhece como tal para evitar que elle Bento Gonçalves « faça uzo das armas » ; que estava incumbido pelo dito vice-prezidente de tomar todas as providencias para dispersar todos os rebeldes e dezordeiros, que se axão no Rio-grande, São Jozé e Pelotas.

A camara muncipal do Rio-grande, em 2 de Março de 1836 responde, que tinha reconhecido como prezidente a Jozé Araujo Ribeiro, e diz, que não dezespera que Bento Gonçalves se afaste da estrada do crime.

(*Correio Official*, n. 66 de 23 de Março de 1836.)

---

29 DE FEVEREIRO DE 1836

Participa a posse do vice-prezidente na falta do Dr. Araujo Ribeiro.

Tenho a onra de levar ao conhecimento de V. Ex., que, tendo sido xamado o Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro pela assembléa legislativa provincial para perante ella prestar juramento e ser empossado do governo da provincia, e sendo marcado o dia 15 do corrente mez, e não comparecendo elle, fui eu empossado, na fórma da lei, da administração da mesma, sendo o vice-prezidente mais votado então prezente: o que V. Ex. se dignará levar ao conhecimento do Regente do Sr. D. Pedro Segundo.

Deus guarde a V. Ex.

Porto-alegre 29 de Fevereiro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.

Americo Cabral de Melo.

(Archivo publico.)

FEVEREIRO E MARÇO DE 1836

Força: guarda nacional.

Em 25 de Fevereiro de 1836 o prezidente Araujo Ribeiro « convoca e xama a serviço de destacamento toda a guarda nacional para manter a obediencia ás leis, restabelecer a ordem, e tranquilidade publica. »

Em 14 de Março de 1836 Araujo Ribeiro participa ao governo, que Bento Manoel destacára a sua força na fórma seguinte:

Coronel Jozé Ribeiro d'Almeida com 150 omens em Alegrete.

Tenente-coronel Jozé Luiz Ozorio com 150 omens em Cassapava.

Tenente-coronel Antonio de Medeiros Costa com 200 omens em Bagé.

Tenente-coronel João da Silva Tavares com 150 omens em Jaguarão.

Que Bento Gonçalves e Afonso Côrte-real tinhão dezaparecido diante da força de Bento Manoel.

Que Bento Manoel, destacando a força na fórma supra, ficára com 800 omens, e ia para Rio-pardo refazer-se do necessario.

Corria, que Onofre Pires avia batido a força legal do capitão Francisco Pinto Bandeira em Torres, tomando-lhe duas peças.

---

2 DE MARÇO DE 1836

Cuter *Minuano* atacado e submergido.

Rio-grande 2 de Março de 1836.

O cuter de guerra *Minuano*, que se axava na Lagôa-merim, e que, rezistindo ás ordens do Exm. prezidente da provincia, não se avia recolhido a este porto, foi atacado pelo iate de guerra *Oceano*, que d'esta cidade foi mandado para apreendel-o, e ficou submergido, falecendo 18 pessoas

no cuter, e ficando 14 prizioneiros; e do iate morreo 1 preto, e ficou 1 marinheiro ferido.

(*Liberal.*)

Commandava o iate o tenente Manoel Joaquim Junqueira, com 37 praças de guarnição.

O ataque foi em Canudos, durou 3/4 de ora, avendo vivo fogo de metralha e fuzilaria, etc.

---

3 DE MARÇO DE 1836

Mudança da capital para o Rio-grande.

O Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo ha por bem, que a tezouraria de fazenda da provincia do Rio-grande do Sul se transfira immediatamente para o lugar, que o legitimo prezidente da dita provincia julgar mais conveniente; e que ahi se conserve emquanto na cidade de Porto-alegre não estiver restabelecida a ordem legal.

Manoel do Nacimento Castro Silva, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, assim o tenha entendido o faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro 3 de Março de 1836.

DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

Manoel do Nacimento Castro Silva.

Igual autorização se expedio relativamente á mudança d'alfandega.

---

4 DE MARÇO DE 1836

Posse d'Araujo Ribeiro no Rio-grande,

V. Ex. dice-me nas instruções, que me fez a onra de dar, que eu não arriscasse minha entrada em Porto-alegre, sem que eu estivesse certo de que lá me avião de dar posse; e á vista d'estas palavras, tenho-me julgado autorizado a dizer, que as minhas instruções me indicavão o passo, que dei; e declararei aqui, que, si n'esta parte não encontro o apoio do governo imperial, e os anarchistas sabem, que sou

dezaprovado, d'ahi virão graves inconvenientes; porquanto assim como elles pretestão os actos do prezidente para dezobedecerem ao governo geral, tambem pretestarãõ os d'este para derribarem aquele.

(Oficio d'Araujo Ribeiro ao ministro da justiça de 4 de Março de 1836.)

---

5 DE MARÇO DE 1836

Mudança da tezouraria de fazenda de Porto-alegre para onde estiver o prezidente.

Por decreto de 5 corrente mez (Março de 1836) o Regente em nome do Imperador, ouve por bem mandar cessar todo o expediente d'alfandega de Porto-alegre, e que os empregados se aprezentem ao legitimo prezidente, para serem adidos ás alfandegas da cidade do Rio-grande e vila de São Jozé do Norte.

Por outro decreto da mesma data se ordena ao Inspector da tezouraria da provincia transfira a dita tezouraria para onde o legitimo prezidente entender mais conveniente, na inteligencia de que o governo fará responsavel não só a elle como a todos os mais empregados por toda e qualquer quantia despendida a beneficio dos rebeldes de Porto-alegre.

Eis aqui, continentistas, a maneira por que o Sr. Diogo Antonio Feijó quer reduzir á mendicidade a mais rica e populoza parte da nossa provincia.

Eis aqui, abitantes dos municipios, que acima apontamos (Porto-alegre, Triunfo, Patrulha, Rio-pardo, Caxoeira, Caçapava e Alegrete), as vossas cazas, as vossas fazendas a valerem a terça ou quarta parte do que até aqui valião.

Eis aqui, industriozos colonos de São-Leopoldo, o produto de vossas fadigas reduzidos a nenhum valor, as vossas terras, que muitos sacrificios vos hão custado para lhes darem valor igual ao vosso trabalho, reduzidas tambem ao mesmo estado!

. . . .

Quem não se aprezentará armado para obter a execução de taes decretos ?!

....

(Do *Continentista.*)

(*Paquete do Rio* n. 112 de 20 de Maio de 1836.)

---

9 DE MARÇO DE 1836

Remessa de força.

Rio de Janeiro.

No dia 9 do corrente (Março de 1836) largou d'este porto para o do Rio-grande a expedição, que o governo central d'aqui manda para aquela provincia, constante de tres vazos de guerra, um transporte, em que vão 400 praças, caçadores e artilheiros, 4 peças de 6, e 2 obuzes com todos os seus competentes petrexos e armamento proprio para cavalaria.

Esta tropa, commandada pelo brigadeiro Antonio Eliziario de Miranda Brito, vae ser encorporada em Santos com mais 100 praças, que já terão decido de São-Paulo.

(*Correio Oficial* da côrte.)

Esta expedição dezembarcou na vila de São-Jozé do Norte a 24 de Março de 1836.

---

17 DE MARÇO DE 1836

Combate do Rozario.

Illm. e Exm. Sr.

Já participei a V. Ex., que no dia 17 de Março foi a divizão commandada por Afonso Corte-real completamente derrotada, ficando cerca de 150 mortos, e outros tantos prezos, em cujo numero conto o mesmo Afonso Corte-real, que conservo com toda segurança.

Os outros pela dificuldade de os conservar, soltei-os, e parte servem comnosco, e alguns fôrão para suas cazas.

Deos Guarde a V. Ex.

Campo volente da estancia do finado Farinha 6 de Abril de 1836.

Illm. e Ex. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, prezidente da provincia.

Bento Manoel Ribeiro.

P. S. Marxei a atacar Bento Gonçalves, que passou Santa-Maria em São-Borja, repassou em Dom-Pedrito, e fugio.

Nas pontas de Camaquan-xico dividio a gente, parte com Antonio Neto, e parte com elle para Porto-alegre.

Eu sigo pela a cidade de Pelotas, para onde se encaminha Antonio Neto.

(Impresso avulso.)

---

17 DE MARÇO 1836

Combate do Rozario.

Costa do Saican 22 de Março de 1836.

As ultimas minhas foi participando-lhe, que estavamos preparados, e principiavamos já a aparecer de parte á parte.

Depois fiz a minha reunião com o tenente coronel Manoel dos Santos Medeiros no Passo do Melo, em Jaguarão, vindo em meu seguimento Bento Gonçalves com 800 homens; mas como fizessemos a nona retirada até Bagé, nos reunimos com o commandante das armas no Jaguari no dia 13, e pondo-nos em marxa sobre a força, que perseguia o comandante das armas, commandada pelo coronel Afonso Corte-real, que vinha com 900 homens sobre elle, o avistámos ás 7, e ás 8 da manhan do mesmo dia tivemos a felicidade de batel-o, derrotando-o completamente, e aprizionando o mesmo coronel, e 153 homens entre todas as classes, prizioneiros e feridos.

Não se póde saber com certeza dos mortos dos contrarios, sinão de 172, que os vizinhos do passo do Rozario, e das

immediações participão ao commandante das armas terem enterrado, pois que nós seguimos, perseguido-os; além d'aqueles mortos outros 30 mais o fôrão por uma partida da vanguarda, que seguio-os de perto.

Teve Bento Gonçalves este transtorno por não poder reunir-se a Afonso Corte-real, como pretendia, para atacarnos, e agora acabamos de ter parte, que se axa na costa de Santa Maria junto ao passo do Rozario com 900 homens.

Aqui estamos á espera de cavalos para ir sobre elle, até batel-o, pois temos gente bastante, e se nos vai reunindo todos os dias.

De nossa parte a perda é muito limitada; de meu corpo ha 14 feridos, entre estes são conhecidos Jozé Antonio Lopes, José da Silva Vieira, Alberto Felix Joaquim Leandro, Tristão Moniz e Zeferino Campos.

Não escrevo a mais ninguem por não ter tempo para isso, etc., etc.

João da Silva Tavares.

(*Paquete do Rio* n. 100 de 5 de Maio de 1836.)

---

23 DE MARÇO DE 1836

Sr. Redator.

Estou informado de que um maligno trama, calculado para enegrecer o meu carater, e perseguir a minha familia, se urdio na cidade de Porto-alegre, forjando-se um oficio dirigido por mim ao commandante das armas, em que lhe pedia, que mandasse assassinar 27 pessoas, e prender para me remeter, ou assassinar tambem a 43 outras, todas constantes de uma lista, que lhe ajuntárão, e todas pessoas que eu não conheço.

Estes falsos papeis se aprezentárão á assembléa provincial como correspondencia minha interceptada; e a esse passo seguio-se logo o de fazer-se uma petição para que meu pai fôsse recolhido á cadeia com toda a sua familia.

Eu me calaria, Sr. Redator, e deixaria o desmentido

de tão vil calunia ao bom senso dos nossos comprovincianos, si elle se dirigisse sómente contra mim; por isso que no seu objeto se involve tambem a perseguição de meu pai e de minha familia, eu me julgo no dever de quanto antes declarar solenemente ao publico, que são falsos aqueles papeis, que caluniozamente me atribuem, e que desde já faço responsabilizar a seus autores não só pela injuria, que fazem á minha reputação, como pela perseguição, que tramão contra os membros da minha familia.

Rio-grande aos 23 de Março de 1836.

Sou, Sr. Redator, seu muito atento venerador,

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(*Liberal* n. 25 de 29 de Março de 1836.)

---

2 de abril de 1836.

Pede a conservação do Prezidente Araujo Ribeiro.

Senhor.

A camara municipal da vila de São-José do Norte, provincia do Rio-grande do sul, implora a V. M. Imperial a graça de conservar na prezidencia d'esta provincia o Ex. prezidente atual, que para o mesmo lugar V. M. Imperial nomeou, o Dr. Jozé de Araujo Ribeiro, requizitando do poder legislativo a dispensa de comparecer como deputado á assembléa geral na sessão proxima futura.

A opinião publica, que goza na provincia este digno delegado do governo de V. M. Imperial e sua administração em crize tão perigoza, tem feito de dia em dia aumentar as forças da legalidade, reunidas e commandadas pelo Ex. comandante das armas o benemerito coronel Bento Manoel Ribeiro, e por outros valentes oficiaes terem salvado esta vila da invazão dos inimigos da lei e do governo de V. M. Imperial, que á meia legoa de distancia se axão em armas, sitiando-a, e dezolando todo o municipio, tem combinado o plano de restabelecer a ordem, e dissipar a anarchia n'esta provincia com o auxilio e providencias do governo de V. M. Imperial.

Portanto, Senhor, é conveniente á intigridade do municipio, que esta cauza se conclua por quem começou a advogal-a.

Deus guarde a V. M. Imperial.

Palacio da camara municipal da vila de São-Jozé do Norte em sessão de 2 de Abril de 1836.

Francisco J. Velho.
João A. da Silveira.
M. da Silva Araujo.
J. da Costa Torres.
P. J. dos Santos Nobre.
J. S. Vilalobos.

(*Paquete do Rio* n. 97 de 1836.)

---

6 DE ABRIL DE 1836.

Ordena a reunião de gente.

Illms. Srs.

Em virtude das ordens, que acabo de receber do Exm. Sr. vice-prezidente d'esta provincia Dr. Marciano Pereira Ribeiro, á requizição do coronel commandante superior da guarda nacional, e do exercito pacificador, o coronel Bento Gonçalves da Silva, passo a ordenar a Vms., que procedão com todo o rigor a reunir todos os cidadãos dos seus quarteirões, que estejão nas circunstancias de servir nas armas de cavalaria, para marxarem ao mando do major de legião Jozé Alves de Moraes, a fazerem junção com a coluna do coronel Bento Gonçalves da Silva, e desde já ponho á dispozição d'aquele major toda a gente, que possa seguir, isto dentro de 4 dias, com suas roupas e armamentos já recebidos, e cavalhada, que trouxerão; e os Srs. inspetores, cada um deverá aprezentar a sua gente áquele major dentro de 4 dias, com a pena de que assim o não praticando, ficarãõ Vms. responsaveis perante o Exm. vice-prezidente da provincia, ficando Vms. na inteligencia que

o mesmo prezidente tem dado todas as providencias para serem socorridos com roupa, dinheiro, etc., a todos os cidadãos que marxarem a se reunirem ao exercito.

Incluzo remeto a Vms. proclamações do coronel Bento Gonçalves da Silva, para verem o estado prezente ; e deverão todos os Srs. inspectores assinar a prezente circular para minha inteligencia.

Deus guarde a Vms. muitos annos.

Freguezia de Nossa Senhora do Rozario, 3° distrito d'esta cidade, 6 de Abril de 1836.

Illms. Srs. inspetores do 3.° distrito de minha jurisdição.

Ignacio Jozé d'Abreu, juiz de paz do 3°. distrito.

Inspetores assinados :

Manoel Jozé Teixeira.
Jozé Antonio Pinto.
Eleuterio Antonio de Medeiros.
Antonio Rodrigues Braga.
Antonio Pereira Nunes.
Jozé Francisco de Souza.
Manoel Estevão de Rezende.

(Archivo publico: Proc. da rebel. fol. 233.)

---

7 DE ABRIL DE 1836.

Rendição de Pelotas.

Carta particular escrita de Montevideo sobre o Rio-grande do Sul.

No dia 7 do corrente (Abril de 1836) São-Francisco de Paula sucumbio, atacado por uma coluna de 1.000 omens ao mando dos valentes xefes general João Manoel de Lima, coronel xefe da vanguarda Antonio Neto, e commandante Domingos Crecencio de Carvalho.

A vila estava defendida por uns 100 omens, resto dos

200 de cavalaria commandados pelo coronel Albano de Oliveira e batidos anteriormente pelo coronel Antonio Neto, 150 omens de infantaria de veteranos com 3 peças de artilharia commandados pelo sargento-mór Manoel Marques.

A ação, que durou 3 oras, foi sanguinolenta, pois os sitiados fizerão uma rezistencia digna de elogio...

O combate foi quazi todo de armas brancas, e o resultado foi uma perda de parte á parte dos retrogrados de mais de 130 homens, muitos officiaes prizioneiros, entre elles o coronel Albano de Oliveira.

Tomada São-Francisco de Paula, a coluna marxou reunida a outras partidas sobre o Rio-grande, e a sua força montava a 1.500 omens, que manobra de combinação com uma brigada de 800 omens composta de artilharia, infantaria, e cavalaria, commandada pelo benemerito coronel Onofre Pires da Silveira, além de outros valentes oficiaes, que com suas partidas ostilizão incessantemente a cidade do Rio-grande.

É indubitavel, que o prezidente e os retrogrados, que o acompanhão se axarãõ d'aqui a poucos dias no extremo de entregar-se vergonhozamente.

Em Porto-alegre reina o maior entuziasmo pela cauza dos farroupilhas.

(*Paquete do Rio* n. 138 de 25 de Junho de 1836.)

---

9 DE ABRIL DE 1836.

Embargo das embarcações; providencia sobre os vencimentos dos empregados da alfandega de Porto-alegre.

Illm. e Exm. Sr.

A quota dos rendimentos d'esta alfandega é, como V. Ex. sabe, o unico meio de subzistencia dos seus empregados.

A alfandega para nada, absolutamente nada tem rendido, depois que o prezidente nomeado para esta provincia embargou a vinda das embarcações para esta cidade, e V. Ex. não póde desconhecer a que vexames estão expostos taes

empregados, assim privados do unico meio de alimentar-se e a suas familias.

O embargo, Exm. Sr., parece ter ainda de durar, e si dura, é evidente, que os empregados d'esta repartição ficaráõ inhibidos de ocorrer á sua subzistencia, si V. Ex. não lançar sobre elles suas vistas, e tratar de remediar o mal, marcando-lhes provizoriamente um ordenado qualquer, para que lhes seja pago sómente emquanto durar o embargo das embarcações, que se dirigem á esta cidade; o que em nome de todos os mesmos empregados requeiro a V. Ex., e espero obter, certo dos principios de equidade, que V. Ex. professa.

Deus guarde a V. Ex.

Porto-alegre 9 de Abril de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-prezidente da provincia.

Francisco Prestes de Paula Barreto, inspetor interino.

(Archivo publico: Proc. da rebel., fol. 92.)

---

25 de abril de 1836.

Capitulação de Pelotas em 25 de Abril de 1836.

A força, que tenho a onra de comandar, querendo evitar a efuzão de sangue de seus compatriotas, que necessariamente correrá, si elles não admittirem uma capitulação onroza, declara: Que deporá as armas, si o commando da força, que sitia, garantir as vidas e todas as mais considerações, com que entre povos civilizados se costumão tratar os prizioneiros; protestando, no cazo de se lhe negarem condições, não as abandonar sinão quando tenhão exalado o ultimo suspiro, porque prezão mais a onra do que a vida.

Manoel Marques de Souza, major commandante militar da cidade de Pelotas.

Resposta.

O comandante das forças sitiantes da cidade de Pelotas, dezejando evitar a efuzão de sangue brazileiro, quo impreterivelmente averia, si a força sitiada não depuzesse as armas, declara: Que aos militares e mais individuos da força sitiada serão garantidas as vidas e todas as mais considerações, com que entre os povos civilizados é costume tratar-se os prizioneiros, e isto em toda a sua plenitude, desde o momento em que depuzerem as armas.

Cidade de Pelotas 7 d'Abril de 1836.

João Manoel de Lima Silva, commandante interino das armas.

(*Paquete do Rio* n. 125 de 7 de Junho de 1836.)

---

14 DE MAIO DE 1836.

Proclamação.

Rio-grandenses!

Segunda vez xamado á vice-prezidencia da provincia, uo tive de curvar-me ao preceito da lei em circunstancias taes, em tão dificil situação, que certo intimidarião os corações mais firmes.

O dezejo de corresponder á onroza confiança, com que me aveis distinguido, e a esperança de que serei constantemente coadjuvado pelos esforços de um povo eroico e bravo, e sobretudo a convicção da justiça da cauza, que sustentamos, me alentão no empenho de vencer quaesquer obstaculos, que possão aprezentar-se no caminho escabrozo, que percorremos.

Compatriotas! a iluzão continua, e a calunia têem prevalecido. O omen enviado pelo governo para remediar os males cauzados pela transacta administração, como por nossas dissenções, e que dizia trazer-vos o *ramo d'oliveira*, longe de corresponder ás vistas do governo, e á

expectação publica, é oje o nosso mais cruel inimigo, e o maior verdugo de sua patria.

A provincia, que antes de sua vinda se ia tornando a abitação da paz e da industria, é atualmente o teatro da violencia, da devastação e da morte.

Despeitozo por se lhe aver demorado a posse, acto aliás legal, ditado pela prudencia, e a que dera motivo a sua conduta insidioza e impolitica, jurou desde logo perder-nos, e sacudindo o faxo da discordia, e agitando as furias da guerra civil, tem comprimido no Rio-grande sua brioza população, e calcado aos pés a constituição e as leis, atacando a liberdade individual, violando o direito de propriedade, e suspendendo assim de facto todas as garantias do cidadão.

É em seu nome e a titulo de favorecer sua posse, é por sua cauza, que órdas de salteadores acabão de assaltar a capital, e que n'ella, em Pelotas, Mostardas, e no malfadado passo do Rozario se tem derramado o sangue de nossos irmãos.

É por elle, e por suas falsas informações, que fôrão extorquidos á boa fé do governo e á ignorancia de nossas localidades e couzas os decretos iniquos, e inexequiveis de mudança da capital, tezouraria e alfandega para o Rio-grande; decretos de morte para a maior parte da provincia, e cuja execução reduziria á tapéra a nossa mais bela cidade.

É emfim elle quem tem aventado já a sediça idéa de separação e republica, e tal é o manto, com que se cobre, para tornar cumplice de seus crimes o governo central, arrastando para exterminar-nos a população brazileira.

A cauza porém do intruzo e do tirano é de tal modo insustentavel, que, minado de crueis receios, elle não consente, que para a côrte se traspasse uma só carta, um só oficio, se transporte uma só pessoa, que alçando o brado, e levando ante o trono a verdade, possa repetir os clamores da sua execranda prepotencia, e faça recuar de orror o Brazil. Confiai portanto no mesmo governo.

Um prezidente, que enxa os votos da provincia, votos de brazileira união, de paz, concordia, esquecimento do passado, e segurança no futuro, é quanto dezejamos, a

provincia reclama, e tem pedido por meio de seus reprezentantes.

Rio-grandenses! Persigamos o perfido, que, fomentando nossa dezunião, tenta assim arteiramente destruir as generozas instituições de que gozamos. Atentae bem, que a nossa futura sorte será a vexação mais ignominioza, si não fizermos uma guerra ao barbaro, que nos ultraja.

Guerra pois ao tirano, e confiae, que o triunfo será infalivel, porque a cauza que defendeis é a da razão e da justiça, e depois da vitoria dezenganae aos iludidos, bradando:

Viva a constituição reformada!

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional do Brazil!

Vivão os Rio-grandenses!

Viva o dia 20 de Setembro!

Palacio do governo da provincia em Porto-alegre 14 de Maio de 1836.

Dr. *Marciano Pereira Ribeiro.*

(Impresso avulso: Proc. da rebel. fol. 245.)

---

21 DE MAIO DE 1836.

Dissolução de corpos.

Por decreto de 21 de Maio de 1836 fôrão dissolvidos o 2°, 3° e 4° corpos de cavalaria, o 1° de artilharia a cavalo, e o 8° batalhão de caçadores, todos de 1ª linha « por ter grande parte de seus oficiaes tomado parte activa na sedição ocorrida na provincia da Rio-grande do sul. »

(*Paquete do Rio* n. 118.)

---

2 DE JUNHO DE 1836.

Ataque das canhoneiras no rio São-Gonçalo (Passo dos Negros.)

O major João Manoel de Lima Silva, com Antonio Neto e Domingos Crecencio, postão na margem do norte do rio

São-Gonçalo 6 bocas de fogo e atacão 1 vapor, e 2 canhoneiras do governo imperial.

As canhoneiras erão: — São-Pedro, e Oceano. A canhoneira São-Pedro ficou em poder dos rebeldes.

Perda dos legalistas:	Mortos.	4
	Feridos.	4
Perda dos rebeldes:	Mortos.	3
	Feridos	3

No oficio do prezidente de 5 de Junho de 1836 se diz, que os rebeldes « perdêrão uns 90 omens ».

---

15 DE JUNHO DE 1836.

Restauração de Porto-alegre. Proclamação.

Abitantes de Porto-alegre! Foi para minorar vossos males, para defender a cauza da justiça e da umanidade, que me puz á frente do prezente movimento, annuncio feliz de que as armas da legalidade hão de triunfar d'esse partido infame, que tantos orrores tem espalhado sobre a nossa cara patria.

Axa-se pois esta capital livre do perigo, que a oprimia, sem que se derramasse uma só gôta de sangue; mas para que continue a manter-se a boa ordem, unica diviza dos defensores do governo legal, eu vos rogo, caros patricios, que me coadjuveis, pondo em pratica vossa prudencia, e todas as mais virtudes, de que sois dotados, não permitindo que se cometa o mais pequeno insulto; pois é só ao governo a quem compete castigar aos criminozos.

Abitantes de Porto-alegre! Vivei tranquilos em vossas cazas, e tende confiança nas minhas dispozições, que todas se dirigem a prol do vosso socego e do vosso bem-estar.

Viva o Sr. D. Pedro Segundo!
Viva a constituição!
Viva a assembléa geral legislativa!
Viva o Exm. Sr. prezidente Jozé d'Araujo Ribeiro!

Viva o Exm. Sr. general das armas Bento Manoel Ribeiro!

Vivão os Rio-grandenses amantes da legalidade!

Porto-alegre 15 de Junho de 1836.

João de Deus Mena Barreto, marexal de exercito.

(*Jornal do Comercio* de 9 de Julho de 1836.)

---

15 DE JUNHO DE 1836.

Restauração de Porto-alegre.

Amigos e camaradas do 8° batalhão de caçadores de 1ª linha.

O triunfo, que acabaes de conseguir debaixo de meu comando, sem a mais leve efuzão de sangue, contra essa orda de anarchistas, que infelizmente, desde 20 de Setembro do anno proximo passado até a noite de 14 para 15 do corrente mez e anno, avião flagelado esta capital, commetendo os mais feios e orrorozos crimes, é sem duvida uma verdadeira prova do nobre entuziasmo e decidida fidelidade ao nosso joven monarca o Sr. D. Pedro Segundo; é sem a menor contradição uma clara evidencia do vosso desmarcado valor, da vossa cega obediencia na execução de minhas ordens, e da mais decidida adezão á Constituição e á integridade do Imperio.

Por tão brilhantes feitos, meus camaradas, eu me congratulo comvosco, eu vos dou os meus puros e sinceros agradecimentos; e vivei seguros de que o governo do mesmo augusto Senhor premiará vossos sacrificios, e os povos, a quem salvastes da mais feia escravidão, vos bemdirão por lhe averdes corajoza e nobremente libertado do mais orrendo cativeiro.

Sim, meus camaradas, em trez oras conseguimos o mais assinalado triunfo em todos os pontos guarnecidos d'esta cidade, restaurando n'ella a lei, e a immensas vitimas sacrificadas pela orroroza barbaridade d'esses monstros ainda mais ferozes do que os tigres; é a gloria maior, que póde

caber a militares distintos como vós, e na vossa mesma consciencia encontrareis o premio, e a recompensa de serviços tão relevantes em prol da patria e da umanidade. Avendo-se pois conseguido em toda esta cidade um triunfo geral, cumpre agora, camaradas, que nos entreguemos todos ás sabias e prudentes dispozições do nosso general o Exm. Sr. marexal de exercito João de Deus Menna Barreto, cujos eroicos feitos sendo entre nós conhecidos, não devemos duvidar, que este digno general, tão conhecido por suas belas qualidades, cooperará para o nosso bem estar, e segurança individual.

Viva o Sr. D. Pedro Segundo !
Viva a Constituição reformada !
Viva a Assembléa geral legislativa !
Viva o Exm. Sr. prezidente Jozé d'Araujo Ribeiro!
Viva o Exm. Sr. general das armas Bento Manoel Ribeiro !
Vivão os Rio-grandenses amantes da legalidade !
E viva o 8º batalhão !

Quartel do 8º batalhão de caçadores de 1ª linha 15 de Junho de 1836.

Antonio Carneiro de Sampaio da Fontoura, alferes e commandante interino do batalhão.

(Impresso avulso.)

---

16 DE JUNHO DE 1836.

Restauração de Porto-alegre do poder dos rebeldes.

Illm. e Exm. Sr.

Conseguindo alguns oficiaes persuadir ao 8.º batalhão de caçadores para livrar a capital dos sediciozos, que a oprimião ha 9 mezes, em a noite de 14 para 15 do corrente mez acommeterão todos os pontos, que a titulo de defeza contra qualquer esforço da legalidade se axavão fortificados, e guarnecidos pela guarda naci nal, e rendendo-se ao primeiro

assomo, e sem efuzão de uma gota de sangue, entre vivas á Constituição, ao Sr. D. Pedro Segundo, á legalidade e á V.Ex., fôrão sobre a madrugada do dia 15 convidar-me para, á testa d'elles, dirigir e dar as providencias, que fossem convenientes ao bom exito da cauza, que defendião, e sendo ella tão sagrada para deixar de prontamente acudir ao convite; com efeito soltarão-se immediatamente os oficiaes prezos, que consta da relação junta em numero 1, e prenderão-se os cabeças e mais influentes da facção sedicioza, constantes da relação n. 2; e para xamar a atenção dos amigos da ordem para um centro e ponto de reunião, publiquei a proclamação n. 3.

Manifestava-se um rigozijo geral nos abitantes d'esta cidade, testimunho evidente do muito que sofrião de seus opressores; não devo porém dissimular a V. Ex. o perigo em que nos axamos, com bem deminutas forças, e ameaçados de todos os lados, si o ouzado xefe da facção anarchista emprender algum golpe de mão antes de nos xegarem auxilios; porquanto queira V. Ex. tomar com presteza aquelas medidas, que julgar adequadas, afim de sustentar uma empreza tão felizmente começada.

Deus guarde a V. Ex.

Cidade de Porto-alegre 16 de Junho de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro.

João de Deus Mena Barreto, marexal do exercito.

(*Jornal do Comercio* de 9 de Julho de 1836.)

---

15 DE JUNHO DE 1836.

Pessoas soltas depois da restauração de Porto-alegre em 15 de Junho 1836.

Brigadeiro Manoel Carneiro da Silva Fontoura
» Tomaz Jozé da Silva
Coronel Visconde de Castro
Major Manoel Marques de Souza

Capitão Jozé Pinto de Carvalho
» João da Costa
» João Maxado da Silveira
» Antonio Manoel de Souza
» Francisco Jozé d'Amorim
» Enrique Maucier
Alferes Victor d'Oliveira Pinto
Padre Francisco de Paula Macedo
Luiz Antonio da Silva.

(Impresso avulso.)

---

27 DE JUNHO DE 1836.

Intimação a Porto-alegre para render-se aos rebeldes.

Illm. e Exm. Sr.

Tendo cahido essa capital em poder dos facciozos por meio da mais negra traição; e constando-me que V. Ex. se axa á frente das forças que a guarnecem; movido unicamente pelos dezejos de evitar a efuzão de sangue, e de remover os males que podem sobrevir, sendo eu compelido a retomal-a por viva força, intimo-lhe, que oje mesmo, antes de se pôr o sol, deponhão as armas as mencionadas forças, e seja reconhecido o legitimo governo do Exm. Sr. vice-prezidente o Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Persuado-me, que V. Ex. não quererá cobrir seu nome de oprobrio e maldição, insistindo em uma inutil rezistencia.

Não resta recurso algum á facção rebelde: a cidade do Rio-grande, a villa do Norte estão já livres do pezado jugo, que as oprimia, e o caudilho dos anarchistas, Bento Manoel, batido em a noite de 31 do mez proximo passado, corre com precepitada e vergonhoza fuga a ocultar-se nas brenhas e dezertos de Missões, acoçado ainda por minhas forças.

Basta de carnagem; e seja o ultimo sangue vertido o que banhou em os dias 21 e 22 do corrente as margens dos passos de São-Leopoldo e Portão, quando fôrão completamente derrotados os colonos ocidentaes, que, aliciados pelos facciozos, vinhão em seu auxilio.

Não queira V. Ex. ser insensivel ás augustias d'este povo, vitima dos males, que traz comsigo o sitio apertado, em que se axa; atenda aos gemidos de tantas espozas dezoladas, de tantos orfãos infelizes, que lhe pedirãõ severa conta de seus maridos e paes imolados á louca tenacidade de um punhado de perversos; e rendendo prontamente as armas, evite V. Ex. os imensos dezastres, que ameação já de perto a essa capital; pelos quaes faço a V. Ex. e a todos os mais xefes da reação responsaveis perante o céo e o mundo.

Espero, que V. Ex., assim o fará; podendo contar, que nenhuma só gota de sangue será derramada, uma vez que V. Ex., dentro do prazo acima indicado, annua a esta minha intimação.

Deus guarde a V. Ex.

Campo junto á cidade 27 de Janeiro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. marexal do exercito João de Deus Mena Barreto.

Bento Gonçalves da Silva, coronel commandante das forças em operações.

(*Jornal do Comercio* de 20 de Agosto de 1836.)

N. B. Deu-se o ataque de Porto-alegre a 30 de Junho de 1836, por mar e por terra; fôrão as forças rebeldes repolidas.

---

3 DE JULHO DE 1836.

Reprezentação pedindo a Antonio Elziario para sustar a posse da prezidencia da provincia.

A' camara municipal d'esta cidade, a quem coube a gloria de ter sido a primeira, que cooperou com todo o zelo e eficacia, que esteve de sua parte, para suplantar a facção, que sobre ter dilacerado os vinculos sociaes, que formavão o tegume da existencia politica d'esta bela provincia, tem estendido o seo arrôjo ao ponto de querer desmembrar-nos da associação brazileira; solicita em evitar a mais pequena interrupção nos progressos, com que temos marxado ao complemento da grande obra de arrancar a provincia das garras

da violenta anarchia, que a tem dezolado, apenas soube d[a] rezolução do governo central na demissão do actual prezi[-] dente, o Dr. Jozé d'Araujo Ribeiro, fazendo-o substituir p[or] V. Ex., assinou com os funcionarios publicos e mais cida[-] dãos n'esta cidade e vila de São-Jozé do Norte uma repre[-] zentação ao governo de S. M. I., suplicando a conservação do mesmo Exm. prezidente, cuja subita e inesperada mu[-] dança vae destruir os canaes, por onde aquele abil admi[-] nistrador encaminha e recebe as necessarias corresponden[-] cias com as influencias militares das fileiras legaes, emquanto um novo trilho não destroe este embaraço, dando-se com isto tempo e terreno ao inimigo.

Dezempenhado este dever, garantido pela Constituição do Imperio, cumpre á mesma camara fazer a V. Ex. sabe[-] dor, que, avendo-se em sessão extraordinaria de ontem rezol[-] vido convocar todas as autoridades locaes e cidadãos de car[-] gos eletivos, atualmente rezidentes n'está cidade, unanime[-] mente deliberárão oje, em nome da salvação publica, e com o auxilio do recurso outorgado no codigo fundamental, im[-] plorar a V. Ex., que se digne espaçar a aprezentação na res[-] pectiva camara da carta imperial, que o reveste da autori[-] dade, para que fôra nomeado, até que o governo central rezolva em sua sabedoria sobre a petição, que se lhe dirigio.

Os que subscrevem se ufanão de ser rigidos observadores das leis; e n'esta sua petição não exorbitão do circulo, que elles têem sabiamente traçado; mas ouzão rogar a V. Ex., que se sirva ponderar com toda a circunspeção e madureza sobre a crize melindroza, em que nos axamos colocados, e de quão gloriozo será a V. Ex., si por meio de uma dedi[-] cação generoza concorrer, anuindo a esta exigencia, para que a sagrada cauza, que avemos eroicamente defendido, não tenha estorvos na sua marxa progressiva.

Além de todas as ponderozas razões, que avemos expen[-] dido, V. Ex. de certo não quererá carregar com a tremenda responsabilidade, que vae pezar sobre si, si da sua insis[-] tencia ao bom sucesso dos negocios publicos, n'ella influir de qualquer sorte para se desvanecerem as esperanças lizon[-] geiras, fundadas na intima convicção, em que se axão os que subscrevem, de que o passo, que solicitão de V. Ex.,

vae ter uma reconhecida influencia nos destinos d'esta interessante provincia.

Cumpre a V. Ex. pezar as considerações expendidas, e deliberar conforme lhe inspirarem os ditames de um patriotismo ilustrado.

Deus guarde a V. Ex.

Paço da camara municipal do Rio-grande em sessão extraordinaria de 3 de Julho de 1836.

Illm. e Exm. Sr. brigadeiro Antonio Eliziario de Miranda Brito, prezidente nomeado para esta provincia.

João da Costa Gularte.
Miguel da Cunha Pereira.
Manoel da Costa Bezerra.
Manoel Nunes Pires.
Jozé Luiz Augusto da Silva.
Jozé Moreira Rodrigues, deputado provincial
João Baptista de Figueredo Mascarenhas, deputado provincial.
João Rodrigues Ribas, deputado provincial.
Manoel Alves de Moraes, prezidente da camara municipal da cidade de Pelotas.
Joaquim Jozé da Cruz Seco, vereador da camara municipal de Pelotas.
Antonio de Moraes Figueredo Vizeo, eleitor.
Antonio Jozé d'Oliveira Castro, eleitor.
Jozé Rodrigues Barcelos, juiz de paz de Pelotas
Joaquim Jozé da Cruz Seco Junior, juiz de direito interino de Pelotas.
Manoel Joaquim de Souza Medeiros, juiz de direito interino do Rio-grande.
Vicente Manoel de Espindola, juiz de paz do 1° distrito do Rio-grande.
Jozé Maria de Sá, juiz de paz do 2° distrito do Rio-grande.
Manoel Alves d'Oliveira, juiz de paz do Rio-pardo.

João Rodrigues Gualberto, eleitor
Porfirio Ferreira Nunes, major da guarda nacional do Rio-grande
Mateos Gomes Viana, major da guarda nacional de Pelotas

(*Paquete do Rio* n. 162, de 26 de Julho de 1836.)

---

3 DE JULHO DE 1836.

Resposta de Araujo Ribeiro á deputação, que em nome da camara municipal do Rio-grande e mais cidadãos pedio para elle ficar na provincia.

Grato á consideração, que me dão a camara municipal e mais cidadãos, enviando-me uma deputação para me convidar a permanecer na provincia, depois de entregar a prezidencia d'ella, cumpre-me assegurar a V. S., que é com o mais vivo prazer, que aceito este convite, que tanto me onra e que com todos os briozos Rio-grandenses, que defendem a sublime cauza da legalidade, eu continuarei a partilhar os perigos e cuidados da porfioza luta, em que nos axamos, com o que melhor saberei apreciar o regozijo e gloria, que devemos ter, quando a vitoria coroar nossos esforços.

(*Correio oficial* n. 22, de 27 de Julho de 1836.)

A comissão compunha-se de

João Baptista de Figueredo Mascarenhas.
Jozé Manoel Rodrigues.
Joaquim Jozé da Cruz Seco Junior.
Miguel da Costa Pereira.
Manoel Alves de Moraes.

---

5 DE JULHO DE 1836.

Prizão do prezidente intruzo em Porto-alegre.

Illm. Exm. Sr.

Tendo avido em Porto-alegre, no dia 15 do proximo passado mez, uma reação do povo e tropa a favor da

legalidade, foi n'esse mesmo dia prezo o prezidente intruzo Marciano Pereira Ribeiro.

N'esta data o mandei transferir para esta cidade; e logo que xegue, o farei seguir para a corte, conforme se determinou no avizo expedido por V. Ex. em 25 de Maio ultimo.

Deus guarde a V. Ex.

Cidade do Rio-grande 5 de Julho de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Paulino Limpo d'Abreu.

Antonio Eliziario de Miranda Brito.

(Archivo publico: Proc. de respons. n. 68 fol. 13.)

1836.

Prezos em Porto-alegre remetidos para a côrte pelo general das armas Bento Manoel Ribeiro:

Dr. Marciano Pereira Ribéiro, prezidente dos anarchistas.
Francisco Xavier Ferreira, prezidente da assembléa dos ditos.
José de Paiva Magalhães Calvet, conselheiro dos ditos.
Tenente-coronel da guarda nacional Silvano José Monteiro de Araujo, grande anarchista.
Capitão João Jozé Pimentel.
Ajudante Alexandre Ferreira Ramos.
Tenente de artilharia Luiz Jozé dos Reis Alpoim.
Cadete Pedro Carlos da Gama Pita.
Vicente Xavier de Carvalho.
Tenente Pedro Joaquim dos Reis.
Antonio Gonçalves da Silva Sobrinho.

N. B. Estes prezos estão a bordo do brigue-barca, e dizem, que vão para o Rio no pataxo *Pojuca.*

(*Correio da assembléa provincial do Ceará* n. 83.)

---

7 DE JULHO DE 1836.

Congratulações pela defeza de Porto-alegre.

Proclamação.

É com ufania, que á vossa frente, vos contemplo cingidos de louros triunfaes, de côres civicas; em poucos dias ninguem fez mais; tendes adquirido titulos á imortalidade.

A mesma bela provincia do Imperio, que blazonava de azilo dos amigos da ordem, que atravessou com ilibada fidelidade 14 annos de revolução, foi de repente abismada na anarchia por uma cafila de sediciozos, que a alguns annos cevavão em seus peitos o abutre da ambição, e concertavão em suas espeluncas subverção do trono constitucional: tocárão o cumulo da maldade, inculcando ser essa a opinião geral, e por nove mezes pozerão em ação todos os elementos de destruição, e os mais orrorozos atentados.

Rezervada estava para vós a gloria do dia 15 de Junho, em que delistes esta afronta, e provastes ao Brazil e ao mundo inteiro, que sopeados se axavão, mas sem mingoa, os sentimentos de lealdade dos onrados abitantes d'esta capital, e em instantes, a uma voz, sem custar uma só vida, cahio o crime.

Furiozos por escapar-lhes a preza, quando mais segura a reputavão em suas garras, os sediciozos vos rodeárão de ameaças e de perigos, tomárão as avenidas para cortar os socorros e mantimentos, e engrossando as suas fileiras com lavradores, que desmoralizárão, com facinorozos, que aliciavão, e, o que é mais orrendo, com escravos, que armárão, supondo já quebrantada a vossa coragem pelos repetidos assaltos, nos frenezis de vingança, nos arrancos da tirania, investirão com as forças de terra e mar vossos intrinxeiramentos; depois de tres oras de sanginolento e porfiado conflito, não ganhárão um palmo de terra, á suas voz de avançada ao saque! intrepidos lhes respondestes legalidade!.. vitoria!

Companheiros d'armas, o dia 30 de Julho será grande e de eterna memoria nos fastos da provincia.

Não parou aqui ; vencedores generozos e compassivos, apenas cessou o fogo, ainda por entre o fumo das descargas, correstes a buscar por entre os cadaveres os inimigos feridos para salvar-lhes as vidas ; perfeito contraste aos ferozes, que a sangue frio mutilárão e assassinárão seus contrarios rendidos.

Guerreiros de todas as classes da valente guarnição d'esta capital (onde estão a xegar consideraveis forças por mar e terra), fôrão grandes os sacrificios, que fizestes no altar da patria ; fôrão admiraveis as virtudes, com que o onrastes ; prezentes o testimunhárão, vindouros o ouviráõ com pasmo : a patria reconhecida vos cobrirá de benção ; entretanto recebei os agradecimentos do vosso general.

Quartel-general em Porto-alegre 7 de Julho de 1836.

Francisco das Xagas Santos.

(*Paquete do Rio* n. 184, de 22 de Agosto de 1836.)

---

§ 3.

Iª. PREZIDENCIA DE ANTONIO ELIZIARIO.

---

3 DE JULHO DE 1836.

Antonio Eliziario á camara da cidade do Rio-grande.

Illms. Srs.

Acabo de receber a carta que VV. SS. me dirigirão n'esta data, á qual só me cumpre responder, que sendo eu obediente ao governo de S. M. o Imperador, devo executar os seus mandados e que seria criminozo, si em contravenção d'elles, anuisse a quaesquer observações, que fôssem de encontro ás atribuições de qualquer dos poderes

politicos, marcados na Constituição do Imperio do Brazil, que jurei, e que estou firme em sustentar.

Deus guarde a VV. SS.

Cidade do Rio-grande 3 de Julho de 1836.

Srs. vereadores da camara municipal d'esta cidade.

Antonio Eliziario de Miranda Brito.

(*Jornal do Comercio* de 26 de Julho de 1836.)

Illm. e Exm. Sr.

Em virtude da carta imperial de 25 de Maio proximo passado, pela qual S. M. o Imperador ouve por bem nomear-me prezidente d'esta provincia, e do avizo de igual data, expedido pela secretaria de estado dos negocios do Imperio, tomei posse da prezidencia n'esta cidade em dia de ontem, e fico no exercicio das respectivas funções; o que tenho a onra de comunicar a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex.

Rio-grande 5 de Julho de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Paulino Limpo d'Abreu.

Antonio Eliziario de Miranda Brito.

(Archivo publico: Proc. de respons. n. 68 fol. 12.)

---

4 DE JULHO DE 1836.

Proclamação do prezidente da provincia solicitando esforços para a restauração da legalidade.

Abitantes da provincia do Rio-grande do sul!

Por carta de 25 de Maio ultimo, dignou-se o Regente em nome do Imperador nomear-me prezidente d'esta provincia, de cujo cargo oje tomei posse.

Este acto de pura obediencia ao governo imperial peza sobre mim consideravelmente; pois é mister conciliar com

as dispozições militares, que cumpre a tempo dar, uma depurada politica, para não irritar animos ulcerados, já do crime da sanguinaria revolução, que dilacera esta bela provincia, já do dezejo de vingar a lei iniquamente postergada ; sendo porém este ultimo o sentimento que anima os onrados cidadãos, que sacrificando o seu bem estar a tudo, quanto lhes é mais caro, corrêrão ás armas para sustentar inabalavel o trono do nosso augusto Imperador constitucional o Sr. D. Pedro Segundo, a Constituição, e a gloria do nome brazileiro.

Si pela escassez dos meus talentos não me é dado dirigir sabiamente os negocios administrativos conjuntamente com os militares, ao menos reconhecereis a minha imparcialidade, os dezejos mais puros de levar ao fim, e com dignidade a luta, em que nos axamos empenhados, conciliando quanto me fôr possivel em tão delicada crize a economia da fazenda publica, como me cumpre, e em razão do atrazo em que se axão as finanças da provincia.

D'esta sorte vós me vereis pontual observador das leis na parte administrativa, vigilante e activo na disciplina militar, e solicito em fazer subir á prezença augusta do soberano os feitos eroicos prestados no campo da onra, ou outro qualquer serviço praticado em beneficio da cauza publica.

Os negocios da provincia tomárão rizonha face com o triunfo, que a legalidade obteve em Porto-alegre no dia 15 de Junho proximo passado, triunfo muito mais apreciavel, por ser devido ao bom senso dos seus abitantes, e á onra militar, que não podia estar por muito tempo comprimida ; tão eroico exemplo de lealdade não deixará de ser repetido em todos os pontos da provincia.

O benemerito comandante das armas, que o Regente em nome do Imperador confirmou em 24 de Maio, este militar, a quem a provincia tanto deve, disporá sábia e prudentemente de toda a força existente, logo que as communicações estejão francas, e possa aver unidade de plano ; e então, manobrando de acordo com o ilustre xefe da marinha, que o governo imperial acaba de mandar para esta provincia, obteremos o mais lizongeiro porvir.

Eia pois, Rio-grandenses, façamos simultaneos e não

interrompidos esforços, afim de apressar a dezejada epoca, em que, restaurando-se a legalidade em toda esta provincia, brilhe outra vez em seu primitivo esplendor a onra nacional, e esta estrela, que os rebeldes pretendem eclipsar, seja a que mais fulgure na constelação brazileira.

Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional do Brazil!

Viva a integridade do Imperio e a Constituição reformada, que nos rege!

Cidade do Rio-grande 4 de Julho de 1836.

Antonio Eliziario de Miranda Brito.

(*Jornal do Commercio* de 26 de Julho de 1836.)

---

4 DE JULHO DE 1836.

Esperanças de paz.

O PAQUETE.

O governo axa-se tão empenhado em acabar com a sedição do Rio-grande, e em pôr termo a uma guerra tão devastadora, como a que estão fazendo os sediciozos, que ordenou marxassem em socorro da legalidade algumas tropas, que, segundo nos afirmão, devem partir breve; estas, reunidas ás que já existem na provincia, devem fazer forte barreira aos sediciozos, ainda que a estação em nada ajude as suas operações; comtudo é de esperar, que o mais tardar até o fim do inverno se axará a provincia tranquilizada.

(*Paquete do Rio* n. 144 de 4 de Julho de 1836: artigo de fundo.)

---

§ 4.

2.ª PREZIDENCIA DE JOZÉ D'ARAUJO RIBEIRO

---

3 DE AGOSTO DE 1836.

Anima o povo a proseguir em actos de rigor para restauração da provincia.

Abitantes de Porto-alegre!

Segunda vez encarregado pelo governo imperial de prezidir a nossa provincia, foi meu primeiro empenho correr em vosso auxilio e ajudar-vos a sustentar o vosso eroico feito de restaurar a capital.

Vós destes um golpe mortal na rebelião, e mostrastes de quanto é capaz um povo irritado contra o igniominiozo jugo de ferozes anarchistas.

O governo de S. M. o Imperador ouvio com jubilo a vossa nobre ação; o Brazil todo vos admira, e eu, xeio do mais vivo contentamento, oje vos congratulo já, não só por ocazião da vossa ilustre empreza, como tambem pelo valor e constancia, com que a tendes sabido sustentar.

Eia, concidadãos! Os rebeldes esmorecem, vigoremos nossa patriotica constancia; extinga-se para sempre o terrivel faxo da discordia, que malvados anarchistas acendêrão em nossa patria.

Viva a Constituição reformada!
Viva S. M. o Imperador!
Viva a integridade do Imperio!
Vivão os valentes restauradores da capital!

Porto-alegre 3 de Agosto de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(*Jornal do Comercio* de 16 de Setembro de 1836.)

---

26 DE JULHO DE 1836.

Concita os colonos de São Leopoldo a tomar armas pela legalidade.

Proclamação aos abitantes da colonia de São-Leopoldo.

Pela segunda vez resoem em vossos lares os acentos da verdade e da justiça.

Longo tempo o embuste e a mentira, unica arma que manejão destros os xefes da anarchia, vos têem feito ver o quadro politico da provincia pelo reverso.

Por outra parte o terrorismo e a barbara crueza do perfido Bento Gonçalves vos tem coagido a sustentar sua nefanda ambição, e d'est'arte servir de instrumento para a perpretação de seus orrorozos crimes.

Oje porém já a verdade aparece em todo o seu brilho.

Quem entorpece o nosso commercio? O perfido Bento Gonçalves.

Quem vos inhibe de transportar os produtos de vossa industria para Porto-alegre? O perfido Bento Gonçalves.

Quem vos tem feito aparecer ante o Brazil e o mundo como omens, que hão vendido a onra e pundonor em cambio de ouro vil? O perfido Bento Gonçalves.

Quem ainda, ha poucos dias, guiou muitos de vossos compatriotas contra as trinxeiras de Porto-alegre, e ali os fez receber dos bravos defensores d'aquela cidade morte oprobrioza e ilacrimada? O perfido Bento Gonçalves.

E ainda duvidaes, que Bento Gonçalves seja um monstro, que se nutre de lagrimas, de sangue, e atrocidades?

E ainda ezitaes em empunhar armas para secundar o esforço generozo dos abitantes do Porto-alegre, e d'este modo restituir vossa já decadente colonia ao seu primeiro estado de florecimento e progresso?

Não; não é possivel, que taes e tantas verdades sejão desconhecidas ao vosso bom senso.

O comandante das armas, aquele que no dia 20 de Fevereiro se mostrou vosso amigo, salvando a vida de centenares de vossos compatriotas, não espera de vós um procedimento desleal; antes se lizongeia de acreditar, que ora voareis a encorporar-vos ás forças da legalidade, e unidos

aos seus valerozos xefes, entoareis vivas á religião, á Constituição reformada, ao Sr. D. Pedro Segundo, aos bravos defensores da legalidade, e aos industriozos colonos de São-Leopoldo.

Campo á vista de Porto-alegre 26 de Julho de 1836.

Bento Manoel Ribeiro.

(*Paquete do Rio* n. 214, de 28 de Setembro de 1836.)

---

26 DE JULHO DE 1836.

Xegada do comandante das armas Bento Manoel a Porto-alegre depois de restaurada esta cidade.

Campo á vista de Porto-alegre 26 de Julho de 1836.

ORDEM DO DIA.

O commandante das armas da provincia, pizando ontem o sólo da capital, foi possuido da mais viva alegria, contemplando o contentamento, que se divizava no semblante de todos os abitantes; e dirigindo-se mais particularmente aos seus camaradas militares os elogia, e em nome da patria e do governo lhes agradece a eroica reação contra os anarchistas na noite de 14 para 15 do passado.

A celeridade, com que, sem efuzão de sangue, e em poucas oras, foi restituida a capital ao imperio das leis, e ao gremio brazileiro, de que os anarchistas a avião segregado, é d'esses feitos, que a posteridade classificará como um dos mais eroicos, e dará um nome superior ao tempo, aos que o emprehendêrão, e tão abilmente executárão.

Camaradas! Nenhuma prova mais irrefragavel podieis dar ao Brazil e ao mundo, do vosso patriotismo, de vossa fidelidade á constituição reformada, e ao nosso joven imperador, do que a reação, pela qual fizestes baquear os tiranos, que tantos males têem cauzado á patria, e feito que Rio-grandenses se massacrassem mutuamente.

Militares da capital! Muito fizestes n'aquela memoravel noite, e o valor, com que soubestes repelir os ataques do traidor xefe dos anarchistas, e o desprezo ás suas ameaças,

vos dão direito a encomios, que vosso commandante não póde expressar.

O commandante das armas, sabendo o perigo, em que estaveis, acompanhado dos bravos, que tantas vezes se têem coberto de louro, e tanto trabalhado á prol da patria, da distancia de mais de cincoenta legoas correo a socorrer-vos, e no dia 24 se axava á vossa vista, e parte d'esses bravos portilhando de vossos trabalhos e perigos.

Seria minuciozo, e tarefa bastante ardua querer o commandante das armas particularizar individuos, quando todos perpassárão a raia do eroismo.

O commandante das armas tambem dirige seus agradecimentos e louvores aos cidadãos da capital, que em qualidade de soldados se têem aprezentado a servir nas fortificações, e tomado uma viva parte nos combates.

Militares e cidadãos da capital ! Vós todos sois credores do reconhecimento da patria, e do governo. O commandante das armas da provincia, vosso emulo em promover o triunfo da legalidade, e o exterminio da anarchia, louva em extremo vossa fidelidade, onra, moderação, e extraordinario valor.

Bento Manoel Ribeiro.

(Impresso avulso.)

---

28 DE AGOSTO DE 1836.

Tomada de Itapuan.

Illm. e Exm. Sr.

As forças da legalidade, que tenho a onra de commandar, ontem ás 3 oras da tarde entrárão por terra no forte, que os insurgentes tinhão na ponta de Itapuan, que avião abandonado da meia noite para o dia, deixando estragado tudo o que podião, mas com tanta precipitação, que de 5 bocas de fogo, que encontrámos, 3 já se dezencravárão.

O pataxo e o brigue metêrão a pique, assim como os iates mercantes deixárão sem gente, e prezume-se, que com

alguns rombos ; para o que tiverão tempo, em razão de não podermos efetuar a nossa marxa sobre este ponto logo nos 3 dias immediatos á tomada do forte, em frente á ilha do Junco, pelas muitas xuvas e ventos fortes, pois ainda ontem, para dezembarcarmos, se molhou a tropa, que se pôde dezembarcar.

Para aproveitar a sahida da canoa, que me trouxe o oficio de V. Ex. de 26 do corrente (o qual com prazer communiquei a toda a oficialidade), e por não perder tempo de dar uma noticia tão satisfatoria e de tanta consequencia para as armas da legalidade, e sobretudo para o commercio faço esta sucinta participação a V. Ex., rezervando-me para quando o tempo e lugar o permitirem, dar então a parte circunstanciada do que tem ocorrido na expedição, que me foi confiada.

Deus guarde a V. Ex.

Itapuan 28 de Agosto de 1836.

Illm. e Exm. Sr. Jozé d'Araujo Ribeiro, prezidente da provincia.

Francisco Xavier da Cunha, coronel comandante da expedição.

(*Paquete do Rio* n. 213, de 27 de Setembro de 1836.)

---

29 DE AGOSTO DE 1836.

Tomada de Itapuan.

Illm. Sr.

Tenho a onra de levar ao conhecimento de V. S., que no dia 21 do corrente xegou aqui de Porto-alegre o coronel Francisco Xavier da Cunha, commandando 250 soldados, com ordem do prezidente d'esta provincia de atacar a Itapuan, e a esquadra de proteger o dezembarque ; o que não se pôde efetuar n'aquela ocazião em consequencia do máo tempo e ventos contrarios, que só nos permitio no dia 23 pela meio-dia podermos dezembarcar a tropa no saco do Faria.

Ali axámos alguma rezistencia do inimigo, e a 1 ora e 30 minutos tomámos o forte fronteiro á ilha do Junco; fizerão-se alguns prizioneiros, mas ainda não sei o numero exato para poder mencionar.

O inimigo teve 30 mortos, e alguns feridos, e a nossa perda foi de 4 mortos e 8 feridos; e como não avia cirurgião na esquadra, nem na tropa, fiz imediatamente remeter os feridos para a capital de Porto-alegre, e os prizioneiros, que se dividissem por os navios da esquadra.

A artilharia, que tinha o inimigo n'este forte, erão 2 peças de bronze de calibre 9, e como tornasse outra vez o máo tempo, a tropa tornou a embarcar á espera de se poder fazer novo dezembarque para a Itapuan; o que teve lugar no dia 27 ás 10 oras da manhan, no saco que fica entre os dous fortes; mas no acto d'este novo dezembarque começou um tempo de O. N. O., o qual nos deu grande trabalho para o conseguirmos, e ás 3 óras da tarde já a nossa força tinha tomado as pozições da Itapuan, o inimigo já n'aquela ocazião a tinha abandonado, e meteo a pique o brigue e o pataxo, que elles tinhão armado.

Encontrou-se no dito forte 4 peças de ferro de calibre 12, e 1 de bronze de maior calibre, o que tudo se embarcou.

Eu com grande satisfação direi, que todos os meus, a respeito do dezembarque da tropa, me satisfizerão pelo seu bom rezultado, e asseguro a V. S., si algum transtorno ouvesse, não era por falta de zelo da minha parte, mas sim por cauza do máo tempo, que ouve n'aquela ocazião, e falta de embarcações a propozito para o fim de que se tratava.

Deus guarde a V. S.

Bordo do pataxo *Leopoldina*, ora surto na Itapuan, em 29 de Agosto de 1836.

Illm. Sr. João Pascoe Greenfel, capitão de mar e guerra e xefe da força naval.

Guilherme Parker, capitão tenente commandante.

(*Paquete do Rio* n. 213, de 27 de Setembro de 1836.)

5 DE SETEMBRO DE 1836.

Demissão de empregados publicos.

O prezidente da provincia, competentemente autorizado pelo governo de Sua Magestade Imperial para demitir de seus empregados todos aqueles que, vencendo salario da nação, e tendo por isso duplicada razão de o defender, hão todavia conspirado contra o mesmo governo, rezolveu declarar demitido a Antonio Manoel Calvet do emprego de 1.º escriturario do tezouro provincial.

O que se lhe comunica para sua inteligencia.

Porto-alegre 5 de Setembro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

De igual teor a mais 29 individuos, que ocupavão diversos empregos.

(*Jornal do Commercio* de 8 de Outubro de 1836.)

---

10 DE SETEMBRO DE 1836.

Combate de Seival.

Illm. e Exm. Sr. comandante das armas.

Os cidadãos, guardas nacionaes da commarca de Piratinin, xegando ao seu conhecimento, que o traidor e sanguinario Silva Tavares, depois de aver emigrado para o Estado-oriental com sua brigada, acossado pelos peticionarios na distancia de 60 leguas, passou o Jaguarão para esta parte, e está nas immediações das Pedras-altas, commetendo as mais graves arbitrariedades, injustiças e roubos, conduzindo seus escravos, e o que é mais, insultando suas familias, e engrossando as fileiras, quazi sem força e reduzidas a zero.

Os suplicantes, Exm. Sr., á vista do exposto, vêem respeitozos e subordinados ante V. Ex. impetrar licença para marxarem com os oficiaes de sua confiança a bater o tirano, e expulsal-o de nosso territorio, até oje sagrado;

podendo desde já assegurar a V. Ex. que, si conseguirmos medir as espadas com as do traidor e seus satelites, o nosso triunfo é certo, e esta patria livre será do seu maior verdugo.

. . . .

(Com as assinaturas dos guardas nacionaes sem a de oficial algum).

Por despaxo do commandante das armas interino João Manoel de Lima Silva de 25 Julho de 1836 foi indeferida a petição por serem os esforços dos suplicantes precizos em operação de *maior monta*.

NOTA.

No mesmo dia 25, não obstante o despaxo, marxárão os peticionarios para salvar a patria no renhido combate de 10 de Setembro onde (com 430 omens) destruirão 560, matando 180, aprizionando 116, e ferindo mais de 60.

(Extrahido de uma cópia avulsa.)

---

22 DE AGOSTO DE 1836.

Menino Diabo.

Illm. Sr.

Acuzo a recepção do oficio de V. S. datado de 21 do corrente, em que me participa faça prezente aos abitantes d'esta vila, que deveráõ comparecer no dia 24 do corrente mez, afim de serem engrossadas as fileiras do mando de V. S.

O que tenho a onra de participar a V. S., que oje fiz passar edital para o comparecimento de todos os cidadãos e armas no referido dia 24 ás 10 oras do dia na praça da igreja matriz.

Deus Guarde a V. S.

Rio-pardo 22 de Agosto de 1836.

Illm. Sr. *Menino Diabo*, comandante superior.

José Ignacio da Silveira, juiz de paz.

(Archivo publico : Proc. da rebel. fol. 370. Orignal.)

---

24 DE SETEMBRO DE 1836.

O prezidente da provincia exorta á concordia.

Proclamação.

Abitantes da comarca de Porto-alegre!

Já o feroz xefe da rebelião e seus cumplices sanguinarios fogem dentre vós: rebeldes quizeram reassumir o ferreo mando, com que vos avião oprimido e vilipendiado; vós os abandonastes a seus crimes, rasgando o véo da ipocrizia e dos enganos, com que vos avião desvairado.

Vos não disse eu, compatriotas, que os rebeldes trabalhavão para derribar a nossa constituição e separar a provincia da communhão brazileira? E se propunhão uns a satisfazer a insaciavel ambição de dominar, e outros locupletar-se com a fazenda alheia?

Eis justificado o que eu vos annunciava, e que não dificil era perceber apezar de seus disfarces: eis que já sem rebuço declarárão o criminozo plano ploclamando sua desregrada democracia, e ostentando divizas republicanas.

Os roubos e depredações já elles commetem como de direito: onrados cidadãos são esbulhados de seus bens para os repartirem entre os sequazes da dezordem: vêde o infeliz Rio-grande, ha pouco saqueado por uma cáfila d'esses malvados; pezae bem os males, que sofreu essa vila e os que ainda está sofrendo a desgraçada Pelotas, onde, para vergonha do continente, já se vêem os rebeldes auxiliados por fileiras africanas armadas.

Eis ahi, concidadãos, quaes os destinos, que vos querião impor esses fingidos patriotas mancomunados com uns ignobeis forasteiros, uns cavaleiros de industria engeitados de outras terras.

Elles vão na sua fuga e dezespero ameaçando-vos ainda, não com o seu vacilante poder, mas com os auxilios, que esperão do estado vizinho; e conscios emfim de sua fraqueza, é agora em forças estranhas, que poem suas esperanças de para de novo submeter-vos ao seu ignominozo julgo.

Mizeraveis impostores! Vendo-vos dezenganados e prevenidos contra os seus embustes, querem agora mover-vos

por chimericos receios, como si vós temesseis as futeis ameaças de sua raiva e dezespero, ou como si um povo, que xegou a indignar-se contra os crimes da dezordem, fôsse capaz de receiar rebeldes ou anarchistas, quer internos quer externos.

Concidadãos, confiae no governo imperial, que tem auxiliado vossos esforços e vos ha de auxiliar; confiae no presidente por elle nomeado, e no vosso benemerito commandante das armas: voltae á paz, e congracemo-nos como irmãos, que somos porque o governo legal não é, como o rebelde, perseguidor nem sanguinario. Elle releva as faltas, que alguns de vós têem commetido, esquece os erros dos iludidos, e só dezeja fazer cair a espada da justiça sobre os cabeças da rebelião.

Unamos-nos estreitamente, porque unidos facilmente repeliremos os estragos da dezordem, zombaremos dos fautores da anarchia por grandes que sejão, e restabeleceremos a paz e a prosperidade na nossa querida patria.

Viva a Constituição reformada!
Viva o Sr. D. Pedro Segundo!
Viva a integridade do Imperio!
Vivão os defensores da legalidade!

Porto-alegre aos 24 de Setembro de 1836.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(Impresso avulso.)

---

4 DE OUTUBRO DE 1836.

Declaração de Bento Manoel sobre os prizioneiros do Fanfa.

Recebo como irmãos e afianço serem livres de perseguições, conforme as ordens do governo do Brazil, os individuos que se aprezentem e reconheção o governo legal do mesmo Brazil e da provincia os que se axão n'esta ilha oje mesmo, os que estão na xarqueada dentro de quatro dias, e os de Jaguarão e Pelotas do prazo de 15 dias, incluzive n'estes todos os xefes que têem acompanhado

coronel Bento Gonçalves da Silva, e o mesmo coronel, ntregando todo o parque de artilheria, armamentos e unições na ocazião de se aprezentarem.

Campo no porto do Fanfa 4 de Outubro de 1836.

Bento Manoel Ribeiro, commandante das armas.

(Copia tirada do original, e oferecida pelo Sr. A. A. ereira Coruja.)

---

9 DE OUTUBRO DE 1836.

Combate da ilha do Fanfa.

Illm. e Exm. Sr.

Para conhecimento do Regente em nome do Imperador, ou relatar a V. Ex. a completa derrota da coluna dos ebeldes, commandada pelo xefe o coronel Bento Gonçalves la Silva, sucesso, que, tendo lugar no dia 4 do corrente, fiança o breve exterminio da anarchia, e restabelecimento la ordem.

Tendo assegurado ao Exm. prezidente da provincia, que ganharia a dianteira dos rebeldes, logo que passasse o rio Jahi, assim o executei, tomando pozição na noite de 20 lo passado, a pouco mais de alcance de canhão do campo que ocupavão.

Nos seguintes dias ocupei-me em guarnecer todas as vias, que conduzião para a campanha, deixando sómente livre coxilha, que vai ao fundo do rincão, onde ha um porto, qual porém não tem correspondente de outro lado.

Cercados os rebeldes em sua pozição, se decidirão a ganhar o fundo do rincão, e pelo porto denominado do Fanfa, sobre o Jacuhi, passando a ilha em frente do Caraço, e depois a do Leão, efeituar a translação para a outra margem, a reunir-se com a força do anarchista Domingos Crecencio, que estava pelas immediações de Xarqueadas, via que de propozito deixei de guarnecer como mais prejudicial para elles, que acreditando talvez aproveitar-se do nosso descuido, na noite do dia 2 levantárão

campo, e marxárão para o ponto, que devia ser o mesmo de sua total perdição.

Colocárão em uma eminencia, unica por onde se póde tranzitar para o fundo do rincão, 3 peças de artilharia e 1 obuz, sustentadas pela infantaria.

Durante a noite do dia 2 passárão os rebeldes 3 peças, que colocárão sobre a barranca, e rompêrão o fogo sobre as nossas canhoneiras, que avião ocupado o canal em frente á ilha, conforme as ordens do incansavel e digno xefe da marinha, que, embarcado no vapor *Liberal*, percorria todos os pontos, e postava as canhoneiras por entre o fogo dos rebeldes.

Não julgando conveniente atacar os rebeldes no dia 3, esperando para o fazer com menos efuzão de sangue, que parte d'elles tivesse passado para a ilha, entretive quasi todo o dia o fogo de artilharia contra a bateria colocada na eminencia, e ao mesmo tempo fazia marxar 400 omens de infantaria e cavalaria, destinada a operar a pé, os quaes passando na ponta da ilha, em que estavão os rebeldes, devião atacal-os pela retaguarda.

No clarear do dia 4 fiz atacar a forte porção da eminencia, que cobre a entrada para o porto, em frente á ilha. Para esta operação, como tivesse pouca infantaria, por ter mais de metade marxado a outro ponto, como acima digo, fiz apear parte da cavalaria, que tinha armas de fogo, e o bravo coronel de legião Gabriel Gomes Lisboa, commandante da 1.ª brigada de cavalaria, pondo pé á terra, se colocou á frente e marxou a passo de carga sobre os rebeldes, por entre o fogo de artilharia, que se axava apoiada pela infantaria.

Tal foi o denodo, com que os nossos atacárão, que não bastando para os reter uma cerração de balas, que lhes enviavão os rebeldes, postados em pozição superior, que em poucos minutos foi levada a pozição, cahindo em seu poder as 4 peças, e ficando-nos franca a retaguarda dos rebeldes alojados na ilha.

A infantaria, que apoiava as peças, isto é, toda a que tinhão os rebeldes, foi completamente destroçada, e os que não morrêrão, ou ficárão prezos, apenas puderão, divididos, embrenhar-se, abandonando as armas; e uma grande

porção, que se retirava para a ilha, acossada pelos nossos, atirou-se tão confuzamente, e em tal numero, na balsa, que tinhão no riaxo, que, não podendo com elles o transporte, os submergio, perecendo estes infelizes, que procuravão salvar-se.

A tiro de fuzil sobre a ilha, fiz colocar 3 peças de 9 (uma d'ellas das que se acabavão de tomar), e 1 obuz, e mandei varrer a ilha á metralha, afim de fazer calar o vivissimo fogo de artilharia e mosquetaria, que desde a barranca nos dirigião os rebeldes. Os reparos das nossas peças recebêrão muitas balas de metralha, mas felizmente nenhum artilheiro nosso foi ferido.

Mandei cessar o fogo, no entanto que esperava o' fogo da infantaria, que tinha feito passar para a ilha, e pouco tardou sem que se ouvisse o estampido da sua fuzilaria: o ataque porém foi vigorozamente sustentado pelos rebeldes em numero muito superior á nossa força atacante, a qual se retirou, tendo perdido alguns omens mortos e muitos feridos, entre os quaes o bravo tenente-coronel de guardas nacionaes Carlos Jozé Ribeiro da Costa, que commandava.

Conhecêrão então os rebeldes o critico da sua pozição; cercados pelo rio e por terra, sem ao menos poderem conceber a esperança de receber socorro algum, apezar de estar á vista a força de Domingos Crecencio, que sobe a mais de 400 omens, tiverão de implorar a clemencia do vencedor, isto justamente no momento, em que mandava recomeçar o fogo sobre a ilha.

Em rezultado, a força rebelde, que se axava com o xefe, entregou a artilharia, e largou as armas na mesma tarde.

Assim dissolvida ficou n'este dia a principal força dos rebeldes, que commandava o proprio xefe da revolução, cujo numero subia a mais de 1.100 omens.

Parecerá talvez exagerado este numero, e confessando ingenuamente ser eu tambem dos que duvidavão excedessem de 800 os rebeldes da coluna de Bento Gonçalves, posso oje assegurar a V. Ex. a exatidão d'aquele computo, por quanto a infantaria, que se axava d'este lado de guarnição, e artilharia derrotada de manhan, excedia a 350 praças, das quaes mui raras serião as que puderão ganhar a ilha, d'onde vierão para terra firme nos dias 4 e 5 mais de 600.

Tomarão-se e receberão-se dos rebeldes 15 bocas de fogo de diferentes calibres, e algum armamento de diferentes especies, sendo que a maior parte se extraviou; os rebeldes lançárão á agua muitas, e inutilisárão outras; e como os nossos soldados tomassem muitas, tenho mandado compral-as por conta da fazenda nacional.

Esta completa vitoria, que obtivemos, custou aos rebeldes a perda de toda a artilheria, armamentos, munições, bagagens, e mais de 120 mortos, além dos feridos.

Quanto á nossa, tanto em mortos como em feridos, será patente a V. Ex. pela relação junta; e si bem que diminuta seja, comparada com a dos rebeldes, é assaz consideravel, e demonstra quanto foi disputada a vitoria.

Lastimando a perda de tantos bravos de ambas as forças, pois que todos erão Brazileiros, amargurou mais o pezar nosso a do tenente Jozé Egidio Rodarte, que commandava as forças do 3.º corpo de cavalaria de linha. Este oficial, cuja bravura e actividade o tornavão recomendavel, foi morto na flôr de seus annos.

A recordação, de que esta vitoria restitue ao imperio a provincia, que a liberta e á pluralidade dos seus abitantes do ferreo jugo de uma ditadura, pondo-os ao abrigo de leis salutares, beneficas, nos faz de alguma forma menosprezar o sangue derramado de nossos irmãos, e a intima convicção de que da parte das forças e autoridades legaes nada se omitio para se evitar o combate, apezar de se contar certa a vitoria, tranquilizão de alguma sorte as nossas consciencias.

Exauridas todas as tentativas de conciliação, a via das armas foi o ultimo recurso, a que forçadamente se recorreo; o triunfo d'este dia, feito necessario ao bem geral, bastante custou aos nossos corações.

Dever meu é declarar, que todos os corpos, de que se compõe esta coluna, se conduzirão nos combates e ação geral com tal valor e bravura, que não tenho frazes para dignamente os elogiar.

Ainda que todos os oficiaes preenxêrão suas obrigações, acredito com tudo do meu dever particularizar aqueles que mais se distinguirão, si bem que estou convencido, que todos direito terião a ser especialmente nomeados, si a sorte lhes tivera proporcionado ocazião.

Os coroneis de legião Gabriel Gomes Lisboa, commandante da 1.ª brigada de cavalaria, que avançou á pé á pozição dos rebeldes, e Jozé Ribeiro de Almeida, commandante da 2.ª brigada de cavalaria, o qual carregou á testa d'esta arma ; o major de infantaria de linha Visconde de Camamú, os capitães da guarda nacional David Gomes de Carvalho, e Antonio Pereira Pavão, que foi ferido ; o ajudante Adrião de Siqueira Pereira Leitão, os alferes Jozé Francisco d'Almeida, Sebastião Fernandes, e Luiz Severo, os quaes, sendo de cavalaria, atacárão a pé com bravura tal que muito contribuirão para a completa derrota dos rebeldes, assim como o capitão de lanceiros de Alegrete David Luiz da Costa, e os guardas nacionaes Jozé Joaquim de Andrade Neves, e Adriano Jozé Ribeiro se comportárão de modo tão distinto, que não posso esquivar-me a fazer constar seus nomes, sem que falte á justiça ; e da força que atacou a ilha são tambem credores de especial menção o tenente-coronel da guarda nacional Carlos Jozé Ribeiro da Costa, que commandou o ataque e foi ferido ; o capitão de lanceiros de Missões João André d'Almeida, e os alferes Francisco Ignacio e Miguel Jeronimo.

Não devo encerrar o prezente sem testimunhar a V. Ex., que as bôas dispozições e atividade do digno e valente capitão de mar e guerra João Pascoe Greenfel, xefe da marinha n'esta provincia, e ao valor dos oficiaes commandantes das canhoneiras, se deve em grande parte este triunfo, tão vantajozo á cauza legal, pois si tivera faltado este poderozo auxilio, não nos seria possivel evitar a passagem dos rebeldes, os quaes, operando a junção, poderião balancear ainda o restabelecimento do imperio da lei, que oje já não é duvidozo.

E porque a força de Domingos Crecencio, existente do outro lado, e á vista, tinha de entregar as armas, o mesmo xefe Bento Gonçalves se ofereceo para ir fazer efeituar o dezarmamento imediatamente, ou no seguinte dia, ao que annui ; mas como se me avizou, que elle queria levar os seus cavalos, camaradas, e bagagem, suspeitei ser o seu fito evadir-se com aquela força, e ir juntar-se ás outras ; pelo que lhe fiz propor mandar um oficial de sua confiança, que iria acompanhado por outro d'esta força.

Bento Gonçalves mandou seu cunhado o capitão Manoel Antunes, que levou o seu escravo e mala, e logo que xegou ao outro lado começou a declamar contra o governo e autoridades legaes da provincia, e quando foi despaxado á noite o oficial, que o acompanhou, declarou-lhe, que não vinha Domingos Crecencio, e respondeu confuzamente a Bento Gonçalves, exigindo que elle ali comparecesse para proceder a dezarmamento, e que levasse comsigo alguns oficiaes d'esta força para prezenciarem o acto; mas na mesma noite de 5 se retirou, levantando precipitadamente o campo.

Este procedimento inesperado, o ser Manoel Antunes intimo amigo e confidente de Bento Gonçalves, conversação particular, que tiverão antes daquele seguir, tudo indica ser em vista de ordem do xefe que Domingos Crecencio assim obrára, e evidencía, que sómente para salvar a vida, ou evitar ser prezo, é, que se submetera ao dezarmamento da força encerrada na ilha, e que, aproveitando a primeira ocazião, se evadiria para de novo pôr-se á testa das forças, que ainda tinha por diferentes pontos; e cumprindo-me prevenir-lhe a fuga, remeti prezos para a capital, tanto ao coronel Bento Gonçalves da Silva como ao seu immediato Onofre Pires da Silveira Canto, maneira por que lhes tirei a possibilidade de tornarem a aparecer em campo.

Levando ao conhecimento de V. Ex. todo o ocorrido, fico esperançado de que, sendo constante ao Regente em nome do Imperador os relevantes serviços prestados n'esta provincia pelos defensores da legalidade, não deixará de os recompensar, estendendo seus beneficios a enxugar as lagrimas das viuvas e orfãos, cujos maridos e pais morrêrão sustentando a cauza da lei.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel do commando das armas da provincia do Rio-grande do Sul, na villa do Triunfo, 9 de Outubro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra.

Bento Manoel Ribeiro.

(*Jornal do Commercio* de 18 de Novembro de 1836.)

14 DE NOVEMBRO DE 1836.

Combate do Fanfa.

Foi com a maior satisfação, que o Regente em nome do Imperador ouvio a leitura do oficio de 9 de Outubro proximo passado, em que V. S., dando conta do triunfo completo que obtiverão as forças da legalidade, sob seu immediato commando, no dia 4 contra os rebeldes anarchistas capitaneados pelo xefe dos sediciozos d'esta provincia, augura felismente o breve exterminio da anarchia e total restabelecimento da ordem, para que tanto tem V. S. cooperado e coadjuvado eficazmente pelos intrepidos defensores da legalidade, que superando todas as fadigas da guerra, patrioticamente se dedicão a restituir á grei brazileira essa importante porção do imperio, abalada e ameaçada de orroroza subversão.

O Regente em nome do Imperador, reconhecendo o relevante serviço que V. S. acaba da prestar ao Imperio com a vitoria do dia 4 de Outubro, ouve por bem, por decreto datado de oje, conferir-lhe o posto de Brigadeiro; e manda além d'isso dirigir a V. S. e aos bravos que debaixo do seu comando tão assinaladamente se comportárão contra os rebeldes, seus bem merecidos louvores, encarregando-o de mais e fazer chegar ao conhecimento do governo imperial a relação nominal dos orfãos e viuvas dos que infelismente perecêrão, combatendo os inimigos do Imperio e afim de serem pelo competente ministerio contemplados com um testimunho de gratidão nacional.

Deus Guarde a V. Ex.

Palacio do Rio de Janeiro em 14 de Novembro de 1836.

Conde de Lages.

Sr. Bento Manoel Ribeiro.

(*Jornal do Comercio* de 18 de Novembro de 1836.)

17 DE OUTUBRO DE 1836.

Remessa para a côrte dos xefes rebeldes prezos na ilha do Fanfa.

Illm. e Exm. Sr.

Seguem n'esta ocazião no pataxo *Venus*, remetidos á ordem de V. Ex. os prezos constantes da lista junta.

Pelos seus nomes reconhecerá V. Ex., que são todos dos principaes cabeças da rebelião d'esta provincia, e que por isso não é prudente conserval-os aqui em tempo, que a provincia não está inteiramente pacificada.

Tambem remetel-os com os seus processos e culpa formada não é possivel, á vista das demoras e embaraços, que o máo estado da provincia opõe, que isso se consiga com a brevidade dezejada.

Si a lei da suspensão de garantias, que consta por aqui aver passado, não sanar esta falta, e si suceder a respeito d'esses criminozos, como já a outros d'aqui remetidos para essa côrte, que a provincia está vendo novamente a faser-lhe guerra com as armas na mão, rogo a V. Ex., que faça ao menos constar ao magistrado ou magistrados, que para isso concorrerem, dando-lhes soltura, que sobre si hão de atrahir as mais acerbas maldições de innumeros orfãos e viuvas, cujos paes e maridos têem sido immolados por esses omens perversos, e de innumeras familias por elles perseguidos, e reduzidas ao luto e mizeria.

Deus guarde a V. Ex.

Rio-grande 17 de Outubro de 1836.

Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça.

Jozé d'Araujo Ribeiro.

(*Jornal do Comercio* de 15 de Novembro de 1836.)

---

10 DE OUTUBRO 1836.

Rebeldes depois do Fanfa.

Porto-alegre 10 de Outubro de 1836.

Depois de se haver aprizionado mais de 500 individuos, se tem soltado todos, á excepção de 10 ou 12.

A moleza e inação das atuaes autoridades só ruinas ameação para o futuro; não se lembrão, que resta abater e vencer as forças de Domingos Crecencio, Antonio Neto, João Manoel de Lima, João Antonio, e outros, e que á custa de sangue, quando se vence, a todos se soltão, á excepção de rarissimos commandantes de rebeldes, de sorte que mais de 2.000 perversos traidores, que vagão armados e dezarmados, estão seguros de que matando, roubando, violando, e insultando, jamais as leis os têem perseguido, antes pelo contrario voltão soltos e ufanos para suas cazas.

(*Jornal do Comercio* de 9 de Novembro de 1836. Carta particular.)

---

22 DE OUTUBRO DE 1836.

Depois do combate do Fanfa.

Proclamação.

Abitantes do municipio de Pelotas e Piratinin!

O triunfo, que acaba de adquirir a lei na completa derrota das forças, em que mais se escorava o xefe dos rebeldes, a captura d'este, e sua seguida ao lugar, aonde a muito o xamavão seus crimes, já vos não podem ser desconhecidos, assim como a generoza conduta praticada n'esse acto com vossos companheiros no erro.

É tempo de ouvirdes os ditames da razão tranquila, não vos deixando mais iludir por essas cavilozas e mal intencionadas influencias, que com ultrage ao céo e ao mundo infelizmente ainda vos dominão: vêde, que elles tocárão ao cumulo da maldade extorquindo e inutilizando a propriedade alheia, abuzando a tal ponto de vossa bôa fé, que se não pejárão de encorporar-vos a ombros de Africanos. Que execracão á posteridade rio-grandense!

Desviai-vos do precipicio, a que ainda vos arrastão, e vinde ao abrigo da lei reparar os males da patria, e xorar

a perda de irmãos sacrificados ao caprixo da ambição e á ipocrizia de um xefe, que ainda na quéda deixou satelites, que, tendo de o acompanhar a ella, empenhão-se por ensurdecer-vos aos gritos da onra, do dever e do verdadeiro interesse.

Eis o que vos aconselha o prezidente da provincia, vosso patricio e amigo.

Rio-grande aos 22 de Outubro de 1836.

José d'Araujo Ribeiro.

(*Jornal do Comercio* de 15 de Novembro de 1836.)

---

30 DE OUTUBRO DE 1836.

Antonio Neto annuncia a prizão de Bento Gonçalves no Fanfa.

Vossa constancia na luta da liberdade ha sido á toda prova; vosso valor nos campos de batalha tem sido o assombro de nossos inimigos.

Estes fugido hão sempre do reflexivo brilho das formidaveis espadas, que empunhaes, e n'esta marxa vós o testimunhastes, vendo-os dezertar, e fugir espavoridos.

Sim, patricios, si um dia ouzarem nossos antagonistas disputar a contenda formados em batalha, conto, repetireis a terrivel lição do Seival.

Preparae-vos, amigos, disponde-vos, rezignae-vos, que ides ouvir de minha boca um revez, que sofremos, revez ingente, mas em vez de dezalentar-vos, deve animar-vos.

Oje sabei, soldados, que nosso inclito commandante, o Exm. Bento Gonçalves da Silva, na passagem do Cahi, sendo atacado por todas as tropas inimigas, rezistia com denôdo, mas concluidas as munições de guerra capitulou dignamente, entregando sua pessoa aos algozes, e livrando aos bravos, que o acompahavão, que marxão já em tropel a unir-se ao veterano Domingos Crescencio.

Concidadãos, nosso xefe está prezo entre os seus e vossos ›rdugos, e é força arrostar os perigos para libertal-o.

Nós marxaremos ao fim, carregando, envolvendo-nos em eio das falanges contrarias, com a espada em mão, e o óe será restituido aos nossos braços.

Não o duvideis, camaradas, as grandes emprezas são gnas de vós e da magna cauza, que imos defender.

Nós, dominantes das amenas campinas do Rio-grande, nhores dos melhores recursos para a guerra, quem nos ›ubará a victoria?

Quem duvidará do bom exito de nossas armas?

Ninguem que conheça nossa firmeza e pozição.

O revez, que sofremos, é grande; mas é um só no cirulo de tantos triunfos; por isso redobrae vosso valor, e enceremos.

Os Orientaes trabalhárão tambem como vós, e contra o ıesmo Imperio, contra que lutamos; elles conseguirão sua iberdade, e é facil, que, protegendo nossa cauza, a vioria em breve se decida por nossa parte.

Mas eu não conto sinão com vosco, vossos braços fortes : armados.

Valor pois e preseverança, concidadãos, e nossa cauza triunfará de quantos obstaculos e rezistencias o Brazil todo lescarregue sobre nós.

O omem, que trabalha por sua independencia e liberdade, jámais contramarxará, tendo constancia, união, e virtuoza conduta.

Eia pois ao proposto fim, o qual é sustentar a guerra, a independencia, e liberdade de nossa patria, e bradae comigo:

Vivão estes caros objetos de nosso juramento! e vivão os que protestão ser fieis ao solene voto.

Campo em marxa do rincão das Tunas em 30 de Outubro de 1836.

Antonio Neto.

(Copia avulsa.)

8 DE NOVEMBRO DE 1836.

Sobre a vinda dos xefes rebeldes para a côrte.

Illm. e Exm. Sr.

Recebi e levei ao conhecimento do Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo os oficios de V. Ex. de 10 de Setembro, acompanhando a relação de 7 prezos, que V. Ex., por julgal-os perigozos n'essa provincia, enviára para esta côrte, de 7 e 18 de Outubro, communicando no primeiro o completo triunfo sobre os anarchistas capitaneados por Bento Gonçalves, e acompanhando o segundo copia do oficio do comandante das armas, dando conta detalhada d'aquele feliz acontecimento, e finalmente de 19 do referido mez, acompanhando a relação dos prezos remetidos pelo pataxo *Venus*.

E o mesmo Regente, inteirado de todas as reflexões de V. Ex. acerca das consequencias, que devem seguir-se da falta de punição de taes réos, si por ventura com estes se praticar o mesmo que se tem já praticado com outros, depois de congratular-se com V. Ex. pelo feliz rezultado das oportunas e energicas medidas adotadas por V. Ex., a bem do restabelecimento da ordem legal n'essa provincia, manda communicar-lhe, que, convencido como V. Ex. está do máo efeito, que deve produzir a falta de punição dos cabeças e principaes autores dos males, que têem pezado sobre a mesma provincia, não só fez propôr ao corpo legislativo as medidas, que parecêrão convenientes sobre a concessão do *habeas-corpus*, como acaba de manifestar a mais completa reprovação contra o procedimento do juiz municipal em mandar soltar por ordem de *habeas-corpus* aos prezos antecedentemente aqui xegados, como a V. Ex. terá sido já prezente pelo avizo de 25 do mez passado, procedimento que de certo terá animado aos que recentemente acabão de xegar; porque já alguns d'elles, incluzive o principal cabeça Bento Gonçalves, têem dirigido a esta secretaria d'estado requerimentos exigindo certidões dos processos, que os acompanhárão, naturalmente para requererem uma igual graça; que estando, como fica referido, intimamente convencido da necessidade da punição de taes réos, e de dar-se com isto uma

tisfação aos pacificos e fieis abitantes d'essa provincia, los males que sofrêrão: manda novamente lembrar a Ex. o quanto convirá, que venhão todos acompanhados de s respectivos processos, prevenindo de que entretanto se são todas as medidas, para que, acerca d'estes ultimos, não pratique o que infelizmente se não pôde acautelar a peito dos outros.

Deus guarde a V. Ex.

Palacio do Rio de Janeiro 8 de Novembro de 1836.

Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja.

Sr. prezidente da provincia do Rio-grande do Sul.

(*Jornal do Comercio* de 15 de Novembro de 1836.)

Rio-grande, 31 de Outubro de 1836.

Xegou agora noticia de que Frutuozo Rivera com 400 mens passou d'este lado da fronteira, e está prezentemente n Alegrete.

Bento Manoel está em Cassapava com 2.500 a 3.000 mens.

Antonio Neto, que é oje o principal xefe dos rebeldes, tem rca de 1.500 bons soldados pelas vizinhanças de Bagé.

(*Jornal do Comercio* de 15 de Novembro de 1836. arta particular.)

---

1 DE NOVEMBRO DE 1836.

João Manoel eleito para commandante em xefe das forças rebeldes.

Quartel do commando interino das armas em Piratinin, de Novembro de 1836.

Ordem do dia.

Tendo sido infelizmente prizioneiro de guerra, pela mais egra perfidia do governo do Brazil, o onrado e virtuozo

coronel Exm. Sr. Bento Gonçalves da Silva, que dirigia em xefe as operações das forças liberaes, o commandante interino das armas, não obstante competir-lhe de facto e de direito o mando do exercito, ordenou aos senhores xefes e mais oficiaes, que o compoem, que elegessem quem substituir a aquele Exm. coronel durante o seu impedimento; e avendo recahido sobre o commandante interino das armas similhante eleição, por voto dos referidos xefes e oficiaes (á excepção dos da 4ª brigada e do mesmo commandante das armas, que nomeavão ao Sr. coronel Antonio Neto), assim a faz publica ao exercito para sua inteligencia.

O commandante interino das armas onra-se em extremo com similhante eleição, porque ella prova quanto n'elle confião seus camaradas; mas ainda que lhe seja lizongeira esta escolha, não desconhece todavia quanto é ardua e dificil a tarefa, de que ora se axa encarregado, e por isso espera, que todos os senhores oficiaes e mais praças do exercito o ajão de coadjuvar em tão importante missão com o seu reconhecido zêlo, valor, patriotismo, e subordinação.

J. M. de Lima Silva.

(Cópia do original.)

---

6 DE NOVEMBRO DE 1836.

Piratinim 6 de Novembro de 1836, 1 da Independencia e da Republica.

DECRETO.

Convindo marcar a glorioza época da Independencia do Rio-grande, sua elevação á categoria de Republica, o prezidente do estado decreta :

Art. 1° e unico. Nos diplomas de ora em diante publicados em nome do governo, e que tiverem de ser assinados ou rubricados por o prezidente do estado, se acrecentará, depois da sua data, o numero dos annos, que decorrerem depois da mencionada época, a qual deverá

contar-se desde o memoravel dia de oje, em que se celebrou o solene acto da Independencia.

Domingos Jozé d'Almeida, ministro e secretario de estado dos negocios do interior e interinamente dos da fazenda, assim o tenha entendido e faça executar.

Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim.

Domingos Jozé de Almeida.

(Impresso avulso.)

---

10 DE NOVEMBRO DE 1836.

Piratinim 10 de Novembro de 1836, 1° da Independencia e da Republica.

Decreto.

Tendo na mais distinta consideração o merecimento, valor, patriotismo, e relevantes serviços, que ha prestado á cauza da liberdade rio-grandense o major João Manoel de Lima Silva, ora commandante em xefe do exercito, ha por bem o prezidente da republica promovel-o ao posto do general de exercito da mesma republica.

Jozé Mariano de Matos, Ministro e Secretario de estado dos negocios da guerra e interinamente da marinha, o tenha assim entendido e faça executar.

José Gomes de Vasconcelos Jardim.

Jozé Mariano de Matos.

Por decreto de 8 de Novembro de 1836 fôrão abolidos os postos de brigadeiro, marexal de campo, tenente-general, e marexal de exercito, sendo substituidos taes postos pelo de « general que será o primeiro e o maior do exercito. »

---

12 DE NOVEMBRO DE 1836.

Piratinim 12 de Novembro de 1836, 1º da Independencia e da Republica.

Ocupando já na grande familia das nações o logar, que lhe compete, o estado rio-grandense, e convindo que elle tenha um escudo de armas, o prezidente da republica decreta :

O escudo d'armas do estado rio-grandense será de ora em diante da fórma de um quadrado dividido pelas tres côres, assim dispostas :

A parte superior junto á aste verde, e formada por um triangulo izoceles, cuja ipotenuza será paralela á diagonal do quadrado ;

O centro escarlate, formado por um exagono, determinado pela ipotenuza do primeiro triangulo, e a de outro igual e simetricamente disposto, côr de ouro, que formará a parte superior.

Domingos Jozé d'Almeida, ministro e secretario de estado dos negocios do interior, assim o tenha entendido e faça executar com os despaxos necessarios.

José Gomes de Vasconcelos Jardim.

Domingos Jozé d'Almeida.

(Impresso avulso.)

---

12 DE NOVEMBRO DE 1836.

Piratinim 12 de Novembro de 1836, 1º da Independencia e da Republica.

Tendo em a mais distinta consideração o merecimento, valor, acrizolado patriotismo, pericia militar, e relevantes serviços, que ha prestado á cauza da liberdade rio-grandense o coronel Bento Gonçalves da Silva, ha por bem

o prezidente da republica promovel-o ao posto de general de exercito da republica.

José Mariano de Matos, ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra e interinamente dos da marinha, assim o tenha entendido e faça executar.

Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim.

Jozé Mariano de Matos.

(Impresso avulso.)

---

14 DE NOVEMBRO DE 1836.

Piratinin 14 de Novembro de 1836, 1º da Independencia e da Republica.

Decreto.

Sendo constante, que o padre Manoel Jozé Soares de Pina, além da dezafeição que consagra á atual ordem de couzas, tem procurado seduzir a varios Alemães para dezertarem das fileiras do exercito, e não convindo que continue a exercer cargos publicos no estado aqueles individuos, que, como este, se têem feito notaveis por sua inimizade á cauza da independencia: — Ha por bem o goveruo demitil-o do emprego de paroco d'esta freguezia, que prezentemente exerce.

Jozé Pinheiro d'Ulhoa Cintra, ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça, assim o tenha entendido e faça executar com os despaxos necessarios.

Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim.

Jozé Pinheiro d'Ulhoa Cintra.

(Impresso avulso.)

---

18 DE NOVEMBRO DE 1836.

Araujo Ribeiro fala sobre o modo de pacificar-se a provincia.

« Do que V. Ex. tem sabido da provincia já póde coligir, que as circunstancias, em que me axo, são as mais

criticas possiveis: eu não descubro outro meio de pacifical-a sinão o de dar o feito por não feito, e contemporizar; e nem vejo por agora, que se possa fazer outro bem mais do que restabelecer o governo legal. »

(Oficio ao ministro da justiça de 18 de Novembro de 1836.)

---

28 DE NOVEMBRO DE 1836.

Assembléa provincial.

O vice-prezidente Dr. Marciano Pereira Ribeiro participa ao ministro da justiça, que convocára a assembléa provincial, a qual se instalára no dia 28 de Novembro de 1836.

(Oficio de 28 de Novembro de 1836.)

---

17 DE DEZEMBRO DE 1836.

Capitulação de Silva Tavares.

Artigos:

1.º Serão tratados como prizioneiros de guerra todos os oficiaes e mais praças aprizionadas oje, bem como serão guarda dos abaixo firmados os Srs. tenente Vasco Marques de Souza, Manoel Marcelino Dornelas, que serão inseparaveis dos firmados durante o tempo, que estiverem prizioneiros, com a guarda por elles nomeada, bem como debaixo da administração dos mesmos todos os mais prizioneiros.

2.º Que se entregaráõ suas armas e munições.

3.º No cazo que convenha ao governo se efetuará a liberdade dos firmados por meio de trocas.

4.º No cazo de se atacarem as duas colunas, não deixará por isso a guarda, ao mando do dito Sr. Vasco Marques, de se conservar junto dos prizioneiros para garantir as suas vidas. Em cazo de revez os firmados afiançião serem os prizioneiros oficiaes e toda a escolta, que os guarda, garantidos, e postos em liberdade com direito salvo de se irem

reunir á força, a que pertencem, com toda a sua equipagem e armamento.

Em firmeza do que se passárão dous d'este teor, sendo um entregue ao Sr. tenente-coronel comandante da força aprizionada, e outro em poder dos firmados.

Caza de Bonifacio Jozé Nunes 17 de Dezembro de 1836.

Coronel *João da Silva Tavares.*
Capitão *Serafim Caetano.*
Jozé Vieira Nunes.
Ajudante *Francisco Feijó.*
Tenente *Genuino Dutra.*
Pedro Ganga.

(*Jornal do Commercio* de 16 de Janeiro de 1837.)

O exemplar entregue a Silva Tavares era assignado por:

David Jozé Martins, tenente-coronel das forças em operações.
Jacinto Guedes da Luz, capitão.
Noé Jozé da Silva, capitão.
Jozé Alves Valença, tenente.
Manoel d'Avila Peixoto, tenente.
Jozé Simplicio Ferreira, tenente.
Vasco Marques de Souza, tenente das forças republicanas.
Manoel Marcelino Dornelas, tenente.

OUTUBRO E DEZEMBRO DE 1836.

Situação dos rebeldes depois do combate de Fanfa.

Bento Manoel obrigou os rebeldes a passarem o Candiota para os poder encontrar no campo razo.

Ambas as forças andão á vista uma da outra, e consta, que os anarchistas não fôrão ainda batidos, porque aprezentão a negrada (500 a 600 omens) na frente, e que não convem prejudicar os senhores dos escravos, que são quazi todos da legalidade.

Bento Manoel tem andado maneirando a procurar golpe seguro para poupar sangue. Conta agora 3.000 omens. além da gente que tem em varios pontos da fronteira. Silva Tavares está um pouco para cá do Jaguarão, e foi mandado por Bento Manoel correr as immediações do Erval, a vêr si dá depois um assalto na capital da republica (Piratinin) e si não ouver transtorno d'aqui a 2 ou a 3 dias saberemos do rezultado.

(*Jornal do Comercio* de 28 de Dezembro de 1836. Carta particular.)

---

1 DE JANEIRO DE 1837.

Propostas de paz por parte dos rebeldes.

Illm. e Exm. Sr.

Conforme me avia assegurado o anarchista Antonio Neto, e eu participei a V. Ex. no meu oficio de 30 de (Dezembro) vierão ontem Antonio Paulo da Fontoura. e Jozé Pedro Soares, autorizados por Jozé Gomes Jardim, que se intitula prezidente da republica do Rio-grande, para fazer as propozições tendentes a se terminar a guerra.

Fôrão porém tão exorbitantes as propozições, que me fizerão, e todas ellas tendentes a um explicito reconhecimento da fantastica republica, que tive de desprezar, e oje me puz em marxa sobre os rebeldes com o dezignio de os bater.

Elles seguem com direção ao Veleda e acredito, que d'ahi farão a mesma volta, que da viagem passada, e com o fim de nos cançar e estragar a cavalhada, e esta coluna necessariamente tem de seguir na retaguarda d'elles.

Asseguro porém a V. Ex., que conseguindo aproximar-me a elles, o menor discuido, que tiverem, farei aproveitar.

Deus guarde a V. Ex.

Campo em marxa no Seival 1 de Janeiro de 1837.

Illm. e Exm. Sr. Jozé d'Araujo Ribeiro.

Bento Manoel Ribeiro.

(*Jornal do Comercio* de 18 de Fevereiro de 1837.)

---

§ 5.

PREZIDENCIA DE ANTERO JOZÉ FERREIRA DE BRITO.

17 DE JANEIRO DE 1837.

Adiamento da assembléa-provincial.

Paticipo a Vmc., que em atenção ao estado convulsivo, em que por fatalidade se axa ainda a provincia, rezolvi, autorizado pelo § 2 do art. 24 da lei de 12 de Agosto de 1834, adiar a instalação da assembléa provincial, até o 1° de Janeiro do corrente anno, dia em que terá lugar a primeira sessão.

Espero portanto, que Vmc. expeça de acordo as suas ordens, para que assim se verifique.

Deus guarde a Vmc.

Porto-alegre 17 de Janeiro de 1837.

Antero Jozé Ferreira de Brito.

Srs. prezidente e mais vereadores da camara municipal da cidade de Porto-alegre.

(*Jornal do Comercio* de 18 de Fevereiro de 1837.)

—

Decreto de 20 de Fevereiro de 1837 concede pensão :

A João da Silva Tavares de 1:200$000.

Ao coronel xefe de legião Gabriel Gomes Lisboa de 800$000.

A viuva e filhas do coronel Vicente Ferreira da Silva Freire de 600$000.

Ao capitão da guarda nacional Jozé Ignacio da Silva Arinos de 400$000.

« Em remuneração dos serviços prestados á cauza da legalidade na provincia do Rio-grande do Sul. »

—

22 DE FEVEREIRO DE 1837.

Estado militar da provincia do Rio-grande do Sul.

Illm. e Exm. Sr.

Durante os 2 ultimos mezes passados tenho corrido todas as aguas da provincia desde Sebolati e Jaguarão até Taquari e São-Leopoldo: os rebeldes já não ocupão pozição alguma accesivel ás forças de mar; e com toda a perda do resto da sua artilharia não serão capazes de se fortificarem mais.

Por consequencia resta-nos sómente agora vigiar.

Deus guarde a V. Ex.

Bordo da canhoneira n. 7, surta em o ancoradouro de São-Pedro do sul em 22 de Fevereiro de 1837.

Illm. e Exm. Sr. Salvador Jozé Maciel, ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha.

João Pascoe Greenfel, xefe de divizão, commandante da força navâl.

(*Jornal do Comercio* de 18 de Março de 1837.)

---

22 DE FEVEREIRO DE 1837.

Necessidade de substituição de Bento Manoel.

Illm. e Exm. Sr.

Pelos oficios, que dirijo, ficará inteirado do que ocorre, e por elles poderá fazer exato juizo a respeito de Bento Manoel: não digo qual a maneira de o substituir, porém que ha necessidade.

Este omen declara até ao inimigo, que dezejava, que os anarchistas tornassem a entrar em Porto-alegre para se vingar dos galegos; que não se perdia nada, si matassem Silva Tavares, o maior dos sanguinarios; cança as tropas e não bate o inimigo; tem muito de propozito entregue aos

anarchistas à fronteira do Rio-grande e cidade de Pelotas para vingar-se, diz elle, de certas pessoas; por vezes tem sido quazi demitido pela mesma tropa.

Preciza-se pôr termo; e bom será, que o governo central o faça e poupar-me-á muitos desgostos, e adiantará a concluzão da campanha.

Sou parente e amigo de V. Ex.

Antero Jozé Ferreira de Brito.

(Archivo publico.)

Sem data; mas parece esta carta escrita do Rio-grande em 22 de Fevereiro de 1837 ao ministro da guerra, Conde de Lages.

MARÇO DE 1837.

Onofre Pires e Afonso Jozé de Almeida Corte-real fugirão da fortaleza de Santa-cruz na noite de 10 para 11 de Março de 1837.

(*Jornal do Comercio* de 14 de Março de 1837.)

1837.

O prezidente Jozé Gomes Jardim a Frutuozo Rivera.

Exm. Sr. general D. Frutuozo Rivera. Apreciavel amigo.

Por cauza do apuro, em que nos hão trazido os realistas em suas continuas marxas e contramarxas, tenho sido privado de dirigir-me a V. Ex., e oferecer-lhe todo o meu prestimo; o que agora faço com aquela sinceridade, de que se faz credor, e é a norma de meu carater franco e leal.

O coronel Daniel Gomes de Freitas vae em meu nome abraçar a V. Ex., e de viva voz lhe manifestará quanto convem na atualidade das couzas: espero sejão suas razões acolhidas por V. Ex. e que se digne tomal-as em séria consideração.

Segundo me afirmou o nosso amigo general Bento Gonçalves, já será V. Ex. siente de que tomei sobre meus debeis ombros a oneroza tarefa de dirigir o timão do estado, apezar de minha idade avançada e valitudinario estado.

Dezejarei ser prestavel ao meu paiz no derradeiro periodo de minha existencia, e poder manter com meus compatriotas uma politica leal e franca com esse estado, e com aquelas nações, que simpatizão em nossos principios de independencia e liberdade.

Digne-se V. Ex. dar-me uma idéa da ação de 24 do p. passado; pois as noticias, que por aqui correm, divergem, e isto sobremaneira aflige ao de V. Ex. sincero amigo, e servidor reconhecido.

Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim.

(Copia da minuta original.)

---

23 DE MARÇO DE 1837.

Bento Manoel convida diversos generaes a unirem-se a elle.

Illm. Exm. Sr.

Conhecendo os infinitos males, que o despotismo e arbitrariedade do brigadeiro Antero Jozé Ferreira de Brito fazião pezar sobre os mais distintos e leaes Rio-grandenses, e bem assim os que por sua pessima administração ameaçavão submergir para sempre em um pelago de desgraças esta infeliz provincia, prendi-o para evitar, emquanto é tempo, o precipicio, a que em tão curto espaço nos ia elle arrojando.

Posso assegurar a V. Ex., que com este passo se extinguirá entre nós a guerra civil, si V. Ex. lhe prestar coadjuvação, como espero dos seus serviços e patriotismo.

Tudo se armonizará: os republicanos dezistem de seus projetos, e se submetem ao governo imperial, si quanto antes vier occupar a vice-prezidencia o Dr. Joaquim Vieira da Cunha, e si for entregue ao brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto o commando da guarnição d'essa cidade.

Adotadas estas medidas, eu respondo ao governo imperial pela detenção do brigadeiro Antero de Brito.

É ainda necessario, que se faça quanto antes partir para entre seus companheiros o general D. Frutuozo Rivera; e na certeza de que o dito brigadeiro responderá com a vida a toda a omissão, que aja a este respeito.

Espero, que V. Ex. aproveitará esta ocazião para fazer mesmo um distinto serviço á nossa patria; promovendo eficazmente a concluzão d'este assunto.

Deus guarde a V. Ex.

Campo 23 de Março de 1837.

Illm. e Exm. Sr. Bento Corrêa da Camara, tenente-general.

Bento Manoel Ribeiro.

(Cópia do original.)

No mesmo sentido e teor ao :

Brigadeiro Manoel Carneiro da Silva Fontoura (24 de Março).

Brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto (24 de Março).

Marexal de exercito João de Deus Mena Barreto (23 de Março).

Tenente general Francisco das Xagas Santos (24 de Março).

---

2 DE ABRIL DE 1837.

Vice-prezidencia na falta do prezidente Antero de Brito.

Cumpre-me participar a essa camara municipal, que por ocazião dos sucessos, que acabão de ter lugar na fronteira do Alegrete, pela perfidia do ex-commandante das armas Bento Manoel Ribeiro, o qual no dia 23 do passado surprendeu e aprizionou o Exm. prezidente da provincia, fui pela

camara municipal d'esta cidade empossado da vice-prezidencia, para que n'esta inteligencia a mesma camara se me dirija como á autoridade competente.

Deus guarde a Vm.

Porto-alegre 2 de Abril de 1837.

Americo Cabral de Melo, vice-prezidente.

Sr. prezidente e mais vereadores da camara municipal de São-Jozé do Norte.

(*Jornal do Comercio* de 21 de Abril de 1837.)

ABRIL DE 1837.

Deportações para fóra da provincia.

Em 2 de Abril de 1837.— O vice-prezidente, em virtude de ordem anterior de Antero de Brito, remete para a côrte 118 deportados (gente de nenhuma importancia social).

Oficio do general Francisco das Xagas Santos.

1838.

O prezidente Antonio Eliziario por diversas vezes envia para a côrte prezos por crimes politicos, uns com processo, outros sem elle, 88 individuos.

Oficio ao ministro da justiça de 17 de Julho de 1838.

Em 10 de Janeiro de 1838.— Antonio Eliziario remete para a côrte 40 prezos pronunciados por crimes politicos, e 20 para sentar praça.

---

2 DE ABRIL DE 1837.

Explica o procedimento de Bento Manoel.

Já Vm. saberá, que Bento Manoel Ribeiro prendeu atraiçoadamente no passo do Tapevi, a 23 de Março

findo pela meia noite, ao prezidente legal Antero Jozé Ferreira de Brito, em menoscabo da lei, que d'esta sorte calcou.

Em consequencia pois de ser eu o vice-prezidente mais votado, aqui rezidente, fui ontem empossado da prezidencia da provincia, e por isso vou informar a Vm. de algumas particularidades a respeito de similhante atentado, afim de que o faça constar a esses abitantes e com especialidade ao digno prezidente da camara d'essa vila Vidal Jozé do Pilar, que tantos esforços tem feito a favor da cauza, que defendemos, e espero continue.

Bento Manoel, parecendo que estava de propozito paralizando as operações em campanha, foi instigado pelo prezidente e não pelo ministro da guerra, para que desse um golpe decizivo sobre os anarchistas, e pozesse d'esta sorte termos aos flagelos, que dilacerão esta malfadada provincia; porém elle levando a mal a mudança da administração e continuando sua costumada frieza, não buscou satisfazer aquelas ordens; antes ao contrario julgou-se ofendido em seu orgulho, e premeditou vingar-se do prezidente á custa do sangue e averes dos seus compatriotas.

Primeiro convocou todos os xefes do exercito para o deporem por via de uma reprezentação dirigida ao governo; mas, não podendo obter o consentimento d'este, licenciou o exercito todo, deixando exposto ao vandalismo dos anarchistas os distritos de Jaguarão, Piratinin, e outros.

O prezidente, vendo tão descarado comportamento, e que o inverno se aproximava, seguio para Alegrete a influir aqueles povos, com o intento de fazer um esforço, com que acabasse a infausta luta; e foi então por aquele prezo; que levado ao ultimo apuro da raiva, mancommunou em 20 de Março com os rebeldes David Canabarro, João Antonio e Antonio Neto.

Tal tem sido a perfida conduta de Bento Manoel, que para melhor encobrir seu atroz crime, não cessa de espalhar a sizania entre os legalistas, propagando que elle só pretende abater um partido luzitano aqui existente; quando similhante facção jamais ouve, mas sim omens, que, reprovando a sua incuria, duvidavão da sua bôa fé, e cujas suspeitas se acabão de verificar.

Espero portanto do zelo e patriotismo, que caracterizão a Vm., que, tomando parte mais activa em os negocios da legalidade, não só busque com a sua influencia reunir o maior numero de gente de confiança, mas tambem desvanecer as rasteiras intrigas de que se serve Bento Manoel para ir a seus fins, comprometendo-nos e dividindo-nos.

O benemerito Gabriel Gomes e outros xefes de acrizolada confiança estão em campo reunindo forças; suficientes recursos não nos faltão; e maior ainda é o entuziasmo dos povos, que em todos estes contornos correm ás armas, afim de rebater a traição, que acaba de commeter o ex-commandante das armas.

Deus guarde a V. Ex.

Porto-alegre 2 de Abril de 1837.

Americo Cabral de Melo, vice-prezidente.

Sr. capitão Francisco de Paula Macedo Rangel.

---

5 DE ABRIL DE 1837.

Silva Tavares anima os legalistas depois da prizão do prezidente Antero de Brito.

Proclamação.

Bravos defensores da legalidade!

Acabaes de vêr a proclamação do valente e leal defensor da integridade o coronel Gabriel Gomes; a todos vós é patente o facto mais orrorozo, e só proprio d'esse traidor, que pela segunda vez é perjuro ao Imperador e ingrato á sua patria.

Sim, o Exm. Sr. prezidente o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito foi traiçoeiramente arrancado do seio dos legalistas, e entregue aos anarchistas pelo ex-commandante das armas Bento Manoel Ribeiro.

Este orrorozo atentado, só digno de um monstro com figura umana, prova exuberantemente, que este perfido se desligou da communhão brazileira.

Os bravos defensores da legalidade Gabriel Gomes, Gama Lobo, Bonifacio Calderon, e João Crizostomo marxão a bater os anarchistas e a resgatar o prezidente legal.

Não trepideis pois na escolha do dever ou do indiferentismo ; quem vos fala é vosso patricio e fiel companheiro.

Viva a integridade do Imperio!
Viva S. M. o Imperador constitucional !
Viva a assembléa geral !
Viva a Regencia em nome do Imperador !
Viva o prezidente da provincia!
Vivão os leaes defensores da lei !

Pelotas 5 de Abril de 1837.

João da Silva Tavares, commandante superior das guardas nacionaes.

(*Jornal do Comercio* de 21 de Abril de 1837.)

---

14 DE ABRIL DE 1837.

Decreto.

O Regente em nome do Imperador o Sr. D. Pedro Segundo ha por bem exonerar do commando das armas da provincia do Rio-grande do Sul ao brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, por assim o aver elle requerido.

Paço em 14 de Abril de 1837.

Diogo Antonio Feijó.

Salvador Jozé Maciel.

(*Jornal do Commercio* de 2 de Maio de 1837.)

Foi nomeado para o substituir o tenente-general Francisco das Xagas Santos emquanto exercesse o lugar de prezidente da provincia, conforme o decreto de 14 de Abril de 1837.

---

8 DE ABRIL DE 1837.

Tomada de Cassapava.

Illm. e Exm. Sr.

Apresso-me a dar a V. Ex. e a todos os livres continentistas parabens pelo fausto e extraordinario triunfo, alcançado oje pelas forças do meu commando sobre os retrogrados estacionados na vila de Cassapava.

Dispunha-me a operar pelo centro, segundo fiz vêr a V. Ex. no meu anterior oficio, e já ocupava o passo do Francisquinho, quando fui informado por um oficio do coronel João Antonio de ter Bento Manoel, por intermedio do alferes Loureiro, mandado oferecer ao mesmo os seus serviços, visto o desgosto de que se axava possuido pela traição commetida com elle, advertindo na mesma ocazião ao dito coronel, que convinha muito, que fôsse atacada a vila de Cassapava, lugar em que estava todo o depozito belico de campanha, e o que João Antonio conhecendo quanto era vantajozo, marxou a sitial-os, participando-me para que o ajudasse.

Não vacilei em marxar sobre o inimigo; tendo xegado a este ponto a 2 do corrente, fiz no mesmo dia uma intimação aos sitiados, que a pedido seu estava em suspensão de armas, concedendo-lhes esta até o dia 5.

Terminado este prazo reiterárão a petição anterior, á qual assenti; pouco a pouco conheci a maldade, com que o exigião; porém sabendo que tinhão 700 omens das tres armas, não me convinha atacal-os com tanta rapidez, esperando desmoralizal-os com alguma demora mais, introduzindo proclamações, etc., etc., que felizmente produzirão o dezejado rezultado. Toda a cavalaria abandonou, incorporando-se parte d'ella ás nossas fileiras, e evadindo-se o resto pelos montes vizinhos.

Ontem á tarde fui informado, que tratava de retirar-se com a infantaria e 25 omens de cavalaria, que lhe restavão, e dei as providencias necessarias para perseguil-os, logo que abandonassem a sua pozição.

Ás 7 oras da noite empreendêrão a sua retirada; apenas deixárão a povoação, marxei pela retaguarda, e

ocupei os pontos, apoderando-me logo da artilharia, que deixárão.

O coronel João Antonio com a divizão do seu commando estava á frente do inimigo; este perdendo a sua pozição e a artilharia, e axando-se entre duas colunas fortes, rendeu as armas e d'este modo conclui o nosso triunfo, sem que em todo o periodo do sitio ouvesse um só tiro, ficando n'esta vila grande porção de munições, 15 peças e 400 e tantas armas de infantaria.

Conservo debaixo de custodia todos os oficiaes; quanto aos soldados trato de engajal-os ao nosso serviço.

A primeira brigada com 3 peças e 200 infantes deve marxar com brevidade a seu ponto para operar sobre Pelotas e Rio-grande em combinação com o coronel Domingos Crecencio, em tanto que eu sigo operando com o resto da artilharia sobre o centro.

O inimigo está por toda a parte nos ultimos paroxismos, e com a prizão de Antero de Brito tem perdido toda a força moral; o que me faz alimentar a lizongeira esperança, de que em todo o mez de Maio terminaremos nossa eroica luta.

Deus guarde a V. Ex.

Acampamento em Cassapava 8 de Abril de 1837.

Illm. e Exm. Sr. Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim, prezidente da Republica rio-grandense.

Antonio de Souza Neto, commandante do exercito.

(Proc. de cons. de guer. fol. 25 v.)

---

12 DE ABRIL DE 1837.

Proclamação sobre a tomada de Cassapava.

Palacio do governo. Piratinin 12 de Abril de 1837.

Compatriotas!

O orizonte politico de nossos negocios, que nos aprezentava, ha seis mezes, um aspecto terrivel, agora nos

apareceu claro, rizonho; e a deusa dá razão e da justiça parece dedicar-se a coroar os nossos esforços.

A politica perversa de Araujo Ribeiro, segundado por Antero de Brito, foi o agente de nossa prezente prosperidade: as suas arbitrariedades, suas caprixozas injustiças, e a perseguição sistematica feita não só aos patriotas, mas tambem aos indiferentes, e aos estrangeiros, puzerão em susto o estado em massa, aparecendo logo o desgosto, a intriga, e a desmoralização.

Compatriotas! Os dias 7 e 8 do corrente acabão de coroar as nossas esperanças, e nos presagião um futuro venturozo.

Foi no dia 8, que o general Antonio Neto carregou sobre as tropas em Cassapava, e fez entregar as armas aquela divizão, ultima coluna forte, que o inimigo tinha, composta das tres armas, 15 peças de artilharia, grande porção de mantimentos e munições de guerra.

A prizão do prezidente Antero de Brito, na vizinhança de São-Gabriel, a sahida do omem de mais presteza do exercito imperial, a perda da divizão em Cassapava, e a dissolução da divizão de brigada de Bonifacio Calderon sem duvida levão ao ultimo dezalento o imbecil partido legalista.

Compatriotas! Já muito pouco nos resta para rematar a nossa obra politica; mas é mister sermos generozos para com os nossos inimigos.

É excuzada esta recommendação, porque estes atributos são filhos do valor, e esta guerra é a guerra de onra contra a infamia.

Desprezemos os insultos abracemos os nossos irmãos iludidos, que tiverão a desgraça de xegarem-se mais tarde á razão, e a favor dos quaes já decretei a anistia em data de 5 do corrente.

Viva a nossa religião!
Viva o triunfo da nação rio-grandense!
Vivão os bravos defensores da republica!

Jozé Gomes de Vasconcelos Jardim.

(*Jornal do Comercio* de 16 de Maio de 1837.)

11 DE MAIO DE 1837.

Intimação a Porto-alegre.

O infra-escrito, general em xefe do exercito republicano rio-grandense, tendo a gloria de vêr pacificada toda a campanha, e a maior parte das povoações, sem efuzão de uma só gota de sangue, pela espontanea e mutua coadjuvação da maior parte dos continentistas, que alfim, reconhecendo seus direitos e interesses, se têem ligado a um centro de união, sustentando o sistema republicano, como unico que garante o pronto restabelecimento de ordem e tranquilidade publica, observa com magoa, que meia duzia de individuos, tenazes em seu temerario caprixo, sem atenderem ao bem publico, e ao voto unanime da maioria dos Rio-grandenses, pretendão concentrados em tres povoações com os fragmentos das forças imperiaes, izolados de todos os recursos, sustentar principios monarchicos n'este estado ; tendendo esta improficua rezistencia a agravar inutilmente os males da patria.

O abaixo assinado, em vista da temeraria e louca rezistencia, que em vão pretendem sustentar, ora se dirige ao Exm. Sr. prezidente dos suditos do governo brazileiro, para que cure com tempo da salvação das forças e individuos a seu cargo, aceitando as generozas e conciliadoras propozições abaixo exaradas, bem certo que alias é infallivel essa desgraça.

O abaixo firmado, anhelando sinceramente o termo das crueis rivalidades, e intestinas commoções, protesta por si, e em nome do governo do estado, garantir plena liberdade individual e de propriedade a todos os individuos estacionados na cidade de Porto-alegre, quando no peremptorio prazo de 48 oras reconheção a independencia do estado, e submetão-se ás ordens das autoridades republicanas, da parte das quaes, durante este periodo, serão obstadas as ostilidades, salvo em reprezalia a qualquer agressão dos imperiaes.

O abaixo firmado nutre a lizongeira esperança, que serão atendidas suas justas propozições; aliás se verá na forçoza colizão de lançar mão da força para fazer aos contumazes

entrarem no gremio dos seus deveres, tornando-os responsaveis ante o Brazil e o mundo inteiro pelo sangue e vitimas innocentes immoladas, e os inevitaveis males que sucedem, sempre que á força de armas é penetrada uma povoação inimiga.

Quartel-general, junto á cidade de Porto-alegre, 11 de Maio de 1837.

Illm. e Exm. Sr. vice-prezidente dos subditos do governo brazileiro.

Antonio de Azevedo Neto.

(Archivo publico.)

---

7 DE ABRIL DE 1837.

Capitulação de Cassapava.

Cidadão general.

Secretaria da guerra em campo 28 de Fevereiro de 1844.

Dignae-vos esclarecer ao governo, si o batalhão aprizionado pelas forças de vosso commando em Cassapava no dia 8 ou 9 de Abril de 1837, foi rendido por capitulação, ou entrega á discrição dos vencedores; pois que o cidadão general em xefe do exercito o exige do governo por intermedio d'esta secretaria para desmanxar uma duvida, que a tal respeito se suscita.

Deus vos guarde como é mister á Republica.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Cidadão general *Antonio Neto.*

(Cópia da minuta original.)

ABRIL E MAIO DE 1837.

Depois da tomada de Cassapava pelos rebeldes.

Reunem-se os oficiaes rebeldes, e nomeão general em xefe do exercito republicano a Antonio Neto, sendo rezolvido ir

este ao Rio-pardo, e depois sitiar Porto-alegre, e tentar tomar a barra do Rio-grande.

Bento Manoel e Frutuozo Rivera estiverão prezentes n'essa ocazião (14 de Abril de 1837) em Cassapava.

1837.

Do oficio do vice-prezidente ao ministro da guerra, de 25 de Abril de 1837, consta, que em consequencia da prizão de Antero Brito o Dr. Americo Cabral assume a prezidencia, na auzencia do Dr. Joaquim Vieira da Cunha (partidista de Bento Manoel), e logo nomeou commandante das armas interino a Sebastião Barreto.

Emquanto este não xega (estava em Missões) nomêa o general Francisco das Xagas Santos para esse cargo.

N. B. Bento Manoel, alguns dias antes de prender a Antero de Brito, oficia a este dizendo que estava doente, e não podia continuar no commando das armas.

Antero de Brito responde, que passe o commando ao oficial mais graduado.

Em oficio de 18 de Março de 1837 ao ministro da guerra, Antero de Brito diz:

Que Bento Manoel o quizera depôr.

Que Bento Manoel dissolvêra o exercito, deixando os pontos principaes expostos aos rebeldes.

Que negára passaporte a Frutuozo Rivera, o qual queria ir para Montevidéo derrubar Manoel Oribe.

Que Bento Manoel estava de acordo com Frutuozo Rivera.

Que elle Antero de Brito ia aproximar-se o mais possivel da fronteira.

Do oficio de 6 de Abril de 1837 ao ministro da guerra vê-se o seguinte:

Depois da prizão de Antero de Brito, João Crizostomo estava em Cassapava com 900 omens das 3 armas, sitiado por 1.000 rebeldes;

Gabriel Gomes em Rio-pardo com 600;

Ambos devião unir-se para bater os rebeldes.

Frutuozo Rivera estava então detido em Porto-alegre e auzentou-se.

(Archivo publico.)

---

28 DE MAIO DE 1837.

Despejo do cidadão para fóra do estado.

Illm. Sr.

Em resposta ao oficio de V. S. datado de oje, cumpre-me dizer, que Marcelino da Cruz me foi remetido prezo pelo xefe de policia de seu departamento, por ser indiciado inimigo da cauza, que felizmente defendemos; e como faltassem no oficio de remessa d'aquele commandante de policia as declarações necessarias acerca do delito, de que era arguido, o soltei, mandando que fosse empregado no serviço passivo, que ouvesse n'esta cidade, até que se provassem as queixas, que ha sobre o dito Marcelino da Cruz relativo á arguição acima declarada; e tendo sido entregue ao juiz de paz, Serafim Jozé da Silveira, este o empregou no serviço acima dito: este máo cidadão fugio, logo que soube terem passado o rio São-Gonçalo os nossos inimigos (talvez com o dezignio de lhes prestar seus serviços), mas a inopinada retirada d'aqueles baldou os seus dezignios, e se tornou a aprezentar ao juiz de paz com tão frivolas desculpas que obrigou aquele juiz a metel-o na cadeia, e d'isto me participar; e em resposta dirigi-me ao juiz para que fizesse o dito Marcelino da Cruz assinar um termo de despejo deste estado, no prazo de 20 dias, podendo remover seus gados e mais bens, por ser isto conforme ás terminantes ordens do governo.

Deus guarde a V. S.

Cidade de Piratinin 28 de Maio de 1837.

Illm. Sr. Antonio Jozé Martins Coelho, juiz de direito.

Domingos Crecencio de Carvalho.

(Cópia autentica.)

---

25 DE JUNHO DE 1837.

Convida á paz e concordia.

Abitantes do Curral-alto!

O dobre jugo de arbitrio e preponderancia, que tão gravemente vos tem flagelado, oje despedaçou-se, e triunfou a cauza nacional.

Sim, compatriotas, o orgulhozo grito dos despotas, que então vos oprimia, oje sucumbe ante esta pequena coórte de omens livres, que vós vêdes acompanhar-me.

Elles empunhão a cortadora espada, não para escravizar-vos; não para vingar ultrages, que aveis feito; não para seguir o terrivel direito de conquista; não para exigir tributos do innocente sangue por vós e vossos cumplices derramado; e sim para dar-vos a liberdade, para restituir cidadãos á republica, filhos a uma patria, ontem patrimonio do Brazil, oje nação independente.

Vós fôstes alienados e iludidos outr'ora; nós seremos clementes, e generozos agora.

Correi pois a aceitar o osculo fraternal, e com elle a paz, e salvo-conduto, que autorizado pelo supremo governo da republica vos ofereço.

Abjurai porém antes o dominio braziliense, dominação injusta, e opressora; atentai sómente, que xegou o prazo, a época feliz, que marcada estava pela mão superior para a regeneração do Rio-grande, e que defendeis oje aquele mesmo direito, que defendeu o Brazil, quando se desligou do Portugal ingrato.

Amados concidadãos! Extinta a vossa iluzão, extinta está a guerra em nossa patria; abandonai pois a venda do engano, e vinde com firmeza aos braços nossos.

Vossas pessoas, vossas familias, e vossas propriedades serão religiozamente respeitadas, uma constituição, que jurámos no dia da nossa emancipação, vos afiança o infalivel gôzo de taes direitos, e um véo espesso e obscuro já foi lançado sobre vossa conduta.

Aprezentai-vos, cidadãos. Irmãos, brademos:
Viva a republica rio-grandense!
Vivão seus generozos defensores!
Vivão os cidadãos reconciliados!

Campo em marxa dos Palmares 25 de Junho de 1837.

Jozé de Souza Neto, commandante da 1.ª brigada.

(Cópia do original.)

---

21 DE AGOSTO DE 1837.

Recomenda moderação reprovando vinganças particulares.

Valentes republicanos!

O valor e bravura marcial, que aveis dezenvolvido em todas as crizes, e sobretudo na batalha do immortal dia 12 do corrente, serão em letras indeleveis transmitidos á mais remota posteridade.

Derrotada completamente a melhor força, que restava aos retrogrados, pouco nos falta a vencer para banirmos de nosso solo aos infames satelites da tirania.

Compatriotas! o mais terrivel inimigo, com que ora temos de lutar, em nós existe; é refrear os excessos de paixões irritadas pela perversidade de nossos inimigos.

Sei que vos sobeja razão do ardente dezejo de vingança, que vos devora, pelas iniquidades, traições e injustiças, de que aveis sido vitimas e milhares de patriotas, que hão inermes sucumbido ás mãos de seus verdugos; porém meditae o turbilhão de males, a que seremos arrastados, si dermos dezenvolvimento a particulares vinganças; é sobretudo mister, que nós trabalhemos para firmar a felicidade de nossa patria, e os tiranos conhecendo que sempre a perdem, a quererem reduzir a cinzas e a mizeria.

É pois forçozo, que os patriotas, que, vencendo mil dificuldades, têem sustentado a cauza da liberdade, tributem mais este sacrificio no altar da patria, que altamente o reclama, como que confundindo nossos debeis inimigos nos

tornaremos respeitados das nações, que em nós têem depozitado suas vistas.

A feroz anarchia, introduzida nas fileiras dos retrogrados, os faz mutuamente dilacerar este patente espelho, e os beneficios, que d'elle nos rezultão, mais nos deve fazer respeitar os actos emanados das autoridades constituidas, deixando-as livremente exercer a missão de que estão incumbidos, certos de que não deixaráõ impunes os verdadeiros criminozos.

Conhecedor de vosso caracter docil e generozo, já me ufano de serem satisfeitos os ardentes dezejos de vosso patricio, amigo e fiel companheiro.

Viva a liberdade!

Viva o governo republicano!

E vivão os sustentadores da independencia do continente.

Quartel-general á vista de Porto-alegre 21 de Agosto de 1837.

Antonio de Souza Neto.

(Cópia autentica.)

---

23 DE SETEMBRO DE 1837.

Pede-se a publicação de um manifesto ao mundo e a eleição de uma assembléa constituinte.

Illm. e Exm. Sr. prezidente do estado.

Os officiaes da 1ª brigada do exercito d'esta republica, reunidos em conselho, unanimes em opinião e anhelando só a salvação do estado, acordarão levar ao respeitavel juizo de V. Ex. uma reprezentação concebida nos termos seguintes.

Sendo de urgente necessidade a organização de uma assembléa de reprezentantes, para esta deliberar sobre os cazos de maior magnitude, e sobre sua perfeição, adiantamento e prosperidade, aprezentando ao juizo do mundo imparcial um manifesto solene das cauzas, que compelirão a

esta parte do Imperio brazileiro a proclamar sua existencia como estado livre, e independente: é fundados n'estes principios, é inflamados no amor da patria, é por zelo de seus direitos inauferiveis, que os oficiaes infra assinados reclamão de V. Ex. a pronta e legal eleição de seus reprezentantes, eleitos por seus concidadãos indistintamente, isto é, por todos os municipios do estado, que têem reconhecido, e vão reconhecendo nossa justa cauza de separação.

Os oficiaes, que reprezentão, exigem de V. Ex. o seu assenso a quanto fica expenso, nutrindo as maiores esperanças, de que este passo dado para sua perfeição e adiantamento, dezalentará de certo (por todos os angulos da Republica) os fracos inimigos, com que ainda empenhados lutamos, e os fará conhecer, que não ambicionando uma ditadura, só aspiramos um governo justo, patriotico e independente; e o veo obscuro, em que tem estado constantemente involtos, se descortinará, com suas iluzões, enganos e superstições.

Um manifesto ao mundo é, Exm. Sr., o mais vantajozo, o mais precizo passo, que nos cumpre avançar; elle deveria aparecer n'esse dia immortal, n'este augusto dia, em que unisonos gritámos: Independencia ou morte.

Uma assembléa reprezentativa é, em que fundamos nossas futuras esperanças e felicidade, e é quanto submissos requeremos a V. Ex., conjurando-o, pelos vinculos de nossa origem, não frustrar com a negativa os progressos, que nos rão seguir de tão prudente e salutar medida.

Acampamento nas Asperezas 23 de Setembro de 1837.

Jozé de Souza Neto, tenente-coronel commandante da 1ª brigada.

Seguião-se mais de 50 assinaturas de oficiaes.

(Cópia autentica.)

Felicitação a Bento Gonçalves depois do seu regresso da prizão.

Eróe do continente!

Com que jubilo empunhamos a penna para vos saudar, e bemdizer o momento feliz, que nos anuncia a vossa xegada.

Nós careciamos a eloquencia de um Cicero, para traçar-vos com expressivas côres o mais solene encomio; porém os bons dezejos suprirãõ a escassez das luzes.

Sim, benemerito da patria, incomparavel foi a dôr que sofremos com a triste, lugubre e acerba nova da vossa prizão, e mais se renovou o desgosto e a pena, quando crueis verdugos da umanidade decretárão a barbara sentença de vossa deportação, carregado de pezados ferros, como o maior criminozo.

Porém oje a Providencia divina satisfez os nossos dezejos, ouvio nossos votos, e nós vos vemos aparecer alegre e triunfador.

Oh! prazer, oh! jubilo, oh! gloria para os amigos da patria! Cruel remorso do crime fará prestes sucumbir essa órda sanguinaria, e inerme ante vossos fieis amigos, os livres republicanos.

A vossa obra, primeiro xefe do estado, os livres a depozitão em vossas mãos ileza e sem manxa; premiai a virtude, puni o delito e o crime, e será brevemente consummada.

Nas sabias mãos a tendes, aperfeiçoai-a, fazendo justiça.

Firmai em justas leis, que proclamamos, simplices e apropriadas ás circunstancias prezentes, a futura sorte do Rio-grande; e immortalizareis o vosso nome, provendo a nossa prosperidade.

(Seguião-se as assinaturas de todos os oficiaes inferiores e guardas nacionaes da 1.ª brigada.)

(Cópia avulsa sem data.)

Benemeritos cidadãos, oficiaes inferiores e guardas nacionaes da 1ª brigada!

Bravos sustentaculos da liberdade do continente!

Extaziado de prazer li a onroza felicitação, que me dirigistes; jámais riscarei de minha memoria tão distinto obzequio, agradecendo vossas lizongeiras expressões na mesma exaradas.

Longo tempo oprésso, vitima dos verdugos da nossa patria, eu encarava contente minha acerba sorte, a par dos triunfos e louros, que ornavão vossas frontes.

Trabalhei incessantemente por vir secundar vossos exforços, e felizmente não fôrão improficuas minhas diligencias; eis-me pois entre vós.

Oh! que prazer disfruto n'este deliciozo momento! Si a patria, si os virtuozos Rio-grandenses de mim confião a alta missão de dirigir seus futuros destinos, ouzo afiançar-vos, que me não pouparei a sacrificios para consolidar no continente o unico sistema, que lhes garanta a paz, e verdadeira felicidade firmada nas solidas bazes de justiça e equidade, punindo o crime e alentando a virtude, forte égide das democracias.

Mister é pois ora exforçar-nos por exterminar nossos inimigos; para o que devereis em tudo contar com o vosso antigo companheiro.

O trono do Brazil se axa por toda parte convulso, e prestes se antolha sua quéda e nosso triumfo, ficando-nos a gloria imortal de aver orientado as demais provincias na senda de sua felicidade.

A virtude, constancia e união, que aveis manifestado, é suficiente garante de nosso prestes triunfo, de que extaziado vos dirijo os parabens.

Bento Gonçalves da Silva.

(Cópia sem data.)

---

§ 6.

PREZIDENCIA DE FRANCISCO DAS XAGAS SANTOS.

20 DE MAIO DE 1837.

Suspensão d'armas.

Aos 20 dias do mez de Maio de 1837 os abaixo assinados, o xefe de divizão João Pascoe Greenfel, o commandante superior da guarda nacional e do distrito do Rio-grande João da Silveira Tavares, e o coronel commandante das forças republicanas Domingos Crecencio de Carvalho combinárão uma suspensão d'armas debaixo dos artigos seguintes:

Art. 1. Ficará servindo de diviza ás forças commandadas pelas partes assinadas o rio de São-Gonçalo, até que

pelo governo, a que pertencem, se decida a suspensão d'armas oje tratada.

Art. 2. Que as forças navaes ocuparáõ o rio São-Gonçalo, conforme lhe parecer mais conveniente, emquanto as ditas forças estiverem debaixo do commando do xefe de divizão João Pascoe Greenfel.

Art. 3. O commandante superior mandará retirar toda a força, que tiver na margem esquerda do rio São-Gonçalo, e da mesma maneira o commandante das forças republicanas fará parar qualquer força, que tenha na margem direita do rio, ou que para ali se encaminhe.

Art. 4. Esta suspensão d'armas só é admissivel emquanto o Exm. xefe de divizão João Pascoe Greenfel vai a Porto-alegre a tratar com o Exm. Sr. prezidente da provincia Francisco das Xagas Santos, e com o general em xefe das forças republicanas Antonio de Souza Neto.

Art. 5. De oje em diante ficão cessadas todas as ostilidades entre as forças ao mando das partes contratantes.

Art. 6. e ultimo. O objeto d'esta suspensão é procurar dar fim á guerra civil, que tanto tem afligido a provincia do Rio-grande do Sul, e dar tempo para se obter da côrte do Rio de Janeiro meios conciliatorios para evitar o derramamento do sangue brazileiro.

E para firmeza do que assinão as partes contratantes.

Margem esquerda do rio São-Gonçalo 20 de Maio de 1837.

João Pascoe Greenfel.
João da Silva Tavares.
Domingos Crecencio de Carvalho.

(Impresso avulso.)

MAIO E JULHO 1837.

Suspensão d'armas.

Silva Tavares oficiando ao prezidente da provincia dizia em 21 de Maio de 1837.

« O Exm. xefe das forças navaes João Pascoe Greenfel vae falar a V. Ex., e aprezentar a convenção, que ontem

fizemos com Domingos Crecencio de Carvalho, persuadidos de que a legalidade adiantará, e enfraquecerá a força anarchista, principalmente pela desmoralização e rivalidade, que se vão entre elles suscitar, uns pelo dezejo de aparecer a paz e outros com a influencia de continuarem a roubar e de conservar a sonhada republica. »

O mesmo Silva Tavares em 1 de Julho de 1837, dizia ao governo imperial:

« Os rebeldes, Exm. Sr., não querem anistia; querem sim impôr condições ao governo de S. M. I.; e eu como soldado da legalidade não posso contribuir para que os rebeldes insultem a onra e dignidade do governo.

« Á vista do que acabo de ponderar, e dos males, que podem sobrevir á provincia de medidas tão prejudiciaes ao completo triunfo da legalidade, julgo, que o governo de S. M. I. longe de dar a menor atenção ás propozições, que os rebeldes pretendem levar ao governo (segundo consta) por intermedio do baxarel Joaquim Vieira da Cunha, quanto antes deve enviar praças suficientes para obrigal-os a abandonar o caminho dos seus crimes.

Concilie-se muito embora a anistia com o bem da umanidade; a integridade do Imperio e a paz futura da provincia tambem devem merecer as simpatias de V. Ex. e do governo imperial. »

(Archivo da secretaria de justiça.)

---

3 DE JUNHO DE 1837.

Armisticio; marxa da 1.ª brigada para o rio São-Gonçalo.

Valerozos soldados da republica!

Não é estranho a vós essa suspensão de armas, que existe entre nós e os suditos do Imperio: conheço, que a delonga, que ella ha ocazionado não abala vossa constancia; mas já tocão em meu coração os gemidos de vosso sofrimento.

Sim, fieis companheiros d'armas, aveis mostrado ao mundo, que vos admirará sempre, que nada vos aterroriza, quando trataes de defender a patria, por cujo doce nome arrostaes

perigos, venceis impossiveis; frios, fomes, e toda a natureza de privações vós tendes superado; finalmente, a tudo sobranceiros, tudo aveis vencido.

O voto geral e unanime de vossos briozos oficiaes é, que eu marxe; e eu vou comvosco, não para quebrantar esse tratado de 20 do preterito mez, mas a buscar socorros ás vossas necessidades, xegando-vos á margem do rio São-Gonçalo, onde prevenirei recursos aos males, que vos flagelão; então esperaremos com ancia n'aquele ponto a decizão do nosso general.

Elle não deixará infrutifero tanto trabalho e sofrimento, tanto patriotismo e animozidade, e jámais ficaráõ sem premio os vossos relevantes serviços.

O grito, que entuziasmados soltastes na margem do Jaguarão no dia 12 de Setembro de 1836, dia em que proclamastes vossa solene independencia, é o que nos merece tantos sacrificios, e não mais queremos governo brazileiro injusto, perfido, e ingrato.

Valentes e veteranos soldados! Nossa marxa vae ser executada; respeitae n'ella os artigos da convenção; e ao mais leve aceno de ostilidades, dezembainhae as espadas, e castigae a traição.

Viva a republica rio-grandense!
Vivão seus fieis sustentaculos!
E vivão os que protestão independencia ou morte!

Campo do Curral-alto 3 de Junho de 1837.

Jozé de Souza Neto,
tenente-coronel comandante interino da 1.ª brigada.

(Cópia do original.)

---

15 DE AGOSTO DE 1837.

João Pascoe Greenfel propõe a Domingos Crecencio a paz.

Illm. Sr. Domingos Crecencio de Carvalho.

Escrevi a V. S. de Pelotas, remetendo-lhe alguns impressos e periodicos, porém, posto que me tem constado, duvido,

si xegarião ás suas mãos. Em consequencia das nossas conferencias, alguns partidarios da legalidade, cegos de vingança e interesses particulares, e surdos á voz da patria e da umanidade me têem proclamado como um traidor e rebelde; o mesmo tem acontecido a V. S. com o seu partido, porém com diferente rezultado; porque a meu respeito dependo do governo central, e não de alguma facção, conservo o meu commando, e por consequencia a minha influencia; e V. S., dependendo sómente do seu partido, retirou-se desgostozo á sua caza, e esta será a sorte incontestavel de todos os omens onrados, que não se curvão aos infames demagôgos, que pretendem tiranizar o continente.

Não temo, que estes omens perversos de um e outro partido alcancem seus fins. O espirito brazileiro, mais cedo ou mais tarde, os ha de subjugar; porém dezejo sobre maneira o termo de tantas desgraças, e persuadido que n'isto concordo com os sentimentos de V. S., reclamo de V. S. mais um esforço para uma cauza tão sagrada.

V. S. tem mostrado seu prestigio na campanha; seus talentos militares são admitidos por todos; não dezejo, que V. S. dê um passo indecorozo.

Os Illms. Srs. Antonio Neto e Jozé Neto ambos são seus amigos, e pensão do mesmo modo; em suas mãos está o terminar gloriozamente esta fatal contenda, reunindo-se á familia brazileira debaixo de garantias seguras e razoaveis, merecendo assim a benção da patria, e os aplauzos de todo o mundo sensato.

Remeto esta a Jaguarão, e a canhoneira espera sómente a sua resposta, podendo V. S. communicar-se com toda a franqueza com o meu amigo tenente Daniel Jozé Tompson, portador d'esta.

Sou de V. S. atento venerador e criado

João Pascoe Greenfel.

Bordo da canhoneira n. 7 em São-Gonçalo 15 de Agosto de 1837.

(Cópia particular.)

22 DE AGOSTO DE 1837.

Domingos Crecencio responde a João Pascoe Greenfel sobre a paz.

Illm. Sr. João Pascoe Greenfel.

Recebi a carta, que V. Ex. me dirigio pelo Sr. Daniel Jozé Tompson, na qual me acuza de outra, que foi servido dirigir-me á cidade de Pelotas, a qual até oje não tenho recebido, talvez por eu ter vindo ao Estado-oriental ao serviço da minha patria.

Tenho lido com admiração o segundo periodo da carta de V. Ex., que acabo de receber, mórmente no que V.Ex. me aviza relativo á sua pessoa, e do pouco valor, com que os perfidos galegos e os degenerados Rio-grandenses, seus partidarios, avalião os serviços do V. Ex. prestados ao Brazil.

Emquanto ao que relata sobre minha pessoa, nunca me fôrão mais gratos os meus caros patricios, que ao depois da conferencia, que tive com V. Ex., nem posso temer intrigas, quando todos elles estão assás inteirados do meu caracter, e dos esforços, com que me emprego no serviço da minha patria; e mesmo quando aparecesse sobre mim a negra calunia, eu seria julgado por mais de um omem, e por isso que a recompensa da traição e dos bons serviços, que tenho prestado, serião mais bem meditados, e não estou sugeito ao caprixo de um só; n'essa colizão se axão os que servem ao trono, pois as suas ações são julgadas por um omem.

Animado dos sentimentos, que caracteriza o omem, que só almeja a paz entre os seus compatriotas, de novo torno a dizer a V. Ex., que o governo, a que tenho a onra de pertencer, se axa pronto a entrar em qualquer convenção com o governo do Brazil, uma vez que elle reconheça a independencia rio-grandense, e que, tirado d'isto, sempre serão baldadas taes esperanças.

Firme nas puras intenções das pessoas, que oje compoem o governo d'este estado, ofereço a V. Ex. toda a ospitalidade e franqueza, uma vez que esses tiranos julgão no caracter e onra de V. Ex. a traição, e menos avalião os

serviços de um militar, que em todas as épocas tem mostrado ao Brazil o seu dezenvolvimento.

Sou de V. Ex. atento venerador

Domingos Crecencio de Carvalho.

Vila de Jaguarão 22 de Agosto de 1837.

(Cópia autentica.)

1837.

Opinião de Manoel Lucas sobre o armisticio.

Illm. Sr. coronel Domingos Crecencio de Carvalho.

A recepção de suas respeitozas letras me locupletárão de prazer por encarar n'ellas o grande apreço, que V. S. nutre a respeito do meu individuo e dos meus merecimentos, parto da severa educação que comigo repartirão meus pais, quando me insinuárão d'esde o berço o respeito á maior idade, veneração á virtude, amor ao verdadeiro merito, aborrecimento ao vicio, á intriga, á calunia, e a tudo quanto finalmente faz o omen indigno da estima dos omens onrados.

Ah! si eu podesse exercer todos estes atributos, eu seria o ente mais feliz de todos os viventes.

E por que aberrei um pouco d'estes principios, fui taxado e acuzado por V. S. de omem de pouco tino, por conceber momentaneamente o projecto (aprezentado por nossos inimigos figadaes) de que V. S. me mandava fuzilar, por não aver annuido á suspensão de armas, que V. S. avia firmado em 20 de Março com João Pascoe Greenfel e Silva Tavares.

No entretanto na analize d'este acto, eu vou porém aprezentar a V. S. minuciozamente a maneira por que procedi, sendo xamado pelo commandante da brigada a manifestar minha opinião a respeito da mesma suspensão.

Eu refleti sobre o nosso estado de desfalecimento, falta de cavalhada, nudez de nossos soldados, sem munições, com que sustentar meio dia de fogo, si fosse-nos precizo retirar; metidos entre dois mares; cortadas as comunicações com V. S. por um rio caudalozo, e longinquidade de terreno; nós exaustos de todos os recursos, e o que é mais! o inimigo autorizado para recolher á aquela parte todas as forças, que podesse arranjar, ou tivesse em campo, eu recordei igualmente as ultimas pa'avras de V. S. no Arroio das Pedras, quando nos mandou executar uma marxa, que só a lembrança d'ella era capaz de nos cauzar terror, onde nos dice: Ide, marxae, e no dia 25 estareis em Tahim, e eu n'esse mesmo dia ba·erei a passagem do São-Gonçalo.

Ainda nos dice mais: Já preveni todos os auxilios, que precizareis para a vossa digressão pelo paiz estrangeiro.

Mas estes socorros todos nos faltárão, e nós, vencendo a tudo, estavamos xegados nos Palmares de Lemos, onde V. S. nos mandava parar até a vinda de João Pascoe Greenfel de Porto-alegre.

Eu me vi forçado a aprezentar minha opinião, e vacilei por momentos o que deveria julgar d'aquela extemporanea suspensão, mas sempre firme na convicção da bôa fé de V. S. eu dice: Não concordo com o artigo, que diz: Esta força deve parar no ponto, em que se axar; e estou persuadido, que o nosso commandante de divizão firmou este tratado sem refletir no dano, que nos vai cauzar sua execução, maxime a d'este artigo, e ahi aprezentei o seguinte argumento:

Assim como nos encontra n'este ponto esta ordem, si nos encontrasse no Estado-oriental, nós deveriamos parar? Si João Pascoe Greenfel, podendo demorar-se 8 dias em ida e regresso de Porto-alegre, se demorar 8 mezes, nós deveremos esperar?

Todos os senhores oficiaes unanimemente respondêrão, que não, e que deviamos marxar quanto antes, rompendo os obstaculos, que se nos aprezentassem.

Esta minha opinião e aquela nimia credulidade, que n'um momento se desvaneceu, são as faltas unicas, que a

consiencia me acuza aver commetido para com V. S.; mas esta oje repouza tranquila e socegada á sombra da franqueza, com que me porto na verdadeira narração, que faço a V. S., que parte da minha amizade, gratidão e respeito, ao momento que V. S. conheça desvanecida a idéa, que ocazionou meu erro involuntario.

Não posso porém deixar de sentir no extremo gráo a deliberação de V. S., em separar-se de seus companheiros d'armas, depois de tantos sacrificios e innumeros serviços á cauza, que sustentamos; depois de aver abdicado todas as onras e grandezas do governo imperial, depois de ter constantemente advogado a cauza republicana, depois de aver sido superior a todos os revezes da revolução, oje será crivel, que V. S. se separe de nós e nos prive de sua pericia, valor, prudencia, e conhecimentos praticos da guerra? E na ocazião que mais precizamos de seu braço?

Não, eu me não quero capacitar, e lhe rogo por tudo quanto tem de mais caro, que, sobranceiro á intriga e ás calunias, volva a ocupar o seu logar n'esta divizão; estes são, não só os meus dezejos, como os de todos os verdadeiros republicanos, que anhelamos o bem da patria.

Releve V. S. as faltas, que poderei ter tido com V. S., mas fique certo, de que sou, e serei efetivamente seu afetuozo patricio e respeitador.

Manoel Lucas de Oliveira.

(Cópia da minuta original.)

Suplemento ao § 1.

PREZIDENCIA DO DR. FERNANDES BRAGA.

Manifesto de Bento Gonçalves ao Brazil justificando o movimento revolucionario.

Compatriotas!

O amor á ordem, e á liberdade, a que me consagrei desde minha infancia, me arrancárão do gozo do prazer da vida privada para correr comvosco a salvação de nossa

querida patria. Vi a arbitrariedade entronizada, e não pude ser por mais tempo surdo a vossos justos clamores; pedistes a cooperação do meu braço, e dos braços que me acompanhão, e voei á capital afim de ajudar-vos a sacudir o jugo, que com a mão de um inepto administrador vos tinha imposto uma facção retrograda e anti-nacional.

Compatriotas! vossos votos e vossas justas exigencias já estão satisfeitas. Caducou aquela autoridade, cujo manto cobria os atentados de omens perversos, que têem conduzido esta benemerita provincia á borda do precipicio. Correstes ás armas depois de aver esgotado todos os meios, que a prudencia e o amor á ordem vos sugeria não para destruir, mas sim para consolidar a sagrada Constituição, que jurámos; não para vingar-vos dos ultrages, que diariamente vos fazião os corifêos de um partido anti-nacional, mas sim para garantir as liberdades patrias de seus ataques, tanto mais terriveis, por isso que erão exercidos á sombra da carta constitucional; correstes emfim ás armas para sustentar em sua pureza os principios politicos, que nos conduzirão ao sempre memoravel *sete de Abril*, dia gloriozo de nossa regeneração, e total independencia.

O rezultado de vossa nobre empreza não podia ser duvidozo, pois que ella era reclamada pela justiça, e pela opinião, esta rainha do universo, cujo poder é irrezistivel; triunfastes, Brazileiros livres, e com vossa decizão, e vosso triunfo déstes uma prova de que sois dignos dos beneficios da liberdade; patenteastes os nobres sentimentos de nacionalidade, que inflamão vossos peitos; comprovastes emfim, que vossa fronte jámais dobrará ao pezado jugo da arbitrariedade.

Esses motivos, e estes sentimentos, que comvosco partilhão todos os corações verdadeiramente brazileiros, justificarão vossa conduta aos olhos dos mais rigidos censores dos movimentos populares. Apressuremos-nos pois a manifestar aos nossos irmãos abitantes das mais provincias da união brazileira os fundamentos das nossas queixas, e dos nossos temores. Conheça o Brazil, que o dia *vinte de Setembro de* 1835 foi a consequencia inevitavel de uma má e odioza administração; e que não tivemos outro objeto, e

não nos propuzemos a outro fim, que restaurar o imperio da lei, afastando de nós um administrador inepto e facciozo, sustentando o trono do nosso joveu monarca e a integridade do imperio.

Sim, compatriotas, devemos ao Brazil, que n'este momento tem seus olhos fitos em nós, esta manifestação tanto mais sincera e pronta, quanto maior é o dever em que nos axamos de desvanecer os temores com que nossos inimigos o quizerão alarmar, acuzando-nos de sustentar vistas de dezunião e republica. Desgraçadamente n'esta provincia, como nas demais do imperio, existe uma facção retrograda adversa por principios e interesses á nova ordem de couzas, e inimiga implacavel de todos aqueles que professão decidido amor ás liberdades patrias. Apoiado este partido anti-nacional pelo marexal Sebastião Barreto, cuja ambição desmedida e principios impopulares são assás conhecidos, deixou sentir sua fatal influencia em todas as prezidencias anteriores á do Sr. Fernandes Braga; mas nunca ouzou mostrar-se tão descaradamente como n'este ultimo periodo.

Burladas fôrão as esperanças dos amigos de nossa patria, que regosijavão-se de vêr, pela primeira vez, um filho seu elevado á primeira dignidade da provincia.

Quantos bens devião esperar-se! Quantos males precavidos! Mas uma triste fatalidade quiz o contrario.

A ineptidão que desde logo mostrou para tão elevado cargo, e a versatilidade de caracter do Sr. Fernandes Braga favorecêrão os dezignios dos perversos, que n'elle axárão o instrumento de seu rancor contra os livres, e no poder anexo á prezidencia o meio de saciar suas ignobeis vinganças.

Ninguem ignora os sucessos da noite de 24 de Outubro do anno passado, e dos dias consecutivos; ninguem ignora como o partido anti-nacional, armando braços mercenarios, e estrangeiros, ocupou militarmente o trem de guerra da capital, e ameaçou com aparatos belicos os cidadãos pacificos, que festejavão em aquela noite com canticos patrioticos as salutares reformas do nosso pacto social: o costume autorizava o festejo, a ordem prezidia os passos de um povo, que se entregava ao prazer, e marxavão na sua frente os juizes de paz dos distritos, que percorria; porém apezar d'isso

pouco faltou para que o estrondo do canhão, e o grito da morte não sucedesse aos sons festivos, e á expansão da nacionalidade satisfeita.

Aquelas ameaças, aquele armamento dezuzado, não foi quiçá o primeiro insulto commetido contra nossa nacionalidade? Não merecia um pronto e exemplar castigo? Não poderia executal-o o braço poderozo de um povo irritado? Podia sim, mas não o quizerão os patriotas, amigos da ordem; sufocárão em seus peitos os justos resentimentos; esperárão providencias e justiça de sua primeira autoridade. Vans esperanças!

Em quanto o vulcão das paixões ameaçava abrazar a capital, que fazia o Sr. Fernandes Braga? Embriagava-se, com magoa o dizemos, embriagava-se de prazer na cidade do Rio-grande entre festins e banquetes, deixando n'aquelas espinhozas circunstancias o timão do estado entregue ao caprixo de seu irmão o Sr. Pedro Rodrigues Fernandes Xaves, joven turbulento e facciozo, e o mesmo que dirigia e dava impulso ao partido, que n'aquele momento aterrorizava a capital.

As noticias sempre mais aterradoras, que d'este ponto recebia, parecêrão despertal-o por um instante do seu letargo; xamou-me então, e em nome da patria conjurou-me a que uzando de todo o meu influxo fôsse manter o socego publico. Vós sois o unico, me dizia, que podeis livrar a provincia dos males, que a ameação; voai, acalmai, conciliai, e fazei deter o furor do povo; evitai toda a efuzão de sangue; assegurai-lhe, que pronto regressarei, e elle aplaudirá minha justiça.

Compatriotas! O nome da patria nunca soou em vão aos meus ouvidos, e sempre me prestei voluntario a prestar-lhe meus serviços; acreditei as palavras enganadoras do Sr. Fernandes Braga, e voei ao vosso lado; doceis ouvistes minhas palavras de paz, detivestes o braço já pronto a descarregar o golpe mortal sobre vossos agressores, e por mim confiastes novamente em vosso prezidente. Mas quem o acreditaria! o perfido avia-me iludido, e meu patriotismo tamsómente lhe servio de instrumento para tambem iludir-vos, e dezarmar-vos.

Como poderá justificar-se similhante conduta em a

primeira autoridade, que não deve ouvir outra voz, que a da justiça, nem ter outras vistas que as do bem do povo, que rege? Si o ex-prezidente ouvesse dezejado o bem-estar, e tranquilidade da provincia, não teria dezamparado o lugar, quo a lei lhe confiou, teria acudido prontamente ao ponto que ameaçava a conflagração, e o castigo dos facciozos teria satisfeito a justiça de um povo ultrajado.

Não por certo, não tinha em vista o bem da patria, quando levou desde o Rio-grande a confuzão e a discordia a todos os angulos da provincia; quando em seu regresso á capital aprovou quanto de mais dezatinado e criminozo avia commetido seu logar-tenente Pedro Rodrigues Fernandes Xaves; quando afastou de si seus antigos amigos os sustentadores das instituições livres; quando ingrato a meu zelo pelo restabelecimento da tranquilidade publica, ouzou xamar-me caudilho de facinorozos, e revolucionario.

Insensato! Si eu tivesse querido levantar o estandarte da rebelião, que melhor oportunidade quo a exaltação, em que se axavão os espiritos? Que motivo mais plauzivel que o insulto feito á nacionalidade? Que meios mais poderozos que as cartas brancas, que seu passado temor, e mais que tudo a certeza de que eu não abuzària d'ellas, me avia confiado?

Mas já era surdo á austera linguagem da verdade, e prestava tamsómente ouvidos ás baixas lizonjas, e aos perfidos conselhos de um partido, que queria vêl-o envolvido em seus interesses, e cumplice em seus crimes para assegurar-se da impunidade e do triunfo dos principios retrogrados. Deixou o Sr. Fernandes Braga de ser administrador de um povo livre, desde que ao imperio da lei substituio o espirito de facção, e o povo desde aquele instante deixou de respeital-o. Sem força moral, sem opinião o governo não subziste sinão pela desmoralização, pela intriga, e pela opressão, e este foi o caminho xeio de precipicios, em que se lançou o Sr. Fernandes Braga.

Vós o vistes, Rio-grandenses, apoiar na côrte com sua autoridade as mais vergonhozas intrigas do marexal Sebastião Barreto para perder aqueles cujas luzes e patriotismo transtornavão seus planos ambiciozos e despoticos;

em quanto com seu poder n'esta cidade autorizava as dezejadas vinganças. O primeiro golpe dado contra a liberdade conduz insensivelmente, e de um modo inevitavel a todos os outros; é uma porta aberta á arbitrariedade, e uma vez que ella se introduz ninguem póde prever em que ponto parará.

Compatriotas! Vós testimunhastes esta verdade, e os cidadãos mais decididos pela cauza do povo fôrão o alvo de uma sistematica perseguição; se prodigalizárão empregos aos omens mais impopulares, aqueles que erão mais indigitados por professarem principios mais retrogrados e anti-nacionaes; o direito de petição garantido por nossa Constituição foi dezatendido, e os peticionarios tratados como sediciozos; se enxêrão os carceres de patriotas, e toda a provincia foi envolvida em processos e querelas; se introduzio a desmoralisação na guarda nacional de infanteria para dispersal-a, e se suspendeu arbitrariamente do seu commando ao tenente-coronel Silvano Jozé Monteiro de Araujo Paula, cujo crime era seu inabalavel patriotismo; creou-se uma guarda pretoriana debaixo do nome de guarda nacional de cavalaria para custodiar a cidade; mandou-se com ingentes gastos, e detrimento do erario publico ao valente batalhão de caçadores n.° 8 para as longinquas fronteiras de Missões; removeu-se da vila do Jaguarão para Bagé a companhia de caçadores, que ali se axava por ordem da Regencia, duplicando sem necessidade, nem motivo plauzivel, as despezas, pelo custozo transporte de viveres, munições, e bagagem, a pontos tão distantes. Silva Tavares, capitão da extincta 2.ª linha, foi nomeado commandante da fronteira do Rio-grande a despeito das instrucções da Regencia de 8 de Março de 1834, sujeitando assim á nulidade, e malvadez d'este omem perverso, um sem numero de xefes valentes e aguerridos; retirou-se do commando da fronteira do Rio-pardo ao veterano de nossos guerreiros o Sr. Bento Manoel Ribeiro, e foi substituido pelo tenente-coronel da mesma extincta 2.ª linha Jozé Antonio Martins, cujo unico titulo é a particular inimizade, que consagra ao Sr. coronel Bento Manoel Ribeiro, e pertencer á facção do marexal Sebastião Barreto; vimos emfim debaixo da prezidencia do Sr. Fernandes Braga o templo de

Temis convertido em forja das mais injustas perseguições; vimos cidadãos armados contra cidadãos; vimos deportações; vimos violada por duas vezes a sagrada garantia do *habeas-corpus* na pessoa do onrado patriota major Jozé Mariano de Matos; e vimos finalmente impune a escandaloza introdução de Africanos, e da moeda de cobre, terriveis açoites d'esta malfadada provincia.

Com estes e outros muitos atentados, que por brevidade omito, se satisfizerão as exigencias do marexal Sebastião Barreto, de Pedro Xaves, e da facção retrograda; mas era forçozo capear as perseguições com o manto da utilidade publica, era forçozo legalizar actos perpetrados contra a opinião da grande maioria da provincia.

Xegou a época da instalação da nossa assembléa provincial, e a fala do prezidente arrancou a mascara, com que cobria uma politica ipocrita e rasteira : a calunia mais atroz foi proferida em seu seio com altivez e ouzadia, e a provincia tremeu por sua tranquilidade e existencia, ouvindo a voz de sua primeira autoridade revelar-lhe uma conspiração, cujo fim era desmembral-a da grande familia brazileira, e acuzar como autores de tão nefando projeto aos mais conspicuos defensores das liberdades patrias, a aqueles que em todos os tempos valorozamente expuzerão suas vidas, e vertêrão seu sangue em defeza da integridade do imperio. Projeto insensato!

O golpe mortal que o ex-prezidente premeditou dar na onra e bem merecida opinião de seus adversarios reverberou-se contra si. Graças sejão dadas á energia dos generozos patriotas deputados da opozição!

Elles advogárão a cauza da inocencia contra o aparato do poder, e contra a liga dos facciozos, que se sentavão nos bancos da nossa assembléa provincial : sua nobre e austera linguagem aterrou a calunia, perseguio ao caluniador em suas ultimas trinxeiras, e obteve a gloria de obrigal-o á mais abjecta retratação, e de tranquilizar a provincia manifestando-lhe, que não existia a revelada conspiração : um clamor geral de indignação sucedeu ao do temor, que se avia querido incutir, e essa justa indignação acabou de fazer desprezivel a autoridade do Sr. Fernandes Braga.

Depois d'esta derrota quem teria ouzado permanecer no-

eminente logar, que se tinha dezonrado? Mas o Sr Fernandes Braga já se não axava livre para retroceder ainda que o ouvesse querido; obcecado pelo partido retrogrado, por seus compromissos pessoaes, e pelo fatal influxo de seu irmão, sempre pronto a incital-o a toda a classe de violencias, persistio na prezidencia, e continuou sua marxa opressiva, e anti-nacional. O partido facciozo em sua mesma raiva axava novas forças para intentar novas emprezas contra os interesses da maioria d'esta provincia, que em seu delirio tratava de sedicioza e anarchica. Acreditou, que sua pozição era todavia a mais forte a despeito da opinião publica, que lhe era contraria.

Os logares mais importantes estavão confiados a membros de sua facção, e inutilizados a maior parte dos influentes do partido liberal, contava com um numero crecido de facciozos no seio da reprezentação provincial, contava com o apoio do seu c rifeo o marexal Sebastião Barreto, que ouzava prometer-lhe sacar força armada de um estado vizinho para sufocar qualquer tentativa dos omens livres; a liberdade de imprensa lhe servia de vehiculo para espalhar suas doutrinas retrogradas e impopulares, atacar com o fel da calunia reputações adquiridas por uma larga serie de serviços feitos á patria, semoar a discordia e dividir para reinar, contava com o tezouro nacional para comprar prosélitos, e suprir os gastos de uma administração prodiga e dezatinada, e contava emfim com magistrados corrompidos e prevaricadores para legalizar injustas perseguições, e os actos mais arbitrarios. Estes erão os elementos com que contava a tranzacta administração; e podião os Brazileiros livres sofrer por mais tempo seu jugo pezado e immoral, e deixar a seus filhos o triste exemplo da arbitrariedade triunfante? O calix d'amargura ainda não estava xeio, mas não tardou a sêl-o.

Não contente o partido retrogrado de aprezentar em seus immundos periodicos aos nossos onrados e industriozos camponezes como sepultados nas trevas da mais crassa ignorancia, como ineptos para defender seus interesses politicos, e apelidal-os barbaros, pobretões e proletarios, projetou sobrecaregal-os com um novo e onerozo imposto de dez mil reis annual sobre cada legoa quadrada; imposto contrario

aos principios de economia politica, imposto injusto e cruel, porque recae sobre o capital e não sobre o produto; injusto e cruel finalmente, porque peza com dezigualdade em razão da maior ou menor fertilidade dos nossos campos.

Vãos fôrão os esforços dos deputados liberaes para oporem-se a tão opressiva lei; ella passou a despeito da san razão,e do bem-estar dos nossos comprovincianos. O Sr. Fernandes Braga, que pelo artigo 15 da lei das reformas estava autorizado a negar sua sanção a qualquer lei, quando entendesse não convir aos interesses da provincia, e que podia por consequencia, suspendendo a sua execução, previnir os males, que ella arrastava apoz de si, longe de querer fazêl-o, desde logo a sancionou, e mandou cumprir.

Faltavão-lhe porventura razões, em que fundasse a sua negativa? Não, por certo; filho d'esta provincia tinha todos os conhecimentos necessarios para julgar o imposto impolitico e injusto, porém o espirito de facção dirigia todos os actos de sua funesta administração. Devia-se necessariamente prever o descontentamento, que excitaria este novo imposto, e que a sua execução ocazionaria um pronto e geral levantamento; devião pois os facciozos arbitrar modo de conjurar a tempestade, provendo-se de uma força armada devota á sua vontade, e commandada por xefes de sua facção.

Em vão a buscarião elles nos valentes veteranos. Aqueles que combatêrão pelas liberdades patrias jámais poderião converter-se em algozes de seus concidadãos, jámais dezembainharião a espada para degolar seus pais, seus filhos e seus amigos. Não. Os militares do Brazil regenerado vertem seu sangue para defender a patria, e não para oprimil-a. Buscarião elles esta força entre os benemeritos guardas nacionaes da campanha? Certamente que não; são estes os mais vexados e oprimidos pelo imposto.

Aonde buscarião pois esta força? Custa dizêl-o! Na creação de um corpo de policia de setecentas praças, na organização de um corpo de janizaros, que com a ponta de suas espadas fizessem ex quiveis as medidas mais impopulares e opressivas. Podemos assegurar por onra d'esta provincia, que este revoltante projeto jámais passaria em nossa assembléa, si tivesse sido proposto e discutido com

as formalidades do estilo ; mas a cabala e a sorpreza lhes fez obter o que de outro modo nunca terião obtido ; este corpo foi creado por uma simples emenda do Sr. Manoel Felizardo, quando se discutiá a lei do orçamento provincial, autorizando ao mesmo tempo o prezidente para fazer seu regulamento !

Similhante modo de crear um batalhão axou a mais forte opozição da parte dos nossos deputados liberaes, e apezar de aver sido aquela emenda firmada maliciozamente pelos deputados partidarios da administração faccioza e por alguns outros, que iludidos se prestárão ás vistas iniquas dos Srs. Pedro Xaves e Manoel Felizardo, apezar, dizemos, d'aquela nova especie de abaixo-assinado (até agora desconhecido nos debates parlamentares) que reprezentava a maioria da assembléa, equivalia a uma votação antes da discussão, apenas passou por dous votos, e esta cohorte formidavel, cujas despezas terião absorvido a enorme somma de duzentos contos de reis annuaes, de facto foi feita e organizada pelo Sr. Fernandes Braga, que d'esta arte assumio os dous poderes. Tantas arbitrariedades, e tantos atentados em um povo que se preza de ser livre devião emfim cansar seus sofrimentos.

A inquietação, que desde os primeiros mezes da prezidencia do Sr. Fernandes Braga se tinha derramado na maior parte d'esta provincia, e que por tantas vezes a prudencia e amor á ordem avia acalmado, como acendida por virtude electrica, apareceu novamente e se fez geral.

A nossa patria pareceu ao esperto observador como um enfermo, a quem uma febre ardente mortifica, e que alternativamente espera e teme, que a crize, que o atormenta, lhe dê saude ou morte.

Em vão, caros compatriotas, buscaveis uma taboa de salvação ; ella estava na carta, mas n'aquelles momentos a carta era letra morta, as vias legaes vos erão obstruidas, a apatia do governo central não vos deixava transluzir a mais pequena esperança de melhoramento, os males vos ameaçavão já de perto, qualquer dilação era perigoza, e a força vos ia dominar, e destruistes, cidadãos, a força com a força.

Cumprimos, Rio-grandenses, um dever sagrado, repelindo

as primeiras tentativas de arbitrariedade em nossa cara patria ; ella vos agradecerá, e o Brazil inteiro aplaudirá o vosso patriotismo e a justiça, que armou vosso braço para depôr uma autoridade inepta e faccioza, e restabelecer o imperio da lei.

Compatriotas, eu acrecentarei á gloria de aver sido em outros tempos vosso companheiro nos campos de batalha, e aver-vos conduzido contra os vossos inimigos externos, a gloria ainda mais nobre e perduravel de aver concorrido a libertal-a dos seus inimigos internos,e salval-a dos males da anarchia.

O governo de facção dezapareceu de nossa sena politica; a ordem se axa restabelecida.

Com este triunfo dos principios liberaes minha ambição está satisfeita, e no descanso da vida privada, a que tão sómente aspiro, gozarei o prazer de vêr-vos desfrutar os beneficios de um governo ilustrado, liberal e conforme com os votos da maioridade da provincia.

Respeitando o juramento, que prestámos ao nosso codigo sagrado, ao trono constituicional, e á conservação da integridade do Imperio, comprovareis aos inimigos de nosso socego e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao dos seus infractores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis, que sois os administradores do melhor patrimonio das gerações, que vos devem suceder, que este patrimonio é a liberdade, e que estais na obrigaçãode defendêl-a á custa de vosso sangue e de vossa existencia.

A execração de nossos filhos cahirá sobre nossas cinzas, si por nossa desmoralização e incuria lhes transmitirmos este sagrado depozito destalcado e corrompido; e as suas benções nos acompanharáõ ao sepulcro, si lhes deixarmos exemplos de virtude e patriotismo.

Porto-alegre 25 de Setembro de 1835.

Bento Gonçalves da Silva.

(Impresso avulso.)

(*Continúa.*)

Indice Geral Alphabetico

DAS

MEMORIAS, DOCUMENTOS E BIOGRAPHIAS

PUBLICADOS NOS VOLUMES 1 A 44

DA

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO

ORGANISADO PELO 1º. SECRETARIO

Dr. Moreira de Azevedo.

Actas das sessões do Instituto Historico de Dezembro de 1838, vol. 1 pag. 57.

Idem do 1839, vol. 1 pags. 58, 144, 247, 355.
Idem de 1840, » 2 » 138, 261, 393, 517.
Idem de 1841, » 3 » 119, 227, 347, 484.
Idem de 1842, » 4 » 96, 213, 379, 519.
Idem de 1843, » 5 » 99, 239, 355, 499.
Idem de 1844, » 6 » 123, 253, 380, 506.
Idem de 1845, » 7 » 116, 263, 415, 559.
Idem de 1846, » 8 » 144, 284, 402, 547.
Idem de 1847, » 9 » 127, 265, 409, 560.
Idem de 1848, » 10 » 120, 246, 390, 547.
Idem de 1849, » 12 » 277, 413, 550.
Idem de 1850, » 13 » 128, 466, 518.
Idem de 1851, » {14 » 461. / 15 » 248.}
Idem de 1852, » 17 » 70.
Idem do 1853, » 17 » 74, 577.
Idem de 1854, » 17 » 583.
Idem de 1855, » 18 » 418.
Idem de 1856, » 19 » 1 suppl. 87 suppl.
Idem de 1857, » 20 » 1 »
Idem de 1858, » 21 » 469.
Idem de 1859, » 22 » 635.
Idem de 1860, » 23 » 603.
Idem de 1861, » 24 » 699.
Idem de 1862, » 25 » 649.
Idem de 1863, » 26 » 839.
Idem de 1864, » 27 » 350, parte 2ª.
Idem de 1865, » 28 » 274, »
Idem de 1866, » 29 » 332, »
Idem de 1867, » 30 » 429, »
Idem de 1868, » 31 » 314, »
Idem de 1869, » 32 » 243, »
Idem de 1870, » 33 » 359, »
Idem de 1871, » 34 » 305, »
Idem de 1872, » 35 » 519, »
Idem de 1873, » 36 » 543, »
Idem de 1874, » 37 » 387, »
Idem de 1875, » 38 » 339, »

Almeida. Notas sobre a historia patria, vol. 39 pag. 5, parte 2ª.

Almeida. Notas para a historia patria. Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa? vol. 40 pag. 163, parte 2ª.

Almeida. Notas para a historia patria. Por que razão os indigenas do nosso littoral chamavão aos francezes Maîrs e aos portuguezes Peró, vol. 41 pag. 71, parte 2ª.

Almeida. Notas para a historia patria. A catastrophe de João Bolés foi uma realidade? vol. 42 pag. 141, parte 2ª.

Almeida. João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu Colombo na descoberta da America? vol. 40, pag. 277, parte 2ª

Almeida (Dr. João Ribeiro de). Breves considerações ácerca de alguns documentos trazidos do Paraguay, vol. 33, pag. 186, parte 2ª.

Almeida e Souza (Candido Xavier de). Cópia da parte que deu sobre o descobrimento do rio Ygurehy, vol. 18, pag. 244.

Alvares de Araujo (Francisco Manoel). Relatorio da viagem de exploração dos rios das Velhas e S. Francisco, vol. 39, pag. 77, parte 2ª.

Amazonas. (Provincia do). Extractos do relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial pelo presidente Dr. João Pedro Dias Vieira em 1856, vol. 20, pag. 461.

Amazonas. Extractos da falla dirigida á mesma assembléa em 1857 pelo presidente Angelo Thomaz do Amarai, vol. 20, pag. 467.

Amazonas. Officio do director interino das obras publicas, vol. 20 pag. 471.

Anchieta (Padre José de). Carta escripta de S. Vicente ao padre-mestre Diogo Laynez em 16 de Abril de 1563, vol. 2, pag. 541.

Anchieta. Informação dos casamentos dos indios do Brazil, vol. 8 pag. 254.

Andrada (Martim Francisco Ribeiro de). Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, vol. 9, pag. 527.

Apontamentos sobre a vida do indio Guido Pochrane e sobre o francez Guido Marliere, vol. 18, pag. 410.

Aquino e Castro (Dr. Olegario Herculano de). O conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. Elogio historico e noticia dos successos politicos que precederão e seguirão-se á proclamação da independencia na provincia de S. Paulo, vol. 41, pag. 237, parte 2ª.

Aquino e Castro. Discurso recitado na sessão de 15 de Dezembro de 1880, vol. 43, pag. 515, parte 2ª.

Araripe (Tristão de Alencar). Guerra civil do Rio-Grande de Sul, vol. 43, pags. 115 e 293, parte 2ª.

Araripe Noticia sobre a Maioridade, vol. 44, pag. 167, parte 2ª.

Arcebispo da Bahia. (D. Romualdo Antonio de Seixas). Breve memoria acêrca da naturalidade do padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, vol 19. pag. 5.

Artigo extrahido do Panorama sobre o Brazil, vol. 7, pag. 524.

Artigos regulamentares da Arca de Sigilo, acta de 30 de Agosto de 1850, vol. 13, pag. 414.

Artigos sobre a admissão dos membros honorarios, vol. 24, pag 865.

Artigos sobre as sociedades filiaes, vol. 24, pag. 866.

Artigos sobre as remissões dos socios, vol. 24, pag. 867.

Augusto Leverger. Diario do reconhecimento do rio Paraguay desde a cidade de Assumpção até o rio Paraná, vol. 25, pag. 177.

Augusto Leverger. Roteiro da navegação do rio Paraguay, vol. 25, pags. 211 e 287.

Augusto Leverger. Breve memoria relativa á chorographia da provincia de Matto-Grosso, vol. 28, pag. 129, parte 1ª.

Auto de posse que se deu ao governador João Fernandes Vieira das terras do porto do Touro ao Ceará-mirim, vol. 19, pag. 159.

Aviso, acompanhando uma cópia da *pro-memoria* feita ao conde da Ega, pelo padre Ignacio dos Santos Meirelles, sobre a abobada subterranea do collegio dos jesuitas no Rio de Janeiro em 1801, vol. 35, pag. 198, parte 1ª.

Azambuja (Conde de). Relação da viagem que fez da cidade de S. Paulo para a villa de Cuyabá em 1751, vol. 7, pag. 469.

Azevedo (José da Costa). Investigação Astronomica, memoria scientifica acerca da longitude da torre do arsenal de marinha da cidade de Pernambuco, vol. 32, pag. 125, parte 2ª.

Baena (Antonio Ladisláo Monteiro). Conta que deu da restauração do obelisco da estrada de Nazareth ao Exm. Sr. Dr. Miranda, presidente da provincia do Pará, vol. 3, pag. 204.

Baena. Memoria sobre o intento que têm os inglezes de Demerari de usurpar as terras ao oeste do rio Repunuri, adjacentes á face central da cordilheira do rio Branco, para amplificar a sua colonia, vol 3, pag. 322.

Baena. Observações ou notas illustrativas dos primeiros tres capitulos da parte 2ª do thezouro descoberto no rio Amazonas, vol. 5, pag. 253.

Baena. Correspondencia acompanhando tres documentos officiaes sobre a provincia do Pará, vol. 7 pag. 329.

Baena. Memoria sobre o transito do Iguarape-merim e necessidade de um canal a bem do commercio interno da provincia do Pará, vol. 23, pag. 479.

Bando do Capitão-general Gomes Freire de Andrada, de 1751, sobre a execução da lei que prohibe que haja ourives no Brazil. Manda sahir todos os que existem, vol. 25, pag. 451.

Barata (sargento-mór Francisco José Rodrigues). Memoria em que se mostrão algumas providencias tendentes ao melhoramento da agricultura e commercio de Goyaz, vol. 11, pag. 336.

Barata. Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Suriman pelos sertões e rios do Pará em diligencia do real serviço, vol. 8, pags. 1 e 157.

Barbosa (conego Januario da Cunha). Discurso recitado no acto de instituir-se o Instituto Historico, vol. 1, pag. 10.

Barbosa. Se a introducção dos escravos africanos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas? vol. 1, pag. 159

Barbosa. Relatorio dos trabalhos do Instituto no 1º anno academico, vol. 1º, pag 271.

Barbosa. Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os indios entranhados em nossos sertões? vol. 2, pag. 3.

Barbosa. Relatorio dos trabalhos do Instituto no 2º anno academico, vol. 2, pag. 569.

Barbosa. Idem, idem, no 3º anno academico vol. 3, pag. 521.

Barbosa. Idem, idem no 4º anno social, vol. 4, pag. 4 suppl.

Barbosa. Idem, idem no 5º anno, vol. 5, pag. 4 suppl.

Barbosa (Francisco de Oliveira). Noticias da capitania de S. Paulo escriptas em 1792, vol. 5, pag. 22.

Barroso (José Liberato). A creação da Villa de Aracaty na provincia do Ceará e outras noticias ministradas á presidencia da provincia, vol. 20, pag. 170.

Bases para as instrucções que o governo imperial tem de dar aos membros da commissão scientifica encarregada da exploração de algumas das provincias do Imperio, acta de 14 de Novembro de 1856, vol. 19, pag. 43 suppl.

Bastos (Manoel José de Oliveira). Roteiro das capitanias do Pará, Maranhão, Piauhy, Pernambuco e Bahia pelos seus caminhos e rios centraes, vol. 8, pag. 527.

Braz (Affonso). Carta mandada do Espirito-Santo em 1551, vol. 6, pag. 449.

Brum (João Vasco Manoel). Roteiro chorographico da viagem que o governador e capitão-general do Estado do Brazil, Martinho de Souza e Albuquerque, determinou fazer ao rio Amazonas, vol. 12. pag. 289.

Bueno (João Ferreira de Oliveira). Simples narração da viagem que fez ao rio Paraná o thesoureiro-mór da sé de S. Paulo, vol. 1, pag. 179.

Bueno (Dr. José Antonio Pimenta). Extracto de seu discurso, sendo presidente de Matto Grosso, na abertura da assembléa provincial, vol. 2, pag. 170.

Caldas (Padre Antonio Pereira de Souza). Cartas, vol. 3, pags. 144 e 216.

Camara (Sebastião Xavier da Veiga Cabral da). Representação feita em 1801 sobre a necessidade de separar a capitania do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, como tambem a ilha de Santa Catharina da jurisdicção do bispado do Rio de Janeiro, vol. 16, pag. 347.

Camello (João Antonio Cabral). Noticias praticas das minas de Cuyabá e Goyazes, dadas ao padre Diogo Soares, vol. 4, pag. 487.

Campo das Vaccas Brancas, vol. 21, pag. 323.

Campos (Alexandre José de). Relação da prata e ornamentos pertencentes ao saque feito aos insurgentes nos povos do lado occidental do rio Uruguay no anno de 1817, vol. 30, pag. 209, parte 1ª.

Campos (Antonio Pires de). Breve noticia do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas do Cuyabá e seu reconcavo, vol. 25, pag. 437.

Carvalho (1° tenente José Carlos de). Informação sobre as mattas de Jacuhipe, vol. 13, pag. 336.

Carvalho (tenente-coronel José Simões de). Noticia sobre a ilha de Joannes, vol. 12, pag 362.

Carvalho e Silva (Dr. José Vieira Rodrigues de). Viagem ás cachoeiras de Paulo Affonso, vol. 22, pag. 201.

Castelnau. Relatorio dirigido ao ministro da instrucção publica sobre uma commissão na America Meridional, vol. 7, pag. 196.

Castilho (José Feliciano de). Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, lettras e artes no Brazil, vol. 11, pag. 259.

Castro (Luiz Antonio de). Recordação recitada na sessão commemorativa do passamento do principe D. Affonso. vol. 11, pag. 59.

Catalogo dos capitães-móres-governadores, capitães-generaes e vice-reis da capitania do Rio de Janeiro, vol. 1, pag. 305 e vol. 2 pag. 49.

Catalgo das obras do padre Velloso, vol. 2, pag 609.

Catalogo dos capitães-móres e governadores da capitania do Rio-Grande do Norte, vol. 17, pag. 22. Annotações ao dito catalogo, vol. 17, pag. 25.

Cavalcante de Albuquerque (José Francisco de Paula). Memoria relativa á defesa da capitania do Rio Grande do Norte, vol. 27, pag. 245, parte 1ª.

Cerqueira e Silva (Ignacio Accioli de). Dissertação historica, ethnographica e politica sobre as tribus aborigens que habitavão a provincia da Bahia no tempo em que o Brazil foi conquistado, vol. 12, pag. 143.

Correspondencia official da côrte de Portugal com os vice-reis do Estado do Brazil, vol. 33 pag. 243 parte 1ª.

Correspondencia da côrte de Portugal com o Brazil, vol. 37 pag. 5 parte 1ª.

Coruja (Antonio Alvares Pereira). Collecção de vocabulos e phrases usados na provincia do Rio-Grande do Sul, vol. 15 pag. 210.

Coruja. Algumas annotações ás Memorias Historicas do monsenhor Pizarro na parte relativa ao Rio-Grande do Sul, vol. 21 pag. 303.

Coruja. Governo da provincia do Rio Grande do Sul pelo tenente-coronel José dos Santos Viegas, vol. 23 pag. 585.

Costa (Antonio Rodrigues da). Consulta do conselho ultramarino a S. M. em 1732, vol. 7 pag. 498.

Costa (Miguel Pereira da). Relatorio apresentado ao vice-rei Vasco Fernandes Cesar sobre a commissão ao districto das minas do rio das Contas, vol. 5 pag. 36.

Coutinho (Aureliano de Souza e Oliveira). Discurso na 2ª sessão anniversaria do Instituto, vol. 2 pag. 560.

Coutinho (D. Francisco de Souza). Informação sobre o modo por que se effectua a navegação do Pará para Matto-Grosso, vol. 28 pag. 38 parte 1ª.

Coutinho. Informação sobre as medidas que convinha adoptar-se para que a lei das sesmarias produzisse o desejado effeito, vol. 29. pag. 335 parte 1ª.

Couto (Dr. José Vieira). Memoria sobre a capitania de Minas-Geraes, vol. 11 pag. 289.

Couto de Magalhães (Dr. José Vieira). Um episodio da Historia Patria, vol. 25 pag. 515.

Couto de Magalhães. Ensaio de anthropologia, região e raças selvagens, vol. 36 pag. 359 parte 2ª.

Cunha (Conego Benigno José de Carvalho). Memoria sobre a situação da antiga cidade abandonada que se diz descoberta nos sertões do Brazil, vol. 3 pag. 197.

Cunha. Carta ao 1º secretario do Instituto, vol. 4 pag. 399.

Cunha. Correspondencia sobre o descobrimento da cidade abandonada, vol. 6 pag. 326.

Cunha. Officio ao presidente da Bahia sobre a cidade abandonada, vol. 7, pag. 102.

Cunha. Breve noticia sobre as minas a pouco descobertas no Assuruá na Bahia, vol. 12, pag. 524.

Cunha (Francisco Manoel da). Informação sobre a capitania, hoje provincia do Espirito-Santo, vol. 4, pag. 240.

Cunha. Officio dirigido ao conde de Linhares sobre a capitania, hoje provincia de E pirito–Santo, vol. 12, pag. 511.

Cunha (Capitão Jacintho Rodrigues da). Diario da expedição de Gomes Freire de Andrade ás Missões do Uruguay, vol. 16, pags. 137 e 259.

Cunha Mattos (Brigadeiro Raymundo José da). Chorographia Historica da provincia de Goyaz, vol. 37, pag. 213, parte 1ª, e vol. 38, pag. 5, parte 1ª.

Cunha Mattos. Dissertação acerca do systema de escrever a historia antiga e moderna do Brazil, vol. 26, pag. 121.

Dias (Dr. Antonio Gonçalves). Canto inaugural á memoria do conego Januario da Cunha Barbosa, vol. 11, pag. 285.

Dias. Exames nos archivos dos mosteiros e das repartições publicas para a collecção de documentos relativos ao Maranhão, vol. 16, pag. 370.

Dias. A memoria historica do Sr. Machado de Oliveira e o parecer do Sr. Duarte da Ponte Ribeiro, vol. 16, pag. 469.

Dias. Resposta a defeza do parecer sobre a memoria historica do Sr. Machado de Oliveira, vol. 16, pag. 547.

Dias. Vocabulario da lingua geral usada hoje em dia no Alto Amazonas, vol. 17, pag. 553.

Dias. Amazonas, memoria escripta em desenvolvimento ao programma dado por S. M. I., vol. 18,pag. 5.

Dias. Reflexões acerca da memoria do Sr. Joaquim Norberto de S. S., vol. 18 pag. 289.

Dias. Brazil e Oceania, vol. 30 pags. 5 e 257, parte 2ª.

Dias (Henrique). Carta extrahida do Valeroso Lucideno, vol. 3, pag. 258.

Documento official. Informação dada pelo engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra e o Dr. Antonio Pires da Silva Pontes sobre o Rio Branco ou Parimé e outros, vol. 6, pag. 84.

Documentos offerecidos pelo socio Getulio Monteiro de Mendonça, vol. 6, pag. 477.

Documentos relativos ao alvará que extinguio no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, etc., vol. 10, pag. 213.

Documentos relativos á historia da capitania, depois provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, vol. 40, pag.191, parte 1ª; vol. 41, pag. 273 parte 1ª, e vol. 42, pags. 5 e 105, parte 1ª.

Documentos sobre a colonia do Sacramento, vol. 31, pag. 161, parte 1ª.

Documentos offerecidos ao Instituto em 1874, vol. 37, pag. 509, parte 2ª.

Documentos offerecidos pelas secretarias de Estado, vol. 41, pag. 508, parte 2ª.

Documentos offerecidos pelos presidentes de provincia, vol. 42, pag. 350, parte 2ª.

Documento relativo á historia do Brazil, d'Armitage, vol. 25, pag. 588.

Duarte Pereira (Bacharel José Hygino). Diario ou narração historica de Matheus van den Broeck contendo o que elle vio e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brazil. Traducção do hollandez, vol. 40, pag. 5, parte 1ª.

Elliott (João Henrique). Itinerario das viagens exploradoras emprehendidas pelo barão de Antonina para descobrir uma via de communicação entre o porto da Villa de Antonina e o baixo Paraguay, na provincia de Matto-Grosso, vol. 10, pag. 153.

Epitome da erecção e creação do novo bispado de S. Paulo, vol. 18, pag. 226.

Errata na memoria. Recordações Historicas, vol. 23, pag. 751.

Errata aos apontamentos para a historia dos jesuitas no Brazil, vol. 36, pag. 347, parte 2ª.

Ferreira. Viagem á gruta das Onças, volume 12, pag. 87.

Figueiredo (Dr. Carlos Honorio de). Fundação do bispado do Rio,de Janeiro, vol. 19, pag. 579.

Figueiredo. Fundação das faculdades de direito do Brazil, vol. 22, pag. 507.

Figueiredo. Relatorio lido em 15 de Dezembro de 1876, vol. 39, pag. 473, parte 2ª.

Filgueiras (Dr. Caetano Alves de Souza). Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil em geral e sobre a instituição das capitanias em particular, vol. 19, pag. 398.

Filgueiras. Relatorio lido na sessão de 15 de Dezembro de 1860, vol. 23, pag. 658.

Fonseca (Alferes José Pinto da). Copia da carta que escreveu ao general de Goyaz dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de indios, vol. 8, pag. 376.

Fonseca e Silva (Thomé Maria da). Breve noticia sobre a colonia dos Suissos fundada em Nova-Friburgo, vol. 12, pag. 137.

Fonseca (José Gonçalves da). Noticia da situação de Matto-Grosso e Cuyabá, estado de umas e outras minas, vol. 29, pag. 352, parte 1ª.

Fonseca (Pedro Paulino da). Memoria dos feitos que se derão durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, vol. 39, pag. 293, parte 1ª.

Fonseca (Felix Feliciano da). Relação do que aconteceu aos demarcadores portuguezes e castelhanos no sertão das terras da Colonia, vol. 23, pag. 407.

Homem de Mello. Memorias do visconde de S. Leopoldo, vol. 37, pag. 5 parte 2ª e vol. 38, pag. 5, parte 2ª.

Homem de Mello. Discussão historica. O que se deve pensar do systema de colonisação adoptado pelos portuguezes para povoar o Brazil, vol. 34, pag. 102, parte 2ª.

Honorato (Dr. Manoel da Costa). Memoria historica da igreja matriz de N. S. da Candelaria desta côrte, vol. 39, pag. 5, parte 1ª.

Independencia do imperio do Brazil. Descripção dos factos da marinha que se derão desde que se projectou a independencia do Brazil, vol. 37, pag. 195, parte 1ª.

Informação sobre o modo por que se effectua a navegação do Pará para Matto-Grosso, vol. 2. pag. 283.

Informação do Brazil e suas capitanias, vol. 6,pag. 404.

Informação do Estado do Brazil e de suas necessidades, vol. 25, pag. 465.

Instrucção para D. Antonio de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Minas-Geraes, vol.6, pag. 215.

Instrucção militar para Martim Lopes Lobo de Saldanha governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, vol. 4 pag. 350.

Instrucção para o visconde de Barbacena, governador e capitão-general da capitania de Minas-Geraes, vol.6, pag. 3.

Instrucções do governo para Francisco Delgado Freire de Castilho, governador da Parahyba, vol.6, pag. 436.

João (Mestre). Carta do physico de el-rei, mestre, João, para o mesmo senhor, vol. 5, pag. 342.

João de Ipanema (S.). Descripção do morro do mineral de ferro, sua riqueza, methodo usado na antiga fabrica, vol. 18, pag. 235.

Joaquim (Irmão). Vide vol. 22 pag. 441.

Jomard (M.). Noticia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulario de seu idioma, vol. 9, pag. 107.

Joseph (Padre). Copia de uma carta escripta da Bahia em 1565 ao Dr. Jacome Martins, provincial da C. de Jesus. vol. 3, pag. 248.

José (Frei Rodrigo de S.). Cantico commemorativo do passamento do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 49.

José (Bispo D. Frei João de S.). Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará, vol. 9, pags. 43, 179 e 328.

Juizo sobre os annaes da provincia de S. Pedro publicados pelo visconde de S. Leopoldo, vol. 1, pag. 327.

Juizo da commissão de historia sobre a obra-compendio das eras da provincia do Pará, por Monteiro Baena, vol. 2, pag. 237.

Juizo sobre a obra Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent, par Alexandre de Humboldt, vol. 2, pag. 105.

Juizo sobre a obra Histoire des relations commerciales entre la France et le Brezil, par Horace Say, vol. 1, pag. 320.

Juizo sobre a historia do Brazil, do Dr. Francisco Solano Constancio, vol. 1, pag. 103.

Juizo sobre a obra Noticia descriptiva da provincia do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, por Nicoláo Dreys, vol. 2, pag. 99.

Lacerda e Almeida (Dr. Francisco José de). Memoria a respeito dos rios Baurés, Branco, da Conceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo, e das tres Missões da Magdalena, da Conceição e de S. Joaquim, vol. 12, pag. 106.

Lagos (Manoel Ferreira). Relatorio dos trabalhos do Instituto no 6º anno academico, vol. 6, pag. 4 suppl.

Lagos. Relatorio lido na sessão publica de 9 de Setembro de 1847, vol. 11 pag. 89.

Lara (Diogo Arouche de Moraes). Memoria da campanha de 1816 com a exposição dos acontecimentos militares das fronteiras de Missões e Rio-Pardo, da capitania do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, vol. 7, pags. 125 e 273.

Lavradio (Marquez do). Relatorio a Luiz de Vasconcellos e Souza, seu successor no vice-reinado do Rio de Janeiro, vol. 4, pag. 409.

Leal (Felippe José Pereira). Memoria sobre os acontecimentos politicos que tiverão lugar no Pará em 1822 a 1823, vol. 22, pag. 161.

Leal (Dr. Antonio Henriques). Apontamentos para a historia dos Jesuitas, extrahidos dos chronistas da companhia de Jesus, vol. 34, pag. 47 e 195, parte 2ª e vol. 36, pags. 65 e 201, parte 2ª.

Leal. Extractos da vida de Gomes Freire de Andrade, vol. 44, pag. 187. parte 1.ª

Leite (Diogo). Carta para el-rei em 30 de Abril de 1528, vol. 6, pag. 222.

Leite (Maximiano Antonio da Silva). Memoria sobre o eclipse do sol, de 15 de Março de 1839, vol. 1, pag. 68.

Leite. Memoria sobre o cometa visto em Março de 1843 no Rio de Janeiro, vol. 5, pag. 207.

Lembrança do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto para remetterem ao Rio de Janeiro, vol. 1, pag. 141.

Leonardo (Padre). Cópia de uma carta escripta de S. Vicente, em 23 de Junho de 1565, vol. 4, pag. 224.

Leopoldo (visconde de S.). O Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestárão no nosso continente, vol. 1, pag. 77.

Leopoldo. Discurso de abertura na sessão publica anniversaria do Instituto, em 3 de Novembro de 1838, vol. 1, pag. 267.

Leopoldo. Discurso na 3ª sessão anniversaria do Instituto, vol. 3, pag. 517.

Leopoldo. Discurso de abertura da 4ª sessão anniversaria do Instituto, vol. 4, pag. 1, suppl.

Levantamento em Minas-Geraes em 1708, vol. 3, pag. 261.

Lima (padre Francisco das Chagas). Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava, vol. 4, pag. 43.

Lisboa (conselheiro Balthazar da Silva). Extracto dos Annaes do Rio de Janeiro. Pessoas distinctas que ajudárão á fundação e edificação do Rio de Janeiro, vol. 4, pags. 248 e 318.

Lisboa. Extracto dos Annaes do Rio de Janeiro, vol. 5, pag. 403.

Lisboa. Recordação memoravel das pessoas illustres que servirão á gloria deste paiz até a época de 1710, vol. 5, pag. 420.

Lisboa (Miguel Maria). Memorandum sobre limites do Brazil, vol. 9, pag. 436. (Acta de 19 de Agosto de 1847).

Lista dos membros do Instituto em 1839, vol 1, pags. 156, 264 e 380.

Lobo de Almada (Manoel da Gama). Descripção relativa ao rio Branco e seu territorio, vol. 24, pag. 617.

Lopes (Joaquim Francisco). Itinerario da digressão que fez no exame de uma communicação de carro para o Paraguay, vol. 13, pag. 315.

Luccock (John). A Grammar and vocabulary of the tupi language, vol. 43, pag. 263, parte 1ª e vol. 44, pag. 1, parte 1ª.

Lund (Dr.). Carta escripta da Lagôa Santa ao 1º secretario do Instituto, vol. 4, pag. 80.

Lund. Correspondencia sobre novas descobertas de ossos e craneos achados em suas excavações, vol. 6, pag. 334.

Macedo (Dr. Joaquim Manoel de). O amor da gloria, hymno biblico, vol. 11 pag. 276.

Macedo. Relatorio dos trabalhos do Instituto em 1852, vol. 15, pag. 480.

Macedo. Idem, idem em 1853, vol. 16, pag. 563.

Macedo. Idem, idem » 1854, » 17, » 3 suppl.

Macedo. Idem, idem » 1855, » 18. » 3 »

Macedo. Idem, idem » 1856, » 19, » 91 »

Macedo. Elogio dos socios fallecidos em 1857, vol. 20 pag. 67 suppl.

Macedo. Idem, idem em 1858, vol. 21, pag. 530.

Macedo. Idem, idem » 1859, » 22, » 704.

Macedo. Idem, idem » 1860, » 23, » 685.

Macedo. Idem, idem » 1861, » 24, » 797.

Macedo. Duvidas sobre alguns pontos da historia patria, vol. 25, pag. 3.

Macedo. Elogio dos socios fallecidos em 1862, vol. 25, pag. 718.

Macedo. Idem, idem em 1863, vol. 26, pag. 925

Macedo. Idem, idem » 1864, » 27, » 403 parte 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1865, » 28, » 343

Macedo. Idem, idem » 1866, » 29, » 446 parte 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1867, » 30, » 507 » 2ª.

Macedo. Idem, idem em 1868, vol. 31, pag. 421, parte 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1869, » 32, » 323, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1871, » 34, » 405, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1873, » 36, » 625, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1874, » 37, » 467, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1875, » 38, » 401, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1877, » 40, » 555, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1878, » 41, » 471, » 2ª.

Macedo. Idem, idem » 1879, » 42, » 307, » 2ª.

Macedo. Discurso do 1º vice-prezidente em 1876, vol. 39, pag. 465, parte 2ª.

Machado (Francisco Xavier). Memoria relativa as capitanias do Piauhy e Maranhão, vol. 17, pag. 56.

Madre de Deus (Fr. Gaspar da). Noticia dos annos em que se descobrio o Brazil e das entradas das religiões e suas fundações, vol. 2, pag. 427.

Magalhães (Dr. Domingos José Gonçalves de). Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão, vol. 10, pag. 263.

Magalhães. Os indigenas do Brazil perante a historia, vol. 23, pag. 3.

Magalhães (Manoel Antonio de). Almanak da villa de Porto-Alegre com reflexões sobre o estado da capitania do Rio-Grande do Sul, vol. 30, pag. 43, parte 1ª.

Mala (Dr. Emilio Joaquim da Silva). Discurso em commemoração do passamento do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 32.

Manuscriptos (Relação dos) offerecidos ao Instituto desde 1847 até 1852, vol. 15 pag. 548.

Manuscriptos offerecidos em 1853, vol. 16, pag. 626.
Idem, idem em 1854, vol. 17, pag. 97 suppl.
Idem, idem » 1855, » 18, » 76 »
Idem, idem » 1856, » 19, » 168 »

Menezes (Dr. Francisco de Paula).—Ode recitada na sessão commemorativa do passamento do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 79.

Menezes.—Elogio dos socios fallecidos em 1853, vol. 16, pag. 600.

Menezes (José Pedro Cesar de). Roteiro para seguir a melhor estrada do Maranhão para a côrte do Rio de Janeiro, vol. 3, pag. 464.

Menezes (D. Manoel de). Recuperação da cidade do Salvador. vol. 22, pag. 357.

Mesa e commissões (Relações dos membros da) do Instituto em 1856 vol. 19, pag. 172, suppl.
Idem de 1858, vol. 20, pag. 34 suppl.
Idem de 1859, vol. 21, pag. 495.

Mesa administrativa do Instituto em 1878, vol. 41, pag. XXIII.
Idem em 1879, vol. 42, pag. XXIII.
Idem em 1880, vol. 43, pag. XXIII.
Idem em 1881, vol. 44, pag. XV.

Montenegro (General, Caetano Pinto de Miranda). Resposta ao parecer sobre o aldeiamento dos indios Uaicurús e Guanás, vol. 7, pag. 213.

Moraes (Francisco Teixeira de). Relação historica e politica dos tumultos que succederão na cidade de S. Luiz de Maranhão com os successos mais notaveis que nelle acontecerão etc., vol. 40, pags. 67 e 303, parte 1ª.

Moreira de Azevedo. (Dr. M. D.). Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro, vol. 28, pag. 169, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Os tumulos de um claustro, vol. 29, pag 263, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vol. 30, pag. 397, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. O dia 9 de Janeiro de 1822, vol. 31, pag. 33, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. A constituição do Brazil, vol. 32, pag. 71, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. O combate da ilha do Cabrita, vol. 33, pag. 5, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Sedição militar na ilha das Cobras em 1831, vol. 34, pag. 276, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Os tiros no theatro, vol. 36, pag. 349, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Sedição militar de Julho de 1831 no Rio de Janeiro, vol. 37, pag. 179, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Motim politico de 3 de Abril de 1832 no Rio de Janeiro, vol. 37, pag. 367, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Noticia da sepultura de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, vol. 38, pag. 151, parte 1ª.

Moreira de Azevedo. Motim politico de 17 de Abril de 1832 no Rio de Janeiro, vol. 38, pag 127, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Motim politico de Dezembro de 1833 no Rio de Janeiro. Remoção do tutor do Imperador, vol. 39, pag. 25, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. O dia 30 de Julho de 1832, vol. 41, pag. 227, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Declaração da maioridade do Imperador em 1840, vol. 42, pag. 5, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. Discurso do 1º secretario em 1881, vol. 44, pag. 437, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. O visconde do Rio Branco, vol. 44, pag. 157, parte 2ª.

Moreira de Azevedo. O Duque de Caxias, vol. 44, pag. 163, parte 2ª.

Moreno (Coronel José Ignacio do Couto). Extracto de uma memoria enviada ao governo da provincia com data de 27 de Novembro de 1843, vol. 6, pag. 443.

Muniz Barreto (Domingos Alves Branco). Plano sobre a civilisação dos indios no Brazil, com uma breve noticia da missão que entre os mesmos indios foi feita pelos proscriptos jesuitas, vol. 19, pag. 33.

Muniz Barreto. Requerimento feito a S. Magestade em nome dos indios domesticados da capitania da Bahia, vol. 19, pag. 91.

Museu de antiguidades americanas fundado em Copenhague pela sociedade real dos antiquarios do Norte. vol. 7, pag. 94.

Nabuco de Araujo (José Tito). Elogio dos socios fallecidos em 1876, vol. 39, pag. 505, parte 2ª.

Narração da viagem que nos annos de 1591 e seguintes fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do Sul em companhia de Thomas Candish, vol. 41, pag. 183, parte 1ª.

Navarro (Dezembargador Luiz Thomaz de). Itinerario da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro em 1808, vol. 7, pag. 433.

Officio do governador participando ao ministerio não só conterem riqueza de ouro os corregos da estrada de Minas, como de haver tres familias de indios Puris procurando aldêar-se junto ao quartel da villa do Principe, etc., vol. 6, pags. 460 e 461.

Officios sobre a estatistica, despezas e administração da provincia de Matto-Grosso de 1824 a 1826, vol. 20, pag. 366.

Oliveira (Conselheiro Candido Baptista de). Nota sobre um trecho do parecer apresentado ao Instituto em 1850 pelo socio Diogo Soares da Silva de Bivar acerca da obra publicada por Agostinho Marques Perdigão Malheiro sob o titulo *-Indice chronologico dos factos mais notaveis da historia do Brazil*, vol. 15, pag. 113.

Oliveira. Parecer sobre a memoria historica de Machado de Oliveira acerca da questão de limites entre o Brazil e Montevidéo, vol. 16, pag. 464.

Oliveira. Discurso da abertura da sessão publica anniversaria do Instituto em 1859, vol. 22, pag. 681.

Oliveira (Coronel José Joaquim Machado de). A celebração da paixão de Christo entre os Guaranys, vol. 4, pag. 331.

Oliveira. Descripção do convento da Penha na provincia do Espirito-Santo, vol. 5, pag. 113.

Oliveira. Se todos os indigenas do Brazil conhecidos até hoje tinhão idéa de uma unica divindade, vol. 6, pag. 133.

Oliveira. Qual era a condição social do sexo feminino entre os indigenas do Brazil, vol. 4 pag. 168.

Oliveira. Plano de uma colonia militar no Brazil, vol. 7, pag. 240.

Oliveira. Noticia sobre as aldêas dos indios da provincia de S. Paulo desde seu comêço até a actualidade, vol. 8, pag. 204.

Oliveira. Memoria historica sobre a questão de limites entre o Brazil e Montevidéo, vol. 16, pag. 385.

Oliveira. Memorias sobre o descobrimento do Brazil, vol. 18, pag. 279.

Oliveira. A emigração dos Cayuaz, vol. 19, pag. 434.

Oliveira. Os Cayapós, sua origem, descobrimento, accomettimentos pelos Mamelucos, reprezalia, meios empregados com violencia e com arma em punho para subtrahi-los ás mattas, vol. 24, pag. 491.

Oliveira. Recordações historicas que se prendem especialmente á campanha de 1827, na guerra travada entre o Brazil e a Republica Argentina, sobre a questão da provincia Cisplatina, vol. 23, pag. 497.

Oliveira (Major Manoel Rodrigues de). Novos indicios da existencia de uma antiga povoação abandonada no interior da provincia da Bahia, vol. 10, pag. 363.

Ottoni (Theophilo Benedicto). Noticia sobre os selvagens do Mucury, vol. 21, pag. 191.

Outros documentos sobre a revolução pernambucana de 1817 e sobre a administração de Luiz do Rego, vol. 30, pag. 75, parte 1ª.

Paes Leme (Pedro Taques de Almeida). Copia fiel do titulo de Taques Pompeu que fez pelo anno de 1763 e que se acha em poder de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, vol. 18, pag. 190.

Paes Leme. Noticia historica da expulsão dos jesuitas do collegio de S. Paulo, vol. 12, pag. 5.

Paes Leme.—Nobliarchia Paulistana. Genealogia das principaes familias de S. Paulo, vol. 32, pags. 175 e 209, parte 1ª.; vol. 33, pags. 5 e 157, parte 1ª., e pag. 27, parte 2ª.; vol. 34, pags. 5 e 141, parte 1ª. e pags. 5 e 129, parte 2ª.; vol. 35 pags. 5 e 243, parte 1ª. e pag. 5, parte 2ª.

Paes Leme. Historia da capitania de S. Vicente desde sua fundação por Martim Affonso de Souza em 1531, vol. 9, pags. 137, 293 e 445.

Paim (Roque Monteiro). Cópia da resposta que o secretario de Estado deu ao embaixador de França em Lisbôa sobre a sua replica offerecida para mostrar que pertencem á corôa de França as terras de Cabo-Frio, vol. 8 pag. 453.

Paiva (Joaquim Gomes de Oliveira). Memoria historica sobre a colonia allemã de S. Pedro de Alcantara estabelecida na provincia de Santa Catharina, vol. 10 pag. 504.

Parecer da commissão de Historia ácerca da obra—Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI, impresso com o titulo de Noticia do Brazil, vol. 2, pag. 109.

Parecer da commissão de Geographia sobre os mappas seguintes : 1° mappa ou planta topographica planispherica da imperial provincia de S. Paulo; 2° mappa da comarca do Sabará, vol. 2, pag. 113.

Parecer sobre a 2ª parte da chronica dos frades menores da provincia de Santo Antonio do Brazil, por Frei A. de S. M. Jaboatão, vol. 2, pag. 370.

Parecer sobre o 1° e 2° volumes da obra Voyage pitoresque au Bresil, par Debret, vol. 3, pag. 95.

Parecer da commissão de Historia sobre o escripto de F. Denis : Une fête bresilienne à Rouen, vol. 14, pag. 443.

Pinheiro. A França Antartica. Bosquejo historico do estabelecimento dos francezes no Rio de Janeiro, etc., vol. 22, pag. 3.

Pinheiro. O Brazil Hollandez, vol. 23, pag. 67.

Pinheiro. Luiz do Rego e a Posteridade. Estudo historico sobre a revolução pernambucana de 1817, vol. 24, pag. 353.

Pinheiro. Antonio José e a Inquisição, volume 25, pag. 363.

Pinheiro. A Carioca, memoria historica e documentada, vol. 25, pag. 565.

Pinheiro. Os ultimos vice-reis do Brazil, vol.28,pag.225, parte 2ª.

Pinheiro. As batalhas dos Guararapes, vol.29, pag. 309, parte 2ª.

Pinheiro. Academia Brazilica dos Renascidos, vol.32, pag. 53, parte 2ª.

Pinheiro. Academia Brazilica dos Esquecidos, vol. 31, pag. 5, parte 2ª.

Pinheiro. Os Padres do Patrocinio ou Porto-Real de Itú, vol. 33, pag. 237, parte 2ª.

Pinheiro. Os precursores de Colombo. João Cousin, vol. 37, pag. 71, parte 2ª.

Pinheiro. Motins politicos e militares no Rio de Janeiro, vol. 37, pag. 341, parte 2ª.

Pinheiro. Discussão historica. O que se deve pensar do systema de colonisação seguido pelos portuguezes no Brazil, vol. 34, pag. 113, parte 2ª.

Pinheiro. Paulo Fernandes e a policia de seu tempo, vol. 39, pag. 65, parte 2ª.

Pinheiro. Relatorio do 1º secretario em 1859, vol. 22, pag. 683.

Pinheiro. Idem, idem em 1861, vol. 24, pag. 771.

Pinheiro. Idem, idem » 1862, » 25, » 707.

Pinheiro. Idem, idem » 1863, » 26, » 915.

Pinheiro. Idem, idem » 1864, » 27, » 393, parte 2ª

Pinheiro. Idem, idem » 1865, » 28, » 334, »

Pinheiro. Idem, idem » 1866, » 29, » 433, »

Pinheiro. Idem, idem » 1867, » 30, » 495, »

Pinheiro. Idem, idem » 1868, » 31, » 405, »

Pinheiro. Idem, idem » 1871, » 34, » 389, »

Pinheiro. Idem, idem » 1872, » 35, » 607, »

Pinheiro. Idem, idem » 1873, » 36, » 611, »

Pinheiro. Idem, idem » 1874, » 37, » 457, »

Pinheiro. Idem, idem » 1875, » 38, » 393, »

Pinto (Dr. Antonio Pereira). Allocução recitada na sessão commemorativa da morte do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 66.

Pinto. Memoria sobre penitenciarias, vol. 21, pag. 441.

Pinto. A confederação do Equador, vol, 29, pag. 36, parte 2ª.

Pinto. Limites do Brazil (1493 a 1851), vol. 30, pag. 193, parte 2ª.

Pinto (Bento Teixeira). Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil em 1565, vol. 13, pag. 279.

Pinto Bandeira (Joaquim José). Noticia da descoberta do campo das Palmas, vol. 14, pag. 425.

Pinto Junior (Joaquim Antonio). O Dr. João Baptista Badaró, vol. 39, pag. 337, parte 2ª.

Pinto Pacca (Manoel Joaquim). Matto-Grosso por Coritiba e Tibagy, vol. 28, pag. 32, parte 1ª.

Pires (Padre Antonio). Carta que escreveu do Brazil, da capitania de Pernambuco, aos irmãos da Companhia em 1551, vol. 6, pag. 95.

Pizarro (Monsenhor). Extracto das memorias sobre o Rio de Janeiro, tomo 6, cap. 7°. Do assento primeiro da igreja cathedral, da sua mudança para outros logares, vol. 5, pag. 453.

Plano economico e provincial para o estabelecimento do correio desta côrte para a cidade da Bahia, vol. 7, pag. 464.

Pontes (Manoel José Pires da Silva). Extractos de uma viagem feita á provincia do Espirito Santo, vol. 1, pag, 345.

Pontes (R. de S. da Silva). Onde aprenderão e quem fôrão os artistas que fizerão levantar os templos dos jesuitas em missões, e fabricarão as estatuas que alli se acharão collocadas, vol. 4, pag. 65,

Pontes. Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á historia e geographia do Brazil, vol. 3, pag. 149.

População da capitania de Matto-Grosso em 1800, vol. 28, pag. 123, parte 1ª.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo). Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense, vol. 3, pag. 33 suppl.

Porto-Alegre. Elogio dos socios fallecidos em 1844, vol. 6, pag. 36 suppl.

Porto-Alegre. Discurso recitado no acto de baixar á sepultura o corpo do conego Januario da Cunha Barbosa, vol. 8, pag. 145 (Acta de 8 de Março de 1846

Porto-Alegre. Discurso recitado na sessão commemorativa da perda do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 10.

Porto-Alegre. Elogio dos socios fallecidos em 1847, vol. 11, pag. 150.

Porto-Alegre. Discurso recitado na sessão de 1848 para inauguração dos bustos do conego Januario da Cunha Barbosa e do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, fundadores do Instituto, vol. 11, pag. 219.

Porto-Alegre. Discurso proferido á beira do tumulo do senador Francisco de Paula Souza Mello, vol. 15, pag. 241.

Porto-Alegre. Elogio dos socios fallecidos em 1852, vol. 15, pag. 513.

Porto-Alegre. Discurso recitado no enterro do socio José Paiva de Magalhães Calvet, vol. 16, pag. 133.

Porto-Alegre. Elogio dos socios fallecidos em 1854, vol. 17, pag. 51, suppl.

Porto-Alegre. Idem, idem em 1855, vol. 18, pag. 33, suppl.

Porto-Alegre. Idem, idem em 1856, vol. 19, pag. 123, suppl.

Porto-Alegre. Iconographia brazileira, vol. 19, pag. 349.

Porto-Alegre. Relatorio do 1° secretario em 1857, vol. 20, pag. 38, suppl.

Porto-Alegre. Idem, idem em 1858, vol. 21, pag. 505.

Porto-Alegre. Discurso proferido por occasião de dar-se sepultura ao cadaver de Fr. Francisco de Mont'Alverne, vol. 21, pag. 499.

Porto-Seguro (Francisco A. de Varnhagem, Barão de). Primeiras explorações da costa brazileira, de 1501 a 1506, vol. 36, pag. 55, parte 2ª.

Porto-Seguro (F. A. de Varnhagen, Visconde de). Officio dirigido ao 1° secretario do Instituto, vol. 38, pag. 163, parte 2ª.

Prado (Francisco Rodrigues do). Historia dos indios cavalleiros ou da nação Guaycurú, vol. 1, pag. 25.

Prazeres Maranhão (Fr. Francisco dos). Collecção de etymologias brazileiras, vol. 8, pag. 69.

Premios propostos por S. M. o Imperador, vol. 3, pag. 45 suppl., e vol. 19, pag. 154, suppl.

Premios propostos pelo Instituto, vol. 2, pag. 628; vol. 3, pag. 43 suppl.; vol. 4, pag. 35 suppl., vol. 6, pag. 46 suppl., e vol. 11, pag. 148.

Privilegios (Traslado dos) que S. M. concedeu aos cidadãos da Bahia de Todos os Santos, vol. 8, pag. 512.

Projecto de uma estrada da Bahia ao Rio de Janeiro, vol. 5, pag. 251.

Raposo de Almeida. Origem do collegio de Pedro II, vol. 19, pag. 528.

Rebello (José Silvestre). Se a introducção dos escravos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas, vol. 1, pag. 159.

Rebello. Discurso sobre a palavra Brazil, vol 1, pag. 298 e vol. 2, pag. 622.

Rebello (Henrique Jorge). Memoria e considerações sobre a população do Brazil, vol. 30, pag. 5, parte 1ª.

Rebello e Silva (Thomaz da Costa Corrêa). Memoria sobre a provincia de Missões, vol. 2, pag. 155.

Regimento dado a Antonio Cardoso de Barros como provedor-mór da fazenda que primeiro foi ao Brazil, vol. 18, pag. 166.

Registo do regimento de S. A. R. que trouxe Roque da Costa Barreto, vol. 5, pag. 288.

Registro dos autos da erecção da real villa de Montemor, o Novo da America, na capitania do Ceará-Grande, vol. 35, pag. 133, parte 1ª.

Reinault (Pedro Victor). Relatorio da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feito por ordem do governo de Minas-Geraes, tendente a procurar um ponto para degredo, vol. 8, pag. 356.

Reis (Coronel Manoel Martins do Couto). Memoria sobre a fazenda de Santa Cruz, vol 5, pag. 143.

Relação dos membros premiados pelo Instituto Historico em cumprimento do programma apresentado na sessão de 14 de Dezembro de 1844, vol. 11, pag. 147.

Relatorio do vice-rei do Estado do Brazil, Luiz de Vasconcellos, ao entregar o governo ao seu successor, vol. 23, pag. 143.

Relatorios e documentos offerecidos ao Instituto em 1861, vol. 24, pag. 839.

Idem idem em 1862	vol. 25,	pags.	748 e 751.	
Idem idem em 1863	»	26	»	952 e 956.	
Idem idem em 1864	»	27	»	446 e 453,	parte 2ª.
Idem idem em 1865	»	28	»	372 e 377,	»
Idem idem em 1866	»	29	»	503 e 508,	»
Idem idem em 1867	»	30	»	541 e 552,	»
Idem idem em 1868	»	31	»	457 e 460,	»
Idem idem em 1869	»	32	»	348 e 350,	»
Idem idem em 1870	»	33	»	462,	»
Idem idem em 1871	»	34	»	429,	»
Idem idem em 1872	»	35	»	659,	»
Idem idem em 1874	»	37	»	505,	»
Idem idem em 1875	»	38	»	439 e 441,	»
Idem idem em 1876	»	39	»	550 e 553,	»
Idem idem em 1877	»	40	»	585 e 588,	»
Idem idem em 1878	»	41	»	509,	»
Idem idem em 1879	»	42	»	348,	»
Idem idem em 1880	»	43	»	633 e 637,	»

Rendon (José Arouche de Toledo). Memoria sobre as aldêas de indios da provincia de S. Paulo, vol. 4, pag. 295.

Reparos e Annotações sobre a barra do Rio de Janeiro, suas fortalezas e defensas, vol. 33, pag. 281, parte 1ª.

Representação dirigida em 1707 a el-rei D. João V. pelos portuguezes residentes no Rio de Janeiro acerca do procedimento que contra elles tinhão os filhos da terra nas eleições do senado da camara, vol. 10, pag. 108.

Representação que fizerão os povos de Portugal junto em côrtes contra a companhia do Brazil, vol. 25, pag. 459.

Roteiro corographico da viagem que se costuma fazer da cidade de Belém do Pará á Villa-Bella de Matto-Grosso, vol. 23, pag. 439.

Rubim (Braz da Costa). Noticia chronologica dos factos mais notaveis da historia da provincia do Espirito-Santo, etc. vol. 19, pag. 336.

Rubim. Diccionario Topographico da provincia do Espirito-Santo, vol. 25, pag. 597.

Rubim. Memoria sobre os limites da provincia do Espirito-Santo, vol. 23 pag. 113.

Rubim. Memorias historicas e documentadas da provincia do Espirito-Santo, vol. 24, pag. 171.

Rubim. Memoria sobre a revolução do Ceará em 1821, vol. 29, pag. 201, parte 2ª.

Sá (Manoel José Maria da Costa e). Relatorio sobre as obras do Dr. Ferreira apresentado á academia real das sciencias de Lisbôa, vol. 2, pag. 513.

Saldanha (José de). Diario resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a serra geral nas cabeceiras do rio Pardo, vol. 3, pag. 64.

Sampaio (Antonio Botelho de). Descoberta dos campos de Guarapuava, vol. 18, pag. 252.

Sampaio (Bacharel Francisco Xavier Ribeiro de). Extracto da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio-Negro fez o mesmo bacharel como ouvidor e intendente geral, vol. 1, pag. 109.

Sampaio. Relação geographica historica do rio Branco da America Portugueza, vol. 13, pag. 200.

Santarem (Visconde de). Carta acerca de um memorandum publicado no vol. 9, pag. 436, sobre questões de limites do Brazil, vol. 12, pag. 414 (Acta de 9 de Agosto de 1849).

Santiago (Diogo Lopes de). Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, vol. 38, pag. 249, parte 1ª; vol. 39, pag. 323, parte 1ª.; vol. 41, pags. 143 e 387, parte 1ª; vol. 42, pags. 91 e 157, parte 1ª, e vol. 43, pags. 5 e 191, parte 1ª.

Santos (João Brigido dos). Rectificação á historia do Brazil de 1831 a 1840 do Dr. Pereira da Silva, vol. 42, pag. 207, parte 2ª.

Sapucahy (Candido José de Araujo Vianna, Visconde de). Discurso do vice-presidente do Instituto na sessão anniversaria de 1843, vol. 5, pag. 1 suppl.

Sapucahy. Idem idem de 1844 vol. 6 pag. 2 suppl.

Sapucahy. Idem idem de 1847 » 11 » 87.

Sapucahy. Idem idem de 1852 » 15 » 477.

Sapucahy. Idem idem de 1853 » 16 » 561.

Sapucahy. Idem idem de 1854 » 17 » 1 suppl.

Sapucahy. Idem idem de 1855 » 18 » 1 »

Sapucahy. Idem idem de 1856 » 19 » 88 »

Sapucahy. Idem idem de 1857 » 20 » 36 »

Sapucahy. Idem idem de 1858 » 21 » 503.

Sapucahy. Idem idem de 1860 » 23 » 655.

Sapucahy. Idem idem de 1861 » 24 » 769.

Sapucahy. Idem idem de 1862 » 25 » 705.

Sapucahy. Idem idem de 1863 » 26 » 913.

Sapucahy. Idem idem de 1864 » 27 » 391,part.2ª

Sapucahy. Idem idem de 1865 » 28 » 331, »

Sapucahy. Idem idem de 1866 » 29 » 431, »

Sapucahy. Idem idem de 1867 » 30 » 491, »

Sapucahy. Idem idem de 1868 » 31 » 401, »

Sapucahy. Idem idem de 1869 » 32 » 305, »

Sapucahy. Idem idem de 1870 » 33 » 415, »

Sapucahy. Idem idem de 1871 » 34 » 385, »

Sapucahy. Idem Idem de 1872 » 35 » 603, »

Sapucahy. Idem idem de 1873 » 36 » 609, »

Sapucahy. Discurso recitado na sessão commemorativa do passamento do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 8.

Sapucahy. Discurso recitado na sessão publica para inauguração dos bustos do conego Januario da Cunha Barbosa e do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, vol. 11, pag. 216.

Sapucahy. Discurso dirigido a S. M. o Imperador na occasião de assistir o mesmo augusto senhor á sessão do Instituto de 15 de Dezembro de 1849, vol. 12, pag. 550.

Saraiva (Matheus). Carta ao abbade Barbosa Machado, vol. 6, pag. 357.

Souza (Luiz de Vasconcellos e). Officio do vice-rei com a cópia da relação instructiva para ser entregue ao seu successor, vol. 4, pags. 3 e 129.

Souza Silva (Joaquim Norberto de). Ballata dedicada á Sua Magestade a Imperatriz na sessão commemorativa do passamento do principe D. Affonso, vol. 11, pag. 38.

Souza Silva. Cantico, idem, vol. 11, pag. 41.

Souza Silva. Visão, idem, vol. 11, pag. 68.

Souza Silva. Januario da Cunha Barbosa, canto inaugural, vol. 11, pag. 266.

Souza Silva. O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso? vol. 15, pag. 125.

Souza Silva. Memoria historica documentada das aldêas dos indios da provincia do Rio de Janeiro, laureada em 15 de Dezembro de 1852, vol. 17, pag. 109.

Souza Silva. Refutação ás reflexões do socio Antonio Gonçalves Dias sobre a memoria do descobrimento do Brazil, vol. 18, pag. 335.

Souza Silva. Discurso recitado ao dar-se sepultura ao cadaver do socio Manoel Alves Branco, visconde de Caravellas, vol. 18, pag. 456.

Souza Silva. Discurso proferido ao dar-se sepultura ao cadaver do visconde de Sepetiba, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, vol. 18, pag. 458.

Souza Silva. Extractos do ensaio politico e historico chronologico de Frei Manoel Joaquim da Mãi dos Homens, precedidos de uma noticia sobre o autor, vol. 19, pag. 477.

Souza Silva. Discurso do 2º vice-presidente em 1880 na sessão publica anniversaria, vol. 43, pag. 497, parte 2ª.

Souza Silva. O Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo, vol. 44, pag. 131, parte 1ª.

Souza (Major Augusto Fausto de). Estudo sobre a divisão territorial do Brazil, vol. 43, pag. 27, parte 2ª.

Souza. A bahia do Rio de Janeiro, vol. 44, pag. 5 e 269, parte 2ª.

Souza Pitanga (Epiphanio Candido de). Diario da viagem do porto do Jatahy á villa de Miranda, vol. 27, pag. 149, parte 1ª.

Souza Chichorro (Manoel da Cunha de Azeredo). Memoria em que se mostra o estado economico, militar e politico da capitania geral de S. Paulo em 1814, vol. 36, pag. 197, parte 1ª.

Southey (Roberto). Conspiração em Minas-Geraes em 1788 para a independencia do Brazil. Artigo traduzido e illustrado de notas por J. de Rezende Costa, vol. 8, pag. 297.

Summario das armadas que se fizerão e guerras que se derão na conquista do rio Parahyba, vol. 36, pag. 5, parte 1.ª

Taunay. (Alfredo de Escragnolle). Viagem de regresso de Matto-Grosso á côrte, vol. 32, pag. 5, parte 2ª.

Taunay. A expedição do consul Langsdorff ao interior do Brazil, vol. 38, pag. 337, parte 1.ª

Taunay. As caldas da Imperatriz (aguas thermaes de Santa Catharina), vol. 42, pag. 39, parte 2ª.

Taunay. Elogio dos socios fallecidos em 1870, vol. 33, pag. 437, parte 2ª.

Teixeira (Bento). Relação do naufragio da náo Santo Antonio, vol. 13, pag. 279.

Teixeira (Fr. Domingos). Extracto da vida de Gomes Freire de Andrade, vol. 8, pag. 410.

Teixeira (Dr. José João). Extracto da memoria manuscripta sobre a cobrança do quinto do ouro, vol. 6, pag. 284.

Termo de revalidação de posse, ou sendo necessario de nova posse, tomada por parte de Sua Magestade do logar que até agora se chama— Fecho dos Morros, sobre as margens do Paraguay, vol. 20, pag. 330.

Theberge (Dr.)—Extractos dos assentos do antigo senado de Icó de 1738 a 1835, vol. 25, pag. 62.

Tovar (Manoel Vieira de Albuquerque). Informação sobre a navegação do rio Doce, vol. 1, pag. 173.

Trabalho offerecido para servir de titulo de admissão de socios, vol. 15, pag. 90, suppl.

Trabalhos dos socios, memorias, pontos desenvolvidos, e outros trabalhos dos socios desde 1847 até 1852, vol. 15, pag. 545.
Idem em 1853, vol. 16, pag. 630.
Idem em 1854, vol. 17, pag. 87 suppl.

Traducção feita por Miguel Maria Lisbôa do cap. XI da vida politica de Jorge Canning, composta pelo seu secretario particular Augusto Granvilli Stappleton, vol. 23, pag. 241.

Traducção de alguns artigos da Gazeta de Buenos-Ayres sob o titulo—Navegação dos rios, vol. 27, pag. 77, parte 1ª.

Tuggia (Fr. Rafael). Mappas dos indios Cherentes e Chavantes na nova povoação de Thereza Christina, no rio Tocantins, e dos indios Charaós da aldêa de Pedro Affonso, nas margens do mesmo rio, vol. 19, pag. 119.

Ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, vol, 44, pag, 161, parte 1ª.

Um manuscripto guarany. Carta ao senador Candido Mendes de Almeida, vol. 43, pag. 165, parte 1ª.

Van-Lede (Carlos). Geologia da provincia de Santa Catharina, vol. 7, pags. 87 e 178.

Variedades. vol. 5, pag. 383.

Varnhagen (Francisco Adolpho de). Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas do Brazil, vol. 3, pag. 53.

Varnhagen. Correspondencia acerca dos habitantes do Brazil condemnados pelo santo officio de Lisbôa, vol. 6, pag. 322, e vol. 7, pag. 54.

Varnhagen. Juizo acerca do compendio de historia do Brazil de Abreu e Lima, vol. 6, pag. 60.

Varnhagen. O Caramurú perante a historia, vol. 10, pag. 129.

Varnhagen. Carta em additamento ao juizo acerca da historia do Brazil de Abreu e Lima, vol. 13, pag. 396.

Varnhagen. Carta sobre ethnographia indigena, linguas, emigrações e archeologia, padrões de marmore dos primeiros descobridores, vols. 12 e 21, pags. 366 e 431.

Varnhagen. Commentarios á obra de Gabriel Soares, vol. 14, pag. 367.

Varnhagen. Gabriel Soares. Memoria, vol. 21, pag. 455.

Varnhagen. Carta á redacção a cerca da reimpressão do Diario de Pero Lopes, vol. 24, pag. 3.

Varnhagen. Naturalidade de D. Antonio Felippe Camarão, vol. 30, pags. 501, parte 1ª e 419, parte 2ª.

Varnhagen. Thomaz Antonio Gonzaga, 2º additamento, vol. 30, pag. 425, parte 2ª.

Varnhagen. Jo Schöner e P. Apianus. Influencia de um e outro e de varios de seus contemporaneos na adopção do nome America, e primeiros globos e primeiros mappas—mundi com este nome, vol. 35, pag. 171, parte 2ª.

Veiga (Dr. Luiz Francisco da). Hymnos patrioticos compostos por Evaristo Ferreira da Veiga, por occasião da independencia do Brazil, vol. 40, pag. 39, parte 2ª.

Velloso de Oliveira. (Antonio Rodrigues). Divisão ecclesiastica do Brazil vol. 27, pag. 263, parte 1ª.

Velloso de Oliveira. Memoria sobre o melhoramento da provincia de S. Paulo, vol. 31, pag. 5, parte 1ª.

Velloso de Oliveira. Memoria sobre a agricultura no Brazil, vol. 36, pag. 91, parte 1ª.

Vianna (Dr. João Antonio de Sampaio). Breve noticia da primeira planta de café que houve na comarca de Caravellas ao sul da provincia da Bahia, vol. 5, pag. 73.

Vice-reinado de Luiz de Vasconcellos. Correspondencia com a côrte, vol. 36, pag. 135, parte 1ª.

Vieira (Padre Antonio). Annua da missão dos mares verdes do anno de 1624 e 1625, vol. 5, pag. 335.

BIOGRAPHIAS

Antonio de Santa Ursula Rodovalho (Fr.), pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 27, pag. 187, parte 2ª.

Antonio de Santa Ursula Rodovalho, (Fr.) pelo Dr. José Tito Nabuco de Araujo, vol. 40, pag. 177, parte 1ª.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, por Joaquim Norberto de Souza Silva, vol. 39, pag. 197, parte 1ª.

Antonio Manoel Corrêa da Camara, pelo Dr. Antonio Eleuterio de Camargo. vol. 40, pag. 505, parte 1ª.

Antonio Francisco Dutra e Mello pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, vol. 41, pag. 143, parte 2ª.

Antonio Francisco Dutra e Mello pelo Dr. J. T. Nabuco de Araujo, vol. 36, pag. 185, parte 2ª.

Antonio Pires da Silva Pontes Leme (Dr.), pelo Barão de Porto Seguro (F. A. Varnhagen) vol. 36, pag. 134, parte 1ª.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva (Conselheiro), pelo Dr. Anotnio Pereira Pinto, vol. 11, pag. 206.

Ararigboia (depois Martim Affonso), pelo Conego Januario da Cunha Barboza, vol. 4, pag. 207.

Aureliano de Souza Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba), vol. 23, pag. 345.

Balthasar da Silva Lisboa (Conselheiro), por Bento da Silva Lisbôa (Barão de Cayrú), vol. 2, pag. 384.

Balthasar da Silva Lisboa, por Pedro de Alcantara Bellegarde, vol. 2, pag. 590.

Barão de Ayuruoca, pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 34, pag. 299, parte 1ª.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 2, pag. 257.

Bento Teixeira Pinto, vol. 13, pags. 274 e 402.

Bento Manoel Ribeiro (Tenente-General), pelo Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira, vol. 31, pag. 384, parte 1ª.

Bernardo Vieira Ravasco, vol. 4, pag. 377.

Bernardo Jacintho da Veiga (Conselheiro), pelo Dr. L. F. da Veiga, vol. 42, pag. 55, parte 2ª.

Braz Carneiro Leão, pelo Conde de Baependy, vol.43, pag. 365, parte 2ª.

Carlos de S. José e Souza (Fr.Bispo do Maranhão) pelo Dr. C. H. de Figueiredo, vol. 39, pag. 183, parte 2ª.

Casimiro de Abreu, por J. N. de Souza e Silva, vol. 33, pag. 295, parte 1ª.

Christovão Colombo, por D. José Affonso de Moraes, Bispo do Pará, vol. 7, pag. 3.

Christovão da Madre de Deus Luz, pelo Abbade Barboza, vol. 13, pag. 125.

Claudio Luiz da Costa (Dr.), pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 34, pag. 117, parte 1ª.

Claudio Manoel da Costa pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 32, pag. 113, parte 2ª.

Claudio Manoel da Costa pelo Dr. J. M. Pereira da Silva, vol. 12, pag. 529.

Clara Felippe Camarão (D.), por J.N.de Souza Silva, vol. 10, pag. 387.

Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello, pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 4, pag. 88.

Damiana da Cunha, por J. N. de Souza Silva, vol. 24, pag. 525.

Diogo Arouche de Moraes Lara, por J. J. Machado de Oliveira, vol. 7, pag. 256.

Domingos Caldas Barboza, pelo Conego J.da Cunha Barboza, vol. 4, pag. 210.

Domingos Caldas Barboza, por F. A. de Varnhagen, vol. 14, pag. 449.

Eduardo Olympio Machado, por Francisco Sotero dos Reis, vol. 19, pag. 607.

Eusebio de Mattos, por F. A. de Varnhagen, vol. 8, pag. 540.

Francisco Agostinho Gomes por Bivar, vol. 4, pag. 28 suppl.

Francisco Bernardino Ribeiro (Dr.) pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 36, pag. 188, parte 1ª.

Francisco de Brito Freire, por Diogo Barboza Machado, vol. 6, pag. 369.

Francisco Freire Allemão, por J. Saldanha da Gama, vol. 38, pag. 51, parte 2ª.

Francisco José de Lacerda e Almeida (Dr.), pelo Barão de Porto Seguro (F. A. de Varnhagen), vol. 36, pag. 177, parte 1ª.

Gregorio de Mattos, pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 3, pag. 333.

Henrique Dias, pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 31, pag. 365, parte 1ª.

Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde (Major), vol. 1, pag. 138.

Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde (Major), por Pedro de Alcantara Bellegarde, vol. 1, pag. 290.

Henrique de Wallenstein (Conselheiro), pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 6, pag. 111.

Hypolito José da Costa Pereira, pelo Dr. F. J. M. Homem de Mello, vol. 35, pag. 203, parte 2ª.

Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon (Brigadeiro), pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 5, pag. 227.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto, vols. 12, e 13 pags. 400 e 513, e vol. 30, pag. 427, parte 2ª.

Ignacio Ramos (Fr.), pelo Abbade Barboza, vol. 13, pag. 126.

Januario da Cunha Barboza, pelo Dr. Francisco de Paula Menezes, vol. 11, pag. 240.

Januario da Cunha Barboza, pelo Dr. J. F. Sigaud, vol. 11, pag. 185.

João Baptista Vieira Godinho, vol. 6, pag. 492.

João de Brito e Lima, por F. A. de Varnhagen, vol. 10, pag. 116.

João Caetano dos Santos, pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 33, pag. 337, parte 2ª.

João Fernandes Vieira, por F. A. de Varnhagen, vol. 5, pag. 82.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, pelo Conego J. da Cunha Barboza, vol. 2, pag. 118.

Joaquim Francisco do Livramento, pelo Padre J. G. de Oliveira Paiva, vol. 8, pag. 391.

Jorge de Albuquerque Coelho, pelo Abbade Barbosa, vol. 5, pag. 79.

Jorge de Albuquerque Maranhão, por F. A. de Varnhagen, vol. 25, pag. 353.

José de Abreu (Barão do Serro Largo), por J. M. da Silva Paranhos Junior, vol. 31, pag. 62, parte 2ª.

José de Anchieta, por Accioli, vol. 7, pag. 551.

José Antonio Lisbôa (Conselheiro), pelo Barão de Cayrù, vol. 15. pag. 116.

José Arouche de Toledo Rendon (Tenente-General), pelo Dr. Manoel Joaquim do Amaral Grugel, vol. 5, pag 491.

José Basilio da Gama, vol. 1, pag. 152.

José Bonifacio de Andrada e Silva, pelo Dr. Emllio Joaquim da Silva Maia, vol. 8. pag. 116.

José Borges de Barros, pelo Abbade Barbosa, vol. 7, pag. 557.

José Cesario de Miranda Ribeiro, (Visconde de Uberaba), vol. 27, pag. 338, parte 1ª.

José da Costa Azevedo, (Fr.), pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 34, pag. 293, parte 1ª.

José Eloy Ottoni, pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 35, pag. 501, parte 2ª.

José Eloy Pessôa, por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, vol. 4, pag. 91.

José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho (D.), vols. 1 e 7, pags. 349 e 406.

José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco (D.), vol. 4, pag. 368.

José Mariano da Conceição Velloso (Fr.), por Manoel Ferreira Lagos, vol. 2, pag. 596.

José Mariano da Conceição Velloso (Fr.), pelo Dr. José de Saldanha da Gama, vol. 31 pa. 137, parte 2ª.

José Mauricio Nunes Garcia, por Manoel de Araujo Porto-Alegre, vol. 19 pag. 354.

José Mauricio Nunes Garcia, pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 34, pag. 293, parte 2ª.

José Monteiro de Noronha, pelo Conego J. da Cunha Barbosa, vol. 2, pag. 254.

José Pinto de Azevedo (Dr.), por Emilio Joaquim da Silva Maia, vol. 2, pag. 615.

José de Sá Bithencourt Accioli, por J. Accioli de Cerqueira e Silva, vol. 6, pag. 107.

Jose de Santa Rita Durão (Fr.), por F. A. de Varnhagen, 1 vol. 8, pag. 276.

José da Silva Lisboa, (Visconde de Cayrù,) por Bento da Silva Lisboa, Barão de Cayrú, vol. 1, pag. 238.

José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo vol. 1, pag. 352.

José de Souza Marmello, vol. 6, pag. 495.

Junqueira Freire pelo Dr. J. M. Pereira da Silva, vol. 19, pag. 425.

Laurindo José da Silva Rabello (Dr.), por J. Norberto de Souza Silva, vol. 42, pag. 75, parte 2ª.

Leandro do Sacramento (Fr.), pelo Dr. J. de Saldanha da Gama, vol. 32, pag. 181, parte 2ª.

Luiz Antonio da Silva e Souza, por J. M. Pereira de Alencastre, vol. 30, pag. 241, parte 2ª.

Luiz Carlos Martins Penna, pelo Dr. L. Francisco da Veiga, vol. 40, pag. 575, parte 2ª.

Luiz Gonçalves dos Santos, pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 25, pag. 163.

Manoel Botelho de Oliveira, por F. A. de Varnhagen, vol. 9, pag. 124.

Manoel da Cunha, pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 33, pag. 206, parte 2ª.

Manoel Dias o Romano, vol. 11, pag. 496.

Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, por Antonio Joaquim Damasio, vol. 6, pag. 362.

Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá (Dr.), pelo Dr. J. F. Sigaud, vol. 4, pag. 515.

Manoel Ignacio do Silva Alvarenga (Dr.), pelo conego J. da Cunha Barboza, vol. 3, pag. 338.

Mauoel Jorge Rodrigues, por Faustino Xavier de Novaes, vol. 30, pag. 216, parte 1ª.

Manoel do Monte Rodrigues de Araujo (D. Bispo do Rio de Janeiro), pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 27, pag. 194, parte 2ª.

Manoel do Nascimento Castro Silva, vol. 27, pag. 333, parte 1ª.

Manoel da Nobrega, por Accioli, vol. 7, pag. 406.

Manoel Odorico Mendes, por J. F. Lisboa, vol. 38 pag. 303 parte 2ª.

Manoel de Santa Maria Itaparica, (Fr.), por F. A. de Varnhagen, vol. 10 pag. 240.

Maria Ursula de Abreu Lancastre (D.), por J. N. de Souza Silva, vol. 3 pag. 225.

Marquez de Caravellas José Joaquim Carneiro de Campos, pelo conego J. da Cunha Barbosa, vol. 3 pag. 431.

Marquez de Paranaguá, pelo conselheiro Candido Baptista de Oliveira, vol. 9, pag. 398.

Martim Affonso de Souza por F. A. de Varnhagen, vols. 5 e 6, pags. 232 e 118.

Paulo de Moura (D.), depois Fr. Paulo de Santa Catharina pelo padre Lino do Monte Carmello Luna, vol. 24, pag. 685.

Pedro Alvares Cabral, vol. 5, pag. 496.

Pedro de Santa Marianna (Fr., bispo de Chrisopolis), por J. Tito Nabuco de Araujo, vol. 38, pag. 221, parte 1ª.

Pero Lopes de Souza, por F. A. de Varnhagen, vols. 5 e 6, pags. 352 e 118.

Raymundo José da Cunha Mattos, por Francisco Manoel Raposo de Almeida, vol. 11. pag. 234.

Raymundo José da Cunha Mattos, por Pedro de Alcantara Bellegarde, vol. 1, pag. 283.

Raymundo José da Cunha Mattos, vol. 1, pag. 72.

Romualdo de Souza Coelho (D. bispo do Pará) por A. L. Monteiro Baena, vol. 3 pag. 423.

Rosa Maria de Siqueira (D.), por J. N. de Souza Silva, vol. 3, pag. 222.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, por F. A. de Varnhagen, vol. 3, pag. 100 e vol. 5, pag. 224.

Sebastião da Rocha Pita, pelo Dr. J. M. Pereira da Silva, vol. 12, pag. 258.

Silvestre Pinheiro Ferreira, pelo Conselheiro José Antonio Lisboa, vol. 11, pag. 195.

Thomaz Antonio Gonzaga, por F. A. de Varnhagen, vols. 12 e 13, pags. 120 e 405 e vol. 30, pag. 425, parte 2ª.

Valentim da Fonseca e Silva, por M. de Araujo Porto-Alegre, vol. 19, pag. 369.

Valentim da Fonseca e Silva, pelo Dr. M. D. Moreira de Azevedo, vol. 32, pag. 235, parte 2ª.

Vicente Coelho de Seabra, por F. A. de Varnhagen, vol. 9, pag. 261.

Visconde de Cayrú, vide José da Silva Lisbôa.

Visconde de Pelotas (Patricio José Correa da Camara), vol. 9, pag. 555.

Visconde de S. Leopoldo, pelo Conego J. C. Fernandes Pinheiro, vol. 19, pag. 132.

Visconde de S. Leopoldo, pelo Dr. F. I. M. Homem de Mello, vol. 23, pag. 131.

POVOAÇÃO DO BRAZIL

RELATIVAMENTE Á ORIGEM E INFLUENCIA

DOS

PRIMEIROS POVOADORES PORTUGUEZES

NOS COSTUMES NACIONAES

POR JOZÉ SILVESTRE REBELO

Socio do Instituto Historico e Geografico

No general character of the manners and morals of a people, under such differences of climate, country, and surrounding circumstances, could be offered without presumptuosness, and manifest injustice; but this mays safely be asserted, that a firm foundation for power and prosperity had been laid, which nothing but the most extreme and obstinate misconduct on the part of the governement or the most blind and culpable impacience on the part of the people, can subvert.

Nenhum caracter geral dos costumes e moralidade de um povo sob tal variedade de climas, territorio,e circumstancias podemos estabelecer sem risco de erro, e de manifesta injustica; pódemos porém com certeza asseverar, que para o poder, e prosperidade está lançado inabalavel fundamento, o qual tam sómente extremo, e obstinado dezacerto por parte do governo ou céga e culpavel impaciencia da parte do povo podem subverter.

ROBERTO SOUTHEY *Historia do Brazil* tomo 3 fol. 869.

A ordem do dia d'esta sessão é a seguinte :— A que classes da sociedade pertencia, geralmente falando, o maior numero dos primeiros povoadores portuguezes do Brazil, e que influencia exercêrão nos costumes dos seus decendentes os costumes d'esses primeiros povoadores.

Não me consta, que até oje tenha sido objeto especial de impresso algum, que eu pudesse consultar, o assunto prezente; por consequencia o pouco, que vou dizer, ha de necessariamente ser defeituozo; queirão pois os Srs. desculpar-me, e emendar-me; necessarias serão uma ou outra couza.

Os primeiros navegantes europeus, que virão as costas do Brazil, fôrão as tripolações de quatro caravelas commandadas por Vicente Ianes Pinçon, as quaes as avistárão em Janeiro de 1500 no cabo de Santo Agostinho, ao qual poz elle o nome de Consolação; dezembarcárão em terra, e tiverão batalhas com os Indios ali e outros logares da costa, que seguirão para o norte; não me consta, que deixassem na terra pessoa alguma.

Seguio-se a estes Diogo de Lepe com duas velas, o qual, aterrando no mesmo logar, viajou para o sul algumas leguas, mas não passou para cá do rio de São-Francisco; tam bem me não consta, que deixasse pessoa alguma, ignoro a data da sua viagem; parece com tudo, que existio nos principios d'este mesmo anno.

Em 22 de Abril do mesmo anno de 1500 vio Pedro Alvares Cabral a terra do Brazil em Monte Pascoal, pouco ao sul do rio dos Frades na lat. de 17°; aonde um preto foi no bote, por que falava arabe, travar pratica com os indigenas, que armados estavão nas praias. Não só não o entendêrão, mas mesmo não correspondêrão aos sinaes, que lhes fizerão os do bote.

O tempo forçou no dia seguinte Pedro Alvares Cabral a correr a costa para o norte até Porto-seguro, aonde fundeou de tarde. Ali se demorou até 2 de Maio, tomando viveres, e fazendo aguada; e quando n'esse dia partio, deixou dous degradados; estes fôrão os primeiros habitantes portuguezes do Brazil, e escreveu Pero Vaz de Caminha, que na noite de 30 de Abril tinhão fugido da frota dous grumetes, e que no dia seguinte não tinhão regressado; mas não se sabe com certeza, si n'esse dia de tarde ou no seguinte aparecêrão antes de se fazer a frota á vela: o certo é, que ou só os dous degradados fôrão os primeiros povoadores europeus, ou tambem os dous grumetes; o certo é tambem, que um dos degradados regressou a Lisbôa em 1513 como interprete de

varios indios, que lá fôrão mostrar as suas pessoas e habilidades principalmente no jogo do arco e frexa.

Como o commercio do pau-brazil começou logo a fazer-se entre Portugal, e as terras da Vera-cruz, e como não se podia fazer com proveito, sem que houvessem na terra pessoas europeas, que facilitassem aos indigenas as ferramentas proprias para cortar as arvores, e fizessem os depozitos do mesmo pau, crearão-se duas feitorias, uma em Porto-seguro, e outra em Itamaracá ; não consta, que viessem de Portugal mulheres para ellas, e então é muito natural, que os homens, n'ellas empregados, tivessem decendencia das indigenas ; eu porém ignoro os pormenores a esse respeito ; assim como tambem não sei, si el-rei D. Manoel mandou vir para ali da ilha de São-Tomé Jorge do Souto, genro de Pero Vaz de Caminha, que isso lhe pedio na citada carta.

Quando Martim Afonso de Souza xegou a Cananéa em 12 de Agosto de 1531, encontrou ali e lhe trouxerão de dentro de um rio (provavelmente a ribeira de Iguape) no dia 17 a Francisco de Xaves, baxarel, e mais cinco, ou seis Castelhanos. Este baxarel havia trinta annos, que estava ali degradado; ignoro, si era o mesmo homem, que Pedro Alvares Cabral deixou em Porto-seguro, ou si era outro dezembarcado da frota, que correu a nossa costa em 1501.

Comquanto os Espanhóes erão provavelmente aquelles que, segundo o conego Pedro Funes, escapárão ao destroço feito pelos Indios no porto de Santo-Espirito no Rio da Prata, e que no rio de Iguá (segundo elle) tomárão um navio francez, e com a artilharia do mesmo fortificados em terra repelirão um ataque, que de São-Vicente lhe fez Martim Afonso, vindo em consequencia sobre a villa, a qual tomárão e saqueárão, tudo isto em 1534, quando Martim Afonso já estava em Portugal, e de lá partia de governador para a India. È assim, que se escreve a historia, disse por esta razão lá o outro.

È muito natural, que estes homens tivessem decendentes das mulheres indigenas.

Depois de examinado o Rio da Prata até aos Paranás por Pedro Lopes de Souza, emquanto o governador seu irmão o esperou no rio dos Bagoaes, (o Rio-grande do

Sul) voltárão para São-Vicente, onde entrárão em 21 de Janeiro de 1532, e como lhes pareceu bem a terra, creou-se uma povoação ali, e outra em Piratininga; aonde se estabelecêrão não só os Portuguezes, mas tambem quinze Castelhanos, que vierão do Rio dos Patos, oje Santa Catarina, em um bergantim por elles lá construido, e ali ficarão, quando de lá partio Pedro Lopes nos mezes seguintes com as náos d'el-rei; é d'estes Portuguezes e Espanhóes, que procedeu a primeira população historica do Brazil.

É natural, que estes homens tomassem mulheres entre as indias, e como no roteiro de Pedro Lopes nada se diz do Portuguez João Ramalho, ali(dizem) axado e cazado com a filha de Tebiriçá, senhor dos campos de Piratininga, e da qual tinha familia, cremos, que isto é um romance inventado não sei por quem. A esquadra de Martim Afonso, como tinha de fazer descobertas antes de formar estabelecimento, naturalmente não trouxe mulheres.

A primeira mulher, que da Europa veio para ali com seu marido João Gonçalves, não é nomeada nos documentos publicos pelo seu nome; o certo é, que já estava na terra em 1537.

Vinte e sete familias de cavalheiros fidalgos numéra frei Gaspar da Madre de Deus como primeiros povoadores da provincia de São-Paulo, e com estes vierão outras do continente, e muitos ilhéos, que não erão nobres, mas pessoas de bons costumes. Entre umas e outras vierão Genovezes, e mais Italianos e o Allemão Hans Stade, e alguns outros estrangeiros, cujos nomes ignoro.

D'estas familias decendêrão os brancos da terra, e os mamelucos, isto é, os filhos de Europeus, e india, gente que se fez famoza por seu espirito de descobrir, e povoar no interior; foi d'elles, que sahio muita parte da população de Minas-geraes, de Goiaz, Mato-grosso, Santa Catarina, e Rio-grande.

Para estas duas ultimas provincias vierão depois, e por varias vezes, colonos das ilhas, e a mais numeroza parte da sua população é decendentes d'estes ultimos.

A provincia do Rio de Janeiro começou a sua população com sangue europeu por Francezes, que acompanhárão Nicolao de Villegaignon; porque, derrotados na ilha d'este

nome por Mem de Sá, fugirão para o continente, e se espalhárão entre os Tamoios, e então tambem os Portuguezes começárão a povoar na Praia-vermelha, e depois de outra vez derrotarem os mesmos Francezes, que tinhão erigido duas fortalezas, vierão estabelecer-se no bairo da Mizericordia, e ahi começou a nossa cidade.

Na vinda da Bahia o governador trouxe de varios logares da costa cazaes, que aqui começárão a população luzo-brazileira.

Esta população foi depois aumentada com gente das ilhas, e de Portugal em pequeno numero; até que as descobertas das minas de ouro e diamantes xamárão grande quantidade de Portuguezes, muito principalmente das provincias do Minho, e Beira-alta, das quaes decende a maior parte dos nossos concidadões. Ora como n'aquella parte de Portugal se póde dizer, que naceu o reino, é claro, que os individuos d'ali vindos decendião de homens, sinão de nobreza conhecida, de sangue limpo, e toda gente activa, trabalhadora e industrioza a seu modo.

A provincia do Espirito-Santo foi povoada pelo seu donatario Vasco Fernandes Coutinho desde o anno de 1535, quando veio ali estabelecer-se com sessenta pessoas dos dous sexos, e entre elles vierão dous fidalgos D. Jorge de Menezes, e D. Simão de Castelo-branco degradados por crimes que ignoro.

Principiárão logo por guerrear com os indios, e regressando o donatario a Portugal em busca de nova gente e meios, morrêrão nos combates com os indigenas os dous individuos acima ditos, e reduzirão os Tupiniquins a colonia a tão mizero estado, que no regresso de Vasco Fernanes Coutinho com mais gente mui poucas creaturas encontrou, e em outro logar ao norte do porto.

Com estes, com os que trouxe de novo, e com os que lhe mandou da Bahia Mem de Sá, ás ordens de seu filho Fernando de Sá, tomou outra vez posse da povoação, a qual com tudo abandonou de novo por força, morrendo em combate o filho do governador.

Emfim sessenta Europeus, que restavão combaterão de novo com tal denodo, que aniquilárão os indios vizinhos de

forte que poderão continuar a rezidir na terra, e desde então com o auxilio da catequeze dos missionarios jezuitas, prezididos pelo padre Afonso Braz, poderão viver tranquilos, mas tão pobres, que um decendente do donatario vendeu por muito pouco a posse da capitania a Francisco Gil de Araujo, o qual tambem por pobre a cedeu á corôa.

Sem duvida com estes homens vierão mulheres da Europa, mais muitos cazarão-se com as indigenas, e é d'estas creaturas, que decende a população, que oje tem ainda muito limitada, bem que novos aventureiros têem depois concorrido a estabelecer-se, aumentando mui lentamente a população, porque os indios Purís até ainda a bem poucos annos assaltavão, e matavão os que apanhavão desgarrados.

Porto-seguro recebeu os dous primeiros degradados, como já disse, que ali deixou Pedro Alvares Cabral; um em 1513 estava de volta em Lisbôa com varios indios; do outro ignoro o destino, e segundo frei Antonio Jaboatão seguirão-se a estes outros vindos na frota, que em 1503 correu a costa do Brazil. Ora como foi d'esta parte, que se começou logo a exportar pau-brazil, continuou o porto a ser vizitado por varios navios; até os que ião para a India vinhão ás vezes ali refrescar.

Vivêrão no principio em paz com os Tupiniquins, e tanto aumentou a população, que quando o donatario Pedro do Campo Tourinho em 1535 veio com sua mulher a Sra. D. Ignez Fernandes Pinta, e seu filho Fernando do Campo Tourinho, já encontrou uma povoação decente com muitos Portuguezes, que contavão trinta,e mais annos de rezidencia na terra, e que já tinhão decendentes bastantes, filhos de indias, e que tambem ali se xamavão mamelucos.

Poucos annos viveu o donatario, homem muito capaz; o que não foi seu filho, que tambem poucos annos durou; deixando por erdeira sua irman Leonor do Campo Coutinho, viuva então, e rezidente em Portugal, a qual vendeu a donataría ao Duque de Aveiro, cujos erdeiros a cedêrão á corôa em tempo de el-rei D. Jozé.

Parece, que com a morte do primeiro donatario ninguem mais cuidou em fomentar a população, e industria da provincia, porque quando a corôa tomou posse só tinha duas

taes quaes vilas; os Aimorés tinhão assolado tudo, de sorte que até os jezuitas na sua expulsão só deixárão duas aldêias de Indios. Foi então unida á provincia da Bahia, e oje está mais povoada, mas não em proporção da sua fertilidade, e amenidade do seu clima.

Os Ilhéos recebêrão povoadores da Europa depois de 1535; fôrão estes mandados pelo donatario Jorge de Figueiredo Corrêa, que não podendo vir confiou o governo a Francisco Romero, segundo uns, e segundo outros, a João de Almeida.

A povoação começou no morro de São-Paulo; passou depois para os Ilhéos, aonde despois de varias guerras com os Tupiniquins acumulou tanta gente, que em 1558 já tinha seis engenhos; tudo foi destruido no anno seguinte pelos Aimorés, escapando alguns dos moradores para a Bahia.

Foi esta donataría dos Castros, até que a comprou o governo em 1761 a D. Antonio de Castro pelo condado de Rezende, e pelo emprego de almirante do reino.

A provincia da Bahia teve por primeiro povoador Diogo Alves Corrêa, o celebre Caramurú, que foi cazado com a india Paraguassú, a qual foi cá baptizada, e cá viveu sempre.

Ali os axou Martim Afonso de Souza em 13 de Março de 1531 com 22 annos de rezidencia e com familia, pois que em 1552 já tinha seis genros.

O mesmo Martim Afonso deixou ali dous homens, e diz Pedro Lopes, que a gente da terra era toda alva, e que as mulheres não erão inferiores em formozura ás da rua nova de Lisbôa.

Esta população foi aumentada por alguns Espanhóes de um navio, que se perdeu em 1535 quinze leguas ao sul, e por mais oito Portuguezes escapados de outro, e dos indios por socorro do Caramurú. Esta gente encontrou ali o donatario Francisco Pereira Coutinho, xegado não muito depois, trazendo comsigo cazaes e soldados.

Vivêrão em paz alguns annos com os indigenas, tanto que fizerão roças, e levantárão engenhos; o que prova bastante população. Assim ião crecendo, quando brigárão com os Tupinambás, os quaes no fim de oito annos os forçárão a

fugir para os Ilhéos, indo com elles tambem o Caramurú, e sua numeroza familia: auzencia que não foi longa, porque os mesmos Tupinambás arrependidos os xamárão, prometendo viver em paz, e talvez assim sucederia, si ao entrar a barra não dessem á costa na ilha de Itaparica de outros indios; fatal acidente, que custou a vida a todos menos ao Caramurú e seus parentes por falarem a lingua dos selvagens, e outros poucos, que não matárão a rogos seus.

Sabendo el-rei D. João III de tal desventura, mandou em 1549 Tomé de Souza crear ali um governo geral com o nome de estado brazilico, ou Nova-Luzitania, o qual trouxe comsigo 600 voluntarios, 400 degradados, alguns cazaes, varios jezuitas, e outros sacerdotes, para administrarem os sacramentos. Vierão mais o Dr. Pedro Borges como ouvidor geral, Antonio Cardozo como procurador da fazenda, e alguns creados d'el-rei.

No anno seguinte recebeu viveres e mais gente ás ordens de Simão da Gema e no anno de 1551 ás ordens de Antonio de Oliveira mais gente, e varias orfans, recommendadas pela Sra. D. Catarina para serem cazadas com os principaes da terra, dando-se-lhes de dote os empregos, que fôssem sendo creados, continuando o governo a mandar annualmente generos, voluntarios, orfãos, e degradados, e assim rapidamente creceu a cidade de modo que logo foi considerada a parte mais povoada do Brazil. D'ella sahio a população de Sergipe, que fez parte da provincia até ha poucos annos.

A provincia de Pernambuco já tinha povoadores, quando ali passou em 1531 Martim Afonso de Souza, e ainda que os Francezes tinhão destruido e roubado a feitoria pouco tempo antes, não matárão toda a gente, pois que o mesmo Martim Afonso axou quem lhe tomasse conta dos doentes, que trazia.

Assim a axou o donatario Duarte Coelho Pereira em 1535, quando ali xegou com varias familias, trazendo tambem a sua esposa D. Brites de Albuquerque e seus dous filhos Duarte Coelho de Albuquerque, e Jorge de Albuquerque Coelho; ambos estavão em Lisbôa em 1554, quando seu pai faleceu, e regressarão para o Brazil com varios amigos,

e gente assalariada. O primeiro morreu sem filhos, o segundo porém deixou erdeiros, e do mais velho d'estes houve uma filha, que cazou com o Conde de Vimiozo em Portugal.

Quando a primeira armada olandeza, em 1630, atacou Pernambuco, fez-lhe muitos serviços o judeu Antonio Dias, por alcunha o *Papa-robalos,* que rezidira na terra muitos annos antes.

Restaurada a colonia da posse dos Olandezes, fôrão mandados pelo governo de Lisbôa novos colonos, o que derramou rapido e consideravel melhoramento.

Tambem depois de guerras e combates, os Tupinambás, divididos em varias familias, se aldeárão; e é notavel, que uma das suas bôas qualidades era a fidelidade conjugal; sendo uma das cauzas principaes das guerras as faltas dos colonos n'essa parte.

As Alagôas fôrão até ha poucos annos parte d'esta provincia.

A provincia da Parahiba, da qual a ilha de Itamaracá foi por muitos annos a capital, recebeu gente da Europa, mas pouca, pelo que parece, pois que no tempo de el-rei D. Sebastião só tinha 200 vizinhos, e todos moradores na ilha, aonde erguêrão tres engenhos.

No tempo do cardeal-rei, foi João Tavares mandado da Bahia erigir uma fortificação no rio Parahiba, e é provavel, que levasse alguma gente para esse fim; assim como é de razão, que os commandantes, seus sucessores, importassem mais soldados, cujos decendentes já erão 700 e tinhão sete engenhos, quando os Olandezes tomárão a mesma provincia.

Igual origem teve o Rio-grande do norte; foi gente armada mandada da Bahia, em tempo de Filipe I em Portugal, erigir ali uma fortaleza; commandava-os Jeronimo de Albuquerque, e foi de engenheiro um jezuita, e de interprete um franciscano.

Nunca teve muita povoação, e, assim como a Parahiba, era um ponto militar para evitar ás outras nações européas o córte do pau-brazil; os colonos pouco possuião fóra do forte.

A provincia do Ceará tinha pouca gente, e não sei como para ali foi, quando em 1603 fôrão da Bahia 80

Portuguezes e 800 Indios, ás ordens de Pedro Coelho, para destruir a aliança, que os Francezes tinhão feito com um regulo da Ibiapaba, xamado Mel Redondo. Este Pedro Coelho fundou um estabelecimento no rio Jaguaribe, para onde mandou vir da Parahiba a sua familia; mas pouco depois foi pelos indigenas obrigado a abandonar o mesmo, e voltou para a Parahiba.

A povoação foi comtudo crecendo, porque em 1631 foi o governador Martim Soares Moreno com gente d'esses prezidios socorrer a Duarte de Albuquerque Coelho, donatario de Pernambuco.

O Piauhi recebeu os primeiros Europeus de São-Paulo e do norte do rio de São-Francisco. Dos primeiros era commandante um tal Domingos Jorge, dos segundos Domingos Afonso, filho de Mafra, que rezidia no tal logar; e porque os indios do Piauhi o ião lá incommodar, se unio ao Paulista, e ambos batêrão os mesmos.

O primeiro viera ali pelo interior com gente, afim de apanhar escravos, e com os que conquistou regressou para São-Paulo. Foi o segundo, que depois trouxe varios de seus vizinhos com o fim de estabelecer fazendas de criação; o que fizerão, deixando o dito Domingos Afonso, quando morreu, trinta das mesmas em andamento: e assim foi crecendo a população.

Ignoro absolutamente, que fim tiverão as duas caravelas, que de Pernambuco despaxou Martim Afonso de Souza nos fins de Fevereiro de 1531, para que fôssem descobrir o Maranhão. Sabe-se, que em 1535 mandou de Lisbôa João de Barros, donatario da provincia, com seus socios Fernando Alvares e Aires da Cunha, 900 pessoas, entre ellas 130 cavaleiros e dous filhos seus, tudo ás ordens do segundo socio, para povoarem a terra.

Infelizmente naufragárão todos nos baixos, que cercão a ilha, onde está a capital da provincia, e alguns, que escapárão para a ilha do Boqueirão, começárão ali uma povoação. Entre os salvados havia um ferreiro xamado Pedro ou Pero, que os indigenas muito estimavão pelo trabalho do seu oficio. Cazou com uma india, e d'ella teve dous filhos, aos quaes os indios xamárão tambem Peros, apelidando assim a todos os Portuguezes por muito tempo de Peros.

Dezistio com a infeliz noticia João de Barros da donataria, e o monarca a doou de novo a Luiz de Mello e juntamente tres navios e duas caravellas. Infelizmente esta nova expedição foi tambem desgraçada; perdeu-se nos mesmos baixos, e a caravella, que só escapou, voltou com elle á Lisbôa.

Com mêdo, filho d'estas desventuras, não conta, que mais ninguem se animasse a vir de Lisbôa directamente áquellas partes; si alguns Portuguezes para ali mais fôrão, vierão costa abaixo dos portos de mais ao sul.

Em 1594 o Francez M. Rifault dezembarcou na ilha do Maranhão, e quando regressou para a Europa, deixou um estabelecimento com alguma gente governada por um Carlos des Vaux. Dezoito annos depois aumentou a colonia com mais gente sua M. Ravardiere. Ignoro o que se fazia n'esse tempo na povoação portugueza da ilha do Boqueirão.

Sabendo-se d'isto no Brazil, foi mandado de Pernambuco para expelir os intruzos Jeronimo de Albuquerque dous annos depois, mas com tão pouca gente, que o não obteve si não com ajuda de Alexandre de Moura, que xegou no anno seguinte com mais gente, e então largárão os Francezes a terra.

Mudou o governador Jeronimo de Albuquerque a povoação para o logar, aonde agora está a cidade, e foi alguns annos depois, que um Jorge de Lemos ali importou 200 cazaes dos Açôres, e como em 1621 as bexigas matassem muitos indios domesticados, fez vir com prévio contrato com a corôa o provedor mór Antonio Ferreira de Betancourt mais 40 cazaes dos mesmos Açoristas.

Tambem ali fôrão, e se apossárão os Olandezes; mas fôrão expelidos em 1643, e desde então continuou a receber gente da Europa, como o resto do Brazil, e só lhe vierão numerozos escravos da Africa depois que em 1750 a companhia do Grão-Pará os importou em grandes quantidades.

O Pará recebeu os primeiros Portuguezes em 1615; fôrão estes 200 soldados ás ordens de Francisco Caldeira, que fundou com elles a cidade de Belém. Vierão depois

da Bahia em 1621 mais 80 brancos e 400 Indios ás ordens de Bento Maciel.

Houverão ali combates tambem com os Olandezes, que xegárão a formar estabelecimentos em ambas as margens do Amazonas auxiliados por corsarios inglezes e francezes, e foi em 1623, que a provincia pôde gozar de paz, governando-a o dito Bento Maciel, que teve sucessor no anno seguinte, levando o nome de conquistador do Maranhão.

Do exposto claramente se infere, que a população do Brazil se compõe dos decendentes de muitos fidalgos portuguezes, e de alguns espanhóes. De cidadãos gente limpa, mas não nobre, vinda de Portugal, e das ilhas tanto dos Açores como da Madeira.

De degradados, que desde 1549 fôrão sentenciados com pena de degredo para o Brazil, segundo varias leis, muito principalmente depois de 1600. Advirta-se, que estes criminozos erão os de culpas mais leves, porque os de crimes graves ião para a Africa e India.

De ciganos perseguidos em Portugal até pelas leis. Depois de 1600 vierão muitos para o Brazil, aonde ainda temos restos não amalgamados com a outra população; o que provavelmente terá logar em poucos annos.

De alguns Judeus convertidos vindos de Portugal por serem ali mal vistos, e não legalmente protegidos: d'estes alguns auxiliárão os Olandezes nas suas tentativas contra o Brazil, trazendo nas esquadras alguns com a crença de Moizés, que com elles se fôrão, ficando só os cristãos novos.

De escravos africanos; o numero total importado anda por milhão e meio; os seus descendentes, tambem escravos, são meio milhão, e d'estes livres com varias modificações na côr são sem duvida um milhão.

Os primeiros Portuguezes e Espanhóes cazarão-se com indias, e d'estas uniões surdio uma classe de creaturas audazes xamadas mamelucos, que penetravão por todo o interior do Brazil, e derão principio á população das provincias de Minas-geraes, Goiaz, Mato-grosso, Santa-Catarina, e Rio-grande do sul, como já disse.

As provincias de Portugal, que mais gente fornecêrão e fornecem ao Brazil são as do Minho, e Beira-alta: aqui

para as partes do sul em geral, estas creaturas destinguem-se pela sua actividade no commercio de retalho, e serião o mesmo no commercio em grosso, si houvessem recebido educação propria para isso; são bem activos, e industriozos, mas pouco inclinados a agricultura.

Das outras provincias portuguezas a Estremadura é a que se segue na lista das que enviavão, e nos envião mais gente; não tem actividade dos anteriores, e dão-se mais a oficios mecanicos.

Os ilhéos são mais dados a agricultura, mas os seus trabalhos são lentos e vagorozos.

O Algarve é a parte de Portugal, que menos tem concorrido e concorre para povoar o Brazil, e a colonia, mandada vir por el-rei D. João VI para Santa-Catarina, abandonou o seu modo de vida de pescadores, e tornarão-se fazendeiros.

Os decendentes de sangue europeu, africano e outros são e aumentarão de maior numero no Brazil do que as outras raças. Sem duvida verificará n'esta parte do mundo esta amalgação, o que já fez no velho mundo.

A parte ocidental da Terra deve a sua civilização á creaturas decendentes do sangue caucaziano e africano. Por meio da Arabia passou aquelle á Etiopia, e os seus deccudentes baixárão ao Egipto, que foi o berço das artes, das sciencias, da religião e da moral.

Este estado de civilização levou Moizés com os seus Judeus para a Azia menor, e Cadmo com alguns sectarios para a Grecia. Da Azia Dido e os seus partidistas transportarão a mesma á Cartago e Africa ocidental; Enéas, os seus soldados, e outros individuos levarão identica polidez á Italia, e Roma, que a importou no nordeste até ao Vistula, e no noroeste até á ultima Tule.

É couza vizivel, que os povos, que existem ainda oje sem mistura de outro sangue, não têem progredido na marxa da civilização. Os Esquimaos no norte da America; os Laponios no da Europa, os Samoiedas na da Asia, os Tookiches no nordeste da mesma Azia, os Monjolos, e Trogloditas no centro da Africa, são tão barbaros oje, como erão, ha tres mil annos, e devem isto em grande parte á unidade do seu sangue.

Misturados como estamos, e como necessariamente continuaremos a ser cada dia mais, faremos rapidos progressos na marxa admiravel da civilização humana, e uma época virá, em que, catequizando a Africa central, lhe retribuamos cristãmente o grosseiro trabalho e algumas indecentes dansas, que nos inoculou.

Mas, para assim o fazermos com proveito, devemos cuidar sem perda de tempo na educação da nossa mocidade; as escolas, até ha pouco uzadas, das quaes o menino vem jantar e dormir á caza, servem, mas para pouco; o que tem grande, e utilissimo prestimo é a educação dada nos colegios, tanto individuaes como incorporados; ali os rapazes comem, dormem, vivem, e se recreião juntos, e adquirem assim as demais das sciencias, costumes, e idéas communs dos uzos, e estilos da sociedade, e obrando depois em massa produzem na moral e politica os mesmos efeitos notaveis, que sobre os corpos fixos aprezentão as forças materiaes reunidas. Cuidemos pois em propagar este sistema e modo de educar, e fazendo assim, obteremos o que disse Cicero.

« Unde enim pietas? aut quibus religio? unde jus aut gentium, aut hoc ipsum civile quod dicitur? unde justitia, fides, œquitas? unde pudor, continentia, fuga turpitudinis, adpetentia laudis et honestitatis? unde in laboribus et periculis fortitudo? nempe ab his, qui hæc disciplina informata, alia moribus confirmarunt, sanxerunt autem alia legibus. »

Cic. De Republica: lib. I.

MEMORIA

SOBRE OS LIMITES DO IMPERIO

COM A

REPUBLICA DA BOLIVIA

POR

João Carlos Pereira Pinto

Socio do Instituto historico e geografico

A abertura da navegação dos rios Paraná e Uruguai, cujas vantagens por longo tempo fôrão ponderadas quazi que inutilmente, sendo uma consequencia immediata da illustrada politica, que, com feliz exito realizada em 1851 contra o poder do ditador João Manoel de Rozas, despertou desde logo os interesses commerciaes e politicos dos estados ribeirinhos, e ainda mesmo das principaes potencias da Europa.

O tempo decorrido desde então até oje, de alguma fórma proficuamente aproveitado, e os sucessos, que têem tido logar, são uma prova exuberante da previdencia politica do governo do Brazil exarada no artigo adicional á convenção preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828, pelo qual se ajustou, que a navegação do Rio da Prata e de todos os outros, que n'elle dezaguão, fôsse conservada livre para uzo das altas partes contratantes e dos seus

subditos, justificão plenamente as pretenções dos que combatêrão a politica d'aquelle ditador, e as doutrinas, que sobre a navegação dos mesmos rios os seus defensores proclamárão n'aquella época.

Cidades commerciaes, como o Rozario, Gualeguai-chú, e outras, que antes não passavão de mizeraveis vilas, e os estabelecimentos erigidos ás margens do Paraná e do Uruguai em terrenos baldios, que outr'ora se solicitava a sua ocupação como um favor feito ao paiz pelo pouco valor, que tinhão, são estes acontecimentos motivos mais que suficientes para consolidar a opinião d'aquelles que previrão e dos que aguardavão com fé tão felizes rezultados, sem embargo de que incitão com seus exemplos a cobiça de algum estado, que pretende ter direito ao gozo d'essa vantagem, com que a Providencia favoreceu as nações vizinhas.

Esta minha aluzão, está claro, que é relativa á republica da Bolivia, que incessantemente tem procurado formar um porto de embarque, abrindo uma communicação fluvial por algum dos afluentes do Amazonas, ou do Prata, por considerar-se em ambos com os direitos de nação ribeirinha.

Encerrada como está essa republica e lutando com as extraordinarias dificuldades de uma via terrestre penoza, pela qual importa por um preço triplicado do seu valor os generos e artefactos estrangeiros, que consome, e não póde exportar os multiplicados e valiozos produtos de seu solo, na fé e com a consciencia de que possue uma das margens do alto Paraguai, na qual poderia com facilidade estabelecer um porto para por esse meio possuir uma porta, por onde entreter as suas relações commerciaes e mesmo politicas com os estados vizinhos e outras nações, e dar importancia a essa parte da republica, aonde se axão situadas as provincias de Xiquitos, Mojos, e Santa Cruz de la Sierra, os estadistas d'esse paiz, assim como o seu commercio nacional e estrangeiro, e mesmo a nação inteira, hão de necessariamente empenhar-se na actualidade, mais que nunca, com decidido afinco, para alcançar o seu *desideratum*, sobre tudo depois que, rôtas as cadêias que até 1851 fexavão o Paraná, e ha pouco

impedião a navegação para Mato-grosso, foi, como uma consequencia natural de tantos acontecimentos, franqueado o passo a todo o mundo para navegar o alto Paraguai e commerciar com os povos d'aquellas ricas regiões mediterraneas, que, bloqueadas até oje, vegetavão em parte, axando-se o resto como no estado primitivo.

Mato-grosso já tem oje quazi franco o seu trajecto fluvial, e com tal vantagem, em vista das instituições que nos governão, e do sistema de ordem e de paz, de que se goza no Imperio, em algum annos deve realizar os prodigios, que se vêem nas margens do Paraná e do Uruguai em escala talvez mais animadora, desde que a uberdade de suas terras, os seus numerozos produtos naturaes e a variedade de especies da sua lavra são uma garantia, de que ali o progresso deve ser duplicadamente maior que aqui, sempre que a sua população tome incremento pela emigração e colonização européas e catecheze dos aborigenes.

A Bolivia pois não poderá vêr impassivel tantos, tão grandes, e felizes acontecimentos sem n'elles ter uma parte, a que se julga com direito, e portanto procurará levar a efeito o seu projeto, ha mais de 20 annos pensado, e cuja realização é muito ambicionada, do estabelecimento de um porto, que dê sahida aos seus ricos e variados produtos naturaes, e entrada a aquellas mercadorias de que é consumidora, pelo Rio da Prata, e de povoar essa parte da republica xamada *Otuquis*, que oje se axa dezerta e que *mais tarde talvez* por ella venha a ser traçada avia de mais facil communicação, por onde trilhará o commercio, o progresso, e a civilização, de que tanto necessita aquelle paiz, que oje, bem póde dizer-se, reprezenta a revolução permanente, assim como o estado do Uruguai a convulsão periodica.

No numero dos esforços aludidos axão-se em primeiro logar as diversas e repetidas medidas tomadas pelo governo e congresso bolivianos com o fim de estabelecer um porto ás margens do rio *Otuquis*, que erradamente se supõe ser navegavel e dezaguar na Bahia-negra; assim tambem de povoar uma certa quantidade de terras, a que se deu o nome d'aquelle rio, e que foi concedida pelo

referido congresso ao argentino Manoel Luiz Oliden, sob certas condições, que em seguimento são tratadas detalhadamente.

De feito, pela lei de 5 de Novembro de 1832, o poder legislativo da dita republica autorizou ao executivo para prestar todo os auxilios necessarios ao dito Manoel Oliden para formar um porto no rio *Otuquis* e facilitar a navegação d'este e de outros rios até o alto Paraguai, concedendo-lhe os previlegios a que tinha direito este individuo como primeiro emprezario.

O governo da republica pelo seu decreto de 17 de Novembro do mesmo anno, fundando-se na autorização do congresso, concedeu a Manoel Oliden uma data de terras de 25 leguas em todas as direções tomadas de um ponto dado, para si e seus sucessores com todos os previlegios, que, assim como a demarcação da área de terras concedidas, constão do documento a folha 21 do annexo A e do mapa, que acompanha este impresso.

Isto posto, bem ou mal o concessionario tomou posse legal das ditas terras em 18 de Julho de 1836, exercendo desde logo actos de jurisdicção, como consta do documento n. 4 á folha 22 do mesmo impresso, e da cópia n. 1, nos quaes está incluido o territorio brazileiro á margem direita do alto Paraguai, onde se axão situados o forte de Coimbra e as povoações de Albuquerque e Corumbá.

Estas terras fôrão apelidadas desde então pelo dito concessionario—provincia de Otuquis—á qual deu por capital as ruinas da antiga missão denominada *Sagrado Coração* com o nome de Oliden.

Sem embargo porém Manoel Oliden, dezesperado de poder realizar facilmente o seu iluzorio projeto, emprehendeu viagem para o Rio de Janeiro por via de Mato-grosso.

N'esta provincia elle obteve licença do respectivo prezidente para mandar que seu filho Jozé Oliden, decendo pelo rio Paraguai, fôsse reconhecer a praticabilidade da navegação do rio *Otuquis* (Laterquiqui,) o que teve logar sem rezultado feliz; entretanto considera o mesmo Manoel Oliden, que por esse facto, e por documentos, que possue, foi reconhecida a sua posse dos mencionados terrenos por aquella prezidencia ; o que parece inverosimil, porquanto era então

prezidente da mesma provincia o ilustrado Sr. Conselheiro Pimenta Bueno, pelo que não é possivel, que tão grave erro se haja commetido com tanta imprevidencia.

E pois tendo Manoel Oliden examinado ou estudado o seu negocio, emquanto esteve em Cuiabá, marxou depois para o Rio de Janeiro, onde fez a primeira publicação do folheto, de que já se fez menção.

Antes porém de haver-se retirado da Bolivia esse individuo, solicitou do governo da republica uma declaração de que elle estava na posse pacifica da titulada provincia *Otuquis* e respectivos privilegios ; pretenção que foi attendida e consta da cópia n. 2.

Mais tarde, em virtude de um requerimento aprezentado por um tal Mauricio Bach, titulado secretario do concessionario das terras de *Otuquis*, o governo da republica prorogou por mais quatro annos o termo marcado no artigo 9 do seu decreto de 17 de Novembro de 1832, para o estabelecimento do porto em questão e referida navegação, segundo a cópia sob n. 3.

No entanto o dito concessionario, manifestando não estar satisfeito com o procedimento do seu xamado secretario, requereu ao governo da republica, que se contasse o termo de quatro annos desde o dia, em que o mesmo governo tomasse posse da margem do rio Paraguai, que corresponde ao territorio da provincia *Otuquis*, reivindicando os seus direitos ; sendo que esta pretenção tambem teve o seu deferimento, na fórma requerida conforme a cópia n. 4.

Xegado Manoel Oliden ao Rio de Janeiro, tratou de realizar a venda das ditas terras, pelas quaes então sómente pedia 80 contos de réis, quantia que, como qualquer outra ainda que insignificante, elle não pôde obter do commercio, pelo que procurou relacionar-se com a legação ingleza a cargo de Sir Hamilton Hamilton, a quem ofereceu a venda das referidas terras, assim como do que elle xama a soberania, que diz poder exercer por espaço de 50 annos na intitulada provincia de *Otuquis*.

Felismente o ministro britannico teve o bom censo de, ouvindo tão extravagante pretenção, não lhe prestar a menor atenção; e pois Manoel Oliden, não encontrando ahi mercado para a sua fazenda de má origem e qualidade,

dezesperou do seu projeto e recolheu-se a Buenos-aires, porque tambem em o seu regresso influio a legação argentina por motivos, que são obvios, desde que similhantes planos contrariavão a politica do general João Manoel de Rozas relativamente á navegação dos rios afluentes do Prata.

Quieto se conservou este individuo, até que em 1850, descobrindo já um pouco nublado o orizonte politico do ditador argentino, e aproveitando-se da partida, para Europa, de um Alemão de nome Luiz Vernet, commerciante inteligente, e de muita empreza, com este entabolou relações e negocio, contratanto a venda das ditas terras, como consta das ditas cópias ns. 5, 6 e 7; o que foi confirmado pelo que se vê das que levão os ns 8 e 9.

Pela leitura d'este ultimo documento se conhece a extensão e natureza do contrato para a venda das supraditas terras, na Europa, feito entre o mesmo Manoel Oliden e o dito Luiz Vernet.

Tendo este individuo partido para o seu destino, e principiado os seus trabalhos para a organização de uma companhia,na conformidade do contrato com o seu commitente, teve logar a derrota do general João Manoel de Rozas, e,ao depois,a abertura do rio Paraná, pelo decreto do general Justo Urquiza,então director provizorio da confederação; dispozição que foi confirmada pelo governo de Buenos-aires depois da revolução de 11 de Setembro de 1852,e um pouco ampliada pelo governo do Paraguai, que permitio a navegação do rio do mesmo nome até Assumpção, e pelo decreto n. 140 de 9 de Abril de 1853, pelo qual o governo imperial habilitou o porto de Albuquerque ao commercio e navegação estrangeiros e mais tarde completada pelo tratado de navegação celebrado entre o Imperio e a republica do Paraguai, pelo que axou-se elle em uma pozição mais facil para poder, com a perspicacia que lhe é peculiar, tentar em Amburgo a organização de uma companhia para o fim em questão,a qual,quazi prestes a pôr em execução as bazes do estipulado com o mesmo Luiz Vernet, abandonou o seu propozito pelo motivo da guerra xamada do Oriente, que sobreveio então, e cauzou na Europa esse panico, que concorreu para adiar indefinidamente

todos os projetos, que demandavão extração de capitaes d'aquelles mercados.

Posteriormente Luiz Vernet tratou de levar a cabo o seu projeto, negociando em Pariz, talvez com melhores e maiores probabilidades de bom exito, a incorporação de uma companhia, mas do seu rezultado nada tem transpirado, sem duvida porque lá tambem existem as mesmas dificuldades para levantar capitaes; entretanto esses esforços devem merecer a atenção do Brazil, desde que, facilitada aos navios e commercio estrangeiros a navegação do alto Paraguai, não será extraordinario, que se possa organizar uma empreza d'essa classe em qualquer potencia de primeira ordem, para colonizar as terras de *Otuquis*.

O governo de Bolivia, pelo seu decreto de 27 de Janeiro de 1853, prometeu ao primeiro navio a vapor, que xegar ao territorio da republica pelo Amazonas ou Prata, um premio de dez mil patacões, que é um incentivo forte para dezafiar a cobiça de qualquer negociante inglez, francez ou americano.

Esta pretenção, até certo ponto, parece inutilizada por uma correspondencia passada entre o governo imperial e a legação ingleza em 1854; entretanto é certo, que o aventureiro ainda não apareceu, e que desgraçadamente, em questões d'esta natureza, a Inglaterra,sobre todas as nações, costuma pôr de lado todas as considerações e doutrinas politicas, comtanto que abra um mercado novo ás suas fabricas e commercio, e o negocio tenha por fim o engrandecimento dos seus subditos; depois, porque nem sempre essa nação, nas questões do Brazil com seus vizinhos, pende para o lado do Imperio, cuja influencia nas regiões do Prata os seus estadistas olhão com atenção e prevenidamente.

Não é de certo sem fundamento, que se aprezentão as ponderações antecedentes, por quanto o commerciante inglez Guilherme Brash, rezidente em Buenos-aires e socio de uma importante caza de Londres, já procurou entabolar relações com o vice-consulado da Bolivia n'este estado, por meio do qual se dispunha a aprezentar ao governo da Bolivia uma proposta para fazer subir um

vapor pela Bahia-negra afim de xegar ao pretendido rio *Otuquis*, mas que felizmente deixou de realizar-se.

Estes esforços, combinados e socorrendo-se mutuamente, tendem consequentemente á rezolução, tarde ou cêdo, do problema em questão; e pois conviria melhor ao governo imperial em cautela dos seus interesses e defeza dos seus direitos, mas para não tornar odioza a sua politica, em tranzação, facilitar espontaneamente um meio de communicação entre a Bolivia, os seus vizinhos e as nações europeas, por via da navegação do alto Paraguai; e no cazo de o Brazil fazer essa concessão é provavel, que o governo da Bolivia não fizesse mais grande questão da posse da lingueta de terras á margem direita do Paraguai e comprehendida entre os gráos 18.° e 20.° de latitude N., aonde se axão encravados os fortes de Coimbra, a villa d'Albuquerque, e o porto de Corumbá, que é o ponto ambicionado pelo governo boliviano e pelos projetistas de um porto de embarque para a mesma republica: tambem porque o mesmo governo deve estar persuadido de que o governo imperial não abandonará por fraqueza aquella excelente pozição e os povos que n'ella habitão, sómente para favorecer o commercio e engrandecimento da republica, desde que está conscio do direito da posse n'aquelas referidas terras, das quaes o *uti possidetis* está ali mais que provado e tambem se axa corroborado pelo documento, cuja cópia junto aqui, marcada com o n. 10.

E pois a provincia de Mato-grosso, que durante o tempo colonial concorreu sempre com grossas somas para o erario de Portugal proveniente do dizimo do ouro, que calcula-se se elevou aproximadamente no anno de 1730 a trinta mil e tantas onças de ouro cunhado, depois da separação do Brazil de Portugal a mesma provincia jámais concorreu com a mais insignificante somma para o tezouro nacional do Imperio; e por que esse acontecimento não tenha sido um motivo demaziadamente importante para as finanças da paiz, agora que felizmente o Brazil se axa em melhor situação commercial e politica, que promete uma continuação, não seria um mal para levantar a referida provincia ao maisalto gráo de prosperidade, que o governo imperial, por mais uma década, fizesse abstração

dos recursos pecuniarios, que poderão produzir a navegação do alto Paraguai, declarando franco o porto de Albuquerque, por aquelle limitado espaço de tempo, entrando consecutivamente em relações com o governo da republica para o fim de em commun abrir-se uma estrada entre o porto de Albuquerque e o rio-grande Guapahi, que banha os departamentos de Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra, e Xiquitos, cuja população, importante pelo seu numero, se poria por este meio em relação com o litoral, e poderia concorrer com um pequeno imposto de tranzito para a conservação da dita estrada.

Este projeto seria de uma importancia incalculavel para o engrandecimento de Mato-grosso, sobre tudo si se procurasse, por meio da navegação do rio Taquari ou de uma estrada a propozito, xamar o commercio da provincia de Goiaz e do norte da de Minas-geraes para a dita provincia, sendo que o porto de Albuquerque, n'este cazo, se tornaria o fóco de movimento commercial de cerca de um milhão de habitantes, que reprezenta a população aproximativamente das duas primeiras provincias brazileiras de uma parte e da outra das trez bolivianas, e conseguintemente por essa fórma aquelle ponto tornar-se-ia um emporio de commercio, que não teria muito que invejar a algum dos que são actualmente considerados importantes no Prata.

No entanto a tranzação aludida, como um meio de conservar as bôas relações entre o Imperio e a Bolivia, é negocio, que não admite prolongado adiamento, por quanto cada dia se despertão mais os interesses da navegação dos afluentes do Prata, e por isso que duas emprezas já têem-se movido, as quaes têem immediata relação com as pretenções do governo d'aquella republica, que sem duvida terá n'esta questão pelo menos as simpatias da Inglaterra, como nação eminentemente commercial, e por consequencia sempre empenhada em aumentar o numero dos seus consumidores.

Este problema, que para mim está posto já em equação, póde, de outro modo, ser facilmente rezolvido e de acordo com os interesses da nossa politica, abrindo o governo imperial por meio de um decreto a navegação da Bahia-negra

á Bolivia na parte que pertence ao Brazil,e decretando uma tarifa especial para Mato-grosso ; o que se tornaria mais uma garantia da navegação franca do baixo Paraguai, desde que fariamos um novo alliado, que ia pôr as suas pretenções e interesses em xoque com as do governo d'Assumpção, o qual por esse motivo e por que, mais breve de que póde elle calcular,os governos dos paizes banhados pelo Prata e Paraná hão de fazer valer os seus direitos á navegação inteiramente livre do baixo e alto Paraguai, terá de abdicar definitiva e perpetuamente todas as suas pretenções de dificultar a navegação dos rios afluentes do Prata, e o commercio, que por elles se faz, que cada dia tomará maior dezenvolvimento,sempre que fôrem destruidas as traves,que se estudou e poz em execução para embaraçal-a.

Este é o meio, que poderá satisfazer as ambições e conveniencias de todos, salvando os respectivos interesses e aguardando uma época mais apropriada para a rezolução da questão de limites entre o Brazil e a Bolivia, que, levada por máo caminho, tornar-se-á talvez a mais espinhoza de todas com que o Imperio terá de lutar.

Rio de Janeiro 30 de Maio de 1861.

João Carlos Pereira Pinto

QUESTÕES PROPOSTAS

sobre alguns vocabulos da lingua geral braziliana

POR

Francisco Freire Allemão.

SOCIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO

O Sr. Manoel Joaquim Pires da Silva Pontes, rezidente na villa de Santa Barbara, faz a este Instituto algumas perguntas sobre vocabulos da lingua geral, com que dezignamos certas localidades do Brazil. As perguntas por elle propostas versão, ás vezes, sobre a etimologia, e outras sobre a melhor ortografia, que se poderia dar a essas palavras, indicando algumas d'ellas, e propondo as duvidas, que tem sobre outras.

A commissão, encarregada de responder a estas perguntas, reconhece a dificuldade, que ha em argumentar-se com os vocabulos de uma lingua, que passou a ser morta, antes de ter sido realmente uma lingua escrita: a diversidade das tribus, a distancia em que estavão umas das outras, ainda quando falassem o mesmo dialecto, o tempo que deveria modificar estes vocabulos, e que de facto alguns d'elles tem corrompido, o dezaparecimento das circunstancias fortuitas, que talvez motivárão esta ou aquella denominação, a impossibilidade que terião os primeiros descobridores e viajantes em definir um son para o qual não seria facil achar valores no seu alfabeto, os vicios de pronunciação, que estes homens terião, além de infinitas outras cauzas, são embaraços, com que lutamos, e á vista dos quaes,

como é facil de conjecturar-se, póde muitas vezes acontecer, que a etimologia, que hoje pareça mais adequada ás radicaes conhecidas da lingua indigena, seja exactamente aquella que mais se afaste da verdade.

A commissão comtudo não poupou esforços para preencher satisfatoriamente a sua tarefa; antes porém de aprezentar o rezultado dos seus trabalhos seja-lhe permetido exprimir o agradecimento em que está para com o Sr...., cujo parecer lhe foi de summa utilidade, e que ainda nos pontos, em que o não pôde acompanhar, não pôde deixar de perceber o zelo e proveito, com que se tem aplicado ao estudo das nossas couzas.

Entramos em materia, acrescentando a cada um dos artigos do Sr. Silva Pontes a resposta, que lhe podemos dar.

Abaité.—«Denominação dada a uma região da provincia de Minas-geraes, em que se descobrirão diamantes e galena. Não deverá escrever-se *Abaeté*, significando um potentado ou cacique? »

A commissão decide-se pela afirmativa. Muitos escrevem *Abaité*, outros, como Aires do Cazal escrevem, *Abayte*; porém é melhor ortografia a indicada pelo Sr. Silva Pontes, com a significação, que lhe da. D'essa maneira o encontramos em um manuscrito da Biblioteca publica, com o titulo de *Dicionario da lingua guarani*, a cuja autoridade recorreremos algumas vezes.

Aceci.—«Assim se acha escrito em Brito Freire o nome de um afluente do Rio-doce, onde se descobrirão os primeiros indicios das pedras azues e verdes; oje porém este afluente é denominado *Sussuhi*. Não será melhor ortografia *Çuaçuhy*, rio do veado?»

A commissão observa, que monsenhor Azevedo Pizarro escreve *Suassuhi* em vez de *Sussuhi*, que, segundo diz o Sr. Silva Pontes, está hoje admitido. Augusto de Saint-Hilaire indica a etimologia d'esta palavra como vinda de Çuaçu-y, rio doveado. Quer se escreva com *s*, como faz Azevedo Pizarro, quer com *ç*, como faz Augusto de Saint-Hilaire, o son e o sentido da palavra seria exactamente o mesmo; comtudo nos parece mais conforme com a ortografia portugueza

escrever-se com *s*, como o era, no tempo em que se escreveu o dicionario braziliano, escrever-se com *ç*.

Andraquicé.—«Denominação de uma grande graminea, preferida pelos cavalos; e de alguns logares de Minas-geraes. Não será mais exacto escrever-se *Andiraquicé*, faca de morcegos?»

Não querendo entrar em explicações, que justifiquem o sentido da palavra, não podemos deixar de concordar, que ella, assim composta, tem a vantagem de oferecer uma etimologia, em quanto do primeiro modo nada parece significar.

Arassuai.—«Nome de um celebre afluente do Giquitinhonha. Não será melhor ortografia *Arrassuhy* (ou *Araçuhy*) rio das araras grandes?»

Dizião os antigos, que esta palavra vinha de ouro só ahi. Augusto de Saint-Hilaire crê vir de *araçu*, arara grande, e *y*, rio. N'este cazo dever-se-ia escrever *Araçuhy* ou *Arassuhy*.

Araxá.—«Denominação dada a uma região e municipio de Minas-geraes. D'onde virá este nome?»

Nota a commissão em primeiro logar, que o autor da *Corografia Brazilica*, tratando do rio dos Marmelos na provincia do Pará, diz, que este rio ao principio se chamára *Araxá*; d'onde parece, que se poderia escrever *Araxá* ou *Araxiá*. Encontramos estas radicaes :

Araxi, amendoim.

Xeá, senhor, termo de que se uza por cortezia.

Ou então : *ara* luz, tempo, dia, etc., e *xá* interjeição de espanto, da qual quer o Sr..., que só as mulheres se servissem. Por esta fórma *araxá* poderia exprimir bom tempo; o mesmo talvez que Buenos-aires.

Baependy.—« Nome de outra região e municipio de Minas-geraes. D'onde se deriva e o que significa? »

Faremos com esta palavra o mesmo que fizemos com a antecedente; exporemos as radicaes, que nos parece poderem servir para este caso.

Temos *mbaê*, couza má: *pê* prepozição, no, na, nos, nas, em etc., e tambem *caminho*, como na palavra igarapé, caminho de canôa, para exprimir *riaxo*; *pé* póde ser tambem algum dos pronomes *vossa* ou vós, e por fim *ndy* prepozição, que exprime com, em companhia. Temos portanto uma palavra, que não póde ser sinão um adjectivo *mbae*, couza ruim, outra, que não póde ser sinão uma prepozição *ndy*; outra emfim, que póde ser prepozição pronome ou substantivo, que é o que nos falta para fazer um sentido, *pé* no sentido de *caminho*. Si havemos de responder forçozamente á pergunta, que se nos faz, diremos, que *Baependy* exprime ruim caminho, ou, como se diria hoje, no caminho do inferno.

Bertioga.—« Denominação dada a um distrito de Minas-geraes. Não deverá escrever-se *Buritioca*, caza dos macacos buritis. »

Azevedo Pizarro diz vir esta palavra de *buriquis*, uma especie de macacos, e *óca*, caza, habitação. Buritis chamão alguns indios a uma especie de palmeira, de modo que n'este sentido viria a palavra a significar a caza feita com essa especie de palmeira. Porém como não ha n'este logar a variedade a que nos referimos, parece-nos acertada a opinião de Azevedo Pizarro. Mas note-se: Hans Stade, que se guiava muito pelos sons, que percebia, escreve *Briokoka*. Si mencionamos este facto é para fazer vêr, que na palavra escrita pelo viajante allemão, como na que nos dá monsenhor Azevedo Pizarro a letra *k* sôa duas vezes; sendo mais uma probabilidade de que se deve escrever *buriqui* e não *buriti*, como indica o Sr. Silva Pontes.

Camanducaia.—« Nome de uma freguezia na parte meridional de Minas-geraes. Não será melhor escrever-se Comandacay, fava picante no paladar. »

Si o Sr. Silva Pontes nos assegurasse a existencia d'esses frutos no logar a que se refere, forrando-nos a qualquer outro trabalho, dariamos por muito provavel a sua etimologia; mas sem isso, sem dar como verdadeira a nossa opinião, e sem regeitar inteiramente a sua, ser-nos-á permitido aprezentar uma outra derivação, que será por ventura a mais

provavel. Quer o Sr. Silva Pontes, que a palavra Camanducaia venha de *comendá* ou *comandá*, fava, feijão etc. e *táy*, irritar o paladar. Parece-nos, que virá antes de *caá-mondo*, caçar e *caí*, queimada (substantivo), como que os indios lançassem fogo ás matas para fazerem caçadas e não plantações, ou que em alguma queimada houvesse abundancia de caça.

Catagoá.— « Assim destinguirão os antigos Paulistas, com André João Antonil uma parte do sertão, em que se descobrirão as Minas-geraes. Parecendo porém, que este vocabulo significa o inverso da palavra *Caeté*, com que tambem destinguirão outra parte do mesmo sertão, pergunto, si por *Caeté* devo entender a parte coberta de florestas; e por *Catagoá* a parte, que oferece á vista campos geraes de côr loura (no inverno), como indica o vocabulo *tagoá*. »

Adotamos o parecer do Sr. Silva Pontes. *Caa-eté* (ou Caeté, por contração, como se encontra no dicionario da lingua braziliana) significa mato firme, mato grosso, florestas: Catagoá, que lhe é contraposto póde muito bem servir para dezignar a parte coberta de hervas, que tambem é significação de *caá*, tornada mais evidente com o termo, que se lhe ajunta.

Guaicuhy.—« O conselheiro Azevedo Pizarro diz, que assim se denominara no principio o Rio das velhas. O Dr. Claudio Manoel escreve Guayachy. Qual d'estes escritores enganou-se na ortografia ?

Quem sabe, si este vocabulo composto significava o rio dos Guaicurús, indios que depois habitárão terras de Goiaz ? »

Si não queremos dar desconto algum a alteração, que estas palavras possão ter sofrido, poderemos achar uma etimologia n'estes compostos guay-co-y; mas já o dissemos no principio d'este nosso trabalho e agora o repetimos: não pretendamos achar em todas as tribus uma pronunciação uniforme, todas as palavras compostas exactamente dos mesmos sons; na maior parte dos cazos teremos de nos contentar com alguma similhança nas radicaes, sendo sempre a autoridade um guia, que se não póde

desprezar de leve. Parece-nos portanto, como quer Azevedo Pizarro, que entre os habitantes d'este rio a palavra indigena soaria como a tradução, que parece havermos d'ella feito. Guaycuhy, rio das velhas.

Gualaxo. — Nome, que têem dous rios do municipio de Marianna, distingnindo-se um por Gualaxo do norte, e outro por Gualaxo do sul. Buscando-se a etimologia na lingua braziliense, virá este vocabulo composto da fraze *o-gue-raço*, que quer dizer elle leva ou arrebata? O certo é, que estes dous rios tem curso arrebatado.

É judicioza a etimologia, porém demaziadamente subtil; a silaba *gue* se acrescenta n'este verbo pelo simples motivo de eufonia, é uma delicadeza de expressão, que talvez se não uzasse já no tempo, em que foi descoberto o municipio de Marianna. *Gualaxo* tem uma feição espanhola tão pronunciada, que será precizo recorrer a esta lingua ou a algum termo emprogado pelos Espanhóes da America para descobrirmos a sua significação.

Hyvituruy. — « Nome que derão os descobridores pau'istas á cadêia de montanhas, que hoje denominamos *Serro-frio*; não será melhor ortografia *Ybitutuy*? »

Esta palavra deveria ter sido composta de *Ybyty'ra* monte, serra, e *tuy* frio: *Ibitutuy* exprimiria antes ar, vento frio do que serra ou terra fria, ainda que n'este ultimo cazo melhor se deria *yby'tuy*.

Itaberaba. — « Assim denominárão os antigos descobridores a serra, em que se fez um dos primeiros descobrimentos do ouro pela bandeira de Bartolomeu Bueno de Siqueira. Aludirão a alguma eminencia, em que ordinariamente fuzilava ou se acumulavão tempestades? »

Sabemos, que n'esse logar fez Bartolomeu Bueno plantações de mandioca, de que se utilizasse na volta da sua descoberta, mas não nos consta, que ali fuzilem relampagos a ponto de merecer uma denominação especial. O sentido obvio da palavra indica, que talvez estes descobridores ali encontrassem algumas amostras de ouro ou de pedras preciozas, d'onde puzerão o nome áquelle logar. Roberto Southey

escreve Itaveraba, mudando o *v* em *b*, segundo o defeito de alguns Portuguezes, com quanto não ignorasse a significação da palavra. *Itaberaba* quer dizer pedra luzente, pedra brilhante.

Itatiaia. —« Pedra, que parece estar suando? O certo é, que nas immediações do Ouro-preto ha uma serra, de cujas rochas, ainda no verão transcalão humidades. »

A pergunta, que sobre esta palavra nos faz o Sr. Silva Pontes persuade-nos, que elle se acha em duvida a respeito da sua significação. Cabe-nos por tanto confirmal-o na sua opinião. A palavra é composta de *itá*, pedra, e *tyaia*, suor; itatyaia pois vale tanto como si dissessemos suor da pedra.

Itambé.—« Nome de duas serras distintas, a saber, uma no municipio de Itabira, outra na cidade do Serro.

Não me recordo, em que livro achei este vocabulo, significando pedras de amolar; mas em um d'estes logares vi titulos de datas mineraes, onde notei a confrontação desde a fralda até o itambe da serra, isto é, até a rocha escarpada do cume da serra. »

Moçai-imbé quer dizer amolar o instrumento: *ita-imbé* póde significar a pedra de amolar, ou ainda melhor, a pedra afiada, a pedra aguda para dezignar o pincaro da serra, no mesmo sentido em que diz o Sr. Silva Pontes tel-a encontrado.

Itamerindiba.—« Nome de um logar do municipio de Minas-novas. Escrever-se-á melhor, derivando-se de *Itamarindibe*, que significa pedregulho movediço? »

A commissão responde. *Itá* quer dizer pedra, mirim (e não merim)couza pequena. Na Poranduba maranhense, manuscrito do Instituto historico, achamos tyba (que na compozição mudaria o *t* em *d*) significando sitio de muita abundancia. Por tanto Itamerindiba quer dizer sitio de muita abundancia de pedras pequenas ou de pedregulho; escrevendo-se, como quer Augusto de Saint-Hilaire, *Itamirindyba*.

Mantiqueira. — «Assim denominão a cadêia de

montanhas, que serve de limites á provincia de Minas-geraes e ás do Rio de Janeiro e São-Paulo por outro lado.

« André Antonil, escrevendo no anno de 1708, a denominou *Amantiquira*, mas buscando a origem provavel na lingua braziliense, não poderemos achal-a no vocabulo composto *May-tinga-ira*, significando mel de uma especie de abelhas brancas? Ou em outra palavra composta *Maya-tinga-ara*, sinificando estado da senhora ou donataria da capitania de São-Vicente? »

Concordando com André Antonil, que nos parece ter razão, quando escreve *amantiquira*, a etimologia d'esta palavra será *amana* chuva e tykyr, manar, correr, aplicada ao logar, dezignaria serra onde os aguaceiros são frequentes; o mesmo que *Coimbra*, si é exacta a origem, que lhe querem dar *collis imbrium*.

Paraopeba.—« Não será mais exacta ortografia *Para-peba*, significando rio plano ou de moderada correnteza? »

Com quanto a significação da palavra nenhuma duvida ofereça, nem uma outra questão nos embaraça mais que esta, e que muitas outras, que se nos fizerem sobre palavras, que rematem em *paba* ou em *peba*. Sabemos, que Augusto de Saint-Hilaire quer, que se escreva *Paraopeba*; mas n'este cazo a nossa duvida não se póde desfazer em prezença da autoridade d'este illustre escritor, porque temos outras autoridades em contrario. Na compozição, estas dezinencias ou antes estes termos *paba* ou *peba* pedem de ordinario uma vogal antes de si, e parece, que se não consulta a alguma regra de grammatica, mas a simples eufonia. *Epeba* quer dizer couza plana, *ipeba* couza xata ou xan; mas nos compostos a primeira vogal varía: assim temos, que terra plana não se diz *ybyepeba* mas *ybypeba*, eliminando-se a vogal intermedia, em quanto em outros exemplos, não obstante acabar a primeira palavra em vogal, a segunda começa igualmente por vogal, como seja *ybyapaba*.

Portanto poder-se-ia escrever *Paraipeba*, rio xão ou xato, como lemos em Roberto Southey, escritor escrupulozo na ortografia de similhantes palavras; poder-se-ia escrever *Paraopeba*, rio plano, como nos autoriza o dicionario da lingua geral; *Paraopeba*, como quer Augusto Saint-Hilaire, e

ir-se-ia igualmente *Paraupeba*, como Roberto Southey dá a entender, que se lê no roteiro de F.D.Paes Leme, escrito por seu neto Pedro Dias. N'este roteiro lê-se *Peraupeba*, mas o primeiro *e* não póde deixar de ser erro.

Estamos pois na impossibilidade de poder decidir qual d'estas ortografias é a mais exacta, ainda que todos estes diferentes exemplos provão, que não é escuzada a vogal entre os dous termos, de que a palavra se compõe. Fica-nos livre a escolha; e com tudo a opinião mais moderna, assim como a mais antiga, a do roteiro de F. D. Paes Leme e a Augusto de Saint-Hilaire dão-nos um son quazi identico. *Paraopeba* ou *Paraupeba* podem ser pronunciadas de tal fórma que se torne dificil descriminar-se, si se escreve com *o* ou com *u*.

Piranga. — « Outros escrevem Goarapiranga, para denominarem uma villa da comarca de Piracicaba. Escrevendo-se do segundo modo, significa logar, em que se achárão as aves de pennas vermelhas (Ibis rubra).

Contudo André Antonil denominou este logar Ibupiranga. »

Temos tres nomes Piranga, Ibupiranga, Goarapiranga. *Goarápiranga*, no sentido que lhe quer dar o Sr. Silva Pontes, seria uma redundancia; goará por si só exprime essa ave de pennas vermelhas; si porém se quizesse dezignar outras aves de pennas da mesma côr, dir-se-ia *guira-piranga*. *Goarapiranga* não quer dizer ave, mas barreira, logar d'onde se tira barro. Ibupiranga convertido o *y* em *u*, como tantas vezes o encontramos, exprimiria a mesma couza na hipoteze de ser vermelho o barro, que d'ali se tirasse.

Qualquer dos dous ultimos termos é preferivel ao simples adjectivo piranga, como se dirá por abreviação, que apenas especifica a côr de um objecto sem definir qual seja elle.

Seboraboçu. — « Monsenhor Azevedo Pizarro escreve Tuberabussu, ou Subrabussu, quando trata da serra das esmeraldas. Temos tambem entre a cidade do Sabará e a villa do Caeté outra serra, a qual chamou-se *Saberaboçu* e depois *Sabaraboçu*. No primeiro exemplo não se deveria escrever antes Tuberaboçu, que significa serra alcantilada?

E no segundo cazo não se derivaria melhor de *Caa beraboçu*, que quer dizer montanha, em que as tempestades se acumulão e relampeia? Comtudo alguns antigos descendentes dos descobridores paulistas derivárão esta denominação de *çabaa-boçu*, que significa grande enseada de rio, como se observa no logar. Outros antiquarios emfim derivárão do vocabulo *çaba-ara-boçu*, que quer dizer territorio de campinas peludas, por contrapozição de outro confinante chamado Caeté, onde começava a região da mata geral.»

São dificieis as questões, que n'este artigo se nos propõe, e não nos julgamos com forças de as rezolver cabalmente. Eis o que pensamos.

Tuberaboçu póde provir de *Tupamberaba oçu* grandes relampagos, querendo por esta fórma dezignar o, logar onde elles frequentemente fuzilão. O Sr.... indica algumas outras radicaes, taes como esta: *tubé*, filho do mesmo ventre, mas de pai diferente e *taboçu*, grande aldêia.

Mas tambem se escreve Saberaboçu ou Sabaráboçu, e pergunta-se, si n'este cazo se não diria melhor Caaberaboçu, montanha onde as tempestades se acumulão. Notaremos, que *caa* não significa montanha, mas si é certo, que n'esse logar faz o rio uma grande enseada, é mais, que provavel, que por esse motivo se désse ao logar a denominação de *Çabaa-boçu*.

Quanto a dizer-se, que vem de çaba-ara-boçu, territorio de campinas peludas, ainda que *çaba* exprima couza peluda, como sedas de um animal, *ara* não se emprega, ao menos não o temos encontrado, sinão no sentido de tempo, sol, dia etc. couza em summa que exprime duração e nunca extensão. Parece-nos demais atrevida a comparação de uma campina, porque coberta de arbustos ou de hervas a uma pele coberta de sedas. Ha mais naturalidade nas metaforas dos indigenas.

Eis mais outra radical, diz o Sr...., *cabé*, bolor, e *taboruçu*, uma especie de rezina.

Parece á commissão, que estas palavras deverão ter a mesma origem; mas como, qualquer que seja a etimologia, que se lhes queira dar, ha de sempre haver alguma duvida, seria bem conservar-se a ortografia mais antiga, quando não fôr a mais eufonica.

Tripui.—« Prezentemente, e ainda no tempo em que André Antonil escreveu, tem este nome um monte e logar nas immediações do Ouro-preto. Será porventura corrupção de *Tiapuy*, que quer dizer ribeiro, que corre sussurrando?»

Decide-se a commissão pela afirmativa: temos *tiapu*, soar, zunir, e *y*, agua; a significação é a que lhe dá o Sr. Silva Pontes, agua que soa correndo, quer seja de regato, quer catadupa, que haja em alguma parte d'esse monte.

Vubabussu.—« Assim escreveu Azevedo Pizarro, e antes d'elle o Dr. Claudio Manoel, para significar um grande lago ao pé do qual Fernão Dias Paes Leme achou as minas das esmeraldas. Não será mais exacta a ortografia *Uu-paboçu*, significando brejo grande? O facto é, que a leste da serra do Grão-Mogol o barão de Eschwege e o Dr. Martius consignárão na sua carta do Imperio do Brazil em os 15° 67' o Brejo-grande. »

Não encontramos nem *uu*, brejo, nem *upaba*, lagôa.

Roberto Southey escreve Vepaboçu, dando-lhe a significação de grande lago. Querem alguns, que se escreva Upabuçu; mas qualquer que seja a etimologia da palavra, nunca se deverá escrever com *v*, porque apenas duas palavras encontramos no dicionario da lingua geral, que comecem por esta consoante. Parece-nos portanto melhor *Upabuçu*, porque não vemos razão para o dobrar: *uu* significaria catarro, e é a unica palavra, onde a encontramos dobrado.

E' isto o que a commissão póde responder quanto as perguntas e questões propostas pelo Sr. Silva Pontes a este Instituto.

Aos 13 de Setembro de 1850.

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO.

VOCABULOS INDIGENAS E OUTROS

INTRODUZIDOS NO UZO VULGAR

POR

Braz da Costa Rubim

SOCIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO

Abacateiro.—Do caraibico *anicate*, e a dezinencia portugueza *eiro*. Arvore frutifera, exotica, e cultivada; ha varias especies, que se distinguem pela fórma do fruto, e são: *redondo*, o fruto arredondado; *de gargalo*, o fruto pyriforme; *de Caienna* ou *rôxo*, fruto arredondado rôxo por fóra: esta especie consta, que foi transportada de Caienna em 1808.

O abacate come-se com sal, pimenta, limão, assucar ou calda, ou em salada, conforme os paladares. Ha uma especie de louro, que se destingue pelo nome de *abacate*, é arvore, que atinge 12 metros de altura, e 2 metros de grossura; a madeira emprega-se na construção naval e civil, e na marcineria; é propria do Pará.

Abaeté, Abaité.—Nome de varios rios em Minas-geraes, do guarani *abá eté*, que tem as seguintes accepções: feio, torpe, bravo, honrado, cruel, espantozo. Vê-se, portanto, que, não tendo n'este cazo propriedade, estes nomes fôrão dados por fantazia pelos colonos.

Abarébebé.—Do guarani *abarê*, frade, *abebé*, voar. Nome, que os indigenas civilizados davão ao padre Manoel da Nobrega, por cauza da sua actividade.

Arapuá.—É tambem chamada *eyrapuá*, mais conforme á etimologia do guarani *eyrápuá*. Especie de abelha grande, negra, faz caza grande de barro, e estraga os grelos das laranjeiras.

Abricó.—Do francez *abricot*, por cauza da similhança exterior do fruto. Arvore frutifera, cultivada atinge 10 metros de comprimento e 1 metro de diametro, a madeira tem pouco uzo, o fruto não tem estimação.
Chama-se *abricó do Pará* ou *abricoqueiro de São-Domingos* a outra especie tambem cultivada, parecida com aquella nas folhas, mas o fruto é exteriormente pardo e goza de estimação.

Abuna.—Do guarani *ába*, homem, *hû*, escuro ou preto. Nome com que alguns indigenas civilizados dezignavão os jezuitas, por cauza do habito preto.

Acaçá.—Ha duas preparações culinarias com este nome, que vem do guarani *caaçá*, couza cozida ou assada; uma é o angú preparado com farinha de arroz ou de milho, e serve de conducto; outra é sómente de fubá mimozo de arroz reduzido a uma massa gelatinoza, que, desfeita em agua com assucar, se toma no verão como refrigerante.

Acangapára.—Do guarani *acánga*, cabeça, *apá*, torta, especie de cágado assim chamado, porque dobra a cabeça para o lado, e não a recolhe, quando a quer esconder na casco.

Acanguera.—Do guarani *acanguéra*, composto de *acánga*, cabeça, *cuera*, que foi, caveira. Certa especie de gavião frequente nas caxoeiras dos rios Xingú e Jerauçú, na provincia do Amazonas, que faz ver o retrato das antigas harpias na cara humana, que tem; é muito cruel e atrevido, e dizem que ataca o homem.

Acará ou Guiratinga.— Nomes, que em alguns logares dão á garça branca; o primeiro vem do guarani *guacará*, e o segundo do guraní *guirati*, composto de

guira, ave, *ty*, branca. As pennas d'esta ave servião aos indigenas para enfeites da cabeça.

Acutiboia.—Do guarani *acuti*, cutía, *mboi*, cobra. Especie de cobra, assim chamada por prear de preferencia as cutias; dizem, que açouta com a cauda aos que a molestão.

Aipim.—Do guarani *aypi*. Planta, que tem a raiz alimentar, cultivão-se as seguintes especies: *açu* ou *guaçu*, *branco*, *jurumú*, *pexá* ou *poxá*, preto. Além d'estas erão antigamente conhecidas as seguintes qualidades, de que faz menção Simão de Vasconcellos: aipyarande, aipycaba, aipygoapaniba, aipysaborandi, aypycurumurú, aipycurumurú-miri, aipycurucuya, aipymamacaú, aipypoca, aipytayapoya, aipypitanga.

Anhangaquiabo.—Do guarani *anang*, diabo, ou uma especie de macaco, a que davão este nome, *kibaba*, pente. Arvore, cujo fruto é uma bainha grande; tem dentro em si uma couza branca e dura, á feição de pente, e de que os indigenas se servião.

Aracuan.—Do guarani *araquâ*. Ave galinacea conhecida e classificada; ha outra especie, *aracuancaá* ou *aracuan do mato*, que tambem está classificada.

Aurana.—Do guarani *airê*, mancha, *rana*, couza parecida; impigem. Por sofrerem d'esta molestia, em razão de se alimentarem de peixe gordo, tomárão alguns indigenas o nome de Auranas.

Barbaqua.—Do guarani *tataquâ*, composto de *tata*, fogo, *qua*, buraco; forno. Especie de forno feito de ramos, onde se prepara o mate.

Bitú.—Do guarani *ibitú*, vento. Côco para pôr medo ás crianças. Cantiga que serve para nanar crianças.

Boiacaa. — Do guarani *mboi*, cobra, *caá*, planta.

Tambem se chama *Paracari*, nome de um lago, em cujas ribeiras ha abundania; *São Pedro-caá, hortelan do campo* ou *do mato*. Em Pernambuco é conhecida pelo nome de *meladinha*. Planta que é antidoto do veneno das cobras.

Boicininga.—Do guarani *mboi*, cobra, *tyninri* ou *chinini*, voz onomatopica, retintim; tambem se chama *maracaboia*, do guarani *mbaracá*, maracá, *mboi*, cobra, *cascavel tangedor*. Especie de cobra assás conhecida.

Boitata.—Do guarani *mboi*, cobra, *tatá* fogo. Côco para pôr medo ás crianças.

Boiubi.—Do guarani *mboi*, cobra, *tobi*, verde; tambem se chama *cobra verde*, *papa–cães*, *papa-veados*. Especie de cobra de 3 metros de comprimento, verde escura, com listras brancas transversaes em forma de anneis.

Caaçugui.—Do guarani *caá*, planta, *hobi*, azul, adulterado na lingua geral para *çugui*; mais vulgarmente conhecida pelo nome de *anil*. Planta, que dá a tinta azul, e foi já cultivada em grande escala.

Caapiá.—Do guarani *caá*, planta, *apiá*, testiculo, por cauza da fórma da raiz. Os colonos portuguezes a conhecião pelo nome de *malvaisco*, pela similhança com esta planta da Europa. Planta, que tem a raiz medicinal, é frequentemente empregada.

Cacunda.—Do angolense *cacunda*, corcova; é portanto um vocabulo introduzido pelos colonos africanos escravos. Empregado familiarmente por cangote. Ha uma especie de vinhatico chamado *cacunda*, e é um peixe de rio na provincia de Piauhi.

Caferana.—É uma planta amargozissima e medicinal do Pará e Amazonas, e que alguns denominão *jacaré-arú*. Caferana é composto do portuguez *café*, e do guarani *rana*, couza parecida.

Caiarara.—Do guarani *cai*, mono, *cará*, destreza, *yâ*, estar dissimulado. Engraçado quadrumano frequente nas matas das margens do rio Amazonas. Todos os naturalistas viajantes, desde Spix, mencionão esta interessante especie.

Caistús. — Damião de Goes diz, que assim chamavão os indigenas á farinha, que fazião da raiz da mandioca. Aquelle vocabulo é corrupção do guarani *huî catú*, farinha bôa, a que hoje chamamos *farinha de agua*.

Calungueira. — Da lingua bunda *calunga*, mar, navegar, e a dezinencia portugueza *eira*. Embarcação pequena para transporte de generos na bahia de Niterohi.

Camboquira. — Do guarani *huâ qui*, talo tenro. Quitute de grelos de aboboreira com ovos e diversos adubos.

Canduá. — Do guarani *canduá*, mancha de côr nas arvores. Musgo amargozo e medicinal, serve tambem em tinturaria; ha diversas especies, a mais uzada foi classificada por Martius.

Cangica.—Do guarani *caguî yi*, maçamorda de milho quebrado. Este vocabulo tem diversas accepções. Milho descascado e quebrado ao pilão depois de amolecido, e que assim entra em varias iguarias. Iguaria preparada com o milho cangica, leite e assucar. Doce preparado com o suco do milho verde, leite, assucar, etc.; outros chamão-lhe cangiquinha; termo de pedreiro: cascalho, pedra miuda. Qualidade de rapé muito fino e seco; ha duas especies: *preta* e *branca*; a cangica mais apreciada é a que se fabrica em São-Sebastião, provincia de São-Paulo.

Canguçú.—Do guarani *acánga*, cabeça, *uçú*, grande. Especie de onça de cabeça grande; é uma variedade da onça pintada. Em alguns logares chamão a esta especie *jaguara canguçú* do guarani *yaguara*, cão, onça.

Cannatíua. —Do portuguez *canna*, e do guarani *iba*, arvore, que na lingua geral do Amazonas se diz *íua*. Especie de canna, de que os indigenas fazião flexas, e das sementes enfiadas colares.

Cannarana.—Do portuguez *canna*, e do guarani *rana*, couza parecida. Planta aquatica, de que se alimenta o peixe boi; dá flôr branca.

Capára.—Do guarani *caá*, planta ou folha, *apá*, torta ou ramoza. Planta, que tem as folhas pegadas umas ás outras; com estas armavão os indigenas umas esteiras, com que cobrião os tijupares.

Capivára.—Do guarani *capiibára*; quadrupede grande nadador e destruidor das roças. *Cerca de capivara* é um tapume, que se faz na roça, que fica á beira de rio, para impedir a entrada das capivaras. Dá-se tambem o nome de capivara a uma especie de cesto sem azas e de largas malhas.

Caraiba.—Do guarani *caraib*, composto de *cará*, astucia, e de *y*, perseverança. Feiticeiro, bruxa, couza sobrenatural. Nome que os indigenas derão aos primeiros que aportárão ao Brazil. Tambem se conhece com este nome ou o de *carauba*, alterado em alguns autores para claraiba, a uma arvore frutifera mediana, que se cria em terrenos secos; o extracto do entrecasco é medicinal, a flôr é amarela, um pouco grande, e as folhas servem de forragem aos veados.

Carauatá.—Do guarani *caraguatá*. Planta linifera, de que se conhecem duas especies: açú ou grande; e de rede. *Caraguatá* parece, que era entre os indigenas um nome generico para as plantas do genero bromelia; e alterado pelos colonos em *gravatá, caràuatá, caroatá, caraguatá*.

Caruara. —Este termo, uzado no Pará e Amazonas, vem do guarani *caruguara*, dôres, bobas; corrimento, doença dos indigenas proveniente de andarem sempre nús e deitarem-se no xão. Ha uma especie de abelha pequenina, que tem este nome.

Cassamba. —Dá-se vulgarmente este nome ao balde de tirar agua, e ao estribo de metal ou de páo com fórma de sapato. O vocabulo vem da lingua bunda *massanga*, pote. Diz-se de duas pessoas inseparaveis, que são corda e cassamba.

Caua.—Do guarani *caba.* Na provincia do Piauhi, e outras do norte, se dá este nome ao marıbondo.

Cauim.—Do guarani *caguî*. Bebida preparada com a agua, que rezulta do cozimento da mandiocaba e milho socado. Entre os indigenas esta preparação era immunda.

Cherimbabo.—Este vocabulo, uzado nas provincias do norte, e sobre todas na do Maranhão, significa animal domestico ou domesticado, que se tem em estimação ; animal pequeno ; e por ampliação tambem se aplica ás pessoas. Vem do guarani *ché,* meu, *mymbaba,* animal cazeiro, que com o pronome que o precede recebe na compozição *re,* e fica *cheremymbaba.*

Cicantaíua.—Do guarani *icig,* seiva pegajoza, *tátá,* dura, *ib,* arvore, que na lingua geral do Pará e Amazonas está alterado para *iua*. Arvore de seiva leitoza medicinal ; esta seiva se purifica e reduz a pães para guardar, e emprega-se como breu para calafêto das embarcações, ou para arxotes. A rezina toma o nome particular de *cicantá,* composto das radicaes acima especificadas.

Coroá.—Do galibi *coroá*. Planta trepadeira, que produz uma especie de abobora cilindrica, vermelha, muito aromatica, e que tambem se chama *melão de caboclo*. Não se come, uza-se unicamente para dar aroma aos apozentos.

Cuieiba.—Do guarani *iacui,* cuia, *iba,* arvore ; tambem se chama cuieira, do guarani *iacui,* cuia, e a dezinencia portugueza *eira*. Arvore, que produz uns frutos grandes como melões, e dão pelo tronco como a jaca, e servem para cuias. As indias do Pará pintão estas cuias com

urucú, carajurú, tauá, e tabatinga, pondo-as primeiro em uma infuzão da casca de cumati.

Cuieté.—Do guarani *iacui*, cuia, *eté*, verdadeira; tambem se chama *cuitezeira* e *cabaceira do ar*. Arbusto; o fruto, depois de maduro e serrado ao meio, dá as cuias para uzo domestico ; o amago dizem ser medicinal.

Cureira.—Do guarani *curé*, alimpadura do joeirado, e a dezinencia *eira*. Tambem se chamava *cangica fina*. Nos tempos coloniaes dava-se este nome a um angú composto das pontas do milho pilado, que se côa para farinha, cozidas e temperadas com sal e gordura ; este angú supria a falta de arroz. Hoje serve para dezignar os grãos mais grossos da farinha de mandioca, que ficão na peneira e não passão pelo crivo, e por isso se diz proverbialmente, que em falta de farinha cureira serve. Alguns pronuncião erradamente *carueira*.

Curimata.—Do guarani *quirymbatá*. Peixe de 1 metro de comprimento com escamas e similhante á tainha; a carne é rôxa com muitas espinhas, e boa para comer. Ha outra especie, *curimatahi*, do guarani *quirimbatá*, e *i*, diminuitivo ; é propria do rio Amazonas. Estes nomes correm alterados para crumatá, crumatahu, ou crumatahi, curmatahi.

Eré.—Nome de um extenso campo na provincia do Paraná. O vocabulo vem da lingua dos Camés e Votorões *heré*, que significa campo, palha.

Fuá.—Do guarani *guâ*, e assim diz o que espanta a outro de repente. Este termo é uzado nas provincias do Rio-grande do Sul, São-Paulo, Paraná e Minas-geraes, com a significação de desconfiado,resabiado, espantadiço, sestrozo.

Gangana.—Voz infantil para chamar as mulheres idozas ; é vocabulo introduzido pelos colonos africanos escravos, da lingoa bunda *nganna*, senhora.

Ganinha.—Este termo é hoje menos uzado do que foi nos tempos coloniaes, e servia para tratar as meninas, como prezentemente dizemos sinházinha. Ganinha vem do guarani *guyñai,* companheira da mulher. A's vezes ampliava-se, e as moças chamavão ás mães e avós por este termo carinhozo.

Getirana.—Do guarani *yeti,* batata, *rana,* couza parecida. Ha varias especies de plantas com este nome, e sem que estejão bem descritas e classificadas, é imprudente querer estabelecer a sinonimia.

Guabiraba.—Do guarani *ibabirá* ou *guabiraba.* Arvore frutifera; o fruto é piriforme, e a madeira tem varios uzos em carpintaria.

Guabirana.—Do guarani *guabirá,* certa arvore, *rana,* couza parecida. É uma arvore do mato virgem similhante á guabiraba, mas sem prestimo conhecido.

Guará.—Si se trata de um quadrupede de pêlo ruivo com uma pequena clina preta das espadoas ao cocuruto da cabeça, vem do guarani *aguará.* Em Minas-geraes chamão-lhe lobo. Si se trata de uma ave ribeirinha, de plumagem vermelha na terceira muda, vem do guarani *gúará.* Em alguns logares a esta ave chamão joão-fernandes.

Igapó.—Do guarani *yapó,* alagadiço. Mato alagado nas margens dos rios, lagos e igarapés.

Igarapé.—Do guarani *igara,* canôa, *pé,* caminho. Esteiro ou canal estreito, que só dá passagem a canôas.

Inambú.—Do guarani *ynambú.* Especie de perdiz: distingue-se as qualidades: *xororó, pêba, quiá, nacú, pintado* e *toró.*

Irara.—Do guarani *eyra,* mel, *guara,* comedor. Quadrupede carniceiro plantigrado; sustenta-se de animaes pequenos e de mel.

Itacurú.—Do guarani *ytácurú*, composto de *ytá*, pedra, *curú*, pedaço. Na provincia do Rio-grande do Sul é o gréz ferrifero muito carregado de limonite, que se emprega na construção dos fornos de cal e das cazas rusticas; na provincia do Maranhão e outros logares, trempe de pedras.

Jabibura.—Do guarani *yabebi*. Em alguns logares dão este nome ao que no Rio de Janeiro chamamos arraia.

Jabirú.—Do guarani *yabirú*. Ave ribeirinha, grande, branca, remigia e rectrices de um preto arroxado, bico e pés pretos. Tambem se chama *jabirú-moleque*, em alguns logares. No passeio publico da Lapa ha dous jabirús prezentemente.

Jacaré.—Do guarani *yacaré*. As diversas especies de que se compõe este genero de reptis ainda não estão bem estudadas, e por esse motivo póde dar-se engano na sinonimia; entretanto apontaremos os nomes vulgares mais conhecidos: *açú* ou grande, *arurão*, *tinga* ou branco, *curú* ou *cuniba*, *canana*. Tambem se dá o nome de jacarè a uma especie de pimenteira, e a diferentes arvores; e na provincia do Amazonas a uma especie de rocha.

Jacina.—Do guarani *yaci*, estrela, lua, *aná*, parente. Especie de borboleta de côr parda com azas azues claras.

Jaguarapitanga.—Do guarani *yaguara*, cão, *pytá*, vermelho pardo. Quadrupede do tamanho de caxorro, e mais geralmente conhecido pelo nome de rapoza por ter alguma similhança com esta especie da Europa.

Jandaia.—Do guarani *ñendaî*. Ave, que tem o peito, encontros e cabeça coloridos de amarelo avermelhado brilhante, ponta das azas azues e o resto da plumagem verde. Domestica-se facilmente e aprende uma ou outra palavra.

Jaquiranaboia.—Do guarani *ñaquirâ*, cigarra, *mboi*, cobra. Insecto similhante á cigarra, grande, com a cabeça do feitio da de cobra; por abuzão se diz, que a sua mordedura é mortal.

Jararaca.—Do guarani *yàrará.* Ha diversas especies de jararacas, a saber: *jararaca priguiçoza, jararacuçú,* que é assaz venenoza, *jararaca de cauda branca.* Estas diferentes cobras ainda não estão, com excepção da segunda, descritas e classifi adas. Dá-se tambem o nome vulgar de jararáca a uma planta medicional, assim chamada por cauza das côres dos pediculos da raiz; e a uma arvore, cuja madeira se emprega na construção civil.

Jetica.—Do guarani *yetí,* batata. *Jeticarana,* do guarani *yetí,* e *rana,* couza parecida; é uma especie de batata não cultivada, que floresce em Abril. *Jeticuçú,* do guarani *yetí* e *guaçú,* grande; é a planta mais vulgarmente conhecida pelo nome de jalapa. *Jetivi,* do guarani *yetí, ĩ,* agua, vinho de batatas, que os indigenas preparavão grosseiramente.

Juçana-juripiara.—Do guarani *nuhá* laço, *ayura,* pescoço, *cupiara,* nome commun de todo o instrumento, com que se apanha alguma couza. Modo por que os indigenas caçavão as aves pelos pés, e que ficou em uzo entre os colonos e seus descendentes.

Juqueri.—Do guarani *yuqueri.* No vulgar tambem se chama *malicia das mulheres,* e *herva-viva.* Planta espinhoza, folha miudissima, apinulada, cujos foliolos procurão os seus opostos, e se lhes encostão immediatamente que se lhes toca, conservando-se n'este estado por bom espaço de tempo; é venenoza, cria-se á beira de rios e alagadiços, e é muito commun. *Juquerioba,* do guarani *yuqueri,* e *oba,* folha. Arvore cujas folhas têm uzo medicinal.

Libambo.—Da lingua bunda *libamba,* vara. Forquilha, em que erão conduzidos os escravos do sertão para os portos de mar na Africa. Este termo, introduzido pelos mesmos escravos no Brazil, tomou a accepção de galé ou calceta.

Limãorana.—Do portuguez *limão,* e do guarani *rana,* couza parecida. Arvore conhecida por este nome no Pará, atinge 12 metros de altura, 1 metro 50 centimetros de

grossura, floresce em Maio e Junho; a madeira emprega-se em construção civil e na marceneria.

Linguara.—Machado de Oliveira diz, que este vocabulo vem do portuguez *lingua*, e do guarani *iará*, senhor; parece-nos porém, que é do espanhol *lenguaraz*, habil em duas ou mais linguas: interprete.

Lobuno.—Do espanhol *lobuno*, côr de cavalo, similhante á do pêlo do lobo, mais escuro, advertindo porém, que é do lobo da Europa, e não do guará, que em Minas-geraes chamão lobo.

Maguari.—Do guarani *mbaguari*. Especie de cegonha, face nua, bico volumozo e curto, pennas do papo em tufo, plumagem branca, azas e cauda pretas, olhos verdes. Figuradamente se diz do homem magro de pernas finas, que é um maguari.

Mandi ou Mandim.—Do guarani *mandié*. Peixe de rio. No rio de São-Francisco distinguem os pescadores as seguintes especies: *açú* ou *grande*, *amarelo*, *armado*, *branco*, *capadinho*, *esquentado*.

Mandubi.—Do guarani *mandubi*. Planta, que produz uns grãos, de que se extrae excelente oleo para tempero e luzes, e que se comem depois de assados, e tem sabor exquizito; cultiva-se em grande escala. Ha uma especie de feijão, que por se parecer com o mandubi tomou este nome. Em alguns logares ao pinhão chamão mandubi guaçú, isto é, mandubi grande. *Mandubirana*, do guarani *mandubi* e *rana*, couza parecida; é uma planta medicinal, que em Pernambuco se chama *trevo*.

Mangabal.—Do guarani *mangaá*, mangaba, e a dezinencia portugueza *al*. Terreno, onde se crião muitas mangabeiras.

Maracaiá.—Do guarani *mbaracaîa*. Gato bravo. Em alguns logares lhe dão o nome de *jaguaraticica*.

Maracujá.—Do guarani *mburucuía.* Planta trepadeira; ha varias especies. *Çantâ,* do guarani *tátá,* duro; o fruto tem a casca grossa. *Eté,* do guarani *eté,* verdadeiro. *Guaçú* ou *açú,* do guarani *guaçú,* grande; o fruto é grande e estimado. *Mamão,* originario do Perú. *Mirim,* do guarani *miri,* pequeno, que tambem se chama *maracujaí. Mixira,* do guarani *mbixi,* assado; o fruto assa-se para comer. *Panamacaa,* do guarani *panama,* borboleta, *caa,* folha; fruto pequeno. *Piruna,* do guarani *piré,* casca, *hû,* escura. *Poroba,* do guarani *pirog,* casca, *yrob,* amargoza. *Suspiro,* o fruto muito saborozo, e assim chamado, porque de um sorvo traga-se um, deixando o paladar regalado, com gosto exquizito e cheiro suave.

Mirapiranga.—Do guarani *ibirá,* páo, *pirá,* vermelho. Arvore, que atinge a 12 metros de altura, e 1 metro e 50 centimetros de grossura; a madeira servia aos indigenas para fazer arcos, e é empregada na construção naval e civil, e na marceneria; encontra-se frequentemente nas provincias do Pará e Amazonas.

Moquear.—Do guarani *amocaê,* assar na labareda, e a dezinencia portugueza do infinito *ar.* Certa maneira de assar a carne, que fica mirrada.

Mucuim.—Do guarani *picuii.* Especie de mosca quazi imperceptivel, que vive na relva ou capim rasteiro, de onde passa ao couro dos animaes a depozitar os ovos e fazer criação, o que os estraga. *Mucuimcaá,* do guarani *picuii,* e *caá,* planta. É uma planta do Pará, e que foi descrita e classificada pelo Dr. Antonio de Lacerda.

Nhandú-abiu.—Do guarani *nandu,* aranha, *abayû,* cabêlo ruivo. Especie de lacraia muito cheia de pêlos.

Perereca. —Do guarani *guereré.* Especie de ran pequena, esbranquiçada; a sua voz consta de um gemido dezentoado: frequenta as arvores.

Peroba.—Do guarani *piré,* casca, *yrob,* amargoza.

Arvore do mato virgem; distinguem-se as seguintes especies: *amarela*, a que na provincia de São-Paulo chamão *cabriuva*, *amargoza*, *branca*, *mirim* ou pequena, *parda*, *rajada* ou *sobro rajado*, *roza* ou *sobro*, *vermelha* ou *sobro vermelho*. Em Petropolis o Sr. Spangenberg faz bengalas das varas d'esta arvore. Na ilha de Fernando ha uma arvore chamada *peroba*, a qual dá bôa madeira para o ar, e emprega-se no fabrico de barris e outras obras miudas.

Pira. — Do guarani *pirá*, peixe. Este vocabulo entra na compozição de muitos nomes de peixes; citaremos aqui os principaes: *pirá acangatá*, do guarani *âcángâ*, cabeça, *tatá*, dura, bom para comer; *pirá andirá*, do guar. *andirá*, morcego, e assim chamado por ter a cabeça similhante á do morcego; *pirá acambuçú*, do guar. *âcángâ*, cabeça, *uçú*, grande, é de rio; *pirá canjuba*, do guar. *âcángâ*, cabeça, *yû*, amarela, é de rio; *pirá iapeua*, do guar. *yapeuçá*, centopêa; é de pelle, e no fundo de uma agua limpida se assemelha a um páo pintado; *pirá jaguara*, do guar. *yaguara*, cão; é o nome que em alguns lugares dão ao *bôto*; *pirá jú*, do guar. *yu*, amarelo; é o nome que alguns dão ao dourado; *pirá jurumembeca*, do guar. *yumb*, boca, *membeg*, mole; é escamozo, prateado e bom para comer; *pirá bebé*, do guar. *bebé*, voar, mais vulgarmente conhecido por voador; aquelle vocabulo tem sido muito alterado, e dizem pirambeba; *pirá peba*, do guar. *peba*, xato, é de rio; *pirá pucú*, do guar. *pucú*, longo, tem o focinho comprido; no Amazonas chama-se curumará; *pirá pitanga*, do guar. *pytâ*, vermelho; *pira pitinga*, do guar. *tinga*, branco; é branco e xato; no Pará e Amazonas chama-se matrinxão; *pira puan*, do guar. *pâum*, redondo, é a que chamamos mais geralmente balêa; *pira quira*, do guar. *quirá*, couza gorda; é similhante ao peixe a que os Portuguezes chamão peixe-rei; *pirá arara*, assim chamado por ter as côres da ave d'este nome.

Piracinunga.—Do guarani *pirá*, peixe, *tini*, seco, que em diversos dialectos se dizia, ou o entendião *cinunga*. Nome de rio.

Piranga. — Do guarani *pirâ*, vermelho. Planta; as folhas maceradas dão a pasta *carajarú*, a que chamão *vermelhão americano*, e a aplicão medicinalmente. Em alguns lugares dão a esta planta o nome de *caapiranga*.

Pirão.—Do guarani *típyrô*, composto de *ty*, sumo, *pi*, apertar, *rô*, pôr, isto é, pôr a remolhar, fazer sopas; tambem se diz *escaldado*. Farinha de mandioca escaldada com molho de carne ou peixe, e que nas mezas serve de conducto a outras comidas.

Pirapora.—Do guarani *pirá*, peixe, *póra*, salto. Nome de uma cachoeira.

Piratininga.—Do guarani *pirá*, peixe, *tyny*, seco. Nome de lugar. Com estes radicaes ha os nomes topograficos Pirassinunga e Piratini ou Piratinin.

Pitavão. — Do guarani *pitagûa*. Passarinho do tamanho e côr de canario, e uma coroa branca na cabeça; é frequente nos mangues, e mantem-se de peixe.

Pitiu.—Do guarani *pitiúg*. Máo cheiro, bafio, cheiro de peixe.

Pixuna-tucupi. — Do guarani *apixú*, preto, *ticumbaîpi*, maçamorda rala. Caldo de mandioca fer ido e exposto ao sol, o qual serve de condimento ao peixe.

Pocema.—Do guarani *tâcêm*, gritos, alaridos. Vozeria confuza, grande alarido, que fazem os indigenas nas ocaziões solemnes.

Poranduba.—Do guarani *poranduba*, composto de *poró*, minto, *andú*, sentido. Novidade, historia. *Poranduba Maranhense*, titulo de uma relação historica do Maranhão.

Pororoca.—Do guarani *pororog*, estrondo ou ruido. Fenomeno produzido pela maré na foz do Mearim, do

Guamá, e do Amazonas. Na India portugueza a este fenomeno se dá o nome de macaréo.

Potaba.—Do guarani *potaba*, composto de *pó*, mão, e *ta*, colher. Parte, porção, o que cabe; e entre nós prezente de festa; por corrupção se diz potaua e potava.

Pururuca.—Do guarani *pûrûrû*, ruido, e ao salto do milho, quando se tosta, *opururu abati*. Especie de milho branco, esmigalhadiço, proprio para fazer pipocas.

Quissaman.—Do nome de uma tribu africana *quissamâs* nas margens do rio Coanza em Angola, d'onde vierão alguns colonos escravos. Nome de um lugar no municipio de Campos.

Quitanda.— Do angolense *quitanda*, feira, venda. Praça de comprar e vender; lugar de mercado. Taboleiro com generos. Caza onde se vendem frutas, ortaliças, raizes alimentares, ovos, aves domesticas, etc., e ainda alguns quitutes, angús, etc. Barco com ortaliças e frutas para vender a bordo dos navios ancorados no porto. De *quitanda* e da dezinencia portugueza *eira* se fez quitandeira, que vende em quitanda.

Samambaia.—Do guarani *amambaí*. Planta arbustiva, que se cria nas terras porozas e secas; ha muitas especies, mas poucas são conhecidas por nomes vulgares.

Sapecar.—Do guarani *hapeg*, composto de *a*, pêlo, e *pe*, superficie, xamuscar, e a dezinencia do infinito portuguez *ar*. Queimar levemente com chama : figuradamente açoutar.

Sapopemba.—Do guarani *hapó*, raiz, *pembi*, tecedura. Grandes raizes das arvores, que saem fóra da terra.
Não sei em que se fundou Gonçalves Dias para dizer, que os indigenas davão este nome aos cipós gigantes das arvores, e que a palavra significa raiz xata. Creio, que houve pouco cuidado na revizão d'este artigo de seu

dicionario, porque vejo n'elle confundido a palavra cipó, que vem do guarani *icipó*, com raiz, que na mesma lingua se dizia *hapó*.

Saran.—Contracção do guarani *çarandi*, a parte do rio, onde ha arbustos, que se dobrão com a corrente. Arbusto, que se cria nas praias e pedras, que nas cheias se cobrem de agua. Sarandim, com a mesma etimologia, é o nome de uma arvore no Rio-grande do Sul.

Sararaca.—Do guarani *çararà*, couza que se desmancha. Frexa de ponta de aço unida á haste, que é feita de cannarana, por um alvado, e preza por uma linha feita de curauá enrolada; emprega-se sómente para a pesca da tartaruga, atira-se por elevação no logar, em que a tartaruga foi rodomoinhar a agua, o animal ou foge ou mergulha, levando o arpão enterrado no casco: em todo o cazo a frexa desmanxa-se, o fio dezenrola-se, e o hastil da flexa sobrenada, servindo de boia para indicar a carreira, que a preza leva.

Sauiá.—Do guarani *anguyá*. Rato do mato, ha duas especies : *coca*, que tem o pêlo vermelho, *tinga* ou branco. Em muitos autores está esta palavra escrita saviá.

Soca.—Do guarani *içog*. Especie de lagarta, que é muito daninha ás plantações. *Sóca una*, do guarani *içog*, lagarta, *hu*, escura, é a lagarta preta, cheia de pêlos, que cauza grande dôr e inflammação, si lhe tocão, e que mais vulgarmente se conhece pelo nome de *bixo cabeludo*.

Siupé.—Do guarani *çoô*, caça, *pé*, caminho. Nome de um lugar.

Suiriri.—Do guarani *çuíriri*, voz onomatopica. Passarinho, que tem bonito gorgeio ; acostuma-se á gaiola.

Sundo.—Da lingua bundá *sundí* ; termo xulo. O aparelho genital feminino.

Surubi ou Surubim.— Do guarani *çurubi*. Peixe de rio, grande e saborozo; distinguem os pescadores trez qualidades: esbranquiçado, escuro e pintado.

Surucuá.—Do guarani *çurucuá*. Ave, a que tambem chamão *capitão do mato*; ha duas especies: *açu* ou grande, verde por cima, escarlate por baixo, bico vermelho roxo; e *tatá* ou de fogo, cabeça e pescoço azul, verde por cima, côr de laranja por baixo, cauda preta e branca.

Tabatinga. — Do guarani *tobati*. Especie de argila branca e muito apta para diversas obras. Em algumas partes tem-se generalizado tanto este nome, que o dão a todas as argilas.

Tacape.— Do guarani *ytayapé*. Clava de páo durissimo com maça, uzada pelos indigenas nas suas guerras.

Taciahi.— Do guarani *taci*, formiga, *i*, diminuitivo. Especie de formiga preta e pequena.

Taiobuçu.— Do guarani *taioba*, certa planta, *uçu*, grande. Planta; as folhas têem uzo culinario.

Taixireiro.—Do guarani *tahi*, formiga, e a dezinencia portugueza *eiro*. Arvore assim chamada, porque ordinariamente tem caza de formigas no tronco; a madeira é empregada como combustivel.

Tajá ou Taiá.—Do guarani *taia*. Planta, ha diversas especies: *branca*, *amarela*, *i*, especie de inhame no Riogrande do Sul; *de cobra*, assim chamado, porque do collo da raiz sae ao lado des folhas um longo caule, que sustenta uma espiga de flôres com similhança de cobra.

Tajaçú.—Do guarani *tayaçá*. Porco montez, ha varias especies: *eté* ou verdadeiro; *peba* ou xato, *tinga* ou branco; *tiririca*, do guarani *tyryry*, baixo. Tajaçú-uira, do guarani *tayaçá*, porco, *guyrá*, ave, assim chamada porque arremeda o grunhir do porco.

Tamanduá.— Do guarani *tamanduá*. Quadrupede, ha duas especies : *açú* ou grande, chamado tambem *bandeira*, tem a cauda comprida e mui larga por cauza das grossas cerdas de um e outro lado; com ella se cobre, quando repouza ; *mirim* ou *i*, pequeno ; tem a cauda de pêlo rente e pelada na ponta, a qual serve-lhe para se suspender nas arvores. Figuradamente se diz de um discurso longo e sem valor, que é um tamanduá.

Tamina.— Do angolense *matamina*, tigela. Vazo, que serve para medir ração. Muitos para receber, e pouco para lhes distribuir.

Tanguá. —Do guarani *ytá anguá*, pedra com buracos. Nome de um rio.

Tapacurá. — Do guarani *tapacurá*. Especie de liga de trez dedos de largura tecida com fios de algodão, vermelhos, que os indigenas atavão logo abaixo do joelho para engrossar as pernas.

Este nome é tambem dado a alguns logares.

Tapanhuacanga. — Do guarani *tapañú*, escravo negro, *acángâ*, cabeça. Uma especie de pedra ou cascão duro, preto, ferreo, que acompanha a superficie da terra, e tambem no seu interior como por camadas, em alguns logares. É evidente, que este nome foi creado pelos indigenas civilizados ou pelos colonos no tempo, em que se falava a lingua geral.

Tapijara. — Do guarani *tapiara*, morador. Homem experimentado nas excursões do logar, que habita e serve para guia; este termo é sómente uzado no norte, porque para o sul ha o equivalente vaqueano.

Tapir.—Do guarani *tapií*. Hoje é mais geralmente conhecido pelo nome de *anta*, dado pelos primeiros colonos portuguezes, porque dezignavão a esse tempo com tal nome o bufalo, cujas péles, muito empregadas em vestiario

e armaduras, substituião aqui pelas do tapir com vantagem no preço.

Tapiti.—Do guarani *tapytí*. Especie de coelho.

Tapuçú.—Do guurani *itapú*, son de campainha, pedra, ferro, *uçú*, grande. Buzio com uma borda estendida para fóra, que servia aos indigenas de buzina.

Tapuia. — Primeiramente vamos dar a etimologia d'este nome, e depois a dos compostos.

Do guarani *tapui*, composto de *tapi*, couza comprada, *teú*, geração, nome por que os indigenas da familia guarani dezignavão as demais nações, isto é, os seus contrarios. Frei Antonio Jaboatão diz : Este vocabulo *tupuia*, como advertem os curiozos indagadores d'esta lingua, não é o nome propriamente de nação, mas dizem é só de diferença, e val tanto como dizer contrario ; porque era o mesmo ver outra qualquer nação um d'estes *tapuias*, que ver um inimigo declarado por nome e afecto.

Em apoio d'esta opinião temos ainda o exemplo de que os indigenas dezignavão os negros pelo nome de *tapahú*, abreviatura de *tapuihû*, isto é, contrario ou inimigo preto. *Tapuia* caapora, do guarani *caapora*, habitante do mato, era o nome por que os indigenas dezignavão as tribus do interior, com quem andavão em guerra.

Tapuitapera.—Do guarani *tapera*, aldêia velha ; é o nome de um logar no Maranhão. Tapuitinga, do guarani *ty*, branco ; é o nome por que os indigenas dezignavão os colonos europeus.

Conhecida assim a etimologia do nome, e a sua aplicação nos compostos, fica evidente,que este nome era sempre dado pelos indigenas aos que não formavão o grupo em que convivião, e indistintamente aos da mesma origem e aos da raça européa. Não se deve portanto julgar, que *tapuia* era nome de nação distinta.

Taquara. — Do guarani *taquara*. Planta, de que ha varias especies ; *uçú* ou grande, *i* ou *mirim*, pequena,

pinina ou pintada, *poca* ou que estala. Taquaril, composto de *taquara*, e a dezinencia portugueza *il* é o nome, que em alguns logares de Portugal se dá á xoupana.

Tarehira. — Si é do peixe escamozo e escuro, que se trata, vem do guarani *tarey*; si é da lagartixa, vem de guarani *taragui*; este segundo termo ó só uzado no norte.
Tarehira, quando não tem que comer, come os seus parentes: adagio.

Taruma ou Taruman. — Do guarani *tarumá*, arvore de raiz medicinal.

Tatagiba. — Arvore muito conhecida por se extrahir do seu lenho tinta amaréla côr de fogo. Este nome acha-se nos autores escrito de muitos modos, porém parece-me, que se deve adotar o que indico por ser mais conforme á etimologia do guarani *tatauba*. Em alguns logares lhe dão o nome de *amoreira amaréla*. *Tatagibarana*, do guarani *rana*, parecida, é uma especie similhante á precedente, mas a madeira serve em construção civil.

Tataurana.—Do guarani *tatâûrã*; composto de *tata*, fogo, *aurana*, impigem; especie de lagarta cheia de pêlos que, roçando pela péle, cauza dôres crueis.

Teborá. — Do guarani *teborá*, massa que as abelhas crião, e ainda não é cêra. Nos autores está erradamente *temborá*.

Teiú.—É o nome guarani equivalente ao portuguez lagarto, e uzado em muitos logares, e principalmente nos compostos; como, por exemplo, *teiú açú* ou lagarto grande; *eteiúcatuca*, lagarto que range. Tambem ha uma especie de cipó chamado *teiú*, porque os lagartos se socorrem a elle, quando são mordidos por cobra; é delicadissimo, e tem um cheiro forte e enjoativo.

Tejupar.—Do guarani *teyû paba*, composto de *teû upaba*, logar de muitos, logar publico. Cabana, palhoça, ranxo pequeno.

Tendal.—Além das accepções, que traz o dicionario portuguez, este termo tem entre nós mais a de engradamento levantado do xão, por onde se estendem os braços das plantas sarmentozas, e parece-me mais uma ampliação d'aquelle termo do que derivado do guarani *tendal*, logar em que se está.

Tepeti.—Do guarani *tepeti*. Certa manga tecida de taquara, em que se mete a mandioca ralada para se espremer na prensa.

Tiquarapuan.—Do guarani *ty*, nariz, *quara*, branco, *puã*, redondo. Especie de marisco do tamanho de ovo com um grande bico no fundo, mui alvo, e lavrado por fóra como caramujo ; é bom para comer.

Tiquarauna.—Do guarani *tiquara*, marisco, *hu*, escuro. Especie da feição de caramujo pintado por fóra; outros compridos tambem pintados ; crião-se nas folhas dos mangues, e a carne é bôa para comer.

Tiê.—Do guarani *tiê*, voz onomatopica. Ave, ha duas qualidades: *juba*, do guarani *yu*, amarelo, azas verdes, bico perto ; e *piranga*, do guarani *pirá*, vermelho.

Tigioca ou Tijoca.—Do guarani *aytiyuyog*, espumar. Ponta de terra na costa do Pará, onde o mar bate e levanta muito espuma.

Tijuca.—Do guarani *tuyú*, lama. Serra proxima á cidade do Rio de Janeiro.

Tijuco.—Do guarani *tuyú*, lamaçal, lodo, lama.

Tijucopabo.—Do guarani *tuyú*, lama, *upaba*, logar de muitos. Nome de um logar na provincia de Pernambuco.

Timbó. — Do guarni *timbó*, espuma, porque esfregando-se esta planta deita espuma. No Maranhão chama-se cururú-apé. Ha mmuita confuzão na sinonimia d'esta

planta da qual só se póde sair depois de descritas e classificadas pelos botanicos. Uma especie cria-se unicamente nas matas, e é uma qualidade de cipó, que se prende ás grandes arvores, e se emprega para fabricar cestos, cassuás, e amarrar os caibros das cazas da roça; outra é um arbusto, que, colhido, pizado, e deitado n'a agua, serve para embriagar os peixes; outra, chamada *timbó capoeira*, é um pequeno arbusto com folha cinzenta e raiz venenoza; tambem serve para apanhar peixes; outra, chamada *timbó peba*, é um cipó, que serve para amarrar; outra, chamada *timbó putiana*, é um cipó, que serve para embriagar peixes; outra, chamada *timbórana*, é cipó, que serve para amarrar; outra, chamada *timbó titica*, é um cipó, que lança de si filamentos, e propria do valle do Rio branco: outra, chamada *titua*, é um arbusto, cujas raizes servem para paneiros, atar ripas, etc., esta é do Pará.

Timboatá.—Do guarani *timbó* certa planta, *ata*, que anda. É na Bahia uma planta parazita, que serve para fazer cordas.

Timborana.—Do guarani *timbó*, certa planta, *rana*, couza parecida. É uma arvore do Pará, cuja madeira emprega na construção civil.

Timbotíua.—Do guarani *timbó*, certa planta, *tiba*, logar. É o nome de um logar na provincia do Maranhão.

Tingui.—Do guarani *tingi*. Planta, que serve para embriagar peixes. Com este mesmo prestimo ha outra especie, chamada em uns logares *tingui de piranhas* e em outros *cipò de macacos*. De *tingui* e da dezinencia portugueza do infinito *ar* se fez *tinguijar*, lançar o tingui n'a agua para embriagar os peixes.

Tipioca. —Do guarani *ti*, sumo, *pi*, apertar, *a*, torcer, apertar o cozido, sacal-o deixando o caldo. É o polvilho da mandioca, que se torra de um certo modo para granular, e que serve para caldos e mingáos. Vulgarmente se diz tapioca. *Tipioca de urucu* é o sedimento ou pó que fica, quando se

prepara o urucú. *Tipiocai*, composto de *tipioca* e *i*, agua, é uma bebida fermentada, que se prepara com o suco da mandioca.

Tipirati.—Do guarani *tipirati*. Farinha crua de mandioca, cortada em rodas, sêca ao sol, e pizada ao pilão.

Tipoia.—Do guarani *tupoi*, vestido de mulher. Tira larga tecida com palha de miritizeiro; grande camiza sem mangas feita do entrecasco de certas arvores de enlaçada e estopenta fibra; o lenço a tiracolo para descansar o braço; serpentina de rede carregada por dous homens.

Tiquara.—Do guarani *aitiquâ*, summo de qualquer couza. Bebida preparada com farinha de mandioca, agua e assucar.

Tiquira.—Do guarani *tiqui*, destilar. Aguardente fabricada com a mandioca.

Toboiaras.—Do guarani *tobayâra*, competidor, contrario. Era a alcunha de uma maloca de indigenas na antiga capitania de Porto-seguro.

Tocaia.—Do guarani *tocai*. Logar, em que se espera alguem ou alguma caça. Tocaia, como equivalente de xará, é do espanhol *tocaia*. De *tocaia* e da dezinencia portugueza do infinito *ar* se fez o verbo *tocaiar*, estar á espera de alguem.

Tocandera.—Do guarani *tocandera*. Especie de formiga.

Toquedás.—Do guarani *tucânda*, plumas de tucano. Alcunha de uma moloca de indigenas, que frequentavão as margens dos rios Juruá e Jutahi na provincia do Amazonas.

Toré.—Do guarani *torê*, couza discorde, voz dezentoada; *têreropiâ*, frauta de canna. Frauta feita de taboca.

Trapixe. —Do mexicano *trapiche.* Armazem, etc.

Tucano. —Do guarani *tucâ.* Ave, que se distingue pelo enorme bico e brilhante plumagem. Das pennas do peito do tucano era feito o manto do primeiro imperador.

Tucupim. —Do guarani *tucumbaêpi,* maçamorda rala. Molho de limão com pimenta, sal e cravo, com que se aduba o acaçá; originariamente era entre os indiginas o suco da mandioca fervido, azedado, e depois adubado. *Tucupim-pixuna,* do guarani *api xu,* escuro, é quando o tucupim refervido toma uma côr escura. *Tucupiquinhapira,* do guarani *quyyi,* pimenta, *pira,* peixe, é o peixe, que se requezita com algum molho e adubado com pimenta.

Tupa. —Do guarani *tupa,* composto de *tu,* admiração, *pa,* pergunta. Nome com que dezignão Deus. *Pelo Tupa!* modo de jurar no Pará e Maranhão.

Tupaberaba. —Do guarani *tupa,* Deus, *beraba,* brilhante. Relampago. Este vocabulo só tem uzo nas aldêias de indiginas civilizados.

Tuim. —Do guarani *tui.* Passarinho verde, pés e bico, que é revolto para baixo, branco; domestica-se e aprende a falar.

Tunga. —Do guarani *tung.* É mais vulgarmente conhecido por *bixo dos pés.*

Tupé. —Do guarani *tupé.* Especie de esteira grossa com diferentes uzos.

Tutu.—Do guarani *tyty.* Quitute de feijão preto cozido com farinha de mandioca e outros temperos.

Uatapi ou Uatapú.—Do guarani *guâtapi.* Buzio dente grande, ponteagúdo no fundo, roliço, com grande bôca; era distintivo, que os principaes uapixanas uzavão trazer pendente sobre o peito; servia tambem de instrumento muzical.

Ubirajaras.—Do guarani *hui-biyâra*, frexeiro. Alcunha de uma malóca de indigenas, que frequentavão os sertões da Bahia, uzavão os cabelos da cabeça compridos, e os mais do corpo arrancados.

Ubirapiroca.—Do guarani *ibirá*, páo, *pirog*, descascar, porque descasca todos os annos. Arvore comprida, muito direita; a madeira aproveita-se para frexaes.

Ubiratinga.—Da guarani *ibirá*, páo, *ty*, branco. Arvore comprida e direita, a casca aspera, a madeira de côr açafroada tem varios uzos.

Ubirauna.—Do guarani *ibirá*, páo, *hu*, escuro. Arvore grande, a madeira é preta, muito pezada e dura de lavrar, serve para esteios.

Ubujaú. — Do guarani *ibi yaú*. Ave pequena, cabeça grande, cauda comprida, parda e muito cheia de penugem, anda de noite gritando *cuxaiguigui*; ha uma variedade mais pequena e pintada.

Uçá. — Do guarani *uçá*, contração de *guarauçá*. Especie de caranguejo pequeno dos mangues. Deu-se tambem este nome á moeda de cobre falsa.

Uiraaçu.—Do guarani, *guirá*, ave, *guaçá*, grande. É um nome, que em algumas partes dão ao gavião real.

Uiraçaba.—Do guarani *hui*, seta, *iaçá* vazo. Aljava.

Uirauna.—Do guarani *guirá*, ave, *hu* escura. Passaro preto; o canto é tido pelos supersticiozos como prezagio de dano.

Umbú. — Do guarani *umbu*. Arvore, que em poucos annos engrossa muito, e fica ôca, dá um fruto pequeno.

Alguns autores confundem este nome com o de imbú, que é outra especie.

Urú. — Do guarani *iru*. Cofo, cestinho, vazo, vazilha.

Urú.—Do guarani *uru*. Ave pequena, que anda sempre em bandos no xão.

Upanema.—Do guarani *ipané*, rio sem peixe. Nome de um rio na provincia do Rio-grande do Norte.

Urapiagara.—Do guarani *guyrá* ave, *rupiá* ovo, *guara* comedora. Especie de cobra mediana e mui ligeira, anda sempre pelas arvores salteando os passarinhos e os ninhos, de que se mantem.

Urubú.—Do guarani *urubú*. Ave carnivora, em algumas provincias chamão *corvo*; ha varias especies: *goréo*, *preto* ou *camiranga*, *tinga* ou *cinzento*, e *rei*, que é a mais formoza e rara.

Figuradamente chama-se urubú ao criado, que acompanha os enterros. *Urubús*, é o nome de uma arvore, que dá fruta roxa, e de uma especie de mandioca. *Praga de urubú não mata cavallo gordo*: adagio.

Urubúcaá.—Do guarani *urubú*, certa ave, *caá* planta. É uma planta assim chamada, por se assimilhar a folha á figura formada pelo pescoço e azas de urubú; tambem lhe dão o nome de urubugeréo.

Urubucuara.—Do guarani *urubú*, certa ave, *quara* buraco; é o nome de rios e lugares.

Uruburetama.—Do guarani *urubú*, certa ave, *tetama* lugar, onde alguem rezide ou de que é natural; nome de lugar.

Urubus.—Do guarani, *urubú*, certa ave. Alcunha de uma maloca de indigenas, que frequentavão as margens dos rios Juruá e Jutahi, na provincia de Amazonas.

Urucureá.—Do guarani *urucureá*. Dão em alguns lugares este nome á ave, que mais vulgarmente chamamos coruja.

Urupé.—Do guarani, *urupé*, agarico. Este nome é aplicado especialmente a um, que se cria nos páos pôdres, e excelente para comer.

Urupema.—Do guarani *irupema*. Peneira de palha. Antigamente dava-se este nome a umas esteiras, que em vez de venezianas tapavão as janelas e portas das cazas.

Utupeba.—Do guarani *itú*, caxoeira, *peba*, xata. Nome de uma caxoeira no rio Tieté.

Vossoroca.—Do guarani *ibi*, terra, *coroy*, romper. Barranco; este termo é sómente uzado em São-Paulo.

Vupabuçú.—Do guarani *iupaba*, lagoa, *uçú*, grande. Nome de uma lagoa em Minas-geráes.

BRAZ DA COSTA RUBIM

BIOGRAFIA(*)

DO

PADRE-MESTRE

FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

OFERECIDA

Ao Instituto Historico e Geografico do Brazil

POR

DOMINGOS JOZÉ GONÇALVES DE MAGALHAENS.

1859

(*) Vide a *Biografia de frei Francisco de Monte Alverne*, por Fernandes Pinheiro, na *Rev. Trim.* de 1870 tomo 33, p. 1ª.

BIOGRAFIA

DO

PADRE-MESTRE

FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

POR

DOMINGOS JOZE' GONÇALVES DE MAGALHAENS.

Entre a data do nascimento e a da morte de um homem illustre, ha um vasto campo de flrôes e frutos mais proficuos a quem os colhe do que a quem os cultiva; pois não ha louvores, que compensem os sacrificios d'esses verdadeiros martires da gloria das nações.

Grato é falar d'esses varões prestantes, cujos ossos conservamos como venerandas reliquias, quando tantas vezes insensiveis fomos aos tormentos de sua alma. Mas o tributo de saudade, que hoje consagro á memoria do padre mestre frei Francisco de Monte-Alverne, não é a tardia paga do avaro; pois que em vida lhe dediquei canticos de amizade e de admiração, não comprados por favores; nada tinha esse frade que dar; de nada precizava do mundo, além d'essa amizade pura, mantida pelas ideas; e jamais dei louvores a quem por virtudes os não merecesse.

Nasceu frei Francisco de Monte-Alverne na cidade do Rio de Janeiro em 1785, e na pia baptismal da freguezia da Sé recebeu o nome de Francisco Jozé de Carvalho.

O apelido de Monte-Alverne lhe foi dado no convento. Forão seus pais João Antonio da Silveira, nascido na ilha do Pico, e Anna Francisca da Conceição, natural e baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Guia, bispado do Rio de Janeiro.

Ter um filho frade, era no Brazil d'esse tempo grande honra para uma familia; por outro lado não sabião os pais, que melhor direção pudessem dar ao filho, que mostrava grande amor ao estudo.

Entrou pois frei Francisco de Monte-Alverne para o convento de Santo Antonio d'esta cidade, e tomou habito no dia 28 de Junho de 1801. Foi nomeado colegial para o estudo de São-Paulo em 7 de Abril de 1804. N'essa mesma ocazião foi eleito guardião e regente dos estudos do convento d'aquella provincia o respeitavel frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, natural de Taubaté, com quem partio o noviço Francisco de Monte-Alverne, que o teve por mestre. Esse illustre religiozo, tão considerado no seu tempo pelo seu saber e virtudes, sendo depois provincial, foi eleito bispo para Angola em 1810, dignidade que modesto renunciou, bem como o provincialato; e todo se ocupava em traduzir e commentar *La Religione dimostrata e defesa* de Alexandre Maria Tassoni, quando o assaltou a morte.

Na cidade de São-Paulo foi Francisco de Monte-Alverne ordenado de presbitero em 1808; nomeado prégador em 1810; lente de artes em 1813. Voltando ao Rio de Janeiro já com grande reputação, foi nomeado lente de prima e prégador régio em 1816; theologo da nunciatura apostolica, e examinador da meza de consciencia e ordens em 1818; guardião do convento de N. S. da Penha em 1819; secretario da provincia em 1824, e custodio da mesma no anno seguinte.

Por provizão do bispo capelão mór D. Jozé Caetano da Silva foi pedido para lente de filozofia e rethorica no seminario de São Jozé; onde tambem ensinava filozofia frei Antonio Rodovalho, seu mestre, e eloquencia sagrada o orador frei Francisco de São-Carlos, que se immortalizou com o seu poema da Assumpção da Santa Virgem, hoje mais afamado que lido.

Era Francisco de Monte-Alverne de alta estatura; de uma organização forte, musculoza e seca, curvava-se um pouco para diante,quando caminhava,porque,bastante miope desde a sua juventude, procurava vêr onde punha os pés; fóra d'isso mantinha-se direito, com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, palido e severo; o que tão bem se moldura no negro capuz do cenobita; muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabelos, tanto pelo começo da calvice, como pelo circilio, e que negros tinhão sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem dezenhados os olhos, em que se exprimia o entuziasmo pela força do olhar, e dilatação das palpebras. Os supercilios contrahidos sempre pelo habito da meditação, e não menos por esse esforço, que fazem os miopes para vêr, formavão um profundo rego de alto a baixo sobre a raiz do nariz, que longo e direito se elevava, descrevendo com a linha da baze um angulo ligeiramente obtuzo. A boca, ou antes os labios mui contorneados e moveis devião ter sido de uma fórma grega, e exprimião, quando parados, desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos e monotonia da vida.

Posto que grave de costumes, de caracter, e de aspecto, era muito expansivo; sua sensibilidade moral muito exaltada. Aplaudia com tranportes o bello e o sublime em todas as couzas e do mesmo modo se indignava de tudo o que lhe parecia reprehensivel.

Existe d'elle um retrato parecedissimo, feito em 1830,pelo nosso commun amigo o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, a quem coube o triste dever de acompanhar o nosso mestre á sepultura, e dizer-lhe o ultimo adeus com palavras dolorozas, proferidas ante o seu cadaver.

A voz de Francisco de Monte-Alverne era fórte,prolongada, flexivel, cavernoza,e um tanto aspera, o que n'elle porém não era defeito, antes lhe augmentava a energia, e dava-lhe uma vibração metalica que retenia no mais vasto templo, e perfeitamente se ouvia nos corredores lateraes. Declamava com muita enfaze, como quem tão fortemente sentia o que dizia, acentuando todas as silabas, que ecoavão de modo tal que uma só se não perdia.

Seus movimentos, cuidadozamente estudados, erão sempre precizos, largos e magestozos; e tão sublime dominava

o pulpito, que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se póde imaginar mais perfeito modelo de orador sagrado.

Tantos annos foi mestre no pulpito; onde estão os discipulos? O genio é raro; e mesmo para imital-o necessario é algum talento, o que tambem é escasso. Os mestres dezenvolvem, e aperfeiçoão as faculdades, que existem, mas não as crião. Feliz d'aquelle que do céo as recebeu.

Os seus sermões impressos em trez volumes, onde brilhão todos os dotes de um espirito elevado, e enriquecido por varios e profundos estudos, sempre surgidos de não vulgar eloquencia, mas nem sempre modelos de castiça linguagem, que elle ás vezes sacrificava á novidade da fraze, ahi estão para dar testimunho da força da sua grande inteligencia. Vastidão de doutrina, elevação de pensamentos, imagens sublimes, elocução brilhante; tudo achareis n'esses monumentos escritos, que nos ficárão. Mas quem no futuro poderá imaginar a vida, que lhes dava essa voz prodigioza do gigante do pulpito?

Eu assisti aos seus mais bellos triunfos, ouvi essa oração funebre recitada na igreja da Ajuda, por ocazião das exequias da primeira imperatriz do Brazil, D. Leopoldina, de tão grata memoria: oração que não cede em sublimidade ás mais gabadas de Bossuet. Prezente estava toda a côrte, e debaixo do docel luxuozo, Pedro Primeiro, o imperador viuvo, não ocultava as suas lagrimas. E quando ouvio aquella voz tremenda do orador retumbar como uma caverna: « Deus esmaga nas barreiras do tumulo todos esses gigantes da terra » (*) o imperador curvou a cabeça, levou a dextra aos olhos, e os cortezãos, que as tinhão baixas, erguerão os olhos ao orador, como pasmados do seu arrojo.

Ouvi essa oração de graças pelo anniversario do juramento da Constituição do Imperio, pregada na igreja de São Francisco de Paula, no dia 25 de Março de 1831, 13 dias antes da abdicação de Pedro Primeiro, que inesperado

---

(*) Cito de memoria, pois não tenho aqui as obras de frei Francisco de Monte-Alverne, e por isso não as analizo, nem me alongo em citações.

veio assistir ao *Te-Deum*, mandado celebrar n'esse dia pelos habitantes do Rio de Janeiro, como manifestação dos seus sentimentos constitucionaes, contra as tendencias do governo, que então se acuzava de idéas retrogadas. Ouvi-o n'esse dia, o seu mais bello dia, em que o coração do patriota, reunindo o entuziasmo de tantos corações, se expandia mais que nunca na voz formidavel do orador; e não creio, que voz de nenhum profeta possa abalar mais fortemente o coração das turbas. Lagrimas arrancadas pela commoção saltárão de todos os olhos, quando, falando da liberdade, exclamou: « D'esta liberdade que não aqueceu os ossos de nossos pais! » Era precizo vel-o e ouvil-o; era precizo sentir esse tremor electrico do entuziasmo, que sacudia todas as fibras do auditorio, para se ter idéa do que póde um orador.

Essa voz estava quazi extinta, quando, depois de longos annos de repouzo imposto por infermidades, o virão reaparecer em 1855, já cégo, para tecer o panegirico de São Pedro de Alcantara, n'esse mesmo pulpito que outr'ora tremia debaixo do pezo do colosso da palavra. Elle ahi reapareceu como uma sombra do que fôra, evocada pelo Imperador D. Pedro Segundo, que dezejou ouvil-o; e essa sombra ainda trovejava, e desparava raios de luz, que enchêrão de admiração aos que não tinhão visto e ouvido o orador em melhor quadra.

Nem considero por pouca ventura o tel-o ouvido e conhecido de perto n'essa época, em que os Brazileiros recem-surgidos do estado colonial; cheios de esperanças no futuro, tinhão mais veneração aos seus homens illustres, mais dedicação pura ás letras, mais candura na alma, e menos amor ao ganho, que hoje corrompe os corações ainda jovens, e lhes inspira tedio e desgosto ao bello e ao justo que não fundem dinheiro; unica mira dos tão decantados interesses materiaes, que nos vão materializando o gosto, e petrificando a consciencia. Em todos os tempos cuidavão os homens d'esses interesses; mas nunca os convertêrão em principio regulador dos deveres do homem como agora.

Nascido, como elle, n'esta mesma cidade, que se ufana de ser patria de mais trez grandes oradores sagrados, os padres Souza Caldas, Francisco de São Carlos e Francisco

Sampaio, que quazi contemporaneos, florecerão, desde os meus mais ternos annos o conheci como orador, e nas festas em que pregava frei Francisco Monte-Alverne, no meio sempre de immenso concurso de admiradores da sua eloquencia, jamais deixava eu de estar prezente, bem colocado com antecedencia para não perder um só dos seus movimentos tão expressivos, tão energicos, como nunca vi, nem mais verei em outro. Mas só o tratei de perto desde que, por ocazião de dar-se á sepultura o corpo do orador frei Francisco Sampaio, que faleceu em 13 de Setembro de 1830, chorando, recitei uma elegia, que corre impressa no primeiro volume de poezias, que publiquei. Frei Francisco de Monte-Alverne. com as lagrimas nos olhos, veio a mim, e abraçando-me, disse: Menino, (seja-me permetido aqui repetir as primeiras palavras que elle me dirigio) Menino, em outro tempo eu vos convidaria a vir n'esta communidade tomar o logar, que fica vago; hoje porém melhor destino espera o talento. Mundo por mundo, melhor é o grande para quem tão moço sabe chorar, e fazer chorar por um frade. »

Parece, que aquella alma tinha penetrado o segredo do meu coração. Todas as minhas tendencias erão então para a vida claustral, que eu reprezentava como a elevação do espirito, a tranquilidade da existencia, o retiro do mundo, o desprezo das vaidades humanas, e o melhor caminho do pulpito, que me fascinava. Mas em contrario menifestou-se o destino pela opozição de meu pai, a quem não dezejava dezobedecer e dezagradar; e o que é mais, pelos conselhos de frei Francisco de Monte-Alverne. « A vida do claustro (dizia-me elle) sinão é o consorcio instinctivo com a humildade, é um martirio sem merito; porque não ha entuziasmo que lento sustente por uma vida inteira o sacrificio forçado das mais imperiozas paixões humanas. »

Não sei, si deva hoje agradecer esses conselhos; que ignoro, si teria sofrido e chorado menos entre os estreitos muros de um clastro, que por este vasto mundo, em que me traz errante o destino, deixando o pensamento repartido por tantos cemiterios.

Nossas relações mais se estreitarão, depois que, em 1832, alistei-me como alumno ouvinte na sua aula de filozofia, no seminario de São-Jozé, onde elle então rezidia.

E pois me leva a memoria a esse tempo feliz da juventude, de tão grata lembrança no declinar da vida, em que se vão apagando as illuzões sonhadas na manhan da existencia, como um resto de luz no crepusculo da tarde, recordarei aqui um facto, em que se pinta o caracter do homem, cuja perda choramos.

Nos ultimos mezes d'esse anno escolar organizárão os discipulos de frei Francisco de Monte-Alverne uma pequena sociedade com o fim de se prepararem para os exames e defeza das concluzões. Solenidade de aparato, que infelizmente cahio em desuzo, e em que por honra da escola os discipulos mais provectos sustentavão em publico algumas thezes escriptas, que se distribuião pelos assistentes : sendo convidados para objectar n'essa ocazião os mestres da sciencia e homens de reconhecido saber. Esse uzo, que deviamos ter conservado, e que bom fôra se restaurasse, tinha a vantagem de animar o zelo do professor, e estimular a aplicação dos discipulos e chamar a atenção publica sobre a importancia da sciencia fundamental.

Para prezidir a esses actos, com a obrigação de sustentar a doutrina da aula, quando fraqueassem os defendentes, escolherão-me os escolares de frei Francisco de Monte-Alverne, os quaes alternativamente se dividião em arguentes e defendentes. Soube d'isso o lente, e veio assistir aos nossos modestos exercicios.

Na primeira das nossas sessões publicas, inesperado aprezentou-se elle. Desci logo da catedra, e pedi-lhe, que tomasse o posto, que na sua auzencia eu ouzava profanar. Recuzou com bôas palavras, e, obrigando-me a voltar á cadeira, si o querião ali prezente, tomou assento entre os ouvintes.

Com o intuito de animar-nos, pedio licença para aprezentar algumas objeções; e como o estudante a quem se dirigia, intimidado talvez pela palavra do mestre, nada pudesse responder, cumpria-me ir em seu socorro.

Travou-se o dialogo entre nós ; e no calor da argumentação, elle e eu nos inflammamos : eu animado, porque sustentava a sua theoria, que me parecia a melhor ; e elle, porque não dezejava ser vencedor, e recuava talvez para ser vencido por um joven de 20 annos. Não que pueril vaidade

o estimulasse ; mas porque, conhecendo por longa experiencia quanto os moços aplaudem e exagerão o efemero triunfo de um dos seus contra os provectos em saber e annos, temia sacrificar a dignidade de mestre, parecendo realmente vencido, si por delicadeza cedesse, quando então catedratico me exprimia.

E como me apertasse cada vez mais com poderozos argumentos, e eu percebesse, que se regozijavão os discipulos da minha rezistencia, moderando a voz lhe disse : Si esta cadeira se achasse agora ocupada por meu mestre, todos esses argumentos dezaparecerião como um fumo: mas temo verificar a fabula de Faetonte, tomando a direção do carro do Sol. Ao que prontamente replicava elle: « O coração do mestre se regozija de um tal alumno, e eu não sei o que mais admire, si a intelligencia, ou a modestia do discipulo, que tão digno se mostra de ser mestre. »

Descendo eu logo da catedra, e pedindo-lhe me desculpasse o ter tão mal sustentado a sua doutrina, em alta voz respondeu : « Si assim a sustentassem todos, deixaria eu de ensinar. »

Posto que exagerada fôsse essa prova da sua modestia, ella realçava o caracter do sabio, que conscio da inferioridade do seu contendor, o arguia aos olhos de todos ; e só por isso refiro este facto.

Entretanto passava frei Francisco de Monte Alverne por muito orgulhozo, porque de ordinario confundem a gravidade do homem superior, que repele os desdens das almas vulgares, com essa fofa vaidade das criaturas mediocres, indignamente elevadas pelas circunstancias, ou talvez ainda porque, habituado ao entuziasmo e aos triunfos dos seus exercicios oratorios, não se amoldava a esse falar afectado, e a esses gestos fagueiros, o mais das vezes fingidos, que só se adquirem no trato commun dos homens, em cujo atrito se brunem e gastão os caracteres.

O orgulho no homem de genio é muitas vezes o entuziasmo, que os anima, é a manifestação exterior de uma consciencia, que se aplaude por haver bem merecido.

Parla! exclamou Miguel Angelo, dando a ultima pancada de martelo na sua soberba estatua de Moizés.

Por esse nobre orgulho do genio ofendido por mal apreciado, diz o epico portuguez falando ao rei:

> Nem me falta da vida honesto estudo,
> Com longa experiencia misturado;
> Nem sciencia; o que aqui vereis prezente,
> Couzas que juntas se achão raramente.

A este respeito vem-me á lembrança um facto ocorrido entre frei Francisco de Monte-Alverne e frei Francisco Sampaio.

Aspirava este a um bispado, que lhe tinha sido prometido por quem então entre nós o podia dar; e que elle merecia pelo seu talento, e pelos serviços, que com a penna prestára na época da nossa independencia, como redactor do *Diario Official.* Eis que, já nos ultimos annos da sua vida, esperando sempre a primeira vaga, vio com pasmo e grande dôr dada a mitra, que esperava, a um padre de pouca consideração, que illicitamente a obtivera por intermedio de uma mulher então celebre.

Dias depois foi o imperador Pedro Primeiro assistir a uma festividade no convento de Santo Antonio. Pertencia o pregar n'essa solemnidade ao padre mestre frei Francisco Sampaio, como o mais antigo e graduado dos oradores; e igualmente lhe pertencia a honra de servir ao monarca no jantar, que depois da festa lhe davão os religiozos.

Pregou frei Francisco Sampaio com aquella fluida e encantadora eloquencia, que lhe era tão natural e espontanea, que, ao ouvil-o assim improvizar com tanta segurança e belleza, diceras, que repetia estudado discurso.

Com dificuldade desceu do pulpito, que já então lhe pezava o volumozo corpo, não pelo gravitar dos annos, sinão pelo rheumatismo, que lhe tolhia os membros. Não obstante querendo talvez com a sua prezença e humildade de pretendente queixozo tocar o coração do soberano e dos ministros, que não atendêrão ao seu merito, coxeando sahío do seu cubiculo contiguo á sala, em que armada estava a meza, e ia collocar-se atraz do Imperador, quando frei Francisco de Monte-Alverne indignado, indo a elle e travando-lhe o braço, lhe bradou:

« Padre-Mestre ! não se vá rebaixar. Quer, que tomem a sua humildade por vileza de alma, que se não resente da injuria recebida? »

E frei Francisco Sampaio, obedecendo áquella vóz sublime, só lhe respondeu: « Tem razão; a minha auzencia será mais eloquente. » E ambos se recolhêrão á mesma cella.

Bem diversos erão os caracteres como as fizionomias d'esses dous grandes oradores. A sublimidade dos pensamentos de frei Francisco de Monte-Alverne estava esculpida como pelo cinzel de Miguel Angelo na dura severidade do seu macerado rosto: a imaginação rizonha de frei Francisco Sampaio transluzia na expansão das suas faces animadas com a frescura do colorido de Rubens. A voz de frei Francisco de Monte-Alverne trovejava; a de frei Francisco Sampaio trinava como um doce gorgeio. Em um tudo era força; no outro tudo graça. O primeiro era mais douto; o segundo mais erudito. Porém, ao ouvil-os ambos, dificil era dar a preferencia; porque si um arrebatava, o outro encantava.

Em filozofia tinha Francisco de Monte-Alverne vasta leitura, e professava um ecletismo, que nada tinha de original: e não me consta deixasse trabalho algum n'essa sciencia, que lhe possa dar mais gloria que as suas orações sagradas.

Como lente de filozofia, devendo ensinar a moços apenas sahidos dos bancos das aulas de latim, seguia os compendios de Antonio Genuense, cuja deficiencia supria com apostilas manuscritas, que dava a copiar aos discipulos; e nas preleções mostrava-se conhecedor profundo da sciencia. E como sempre orava, mesmo conversando, erão o suas lições ouvidas com algum proveito. Tanto por esse dom de bem falar, que é sempre manifestação de feliz inteligencia, como pela doutrina que ensinava, não tinha elle rival como professor; pois bem inferiores lhe erão o beneditino Policarpo de Santa-Gertrudes, e o conego Januario da Cunha Barboza, seus contemporaneos.

O primeiro, grave de caracter e de aspecto, frio ao falar, não passava do sensualismo de Condillac, com alguns commentarios de Cabanis e de Tracy, que erão os seus oraculos em filozofia. O segundo, todo dado á politica, á polemica

dos diarios, ao pulpito, e ás sociedades literarias, que elle animava com sua prezença magestoza, autoridade de seu nome, seus discursos e maneiras sempre afaveis, pouco cuidava da sua cadeira de filozofia.

Nem por isso o censuramos, que necessario fôra todo esse entuziasmo de frei Fraucisco de Monte-Alverne, todo esse fogo no meio do gelo, que o rodeava, para tomar em serio o ensino da sciencia a poucos jovens dezatentos, que frequentão as aulas para adquirirem direito a simples formalidade de um exame por ponto, e para o qual se habilitão nas vesperas com empenhos.

Reuna-se a isto o modo porque erão, e ainda são remunerados entre nós os professores publicos; que todos necessitão recorer a outros meios de subsistencia. O que me me faz lembrar o graciozo dito de um celebre professor da Bahia, (*) prezidindo aos exames dos seus discipulos. Era o Marquez de Barbacena um dos examinadores, e querendo fazer mostra do seu saber, propozera uma questão, a que o examinando não sabia responder.

Senhor, (disse-lhe o professor com aquella sua sarcastica humildade) eu ensino aqui geometria de quatrocentos mil reis; e V. Ex. está perguntando geometria de um conto e duzentos.

O estoico Francisco de Monte-Alverne, a quem bastava o habito, o cubiculo e a parca ração do convento, não experimentava as necessidades da vida secular; e dava inteiro dezafogo á sua alma sublime, cultivando as sciencias moraes e filozoficas, e exercendo a oratoria no pulpito e na cadeira, unica ocupação da sua vida, da qual o arrancou a cegueira, que o sepultou na tristeza vinte annos antes que a morte lhe resgatasse a alma dos tormentos do corpo, no dia 3 de Dezembro de 1858, tendo sido no dia antecedente acommetido de uma congestão cerebral, em São-Domingos, onde se achava.

Na noite do dia 2, tão festejado por todos os Brazileiros, tendo eu assistido ao jantar, que dera o nosso ministro em Pariz, para celebrar o anniversario natalicio do nosso

(*) O Dr. Antonio Ferreira França.

augusto soberano, debaixo talvez da influencia da conversação, que após tivemos, sobre as graças provaveis, que se farião n'esse dia de satisfação para os lembrados, de malogradas esperanças para os esquecidos, sonhava eu, que Francisco de Monte-Alverne tinha sido nomeado bispo, talvez no momento mesmo em que sua alma agonizante visse algum mensageiro celeste trazer-lhe a palma do martirio da vida. Mas si em vida faltou-lhe esse titulo para gloria da nossa igreja, teve as honras depois de morto.

Foi seu corpo embalsamado, como os dos principes da terra, e transportado de São-Domingos para o Rio de Janeiro na galeota imperial, e da praia ao convento nos côxes do paço; celebradas as suas exeqias á custa do imperador, que assim lhe fez os ultimos obzequios, em signal do muito, que em vida o estimára e prezára.

A vida de frei Francisco de Monte-Alverne, que se estendeu a 74 annos, foi a de um religiozo literato e exemplar, que nunca se envolveu nas questões politicas, que agitárão os homens do seu tempo; não por indiferença, mas por dignidade do habito, que sempre respeitou. Sua arena era o pulpito e a cadeira. «Sou frade (dizia elle muitas vezes) e frade morrerei». E esse frade é uma das glorias do Brazil!

Assim entre os humildes da sociedade, entre os pequenos do mundo, nascem, ás vezes, os grandes da posteridade, e orgulho das nações.

PANORAMA DO SUL DE MINAS

PELO

DR. JOZÉ FRANKLIN DA SILVA

Socio do Instituto Historico e Geografico.

§ 1

OBSERVAÇÃO GERAL

O sul de Minas, admirado pelo filho do velho mundo em razão dos quadros mais poeticos, e arrebatadores com que esse deliciozo Eden brazileiro ostenta-se debaixo dos tropicos, o sul de Minas, cujos espaçozos vales, e gigantescas montanhas, sempre pejadas de diamantes, ametistas, agatas, e granadas, recreiando a vista, assombrando a imaginação, essas eminencias da terra que desde de suas fraldas até soberbos pincaros entarjão no coração humano a sabedoria, e poder do Eterno no dia da creação de nosso planeta, o sul de Minas é o mais rico painel, que a natureza prodigalizou ao paiz dos tropicos.

Quem no Brazil não admira essas nossas campinas esmaltadas das mais lindas e variadas flôres, esse jardim natural que a desdem todos annos se reproduz cheio de tantos primores!! Quem não admira esses fecundissimos campos e florestas, que com fartura nutrem a milhares de povos, crião manadas sempre vigorozas d'esse gado, que, transpondo a Mantiqueira, vai abastecer o mercado da capital do Imperio!! Quem é capaz de calcar aos pés o solo mineiro com indiferença, que admirado não volva-se para contemplar a cascata de um rio, que embravecido despenha-se de um roxedo matizado de um tapete virente e poetico!!!

A natureza fizica do sul de Minas aprezenta um quadro d'essa Suissa osculando a orla dos gelados Alpes, reclinada ás cristalinas aguas do Rheno.

É impossivel, que esse clima da Italia, esses montes, e campos que tanto alegrão a vista na amplidão e matizes do horizonte, não fale ao coração humano.

É impossivel, que essa flóra mineira cortejada de um infinito numero de brilhantes insectos, de que o mais afamado gabinete zoologico não possue collecções da milezima parte, e d'essas aves de vivas e brilhantes plumagens, não chame um minuto de atenção aos olhos, que rapidos depárão com estes quadros da natureza!!

A provincia de Minas é a gigante dos tezouros, e preciozidades naturaes, mas existe tudo votado á região do esquecimento: e para conhecermos qual o gráo de importancia, que ella possue nas sciencias fizicas, ahi estão Augusto de Saint-Hilaire, Sellow, Carlos de Martius, e o Mineiro Ildefonso: Minas, que em seu seio recolhe summa preciozidade de metaes, quando seus rios e montanhas estão cheios d'essas pedras de alto valor, algum dia ocupará o logar distinto, que lhe compete; mas será quando o tempo e a necessidade demonstrarem aos vindouros, que Minas póde subsistir sem recurso algum de fora, que a riqueza, agricultura, industria e artes são proprias para a lançar no zenit do progresso, porque em fim a sua natureza fizica de mãos dadas com o genio de seus filhos assim prometem. Esperemos: o futuro corroborará isto.

§ 2

ESTUDOS OROGRAFICOS

A parte do Brazil mais notavel, pelo sistema montanhozo, é inegavel, que é a provincia de Minas, e principalmente ao sul. As montanhas do sul de Minas são todas ellas ou na Mantiqueira, ou em suas ramificações primarias, e secundarias. Uma observação, que muitas pessoas terão feito, é, que na direção de uma serra, no ponto onde ella faz um angulo, ou quebra sua direção, este nucleo é sempre um ponto notavel acima do nivel do mar, e no sul de Minas ha varias cordilheiras, que confirmão esta observação.

A cordilheira da Mantiqueira, vindo do norte de Minas na lat. de 22°. 30' e 1°. 30' de long. ocid. do meridiano do

Rio de Janeiro, faz um angulo para oeste, e vai procurar as margens do Rio-pardo em Jaguarí: o nucleo d'este angulo é o ponto mais elevado do Brazil.

Ao sul da Soledade do Itajubá ella afasta-se mais 10°. para o sul, em relação ao ponto situado na lat. de 22°. 30', e lança uma ramificação poderoza para o norte: este ponto, que deparei na obra dos Srs. H. Chauchard e A. Muntz, comprehendido na lat. de 22°., fica acima de 22°. 43', e é o segundo ponto mais culminante do Brazil. Passando nós um golpe de vista sobre a Mantiqueira e suas ramificações rapidamente, vamos estudar a sua direção e altitude.

No sul de Minas ella vem surgindo nas margens do Rio-pardo, mas não é uma pequena interrupção, ou extenso vale, que este rio atravessa, que é motivo para a Mantiqueira perder o nome, como muitos querem; a observação constante é, que, vindo ella da provincia de São-Paulo, a serra da Canna-verde com todos seus galhos para oeste e noróeste constitue ramificações da Mantiqueira, que, tomando a direção regular para norte, é a mesma corda de montes, que atravessa a Ventania, e fazendo ahi um angulo quazi recto, procura Passos e Jacuhi. Assim pois o rio São-João nasce em um ramo da Mantiqueira. A serra de Caldas, que aprezenta um pico piramidal, e que deve ter uma altura notavel acima do nivel do mar, esta serra lançando galhos, que procurão as margens do Sapucahi, fórma um sistema de serras, que são ramificações secundarias e terciarias da Mantiqueira, cuja origem é em Jaguari. Entre Jaguari, e São-Bento do Sapucahi-mirim a Mantiqueira aprezenta um ponto notavel, que deve atingir de 5 a 6 mil palmos acima do nivel do mar.

Um outro angulo fórma a Mantiqueira em São-Bento, afastado 15°. ao sul do pico dos Orgãos em Itajubá, e aqui existe o pico do Bahú em uma altura média de 7 mil palmos acima do nivel do mar.

Entre o pico do Bahú e pico dos Orgãos a Mantiqueira reveste-se de um planalto de 3 leguas de diametro e 5 de extenção longitudinal. As serras do Monte-Sião, Pouzo d'Anta, Serra do Soares, e todos os galhos, que seguem o Sapucahi-mirim e vão estendendo-se até Sant'Anna, desprendem-se entre Jaguari e pico do Bahú em maior escala.

A Mantiqueira entre Orgãos, e o Itatiaia, que é o ponto mais elevado do Brazil, aprezenta um sistema de ramificações as mais altivas e soberbas; além dos pontos da Lapa e Jardim, que são muito salientes no alto d'esta cordilheira, temos a serra de São-Francisco, que partindo dos Orgãos procura o Itajubá, e a serra da Bocaina, que começa no Passa-quatro, domina uma vasta extenção de terreno, ramificando-se para o Carmo, Lambari, Capituba, e Vintem.

É a ramificação da Mantiqueira mais elevada, que existe no sul de Minas; a oeste da Christina ella faz um angulo para dar origem ao Despropozito e Criminozos; o nucleo é o sitio do Monte, ponto culminante e notavel; os seus ramos, os quaes procurão as margens do Lourenço-velho, aprezentão os cumes do Pedrão e Maria da fé, pontos bem elevados. Em Santa-Catarina temos a Pedra-branca em outra quebrada, que esta ramificação faz; é a Pedra-branca um ponto notavel do Brazil.

Do Itatiaia partem muitas cordilheiras para o norte, como sejão as serras da Lage, que é um ramo do Monte-bello, cuja abertura do angulo é um segundo terreno de montanhas secundarias.

Os ramos, que vêem do Itatiaia são: Santo Antonio, Monte-bello, Guapiara, Parrecida, Francez, Papagaio, Gamarra e Lage, pontos notaveis; o Xapéo, Papagaio, Pedra do Bispo, Parrecida, altitudes mais consideraveis que o Itambé, e Itacolumi: e convêm notar, que a excepção do Xapéo os mais pontos existem nos angulos, que estas serras fazem para oeste.

Á leste da Aiuruoca existem os picos dos Trez-irmãos, que tambem são muito elevados; fazem parte da Mantiqueira.

A cordilheira da Mantiqueira entre a lat. 22°. 30' e 22°. aprezenta as seguintes eminencias: Pedra-solada, Altos da Bocaina, Mira, e pico da Jacotinga; a ramificação notavel, que ella lança para noroeste, é a serra do Bom-jardim. Ao norte do Turvo, no municipio da Aiuruóca, os picos dos Dous-irmãos existem situados: tambem devem ter uma latitude notavel

A serra do Maribondo, e São-Thomé das Letras, separada d'aquella outra pela passagem do Rio-verde, existem ligadas á serrania da Mantiqueira em Pouzo-alto; assim

pois as Luminarias, São-João Nepomuceno, Dôres da Bôa-esperança, onde ha um cume bem saliente, é um só correr de serras, que se ramifica para o Rio-verde ao sul, e Rio-grande ao norte : a serra do Paiol, onde ao oeste assoma-se o pico da Taituba, faz um angulo para norte, depois para leste, e une-se com a Lavrinha ; é separada da corda, que vem do sul em São-Thomé pela passagem do Angahi.

Em São-João d'El-rei, temos a serra do Lenheiro, e além do Rio das Mortes a serra de São-Jozé e Prados, que fórmão um mesmo sistema : passando pela Ressaca, unida á corda, que tem o nome de Camapuan, segue sua derrota para Oliveira, Formiga, e Piumhi; esta e bem assim a serra do Ouro-branco são ramificações da Mantiqueira para oeste. Na serra do Ouro-branco o ponto mais alto é o morro de Deus-te-livre. A serras, que passão por Santo-Antonio do Amparo, e as que procurão Campo-bello, são ramos d'este extenso galho da Mantiqueira : logo é claro, que no sul de Minas todas estas serras, que mais ou menos ramificão-se para diferentes pontos, são todas ellas filhas da cordilheira central, a Mantiqueira. Todavia ha alguns montes izolados, taes como o Bôa-vista e Caxambú, que izoladamente levantão-se em uma planicie.

Até aqui descrevi o que a nossa carta reprezenta; e embora uma pequena parte da provincia do Rio tambem esteja traçada, nada direi sobre os ramos da Mantiqueira para a provincia do Rio, em razão de faltarem-me certas observações.

§ 3

ALTITUDES

Tendo levantado a carta topografica do sul de Minas, apezar do trabalho não ser satisfatorio, todavia julguei conveniente aprezentar aqui uma taboa das altitudes acima do nivel do mar, que não só eu medi, como tambem colligi de varias autoridades ; e em meu fraco entender sou de opinião, que todos os mapas devem trazer estas altitudes.

ALTURAS EXPRESSAS EM PALMOS

Pico de Itatiaia	14.515
Pico dos Orgãos	10.950

Papagaio	10.500
Itacolumi	8.550
Pico do Parrecida	8.243
Bocaina	7.693
Livramento	6.985
Registro da Bocaina, margem do Rio-preto	6.000
Serra do Itajubá	5.940
Cabeceiras de São-Francisco	5.651
Itatiaia de Ouro-preto	5.646
Aiuruóca	5.557
Serranos (ponte)	5.546
Serra do Ouro-branco	5.247
Ouro-preto	5.235
São-Vicente da Aiuruóca	5.146
Barbacena	4.890
Ouro-branco	4.759
Rio do Peixe (cabeceiras)	4.519
Campo-bello	4.429
Mantiqueira em Jaguari	4.385
Jaguari	4.375
Bôa-vista de Quatis	4.336
Passagem do Angahi	4.264
São-Joaquim da Barra-mansa (Rio de Janeiro)	4.168
Campanha	4.153
Camanducaia	4.153
Retiro (passagem do Rio-grande)	4.153
Lambari	4.150
Camapuan	4.133
São-Roque	4.091
Oliveira	3.994
Rio-verde (passagem)	3.904
Congonhas (margem do Paraupeba	3.876
Cambuhi	3.806
Pouzo-alegre	3.664
Confluencia do Mandu	3.655
Bôa-vista de Itajubá	3.634
São-Vicente da Aldêia (Rio de Janeiro)	3.47[illegible]
Lavras	3.42[illegible]
Tamanduá	3.405
Conceição	3.066

Brumado	3.049
Serra da Canastra	3.150
Formiga	2.914
Santa-Rita	2.888
São-Caetano	2.857
Rozario dos Quatis (provincia do Rio)	1.997

OBSERVAÇÃO

Todos os pontos indicados com o signal == == fôrão medidos por mim; os mais colligidos são das obras de Chauchard, Balbi, e almanacs. (*)

A habitação rural mais alta do Imperio, que existe, é a do Sr. capitão Paula Ramos nas vertentes do Itatiaia para o Parahiba.

As povoações mais elevadas são as seguintes: Bocaina, Livramento, Alagôa, Picú, e Capivari.

§ 4.

ESTUDOS GEOLOGICOS E MINERALOGICOS.

O espirito de observação, filha da curiozidade, é quem nos tem guiado através dos terrenos do sul de Minas, para tactearmos em sua constituição fizica, em razão de reconhecermos a mesquinha orbita, que nossa inteligencia traça: assim pois emprehender escrever um trabalho digno do publico não cabe em nossas debeis forças, porém para aventurar algumas idéas geogenicas, e esboçar o quadro da riqueza mineral, tomando por meta observações locaes, rapidamente percorreremos o sul de Minas.

A Mantiqueira, desde o pico do Bahú até Jaguari, aprezenta cadeias graniticas, com gneis em sua baze do norte, na ramificação que faz para Caldas; o granito domina na Pedra-branca, e ha ao oeste abundancia de calcareos, e o magnete.

O terreno igneo em Caldas traz caracteres muito salientes; não ha muitos annos, que uma fonte calida brotou

(*) No original não estava indicado o signal.

N. da R.

do seio da terra, depois de uma oscilação, e tremor do terreno sulfurozo abundante em pirites. O terreno comprehendido em Pouzo-alegre e Caldas é muito abundante em veios auriferos, e por toda parte obsérvão-se as camadas de quartzo revolvidas pela mineração. Entre o Bahú e Orgãos ficão as cabeceiras do Sapucahi; no planalto, que descrevemos, abundão em camadas o quartzito, feldespato, e róxas schistozas.

A turfa segue as margens do São-Bernardo e outros logares pantanozos, e avança em camadas, para o centro, de coliras, tendo ou dos lados, ou em estado sobreposto, camadas de ocres, e o barro denominado tabatinga. Nas vertentes d'este planalto depara-se com o granito esverdinhado, alternando com o sienito e gneiss na baze. O quartzo, e o silex, desde a Candelaria, seguindo a Vargem-grande, alternão-se com estas róxas na fralda do norte.

No logar denominado Arêias o granito vai estendendo-se pelos cumes montanhozos até as margens do Sapucahi; as serras do Monte-Sião, e Pouzo d'Anta oferecem fenomenos analogos.

No desdobrado da Mantiqueira ao sul, no distrito de São-Bento, consta ter aparecido uma substancia como o sulfato de cal.

As margens do Sapucahi, desde o Itajubá até sua confluencia no Rio-grande, são terrenos de aluvião moderno; geralmente estas margens são compostas de turfa composta de tissu esponjozo, fragmentos vegetaes de madeiras, muita terra detritica e argila, e logares pantanozos, cobertos de plantas aquaticas, revestem esta aluvião.

A mesma couza encontramos nas margens do Lourenço-velho. O terreno calcareo abunda no Sapucahi abaixo, e suas róxas compactas e semi-azuladas são analogas aos dos terrenos calcareos da Formiga. No municipio da Campanha, e mesmo alem do Sapucahi, o quartzo e o silex dominão em abundancia; grupos de ametistas têem sido encontrados em suas lavras e veios auriferos muito communs.

Em Itajubá o ouro não é muito espalhado, e sim na Soledade, pois os terrenos de alta cristalização só deparão-se nas altas montanhas.

Todavia uma couza devemos notar, e é, que os terrenos do

sul de Minas mais prestaveis para a agricultura, e onde ha uma vegetação espantoza, são os que existem situados desde o Itajubá até adiante de Jaguari, em razão do humus abundar em pouco silex, e aprezentar o calcareo, a turfa, e argila em abundancia.

A cordilheira da Bocaina oferece uma serie de grupos graniticos dispostos em zigzag em suas altas cadeias; no sitio do Monte, que pertence a este mesmo sistema de serras, ha granitos azulados com veios de quartzo dispostos em ordem simetrica, formando na superficie das róxas paralelogramos e rombos; e a mica não é muito vulgar n'esta serra e nem nos seus terrenos secundarios. Nas fraldas e gargantas da Bocaina observa-se silex negro, e camadas de quartzo.

A serra do Despropozito ao norte da Christina oferece altos cumes de granitos e abunda em pedras ametistas.

Uma zona de quartzo, confundido com alguma tormalina, feldespato, e outras róxas primitivas, parte do Pouzo alto, atravessa a baze da Bocaina, villa Christina, Capitubá, e Campanha, e vai fenecer no Sapucahi. Uma singularidade, que aprezenta, é a seguinte:—conserva a mesma altitude a cima do nivel do mar, tocando a 4.153 palmos; de sorte que n'estes logares, assim que o barometro indicava a altura de 4.153 palmos pouco mais ou menos, embora fôsse no pendor de uma montanha, eu via logo as camadas acima mencionadas. Na Christina o terreno granitico liga-se com gneis; os vales das montanhas aprezentão no terreno secundario uma especie de tranzição, e a turfa concreta fórma uma parte da fralda da Bocaina. Este terreno é todo aurifero, e desde o Carmo observa-se, que o trabalho da mineração foi em alta escala.

Ao sul do Pouzo-alto ha muito quartzo com pirites, e ouro tem-se encontrado nas fendas d'esta róxa; o terreno mais commun, desde o Picú e altos da Mantiqueira até a serra da Lage entre Baependi e Pouzo Alto, é o terreno de alta cristalização. O granito do Picú é homogeneo, o quartzo cristalizado, pouca mica, e ao oeste do Picú, em vez da mica, o granito aprezenta pequenos cristaes de tormalina, e em certos logares é a pegmatite a róxa dominante.

No Picú, baze do Itatiaia, ha um terreno sulfurozo, com algum ferro modificado em estado de carbonato, e

abunda em pirites, uma agua sulfuroza aqui existe, e tem a singular propriedade de depozitar peliculas auriverdes sobre as róxas, que encontra, e em pouco tempo petrifica os vegetaes, que encontra.

Mas este terreno pertence ao terreno igneo do Itatiaia, do que mais adiante falaremos.

O mesmo sistema de róxas de alta cristalização do Picú fórma o Jardim, e Lapa, e vem fenecer no salto do Parahiba, onde vi uma róxa analoga á da Mantiqueira.

Em Baependi no sitio denominado Caxambú, que é uma montanha de formatura conica, que izoladamente surge da planicie das Aguas-virtuozas, tem-se encontrado o sulfato de ferro em abundancia. Ao sul d'esta cidade ha turfas similhantes ás lignites, que, rolados certos morros, penetrão por sua superficie interna alternando-se, com a argila branca, e oxido de ferro.

Róxas ferreas são abundantes entre a Lage e Gamarra.

Em Baependi, sobreposto ao terreno schistozo o oxido de ferro, observão-se as róxas de baze silicoza, conhecidas por psamites, e dominando altos montes, deixa, que o pendor das montanhas aprezente outra vez o terreno schistozo impregnado de peroxido de manganez, de sorte que para eu imitar esse mineral, que vem do Gamarra, Santo Antonio e Monte-bello, foi precizo levar o manganez da Conquista a uma forja, e depois do estado fuzivel, consegui, separada a argila e o ferro, aprezentar um similhante, que parece de origem pultonica. O abesto e o amianto são produtos dos terrenos de Baependi.

No Gamarra ha abundancia de ouro e algum ferro magnetico,e convem observar, que todas as róxas, que atravessão Baependi, seguem a direção de suéste. O Rio-verde oferece um terreno de aluvião em suas margens : e o cascalho abunda só em ouro. A serra de São-Thomé das Letras não oferece sinão uma superficie árida e de pouca consistencia, em razão de ser sua baze detritica; as róxas dominantes na serra de São-Thomé,são talcos schistozos dos mais bellos possiveis, aprezentando arabescos como letras e ramos de diversas flores. No Gavião,sendo o mesmo sistema de serra, já se distinguem as róxas graniticas mais ou menos alteradas.

As serras, que das margens do Rio do Peixe até o Sapucahi seguem a direção do Rio-verde, aprezentão gneis, granitos, quartzo, e diversos schistos.

A zona de quartzo, silex, feldespato, esta zona aurifera que do Pouzo-alto atravessa Carmo, Christina, Capituba, e Lambari, é a mesma dominante nos terrenos da Campanha; em suas lavras tem-se encontrado grupos de ametistas muito curiozos e um mineral similhante ao paladium; a Pedra-branca em Santa-Catarina é um granito compacto, e bem assim o Pedrão e Capituba, eminencias estas que repouzão em uma camada de quartzo hialino, confuzo com silex claro, ondeado de uma côr negra.

O topazio tem-se encontrado nos ribeiros de São-Thomé e bem assim cristaes de róxa: nas cabeceiras do Rio do Peixe, e na Encruzilhada abunda um mineral azul claro, composto de silex, aluminio, e oxido de ferro: ignoro o que seja, aprezenta-se até 3 polegadas de comprimento, 1 centimetro de diametro, baze quadrada, e lapidado em 4 faces.

O terreno banhado pelo rio das Turmas abunda em gres, gneis e granitos nos altos montes; e em uma garganta, banhada por este rio ao oeste e noroeste do Papagaio, encontra-se uma zona granatifera muito miuda e oxidada de ferro; esta zona, que é o limite da zona ignea, que vem do Itatiaia pelo Gamarra, aprezenta, nas divizas da Aiuruóca com Baependi, peroxido de ferro em massas notaveis, peroxido de manganez, e lavras granatiferas um pouco alteradas pelo ferro dominante no terreno schistozo. As cadeias de serras, que existem na corda do Papagaio, Gamarra, e Xapéo até o Itatiaia, pertencem ao terreno primitivo, e abundão em muito ouro. O Itatiaia pertence ao terreno primitivo, e de origem ignea, em tempos immemoriaes: é o lugar do Brazil, onde a natureza dezenhou nas montanhas esses quadros de ruinas, horrores, bellezas, e poezia; a imaginação encantada só descobre ahi montanhas, tendo picos paralelos, agulhas como piramides cilindricas, róxas dezabadas, formnando montões em latitudes de 180 palmos; os vales aprezentão o mesmo fenomeno; os pontos mais elevados dão idéa de um quadro de horror: parece, que

tudo, prestes a dezabar-se, ameaça uma catastrofe. As montanhas assemelhão-se a mauzoleos, tubos de orgãos e livrarias em uma estante; aprezentão mais em sua superficie antros privados de luz, montões de róxas esfericas sobrepostas, como que de propozito, a formar uma coluna, emquanto que outras reprezentão-se debaixo da fórma de varias figuras geometricas.

Existem ahi roxedos triangulares suportantes no apice esferas e paralelogramos.

Este limite tosco e breve, que nos traçámos, não nos permite consagrar mais alguma couza sobre o Itatiaia, pois existe uma descrição d'esse logar, onde nos esmerámos, afim de ser digna do publico. (*)

O Itatiaia é levantado no alto da Mantiqueira, com picos mais altos izolados da cadeia da cordilheira, que, circulando os grupos centraes dos pontos mais elevados, tem um diametro médio de cerca de 1 legua, pouco mais ou menos, formando uma bacia, ou funil. Dominão n'esta montanha as seguintes róxas: uma especie de granito, composto de quartzo muito cristalizado e homogeneo, feldespato, e uma substancia negra formando cristaes de bazes quadradas; o porfiro observa-se nas vertentes, bem como o granito aspero de cristaes de pontas negras, que pertence ao genero do trachito. Os cristaes do Itatiaia são difuzos na terra irregularmente, e agrupados em todos os sentidos ou sem ordem; o que prova uma revolução n'estes logares.

O silex, e pedra de fuzil formão as montanhas do sul e sudoéste, dominando o ferro magnetico e terreno de alta oxidação, mas que não se estendem ao grupo central do Itatiaia: o terreno sulfurozo do Picú, impregnado de pirites, carbonato de ferro, está situado na baze do Itatiaia a noroeste; o carbonato de ferro, e peroxido de manganez circulão as vertentes d'este logar para norte e nordeste. Este ferro carbonicado é o limite da zona magnetica, que de Santo-Antonio corta pelo Monte-bello e chega a Serra-negra, d'onde vem a zona do Parrecida, e aqui no Itatiaia reunem-se.

(*) Vide na *Revista Trimensal* de 1876, tomo 39, a memoria: *Descripção do Itatiaia*. Vem acompanhada de uma estampa.

N. da R.

Os cumes do Monte-bello, Santo-Antonio e todos os ramos de serra, que do Itatiaia prolongão-se para norte, aprezentão o granito nos altos, algumas estratificações de sienites, o gneis alternando-se com estas róxas; e logo o terreno schistozo, sobreposto aos terrenos de quartzo. As margens do Aiuruoca abundão em camadas de quartzo, quartzo hialino, quartzito, silex pardo, negro, e azul, trazendo alguns arabescos como letras, medalhas e cunho de sinetes: grupos de ametistas rolão na cascalhada d'este rio e bem assim granadas preciozas, agata, e pingos de agua marinha, não falando em mineraes de ferro, e ouro em abundancia, e de 24 quilates.

Do Itatiaia parte uma zona de cristaes, schistos, mica, manganez em peroxido, lavas granatiferas, e peroxido de ferro em abundancia; esta zona chega a ter 2 leguas e meia de largura, e do Papagaio para o norte ella mostra abundancia de tormalina e quartzo com transformação ametistica. Esta zona, geralmente oxidada, aprezenta mica em linhas paralelas, e róxas compostas de grãos de quartzo, ferro, manganez, mica, sulfato de cal, ocre amarélo, e vermelho.

Nas cabeceiras do Angahi já tem-se encontrado a pedra loura.

O Papagaio é composto de granito, e seus vales de gneis.

As róxas da Aiuruoca, seguindo do Papagaio até Guapiara, compõem-se de quartzo, feldespato, mica, e granadas miudas; a mesma couza nota-se nas róxas schistozas:

O Papagaio lança para o norte camadas de róxas ferreas, que repouzão em terrenos, onde abunda o quartzo, como ao oeste da Aiuruoca; a leste d'esta vila as cordilheiras aprezentão nas fraldas muita esteatites, e psamites com tormalina.

Os quartzos do rio Aiuruoca e Rio-francez aprezentão grudados grupos de tormalinas; o granito das serras dos Tres-irmãos é composto de quartzo, de feldespato em partes iguaes, e de camadas de mica, tendo algumas 1 polegada de espessura.

Ao oeste da Aiuruoca os terrenos são secundarios, procurando a Conquista, e ha muita turfa compacta similhante

a lignites, formando bancadas na superficie interna das eminencias campestres; o terreno, sendo schistozo, aprezenta, o micaschisto puro a noroeste do Papagaio, onde a róxa mais vulgar é o itacolomito.

O Rio-francez, á excepção da granada, aprezenta a mesma serie de mineraes, que deparão-se no rio Aiuruoca; e entre o pico dos Tres-irmãos, e serras a leste do Francez existe o terreno micaschistico muito abundante em tormalina; a serra do Parrecida, nas margens do Rio-grande, repouza sobre este terreno micaschistico; abunda em ferro magnetico, o melhor que conhecemos, chegando a pezar algumas barras uma libra e trez quartos, e não mencionando-se aqui sinão uma, que encontrámos na estrada na superficie superior de um veio de duas braças de largura, que sepultava-se no centro da montanha; e o Parrecida, e bem assim Monte-bello abundão em ferro magnetico, que vem vindo das partes do Itatiaia.

Cristaes de róxa puros dominão na serra além do Francez, e nas margens do Rio-grande ao norte do cume do Parrecida.

O Rio-grande, entre Monte-bello e Mantiqueira, fórma um extenso terreno de aluvião, aprezentando silex, quartzo e poderozas turfeiras na baze do terreno schistozo a leste, que segue até o meio do declive das montanhas do Monte-bello, em quanto na fralda oposta o terreno dominante é o terreno micaschistico.

As fraldas da Mantiqueira ao oeste, desde Barbacena, Bom-jardim e Livramento, repouzão no terreno micaschistico, onde encontra-se tormalina, cristaes de róxa, e esteatites; no Bom-jardim a mica chega até a servir para vidros de grandes quadros.

O terreno da Mantiqueira, entre Livramento e Bom-jardim, aprezenta a cantaria mais rica do sul de Minas.

No Passa-vinte ha sienites as mais bellas e fórmão a baze do terreno granitico.

Ao norte da Aiuruoca existe o morro da Bôa-vista, que izoladamente surge nas planicies do Angahi; é composto de quartzo misturado com muito arsenico, e a leste d'este logar fica a Itaoca ao norte do Serranos, onde encontrão-se muitos cristaes de róxa, peroxido de manganez, ferro magnetico, schistos talcozos, pingos d'agua e topazios.

O terreno schistozo da Aiuruoca ainda estende-se entre a Bôa-vista e Itaoca, e quanto mais ao norte, mais abunda em tormalina. Todo o municipio da Aiuruoca é aurifero, e apezar de aprezentar muitos terrenos revolvidos, com tudo está extrahido o ouro, que suavemente prestou-se aos antigos mineiros.

As serras do Paiol e Carrancas aprezentão-se como constituidas de granito, e nas bazes do norte, já nas margens do Rio-grande, o terreno calcareo é encontrado.

O sistema de serra, que parte do Bom-jardim para as margens do Turvo, e bem assim o pico dos Dous-irmãos têem n'estes logares por baze o granito e quartzo.

Nas margens do Taboão, entre Serranos e São-Vicente, em um terreno de aluvião, encontrarão-se ossadas, humanas, a que ninguem deu a devida importancia; nas aluviões da Aiuruoca, na Alagôa, consta tambem, que outr'ora os mineiros em uma lavra de parentismo descobrirão ossadas que desprezarão; e esse desprezo de taes objectos é a cauza, porque os factos paleontologicos de Minas não aprezentão uma serie de amostras d'essas raças extintas.

Os terrenos do municipio de Lavras abundão em quartzo, magnete e calcareo, e por toda a parte observão-se os traços da antiga mineração do ouro; a corda da Bôa-esperança e de Tres-pontes pertence ao terreno granitico.

Além do Sapucahi, deparão-se terrenos e aluvião, de terrenos calcareos; a serra da Ventania, que vem do sul, aprezenta o mesmo sistema de róxas, que se vêem toda a Mantiqueira, e abunda em ouro e diamantes no municipio de Passos. No municipio de São João d'El-rei encontra-se o granito no Lenheiro, bem como quartzo, silex, ferro e diversos ocres.

Entre Barbacena e São-João existe o terreno calcareo.

A caza de pedra, perto de São-João d'El-rei, é um monumento, que a natureza levantou com curiozidade, formando abobadas, e salões, e pedestaes, aprezentando estalactites, rezultado da infiltração das aguas atravéz das róxas calcareas.

A serra de São-Jozé abunda em bazalto, e granitos dispersos; e pela romantica paisagem, que ella aprezenta, e emfim pela estratificação discorde de certas róxas, corrobora a idéa de uma catastrofe ignea, que devia ter-se operado em tempos desconhecidos.

Os altos cumes de origem granitica seguem a direção para oeste, e tanto em seus altos como nas fraldas ha abundancia de cristaes de róxa.

Todo o sistema de serra, que parte da Mantiqueira procurando São-Jozé, Oliveira, e Piumhi, tem a baze no quartzo aurifero; e seguindo encontra-se gneis, e depois o granito, que repouza do meio do pendor das montanhas até os altos cumes.

A serra de Prados aprezenta a róxa calcarea formada de cristalização, sendo diferente da calcarea de Sapucahi, que é homogenea com veios duros.

Na Formiga, além das róxas primitivas, encontra-se o ferro em abundancia, e o mineral conhecido por magnete: nos Arcos o terreno calcareo aprezenta-se de novo, repouzando no terreno de baze silicoza.

A parte comprehendida entre Cristaes, Perdões e barra do Rio das Mortes abunda em quartzo hialino, ferro, ouro, e mica.

Na Ibituruna, procurando o municipio de Oliveira, atravessa uma zona de ferro magnetico, que, a meu vêr, é a mesma do Itatiaia, Aiuruoca, e Itaóca, baze de leste da serra de Carrancas, em razão da similhança do terreno com os do sul de Minas, e pela alta oxidação, prezença do manganez, e do quartzo com transformação ametistica.

A zona micaschistica, com tormalina, que existe situada nas margens do Rio-grande, na Aiuruoca, é a mesma que, atravessando o Bom-jardim e Barbacena, ramifica-se para óeste, e repouzando na baze de montanhas de granito e gneis, é vista na comarca do Rio das Mortes.

Em 1785, no arraial de Prados (hoje freguezia), deparou-se em uma lavra com as ossadas de um megatherium, animal anti-diluviano. A peça d'este esqueleto tinha 56 palmos de comprimento e 46 de altura.

O planalto de São-Francisco, anterior á época da formação dos depozitos submarinos, e que se achou elevado acima do diluvio universal, em razão da auzencia de depozitos secundarios, e bem assim as montanhas, que sobrepassão a 5.000 palmos acima do mar, e que não aprezentão estes depozitos sobre o terreno primitivo, asseguração, que, emquanto as partes do mundo submergidas estavão no seio

do oceano universal, o Brazil aprezentava seu centro izento d'isto, e toca-lhe o titulo de continente mais antigo d'este planeta, como diz o Dr. Pedro Lund.

§ 5.

ESTUDOS HIDROGRAFICOS

1. Rio-grande ou Paraná, que, abaixo do Amazonas, é o rio mais notavel do Brazil, tem sua origem no municipio da Aiuruoca, nas fraldas do pico do Mirantão, situado no Monte-bello, na latitude de 22°.37' e 1°.30' de longitude do Rio de Janeiro.

Tem sua origem em um pantanal, que atinge a 6.000 palmos acima do nivel do mar; correndo para o norte separa a Mantiqueira do Monte-bello por um extenso vale, abaixo do Bom-jardim, na latitude de 22°.; dirige seu curso para oeste, e, depois de ter banhado os municipios de Aiuruoca, São-João d'El-rei, Lavras, Tres-pontes, Villa-formoza, Passos, e Jacuhi, entra para a provincia de São-Paulo com a denominação de Paraná, que já é um caudalozo rio. O Rio-grande é encaxoeirado em certos logares, como no Bom-jardim e Lavras, e a sua profundidade é maior que a de todos os rios do sul de Minas.

2. Sapucahi: nasce no pequeno planalto situado na Mantiqueira, em São-Bento do Sapucahi-mirim. Este rio é formado pela reunião dos riaxos São-Bernardo, Marmélo, e Capivari, que surgem nas fraldas do Bahú, já na latitude de 23°; correndo todos estes tres riaxos para leste, ao sul do Itajubá reunem-se e fórmão o Sapucahi, que, aprofundado pelas gargantas da Mantiqueira, retorcendo o seu curso para o norte, depois de formar sinuozidades de duas leguas de raio, como a da Volta-grande, e depois de aprezentar a caxoeira da Escaramuça, entra no Rio-grande, formando com este uma bacia de meia legua de diametro pouco mais ou menos, onde as aguas volteião para depois estreitarem-se.

Banha os municipios de Itajubá, Pouzo-alegre, Campanha, Villa-formoza e Tres-pontes.

3. Rio-verde: nasce na serra do Jardim, que é a mesma Mantiqueira, na latitude de 36.° a 37° e 1.°44' de

longitude do Rio de Janeiro. A sua nascença pertence ao municipio de Baependi; sendo o seu curso para o norte, depois de ter banhado os municipios de Baependi, Christina, Campanha, e Tres-pontes, torna-se tributario do Sapucahi.

Rio-pardo: tem sua origem em Jaguari, pela reunião de riaxos, que se despenhão da Mantiqueira, e seguindo para noroéste banha Caldas, e, voltando o curso para oeste, entra em São-Paulo.

5. Rio-preto: é o segundo rio do Brazil, que tem sua nascença muito elevada nos altos do Itatiaia, e seguindo sempre as gargantas da Mantiqueira por entre horriveis saltos, tem a direção para nordéste, servindo de diviza da provincia de Minas com a do Rio de Janeiro; torna-se tributario do Parahiba, depois de ter banhado os municipios da Aiuruoca, Prezidio, Parahibuna, Rezende, e Valença. A parte mais encaxoeirada d'este rio é desde o registro da Bocaina, que tem 6.000 palmos pouco mais ou menos acima do nivel do mar, até 115.000 palmos em sua nascença, extensão abrangida em um raio de 6 leguas.

6. Rio das Mortes: é formado por dous ramaes, um que vem de Barbacena, conhecido pelo nome de Rio das Mortes-grande, e outro que vem do Cajurú, que é o Rio das Mortes-pequeno; depois de banhar a comarca do mesmo nome e municipio de Lavras, entra no Rio-grande.

7. Aiuruoca: este rio nasce no segundo pico mais culminante do Itatiaia; sua nascença atinge a 13.000 palmos acima do nivel do mar, e por conseguinte é o rio mais alto do Brazil; correndo para o norte em cascatas e catadupas, é sempre encaxoeirado até Serranos, onde tem a altitude de 5.546 palmos em um raio de 7 1/2 de distancia de sua origem. No Monte-bello tem o salto do Inferno, onde elle some-se em uma fenda de 100 palmos de altura. Na Guapiara este rio, tendo 40 palmos de largura, passa por um canal de uma braça; na fralda do Papagaio ha uma catarata em um declive de 30°. na longitude de 300 braças, depois de um salto vertical. Este rio, confluente do Rio-grande, banha os municipios da Aiuruoca e São-João.

8. Sapucahi-mirim: este rio nasce nas immediações do

pico do Bahú, em São-Bento do Sapucahi-mirim; depois de ter banhado este municipio e recebido o Imbiruçú nas divizas da provincia, passa pelo municipio do Pouzo-alegre, e entra no Sapucahi.

9. Cabo-verde: tem sua origem perto do Campestre, municipio de Caldas; recebendo varios riaxos, que se despenhão das serras de Cabo-verde e ramaes de Caldas, toma direção para oeste e sudoeste, tornando-se tributario do Rio-pardo, perto da povoação d'este nome.

Rio do Cervo: tem sua nascença nas proximidades da Pedra-branca, pico notavel da serra de Caldas; correndo para nordeste, depois de ter banhado os municipios de Caldas e Pouzo-alegre, entra no Sapucahi, perto de Sant'Anna.

11. Dourado, que vem das serras além do Sapucahi, e bem assim o Douradinho, são tributarios do Sapucahi á margem esquerda.

12. Rio do Machado: este rio, tendo direção para o norte, e, sendo originado nos ramaes de Caldas, banha o municipio de Villa-formoza, e entra no Supucahi.

13. Agua-limpa: pequeno rio, que nasce nas abas da Mantiqueira na Soledade do Itajubá, seguindo seu curso para oéste, entra no Sapucahi ao sul do Itajubá.

14. Piranguçú: pequeno riaxo, que vem da Mantiqueira, passando pela capela de Santo Antonio, e entra no Sapucahi nas proximidades do Itajubá.

15. Lourenço-velho: este rio nasce na serra da Bocaina no municipio da Christina, seguindo a direção de oéste e noroéste, e formando uma planicie de aluvião com o Sapucahi, perde o nome n'este rio no municipio de Itajubá.

16. Vargem-grande: pequeno riaxo, que vêm da Candelaria em São-Bento do Sapucahi-mirim, correndo para norte, entra no Sapucahi perto de Santa-Rita do Vintem.

17. Mandú: rio formado pela junção de varios ribeiros, que brotão das ramificações da Mantiqueira e de outros que passão no municipio de Pouzo-alegre; este rio, depois de ter banhado esta cidade, entra perto d'ella no Sapucahi-mirim.

18. Palmeira: nasce este rio na serra da Mantiqueira no Passa-quatro, tendo um pequeno curso para noroéste; perde-se no Rio-verde.

19. Baependi: este rio vêm das serras do Gamarra, colocadas na retaguarda do Papagaio; é formado pela reunião dos riaxos Gamarra, Lage e São-Pedro, os quaes originão-se em montanhas acima de 6.000 palmos de altitude do nivel do mar: correndo para o norte, recebe o rio das Furnas, e virando para oéste vai ser confluente do Rio-verde, pouco abaixo da Conceição. Este rio aprezenta proximo a sua nascença algumas caxoeiras.

20. Rio do Peixe: nasce na Encruzilhada ao norte de Baependi; atravessando a serra de São-Thomé das Letras, vai ser tributario do Rio-verde, no municipio da Campanha.

21. Rio-francez: pequeno riaxo, que vem da Pedra do Bispo, no municipio da Aiuruoca, e seguindo para norte, e depois para oéste, perde o nome no Aiuruoca pouco acima de Serranos.

22. Turvo: este rio é formado por dous ramaes, um que vêm do pico do Parrecida, e outro, que origina-se na serra do Bom-jardim, a léste das margens do Rio-grande; é tributario do Aiuruoca, perto da freguezia do Turvo.

O ramo d'este rio, que vem do Parrecida, aprezenta na fralda d'esta montanha uma cascata de cerca de 40 metros de altura.

23. Pintangueiras: é formado por varios ribeiros da serra do Paiol, e seguindo a direção da serra de Carrancas no municipio da Aiuruoca, entra no rio d'este nome, abaixo do Espirito-Santo no municipio de São-João d'El-rei.

24. O Pirapetinga, que passa em Rezende, não faz parte dos rios do sul de Minas, porque não pertence a esta provincia, mas o menciono aqui, porque é um dos rios mais altos do Imperio depois do rio Aiuruoca, e Rio-preto; o Pirapetinga nas vertentes do Itatiaia a leste, depois de aprezentar os mais horriveis saltos, atravessa a Mantiqueira, recebe o Pirapetinga da Vargem-grande, e entra no Parahiba no municipio de Rezende.

25. Rio do Itatiaia, ou dos Cristaes, pequeno riaxo, que nasce na baze do ponto mais alto do Brazil, seguindo seu curso para suéste em grandes saltos, entra no Parahiba abaixo do Campo-bello.

26. Capivari: nasce nas vertentes do Itatiaia para nordeste, entra no Rio-verde pouco abaixo da freguezia do nome d'este rio no municipio de Baependi.

27. Angahi: nasce este rio nas abas do Papagaio ao oeste da villa da Aiuruoca um quarto de legua; é formado por dous ribeiros, e correndo para norte e tocando a ponta da serra das Luminarias, recebe o Capivari, que vêm do alto da serra do Paiol, fraldêa Carrancas, e depois voltando para oeste reune-se com o Angahi, aprezentando o horrivel e medonho funil do Angahi, e trazendo uma garganta da serra de Lavras, entra no Rio-grande distante mais ou menos 2 leguas contadas de Lavras do Funil.

28. Bananal: nasce na serra da Mantiqueira ao norte da Bocaina da Aiuruoca, passando em proximidade da serra da Mira, onde elle aprezenta uma cascata; segue a direção de nordeste e recebe o Jacutinga, que vêm das partes do Bom-jardim, e juntos tomão o nome de Jacutinga, entrando no Rio-preto, perto da povoação de Santa-Rita.

29. Rio Sant'Anna: tem sua origem na Mantiqueira no municipio de Barbacena, dirigindo seu curso para nordeste e depois para leste; entra no Rio-preto, no municipio do Prezidio.

30. Rio do Peixe: nasce na Mantiqueira ao sul de São-Domingos, recebe outros riaxos, que deslizão-se do alto d'esta cordilheira, e depois de ter banhado o municipio de Barbacena entra no Rio preto, no municipio do Prezidio.

31. Carandahi: vêm das partes da Lagôa-dourada ao norte de São-Jozé d'El-rei; é confluente do Rio das Mortes.

32. Jacaré: vêm da freguezia de Sant'Anna no municipio da Oliveira, e é tributario do Rio-grande.

33. Lambari: rio, que nasce no sitio do Monte em uma altitude de cerca de 4.000 palmos acima do mar, descendo em caxoeiras e pelas gargantas da Bocaina, vai tocar a Pedra-branca, e serras do Lambari, depois de ter banhado os municipios da Christina, e Campanha; fenece no Rio-verde.

34. São-João: tem sua origem no mesmo ramo de serra, que parte em Cabo-verde, e vai procurar o Jacuhi; este rio recebe o São-Pedro, e depois de engrossado com

pequenos afluentes, torna-se confluente do Rio-grande no municipio de Passos.

35. São Francisco, que como sabemos, é um dos mais caudalozos rios do Brazil, e vem da serra da Canastra, aprezenta a sua cabeceira em João-lopes na altitude de 5.651 palmos acima do nivel do mar, e banha esse extenso planalto do Brazil. Recebe logo o São-Julião e muitos confluentes em seu principio, e como a parte principal de seu curso é para o centro de Minas e outras provincias, por isso nada diremos a seu respeito.

Em Tres-pontes ha ainda um tributario do Rio-grande, conhecido por Aguas-verdes.

§ 6

VEGETAES DO SUL DE MINAS

A força vegetativa, que abraça a provincia de Minas, merece muita atenção para o estudo botanico: ella oferece uma variedade de especies desde as planicies até os altos montes; o frio, calor, contituição fizica dos terrenos e altitudes aprezentão sua influencia no reino mineral. A escala do calor atmosferico serve para nos guiar no progresso da vegetação.

Nos altos da Mantiqueira, ou geralmente nas altitudes de 5.000 palmos acima do nivel do mar, certas plantas ostentão todo o seu vigor, e abundancia na propagação: as macieiras, marmeleiros, ameixeiras e pecegueiros. estasplantas exoticas, aclimatão-se n'estas altitudes, e quanto mais frio torna-se o logar, como na Mantiqueira no Itatiaia, mais espantoza é a existencia d'estes frutos. O pinheiro, segundo observei no sul de Minas, não vive em altitude acima de 10 mil palmos, e nem nos logares, onde lhes baixa altitude em razão de alta temperatura.

Nas cavernas das montanhas da Mantiqueira, em grandes altitudes, ha plantas, que vivem sem receber os raios do sol.

Nos logares de pouca altitude do sul de Minas, procurando o sertão de Cabo-verde, observa-se a mesma vegetação da provincia do-Rio, e o mesmo fenomeno sucede nas margens do Rio-preto ou na mata.

Na familia das gramineas no Itatiaia, no Papagaio e na serrade Carrancas aprezentão-se plantas, que não se obser-

vão em outros pontos; açucenas vermelhas, rajadas de verde, plantas umbelliferas e cruciflores, parecem destinadas a viver em gigantescas montanhas, onde domina o silex, e quartzo, e róxas primitivas: estas flôres aclimatão-se na altitude de 5.000 palmos, porém nos mesmos terrenos, sendo forte o verão, ellas fenecem mirradas.

A serralha, herva com que nos nutrimos, vive em Minas em todas as altitudes.

O poejo aromatico de 3 especies habita nas montanhas, que sobrepassão a 7 mil pés.

Altissimas arvores frutiferas da Europa, taes como o castanheiro e a nogueira, aclimatão-se em Minas. O trigo no sul de Minas produz maravilhozamente, e bem assim o centeio, como sucede no Gamarra, Alagôa, Pouzo-alto, e abas da Mantiqueira: infelizmente o povo não dedica-se a este genero de cultura, que outrora ali florescera mais.

Aprezentamos aqui um esboço, que dê ao leitor uma idéa do reino vegetal da parte meridional de Minas, na certeza de que nos é um impossivel dar idéa clara d'essa flóra espantoza, e mais objectos que sejão importantes para o conhecimento dos vegetaes; e assim apenas faremos uma distribuição d'elles.

Plantas aquaticas, que vivem nas aguas dos rios, ribeiros e lagoas: existem muitas, das quaes porém não temos a classificação.

Plantas dos brejos e pantanos: nós as observamos, taes como a bananeira do brejo, azedinha, e muitas flôres de que não temos conhecimento, e arbustos, taes como o taruman no Rio-grande.

Plantas dos prados ou campos: taes como poejo, para-tudo, angelim, jalapa, centaurea, rosmaninho, jarrinha, empregadas na medicina, e flôres, taes como palma de São-Miguel, trombetas, sempre-viva, lirios de diversas côres, malmequeres, capim cheirozo, amoreiras, araçazeiro, guabirobeiras, cedro do campo, candeia, cajueiro, melancieira, e cabaceira.

Plantas cultivadas: pecegueiros, macieiras, ameixeiras, marmeleiros, araçazeiro de duas qualidades, cafeeiro, parreiras, maracujazeiro, romanzeiras, bananeiras de diversas qualidades, jaboticabeiras, diferentes especies de mandioca, carás, batatas e batatinhas, inhames, amoreira, tomateiro,

larangeiras, limoeiros e limeiras de muitas qualidades, mangeira, castanheira, nogueira, plantas de tr'go, centeio, cevada, arroz, plantas de araruta, feijão de diversas qualidades, amendoim, canna de assucar, cidreira, ameixa do Canadá, fumo, chá da India, gengibre, milho, cajueiro, ananaz, mugangeiros, abobreira, morangueiro.

Plantas das matas virgens: entre as de excelente madeira temos cedro, jacarandá, jequitibá, massaranduba, braúna, páu de oleo, sete-cazacas, vinhatico, pinheiro, sobragi, taruman, e paineira.

Entre as frutiferas: o araticum, jaboticabeira, jambeiro, guaiabeira, pitangueira, guabirobeira, palmeira, ingazeira que se encontra nas margens de rios e ribeiros; abunda ainda em sassafrás, sucupira, barbatimão, congonha de bugre, salsa do mato, japecanga, capéba, pinheiro bravo, carobé, orelha de onça, caparibá, bardana, arnica, timbó, fedegozo, fumo-bravo, contra-herva, alcaçuz, quina, e velame, as quaes todas gozão de propriedades medicinaes.

Aprezentão as matas, ou capoeiras, outros vegetaes desconhecidos, e outros, que mais ou menos se utilizão para diversos misteres, taes como, a piteira, congonha, amoreira do mato, jaboticabeira de macaco, brijaúba, caneleira e açapeixe.

Entre as arvores, que ministrão substancias para a tinturaria são as seguintes: sangue de drago, dedaleiro, anileiro, ruiva, urucú, açoita-cavalo, morangueiro, aroeira, ipé, e assafrão.

Plantas das cavernas e subterraneos: existem muitas, mas que ignoramos.

Plantas das montanhas elevadas: temos o poejo aromatico, vassourinha, açucenas de trez qualidades, lirios, e muitas especies indigenas, uma especie de canna como junco, lingua de tucano, e capim aromatico.

Plan'as parazitas, e pseudo parazitas: taes como o sumaré, algumas flôres, e outros vegetaes, como a herva de passarinho.

Plantas saxifragas, ou dos roxedos, como o musgo, e ananaz silvestre, que se vê no Papagaio, existem muitas, que permanecem ignotas.

§ 7

ANIMAES

A vida animal espalhada no sul de Minas, embora circunscrita seja a uma parte d'esta provincia, comtudo aprezenta uma serie de viventes a mais admiravel.

Os animaes em Minas seguem a ordem, que observamos nos vegetaes; uns são proprios de montanhas, outros das regiões de pouca altitude; uns dezaparecem nas alturas acima de 7.000 pés, outros seguem a longitude.

Assim pois na familia do gavião ha um pequeno, que se observa nas alturas de 7.000 pés até nas alturas de 13.000 palmos acima do mar; este passaro não aparece no Papagaio: Parrecida e Mantiqueira são logares, que elle habita. Na Serra-negra e no Itatiaia, onde o frio chega a 32° Fah., nem insectos, nem um só passaro observa-se, e alguns, que notão-se nas vertentes d'estes montes, são de 2 ou 3 especies, onde entra o ticotico, e sabiá. O sabiá vê-se nas alturas de 7.000 pés, como no Papagaio, mas em grandes altitudes dezaparece, e o sabiá do sertão do Jacuhi já diversifica no canto.

O quati e o coelho tem-se visto em grandes altitudes e a onça em todos os logares.

O cervo é um animal, que se vê nas divizas de Minas com São-Paulo, seguindo o Rio-pardo, e bem assim o veado campeiro, e a cobra sucuri; animaes estes que nas partes de leste não se observão, mas sim o veado catingueiro.

Na classe dos anfibios ha especies de oeste, que diferem das de leste; assim pois além do Jacuhi ha mais duas especies de jacarés diferentes da de Aiuruoca, Barbacena, e Baependi.

A cobra cascavel, que não habita a provincia do Rio, e que segue da Mantiqueira para as partes do centro de Minas, dezaparece para sudoéste em logares do mesmo clima e vegetação, como a do Rio de Janeiro. Na altitude de 11 mil palmos já encontrei com uma cobra, da familia da jararaca, mas muito pequena e destituida de vivacidade ou ligeireza.

As borboletas, que aprezentão summa variedade de fórmas,

côres, atirão a um numero de especies ou classes, que é impossivel contar-se. Não falaremos de outros insectos dos campos, e das matas, e de muitas aves incognitas, que tudo serve para engrandecer o quadro zoologico de Minas; apenas diremos, que parece, que em cada logar estes insectos são diferentes uns dos outros, e como não nos é possivel emprender uma nomenclatura de todos os animaes, insectos, e aves, damos um leve esboço d'essa serie de viventes, limitando-nos a apontar os que são mais conhecidos.

Quadrupedes

Os que servem para os uzos diversos dos povos são gado cavalar, e muar, cabras, bois, jumentos ; o porco é criado com abundancia nos sertões e bem assim em mais logares do centro. Os quadrupedes indigenas são : porco do mato, anta, ariranha, cão d'agua, cão dos campos, capivara, caxinguelê, coelho, cotia, gato do mato, jaraticaca, lontras, muitas especies de macacos, bugios, onças, ouriço-caxeiro, preá, preguiça, quatis, especies de ratos, tamanduá-bandeira, tamanduá-canastra, tatus de 3 especies, veados de 3 especies e lobos.

Note-se, que a anta é vista na Mantiqueira em altos pontos, e bem assim para o centro o bugio, que, sendo visto em muitos logares, dezaparece além de Caldas, Jacuhi e Cana-verde.

Reptis

Entre os reptis venenozos, mencionaremos os seguintes: cascavel, urutú, jararaca, jararacuçú, cobra-verde, cobra-coral, cobra-cipó.

Na classe das aquaticas temos a cobra d'agua e o sucuri.

Insectos

Borboletas, lita braziliense, e pirilampos são os mais importantes. Todo o mundo conhece, que os insectos em Minas atirão a muitas especies, compreendendo talvez de 20 a 30 e tantas mil especies das conhecidas. A natureza, dezenhando

n'estes viventes as mais brilhantes cores, e fórmas diversas, que nos atrahem, póde em Minas aprezentar as mais ricas colleções zoologicas.

Insectos, que produzem o mel e cêra, são os seguintes: mandasaia, mombuca, tubiba, tatalurá e mosquitinho.

Venenozos são : aranha caranguegeira, jetirana boia, orelha de cão, que atinge a 4 especies, e um mosquito pequeno, mamangavas e maribondos.

Os animaes, que vivem nas aguas, ou em suas proximidades, merecem ainda estudar-se, principalmente os insectos nocivos. Os animaes aquaticos são : uma especie de tartaruga, e sapos diversos, onde entra a intanha e os batetores, e jacarés.

Peixes

Os mais espalhados são os seguintes: piaus, piabas, dourados, tembores, trahiras, jaú, acarás, curimatans, bagres, lambaris, piabombos, papaterra, conxas de aguas doces, e camarões.

Aves

Aprezenta Minas diversidade de aves. O papagaio é mais commun nos sertões, e as garças nas margens do Sapucahi, e Paraná : as especies do campo são diferentes das capoeiras, e matas; as conhecidas são varias especies de andorinhas, e de anuns, ticoticos, beija-flores, araponga (que só conheço entre Papagaio, e Altos de Santo Antonio), bemtevi, birro, anião, cabeça de rubins, caboré, pintasilgo, canario, cardeal, seriemas, encontro, jacú, jacutinga, joão de barros, totó, mariaédia, morcegos, especies de corujas, papa-arroz, melros, muitas especies de papagaios, perequitos, aráras, patativa, curruira, pombas silvestre, perdizes, codornas, roulinha, juriti, sabiás, sanhaço, serrador, tapera, ticotico, tezouras, tucano, viuvinha, sasis, urubús, gaviões e inhambús.

Aves aquaticas, ou que morão nas proximidades das aguas são as seguintes: martim-pescador, frango d'agua, socó, saracúra, garça, marrecos, patos silvestres.

Aves domesticas são : galinhas, galinha d'Angola, perús, patos, e gansos.

§ 8

AGUAS MEDICINAES

Aguas gazozas são as seguintes : da Campanha na freguezia das Aguas-virtuozas, as de Baependi, e Contendas da Conceição do Rio-verde.

Aguas sulfurozas : as de Caldas, do Picu, e da serra de São-Jozé.

Aguas ferreas : abundão em muitos municipios.

§ 9

AGRICULTURA

Os terrenos a leste da Mantiqueira, ao começar pelo Mar de Espanha, até o registro da Bocaina da Aiuruoca, produzem abundantemente café, canna de assucar, arroz; a mesma couza sucede ao oeste de Minas nas divizas com São-Paulo. Os terrenos, que partem do Rio-grande até os altos da Mantiqueira ao sul, abundão em milho, feijão, e fumo; o trigo aclimata-se muito bem nos municipios da Aiuruoca, e Baependi, e bem assim as batatinhas inglezas têem n'estes logares um dezenvolvimento espantozo; o chá da India aclimata-se muito na provincia, e os terrenos mais ferteis ficão no Jaguari,em Pouzo-alegre,e em toda a vertente do Sapucahi, estendendo-se até Jacuhi.

O algodão produz muito em todas as vertentes do Rio-grande; a procurar Lavras, Oliveira dá canna de assucar; a margem direita d'este rio é muito produtiva. Mas em todos os logares não deixão de cultivar a canna, milho, feijão, arroz, e mandioca; a esta ultima e bem assim ao arroz falta dezenvolvimento no Bom-jardim até Orgão do Itajubá.

§ 10

TEMPERATURA

A temperatura do sul de Minas varia, segundo as localidades, altitudes e expozição a diversos ventos, e mesmo segundo os fenomenos fizicos,que a pode mmodificar; assim pois no Itatiaia, nos rigores do inverno, o termometro

centigrado desce a 6°., 5 abaixo do zero, temperatura desconhecida no Brazil: o gelo ahi reziste em camada de um dia para outro, e a neve tambem aparece.

Na baze d'esta serra, nos dias de geada, as arvores revestem suas folhas de um vidro espesso ; nos altos os lagos gelão-se e aturão d'este modo 2 e 3 dias, conforme o estado da atmosfera.

O vapor gelador, em fórma de frocos, tambem encontra-se n'esse logar, que durante o verão possue um clima mais temperado.

A menor temperatura para as altitudes de 2.000 palmos, como na Aiuruoca, e outros municipios do sul de Minas, tem sido de 8°.0 do centigrado, onde já ha abundancia de geada. A maior temperatura, que temos esperimentado, foi de 90.° de Fah. em Janeiro de 1860 em Itajubá, a 30 de Dezembro de 1859 no Carmo, e em Fevereiro do mesmo anno na Aiuruoca.

O sul de Minas a 3 annos para cá tem sofrido mudança na temperatura, e o verão já não é tão doce como outr'ora; assim pois na Aiuruoca a marcha diaria da temperatura, no estio, era de 16 e 17.° do cent. ás 7 horas da manhan, 25 e 26.° ás 2 horas da tarde; entretanto que em 1858, 1859, 1860 e 1861 a temperatura parece progredir tanto no minimo, como no maximo, e tem sido 19 e 20.°, ao amanhecer, nos dias mais frescos, e 22 e 23.° nos mais calidos, e 28 a 29°. ás 2 horas da tarde do anno de 1857; até Março de 1863 o termometro tem subido a cerca de 1°. em cada anno no maximo da temperatura annual, e a vegetação tem sido victima d'este excesso de calor ; muitas plantas, que se notavão no estio moderado, dezaparecem, e suponho, que a cauza da morte de numerozos pinheas nas abas da Mantiqueira procede d'este fenomeno.

Convem notar, que Aiuruoca na altitude de 5.557 palmos, em Fevereiro de 1858, aprezentou a temperatura de 90°., o Carmo dos Criminozos na Christina, em 30 de Dezembro de 1859 ás 5 horas da tarde, sofria esta temperatura em uma altitude de 3.000 palmos: Baependi, São-Caetano da Vargem, e Santa-Rita do Pouzo-alegre, em Janeiro de 1860, sofrerão o mesmo gráo de calor.

O maximo da temperatura no inverno tem sido de 69°.

A passagem do calor para o frio, em nosso sul de Minas, tem sido sempre n'estes ultimos annos por uma descida espantoza do termometro depois de um grande calor.

Assim, em Abril d'este anno, o maximo do calor não excedeu a 78.°, e nem a temperatura foi de menos de 72.° até o dia 22 de Abril, quando ás 2 horas o termometro indicava os 72.° do Fah., céo em cumulus, e no dia 24 ás 7 horas da manhan, o mesmo marcava como minimo 47.°, como maximo 56.° Esta mudança subita do calor para o frio observou-se em 1859 pelas endoenças, e isto muito tem influido no estado sanitario do povo, aprezentando logo bronchites, e anginas ; e na passagem do frio para o calor em Setembro reinão as pleurizes e pneumonias.

A irregularidade ou variação da temperatura de Minas aprezenta certas anomalias ; assim a 15 de Outubro de 1859, quando a declinação do Sol já é austral e já ha muito calor em Pouzo-alto, observou-se geada ; e em 14 horas o termometro de Fah. fez uma diferença de 25.° para tocar a 46°, ponto onde em Pouzo-alto já se observa geada. Na Aiuruoca em Novembro d'esse mesmo anno houve um fenomeno analogo, e n'esta villa já houve ocazião em que outr'ora a 8 de Dezembro, quando o Sol já dardeja na vertical da latitude de 22.° 22", paralelo onde esta villa existe situada, observou-se muita geada e rigorozo frio.

Em Março de 1859, na Alagôa da Aiuruoca, houve tanta abundancia de gêlo a ponto de mirrarem todas as plantações. Do Monte-bello até o Itatiaia nos dias limpos para o sul de Minas, de Março em diante n'esses logares ha geada, e quando esta cae na Aiuruoca, Bocaina, e Guapiara no Itatiaia, e Serra-negra no Monte-bello, ha, alem de gelo, abundancia da neve.

Assim observei, que em uma altitude de 7.000 pés, na baze do Itatiaia, a 24 de Junho de 1859, o centigrado, ás 7 horas da manhan, marcava 3.°, e havia muita geada; na Guapiara e Aiuruoca, nas mesmas horas, o mesmo termometro marcava 10.° e era precizo descer cerca de 2.° para observar-se o que se via nas montanhas; isto depende da altitude, e n'estes logares no estio o clima é mais doce e mais temperado, em razão das cauzas fizicas, que para isso influem.

Uma observação constante é, que no excesso do calor, si o termometro de Fah. caminha para 88, 89, e 90.°, o barometro segue a ordem inversa, e o céo de cumulus carrega-se em um negro medonho, e finda-se em uma tempestade, seguida de raios, ou vento de rajada.

§ 11

OBSERVAÇÃO SOBRE A CARTA TOPOGRAFICA

Determinei o paralelo do 22°. por observação astronomica e bem assim as latitudes de São-Bento, Baependi, e Itatiaia; dos graos de longitude o 2.° e 3.° fôrão por passagens meridianas da lua; e os de mais logares incluzos por observações trigonometricas.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1882

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 9 DE JUNHO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidida pelo Sr. Visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da noite, reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde de Bom Retiro, Joaquim Norberto de Souza Silva, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Jozé Ribeiro de Souza Fontes, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Henriques Leal e Conde de Baependy, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento. O Sr. presidente abrio a sessão, e em seguida disse: que sendo essa a primeira vez que o Instituto se reunia este anno depois do falecimento do illustrado e benemerito consocio o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, de sempre saudoza memoria, julgava bem interpretrar os sentimentos de todos propondo, que, obtida a venia imperial, se levantasse a sessão, conforme a praxe nunca interrompida, em demonstração de profundo pezar por tão lamentavel acontecimento, permitindo-se entretanto ao Sr. Joaquim Norberto ler as palavras, que havia destinado recitar por ocazião de descer ao tumulo o cadaver d'aquelle pranteado consocio. Sendo tudo unanimemente aprovado, leu o Sr. Joaquim Norberto o seguinte discurso.

« O poeta idolatrado do povo brazileiro, que fez as delicias da geração entuziastica, a qual se levantára com o prezente imperador, quando essa brilhante pleiade composta

de Araujo Porto-Alegre, de Magalhães, de Gonçalves Dias e de outros astros radiantes,perlustrava com suas inspirações o ceo da patria, apartou-se de nós, e para sempre! Foi pedir á terra de seu berço, que elle amou tanto, um punhado de argila como a mortalha mais digna de seus restos, e seu espirito já sulca os espaços celestes embalado pelas ondas harmonicas, que produzem os astros, que gravitão no infinito.

« O Dr. Joaquim Manoel de Macedo, para quem hoje só temos lagrimas de saudade, era um talento, que se fazia admirar pela sua fecundidade sempre brilhante, e que se reproduzia em todos os estilos.

Menino sublime—sahio do berço entre rizos e flôres,tendo nas mãos a *Moreninha* e o *Moço louro,* e para logo o acolheu o povo como o primeiro romancista do paiz. Desde então producções como *os Dous amores, Vicentina, Roza,* e outras condignas de seu grande talento, vierão ocupar na literatura patria o competente logar de honra, e nem ficárão sómenos ás bonitas producções romanticas, que nos deu depois Jozé de Alencar, pois basta a *Nebuloza* para o aureolar com a magestade de seus raios.

E quanto lhe não deve a historia brazileira? O alumno, que se afadigara por seis annos em avidos estudos scientificos, trocou o diploma de medico pela cadeira do magisterio, deixou os infermos pelos alumnos juvenis, que tanto o consideravão, como elle proprio considerara e respeitára sempre os seus mestres.

O orador do Instituto Historico,depois de haver sido seu 1° secretario,rivalizou na eloquencia com Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, e de suas orações redivivião para a posteridade os illustres mortos, burilados pelo seu cinzel, pois subtrahia á obscuridade, em que se finavão, os varões notaveis pelos seus serviços, mas esquecidos em sua modestia, que n'esta terra são os homens como o sol, que mais parece avultar e engrandecer-se, depois que descamba no horizonte, á hora do ocazo do que no seu giro cheio de esplendor e magestade.

Como cidadão politico pertenceu sempre ao partido liberal. Redigio a *Nação,* e fez parte da redação de varias revistas e gazetas. Deputado á sasembléa provincial do

Rio de Janeiro e a assembléa geral em varias legislaturas, não vizou jámais a sua ambição os altos cargos do estado, e, aconselhado pela sua immensa modestia, rejeitou nomeações de prezidente de provincias, e não aceitou, apezar de muito solicitado, uma pasta ministerial, dando por unica desculpa — sua pobreza!

Uma divida de honra, que chamou á si, divida immensa e oneroza para seus hombros, amargurou-lhe os ultimos annos da existencia e apressou-lhe a morte. A divida, o terrivel fantasma que perseguira a Lamartine, a Balzac por toda a parte, substituio a sua muza: veio sentar-se com elle á meza do seu trabalho, como o convidado de pedra tomava parte na refeição de D. João. Para pagar aos implacaveis credores, afanava-se compondo e escrevendo, como elle dizia, a duas mãos. A tarefa era ardua, era pezada, era por demais enfadonha. Os juros crescião com os dias e as noites, e dia e noite redobravão a divida, implacavel espectro de sua existencia. Baldarão-se por fim todos os seus esforços. Vio apossarem-se da herdade de seus pais, e apenas pôde salvar n'esse naufragio tremendo os escravos do cazal paterno, atirando-lhes com a unica taboa de salvação que tinha, a alforria, porque não servissem o outrem.

D'essa luta, em que se empenhava tão nobremente, sahia vencido o seu espirito, cahia o seu talento a olhos vistos, e já seus escritos começavão a resentir-se de uma tal ou qual decadencia. Criticavão o autor, que já não tinha tempo precizo para limar as suas producções, quando a triste victima da divida, quando o pobre martir dos juros accumulados estava atrás do autor, que, como se dizia sem saber a cauza, trabalhava avido dos lucros de sua penna.

Assim aquelle que alforriára as crias da herdade paterna era mais escravo do que ellas. Tinha por senhora uma enorme divida, para quem, pobre escravo! trabalhava noite e dia!

Depois vierão ainda novos dissabores.....

Já sou demais n'esta terra! Devo morrer!... Foi o brado de indignação ou antes da santa rezignação do poeta, quando a critica mesquinha e invejoza abocanhára o ultimo

brinco de sua muza jovial, que só teve por fim tirar da obscuridade uma nova vocação muzical, que, como elle, arcava com privações de todo o genero, porque n'este absurdo paiz tudo é ainda estrangeiro, e o teatro fecha as suas portas ao talento nacional, embora produza tragedias como *Cobé* e o *Cégo*, ou dramas como *Lusbella* e o *Amor da patria*, ou operetas liricas como o *Sacrificio de Izaac* e o *Fantasma branco.*

Oh! desde esse dia alquebrarão-se de todo as forças ao valente lutador. Resfriou-se-lhe o cerebro de fogo. Enfraqueceu-se-lhe a luz da inteligencia, como uma estrela, que se apaga. Cahirão-lhe as azas estridentes de seu genio, que tão altivamente se alevantára, como ao condor ferido pelo raio. E essa cabeça de ouro desmoronou-se qual a estatua de Nabucodonozor sobre os frageis pés de barro, para confundir-se com a poeira dos tumulos....

Prostrado sobre o leito da morte, revestia-se o seu semblante de uma serenidade santa, como se já reflectisse a luz siderea da eternidade. Via os seus amigos, estendia-lhes a dextra, balbuciando seus nomes e lhes dirigia um olhar brilhante, eloquente, expressivo, como si quizesse tomar um raio da lua e escrever sobre a superficie da bahia de Niterohy, não os versos divinos da *Nebuloza*, mas aquellas palavras que dão testimunho de sua santa rezignação:

Já sou demais nesta terra! Devo morrer!...

Demais? sim, demais!... Era já a harpa sem cordas. Os companheiros de suas lides, os cantores de Colombo e dos Timbiras, mestres, discipulos, amigos, admiradores de seu genio, todos ou quazi todos havião baixado ao sepulcro, um em terra estranha, outro ao tocar as praias da patria, tendo por tumulo o fundo do Oceano, e muitos e muitos no proprio ninho paterno. Restava a inveja em pé ante elle, a inveja, que esquecia os seus triumfos, e que nem curvou-se ao passar do seu féretro!

E eu, que o precedi no berço uns dezoito dias, sobrevivo-o para choral-o, como elle chorou commigo o ente,que me foi tão caro n'esta vida, pedindo a Deus que o fizesse anteceder na morte á sua espoza — egoismo, dizia elle, do santo amor conjugal. E quem sôbe enriquecer a emprezarios teatraes, trabalhando ás mais das vezes só por amor das letras,

quem sôbe proporcionar tantos lucros aos editores de suas obras, morre legando apenas a sua amavel consorte a menos das cubiçadas heranças — a pobreza !

Receba elle agora do Instituto Historico, que tanto abrilhantou com os seus escritos, o adeus da externa saudade.

Desputarão-lhe a gloria, e ella lhe pertence. Deifica-o esplendida apoteozis. Convertem-se as suas produções em estrelas brilhantes como a constelação do seu céo. É sua a posterioridade ! »

Concluida a leitura d'este discurso, levantou-se a sessão.

O 2°. Secretario

Joaquim Pires Machado Portella.

2.ª SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE JUNHO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMRERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da noite de 23 de Junho de 1882, reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Joaquim Noberto de Souza Silva, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Augusto Fausto de Souza, Antonio Henriques Leal, Maximiano Marques de Carvalho, João Severiano da Fonseca, João Franklin da Silveira Tavora e Felizardo Pinheiro de Campos, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, sendo recebido com as honra do estilo, tomou assento. O Sr. prezidente declarou aberta a sessão.

Lida pelo 2.° escretario a acta da antecedente, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por aprovada.

O Sr. Moreira de Azevedo, 1.° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Avizo do Sr. conselheiro Rodolpho Epiphanio de Souza Dantas, participando ter sido nomeado, por decreto de 21 de Janeiro, ministro e secretario de estado dos negocios do Imperio.

Do mesmo Sr. ministro, pedindo com urgencia o parecer do Instituto sobre o projecto relativo á creação de uma universidade na capital do Imperio.

Do mesmo Sr., declarando em resposta ao oficio do Instituto de 4 de Novembro ultimo, que em 30 de Janeiro d'este anno expedira avizo ao prezidente da provincia de Mato-grosso para promover a remoção, para a capital, dos retratos existentes na camara municipal e no palacio dos capitães generaes da cidade de Mato-grosso.

Do mesmo Sr., declarando ficar inteirado da eleição, a que se procedeu no Instituto aos 24 de Dezembro de 1881.

Oficio da secretaria do Imperio, pedindo informações das ocurencias que se tiverem dado no Instituto, afim de que sejão mencionadas no relatorio, que tinha de ser aprezentado á assembléa geral.

Da mesma secretaria, remetendo para a bibliotheca do Instituto um exemplar da obra intitulada *Melanges de calcul integral*, composta pelo Dr. Joaquim Gomes de Souza.

Do prezidente da provincia do Paraná, oferecendo um exemplar da colleção de leis e regulamentos da mesma provincia promulgados em 1881.

Do prezidente de Goiaz, ofertando uma colleção de leis da mesma provincia promulgada em 1880.

Do prezidente da provincia de Santa Catharina, remetendo dous folhetos das *Notas geograficas e historicas sobre a Laguna*, pelo Dr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão.

Do Gabinete de leitura Tatuhiense em São-Paulo, pedindo a colleção, que lhe fôra concedida, da *Revista do Instituto*.

De João Augusto da Cunha Bailão Pinheiro, pedindo alguns numeros da *Revista do Instituto*, para d'elles tirar alguns apontamentos que lhe sejão uteis, afim de concluir um trabalho que tem em mãos sobre literatura.

Do secretario da Associação de socorros mutuos Memoria ao Marquez de Pombal, convidando o Instituto para assistir o seu festival.

Da Sociedade Pedro Alvares Cabral, convidando o Instituto para o seu festival.

Do escrivão da caza imperial, participando haver-se expedido portaria ao thezoureiro da mesma imperial caza para pagar a conta das latas de folha de Flandres.

Do consul da Italia, declarando que chegára ao seu destino um caixão com livros, que o Instituto remeteu para a Sociedade de Lincei em Roma.

De Antonio Firmino Monteiro, pedindo ao Instituto vizitasse o quadro de sua compozição *a Fundação da cidade do Rio de Janairo,* que se achava exposto na Typographia Nacional.

Do Visconde de Araguaia, acuzando o recebimento do oficio que o Instituto lhe dirigio em 12 de Novembro de 1881.

De Leopoldo Bisio, acuzando e agradecendo o oficio, que o Instituto lhe dirigio em 12 de Novembro de 1881.

Da biblioteca de Ouro-preto agradecendo a remessa da *Revista do Instituto.*

Da «Real Academia de ciencias morales e politicas», remetendo um exemplar dos discursos lidos na mesma academia.

Fôrão ofertados :

Pelo ministerio da guerra o *Relatorio* aprezentado a assembléa geral na 1.ª sessão de 1882.

Pela Sociedade de geografia commercial de Bordeaux o seu *boletim* ns. 21 e 22 de 1881.

Por M. Paul de Tournafond a *Exploração,* 2.º semestre de 1881 e de Janeiro á Abril de 1882.

Pelos autores o *Prolongamento da estrada de ferro de Baturité ao Cariri na provincia do Ceará.*

Pela Sociedade de geografia de Anvers o 4.º fasciculo do 6.º tomo.

Pela redação a *Revista Medica,* de Outubro e Novembro de 1881 e Janeiro de 1882.

Pela redação a *Revista Brazileira,* tom. 10, 3.º anno.

Pela Sociedade de geografia de Madrid o seu *boletim* de Outubro de 1881.

Pela redação a *Revista do exercito brazileiro*, de Janeiro e Fevereiro de 1882.

O *Boletim geologico e geografico territorial* dos Estados-Unidos.

Pelo autor, *Nova numeração da cidade do Rio de Janeiro*, vol. 2.° encadernado.

E os seguintes jornaes:

Verdade, *Monitor Catholico*, *Tempo*, *Diario da Bahia*, *Cruzeiro*, *Monde Inconnu*, 6 de Novembro de 1881, *Diario Official*, de Janeiro a Maio de 1882, *Globo*, *Canal Interoceanique*, de Novembro de 1881 a Março de 1882, *Industrial*. *Salut Public*, de 30 de Março de 1882, *Echo do Sul*, de 28 de Março de 1880, *Gil Blas*, de 11 de Fevereiro de 1882. *Jornal do Commercio* do Rio-grande do Sul, de 22 de Março de 1828.

Fôrão tambem ofertados os seguintes *Relatorios*:

Do ministerio do imperio, da agricultura, da marinha, da guerra, da fazenda, de estrangeiros e da justiça.

E pelo Sr. conselheiro Alencar Araripe a *Galeria de retratos dos senadores e dos deputados*, de 1853, e a *India Christan* pelo Padre Fr. Pedro Gual.

Pelo autor o 2.° vol. da *Viagem ao redor do Brazil*.

Todas as ofertas fôrão recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva communica ao Instituto, que como orador da commissão, que foi ao paço imperial cumprimentar a S. M. o Imperador pelo quinquagezimo oitavo anniversario do juramento a Constituição do Imperio, recitou o seguinte discurso:

« Senhor! O povo brazileiro despertou hoje á grata recordação de um memoravel dia.

A lei fundamental do Imperio foi jurada no dia de hoje pela nação, que a tão altas aspirações ergueu o brado do Ipiranga.

E a Constituição do Imperio, que tem visto desaparecer da scena politica tantas de suas irmans, é a terceira que na ordem chronologica persiste no mundo, como prova da nossa constancia, como exemplo de amor á estabilidade de nossas instituições.

E' ella, que, ha mais de meio seculo, mantém a integridade da nação brazileira, que a prezerva do dispotismo da anarchia, e que a conduz á prosperidade, de que é digna.

N'este dia pois de tão glorioza recordação vem o Instituto Historico e Geografico Brazileiro saudar a Constituição na augusta pessoa do delegado privativo do poder moderador, que, como ella tão sabiamente designa é a chave da harmonia de todos os poderes politicos do Imperio. »

E que S. M. o Imperador dignou-se responder, que agradecia á congratulação do Instituto Historico.

O Sr. Alencar Araripe, como thezoureiro, aprezenta: 1º. A conta corrente do anno de 1881, lançada no respectivo, livro com os documentos comprobatorios da despeza, 2.º O balanço impresso da receita e despeza do Instituto do mesmo anno, do qual se vê, que a receita importou em 9:829$377, e a despeza em 8:442$594, havendo por tanto um saldo de 1:386$783.

Ha no balanço a *observação* de que, além d'este saldo, existem 12 apolices da divida publica de 1:000$ e a quantia de 286$675 em uma caderneta da Caixa economica, afora os juros vencidos e ainda não contados; e que este mesmo saldo está sugeito ao pagamento do resto da importancia da impressão da Revista Trimensal de 1880 no valor de 3:000$, que deve ser pago logo que haja em caixa dinheiro suficiente.

Sendo este balanço datado do 1º de Janeiro d'este anno, ha uma nota de que em 4 de Fevereiro já foi pago esse resto de 3:000$000.

O livro de conta corrente com os documentos fôrão remetidos á commissão de contas; bem como fôrão alguns exemplares do balanço impresso destribuidos pelos socios prezentes. O Sr. thezoureiro consulta, si poderá tambem destribuir exemplares a outros socios, que não comparecerão. Resolveu-se, que sim; visto convir que saibão os socios

qual a aplicação das suas contribuições e o estado financeiro do Instituto.

Aprezentou tambem o balancete do trimestre de Janeiro a Março de 1882, do qual se vê, que a receita importa em 5:556$783, é a despeza em 4:265$658, havendo um saldo em caixa de 1:291$125.

O balancete é remetido á commissão competente.

O mesmo Sr. thezoureiro pede, que se dê decizão ás propostas, que existem para a admissão de socios; e diz que julgando convir mandar para as provincias algumas collecções da Revista para vender-se, pede autorização para remeter tres collecções á livreiros das capitaes seguintes: Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, São-Paulo e Rio grande do Sul, ao todo 21 colecções; e que o realizará, cazo o possa fazer independentemente de despeza com a remessa. Ficou autorizado para isto.

O mesmo Sr. fez entrega, por já lhe não serem precizos, dos seguintes papeis,que lhe fôrão passados com a thezouraria do Instituto pelo Sr. Olegario Herculano d'Aquino e Castro:

1.º Livro de contas correntes, o qual está pelo dito Sr. thezoureiro Alencar Araripe encerrado, levando fechadas todas as contas de debito de socios falecidos, e dos socios que não pagárão joia, na fórma da deliberação do Instituto de 9 de Setembro de 1881. 2.º Talões de recibos de 1879 a 1880 extrahidos pelo ex-thezoureiro o Sr. A. A. Pereira Coruja, e inutilizados por não terem sido cobrados. 3.º Nota dos antigos assignantes da Revista Trimensal.

E declarou, que dos papeis, que então recebeu, ficão em seu poder, por serem ainda necessarios, os seguintes: 1.º Livro de conta da receita e despeza do Instituto, escriturado em parte pelos ex-thezoureiros Pereira Coruja e Aquino e Castro. 2.º Livro de recibos de joias dos socios. 3.º Livro de recibos de assignantes da Revista Trimensal.

Obtendo a palavra o Sr. Franklin Tavora, passou a lêr, por pedido que recebera do Sr. Luiz Francisco da Veiga, a biografia, que este escrevera, da poetiza brazileira Narciza Amalia.

Finda a leitura, e obtida a venia de S. M. o Imperador, levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella.
2º Secretario.

3ª. SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE JULHO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro.

Ás seis horas e meia da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Henriques Leal, João Alves Portella, Barão de Capanema, João Severiano da Fonseca e Francisco Jozé Borges, e annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estilo, e toma assento.

O Sr. prezidente declara aberta a sessão.

Lida pelo 2.º secretario a acta da antecedente, foi aprovada.

O Sr. 1º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficio do prezidente da provincia do Maranhão enviando a fala que dirigio á assembléa provincial em Março do corrente anno.

Do da Bahia remetendo o relatorio com que o Visconde de Paranaguá passou a administração da provincia ao Dr. João dos Reis de Souza Dantas.

Do mesmo remetendo a colleção de leis provinciaes.

Do de Sergipe remetendo uma colleção das leis provinciaes de 1881.

Do do Maranhão remetendo uma colleção de leis e regulamentos provinciaes de 1881.

Do secretario da assembléa provincial do Espirito Santo remetendo os annaes da mesma assembléa.

Da 2.ª directoria do ministerio do Imperio, communicando que por decreto de 3 do corrente foi nomeado ministro do Imperio o Sr. conselheiro Pedro Leão Vellozo.

Do Instituto archeologico e geografico Alagoano, agradecendo a remessa da Revista do Instituto Historico.

De Joaquim da Silva Mello Guimarães oferecendo o 1.º Canto dos Luziadas em inglez por James Edwin Hewitt.

Uma carta de Antonio Borges de Sampaio, remetendo um livro manuscrito com o titulo *Denominação das ruas, travessas, becos, collinas, templos e edificios publicos* da cidade de Uberada, provincia de Minas-geraes, pelo vereador. Antonio Borges de Sampaio. Foi remetido á commissão de geografia.

Uma carta do Barão de Arantes, declarando mandar o mapa do Dr. Franklin Massena para o Instituto.

Uma carta de Octaviano Hudson, pedindo informações sobre o premio *Camões* remetido ao Instituto pelo Gabinete portuguez de leitura.

OFERTAS

Pelo Observatorio nacional Argentino o 2.º volume de Observações de 1872.

Pelo Dr. Teixeira de Mello *Efemerides nacionaes*, 1.º 2.º volume e index.

Pela Typographia Nacional: *Annaes da Imprensa nacional.*

Pelo autor Remi Semeon : *Histoire générale des choses de la Nouvelle-Espagne.*

Pela Typographia Nacional: *Leis do Brazil e decisões de* 1826 e 1880.

Pelo autor Angelo Justiniano Carranza: *Revolução de Buenos-aires em* 1839.

Por Mr. Vivien de Saint Martin: *Novo Dicionario de geografia universal.*

Por Arthur Vianna de Lima: a sua *Theze.*

Pela Sociedade de geografia de Madrid: 5 fasciculos do seu *Boletim.*

Pela Sociedade de geografia de Pariz: 17 fasciculos do seu *Boletim.*

Pela Sociedade Imperial dos naturalistas de Moscou, o seu *Boletim* 1 e 3.

Pela Real Academia dei Lincei: 9 fasciculos.

Pela Sociedade de geografia de Lisbôa: Boletim ns. 78, 9, 10.

Pela União Medica: os fasciculos de Março a Maio.

Pela Sociedade de Anvers: os fasciculos 6 e 8.

Pela Real Academia de historia de Madrid; *Boletim* n. 1 Tomo2.

Pela Sociedade S. P. de Beneficencia de Campinas: *Relatorio* de 1881.

Pela Sociedade de geografia de Bordeaux: os fasciculos 23 e 24.

Pela Sociedade Deus, Christo e Caridade: *Revista* de Janeiro e Novembro de 1881.

Pelos editores: *Archivo dos Açores.*

Pelo autor: *Discurso historico sobre o primeiro grito da independencia no Mexico*, pelo Dr. Manoel M. Bonilla.

Pelo Gabinete portuguez de leitura: *Relatorio* de 1881.

Pelo editor: *Premio Commercio do Porto.*

Pelo ministerio da guerra: *Relatorio* aprezentado ao corpo legislativo pelo conselheiro Afonso Augusto Moreira Penna.

Pelo da justiça: o *Relatorio* aprezentado pelo conselheiro Manoel da Silva Mafra.

Pelo do imperio: o seu relatorio.

Por Jozé Alvares do Amaral: *Almanak da cidade da Bahia.*

Pelo Dr. Jozé Maria da Silva Paranhos os seguintes

opusculos de Gabriel Gravier: *Le Globe Lenox* de 1511, *Étude sur une carte inconnue, la première dressée par Louis Joliet. Les Normands en route des Indes, Voyage de Paul Soleillet*, e *Sauvage du Brésil*.

Pelas respectivas redações os jornaes: *Diario Official, Jornal do Commercio* e *Cruzeiro*.

ORDEM DO DIA

Foi lida e remetida á commissão de admissão de socios a seguinte proposta: « Propomos, que seja admitido como membro do Instituto o capitão de estado maior de 1ª. classe Francisco Antonio Martins Tourinho.—*Augusto Fausto de Souza. Dr. Moreira de Azevedo. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Tambem foi lida, posta em discussão, e unanimemente aprovada a seguinte proposta: « Propomos, que se colloque na sala do Instituto o busto do Dr. Joaquim Manoel de Macedo.—*Dr. Moreira de Azevedo. Augusto Fausto de Souza. Dr. Antonio Henriques Leal. Severiano da Fonseca. Franklin Tavora. Joaquim Pires Machado Portella. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. 1°. secretario declarou ser necessario mandar fazer uma estante para livros; e fez vêr, que já possuindo o Instituto 58 fasciculos do Dicionario geografico universal, parecia conveniente, que se continuasse a assignal-o. Consultado o Sr. thesoureiro sobre uma e outra couza, rezolveu-se, que fôsse feita a estante, e continuasse a assignatura do diccionario.

O mesmo Sr. secretario passou a ler a noticia biografica do conselheiro Antonio Joaquim Alvares do Amaral, ofertada ao Instituto por Jozé Alves do Amaral.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe leu e ofertou ao Instituto um documento por elle copiado do original de letra de Jozé Bonifacio de Andrada, contendo idéas sobre a organização politica do Brazil quer como reino unido a Portugal, quer como estado independente.

E nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella.
2.° Secretario

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE JULHO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro

Ás seis horas e meia da tarde, achando-se prezentes na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, João Severiano da Fonseca, Jozé Ribeiro de Souza Fontes, João Barboza Rodrigues, Barão de Wildick, Barão de Capanema e Augusto Fausto de Souza, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as formalidades do estilo, tomou assento.

O Sr. prezidente declarou aberta a sessão; e lida a acta da antecedente, foi aprovada.

Então o Sr. prezidente, em frazes sentidas, lamentando a perda que o Instituto acabava de sofrer, não só com a morte de um dos poucos socios fundadores, que ainda restão, o illustrado Visconde de Araguaia, como com a do socio correspondente o Dr. Domiciano da Costa Moreira, propoz, que em demonstração de profundo pezar, e obtida a imperial venia, se levantasse a sessão. O que foi unanimemente aprovada, e levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella
2.º Secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE AGOSTO

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro

Ás seis horas e meia da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Antonio Henriques Leal,

João Barboza Rodrigues, João Alves Portella, Augusto Fausto de Souza e João Severiano da Fonseca, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento.

O Sr. prezidente declarou aberta a sessão, e o 2.º secretario leu a acta da antecedente, e foi aprovada.

Em seguida disse o Sr. prezidente ser bem para lamentar, que tendo elle ainda na ultima sessão mencionado o falecimento de dous consocios, tivesse logo n'esta de mencionar tambem o de outro, o illustrado Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, que fôra secretario do Instituto e até servira de seu orador interino ; que portanto, em vista dos estilos, propunha, que, obtida a venia de S. M. o Imperador, se levantasse a sessão em signal de pezar por tão triste acontecimento.

Sendo aprovada a proposta, levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella

2.º Secretario.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE AGOSTO DE 1882.

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Prezidencia do Sr. Visconde de Bom Retiro.

As seis horas e meia da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Tristão de Alencar Araripe, Augusto Fausto de Souza, Antonio Henriques Leal, Felizardo Pinheiro de Campos, João Franklin da Silveira Tavora, Barão de Wildik e Olegario Herculano de Aquino e Castro, annunciou-se a chegada do S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo tomou assento, declarando em seguida o Sr. presidente estar aberta a sessão.

O 2.º secretario leu a acta da antecedente; e não havendo quem sobre ella fizesse observações, foi considerada aprovada.

O Sr. 1.º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Avizo do ministerio do Imperio remetendo o diploma que o Instituto Historico, pela colleção de sua *Revista*, obteve do jury do 3.º Congresso geografico internacional em Veneza. Este avizo veio acompanhado do oficio do secretario do congresso.

Oficio do secretario do *Smithsonian Institute*, transmitindo cópia das palavras, com que a viuva do ex-prezidente dos Estados-Unidos general James Garfield agradeceu os sentimentos de pezar do Instituto Historico, por ocazião do tragico falecimento do mesmo general.

Da mordomia da caza imperial communicando haver expedido portaria ao respectivo thesoúreiro para pagar á Manoel de Souza Ramos a conta de objectos, que fornecera ao Instituto.

Do ministerio da interior pedindo a remessa da *Revista do Instituto*.

Da Sociedade amante da instrucção remetendo o seu relatorio do anno social de 1880 a 1881.

Do Club literario da cidade de Paranaguá, provincia do Paraná, pedindo *Revistas do Instituto*. Rezolveu-se que fôsse atendido.

Do Instituto dos bachareis em letras, convidando ao Instituto para assistir a sua sessão magna.

O Sr. 1.º secretario informou haver dezignado o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca para ir reprezentando o Instituto.

Da Sociedade de geografia de Iena, participando a sua instalação, remetendo a sua *Revista*, e pedindo as do Instituto, de Janeiro do corrente anno em diante.

Uma carta do conde Alexandre Lubawusky, pedindo ser admitido como socio do Instituto.

Foi rezolvido se respondesse, que houvesse de satisfazer as condições exigidas pelos estatutos.

OFERTAS

Pela secretaria da prezidencia do Rio-grande do Sul, os relatories com que o Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão passou a administração da provincia ao Dr. Joaquim Pedro Soares, e o com que este a entregou ao Dr. Jozé Leandro de Godoi Vasconcellos, e a fala que este ultimo dirigio á assembléa provincial.

Pela directoria do Club da lavoura em Campinas o seguinte: *Relatorio* pela mesma directoria aprezentado á assembléa geral dos seus socios em Março d'este anno; *Relatorio* que lhe fôra aprezentado pelo respectivo commissario na exposição do mesmo club em França em 1878, os *estatutos* do mesmo club, o *parecer* aprezentado e lido em assembléa geral de lavradores e commerciantes em 26 de Dezembro de 1880, e correspondencia dirigida ao mesmo Club.

Pelo director do Observatorio astronomico do Rio de Janeiro os Annaes do mesmo observatorio.

Pela Real Academia dei Lincei em Roma os fasciculos ns. 11 e 12 do vol. 6.°

Pela sociedade de geografia de Anvers o seu *boletim* de ns. 8 a 11.

Pela sociedade de geografia de Pariz o *boletim* de Dezembro de 1881.

Pela de Madride o de Maio de 1882.

Pela Sociedade dos naturalistas de Emdem o *relatorio* de 1880 a 1881.

Pelo Dr. Nicolau Seraloce y Zubizarretta a sua obra sobre Juan Sebastian del Cano.

Pelo Sr. Augusto Fausto de Souza uma colleção da *Revista illustrada.*

Pelo engenheiro Eduardo Jozé de Moraes a sua obra o *Rio São Francisco e a estrada de ferro Paulo Afonso.*

Pelo autor Felix Ferreira, *Notas bibliograficas.*

Pelo ministerio da agricultura, commercio e obras publicas o *Relatorio* aprezentado á assembléa geral na 2.ª sessão da 18.ª legislatura, e os annexos ao mesmo relatorio.

Pela directoria da Estrada de Ferro de D. Pedro II o *relatorio* do anno de 1881.

Pela Typographia Nacional o *Diario Official* de Julho de 1882.

Pelas respectivas redações: a *Exploração*, o *Cruzeiro*, o *Diario da Bahia*, *Industrial*, *Echo do Sul*, *Diario do Maranhão* e *União Medica*.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente informou, que S. M. o Imperador havia se dignado ceder, para acommodações do Instituto, mais tres quartos do paço. Foi recebida com muito reconhecimento a noticia d'este acto de Sua Magestade.

O Sr. 1º secretario informou haver mandado para a expozição antropologica do Muzeu Nacional os quadros a óleo de costumes indigenas, que ornavão a sala do Instituto.

O Sr. thesoureiro aprezentou o balancete da caixa do Instituto no trimestre de Abril a Junho d'este anno, no qual se vê ter importado a despeza em 959$638 e a receita em 1:631$125, havendo o saldo de 671$487. Foi remetido á commissão de orçamento.

O mesmo Sr. communicou, que, tendo sido autorizado na sessão de 9 de Dezembro ultimo a aplicar á compra de uma apolice da divida publica de 1:000$ o producto da arrecadação das prestações atrazadas e das remissões dos socios, havia comprado as duas apolices ns. 490 e 1339 (que aprezentou ao Instituto), sendo cada uma de 600$ ao juro de 6 %. E disse, que, si havia comprado duas apolices no valor de 1:200$ e não uma de 1:000$, fôra porque, na ocazião em que procurára realizar a acquizição, não encontrára de prompto apolices de 1:000$; e, começando então o novo semestre de juros, a demora traria augmento no preço pelo vencimento de premios; que portanto entendeu, que, sendo o pensamento da

autorização empregar aquelle produto em apolice, não errava com o pequeno excesso no valor da acquziição, desde que esse produto dava meios para isso.

Declarou mais, que a importancia da arrecadação do debito antigo e das remissões anda até hoje por 1:900$; e que, como a compra das duas referidas apolices importou em 1:285$800, resta ainda a quantia de 614$200, que póde ter igual aplicação, retirando-se da Caixa economica o depozito, que ali tem o Instituto, e que prezentemente é de 286$675 (fóra os juros de Janeiro ultimo para cá), retirada que será vantajoza, visto como, destinada á apolice, passará a render o juro de 6 %, quando agora só vence 5 %. E assim propunha, que continuasse a autorização para empregar-se o produto da arrecadação dos debitos antigos e das remissões na compra de apolices da divida publica, retirando-se, para igual fim, da Caixa economica o depozito ali existente.

O Instituto ficou inteirado das declarações do Sr. thesoureiro e aprovou a proposta.

Foi lido, posto em discussão e aprovado o seguinte parecer:

« A commissão de estatistica e de redação do Instituto Historico e Geografico Brazileiro, tendo em atenção a proposta aprezentada em 3 de Setembro de 1881 por diversos socios do mesmo Instituto para que, dado o falecimento de qualquer socio, não coincidindo o facto com o dia da sessão, em vez de suspenderem-se os trabalhos, se insira na acta um voto de pezar por este infausto acontecimento, podendo o Instituto dar outra qualquer manifestação de sentimento, que julgue conveniente, considerando:

1.° Que nenhuma dispozição ha no regimento. que se oponha á medida lembrada, sendo que, só por estilo introduzido de certo tempo a esta parte, se tem levantado as sessões, em que são feitas taes communicações;

« 2.° Que são poucas as sessões ordinarias, que durante o anno póde o Instituto celebrar em cumprimento dos seus estatutos, e muitos os assumptos que dependem de estudo e de deliberação do mesmo Instituto;

« 3.° Finalmente que nos proprios estatutos está apontado o meio de, em ocazião propria, manifestar o Insti-

tuto os seus sentimentos de pezar pelo falecimento dos consocios;

« É de parecer, que entre em discussão e seja aprovada a proposta como simples medida de expediente, sem dependencia de qualquer alteração nas dispozições regimentaes.

Rio de Janeiro 11 de Agosto de 1882.— *O. H. de Aquino e Castro. Dr. Antonio Henriques Leal. Tristão de Alencar Araripe.* »

Foi lida e aprovada a seguinte proposta:

« Propomos, que na acta de hoje se lance o nome dos socios efectivos actualmente existentes, e que são os seguintes:

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos
Dr. Maximiano Marques de Carvalho
Dr. Thomaz José Pinto de Cerqueira
Dr. João Manoel Pereira da Silva
Barão de Capanema
Dr. Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros
João Jozé de Souza Silva Rio
Dr. Filippe Lopes Neto
D. Francisco Baltazar da Silveira
Dr. Sebastião Ferreira Soares
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan
Conselheiro Jozé Ribeiro de Souza Fontes
Dr. Jozé Vieira Couto de Magalhães
Dr. Augusto Cezar Marques
Francisco Jozé Borges
Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja
João Wilkens de Matos
Ricardo Jozé Gomes Jardim
Dr. Antonio Henriques Leal
Dr. Manoel Jezuino Ferreira
Dr. Jozé Saldanha da Gama
Dr. João Ribeiro de Almeida
Dr. Jozé Maria da Silva Paranhos
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro
Dr. Ladislau de Mello Souza Neto
Dr. Joaquim Pires Machado Portella

Dr. Nicolau Joaquim Moreira
Conego Manoel da Costa Honorato
Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay
Dr. Rozendo Muniz Barreto
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão
Conselheiro Jozé da Costa Azevedo
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Propomos mais, que sejão declarados socios efectivos os seguintes socios correspondentes :

Major Augusto Fausto de Souza
João Franklin da Silveira Tavora
Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira
Dr. João Severiano da Fonseca
João Barboza Rodrigues
Dr. Luiz Francisco da Veiga
Barão de Wildick.

Rio de Janeiro 11 de Agosto de 1882.—Dr. *Moreira de Azevedo. J. P. Machado Portella. T. de Alencar Araripe.*

O Sr. Moreira de Azevedo passou a lêr um elogio necrologico do socio fundador Dr. Domingos Jozé Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia e o Sr. Fausto de Souza leu uma parte do esboço biografico do marechal do exercito Francisco das Chagas Santos.

Levantou-se a sessão ás 8 horas da noite.

Joaquim Pires Machado Portella
2.° Secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE AGOSTO DE 1882.

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Prezidencia do Sr. Visconde de Bom Retiro.

Ás sete horas da noite, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde de Bom Retiro, Joaquim Norberto de Souza Silva, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, Barão de Wildik, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Henriques

Leal e Barão de Capanema, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento, declarando o Sr. prezidente aberta a sessão.

Lida a acta da antecedente, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, ficou aprovada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficio do prezidente da provincia das Alagôas, remetendo a fala com que seu antecessor abrira a assembléa provincial em 16 de Abril ultimo.

Do mesmo, remetendo o relatorio com que o vice-prezidente lhe passára a administração da referida provincia.

Do secretario da provincia do Paraná, remetendo o relatorio com que o prezidente Sancho de Barros Pimentel passou a administração da mesma provincia ao vice-prezidente conselheiro Jezuino Marcondes de Oliveira e Sá.

Do mesmo secretario, oferecendo um exemplar impresso do catalogo dos objectos do Museu Paranaense, remetidos para expozição antropologica da côrte.

Do vice-prezidente da Imperial Sociedade dos naturalistas de Moscou, agradecendo a remessa da Revista do Instituto.

Do prezidente da Sociedade adriatica de sciencias naturaes de Trieste, agradecendo igual remessa, e ofertando o seu boletim.

Do secretario geral da Academia real das sciencias de Lisbôa, tambem agradecendo a remessa da Revista do Instituto.

Da directoria da biblioteca popular da Laguna no mesmo sentido, e pedindo a continuação da remessa.

OFERTAS

Por M^r^. Leonce Detcheverry a sua obra *Nossi Bé*.

Por M^r^. Vivien de Saint-Martin *Nouveau Dictionaire de Geographie Universel*.

Pelo Director do Museu Nacional, *Revista da Exposição antropologica*, 1, 2, 3 e 4 fasciculos.

Pelo ministerio da fazenda, a proposta e *Relatorio* aprezentados a assembléa geral este anno.

Pelo Archivo dos Açôres os ns. 15 a 18 do vol. 3°.

Pela Sociedade de geografia de Lisbôa o seu *boletim*, ns. 11 e 12.

Pela Sociedade de geografia de Bordeaux o seu *boletim* n. 14.

Pela de geografia de Anvers o 1° fasciculo do tomo 7 do seu *boletim*.

Pelo Instituto gegrafico Argentino o seu *boletim* n. 12 tom. 3.°

Pela respectiva redação *a Exploração* ns. 284 a 286 e 288 e 289 do corrente anno.

Pelas respectivas redações *a Mãi de familia*, 4° anno ns. 2, 3, 5, 6 e 7, o *Progresso* n. 74, o *Diario da Bahia* de 3 e 11 de Agosto, e o *Cruzeiro* de 12 a 25 do corrente.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente deu noticia de uma carta, que recebera do director do Muzeu Nacional communicando-lhe que além dos objectos, que ultimamente oferecera ao Instituto, dezeja fazer ao mesmo Instituto doação de alguns armarios destinados a esses como a outros objectos, que proximamente remeterá. Rezolveu-se, que se agradecess·.

Informou tambem haver convidado o Sr. Dr. Ramiz Galvão para servir de orador interino do Instituto. Inteirado.

O Sr. Fausto de Souza continuou a fazer a leitura do seu esboço biografico do marechal Chagas Santos.

E levantou-se a sessão ás 8 horas da noite.

Joaquim Pires Machado Portella

2.° Secretario.

8.ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE SETEMBRO DE 1882

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro.

As 7 horas da noite achando-se reunidos na sala do Instituto aos Srs. Visconde do Bom Retiro, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, Antonio Henriques Leal, Felizardo Pinheiro de Campos, Ladisláu de Souza Mello Neto e Barão de Capanema, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomouassento. Em seguida o Sr. prezidente declarou aberta a sessão ; e lida a acta da antecedente, foi aprovada.

O Sr 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um oficio da secretaria do Imperio remetendo em nome do prezidente da commissão central brazileira de permutações internacionaes, Dr Joaquim Jozé de Campos da Costa de Medeiros Albuquerque, as seguintes obras : *Annual Report of Regents of the Smithsonian Institution*, 1879, *Smithsonian Contribution to Knowlege*, vol, 23, *Smithsonian Miscellaneous collection*, vol. 18, 19, 20,21, *Anales del Museu Nacional de Mexico*, tom. 2,º entregas 3º 4º e 5º *The Penylvania Magazin of History and Biography*, vol. 5 ns. 1 e 2, *Memorial* of Joseph Henry, *Report of the controller of the currancy* 1880, *Mitheilunger der kais and hon geographischen gesellochaft in Vien*, 1880.

Oficio da Sociedade de geografia de Lisbôa, pedindo ao Instituto quaesquer esclarecimentos, que possua, relativos á montanha denominada *Serra da Estrella*.

Oficio do Dr. João Severiano da Fonseca, dando a razão porque tem deixado de comparecer ás ultimas sessões.

OFERTAS

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, ***Miscellanea***, contendo diversos documentos curiozos.

Pelo Dr. Estanislau Zeballos, por intermedio do Dr. Nicoláo Avellaneda, as suas obras, *Conquista de quince mil leguas*, e *Descripcion amena de la Republica Argentina*.

Pelo Dr. Franklin da Silva, *Mapa geral do sul de Minas*. (*)

Pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, *Monitor Catholico*, 1881 a 1882, encadernado.

Pelo Dr. Eduardo Jozé de Moraes, oito exemplares da sua obra, *Estrada de ferro de Paulo Affonso*.

Pela Academia real das sciencias da Belgica: *Memoires couronnées et autres memoires*, tom. 28, 29 e 30, *Memoires couronnées des savants étrangers*, tom. 39, 42, de 1879 e 43 de 1880, *Memoires de l' Academie royale des sciences de Belgique* tom. 42 de 1878, e 43 de 1880, 1ª parte, *Bulletins de l'Academie Royale* 2ª serie tom 45 a 49. *Annuaire de l'Academie Royale*, 1879 e 1880, *Tables des memoires des membres*, 1816 a 1857, e 1858 a 1878.

Pela Sociedade africana da Italia o seu *Bolletim* n. 1, anno de 1882.

Pelo Gremio moderno de Aveiros, *Homenagem ao Marquez de Pombal*.

Pela sociedade de geografia de Anvers, o 2º fasciculo do tomo 7 do seu *Bolletim*.

Pela Sociedade de geografia do Perú, o 1º trimestre de 1882 do seu *Bolletim*.

Pela Sociedade de geografia de Bruxellas, os *Bolletins* n. 2, 3, 4, 5, e 6 de 1880.

Pela Sociedade de geografia de Iena, os seus *Bolletins* nº 2 do 1º anno.

Pelo Dr. João Mendes de Almeida Junior *Monografia do municipio da cidade de São-Paulo*.

Pela respectiva direção, *Revista Maritima brazileira*.

(*) Este mapa havia sido ofertado pelo finado consocio Dr. Franklin da Silva, quando vivo, mas só agora foi entregue.

Pelo Dr. Mello Moraes Filho, *Revista da expozição antropologica*, 5°. fasciculo.

Pelas respectivas secretarias de estado os *Relatorios* do ministerio do imperio, da justiça e da marinha.

Pela prezidencia da provincia do Amazonas, *o Jornal 15 de Agosto.*

Pelas respectivas redações, *a União Medica*, n. 7, de Julho de 1882, *l'Exploration* n. 290 e 291, *Diario da Bahia*, *Diario do Brazil*, *Liberal Parahibano*, *Cruzeiro*, *Diario Official.*

Pelo Sr. Joaquim Norberto, *o Jornal do Commercio* do mez de Junho até hoje, como costuma.

ORDEM DO DIA

O Sr. Joaquim Norberto, não podendo comparecer á sessão, mandou a allocução, que recitou a S. M. o Imperador no dia 7 de Setembro, como orador da commissão, que foi saudar o mesmo augusto Senhor, é a seguinte :

« Senhor.—O Instituto Historico vem saudar o Imperador pelo anniversario do immortal brado soltado nos campos do Ipiranga, e que ainda hoje retumba em todo o vasto, rico e prospero imperio diamantino.

« É doce, é grato nos dias de agora recordar esse immenso grito, que emancipou uma opulenta colonia, a qual para logo tornou-se um novo e florescente imperio regido pelas mais livres instituições.

« O imperio americano, que se adianta todos os dias aos olhos do universo na conquista do logar, que lhe destinou o Eterno entre os grandes povos dignos da liberdade e da civilização christan, já se enorgulha na sua sublime missão de haver cooperado para a libertação das republicas vizinhas destronando a tirannia, que com o nome da liberdade se coroára com o barrete frigio. Nem uma nação na America fez ainda o que fez a generoza nação brazileira.

« Assim pois não é a nossa futura e nobre grandeza um mitho vão na crença dos Brazileiros ; e n'esse dia tão caro á patria ella se retempera com as glorias do passado e se engrandece com as esperanças do povir.

« O Instituto Historico, fazendo votos pela sempre crescente prosperidade do Imperio, pede a V. M. Imperial, que se digne de aceitar as suas homenagens na recordação historica de tão grande dia. »

S. M. Imperial dignou-se de responder, que agradecia as congratulações do Instituto Historico.

Foi lido e ficou sobre a meza, para ser votado na seguinte sessão, o parecer da commissão de admissão de socios sobre os Srs. Barão de Tefé e Francisco Calheiros da Graça.

Fôrão lidas e remetidas á commissão de historia as seguintes propostas:

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Alexandre Baguet, vice-consul do Brazil em Antuerpia, membro do Instituto geografico d'essa cidade, e que tem por diversas vezes escrito artigos sobre o Brazil nos annaes do mesmo Instituto e nos jornaes da referida cidade, servindo como titulo para sua admissão a sua memoria *La Province de Minas-geraes.*

Sala das sessões 15 de Setembro de 1882.—*Joaquim Pires Machado Portella.* Dr. *Antonio Henriques Leal.* Dr. *Moreira de Azevedo.*

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geografico Brazileiro o Sr. Dr. Estanislau Zeballos, publicista notavel da republica argentina e deputado á assembléa geral legislativa da mesma republica, servindo de titulo á sua admissão as suas duas obras ora prezentes ao Instituto Historico.

Sala das sessões 15 de Setembro de 1882.—*Ladislau Neto. Augusto Fausto de Souza.* Dr. *Antonio Henriques Leal. Joaquim Pires Machado Portella.*

E não havendo nada mais a tratar, o Sr. prezidente evanta a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella

2.º Secretario.

9ª. SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE SETEMBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom-Retiro

Ás sete horas da noite, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom-Retiro, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, Jozé Vieira Couto de Magalhães, Olegario Herculano de Aquino e Castro e Antonio Henriques Leal, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento, e o Sr. prezidente declarou aberta a sessão.

Lida a acta da antecedente pelo 2º. secretario, e não havendo observações sobre ella, deu-se por aprovada.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Da prezidencia da provincia da Parahiba, remetendo os seguintes exemplares : *Relatorio* aprezentado á assembléa provincial em 21 de Setembro do anno passado, *Expozição* em que o 1º vice-presidente passou a administração da provincia em 21 de Maio ultimo ; e dous exemplares das *collecções das leis provinciaes* dos annos de 1880 e 1881.

Do secretario do Gabinete portuguez de leitura, agradecendo a remessa da *Revista* do Instituto.

Do secretario da Connecticut Academy of arts and sciences, agradecendo a oferta feita pelo Instituto, e remetendo a sua *Revista*, vols. 4º e 5º, parte 2ª.

Um cartão postal de L. Loësch, pedindo um numero da *Revista* do Instituto, e o preço da assignatura em moeda franceza afim de assignal-a.

OFERTAS

Pela Real Academia das sciencias de Lisbôa as seguintes obras: *Historia e Memoria da mesma academia,* tomo 5º, parte 1ª e 2ª e tomo 4º, parte 1ª.

Documentos remetidos da India á mesma academia. tomo 1º.

Historia dos estabelecimentos scientificos literarios e artisticos de Portugal, por Jozé Silvestre Ribeiro. tomos 8º e 9.º

Oração da corôa, versão do original grego por J. M. Latino Coelho, 2ª. edição, 1 vol.

Hamlet, tragedia em 5 actos, tradução de Bulhão Pato, 1 vol.

Rapido esboço da vida e escritos de Dom Pedro Calderon de la Barca, por Jozé Silvestre Ribeiro;

Vida e viagem de Fernão de Magalhães, por Diogo de Barros Arana.

Panegírico de Luiz de Camões, lido em sessão solemne da mesma Academia em 9 de Junho de 1880.

Conferencias celébradas na dita Academia acerca dos descobrimentos e colonisações dos Portuguezes na Africa (4ª conferencia).

Relatorios dos trabalhos lidos na sessão publica da dita Academia em 9 de Junho de 1880.

Pelo major Augusto Fausto de Souza: *Curso da Historia Naval,* por M. Pinto Bravo, o *Globo* do mez de Agosto, e a *Marinha de guerra do Brazil na luta da independencia,* por Garcez Palha.

Pelo major Eduardo Jozé de Moraes: *Plano geral da viação ferrea da provincia do Rio-grande do Sul* (8 exemplares).

Por J. Barboza Rodrigues: *Genera et species orchidearum novarum.*

Pela Sociedade de geografia de Madrid o seu *Boletim.* tomo 12 n. 6.

Pela Real Academia dei Lincei: as *actas* das suas sessões, vol. 6, fascículo 13.

Pelas respectivas redações: *Exploration,* tomo 4º, semestre de 1882, *Diario da Bahia, Cruzeiro* e *Tempo.*

ORDEM DO DIA

Fôrão lidos, aprovados e remetidos á commissão de socios dous pareceres da commissão de historia em sentido favoravel aos trabalhos dos Srs. Jozé Silvestre Ribeiro e Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, afim de serem admitidos socios do Instituto.

Fôrão lidas e remetidas á commissão de historia as seguintes propostas:

Propomos para membro correspondente d'esta associação o 1° tenente da armada Manoel Pinto Bravo, nascido na provincia do Rio de Janeiro em 1849, servindo-lhe de titulo de admissão a sua obra *Curso de historia naval*, que comprehende todos os factos historicos da nossa marinha de guerra.

Sala das sessões em 29 de Setembro de 1882.—*Augusto Fausto de Souza*. Dr. *Moreira de Azevedo*. Dr. *Antonio H. Leal*.

Propomos, que seja admitido como membro correspondente d'este Instituto o 1° tenente da armada Jozé Egidio Garcez Palha, director da Biblioteca de marinha, redactor da *Revista maritima brazileira*, nascido no Rio de Janeiro em 1850; servindo de titulo de admissão os seus trabalhos historicos: *a Marinha de guerra do Brazil na luta da independencia* e *Noticia sobre os quadros maritimos que figurárão na expozição de historia e geografia do Brazil*.

Sala das sessões em 29 de Setembro de 1882.—*Augusto Fausto de Souza*. Dr. *Moreira de Azevedo*. Dr. *Antonio H. Leal*.

Correndo-se o escrutinio sobre a concluzão do parecer da commissão de admissão de socios, (que havia ficado sobre a meza) para ser admitido como socio correspondente o Sr. Francisco Calheiros da Graça, foi aprovado e considerado socio correspondente o dito Sr.

O Sr. Couto de Magalhães passou a fazer a leitura de um trabalho seu sob o titulo: *Observação sobre algumas palavras e frazes da lingua guarani*.

E levantou-se a sessão.

O 2°. secretario

Joaquim Pires Machado Portella.

10ª. SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE OUTUBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro.

Ás 7 horas da noite, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Joaquim Norberto de Souza Silva, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Felizardo Pinheiro do Campos, Fausto Augusto de Souza, Barão de Wildick, Antonio Henrique Leal, Maximiano Marques de Carvalho, e Olegario Herculano de Aquino e Castro, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, sendo recebido com as honras do estilo, tomou assento, declarando em seguida o Sr. prezidente estar aberta a sessão.

Lida a acta da antecedente pelo 2º. secretario, foi aprovada.

O Sr. 1º secretario passou a dar conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficio do prezidente da provincia da Bahia, remetendo dous exemplares do relatorio com que o vice-presidente Dr. João dos Reis de Souza Dantas lhe passára a administração da provincia em 29 de Março d'este anno.

Dito da Sociedade de geografia de Pariz, pedindo alguns numeros da *Revista* do Instituto, que faltão na sua colleção.

Dito da Sociedade africana da Italia, pedindo as publicações do Instituto, e oferecendo as que publicar.

Dito do director da colonia orfanologica Blaziana de Santa Luzia de Goiaz, pedindo a colleção completa da *Revista* do Instituto para a biblioteca da dita colonia.

OFERTAS

Apontamentos para a historia da marinha de guerra brazileira, por Theotonio Meirelles, 2º vol.

Relatorio aprezentado ao commandante da corveta Vital de Oliveira, por Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes.

Revista da exposição antropologica brazileira, pelo Dr. Mello Moraes Filho, do 6° ao 12° fasciculo.

Pela Sociedade de geografia de Lisbôa, o seu *boletim* n. 1, 3ª Serie.

Pela Sociedade de geografia de Madrid, o seu *boletim* tom. 13 ns. 1 e 2.

Pela Sociedade africana da Italia, o seu *boletim,* anno 1° fasciculo n. 2.

Pelo Sr. Vicente Machado de Faria Maia, *Cavalleiro d' Africa, ou scenas da vida dos Açores,* 1° e 2° vols. e *Propriedade intellectual.*

Pelo Sr. Aristides Espinola, *discurso proferido na sessão da camara dos deputados* em 13 de Julho de 1882.

Pela respectiva redação, *Revista maritima brazileira,* anno 2• n. 3.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, *um quadro* com o retrato de Juan Maurice, Conte de Nassau, Gouverneur du Brésil Hollandais, 1636, 1644.

Pelo Sr. Joaquim Norberto, o *Jornal do Commercio.*

Pelas respectivas redações : *União medica, Exploração, Tempo, Diario do Maranhão, Diario da Bahia, Cruzeiro* e *Diario Official.*

ORDEM DO DIA

S. M. o Imperador foi servido communicar, que o já conhecido explorador italiano, o tenente Bove, e mais dous distintos professores de universidades da Italia, seus companheiros de viagem, chegados hontem de Buenos-aires, terião provavelmente vindo vizitar o Instituto e assistir á prezente sessão, sinão fôra terem de embarcar hoje mesmo para a Europa. E acrescentou, que Bove, já tendo com o illustre Nordenskjald percorrido os mares articos, emprehendera, ha pouco, uma expedição em companhia dos dous professores, á Patagonia e á Terra do fogo, como preliminar de uma grande exploração scientifica das regiões antarticas, conforme o plano exposto por elle mesmo em um artigo da revista *Nuova Antologia* do anno passado.

Foi lido, aprovado e remetido á commissão de admissão de socios o parecer da de historia sobre as obras do Sr. D. Antonio da Costa.

Foi lido pelo Sr. Moreira de Azevedo, e aprovado para ser remetido á sociedade de geografia de Lisbôa um trabalho do mesmo Sr., contendo esclarecimentos sobre a serra da Estrella, o qual é do teor seguinte:

Encarregado pelo Instituto Historico de colher alguns esclarecimentos relativos á montanha brazilica Serra da Estrella, solicitados pela Sociedade de geografia de Lisbôa, cumprimos hoje similhante tarefa aprezentando os seguintes apontamentos.

É a Serra da Estrella um dos nomes locaes da cordilheira do mar, que da margem direita de rio Parahiba do sul, a oeste da Lagôa-feia, caminha mais ou menos distante da costa para oeste e sul até o rio da Prata, separando as bacias do Parahiba e do Paraná das dos diversos rios, que correm para leste.

Uma parte d'esta cordilheira, distante doze leguas da bahia do Rio de Janeiro na face occidental toma o nome de Orgãos pelas pontas agudas, que se levantão ao norte da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e que vistas de longe assemelhão-se com os canudos de um orgão. Estende-se a Serra dos Orgãos para o poente até a Estrella, que em sua parte mais elevada atinge a altura de 804 metros.

Dá esta serra nascimento aos rios Guapi, Suruhi, Magé e Inhomerim, sendo este ultimo navegavel no espaço de oito leguas e os outros em menor extensão. Antes de ser o Brazil cortado por estradas de ferro, era o rio Inhomerim, que, dos que se afogão na bahia do Rio de Janeiro, é o segundo em largura e o terceiro em extensão e o mais frequentado, conduzindo á capital do imperio os diversos productos das provincias de Mato-grosso, Goiaz e Minas geraes. Passárão por elles as riquezas das minas e o quinto do ouro para o erario regio. Os Srs. D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, sabios, viajantes celebres e diplomatas têem percorrido as aguas d'este rio, um dos primeiros do Brazil, que foi sulcado por barcos a vapor.

Pouco mais de uma legua de sua foz ha a povoação da

Estrella, outr'ora muito florescente e commercial,na qual vê-se a capella de N. S. da Estrella edificada sobre um outeiro, logo abaixo da serra d'este nome. Foi esta capella fundada em 1650 por Simão Botelho, então o unico possuidor de uma vasta sesmaria nas margens do Inhomerim. Talvez d'esse santuario proviesse o nome á montanha.

Na face meridional da raiz da montanha da Estrella ha uma importante fabrica de polvora, e da parte de Mauá em frente á entrada da barra da bahia do Rio de Janeiro communica uma estrada de ferro, a primeira construida no Brazil, a qual termina no principio d'aquella montanha.

Principia d'ahi uma excellente estrada de carro, que conduz em duas ou trez horas á cidade de Petropolis, edificada no alto da montanha.

Está actualmente em construção uma estrada de ferro do sistema de Reggenback, de bitola de um metro, que, transpondo a serra, irá a Petropolis. A primeira secção d'esta estrada da raiz da serra a Petropolis está orçada em 1.000:000$, a segunda de quarenta e cinco kilometros de Petropolis ao ponto denominado Areal em 900:000$, e a terceira de vinto e seis kilometros do Areal á freguezia de São-Jozé do Rio-preto em 800:000$000.

Deve a cidade de Petropolis sua existencia á iniciativa do actual Imperador, que mandou recolher ali em terrenos foreiros á caza imperial seis centos cazaes de colonos allemães chegados ao Rio de Janeiro em 9 de Junho de 1845.

A lei provincial de 20 de Maio de 1846 deu a esta colonia o titulo de villa sob a invocação de S. Pedro de Alcantara. Em 30 de Junho do mesmo anno celebrou-se ahi a primeira missa, e em 19 de Julho houve a primeira ceremonia religioza dos colonos protestantes.

Estabelecida a colonia foi logo vizitada pelo Imperador, e em 8 de Outubro de 1847 recebeu a primeira vizita de toda a familia imperial.

A lei provincial de 19 de Setembro de 1854 deu a Petropolis o predicamento de cidade e em 5 de Janeiro de 1860 foi emancipada a colonia.

Esta cidade, que muito ha prosperado, colocada a 800 metros acima do nivel do mar, rezidencia habitual do Imperador

no estio, conserva uma temperatura media inferior ao Rio de Janeiro de 6°. a 7°. gráos.

Falando da montanha brazilica Serra da Estrella, diz Aires de Cazal o seguinte: Em nada comparavel com a d'este nome na provincia da Beira. (*)

Sala das sessões em 27 de Outubro de 1882.—*Dr. Moreira de Azevedo.*

O Sr. thesoureiro aprezentou e foi remetido á commissão do orçamento o balancetė do trimestre de Julho a Setembro d'este anno, do qual vê-se, que, tendo importado a receita em 3:972$820 e a despeza em 3:642$728, ha em caixa o saldo de 330$102, afóra o que ainda se hade receber no thesouro nacional.

Em virtude de observação do Sr. Maximiano Marques de Carvalho, fôrão dezignados os Srs. Fausto de Souza e Henriques Leal para servirem interinamente na commissão de fundos durante a auzencia e impedimento de dous membros da mesma commissão.

O Sr. Alencar Araripe fez a leitura de um trabalho sobre a introducção do café no Brazil, no qual cita um trexo da biografia do capitão-mór Jozé de Xerez, antigo proprietario rezidente na capitania do Ceará, para mostrar a antiga existencia do café na actual provincia d'esse mesmo nome.

E levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Portella
2°. Secretario

11ª. SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE OUTUBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro

Ás sete horas da noite achando-se prezentes na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Manoel Duarte

(*) Esta noticia foi remetida ao Sr. Luciano Cordeiro, 1° secretario da Sociedade de geografia de Lisbôa, em 28 de Outubro de 1882.

Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe, Barão de Wildick, João Alves Portella, Antonio Henriques Leal, João Severiano da Fonseca, Felizardo Pinheiro de Campos, João Ribeiro de Almeida e Ladislau de Souza Mello Neto, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, sendo recebido com as formalidades do estilo, tomou assento, e em seguida o Sr. prezidente declarou aberta a sessão.

Lida pelo 2.º secretario a acta da antecedente, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por aprovada.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficio do prezidente da provincia das Alagôas Dr. Domingos Antonio Raiol, remetendo o relatorio, com que passou a administração da referida provincia ao Exm. Sr. 1.º vice-prezidente Dr. Eutiquio Carlos de Carvalho Gama em 3 de Setembro do corrente anno.

Dito da Sociedade fraternal Açoriana, remetendo os estatutos e relatorios da referida sociedade, e pedindo uma colleção da Revista do Instituto para a sua biblioteca.

OFERTAS

Pela Sociedade de geografia de Lisbôa, o seu *boletim* ns. 2 e 3 da 3ª serie.

Pela Sociedade Real de geografia d'Anvers, o seu *boletim*, tomo 7º, fasciculo n. 3.

Pelo Instituto geografico Argentino, o seu *boletim*, tomo 3º, quaderno n. 15.

Pela Sociedade imperial dos naturalistas de Moscow, o seu *boletim* n. 3 de 1881.

Pelo ministerio da guerra, o *Relatorio* da 2ª sessão da 18ª legislatura.

Pelo Dr. Mello Moraes Filho, *Revista da expozição antropologica*, 14.º fasciculo.

Pelo Observatorio astronomico do Rio de Janeiro, o seu *boletim* de ns. 1 a 6 de 1881 e 1 a 7 de 1882.

Por Ignacio Joaquim da Fonseca, *Combate de Coevas.*

Pela redação, *Exploration* ns. 296 e 297 de 1882.

Pelas redações os jornaes, *Tempo* (16 e 23 de Outubro de 1882) *Revista do Retiro literario Portuguez* ns. 1, 2 e 3, *Diario da Bahia* e *Cruzeiro.*

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo ofertou ao Instituto um retrato moldurado do finado consocio Visconde de Araguaia, dezenhado por Jorge Borges de Oliveira, alumno do internato do Imperial Collegio de Pedro II.

Todas as ofertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido e aprovado o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento :

A commissão de fundos e orçamento, para cumprir o que está disposto no art. 23 dos estatutos d'esta instituição examinou cuidadozamente todos os documentos, que se referem á receita e despeza do anno financeiro proximo passado, e achou todos os documentos conformes e exactos em relação ás mesmas adições da receita e despeza. A commissão de fundos e orçamento reconheceu na receita um grande augmento, o qual é devido á actividade e zelo empregado pelo nosso muito illustrado thesoureiro para a arrecadação de muitas quantias, que se reputavão quazi perdidas ; e por um tal serviço a commissão é de parecer, que este Instituto louve e agradeça ao mesmo senhor illustrado thesoureiro.

A commissão, verificando as sommas dos diferentes algarismos, achou na recapitulação final uma diferença para mais de 11$, a qual deve ser deduzida do saldo de 1:387$783, que ficará assim reduzida a 1:376$783.

A commissão de fundos e orçamento não póde deixar de louvar a solicitude, com que o nosso muito illustrado thezoureiro cumprio o art. 20 dos nossos estatutos, aprezentando o balancete do estado prospero do cofre d'este Instituto.

Sala das sessões em 11 de Agosto de 1882.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. Augusto Fausto de Souza. Antonio Henriques Leal.*

O Sr. 1°. secretario informa haver-lhe declarado o Sr. Alfredo Taunay, relator da commissão de admissão de socios, ter em seu poder o parecer da commissão de geografia, favoravel aos trabalhos do Sr. Barão de Telé.

Leu-se e foi unanimemente aprovado por unanimidade de votos em escrutinio secreto o seguinte parecer:

« A commissão de admissão de socios examinou com cuidado os trabalhos dos Srs. capitão de mar e guerra Barão de Tefé e capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça, já analizados pelas respectivas commissões do Instituto Historico e Geografico Brazileiro e por ellas tão merecidamente aplaudidos, e não póde deixar de propôr, com o maior jubilo, sejão aquelles distintos oficiaes da nossa armada aclamados socios do mesmo Instituto. O Exm. Sr. Barão de Tefé, tão conhecido do paiz inteiro pela dedicação, energia e perseverança, com que levou a terminação completa a penoza demarcação dos limites d'este Imperio com a republica do Perú, é autor de muitas memorias, que, a par de esforçados trabalhos o collocão entre os mais notaveis cidadãos d'este paiz. A acquizição d'esse illustre marinheiro, bem como a do capitão-tenente Calheiros da Graça é sobremaneira auspicioza para a nossa associação, a qual tudo tem que esperar do seu entranhado amôr ás sciencias e elevado patriotismo.

Sala das sessões 25 de Agosto de 1882.—*Alfredo de Escragnolle Taunay.* Dr. *João Ribeiro de Almeida.* Dr. *Jozé Ribeiro de Souza Fontes.*

Em seguida foi declarado socio o Sr. Barão de Tefé.

O Sr. thesoureiro informou, que já se acha prompta a primeira parte da *Revista* do Instituto do corrente anno, e que a segunda se destribuirá em Janeiro.

O Sr. Alencar Araripe fez a leitura do capitulo terceiro de um trabalho seu sobre a *Cabanada do Pará.*

E levantou-se a sessão.

Joaquim Pires Machado Potrella

2°. Secretario

12ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE NOVEMBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro

Ás sete horas da noite, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Joaquim Norberto de Souza Silva, Manoel Duarte de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Antonio Henriques Leal, Barão de Capanema, Maximiano Marques de Carvalho e Ladislau de Souza Mello Neto, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, sendo recebido com as honras do estilo, tomou assento. Em seguida o Sr. prezidente declarou aberta a sessão; e lida pelo 2º. secretario a acta da antecedente, foi aprovada.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

São lidos os seguintes oficios:

Do Sr. Alfredo Taunay, communicando que por encommodado deixava de comparecer a sessão. Inteirado.

Do Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, remetendo tres documentos, a saber : o *foral da villa do Rio-grande*, a relação, em original, dos acontecimentos mais notaveis das conquistas das Missões orientaes 1801, assignado pelo proprio punho de Jozé Borges do Canto, e outra relação, tambem em original, assignada por Manoel dos Santos Pedrozo. Recebido com agrado.

Do Sr. Manoel de Araujo Castro Ramalho, oferecendo o trabalho, que acaba de publicar *Sinopsis de zoologia*, e pedindo o apoio do Instituto para a divulgação da mesma obra. Recebido com agrado.

Do bibliotecario da biblioteca publica da provincia do Espirito-Santo, acuzando o recebimento da colleção da *Revista do Instituto*, e pedindo alguns numeros que faltarão. Que seja satisfeito.

Uma carta do Sr. João Brigido dos Santos. acuzando o recebimento da *Revista do Instituto* dos annos de 1880 e 188I, e pedindo o anno de 1879, que tambem lhe falta. Que se satisfaça.

OFERTAS

Pelo Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, o *Dicionario biografico dos Pernambucanos celebres,* por Francisco Augusto Pereira da Costa.

Pelo Sr. Chrockatt de Sá, *Estrada de ferro de Jequitinhonha.*

Pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, o *Relatorio* com que o prezidente da provincia do Maranhão passou a administracção da provincia ao 1.° vice-prezidente em 17 de Novembro do anno passado; a fala com que o actual prezidente da mesma provincia abrio a 1.ª sessão da 24ª legislatura da assembléa provincial em 13 de Março ultimo.

Pelo ministerio de estrangeiros o *Relatorio* aprezentado á assembléa geral legislativa na 2.ª sessão da 18.ª legislatura.

Pelo club *Vinte de Setembro,* a *Historia popular do Rio grande do sul* e a *Historia da republica rio grandense.*

Pela Sociedade africana da Italia o seu *boletim* n. 3.

Pela Sociedade de geografia de Pariz o seu *boletim* 2.° trimestre de 1882.

Pela respectiva direção a *Revista maritima brazileira,* 2.° anno n. 4.

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho a *Revista da expozição antropologica do Muzeu Nacional,* fasciculos 13, 15 e 16.

Pelas respectivas redações: *Exploration,* tom. 14 n. 298 e 299, *Commercio del Plata, Diario do Maranhão, Diario da Bahia, Cruzeiro e Diario Official.* Todas as ofertas fôrão recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente informou, que, tendo o Sr. Dr. Ramiz Galvão declarado que com grande pezar não podia absolutamente aceitar o logar de orador interino, visto achar-se

muito atarefado, havia convidado para exercer tal logar o Sr. Alfredo Taunay, e que estava certo de que elle aceitaria.

Foi lido, aprovado e remetido á commissão de admissão de socios o parecer de historia sobre os trabalhos do Sr. Alexandre Baguet.

Foi lido e ficou sobre a meza para ser votado na sessão seguinte o parecer, que se segue, da commissão de admissão de socios * em favor dos Srs. D. Antonio Costa e Jozé Silvestre Ribeiro, Dr. Alexandre Jozé Teixeira de Mello e capitão de fragata Jozé Candido Guillobel.

O Sr. Moreira de Azevedo fez a leitura de parte de um trabalho seu sobre a revolução de Minas-geraes em 1842.

E levantou-se a sessão ás 8 horas.

Joaquim Pires Machado Portella.
2.° Secretario.

13ª SESSÃO ORDINARIA EM 24 DE NOVEMBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Barão Homem de Mello

Ás seis e meia horas da tarde, achando-se prezentes na sala do Instituto os Srs. Barão Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Barão de Wildick, Antonio Henriques Leal, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Tristão de Alencar Araripe, Maximiano Marques de Carvalho e Felizardo Pinheiro de Campos, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento.

Não tendo comparecido o prezidente, o Sr. Visconde do Bom Retiro, o Sr. Barão Homem de Mello, como 3° vice-prezidente, ocupou a cadeira da prezidencia, declarou

---

* Vai transcrito na acta seguinte.

aberta a sessão, e, com palavras de condolencia, annunciou ao Instituto haver falecido o digno socio Dr. Diogo Teixeira de Macedo, Barão de São-Diogo ; propoz que, na conformidade da deliberação ultimamente tomada, se lançasse na acta da prezente sessão um voto de pezar, tanto mais profundo quanto, tendo o Barão de São-Diogo pertencido ao Instituto desde 1839, fora um dos primeiros que, com suas luzes, concorreram para esta associação : o que foi unanimemente aprovado.

Lida pelo 2° secretario a acta da sessão antecedente, e sendo aprovada, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Fôrão lidos os seguintes oficios:

Da camara municipal de São-João da Barrâ, agradecendo a colleção da *Revista* do Instituto.

Da biblioteca de Palmares (Pernambuco), pedindo a remessa das publicações, que fizer o Instituto, e especialmente dos numeros da *Revista* publicados no corrente anno.

Do Club literario de Paranaguá, agradecendo a remessa dos ns. 20 e 26 da *Revista* e pedindo a continuação do n. 41 por diante.

Do Sr. Dr. Jozé Basson de Miranda Ozorio, participando ter tomado posse da prezidencia da provincia da Parahiba.

Do Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, remetendo o n. 54 do *Rio-grandense* de 9 de Março de 1876, contendo a noticia de um facto historico, e pedindo que se reunisse aos tres documentos, que já enviára na sessão passada.

OFERTAS

Pelo Sr. Barão de Penedo, o seu livro intitulado —*Missão especial a Roma em 1873.*

Apontamentos biograficos escritos e oferecidos ao Instituto pelo Sr. Dr. Jozé Mauricio Nunes Garcia.

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho, *Revista da expozição antropologica brazileira,* fasciculos 17 e 18.

Por M. Paul Tournafond, *L'Exploration* ns. 300 a 302.
Pelo Archivo dos Açores, *Historia Açoriana*, vol. 4 n. 19.
Pela Sociedade de geografia de Pariz, o seu *boletim*.
Pela Sociedade de geografia dos Estados-Unidos, o seu *boletim*, vol. 6º n. 3.

Pelo Sr. João Brigido dos Santos, um manuscrito original intitulado *Mapa do ouro de Sua Magestade*, enviado para Portugal em 1755.

Pelo 2º. secretario, uma cópia autentica da acta (que se acha registrada no registro velho do Archivo Publico) da installação da villa de Santo Antonio de Sá, pelo governador Arthur de Sá e Menezes aos 5 de Agosto de 1697.

Pelas respectivas redações, *União Medica* n. 10, *Revista do Retiro literario portuguez*, *Diario do Maranhão*, *Liberal Parahibano*, *Diario da Bahia* e *Cruzeiro*.

ORDEM DO DIA

Procedeu-se á votação do seguinte parecer, que havia ficado sobre a meza, da commissão de admissão de socios :

A commissão de admissão de socios, tendo prezentes os pareceres da commissão de historia relativos aos conselheiros Jozé Silvestre Ribeiro e D. Antonio da Costa, ambos distinctos escritores portuguezes, e ao Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, autor das *Efemerides nacionaes*, e verificando que n'esses illustrados e conhecidos literatos e homens de sciencia concorrem os requezitos precizos para pertencerem á nossa associação e lhe darem com os seus trabalhos e investigações brilho e realce, é de parecer, que sejão admitidos ao gremio do Instituto Historico e aclamados socios correspondentes.

Igual é o seu parecer em relação ao Sr. capitão de fragata Jozé Candido Guillobel, cujos trabalhos e escritos analizados pela commissão de geografia abonão sobremaneira os talentos e gráo de aplicação d'esse distincto official da armada nacional.

Sala das sessões 27 de Outubro de 1882.—*Alfredo de Escragnolle Taunay. Dr. João Ribeiro de Almeida. Barão de Souza Fontes.*

E correndo o escrutinio secreto sobre cada um dos ditos Srs., fôrão todos unanimente aprovados e declarados socios correspondentes do Instituto.

Foi lido e ficou sobre a meza para ser votado na sessão vindoura o seguinte parecer da commissão de admissão de socios :

Á commissão de admissão de socios foi prezente o conceituozo juizo da commissão de historia relativo aos trabalhos do Sr. Alexandre Baguet, vice-consul brazileiro em Antuerpia, e, concordando com a opinião esternada pelos illustres consocios, é de parecer seja o mesmo Sr. aceito no nosso gremio, visto concorrerem na sua pessoa qualidedes, que o tornão digno de pertencer ao Instituto Historico e Geografico Brazileiro, podendo prestar-lhe bons serviços na continuação dos esforços já feitos para tornar mais conhecido na Europa a riqueza natural, e os productos da nossa patria.

Sala das Sessões 23 de Novembro de 1882.—*Alfredo d'Escragnolle Taunay. Barão de Souza Fontes. Dr. João Ribeiro de Almeida.*

Aprezentando o Sr. thezoureiro um projecto de orçamento para o anno social vindouro, rezolveu-se, que fôsse confiado á commissão de fundos e orçamento para na fórma dos estatutos aprezentar o seu trabalho na 1.ª sessão, que ficou marcada para 7 de Dezembro.

O Sr. Alencar Araripe continuou a leitura do seu escrito *Cabanada do Pará.*

E levantou-se a sessão.

O 2.º secretario

Joaquim Pires Machado Portella

14ª SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE DEZEMBRO DE 1882

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Visconde do Bom Retiro

Ás seis e moia horas da tarde, achando-se prezentes na sala do Instituto os Srs. Visconde do Bom Retiro, Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Dr. Antonio Henriques Leal, Augusto Fausto de Souza, Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe, Maximiano Marques de Carvalho, Barão de Capanema, Felizardo Pinheiro de Campos e Henrique de Beaurepaire Rohan, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estilo, tomou assento.

O Sr. prezidente declarou aberta a sessão, e disse, que o Instituto não podia deixar de comprehender quão penalizado se achava ao annunciar-lhe o falecimento de mais um socio, o Sr. Dr. Manoel do Valladão Pimentel, barão de Petropolis, cujo nome só por si dispensa qualquer elogio, quer se considere no campo da sciencia, onde sempre ocupou logar distincto por seus conhecimentos, quer como cidadão, apreciado e respeitado por suas nobres qualidades; e que, interprete do sentimento do Instituto, convidava o secretario a lançar na acta um voto de pezar.

Lida pelo 2º. secretario a acta da sessão antecedente e sendo aprovada, o Sr. 1º secretario deu conta do seguinte.

EXPEDIENTE

Lerão-se os seguintes oficios:

Do vice-prezidente da provincia de Goiaz, remetendo um exemplar da colleção das leis da dita provincia promulgadas o anno proximo passado.

Da Academia de sciencias e letras e artes da Belgica pedindo a *Revista do Instituto* e oferecendo as publicações da referida Academia.

Uma carta do Sr. Dr. Ladislau Neto, partecipando não poder comparecer á sessão por se achar incommodado.

OFERTAS

Questão Economica escrita e oferecida pelo Sr. Miguel de Pino.

Pelo Sr. Major Augusto Fausto de Souza, o *Globo* do mez proximo passado.

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho, *Revista da expozição antropologica brazileira*, fasciculo n. 19.

Pela Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid, *Discursos* lidos na dita Academia por ocazião da recepção publica do Ex. Sr. Visconde de Campo-grande em 15 de Outubro d'este anno.

Cartas a um arrependido de la Internacional escritas pelo Sr. D. Ignacio Maria de Ferran, *Las Huelgas de Trabajadores*, las Asociaciones de obreros y las cajas de horras pelo Sr. D. Ricardo Ventosa.

Pela Sociedade de geografia de Lisbôa e Instituto geografico Argentino os seus *boletins*.

Pelas respectivas redações, *Diario da Bahia e Cruzeiro*.

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto o *Jornal do Commercio* do mez de Novembro.

O Sr. conselheiro Beaurepaire Rohan aprezentou dous importantes manuscriptos do falecido consocio Augusto Leverger, Barão de Melgaço, que lhe havião sido remetidos de Cuiabá com destino ao Instituto pelo coronel honorario Cezario Corrêa da Costa, genro do dito Barão; são elles *Dicionario geografico e Apontamentos chronologicos da provincia de Mato-grosso*. E pondera, que não devendo obras como estas ser publicadas por partes, roga ao Instituto, que seja ella integralmente publicada em um só tomo na Revista Trimensal.

Rezolveu-se, que fôsse remetido á commissão de historia para dar parecer.

O Sr. prezidente aprezentou uns papeis, que lhe fôrão entregues pelo Sr. Barão de Andarahi, remetidos de São—Paulo pelo Sr. commendador Fidelis Nepomuceno Prates, reprezentante da Sra. Viscondessa de Porto Seguro, afim de serem archivados no Instituto.

Esses papeis (trez cópias) contem, além do termo da inauguração do monumento elevado á memoria do Visconde

do Porto Seguro, por ordem da dita Senhora, uma discripção do mesmo monumento, da qual se vê, que, tendo o illustre Visconde nascido na fabrica de ferro de Ipanema, onde seu pai o coronel Frederico Guilherme Varnhagen era director, dezejava, como signal de quanto a amou, que no logar de seu nascimento, no alto do morro Araçoiaba se elevasse uma cruz modesta, em que se poria uma inscripção, que elle dissesse em seu testamento; e foi a seguinte, que se gravou em um escudo de ferro fundido prezo em uma face da pilastra, que sustenta a cruz:

Á memoria de Varnhagen
Visconde de Porto Seguro
nascido na terra fecunda descoberta por Colombo.
Iniciado por seu pai nas couzas grandes e uteis
Estremeceu sua patria e escreveu-lhe a historia
Sua alma immortal reune aqui todas as suas recordações.

E na face oposta da pilastra, em uma placa tambem de ferro:

Nasceu n'esta fabrica
a 17 de Fevereiro de 1816.
Faleceu
a 29 de Junho de 1878, em Vienna d'Austria,
onde repouzão
seus restos mortaes.

O Instituto rezolveu, que, em homenagem á memoria do distinto finado consocio, fiquem archivados os ditos papeis.

O Sr. Machado Portella diz, que, como orador da deputação, que por parte do Instituto fôra cumprimentar a S. M. o Imperador no dia 2 do corrente, pronunciára o seguinte discurso:

Senhor.— O dia natalicio de um principe, que tenha de empunhar o sceptro, não é sómente de espansivo contentamento e festivas alegrias entre os membros da régia

estirpe, pelas afectuozas emoções, que desperta e esperançozos presentimentos, que suggére: torna-se tambem de regozijo publico e marca um verdadeiro acontecimento politico, porque no preclaro recem-nascido contempla a nação o providencial ligamen dinastico, simbolo de um principio, cuja perpetuidade ella almeja.

É assim, Senhor, que o dia 2 de Dezembro de 1825 incendeu de entuziasmo todos os Brazileiros, que, exalçando preces ao Altissimo, entoav o genetliacos desde o Prata ao Amazonas. Era Vossa Magestade o alvo auspiciozo a que anciozas se dirigião todas as vistas; porque no thezouro, que nos havia de legar o augusto fundador do Imperio, se encarnavão as justas aspirações de um nobre povo, e os destinos de um estado, que se acabava de fundar.

E si por ventura espiritos houve, que, aprehensivos da contingencia humana ou de vacillante fé na proteção divina, só dubios lampejos de esperanças vislumbravão no annuviado horizonte do futuro, felizmente para o Brazil, sempre confiante no seu destino, esses lampejos converterão-se em fanaes brilhantes, jámais eclipsados por nuvens de incertezas e decepções. A espectação, que rizonha despontára em 1825, veio a ser eficaz realidade: os felizes horóscopos de então tornarão-se verdadeiros vaticinios. O trono, que por ocazião da independencia fôra sabiamente architectado pelas mãos da liberdade e do patriotismo, tem sido o paladio da estabilidade do Imperio; e no reinado de Vossa Magestade reflectem-se os mais significativos padrões da marcha progressiva do paiz.

Merecidamente memoravel é pois o dia natalicio de Vossa Magestade Imperial.

E o Instituto Historico e Geografico, que na valioza, illustrada e sempre constante proteção de Vossa Magestade tem encontrado elementos de vida e prosperidade, manda-nos aprezentar a Vossa Magestade suas cordiaes e muito respeitozas gratulações, com a asseveração de que faz os mais fervorozos votos para que se conserve por dilatados annos a precioza vida de Vossa Magestade Imperial e da imperial familia.

Passando-se á votação de um parecer da commissão de

admissão de socios, foi unanimemente aprovado para socio correspondente do Instituto o Sr. Alexandre Baguet.

Foi remetido á mesma commissão a seguinte proposta para socio:

Propomos para socio correspondente do Instituto historico, geografico e ethnografico do Brazil o Sr. conselheiro Antonio Jozé Viale, socio efectivo da Academia real das sciencias e Conservador da Biblioteca nacional de Lisbôa, professor de literatura grega e latina do curso superior de letras, literato mui respeitado por sua grande erudição. Além de varios trabalhos, em revistas e jornaes, ha d'elle versões primorozas do grego, do italiano e do latim, que vêem pela mór parte compendiadas na sua Miscellanea hellenica, e de alguns episodios dos Luziadas vertidos para o latim em versos virgilianos. Damos como titulos de sua admissão: Bosquejo historico-poetico dos acontecimentos mais importantes ocorridos em Portugal, e o Luziada, centuria historico-poetica, summario da historia de Portugal.

Sala das sessões do Instituto historico, geografico e ethnografico do Brazil em 7 de Dezembro de 1882. *Dr. Antonio Henriques Leal. Dr. M. D. Moreira de Azevedo. Augusto Fausto de Sousa.*

Foi lido e aprovado o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento para o anno vindouro social.

« A commissão de fundos e orçamento viu e examinou o balancete aprezentado á meza administrativa pelo muito zelozo Sr. thezoureiro em Agosto do corrente anno e achando conforme deu o seo parecer no dia 11 do mesmo mez, em cumprimento dos arts. 20 e 23 dos nossos estatutos.

Tendo agora o mesmo Sr. thezoureiro, em conformidade com o artigo 21, aprezentado as contas da administração dos fundos d'este Instituto um mez antes de findar o anno social, a commissão de fundos e orçamento, depois de examinar todas estas contas, achando-as exactas conforme os documentos aprezentados, é de parecer, que se lhe dê quitação e se lhe louve o zelo e criterio d'esta sua administração.

A commissão de fundos e orçamento tem a honra de aprezentar o seguinte projecto de orçamento de receita e despeza para o anno de 1883.

Art. 1.° A receita do Instituto Historico e Geografico

do Brazil para o anno de 1883 é orçada na quantia de 10:802$000

A saber:

Prestações do Thezouro Nacional	9:000$000	
Juro das apolices	792$000	
Cobrança da divida activa	100$000	
Joias de novos socios	100$000	
Prestações semestraes dos socios	720$000	
Assignaturas da *Revista*	40$000	
Venda de numeros avulsos da *Revista*	50$000	
		10:802$000

Art. 2.° A despeza é fixada na quantia de 8:980$000

A saber:

Impressão da *Revista*	3:000$000	
Reimpressão dos numeros esgotados	2:000$000	
Remessa da *Revista* para o estrangeiro	100$000	
Impressão do catalogo dos manuscritos e dos mapas	300$000	
Encadernação de livros	300$000	
Compra de estantes	60$000	
Vencimento dos empregados na fórma seguinte:		
Bibliotecario	1:200$000	
Ao mesmo como revizor de provas	200$000	
Escripturario	600$000	
Porteiro	720$000	
Expediente na fórma seguinte:		
Aceio da caza e agua	20$000	
Illuminação da sala das sessões	50$000	
Papel, tinta e lapis	80$000	
Porcentagem ao cobrador	250$000	
Eventuaes	100$000	
		8:980$000

Art. 3.° As sobras, que houver, se aplicarão á compra de apolices da divida publica, na fórma já autorizada.

Art. 4.° Como fundo de reserva o Instituto possue:

Doze apolices da divida publica de um conto de reis cada uma.

Duas ditas de seis centos mil reis cada uma.

Uma caderneta da Caixa economica na importancia de 286$675 réis, além dos juros vencidos de Janeiro ultimo para cá.

Sala das sessões do Instituto em 29 de Novembro de 1882. — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* Dr. *Henriques Leal. Augusto Fausto de Souza.*

O Sr. Moreira de Azevedo fez a leitura de parte das Efemerides historicas do Rio-grande do Sul, pelo Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja.

Joaquim Pires Machado Portella

2°. secretario.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL PARA ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1882

Ás cinco horas da tarde, reunidos na sala do Instituto socios em numero legal para em assembléa geral, na fórma dos estatutos, proceder-se a eleição dos membros da meza e das commissões, que devem servir no anno social de 1883.

O Sr. Visconde do Bom Retiro, como prezidente, abrio a sessão, e nomeados os escrutadores procedeu-se a eleição, cujo rezultado foi o seguinte :

PREZIDENTE

Visconde do Bom Retiro.

1.° VICE-PREZIDENTE

Joaquim Noberto de Souza Silva.

2.° VICE-PREZIDENTE

Barão Homem de Mello.

3.° VICE-PREZIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.° SECRETARIO

Joaquim Pires Machado Portella.

SECRETARIOS SUPLENTES

Dr. Antonio Henriques Leal.
Major Augusto Fausto de Souza.

ORADOR

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

THEZOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Major Augusto Fausto de Souza.
Dr. Antonio Henriques Leal.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDAÇÃO DA REVISTA

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Dr. João Severiano da Fonseca.

COMMISSÃO DE REVIZÃO DE MANUSCRITOS

Barão Homem de Mello.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Commendador Joaquim Noberto de Souza e Silva.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Luiz Francisco da Veiga.
Major Alfredo Escragnolle Taunay.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAFICOS

Barão de Capanema.
Barão de Wildick.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAFICOS

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Manoel Jezuino Ferreira.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAFIA

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira
Dr. Ladislau de Souza Mello Neto
João Barboza Rodrigues

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Major Alfredo de Escragnolle Taunay
Dr. João Ribeiro de Almeida
Barão de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRITOS

Barão de Souza Fontes.
Barão de Capanema.
Dr. Ladisláo de Louza Mello Neto.

Finda a eleição, declarou o Sr. Prezidente que o Instituto entrava em ferias, e levantou a sessão. (*)

Joaquim Pires Machado Portella

2.º Secretario.

(*) Não se procedeu á eleição de 1º Secretario, porque este logar é biennal, e para elle houve eleição em Dezembro do anno proximo passado, sendo então nomeado o Dr. Moreira de Azevedo.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geografico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1882

DISCURSO

DO PREZIDENTE O SR. VISCONDE DO BOM RETIRO

Senhores! — Abrem-se, mais uma vez, as salas do paço imperial, para acolherem em seu recinto os membros de uma associação scientifica, que cada dia mais se ufana e enche de nobre e justo orgulho, contemplando no chefe do estado, o seu prezidente honorario, — seu mais constante e eficaz protector, aquelle mesmo que, salvando a instituição que parecia definhar, inspirou-lhe alento vivaz, para marchar corajoza e ovante na senda do venturozo porvir, que V. M. I. lhe assinalou.

E abrem-se hoje, Senhor, estas salas para festejar-se o dia 15 de Dezembro — porque é esse o mais grandiozo dia de quantos tem o Instituto contado na existencia social de quazi meio seculo.

É elle o anniversario do dia, em que V. M. I., acrescentando novo explendor ao trono augusto de seus antepassados, veiu, pela primeira vez, tomar assento n'este campo da sciencia, elevando-nos dest'arte, a nós humildes cultores

de um de seus ramos, á maior altura, a que, em nossos sonhos de gloria, jámais ouzaramos aspirar.

Cerca de 34 annos são, desde então, decorridos; mas 34 annos, não recêiemos dizel-o, de perseverança e diuturnidade de esforços, para nos tornarmos merecedores de honra tão insigne, correspondendo assim á confiança em nós depozitada por V. M. I.

Não é porém, senhores, conforme por vezes hei declarado n'este logar, onde me collocou vossa benevolencia, mera festá de vaidozo luxo, de ostentação e aparato a que n'este ensejo celebramos.

Nem, como tal, sastifaria ella ao fim do Instituto, quando, penhorado pela gratidão, quiz perpetuar a memoria do dia 15 de Dezembro de 1849, dezignando igual dia, em cada anno, para solemnizar-se a nossa inauguração social. É, sim, o dia escolhido pelos autores de nossa lei organica, para dar conta do modo por que temos concorrido, no intervalo de uma a outra sessão magna, para o adiantamento dos estudo historicos e geograficos por efeito de nossas pesquizas e de nossos trabalhos, e ao mesmo tempo vêr si conseguimos realizar o nobre e elevado empenho de acoroçoar e convidar novos obreiros do templo da sciencia a tomarem parte em nossas lucubrações.

É ainda o dia fixado para o pagamento de triste, mas sagrada divida de reconhecimento para com aquelles de nossos sempre lembrados consocios, que comnosco collaborarão na mesma empreza, e que a morte cruel arrebatou de nossas fileiras durante o anno social, que hoje finda, deixando-nos sob o pezo de immorredoura saudade, e vendo em seu passado fecundos exemplos para serem imitados.

Cabe a primeira missão ao illustrado secretario, que a dezempenhará com a contestavel proficiencia, que lhe é propria. Por mão de mestre—elle fará a rezenha do ocorrido depois do ultimo anniversario, pondo em relevo o quanto continuamos a esmerar-nos no fiel e disvelado cumprimento das obrigações, que voluntariamente contrahimos perante o mundo scientifico, far-vos-á vêr, do mesmo modo, que a Revista Trimensal do Instituto tem-se publicado com toda a regularidade, recommendando-se

sempre pela impressão de primorozos manuscritos, e valiozos documentos, que, si não tivessem sido arrancados do olvido, em que jazião, terião sido devorados, como muitos outros, pelo poder destruidor do tempo, e deixado de ser, como já tem sido, preciozo subsidio para o esclarecimento de obscuros pontos da historia patria; ministrar-vos-á, finalmente, de par com diversos assumptos importantes, circunstanciada noticia do estado financeiro do Instituto, o qual, si não ostenta a face brilhante da riqueza, é comtudo lizongeiro e animador, até certo ponto, graças ao cuidado incessante de se não ultrapassarem os limites de nossos meios, auxiliados pelo inexcedivel zelo do distinto thesoureiro, que tem aplicado e não cessa de empregar, com exito feliz, os esforços a seu alcance para o melhoramento da arrecadação de nossa renda, afim de que se possa sempre manter o conveniente equilibrio entre a receita e a despeza.

Chegando a este topico, não me é licito passar adiante sem, por parte do Instituto, agradecer mui sinceramente á assembléa geral, e ao governo imperial, á cujo concurso devemos o augmento ultimamente concedido sobre o subsidio, que, ha annos, nos presta o estado, e que aplicado com o costumado criterio ha de produzir muito bons frutos, permitindo ao Instituto proseguir no caminho encetado, e dar novas provas de que, não obstante seus escassos meios, não perde ocazião de procurar realizar os fins de sua fundação, e concorrer, em tudo quanto d'elle depende, para lustre e gloria do Brazil dentro e fóra do Imperio.

Coube-me, o anno passado, o prazer de recordar o modo como fôrão apreciadas nossas produções pelo *Congresso internacional geografico de Veneza*, e o que fizemos no mesmo anno, afim de que o Instituto fôsse, como foi, dignamente reprezentado na expozição de historia, com tão magnifico rezultado, inaugurada na biblioteca nacional por um de nossos mais conspicuos consocios. Pois bem, cabe-me ainda hoje igual contentamento, referindo o facto de haver o Instituto contribuido tambem, por modo merecedor de elogios na esplendida e não menos interessante *expozição antropologica*, promovida no Museu Nacional pela

esclarecida intelligencia, e incansavel actividade de outro nosso mui distinto consocio o Dr. Ladislau Neto.

É elle proprio quem, em carta a mim dirigida, assim se exprimmiu : « Importante subsidio recebeu, por parte do Instituto Historico, a expozição antropologica brazileira ultimamente celebrada no Museu Nacional, e por muitas sociedades sabias da Europa ainda agora vivamente aplaudida. Este subsidio constou de algumas publicações raras sobre assumptos ethnograficos americanos; de uma bella colleção de quadros a oleo, reprezentando indios de algumas provincias do norte, (colleção oferecida ao Instituto Historico por Sua Magestade o Imperador) ; de alguns modelos de embarcações uzadas pelos indigenas do Amazonas ; de vazilhame reprezentando a arte ceramica moderna dos mesmos indigenas ; e de um craneo fossil, ou antes, metalizado, da Lagôa-santa, encontrado pelo illustre Dr. Pedro Lund n'aquella localidade, e ultimamente descrito nos Archivos do Museu Nacional. »

Além d'isto julgou o Instituto, que não devia mostrar-se indiferente ao sucesso da *expozição continental* de Buenos aires, e para ali enviou objectos, que, segundo informações fidedignas, fôrão muito bem recebidos e apreciados.

Estes e muitos outros factos de similhante ordem, que fôra longo enumerar, e se achão no dominio publico, são seguramente a mais cabal satisfação, que podemos oferecer áquelles que nos aprecião, e auxilião, e aos que nos observão, fazendo justiça a nossas intenções, e ao amor do trabalho, que nos ennobrece por entre dificuldades, que temos tido de superar no preenximento de nossos deveres : servem tambem para unica, mas categorica resposta aos incredulos, e aos que, menosprezando nossos dezinteressados e vivos esforços, dão com isso prova de não conhecerem, nem ao menos, as publicações do Instituto, ou de não terem procurado, com a necessaria imparcialidade, examinar a riqueza de manuscritos antigos, que temos salvado, e de tantos trabalhos e objectos do maior interesse historico archivados em nossa biblioteca.

O dezempenho do segundo dever, que nos impõe neste dia, a lei do Instituto—pertence ao eximio orador.........., mas ao tocar n'este assumpto, releve Vossa Magestade

Imperial, que, obedecendo aos impulsos da alma consternada, não deixe de fazer logo especial menção do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 1º secretario e 1º vice-prezidente do Instituto por largo espaço de tempo, e seu orador durante muitos annos. Sinto-me, Senhor, traspassado de vivissima dôr, quando, ao pronunciar tão digno nome, me vem a lembrança, que nunca mais ouviremos os primores d'aquella invejavel eloquencia, tão amena e deleitavel quão fecunda, e tão natural quanto sublime e arrebatadora, que tantas e tão repetidas vezes nos enlevou, e foi por nós todos sempre aplaudida.

Ha um anno dirigia eu d'esta cadeira fervorozas supplicas ao Altissimo, para que lhe não fosse fatal a grave infermidade, que nos privava então de sua prezença n'este recinto; hoje deplóro e lamento profundamente a immensa perda, que sofremos de tão prestimozo e infatigavel companheiro, por todos os titulos credor da estima que lhe era geralmente tributada, e do elevado apreço a que lhe davam direito seus talentos e não vulgar illustração, que tão exuberantes testimunhos deixou para gloria da literatura brazileira. Não devo porém ir mais longe...

O eloquente consocio, que já uma vez tão esplendidamente substituio áquelle sempre chorado companheiro, é quem, a meu convite e a instancias minhas, vem dezempenhar o mesmo encargo, fazendo, cumpre reconhecel-o em honra sua, um dos maiores sacrificios, que se podem exigir do coração humano, porque comparece entre nós arrastado pela força da dedicação, que o prende ao dever, que havia contrahido, embora coberto de sincero e pezado luto pela mui recente perda da espoza idolatrada.

Meus cordiaes agradecimentos pois, Sr. Dr. Franklin Tavora, de par com os de todo o Instituto. Vós dezempenhareis sem duvida esta doloroza missão muito mais completamente do que eu poderia fazel-o, quer a respeito do Dr. Macedo, quer no que concerne aos outros illustres cinco membros do Instituto, no corrente anno riscados da lista dos vivos—todos varões preclaros e eminentes por suas virtudes civicas e domesticas, e por serviços, a que se encadeião as mais gratas recordações, prestados á patria, e a esta associação, cada um em sua honroza especialidade.

Devo, Imperial Senhor, concluir, mas como sempre, —porque o sentimento da gratidão é, e será sempre indelevel em nossos animos,—depozitando aos pés do augusto trono de Vossa Magestade Imperial e da Excelsa Imperatriz por mim e como reprezentante do Instituto historico geografico do Brasil os reiterados protestos de nunca interrompida e leal dedicação e do mais profundo reconhecimento, por terem, mais esta vez, se dignado vir assistir e abrilhantar a nossa modesta festividade social.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO SR. 1º SECRETARIO,

DR. MOREIRA DE AZEVEDO.

Se os liames do dever não me atassem á esta cadeira, não ouzaria hoje erguer a voz n'este recinto, onde se perdem os échos da eloquencia de distinctos oradores; não viria expôr aqui a narração dos factos de uma academia, que entre seus associados enumera tantas illustrações; não viria contar a vida annual do Instituto Historico que, creado quasi a meio seculo, tão valiosos serviços ha prestado ás lettras, que nos annaes litterarios da nação não se vê outra sociedade que mais se haja avantajado; porém, imitando de algum modo a D. João de Mascarenhas, o herói de Diu, que, apezar de ter 80 annos, dizia ter só 25 quando se tratava de defender o rei, nós tambem, apezar de apoucada intelligencia e diminutas habilitações, faremos ouvir nossa voz fraca e abafada, porque assim ordena esta academia, mais cuidadosa em commemorar sua installação, do que feliz na eleição de seu primeiro secretario.

Celebrou o Instituto Historico durante o anno social que hoje finda quatorze sessões, nas quaes vio-se sempre occupada pelo Imperador a cadeira mais honrosa d'esta sociedade. A presença do Imperador ás sessões do Instituto é uma tradição que o tempo tem consagrado, e que servirá para glorificar na posteridade, entre outros factos, o reinado do Augusto Principe.

Entre os socios que exhibirão trabalhos devemos mencionar o Dr. Luiz Francisco da Veiga, que fez lêr a noticia

biographica de D. Narciza Amalia, escripta por elle. Derramando flôres sobre o nome da distincta brazileira que, como Angela a cega e Delphina da Cunha, tambem cega, ha cultivado com tanto brilho a poesia, contou-nos o autor a vida d'essa moça, as glorias de sua lyra, o respeito, estima e admiração, que tem sabido conquistar de todos seus compatriotas.

Leu o Dr. Augusto Fausto de Souza a biographia do marechal Francisco das Chagas Santos. Examinando documentos, confrontando os escriptores, que com aquelle militar se ocupárão, procurou o nosso digno consocio expôr a verdade e afastar da memoria do brioso soldado a nodoa de cruel, que quizerão alguns lançar-lhe sobre a farda. Foi minucioso, fez larga messe de factos, e em bom pedestal collocou o busto do guerreiro, que servio a nação em tres reinados.

O Sr. brigadeiro Couto de Magalhães fez a leitura de ligeiras observações ou retificações de algumas phrases e raizes attribuidas á lingua guarany, manifestando os conhecimentos especiaes que possue dos caracteres os mais differentes e variados d'esta lingua brazilica.

Apresentou o Sr. conselheiro Alencar Araripe uma breve noticia acerca da introducção do café no Brazil, mostrando que foi no Pará onde primeiro cultivou-se este util vegetal, transportado de Cayenna, e que posteriormente chegou elle ao Ceará trazido directamente da França em meiado do seculo passado. Levado mais tarde para a Bahia e para o Rio de Janeiro propagou-se por todo o sul do Imperio. Deu noticia o mesmo illustrado consocio de dous documentos curiosos consistentes em projectos de José Bonifacio de Andrada e Silva acerca da organisação do Brazil como reino unido a Portugal, de maneira que pudessem ambos os povos formar dous estados autonomos, mas vinculados por certos interesses communs e pela direcção de um só monarcha. Proseguio tambem na leitura da memoria a Cabanada do Pará, na qual tratou do movimento anarchico que perturbou essa provincia, dando-lhe dias de sangue e de devastação; contou a administração do presidente Bernardo Lobo, victima do furor dos anarchistas e a sedição do districto do Acará, introito horrivel d'essa luta desordenada.

Fez o primeiro secretario a leitura do começo do trabalho do antigo consocio Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, intitulado—*Ephemerides Rio-Grandenses*. Não conhecendo senão as primeiras paginas d'esta obra, não pode aprecial-a convenientemente, mas acredita que ha alli subsidios valiosos para a historia patria.

Em falta de outros consocios mais dignos occupámos duas sessões do Instituto lendo um ligeiro trabalho sobre a morte do visconde de Araguaya, que, tendo na alma o fogo ethereo da poesia, pelo mundo espalhou seus hymnos e com elles a gloria da patria; e a primeira parte de uma memoria sobre a revolução de 1842 em Minas-Geraes, memorando suas causas, seus autores, a extensão do movimento, os odios e primeiros combates d'essa luta entre filhos do mesmo paiz, que, esquecidos de que a patria era uma só, tingirão de sangue o estandarte de ouro e esmeralda da nação.

Entre as propostas apresentadas devemos mencionar a que estabelece que, dado o fallecimento de qualquer socio, não coincidindo o facto com o dia da sessão, em vez de suspenderem-se os trabalhos, insira-se na acta um voto de pezar, podendo o Instituto dar outra qualquer manifestação de sentimento; e a que approvou se declarasse em acta o numero dos socios effectivos existentes, e se elevassem a effectivos sete socios correspondentes.

Constão das actas as valiosas offertas que recebeu o Instituto de varias associações, academias, institutos nacionaes e estrangeiros, e de muitos cidadãos quer nacionaes quer de paizes estrangeiros. O nosso digno segundo vice-presidente, o Sr. Joaquim Norberto Souza Silva, continuou a enviar-nos a collecção do *Jornal do Commercio* do corrente anno, como fizera no anno antecedente; o Dr. Fausto de Souza a collecção do *Globo*, alem de outros presentes com que enriqueceu a bibliotheca; o primeiro secretario offertou alguns documentos curiosos e os retratos moldurados de Mauricio de Nassau e do visconde de Araguaya; enviou o Gabinete Portuguez de leitura um exemplar dos Luziadas e uma medalha de bronze do 3°. centenario da morte do grande poeta para serem conferidos pelo Instituto como premio aos seus associados que mais se distinguirem nos trabalhos academicos; remetteu a real academia de

sciencias de Lisbôa diversas publicações e obras de reconhecido merito; e tambem da commissão brazileira de permutações nacionaes e da academia real das sciencias da Belgica recebemos dadivas valiosas, que podem ser consideradas preciosidades em todas as bibliothecas.

Das mãos do conselheiro Beaurepaire Rohan, nosso illustrado consocio, alcançamos o presente de dous importantes manuscriptos do finado barão de Melgaço sobre a provincia de Matto-Grosso. O nome de Augusto Leverger, barão de Melgaço, esforçado marinheiro e intelligente administrador, que consagrou ao Brazil mais de meio seculo de relevantes serviços, occupa lugar honroso na galeria dos homens de lettras, e este legado virá sem duvida elevar mais o pedestal da columna de gloria que a patria já ergueu a tão notavel cidadão.

Do zeloso director do Archivo Publico do Imperio veio-nos a cópia authenticada do documento sobre a installação da villa de Santo Antonio de Sá da provincia do Rio de Janeiro.

Ordenou-nos o Instituto, que d'esta tribuna agradecessemos todas estas offertas para sua bibliotheca e para seu archivo.

Mandou a secretaria colligir em livros alphabeticos os nomes de todas as sociedades nacionaes e estrangeiras que se correspondem com o Instituto Historico, e sobe o numero das primeiras a 71 e das segundas a 80; mandou catalogar os periodicos não encadernados, que attingem ao numero 71; as cartas geographicas, existindo 234 lythographadas e 165 manuscriptas; reencadernar diversas obras antigas e raras; completar o indice das materias da revista trimensal do nosso instituto, o qual findava no volume 22 e vai agora até o volume 44; e collocar os livros nas estantes de harmonia com a classificação do catalogo.

Duas novas sociedades creadas ultimamente na Europa, a sociedade de Geographia de Iena, e a sociedade Africana de Napoles presentearão-nos com seus primeiros boletins, pedindo-nos em troca nossas publicações. Assim o fizemos. São estes os laços mais uteis que podem ligar estabelecimentos congeneres. Os boletins e revistas relatão a

vida das associações, e dão de sua utilidade e importancia documento certo e comprovativo.

Acha-se publicada a primeira parte da nossa revista do corrente anno, e tão adiantada caminha a impressão da segunda parte que no proximo mez apparecerá ella.

Deve-se esta regularidade na impressão de semelhante revista á solicitude da digna commissão de redacção.

Ainda este anno temos de apresentar a taça da gratidão para, em nome do Instituto, render graças ao Imperador, que, sempre munificente, com seu zelo animador de todos os progressos, de todas as instituições uteis, e seu amor ao estudo e ás lettras, concedeu novos aposentos em seu palacio da cidade para accommodações do Instituto Historico.

Ao zelo economico da meza administractiva, á actividade, intelligencia e dedicação do nosso digno thezoureiro, Sr. conselheiro Alencar Araripe, devemos o prazer de declarar que nada deve o Instituto Historico, e que ha um saldo avantajado no orçamento approvado para 1883. Além d'isto comprarão-se duas apolices da divida publica do valor nominal de 600$, cada uma, com o producto da arrecadação das prestações atrazadas e das remissões dos socios.

Mostrarão-se diligentes e zelosos os empregados do Instituto, que se conservou aberto todos os dias uteis, facultando a seus associados, e a algumas pessoas estudiosas a consulta das preciosidades de suas estantes.

Não podemos deixar de render um voto de gratidão ao governo imperial, que elevou a 9:000$ a prestação annual concedida á esta associação. Animar as instituições que trabalhão para o progresso, honra e grandeza da patria é acto meritorio dos governos das nações cultas ; e o Instituto Historico, que até aqui tem procurado prestar serviços á gloria nacional, poderá caminhar agora mais desassombrado em sua missão ardua e difficil, porém instructiva e patriotica.

Se o anno passado d'esta mesma cadeira mencionámos uma exposição scientifica realisada por um membro do Instituto e chefe de uma repartição publica, cabe-nos ainda hoje a honra de relatar igual commettimento executado por outro nosso consocio, o director do Muzeu Nacional. Não é occazião azada para tratar da importancia e utilidade

da exposição anthropologica e etnographica, que a capital do Imperio presenciou ha mezes; além de que tal é o subido apreço em que temos o illustrado auditorio que nos ouve, que julgamos desnecessario demonstrar a conveniencia de completarem-se as collecções de amostras, de todos os generos, relativas aos uzos, costumes, industria, crenças e dialectos do homem primitivo da America do Sul ou do Brazil. Assim louvores ao Dr. Ladisláu Neto, que soube ter patriotismo, inspiração e talento para proporcionar aos espiritos avidos de conhecerem o homem prehistorico da America esta festa scientifica, na qual exhibio o nosso Instituto quadros de costumes dos indigenas brazileiros.

Percorreu o Instituto seu estadio este anno com serenidade, navegou seguro por mares calmos, em horizonte aberto, porem mais de uma vez desceu sobre elle uma nuvem negra e nella envolveu um representante d'esta instituição. Quaes os que passárão á outra vida dirá a voz fluente e vibrante do nosso orador, costumado a colher as palmas academicas. Nomes de conspicuos cidadãos vierão occupar os bancos academicos deixados vasios pelo poder da morte. Fôrão admittidos sete socios, que serão outros tantos lutadores, que caminharáõ animados na grande estrada que se chama progresso, faráõ exaltar o conceito e merecimento d'esta associação de modo que a ninguem seja permettido duvidar de sua importancia e utilidade; e desde já pedimos-lhes que não attendão para aquelles que escarnecem, encolhendo os hombros, das distincções que não souberão conquistar; trabalhem hoje e amanhã, trabalhem sempre, elevem cada vez mais esta academia a primeira do Imperio e a mais considerada na parte da America que habitamos, e que ha 42 annos fixou-se n'este palacio, porque recebeu as chaves d'elle das mãos do Imperador.

Terminando em breves termos este relatorio, que em mãos habeis poderia ser um discurso academico, inspirando-se seu autor com os assumptos altos e grandiloquos, que fizemos passar rapidos e frios diante da vossa attenção, não podemos deixar de agradecer a todos que vierão assistir á esta festa litteraria, e ainda mais uma vez lembramos aos senhores associados que convém continuarmos

todos nós, com todo o esforço, no proseguimento da tarefa que emprehendemos, tarefa honrosa e solemne, de escrever a historia da nação, pois que escrever a historia de um povo é perpetuar sua gloria. Imitemos esses homens esforçados, poucos, porém animosos, que, em época menos feliz do que a que atravessamos, reunirão-se em uma sala escura e baixa e conferenciárão.

O que sahio d'essas trevas todos sabem, foi o Instituto Historico, que hoje tem á sua frente o Imperador, que não seguindo o exemplo do habil ministro de Luiz XIII, que fundava academias para viver entre os perfumes dos louvores e lisonjas, colloca-se do lado dos que trabalhão e comprehende que o historiador só tem um dever,—dizer tudo, tanto o mal como o bem.

Assim persistamos firmes, e acolhendo aquelles que nos queirão ajudar, ergamos o grande livro que se chama—historia da nação.

Dr. Moreira de Azevedo.

DISCURSO

RECITADO NA SESSÃO MAGNA DE ENCERRAMENTO

PELO ORADOR INTERINO

Dr. Franklin Tavora.

Senhores.— A cadeira que Macedo preenchia, ha um anno apenas impedida, hoje definitivamente erma, traja o luto da orphandade. Apartou-se d'ella para sempre o vulto que, por vinte e cinco annos, a dignificou pelo talento e pelo trabalho. Si não fôra esse apartamento, poderião ser amanhã resgatadas as imperfeições da informe obra de hoje. Infelizmente cessou de uma vez a palavra pittoresca que sempre mereceu do Instituto toda a attenção. As suas vibrações, que ainda ouvimos, prendem-se ao passado. Não creará outras harmonias. A eloquencia que por vezes vos arrebatou ao mundo da commoção, não vos dará nova cópia do seu poder, e da sua magia.

Eis o facto culminante desta solemnidade—uma cadeira onde emmudeceu de todo uma voz eloquente.

Mas não termina aqui a responsabilidade do vosso humilde orgão neste momento. Se supprir a falta de Macedo no logar de orador, é tarefa superior ás minhas forças, fazer o elogio historico de sua vida tão fecunda e tão util, é encargo que demanda condições de tempo e serenidade que actualmente me faltão.

Dizendo que a morte de Macedo occasionou uma grande perda, quer para o Instituto quer para o paiz, não uso um rasgo banal de velha rhetorica elegiaca. Com essa morte

desapparecêrão thesouros que não é facil descobrir colligidos em um só ponto. O romance nacional perdeu o seu fundador, o drama, um dos seus mais desvelados cultores, a poesia, uma das suas inspirações, a historia patria, uma das suas autoridades, a politica, um nome puro, a familia, um esposo exemplar e um irmão capaz de sacrificio.

Todos estes dons estão exigindo palavra inspirada que os ponha em relevo para a devida homenagem a quem tanto despendeu do seu pela honra da patria.

Longe disso, ouvireis uma voz sem a limpidez nem a frescura indispensaveis á critica e ao panegyrico.

Mas novas difficuldades se me antolhão.

Ao lado do fallecido orador ergue-se outro vulto de grandes dimensões com direito a identicas mostras de deferencia. Se o romance nacional perdeu em Macedo o inventor das suas fórmas, a poesia perdeu em Magalhães um daquelles mestres que mais brilhantemente a tem ensinado pela elevação. Magalhães não deixa seu nome ligado somente á poesia, mas a uma época da moderna historia litteraria, a 1830 que foi o 1789 nas letras. Seja qual fôr o prisma atravez do qual queirão vêr a sua individualidade, esse prisma ha de reflectir uma luz de brilhantes matizes.

A concepção de Magalhães, profundamente christã e philosophica, illuminou por quasi meio seculo os campos da nossa litteratura, ou antes agitou o nosso sentimento, e dirigio o nosso ideal.

Pelos modêlos que nos deu na feliz quadra da sua virilidade, formarão-se muitas producções de merito relevante. A sua nota foi uma harmonia por onde afinárão muitas harpas dolentes. Quasi todos estes instrumentos, não são hoje sinão monumentos do passado, não tem nas cordas sinão o oxydo da velhice; mas onde elles têm agora esse oxydo, tinhão então o fluido da mocidade; si hoje são talvez, objecto de riso escarninho, nesse tempo merecião geraes attenções. Não são tão inuteis como, á primeira vista, possa parecer; quem os suprimir, ficará sem marcos que dêem instrucção sobre os nossos limites naquella idade. Na longa cadeia da evolução não ha anneis que não tenhão seu valor; enleião-se todos pela logica da fatalidade historica.

Bem vêdes, senhores, que tenho diante de mim, não o estudo de dois literatos, sinão o da literatura nacional desde as primeiras manifestações do romantismo.

Em 1844, época do aparecimento da *Moreninha*, o romance brazileiro estava inteiramente por fundar. Joaquim Manoel de Macedo a quem devemos o valioso serviço de ter lançado no Brazil as bases da secção mais bella do moderno edificio literario, tinha então vinte e quatro annos, visto que nasceu a 24 de junho de 1820, na vila de Itaborahy. Doutorara-se na Escola de medicina do Rio de Janeiro — essa mesma Escola d'onde sahira antes, tambem doutor, Domingos José Gonçalves de Magalhães, nascido nesta cidade a 13 de agosto de 1811 — essa mesma Escola onde tambem se doutorara Manoel de Valladão Pimentel que vira a luz em 4 de março de 1802. Não são sómente estes — a mesma provincia e o mesmo centro academico — os pontos de conjuncção de tres espiritos que devião illustrar a patria nas letras, na philosophia e na medicina. Comquanto se interponhão nove annos entre o berço de cada um dos tres consocios, não se interpoem sinão alguns mezes entre o tumulo de cada um delles, visto que todos falecêrão no mesmo anno — Macedo em 11 de abril, o Visconde de Araguaya em 10 de julho e o Barão de Petropolis em 30 de novembro de 1882. Si reunirmos a este grupo veneravel Diogo Teixeira de Macedo, que, si não foi um ornamento das letras, foi uma das primeiras reputações de nossa magistratura, nascido em 1813 e falecido em 19 de novembro ultimo, ficará manifesto quanto foi pesado o imposto que pagou, neste anno, o *meio* em que se formárão estes quatro varões tão dignos pelos seus serviços. pela sua ancianidade, e principalmente pelo seu caracter,

Trazendo da Escola todas as reminicencias alli adquiridas, Macedo achou indicado por Magalhães, o caminho para as letras, sob a influencia da renovação romantica.

Com a vida do estudante então nutrida na graça, e matizada das innocentes alegrias que actualmente lhe vão fugindo, casara-se tanto a inclinação prazenteira de Macedo, que em muitos dos seus livros, punge o epigramma, estruge o riso, move-se a intriga anima-se o episodio que, sem a profunda intuição que ministrão os usos

academicos, serião pallidos esboços, nunca esbeltas e risonhas creações.

Dotado de temperamento literario que jámais se desmentio, ainda quando parece revelar-se, ou de facto se revela decadencia no escriptor —temperamento que predominando sobre o medico, e mais tarde sobre o politico deixou estes dous sem significação—Macedo, vendo a renovação litteraria crescer, adiant.r-se, avultar, vale-se das suas reminicencias, que incorpora em um todo limpido a que junta novas imagens com risonho colorido intertropical.

Uma distincção nova, uma feição insinuativa, uma fórma sympathica, umas côres atrahentes, uns certos gestos e atitudes que só se depárão em organizações robustas e sanguineas, eis o que todos notão immediatamente na fresca pintura offerecida pelo joven artista. Alguns prognosticão logo nelle um luminar das letras. A *Moreninha* é apregoada como o typo do romance brazileiro, pelo mimo, pela simplicidade, por algum tanto da familiaridade e do grotesco dos costumes nacionaes de ha cincoenta annos.

Escrevendo-o, teria o seu autor em mente fundar o romance brazileiro? Tudo me induz a responder pela affirmativa.

Desde 1822 até á declaração da maioridade, o espirito publico andava quasi exclusivamente entregue a politica. Periodo difficil da consolidação de nossa nacionalidade, não offerecia a producções de outro genero nem tempo bastante nem logar fecundo. A literatura não floresce em solo revolvido e volcanico; quer o calor, mas não a combustão, favoravel aliás ao jornalismo, arma de guerra não instrumento de paz nos tempestuosos dias de nossa genesis politica.

Logo, porém, que cessou, ou prometeu cessar, com a maioridade, a luta, o espirito publico, buscando talvez descanso em que reparasse as forças, devia affirmar-se pela manifestação literaria essencialmente pacifica ainda quando se inspira em passado tormentoso.

No velho mundo d'onde ainda nos chega o ruido de qualquer novo e grande progresso, uma transformação operava-se sob os auspicios da independencia e da

originalidade incompativeis com a férrea cadeia do classicismo. A nova orientação, tendo a sua frente o autor do *Genio do Christianismo*, o das *Meditações* e o das *Contemplações*, veiu achar solo de feição na America. Transplatado, o romantismo germinou; mas sendo a poesia o unico ramo literario que se cultivava no Brazil, não tiverão as letras outra manifestação romantica, da qual se constituio director, pelo seu genio, Domingos de Magalhães, comquanto estivesse na Europa donde nos transmitia em producções que todos lião com interesse o verbo da revolta.

Procurando demonstrar já naquelle tempo a existencia de uma literatura nacional, facto que ainda ha entre nós quem tenha a ousadia de pôr em duvida, um escriptor socorre-se sómente a producções poeticas. Abreu e Lima publicára que « si rejeitassemos a literatura portugueza, ficariamos reduzidos a uma condição quasi selvagem »; Gama e Castro chegára a affirmar este curioso conceito: « não escrevendo os brazileiros sinão na lingua portugueza, não podem ter literatura sua, porque são as linguas que dão nome ás literaturas antigas e modernas». Depois de refutar as duas opiniões, Nunes Ribeiro, com uma intuição que o honra, no 1º numero da *Minerva Braziliense*, cita nada menos de quatorze poetas nossos, de cujos trabalhos apresenta especimens. A este numero de que fazem parte Caldas, S. Carlos, Claudio da Costa, Dirceu, Alvarenga, José Bazilio, Durão, Porto Alegre, Magalhães, José Bonifacio, podia ter juntado uma dezena de notabilissimos poetas pernambucanos.

No alludido jornal, e bem assim nos primeiros tomos da *Revista* deste Instituto, para só me referir a publicações de autoridade historica em que se depárão representados os mais vigorosos espiritos do Brazil, assignárão producções poeticas Alves Branco, Porto-Alegre, Odorico Mendes, Teixeira e Souza, Macedo e outros.

Magalhães, cuja reputação já estava feita pelos *Suspiros e Saudades*, aspirando a gloria mais ampla que a de poeta lyrico e poeta dramatico, ensaia nas paginas da *Minerva* a novella com a que intitulou *Amancia*, a qual está longe de indicar o caminho curto e recto para o romance nacional,

o que não deve ser objecto de reparo, visto que na propria Europa o romance moderno apenas abrolhava sobre o tronco do romance da idade média, cujas raizes prendem no genio do Norte pelo individualismo e pela observação dos costumes, de que a Inglaterra mais tarde tanto proveito tirou pelo « drama-romance de Shakspeare, pelo romance-drama de Richardson, pelo poema-romance de Byron, pelo romance-chronica de Walter Scott. » Do nosso romance historico só em 1846 se encontra no *Ostensor Brazileiro* o primeiro ensaio, sob a denominação de *Jeronymo Barbalho Bezerra*, devido á penna de Vicente Pereira de Carvalho Guimarães que ainda nos deu a *Guerra dos Emboabas* e a *Cruz de pedra*, novellas do mesmo genero.

Era natural, senhores, que um espirito observador e fecundo como o de Macedo, conhecendo o seu proprio valor, e sendo atrahido pelo exemplo de Garrett, Herculano e Rabello da Silva que em Portugal fundavão o genero por excellencia da literatura moderna, atrahido por Walter Scott e principalmente por Balzac que está resplandecendo de um brilho novo, graças aos processos criticos devidos a Taine, se possuisse da nobre ambição de crear a nossa novella.

Por menos que no conceito de espiritos severos que a moderna idéa nutre e a moderna orientação guia, valha o autor da *Moreninha*, a posteridade ha de proclamar que não devemos a outro a infantil e virginal feição do nosso romance. Si o referido escripto representasse já a adolescencia, ou uma grandeza comparavel á de que se encontra testimunho em muitos livros da *Comedia humana*, esse escripto não seria a expressão de nossa sociedade tão differente das nacionalidades que no velho mundo chegárão á virilidade de uma robusta civilisação, producto de raças, lutas e transformações successivas. Nós não nos transformamos ; nós nos formamos.

O trabalho de Macedo é tanto mais valioso, quanto a nota do momento na literatura era a nota plangente. Os poetas choravão na mais alegre phase da vida. Lastimavão-se no verso quando erão na realidade felizes. Dizião-se trahidos quando as amantes mais morrião por elles.

Não foi esta uma das menores enfermidades do romantismo — crear um estado ideal que contrastava com o real.

Macedo teve o raro talento de não se deixar arrastar pelo séstro que dominava os romanticos. Na *Moreninha* deparou-se ao publico a cópia de uma feição vivaz da sociedade, tal qual era. E vós sabeis o que era a côrte então: era alegre, e não triste como se fingião os poetas; tinha fé e não a descrença de hoje. A leitura amena fazia as delicias do lar domestico, onde agora não se lê. Estavamos n'uma como primavera. A *Moreninha* sahio do seio da familia representando esse estado da alma nacional sem exaltações morbidas; foi uma repercussão do nosso sentimento brando e musical—um pouco dos idylios de Theocrito, em prosa brazileira, talvez um tanto incorrecta, mas bem nossa. Publicou o *meio* donde surdira, com as suas côres, o seu relevo, os seus accidentes naturalistas.

O estudante, a donzella, a matrona virão a sua imagem reproduzida no puro aço desse espelho onde ha luz sem scintillações estrangeiras. Saudando-o nas paginas da *Minerva Braziliense*, Dutra e Mello que, se não morre, seria hoje talvez uma das nossas maiores individualidades na arte literaria, resumio-o em poucas palavras: «... é uma aurora que nos promete um bello dia, uma flôr que desabrocha radiosa d'onde vingarão pomos saborosos... O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes parece dirivar-se da linha stricta que o autor se traçara, não dando ao seu romance uma côr philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramão nelle o terror; reinam em toda a parte naturalidade, abandono e harmonia.»

Seguio-se uma aceitação unanime. O Brazil inteiro leu o livro e teve para elle a consagração que merecia tão espontanea revelação do genio nacional.

Deste brilhante exito procede sem duvida a direcção seguida por Macedo, o qual voltando costas á profissão em que se doutorara, entrou no estudo da historia que lhe devia dar, ao mesmo tempo elemento para os romances historicos, para o accesso á cadeira de professor de corographia e historia no collegio de Pedro II, e para a sua admissão neste Instituto em 1845.

Nesse anno escreveu Macedo o *Moço Loiro*; em 1848, os *Dois Amores*; *Rosa* em 1851, *Vicentina* em 1853, o *Forasteiro* em 1855, os quaes fôrão seguidos, com razoaveis intervallos, das *Beatas de mantilha, Culto do dever, Rio do quarto, Namoradeira, Nina, Luneta magica, Uma noiva a dous noivos, Quatro pontos cardeaes, Victimas—algozes, Baroneza de amor*. Que fecundidade, senhores! Mas a fecundidade é ainda menos notavel que a observação nesses livros onde o escriptor estuda a côrte, quasi exclusivamente a côrte sob os seus differentes aspectos.

Uma ambição satisfeita géra outra ambição. Apregoado pela imprensa, por todos como o fundador do nosso romance, occorreu-lhe a inspiração de aproveitar no theatro o elemento a que devia a sua rapida popularidade.

Não havia neste genero o mesmo deserto em que fôra o primeiro a plantar os marcos donde lhe resultárão louros que por muito tempo ainda hão de viçar.

O *poeta judeu* deixára comedias, muito mais lidas então do que hoje; Magalhães escrevêra o *Antonio José ou o poeta e a inquisição* que geraes applausos não se demorárão em pôr em gloriosa evidencia.

Pungido talvez por nobre emulação de rivalizar com o autor do *Antonio José*, o da *Moreninha* escreveu dous dramas em verso, que do seu grande éstro derão logo a melhor prova: o *Cégo* em 1849, e *Cobé* em 1852, duas producções inspiradas, particularmente a ultima. Escreveu tambem o *Sacrificio de Isaac* pelo qual se póde aquilatar o gráo da nossa metaphysica naquelle tempo tão favoravel aos *milagres* no theatro, como é o actual á cynica opereta.

Bem succedido no drama, tentou triumphos na comedia, genero onde a acquisição do laurel se afigurava mais custosa, porque a maior individualidade do nosso theatro, Luiz Carlos Martins Penna, nos vivos e frescos quadros a que ligou o seu nome, deixára pintados os ridiculos de nosso povo, desde o interior do paiz no *Juiz de paz da roça*, até á côrte no *Dilletanti*.

Correndo o risco de ser vencido, Macedo ganha esplendida batalha no *Phantasma Branco, Torre em concurso, Novo Othelo* e *Primo da California*, com particularidade no primeiro em que, talvez sem proposito,

tira o melhor proveito da metaphysica popular, expondo-a ao riso das platéas: o *Phantasma* foi na comedia o que sem intuito comico, foi *Vicentina* no romance.

Coberto de aplausos na comedia, Macedo tenta o drama de salão no *Luxo e Vaidade*, *Lusbella* e *Remissão de peccados* que se não logrârão a vasta reputação do *Phantasma branco*, augmentarão a nossa herança, e por si sós darião nome distincto a outro escriptor de que o publico, sempre exigente, não se julgasse com o direito de esperar mais.

Macedo estava então em pleno vigor literario; tornara-se o escriptor do momento, o literato da moda. O seu nome percorrêra o paiz; as suas producções teatraes subião á luz da rampa em todas as provincias, como penetravão os seus romances em todos os gabinetes de leitura, e erão queridos especialmente das gentis fluminenses, como achavão os romances de Balzac nas provincias da França « vivos e ternos enthusiasmos » para me servir de expressões de Sainte-Beuve.

Chegando a esta altura não ha escriptor a quem o jornalismo politico se não apresse em franquear as columnas. Quanto ao jornalismo literario, fôra ocioso dizer que de ha muito figurava nelle tão estimado nome, conforme atestão o *Guanabara*, *Ostensor* e tantas outras publicações do tempo.

Macedo não resistio ao canto da sereia. Está sereia foi a *Nação*, orgão do partido liberal. Alli collaborou com Salles Torres Homem, outro nome que um pamphleto publicado oportunamente, celebrizara, e puzera na moda.

Quesquer, porém, que fôssem os artigos politicos de Macedo, quaesquer que fôssem os seus serviços neste ramo de labor nacional, elles não valem uma quinquagezima parte dos literarios. A indole de Macedo não se dava com a luta, essencia dos partidos.

Elle não sabia navegar nos mares da propaganda; quando se embarcava, como Colombo, em demanda de novos mundos, naufragava. Quereis uma prova? Ahi está o seu livro *Victimas-algozes*, no qual, propondo-se como sabeis, despertar a compaixão pelo escravo, o que sugere é o odio. Ora o politico, e em particular o filiado na escola

liberal, sem as faculdades de O'Connel ou Luiz Blanc, ha de ser mediocre. Tirar Macedo dos dominios incruentes da imaginação era reduzir-lhe as proporções. De trato delicado, de natural docil, sem a tenacidade, sem o pyrrhonismo que a politica muitas vezes exige como condição do vida, recuza fazer parte do ministerio de 31 de agosto de 1864.

É certo que foi membro da assembléa legislativa de sua provincia, e deputado geral; é certo que o seu nome figurou n'uma lista sextupla onde avultava o do eminente estadista a quem o paiz deve serviços de alta significação politica, e o Instituto a gloria de o ter por seu presidente neste momento; mas o que estes factos indicão é que em nossa terra não é sómente a agitação das ruas mas, sim tambem o sereno trabalho do gabinete a força que encaminha para o parlamento e para os conselhos da corôa.

A caracteristica de Macedo está nas letras. É no formoso mundo da arte que, sem violencia, ainda quando faz a satyra politica e social, como na *Carteira de meu Tio*, e nas *Memorias do sobrinho de meu tio*, antes n'um justo equilibrio tendo por ponto de apoio a conveniencia das relações de cortezia e o respeito a si proprio, elle busca os seus emulos, e d'entre estes o que prefere é um amigo —Gonçalves de Magalhães.

No mesmo anno em que o Visconde de Araguaya dá a lume a *Confederação dos Tamoyos*, Macedo dá á luz a *Nebulosa*, poema—romance de peregrina belleza.

Por esse tempo a sua imaginação foi dando logar a sua intelligencia, e ao exame do passado. Macedo escreveu o *Compendio de historia do Brazil* para uso dos alumnos do collegio de Pedro II; a *Corographia*, por occasião da exposição universal de Vienna; o *Anno Biographico*, cujos quatro volumes, se não primão na critica historica moderna de que estava o autor distanciado pelos novos processos, são uma preciosa fonte de consulta pelo que toca a noticias e datas; e as chronicas romantizadas que se intitulão *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* e as *Memorias da rua do Ouvidor*.

Deparão-se ali n'uma suave mistura os dons da palavra

sazonada pela experiencia e pela meditação, e uns restos das vibrações argentinas de longinqua juventude.

Deve-se talvez atribuir este resultado, sinão de todo á época do amadurecer, ás ligações com a cadeira de corographia no collegio de Pedro II e com os logares de Vice-Prezidente e orador deste Instituto do qual fôra antes secretario.

E porque falei no logar de Orador, direi que nos seus relatorios e elogios historicos que vós conheceis, o nosso consocio offerece uma nova caracteristica ; revela-se inteiramente outro.

A sua nota predominante é grave e triste. Lá fôra o riso jovial e faceto que servio de lenitivo por tanto tempo ao povo,—aqui a lagrima da elegia com que vos commoveu de 1857 a 1879, com uma ou outra interrupção.

Illustres consocios, desde o conde Molé até Humboldt, desde Rodrigo da Fonseca Magalhães até Alexandre Herculano, desde Mont'Alverne até Firmino Silva fôrão biographados com exactidão e critica historica. Algumas das biographias tornarão-se notaveis pela eloquencia e pela magoa.

As nossas letras e a nossa historia, e varias vezes a as letras e historia estrangeiras refletem-se nos seus discursos que pertencem ao numero das melhores paginas de nossa Revista.

Esta vastidão de talento que se tornou distincto em tão varios generos da arte e da concepção intellectual, não se encontra em Domingos José Gonçalves de Magalhães posto que fôsse este dotado de um espirito superior, e pelo momento em que surgio conquistasse logar culminante em nossa literatura.

Falar hoje em Magalhães quando se está elaborando um novo espirito literario que não respeita as obras mais autorizadas e estimadas, quando o espirito scientifico penetra em todas as provincias das letras, sem exclusão da poesia, falar em Magalhães e Macedo actualmente é dar cópia de atrazo e ignorancia.

Poder-se-ia dizer ao exclusivismo que tem a mofa, a ironia ou o desdem para os periodos anteriores áquelle em que esse exclusivismo se manifesta, poder-se-ia dizer-lhe :

« Revolucionarios de hoje, Magalhães e Macedo fôrão revolucionarios hontem, revolucionarios creadores, bem diversos, nisso, de vós que sois os primeiros a declarar que não sabeis desde já qual será a expressão definitiva de vossa obra.

« Os postos com que se aposentão no modesto Pantheon de nossas letras, fôrão ganhos em batalha campal posto que sem odios nem menospreços, contra o classicismo que excluia as nacionalidades literarias, pelo molde eterno e universal que assignalava ao bello. A esses velhos tropegos devemos uma brilhante evolução, sem a qual não teriamos a que ora se inicia porque, como sabeis, pela lei do fatalismo historico, as épocas se prendem umas a outras como se prende a flôr á sua delicada bainha. »

Não quero com isso condemnar a revolução em que tenho fé. Quero protestar contra a intolerancia e a injustiça.

Formado em medicina a 21 de fevereiro de 1832, depois de ter por mestre de philosophia no Seminario de S. José o eloquente orador Mont'Alverne, de quem parece haver aprendido grandes raptos que distinguem a sua musa, seguio Magalhães, dous annos depois, para a Italia, onde lhe chegárão os primeiros echos da revolução romantica.

Em consequencia da sua educação catholica, a sua sympathia pela transformação que tinha como principal inspiração a idéa religiosa impunha-se como uma fatalidade a seu espirito; pela sua mocidade e por ser natural de um paiz novo onde tudo devia trazer um caracter de verdor e frescura como a Indepedencia politica, longe da patria, e ambicionando prestar-lhe serviços compativeis com o grande talento de que fôra dotado, Magalhães imaginou esse novo Evangelho em que palpitava a nova idéa e a que deu o nome de *Suspiros Poeticos e Saudades*, o qual sahio a lume em Pariz para onde o autor fôra nomeado addido á respectiva legação.

A grande nomeada que alcançou no Imperio o primeiro livro romantico devido a penna brazileira, incitou o autor, como era natural, a outra tentativa. Estava dado o molde á poesia lyrica, era preciso da-lo ao drama e elle não se demorou; enviou-nos o *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição.*

Descontente da carreira diplomatica, talvez pela descortezia de um chefe « despotico e refalsado » do qual se vingou

na satyra intitulada *Episodio da Infernal Comedia ou da Minha Viagem ao Inferno,* satyra em verso, annotada e prefaciada por Porto Alegre, deixou aquella carreira e voltou ao Brazil.

Nas letras era já então cá o seu nome o primeiro. Com excepção de Porto Alegre, todos os que depois surgem em nossos horizontes literarios, recebem do Magalhães o influxo; elle era o modêlo, a musa em que todos traziam os olhos. Os *Suspiros Poeticos* tinhão logar em todos os estantes; a poesia *Napoleão em Waterloo* percorreu todo o paiz; sabião-n'a de cór e recitavão-n'a os contemporaneos. O *Antonio José* por outro lado punha em relevo o maravilhoso genio artistico de João Caetano dos Santos, cuja memoria ficou sendo maior na scena brazileira depois que pôde ser confrontado com Salvini.

É sabida a influencia exercida pelos artistas sobre os poetas. João Caetano por um lado, e pelo outro a ambição de gloria impellem Magalhães a novas producções; escreve o *Olgiato* e transporta a bello verso portuguez o *Othelo* de Ducis, duas tragedias das quaes a ultima devia occazionar tanta gloria ao nosso primeiro tragico.

Nesta lida literaria, não de todo alheia á politica na imprensa jornalistica de collaboração com Salles Torres Homem, passou Magalhães até 1839 em que, nomeado secretario do governo do Maranhão acompanhou até ali o respectivo Presidente, Luiz Alves de Lima, posteriormente barão, marquez e duque de Caxias, incumbido de pacificar a provincia. Por onde se vê que as circumstancias collocarão o poeta no caminho da historia.

Valendo-se dos documentos, informações e noticias que o seu cargo lhe proporcionava, Magalhães escreveu a *Memoria historica da provincia do Maranhão* que este Instituto premiou com a grande medalha de ouro na sua sessão solemne de 9 de setembro de 1847. O escriptor laureado pertencia ao Instituto desde 1838.

Os seus serviços ao Estado e ás letras fôrão parte para que se lhe abrissem as portas do collegio de Pedro II, sendo nomeado professor de philosophia em 1841.

Mas depressa no anno seguinte, tendo feito explosão a revolução do Rio-Grande do Sul, o governo, amestrado

pelos bons resultados obtidos no Maranhão, nomeou o barão de Caxias e o nosso poeta para os cargos de presidente e secretario da provincia revolucionada. Póde-se dizer que o prezidente, em todo o periodo da revolta, foi Magalhães, visto que o barão de Caxias, como general, combatia no campo os revoltosos.

Magalhães conquistára ali tão real apreço, que a provincia o elegeu logo depois deputado á assembléa geral.

O que se deu posteriormente com Joaquim de Macedo, dera-se então com Magalhães; a politica teve-o por pouco tempo em seus laços. A diplomacia e a Europa, estas sim atrahirão-n'o e prenderão-n'o. Em 1847 o poeta reentrou na carreira diplomatica como encarregado de Negocios do Brazil em Napoles.

Foi em Napoles, senhores, que elle meteu hombros ao seu poema *A Confederação dos Tamoyos* em cuja composição gastou quasi exclusivamente sete annos.

Parece que, quando sahio do Brazil, já alentava o pensamento de erigir á gloria da patria uma obra de tomo, inspirada nas primeiras paginas de nossa historia.

Até então o thema indigena não tinha sido explanado por Magalhães nem por outro poeta, com excepção dos coloniaes.

Mas em 1846 chegára á Côrte, formado em direito pela universidade de Coimbra Antonio Gonçalves Dias, que logo depois deu á luz os seus *Primeiros Cantos.* Com a fina percepção, distinctivo dos grandes talentos que a gloria incita, Magalhães previra a trajectoria destinada ao astro maranhense nos espaços do indianismo.

Para mais o confirmar nesta previsão, o primeiro dos homens de letras que até agora conta Portugal, A. Herculano, no seu artigo publicado na *Revista Universal Lisbonense,* tomo 7°, de 1847—1848, tivera para Gonçalves Dias uma consagração tão espontanea, tão imparcial e tão franca, que já não era licito duvidar da grandeza do joven poeta. Nesse artigo os trabalhos que merecêrão as preferencias do elogio fôrão as *Poesias Americanas* que o critico lamentava não serem bastantes.

Nos *Segundos Cantos* publicados em 1848, o pensamento indiano acentua-se ainda mais, e na poesia *Tabyra*

todos deverão entrever o escorço ou a amostra do futuro poema americano. Em fins de 1851, o *Yjuca-pyrama* que é uma das mais deliciosas producções dos *Ultimos Cantos*, diz toda a verdade. Ali estava o perfil do grande poema que a alguns amigos já constava estar o poeta compondo de ha muito. Estes sabião que em 1848 já Gonçalves Dias o tinha escripto até o 6.° canto.

Não havia mais que hesitar.

O certo é, senhores, que quando sahio a lume, a expensas de S. M. o Imperador, (innegavelmente o primeiro protector das nossas letras, e a primeira força deste Instituto) a *Confederação dos Tamoyos* (1857), chegavão de Lipsia, onde estava desde 1854 G. Dias, estudando a instrucção publica e examinando documentos, os quatro primeiros cantos do immortal *Tymbiras*, essa epopéa mutilada que vale menos pelo que é, do que pelo que dá a entender que seria si fôsse completa.

Com a *Confederação dos Tamoyos* Magalhães não perdeu sinão no conceito dos que julgão pelas impressões de outros, sem examinar si são filhas de nobre paixão. Si o autor das *cartas* que então apparecêrão, unica censura hostil á producção de Magalhães, contasse adquirir celebridade por outros meios, como lhe foi facil posteriormente pelo trabalho incessante do seu deslumbrante engenho, não escreveria agressão tão sem fundamento, agressão em que os vindouros não podem encontrar idéas, mas sómente artisticas declamações.

Reli essas cartas, senhores, depois de vinte annos da primeira leitura ; reli-as ha trez dias para tratar do poema. Deixarão-me penosa impressão em cuja analyse eu entraria si trabalho tão improbo tivesse natural cabimento em uma solemnidade destinada antes a avivar glorias que a reviver despeitos.

A verdade, senhores, é que a *Confederação dos Tamoyos* é um bello poema nacional, superior ao *Uraguay* pela vastidão e pelo intuito, superior ao *Caramurú* pela harmonia do verso e unidade da acção, superior aos *Tymbiras* por estar completo; não temos uma epopéa nacional que com elle rivalize. O primeiro logar, pertence-lhe.

O laurel colhido por esta ultima obra não encheu a

nobre ambição do poeta nem foi razão para que se considerasse de todo desobrigado de trabalhar ainda pelo lustre das letras patrias. No mesmo anno (1857) deu a publico em Pariz o seu livro de poesias mysticas—*Misterios*, e em 1858 a obra philosophica *Factos do espirito humano* que mereceu a honra de ser logo traduzida em Francez por Chanselle, como fôra vertida em italiano a *Confederação* por Ceroni e de Simoni.

Pode-se dizer que esta obra consumio o melhor das suas forças ; as que d'ahi por diante deu a lume, quer pela fórma, quer pela essencia, a saber *Urania*, versos (1862), *Alma e Cerebro* e *Commentarios e pensamentos* ultimamente, revelão o cansaço de um laborioso espirito, chegado aquella estancia que se aproxima da do repouso final. Não valem a *Memoria sobre os Indios*, não valem o discurso sobre a *Philosophia da religião*, não valem a biographia *de Monte Alverne*.

Aqui terminão os serviços do literato, mas os do diplomata só terminão em 10 de julho, dia em que falleceu em Roma onde exercia as funcções de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil junto a Santa Sé. De 1857 a 1867 estivera em Vienna como ministro residente; de 1867 a 1871 nos Estados-Unidos como enviado extraordinario, caracter em que passára a Buenos-Ayres, onde estivera até 1873 em que foi enviado em missão especial ao Paraguay afim de celebrar o tratado de limites. Incumbido então pelo Governo de melindrosa missão sobre assumpto religioso, resolveu todas as difficuldade com talento e sabedoria junto á Santa Sé em 1879.

Pelo que tenho dito sem o tempo necessario para miudo exame no qual muito grato me fôra demorar-me si as actuaes condições de meu espirito não fôssem tão desfavoraveis á critica da arte, é facil inferir a influencia exercida por Macedo e Magalhães nas nossas letras. Vós, senhores, tirareis as conclusões evidentes. Poesia, romance, drama, poema nacional que serião si não fora a intuição, a constancia o exemplo destes dous operarios de grande porte?

As letras tem os seus legisladores,—aquelles que lhes dão o cunho das tendencias do paiz, aquelles que, por uma intuição nova e poderosa, levão aos dominios da

arte, como levão aos da politica os representantes do povo, o sentimento nacional.

Grosseiro, fraco ou elevado, esse sentimento, n'uma expressão amorpha ao principio, começa a desenhar-se mais tarde em orgãos que revestem, pela evolução natural, fórma devida á influencia das raças, do *momento*, emfim de muitos outros factores internos e externos, principaes ou secundarios cuja intervenção actua sobre o homem como uma lei ineluctavel.

Magalhães e Macedo fôrão os nossos legisladores na arte, depois de nossa independencia.

Talentos maiores talvez do que elles, surgirão depois; talentos superiores hão de surgir ainda. A estes mostrar-se-ha caminho mais curto para a gloria, justamente por acharem desempedida a trilha por onde passarão, lutando com o deserto e as selvas invias, os dous egregios predecessores. Outros, por novos processos, aperfeiçoárão os modêlos, ou darão novos. É o trabalho da evolução.

Mas similhante resultado, longe de amesquinhar a obra deixada por Magalhães e Macedo, avivará o seu esforço, e por isso mesmo a sua importancia e renome.

Entre os talentos que se levantarão pelo exemplo e lições dos dous emeritos escriptores, um se revelou que deveria ter brilhado com alta distincção, si circumstancias especiaes, interpondo-se como sombra agoireira, o não impedissem de dar toda a sua luz. Quero referir-me a Caetano Alves de Souza Filgueiras nascido a 22 de junho de 1830 na capital da provincia da Bahia.

Acalentado para assim dizer no seio materno até o terceiro anno academico, Filgueiras, senhores, entrando na vida pratica, não sabia dar ali os primeiros passos. No lar da familia a vida é uma couza, na sociedade é outra.

Em toda a peregrinação em que andou seu pai, como capitão de fragata, desde 1830 até 1850, ora estacionando nas provincias da Parahyba e do Ceará, ora na do Maranhão, ora na de Pernambuco e Bahia, Filgueiras foi sempre um tutelado, um menor ainda nas vesperas de doutorar-se, um homem que era dirigido pela excessiva solicitude dos pais, não obstante o seu talento e as suas habilitações. Quantos males não provém deste immoderado

zelo! A sabedoria politica, senhores, para ser justa, antes de condemnar os homens devia separar o que é obra delles do que é a resultante de uma educação extremoza que não raro redunda em prejuizo daquelle que pais idolatras colocão em aras intimas, para ser adorado por elles como uma divindade que a ninguem mais se deve mostrar.

O talento e as habilitações literarias manifestárão em Filgueiras uma precocidade pouco commum. Em cada provincia onde seu pai estacionava, o nosso consocio frequentava as respectivas aulas. Foi assim que em Pernambuco de 1836 a 1837, e d'ahi por diante na Bahia, para onde foi mandada a escuna *Victoria* que fez parte do bloqueio por occazião da *Sabinada,* e de cujo commando fôra encarregado o pai do nosso consocio, aprendeu elle as primeiras letras. Voltando a Pernambuco em 1841, prestou os seus dous primeiros exames em que foi aprovado plenamente; tinha apenas 11 annos e era já apontado como estudante distincto. Sendo mandado o capitão de fragata Caetano Alves em 1842 para o Maranhão, ali estudou o filho os cinco preparatorios de que prestou exame em 1846 na Academia de Olinda.

A sua vida academica foi um exemplo pelo aproveitamento e pela moral.

Bacharelado em 1850 com aprovação plena (não havia então aprovação superior a esta) em todos os annos, defendeu theses posteriormente, sahindo plenamente aprovado.

A sua reputação em muitos despertava inveja. Elle examinava em todos os preparatorios. O seu julgamento era severo, e desta severidade se originárão desgostos que lhe trouxerão a perda de amizades importantes.

Era tempo de pensar em um centro mais alto, e a capital do Imperio se lhe mostrou como a montanha d'onde devia desprender o vôo das suas legitimas ambições. Que illusão, senhores! Buscar a Côrte para campo de conquistas justas quem tinha a severissima educação da familia provinciana! Paineis deslumbrantes offerece a Côrte; mas, como nos teatros, estes paineis se mudão em arcabouços de madeira, ultima expressão da realidade teatral. Quando digo a Côrte, senhores, quero dizer as Côrtes, centros

necessarios em que torvelinhão muitas fascinações quasi sempre fataes.

Filgueiras viera especialmente tratar de sua nomeação para o logar de lente da cadeira de direito romano recentemente creada; mas não conseguio a nomeação, e resolveu fixar-se e abrir escriptorio de advocacia nesta cidade, onde novos laços já o prendião—os do casamento contrahido com D. Constança Fortunata do Brito e Menezes.

Professando as idéas do partido conservador ao qual prèstou bons serviços até ás vesperas de fallecer, soube inspirar confiança a chefes como Euzebio de Queiroz.

Em março de 1862 foi nomeado Prezidente da provincia de Goyaz onde não se demorou pela mudança da politica; e, comquanto dessa commissão proviesse a especie de adversidade que o perseguio até os ultimos dias, nunca faltou á fidelidade jurada á bandeira do seu partido.

Desilludido e descontente dos homens e dos amigos, aceitou uma commissão de que com grande difficuldade o incumbira o Ministerio da Agricultura em fins de 1874.

Não obstante carregado de promessas, parecia ter sómente fé nos filhos e na consorte, a Exma. Sra. D. Adelaide Amaral de Mello e Alvim com quem se cazara em segundas nupcias.

Considerada extincta logo depois a mencionada commissão, Filgueiras acolhido de novo no seio dos pais que residião naquella provincia, resolveu demorar-se.

O seu espirito recobrou, com a antiga energia, parte da fé perdida. Filgueiras fundou o *Conservador*, folha politica e literaria em que tratou dos interessses do partido, da provincia e do paiz.

O talento e a ilustração impõem-se como as grandes arvores de protectora folhagem. Procurão-n'o os que tinhão os seus interesses sem defeza. Serviços gratuitos prestou á pobreza, especialmente por ocazião da seca do Norte.

Dando-se assim a conhecer pelos excellentes dotes do seu coração e do seu espirito, a administração da provincia encarregou-o de varias commissões que elle preencheu com elogio, já do Prezidente, já da imprensa.

A sua importancia politica era notavel, quando elle falleceu. Alguns mezes antes fôra eleito membro da

assembléa legislativa da provincia, funções que não chegou a exercer por não lh'o permitir a molestia de que veio a sucumbir; e, se não tivesse renunciado a favor de um amigo, a candidatura a um dos logares de deputado, talvez fizesse parte da actual legislatura.

N'uma daquellas expansões que só a confiança da familia sugere e recolhe, Filgueiras chegára a dizer: « Estão descobertos os meus novos horizontes ».

Sempre a illusão em espirito tão facil de enganar-se, por não conhecer as negaças da vida!

Mas d'esta vez o que elle não conheceu foi a morte. Os horizontes que se mostravão ao longe por linhas confuzas em que entrevia, como n'um crepusculo suavissimo, uma sombra que fugia e uma luz indecisa que se adiantava, erão os da transformação da materia, facto que começou a consumar-se em 28 de julho deste anno depois de dois de soffrimento atroz. O seu fallecimento commoveu a muitas pessoas a quem o advogado, o politico, o jornalista fôra util. Toda a imprensa da provincia teve demonstrações de sincero pezar.

Mas, senhores, se a fórma physica desappareceu para sempre, os vestigios da sua força creadora subsistem ainda, atestando quanto poderia opulentar os nossos haveres litterarios espirito tão aproveitavel, se a vida do literato entre nós não dependesse tanto da vida publica, e se a vida publica fôsse remunerada na justa proporção do merecimento e do trabalho.

As inclinações de Filgueiras para as letras revelarão-se desde os dezoito annos, no jornal academico *O Tapuya*. Vierão depois confirma-las os volumes *Arremedos de poezia*, *Tetéyas* e *Idylios*, afinados pelo romantismo que estava então em plena força.

A sua actividade não se limitou ao verso, antes estendeu-se aos dominios da prosa, onde deixa: a tradução dos *Rudimentos do Direito Nacional* por Gibbon; as comedias (representadas) *Constantino*, *Lagrimas de crocodilho*, *Baroneza de Cayapó*, as scenas comicas *O chapéo* e *Ora! bolas*, a tradução (incompleta) da alta comedia de Giacometti: « *Por minha mãi que está céga*; entre os trabalhos ineditos — *Rosas e phantasias* (contos); o

Esboço de biographia e critica do Barão de Itamaracá, dividido em tres partes, uma das quaes se compõe de todas as producções poeticas de tão apreciado engenho ; o *Vocabulario etymologico* onde expõe os principios em que funda a orthographia que adoptara.

A sua primeira revelação literaria foi uma poesia em 1847, intitulada — *O primeiro dedilhar da lyra* ; a ultima foi um soneto—*Sonhando* – dedicado á sua esposa alguns dias antes de falecer, por ella escripto, visto que o enfermo já não podia manejar a pena.

Dos seus trabalhos historicos tem o Instituto uma prova lisongeira na memoria sob o titulo—*Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil em geral, e sobre a instituição das capitanias em particular,* que servio de titulo para a sua admissão na sessão de 26 de outubro de 1855, e que se encontra publicada na *Revista Trimensal* de 1856.

Por este trabalho afirmou a sua faculdade de revolver o passado, estudar os motivos da jurisprudencia, ligar as épocas mais remotas, dando idéa de sua crença no providencialismo, que o nosso consocio, como catholico fervorozo, adoptára. Nas palavras de que precede a memoria dirigida ao Instituto, Filgueiras aventa a idéa da creação de uma universidade na côrte, idéa que ultimamente havia de ocupar tanto alguns cerebros e a nossa imprensa.

Macedo, então primeiro secretario deste Instituto, logar que depois Filgueiras exerceu interinamente por dois annos, refere-se a essa memoria, com elogio, que se póde ler no relatorio publicado na *Revista* de 1855.

Além deste trabalho, Filgueiras tem outro sobre a *primeira organisação administrativa do Brazil,* ao qual se refere Porto Alegre no seu relatorio de 1857 ; e si Innocencio da Silva não se engana, deve-se ainda ao nosso consocio a traducção da obra de Laboulaye—*Do methodo historico em materia de jurisprudencia e do seu futuro.*

O imposto de sangue não foi pago sómente pelas letras, senhores. Tambem a magistratura teve fóra de combate um dos seus mais dignos chefes na pessoa do Barão de S. Diogo, conforme ficou indicado.

Noticias historicas poderia eu dar-vos sobre os antepassados de Diogo Teixeira de Macedo; mas permiti que me satisfaça em recordar-vos que teve elle por irmãos o conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, nome que se tornou conspicuo na politica do paiz e na diplomacia, e o mimozo poeta Alvaro Teixeira de Macedo, a quem as nossas letras devem o seu primeiro poema heroi-comico *A Festa de Baldo.*

Destes dous illustres varões foi Diogo de Macedo companheiro em Olinda, onde começou os seus estudos que completou em S. Paulo graduando-se em sciencias juridicas e sociaes.

Voltando á côrte, foi nomeado official da secretaria do governo do Rio de Janeiro em 1836, logar que deixou para seguir a carreira da magistratura, na qual chegou ao de desembargador em que se aposentou.

Filiado no partido conservador, prestou-lhe serviços como membro da assembléa legislativa e prezidente da referida provincia, e como deputado á Asssembléa geral.

A provincia do Rio de Janeiro perdeu outro digno filho, e o paiz uma das suas notabilidades medicas na pessoa do Barão de Petropolis.

Manoel de Valladão Pimentel póde-se dizer que foi o creador de nossa clinica que elle soube elevar pelo ensino na escola de medicina, e pela pratica, pela consulta, pelos conselhos, pelas admiraveis curas, enfim pela myriada de modos de que dispõe uma profissão tão importante, quando é servida por uma intelligencia brilhante e solidos estudos.

Os pais de Valladão destinavão-n'o ao estado sacerdotal, tão prestigioso entre nós no principio deste seculo; mas as superiores inclinações daquelle que devia dar mais tarde tanto esplendor á sciencia de Hippocrates, vencêrão a vontade paterna. Comquanto Valladão tivesse decidida preferencia pela medicina, qualquer sciencia lhe seria grato seguir. O seu talento natural, impaciente por expandir-se, aceitava, com satisfação, todas as provincias da indagação humana, o que elle recuzava era a provincia onde se prohibe esta indagação.

De facto, antes de entrar na carreira medica, deu os primeiros passos no curso mathematico da escola militar; mas,

sem auxilios da familia, muitas difficuldades teve de vencer afim de matricular-se na antiga escola medico-cirurgica.

Dahi se deve contar a nomeada que illuminou a sua longa vida até ás portas da posteridade.

Em Manoel de Valladão Pimentel as altas distincções de grande do Imperio, do conselho de S. M. o Imperador, official-mór da casa imperial, medico honorario da imperial camara e especial de Sua Alteza Imperial, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Rosa, director da escola de medicina, membro deste Instituto e da Academia de medicina tem o merito de conquistas intemeratas devidas quasi exclusivamente á profissão que elle soube nobilitar.

Esta profissão soffreu outro golpe com a morte do Dr. Domiciano da Costa Moreira. Nascido em Guaratinguetá em 1817, recebeu o grau de doutor na Escola da Côrte a 14 de Dezembro de 1839. Nesse mesmo anno abrirão-se-lhe as portas no nosso Instituto.

A carreira scientifica, a julgar pelo brilhantismo com que o Dr. Domiciano defendeu a sua these, acompanhada de quadros estatisticos tirados no hospital de Hamburgo pelo Dr. Frike, e na enfermaria de cirurgia da Santa Casa de Misericordia da Côrte pelo nosso consocio, devia ser para elle um vasto campo de glorias, si a tivesse cultivado. Infelizmente, retirado para Minas, emquanto se applicava á agricultura, prestava apenas serviços á humanidade, serviços que deverão ser de grande valor, porque era geralmente estimado no logar da sua residencia, e a sua morte foi sentida por todos. Dando a triste noticia os jornaes alludirão a sua philantropia, tendo para o nosso consocio as palavras mais commovidas e grandes elogios.

Taes são os vultos que comparecem na presente solemnidade, afim de receberem de nós a justiça aos seus meritos.

Vós, senhores, ratificareis a homenagem que lhes rendo deste logar pelo muito que lhes deve o paiz, e com particularidade a nossa associação, cujo nome elevaram.

SOCIOS ADMITIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO BRAZIL

Em 1881

Major Alexandre de Serpa Pinto, honorario.

Em 1882

Alexandre Baguet, correspondente.
Dr. Antonio da Costa, correspondente.
Barão de Tefé, correspondente.
1° Tenente Francisco Calheiros da Graça, correspondente.
Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, correspondente.
Cap. de fragata Jozé Candido Guilhobel, correspondente.
Jozé Silvestre Ribeiro, correspondente.
Paulo Gaffarel, correspondente.

SOCIOS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO BRAZIL FALECIDOS

Em 1881

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Barão de Taunay (Felix Taunay).
Barão de Japurá (Miguel Maria Lisbôa).
Senador Candido Mendes d'Almeida.
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.
Dr. Domiciano da Costa Moreira.
Senador Jozé Pedro Dias de Carvalho.
Visconde de Santa Izabel (Luiz Ribeiro da Cunha Feijó).

Em 1882

Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Barão de Petropolis (Manoel do Valladão Pimentel).
Barão de São-Diogo (Diogo Teixeira de Macedo).
Caetano Alves de Souza Filgueiras.
Visconde de Araguaia (Domingos Jozé Gonçalves de Magalhães).

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLV

PARTE SEGUNDA

Rio de Janeiro.—Typ. Univ. de H. Laemmert & C., Invalidos, 71.